

SÉRIE PRINCES OF SIN

O TRONO DOS O ENGANO É O JOGO MAIS PERVERSO DE TODOS VENCIDOS



KERRI

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

MANISCALCO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





© Kelli Maniscalco @ Dogwood Lane

Kerri Maniscalco cresceu numa casa semiassombrada nos arredores de Nova Iorque, onde teve início o seu fascínio por este tipo de cenários e ambientes. A avó de Kerri, Victoria – cujos pais emigraram de Sciacca, na Sicília, para os Estados Unidos –, era uma leitora ávida e o seu amor pelos livros foi transmitido para a filha e, depois, para Kerri. Até hoje, uma das tradições mais adoráveis na família ocorre no Natal, quando os pais de Kerri lhe oferecem de presente um livro especial, de encadernação exclusiva. No seu tempo livre, a autora lê tudo aquilo a que consegue deitar a mão, cozinha todos os tipos de comida com a família e os amigos, e bebe demasiado chá enquanto discute os aspetos mais importantes da existência com os seus gatos. A sua trilogia «O Reino dos Malditos», publicada na íntegra na Bertrand Editora, é um enorme êxito internacional e faz de Kerri Maniscalco uma das vozes mais originais neste género literário – que se estreia agora na fantasia adulta com a série «Princes of Sin» e o imperdível *O Trono dos Vencidos*.

Título: O Trono dos Vencidos

Título original: Throne of the Fallen

1.ª edição em papel: junho de 2024

Autora: Kerri Maniscalco

Tradução: Elga Fontes

Revisão: Paula Almeida

Design da capa: Isa Afonso a partir do projeto original de © Hachette Book Group (design de Gregg Kulick e arte de Getty Images)

© 2023, Kerri Maniscalco

Publicado com o acordo da autora, representada por Baror International, Inc., Armonk, Nova Iorque, Estados Unidos da América

Mapa: © Virginia Allyn

Projeto gráfico: Taylor Navis

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

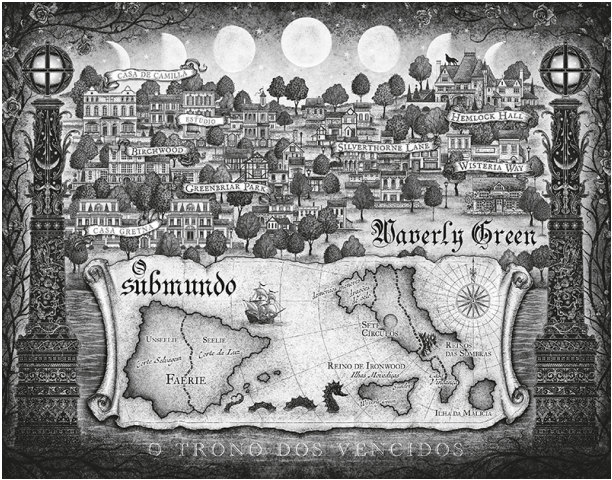
www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-4790-1

*Para aqueles que não conseguem deixar de se apaixonar pelo
vilão e que
adoram um conto de fadas pecaminosamente maldito, este é
para vocês.*



Os cavalheiros virtuosos não são tão tentadores
Quanto os viciantes e perversos homens pecadores.

Poemas para os Malditos, volume 1

Numa pequena cidade chamada Waverly Green, que de certo modo, mas não muito, se assemelha à Londres do período da Regência, há mortais que têm testemunhado estranhas ocorrências que não podem ser explicadas. Alguns, com os seus próprios segredos – como a Miss Camilla Antonius –, ouviram sussurros sobre um reino inferior sombrio repleto de vícios, onde sete príncipes-demónios governam sete cortes demoníacas nas quais prevalece o pecado. A magia não é imediatamente ridicularizada em Waverly Green, mas também nunca se fala dela abertamente. A não ser, claro, que nos aventuremos no mercado negro, onde se diz que a arte e os artefactos roubados estão imbuídos de poderes místicos e que os seus traficantes não são de facto humanos...

Aquilo que Camilla, ou qualquer outra pessoa de Waverly Green, não sabe é que, há pouco tempo, quebrou-se uma maldição nesse reino tortuoso, libertando um príncipe pecaminosamente atraente.

Ao contrário do que acontece nos contos de fadas, o príncipe que agora vem atrás de Camilla nada tem de encantado. Porém, como todos os vilões dos contos de fadas, se Camilla não tiver cuidado, este príncipe sombrio pode acabar por conquistar-lhe o coração.

A menos que ela consiga o impossível e lhe roube primeiro o seu perverso coração...

PRÓLOGO

Casa Inveja

MUITAS DÉCADAS ANTES

– Cabrão do *fae*!

O Príncipe Inveja olhou para a pena verde-esmeralda que acabara de cair do pergaminho desdobrado na sua mão, o coração a trovejar com a afronta. A zona entre os seus ombros ardeu subitamente, a necessidade de invocar as suas asas era quase dolorosa.

Aquele idiota sabia de facto atingir o Inveja no seu ponto fraco.

O feitiço tatuado na pena reluziu num convite.

Prepara-te.

L.

O Inveja respirou fundo e olhou para cima, procurando o seu reflexo no espelho dourado do outro lado da sala, estudando-se com o olhar de alguém que aprecia a arte, incluindo a arte do engano.

Por fora, a sua expressão era calma, entediada até: o retrato da indolência real. O seu cabelo quase preto estava penteado na perfeição, as suas feições frias e arrogantes esboçando aquele meio-sorriso perturbador que facilmente angariava amantes para os seus aposentos.

Não passava de mais um belo engodo.

Por dentro, estava furioso, aquela emoção fervilhando tão violentamente que o seu irmão Ira, o rei dos demónios, sentiria a perturbação a partir do seu círculo e acabaria por vir farejar.

Com os anos, o Inveja tornara-se bom a fingir; uma exigência para salvar a sua corte.

Sabia o que os outros viam quando olhavam para ele, a máscara que ele criara de um príncipe atraente, sem preocupações, que gostava de jogos e enigmas. Compreendia que o exterior bem vestido e as covinhas desarmantes que raramente mostrava na sua face eram apenas mais duas armas no seu arsenal. Formas inteligentes de dissimular o perigoso demónio que se escondia sob a sua fachada cinzelada, o príncipe implacável que havia muito perdera qualquer sentido de moralidade quando se tratava de atingir os seus objetivos.

O Inveja pegou na pena, o polegar roçando a plumagem cor de esmeralda quase em reverência, até que esse sentimento deu lugar a algo mais sombrio.

A pena era um lembrete do tempo em que os seus próprios limites tinham sido mais suaves do que duros, e a nota em si era um aviso de que um novo jogo estava prestes a começar.

«Prepara-te.» Pelo menos aquele era um desafio que o Inveja pretendia vencer. Havia mais de meio século que esperava que aquele jogo comesse, vendo a sua corte aproximar-se da ruína a cada ano que passava. Por ter sido brando, por ter cometido aquele único erro, o Inveja condenara-os a todos.

Esse era um segredo que não ficaria escondido dos seus irmãos por muito tempo, sobretudo se as coisas continuassem como estavam.

Os sinais já eram suficientemente claros, bastava prestar atenção. Era visível na forma como os cortesãos do Inveja ficavam confusos, ou naquele constante atraso de meio segundo em plena conversa. Como se não se conseguissem lembrar de onde estavam ou com quem estavam a falar.

Até agora, apenas durara uns instantes, mas iria piorar. O tempo encarregar-se-ia disso.

E o Inveja sabia que o sacana do *fae* iria prolongar o jogo, esperar o máximo de tempo possível para começar, apenas para o enfraquecer tanto quanto pudesse. O Inveja, tal como todos os seus irmãos, retirava o seu poder da incitação ao seu pecado. E uma corte em perigo não causava inveja a ninguém.

A queda da sua corte lançaria o reino deles no caos, deixaria uma abertura para que outros – como este desonesto mestre do jogo – tentassem infiltrar-se.

Se os irmãos do Inveja soubessem o quão terrível era a situação... bem, ele certificar-se-ia de que eles nunca descobrissem. Deixá-los-ia pensar que estava a jogar mais um jogo frívolo, movido apenas pela necessidade de ganhar para inspirar inveja, para alimentar o seu pecado.

Não esperariam outra coisa depois de todas as suas cuidadosas manobras.

O Inveja contemplou o seu rosto no espelho uma última vez, certificando-se de que não havia brechas nem qualquer indício dos seus verdadeiros sentimentos por trás da sua máscara favorita, depois enfiou a pena no colete e amachucou o bilhete.

Quando chegasse a altura, o Inveja entraria no jogo. Recuperaria o que era seu, restauraria a sua corte e nunca mais poria em perigo o seu círculo ao deixar-se afetar por um mortal.

Atirou o pergaminho para a lareira, observando as

chamas a destruírem a carta daquele maldito estupor, jurando que um dia veria também o mestre do jogo reduzido a cinzas.

E tal como o fogo contido no seu escritório, por dentro, o Inveja ardia.



MUITAS DÉCADAS DEPOIS

– Ei! Queres montar o famoso monstro zarolho pintado no meu teto, querida?

Enquanto o Lord Nilar Rhanes subia aos tropeções o estrado até ao trono, troçando da lendária arte no quarto do Príncipe Inveja, apercebeu-se vagamente de que algo de muito errado – além da óbvia traição que estava a cometer – se passava consigo.

No entanto, por muito que tentasse, não se importava o suficiente para parar com as suas atitudes indecorosas.

– Quem quer ver se a vida realmente imita a arte?

Rhanes apontou para a exuberante morena mais próxima.

Não conseguia lembrar-se do nome dela, o que também lhe pareceu estranho. No fundo, sentia que a conhecia havia muito tempo e que nunca a contemplara como a uma degenerada da Casa Luxúria, uma das cortes rivais deles.

Qualquer peculiaridade que sentisse desapareceu de imediato.

– Tu, aí! – gritou, retumbante. Levantando os joelhos, pavoneou-se diante do trono reluzente como um verdadeiro tolo, as suas pernas parecendo mover-se sozinhas. – Vem sentar-te no meu colo, amor. Tenho um presente grandioso para ti. – Rhanes agarrou na sua pila mole, suscitando

risinhos abafados entre as senhoras.

– És um homem morto se Sua Alteza te encontrar aí em cima! – advertiu o lorde... fosse ele quem fosse.

Rhanes abanou a cabeça, tentando clarear as ideias. Devia ter bebido muito mais vinho de bagas demoníacas do que se lembrava. Mesmo quando era jovem, nunca tinha ficado bêbedo a ponto de se esquecer do nome dos amigos.

«Estes são meus amigos, não são?»

Olhou para os rostos semifamiliares dos lordes e das senhoras ali presentes – um grupo de doze, ou melhor, treze bêbedos, se se incluísse a si próprio. À exceção de Rhanes, de vermelho, todos estavam vestidos de um verde-caçador-escuro. As cores e os números pareciam ambos significativos e um tanto agourentos, quando percebeu que a hora se aproximava das doze.

Meia-noite.

Lembranças do início desse serão dançaram-lhe na mente. Tinha quase a certeza de que não começara a noite com um fato vermelho – essa cor não era uma das escolhidas pela Casa Inveja.

O coração martelou-lhe no peito enquanto palavras emergiam na névoa do seu pensamento.

«Leis mal calei.» Esta expressão era bizarra. Não conseguia recordar se já a tinha ouvido antes; mas devia tê-la ouvido alguma vez.

Tudo na sua cabeça parecia confuso e errado. Exceto...

Algo estava a acontecer na corte. Algo mencionado em sussurros, nas sombras, e depois esquecido... mas faltava algo. Algo crucial.

Rhanes ignorou a preocupação com a mesma rapidez com que ela surgira, impelido a manter a sua zombaria como se fosse um boneco cujas cordas eram movidas por alguma força invisível.

– Vem cá, sua espevitada. – Rhanes moveu os quadris, fingindo que dobrara a morena sobre o colo. – Esquece o quarto, vamos deixá-los a todos invejosos enquanto me chupas aqui mesmo.

– Não se pode chupar o que não se encontra, não é? – troçou alguém.

Rhanes semicerrou os olhos, tentando perceber se a neblina na sua mente era real ou uma mera ilusão. Um homem loiro, alto, com um sorriso afiado, destacou-se entre os demais.

Lentamente, reconheceu-o. Alexei. O braço-direito do príncipe.

Se o vampiro estava aqui, Sua Alteza estaria por perto...

Um lampejo de pânico agitou-se no estômago de Rhanes antes de a sua atenção ser atraída pelo súbito repicar dos sinos da torre do relógio. A hora das bruxas aproximava-se.

Vozes, centenas delas, começaram a sussurrar à medida que cada batida do ponteiro dos segundos se aproximava da hora certa.

«São memórias? Estão por fim a purgar?»

Porque teria pensado em algo tão absurdo? Esforçou-se por recordar a última vez que bebera do cálice. Talvez isso pudesse acabar com tudo aquilo. O que quer que *aquilo* fosse.

Rhanes tapou os ouvidos e fechou os olhos quando a cacofonia aumentou. As vozes unificaram-se, e aquela mesma frase estranha elevou-se, alta e nítida.

«Leis mal calei. Leis mal calei. Leis mal calei.»

– Calados! – gritou ele, sendo vaiado de volta.

Rhanes abriu um olho. Raios, estava podre de bêbedo. Agora já ninguém falava.

Cambaleou em direção ao trono, disposto a arriscar a ira do príncipe para fazer a sala parar de girar. Apenas

precisava de um momento de calma, de um instante para respirar, para pensar. Se ao menos conseguisse lembrar-se...

Tudo parou quando se sentou. Todos os lordes e senhoras desmoronaram num monte imóvel sobre o chão quadriculado, como peças de xadrez derrubadas.

Um jogo. Tinha de ser isso. O príncipe saberia com certeza. E Alexei encontraria o príncipe.

Rhanes ficou tenso, à procura do vampiro, mas Alexei não estava em lado nenhum.

– O que...

Os sinos pararam de tocar. A meia-noite chegara, por fim.

Um fumo escuro surgiu de repente, torcendo-se em redor do trono, forçando Rhanes a tapar o nariz com a manga, de olhos a arder. Procurou a origem e viu o seu reflexo num espelho do outro lado da divisão, com a boca aberta de horror.

Metade do trono permanecia intocada, e a outra metade, aquela em que se encontrava sentado, estava agora acorrentada por magia, envolta em chamas.

Ele estava a arder.

A névoa de antes desapareceu, e Rhanes foi atingido pela realidade. Gritou enquanto as muito reais chamas o açoitavam como um amante sádico, derretendo a sua carne.

Queria salvar-se, correr para longe das chamas mortais, mas, por alguma razão, tudo o que conseguia gritar era: «LEIS MAL CALEI!»

Enquanto o tão esperado entorpecimento da perda de consciência se abatia lentamente sobre si, Rhanes pôde jurar que o príncipe finalmente emergira das sombras, os seus olhos verdes a cintilar. Uma pequena centelha de

esperança acendeu-se-lhe por dentro. O príncipe era mais forte, resistiria à loucura antes que fossem todos amaldiçoados. Tinha de resistir.

– Leis mal calei – choramingou Rhanes.

O príncipe elevou-se sobre ele, limitando-se a observar a cena, como se estivesse a inscrevê-la na memória.

Com a Morte a meros segundos de distância, Rhanes finalmente reuniu a última das suas forças.

– O que... significa?

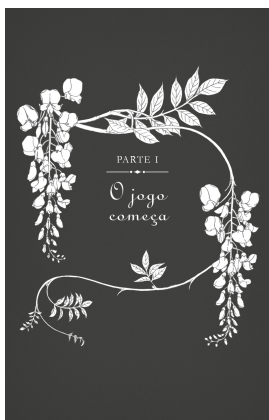
– Significa que, por fim, o jogo começou.

A raiva cintilou no rosto do príncipe antes de ele abandonar a divisão.

Pouco depois, Rhanes estava sozinho. Ou talvez não estivesse...

Fechou os olhos, a mente a imergir na escuridão. Imóvel.

Talvez o Príncipe Inveja nunca tivesse estado verdadeiramente ali, e talvez ele não estivesse a arder no Trono Amaldiçoado.





Regras da Condição

1. Não será usado nenhum tipo de instrumento ou objeto para influenciar o jogo, que não seja joguete e que esteja devidamente etiquetado na sua caixa.
2. Cada jogador terá uma oportunidade para marcar para a pista seguinte. Se o jogador não marcar, será desqualificado.
3. A partida pelo desqualificação será dividida pelo número do jogo, podendo incluir mais de um jogador a mais.
4. O prêmio será determinado para o vencedor. Todos têm algo a ganhar.
5. Os jogadores não conciliam pessoalmente pelo número do jogo.

As condições são praticadas no jogo, antes de iniciar o conteúdo do prêmio. Não é possível que seja realizada uma condição.

Marque e não deixe de marcar para a pista seguinte e não deixe de marcar para a pista seguinte.

Uma vez iniciado o jogo, não se permite a sua progressão, restando apenas a sua progressão.





1

A Miss Camilla Antonius tinha muito pouca paciência para tolos, mesmo os charmosos.

E o Lord Philip Atticus Vexley, com o seu cabelo dourado, pele bronzeada e sorriso travesso, estava entre os exemplares mais refinados em ambas as categorias. Sobretudo se pensasse que ela lhe criaria *outra* falsificação. O que, ao vê-lo entrar na galeria de arte precisamente quando o Sol se estava a pôr, de botas polidas, casaco cauda de andorinha *bordeaux* e calças justas, Camilla soube ser exatamente a razão pela qual ele tinha vindo.

Estava quase na hora de fechar, e o brilho secreto nos olhos de Vexley era deveras indesejado; não eram amigos nem confidentes. Nem amantes. Na verdade, se Camilla nunca mais o visse, organizaria uma *soirée* digna da realeza para celebrar a sua sorte.

– A trabalhar em algo intrigante, Miss Antonius?

– Apenas numa paisagem, Lord Vexley.

Não era verdade, mas Vexley não merecia sabê-lo. A arte de Camilla era profundamente pessoal, extraída dos avisos da sua mãe, das histórias do seu pai e da sua própria solidão, que a ajudavam a ver o mundo como ele realmente

era.

Muitas vezes, a sua arte era a sua alma nua, uma parte dela que hesitava em partilhar fosse com quem fosse.

Felizmente, o cavalete estava de costas para a porta, e Vexley teria de dar a volta para o ver. Ele raramente dedicava tanto esforço a algo que não fosse a sua própria reputação escandalosa.

Camilla afastou a banquetta do cavalete e abandonou rapidamente a sua pintura ao dirigir-se à antiga secretária de carvalho que servia como caixa e uma maravilhosa divisória para manter o irritante lorde à distância.

– Posso ajudá-lo em alguma coisa, ou tirou apenas a noite para admirar a arte?

A atenção dele desceu para o seu avental salpicado de tinta. Camilla não o tirara quando ele entrara, e a ligeira pressão dos lábios dele refletiu o seu desejo de que ela o fizesse.

– Deixe-se de fingimentos, querida. Sabe bem porque vim.

– Como discutimos anteriormente, milorde, a dívida foi paga. E até lhe consegui uma pedra da memória. Tudo o que precisa de fazer é inculcar nela essa memória específica.

Ou, pelo menos, fora o que Camilla ouvira do negociante do mercado negro a quem comprara a pedra alegadamente mágica. Não sentira qualquer zumbido de magia, embora isso não fosse propriamente uma surpresa, se pensasse bem. Ainda assim, Vexley recusava-se a aceitar a pedra.

Lançou a Camilla um olhar perplexo, como se o simples ato de ela lhe negar algo que ele desejava fosse mais chocante do que uma pedra mágica capaz de apagar qualquer memória que lhe fosse inculcada.

O Lord Vexley não era bem um dândi, mas gastava

dinheiro como se o fosse. Sendo o primogénito de um visconde, desfrutara das coisas mais requintadas ao longo dos seus trinta anos de mimo.

Quatro anos antes, após um escandaloso episódio no teatro envolvendo não uma, mas duas atrizes, e uma embriagada exibição pública de afeto no que agora era conhecido como «o interlúdio da infâmia», o seu pai cortara-lhe a mesada e designara o irmão como herdeiro, numa ousada jogada que deveria ter chocado a elite de Waverly Green.

Contudo, para grande surpresa da família, os desvarios de Vexley não o haviam desgraçado nem um pouco. Pelo contrário, ele tornara-se uma espécie de patife lendário em Waverly Green.

A sociedade enaltecia a moral incorruptível, sobretudo para as mulheres, mas as virtudes nunca tinham o mesmo apelo que o pecado. Não eram tão emocionantes de referir em sessões de mexericos durante o chá, e, não obstante a imagem séria e respeitável que a alta sociedade tentava manter, todos adoravam um bom escândalo – e quanto mais suculento, melhor.

Nada em Waverly Green superava a diversão de testemunhar a queda de alguém. Os colunistas satíricos seguiam de perto os passos de Vexley, ávidos por serem os primeiros a relatar o seu próximo possível escândalo. Todos sabiam que ele havia sido deserdado, e a origem dos seus rendimentos era um mistério crescente que a maioria da cidade ansiava desvendar.

Vexley ignorava as especulações, alegando ser um jogador astuto e fazer investimentos prudentes, mas as pessoas continuavam a murmurar mais histórias nefastas sobre a sua crescente fortuna. Alguns rumores afirmavam que ele fizera um pacto com o diabo, enquanto outros

sussurravam sobre um acordo com as fadas. Apenas Camilla conhecia toda a verdade.

Devido àquilo a que chamava o Grande Engano, fora *ela* quem inadvertidamente financiara o estilo de vida extravagante de Vexley, colocando-se em perigo de ser descoberta pela imprensa.

O último quadro que Camilla criara e vendera por ele quase fora revelado como a fraude que era. Se o colecionador não tivesse bebido demasiadas taças de clarete e não se tivesse aliviado logo numa escultura de valor inestimável, diante de toda a festa de lordes, senhoras e até um duque, causando um tumulto enquanto a duquesa desmaiava mesmo em cima da poça repugnante, a reputação de Camilla teria sido destruída.

Um escândalo daquela dimensão arruinaria por completo a posição que ela tão arduamente conquistara enquanto a negociante de arte mais cobiçada de Waverly Green. E o patife egoísta à sua frente – com o seu sorriso encantador e fato recém-engomado – sabia-o e, claramente, não podia estar menos preocupado.

– Sinceramente, Camilla querida...

– Miss Antonius – corrigiu ela com formalismo.

O sorriso de Camilla era quase tão tenso quanto a pressão com que agarrava no cabo do seu pincel.

Vexley, ou Vex, o *Vexame*, como ela secretamente passara a chamar-lhe, começara a chantageá-la por causa daquele erro horrível que ela cometera eras antes e, após terem feito um pacto pelo seu silêncio, ele *devia* ter apagado a memória através da pedra mágica rara assim que ela vendesse por ele três falsificações.

O problema com patifes e canalhas era que não tinham um pinga de honra.

Agora estavam a caminho da *sexta* falsificação, e

Camilla precisava que aquilo acabasse.

Não importava quão talentosa fosse, se alguém descobrisse o que fizera, além de poder enfrentar a prisão ou até a forca, nunca mais venderia um quadro em Waverly Green; ou em qualquer uma das vilas e cidades do reino de Ironwood. Não que ela se costumasse aventurar fora de Waverly Green.

O reino de Ironwood era uma pequena nação insular que se podia atravessar de carruagem em poucos dias, mas tudo o que Camilla conhecia estava naquela sua cidade e na propriedade rural que ficava a duas horas de distância, rumando a norte. Se fosse forçada a deixar Waverly Green, todos os seus sonhos e esperanças de fazer a sua galeria florescer para manter viva a memória do pai murchariam e morreriam.

Os homens como Vexley podiam prosperar com escândalos e acabar nas páginas de sátira, mas às mulheres – especialmente as da sua posição social – não lhes era permitido o mesmo estatuto. Camilla precisava de se manter naquela ténue linha, exibindo a arte de que era curadora de formas escandalosas, mas nunca se tornando ela própria alvo de escrutínio.

Por experiência pessoal com a pintura mais famosa do pai, Camilla aprendera desde cedo que a alta sociedade adorava um pouco de drama e um bom espetáculo – como se via na crescente popularidade das sátiras e caricaturas.

Felizmente, por enquanto, a sociedade não parava de falar das suas exposições únicas. Embora sentindo-se perto de cometer um hediondo ato de violência contra Vexley, Camilla faria o que fosse necessário para manter a sua galeria e o seu nome longe das más-línguas mais vorazes, que adoravam acima de tudo atacar os outros em troca de um efêmero entretenimento na sala de estar.

Costumava ler as folhas de mexericos apenas para se recordar do que estava em jogo, como um aviso constante de como precisava de se movimentar com cuidado enquanto lutava para manter a sua resplandecente reputação na sociedade, à medida que ia ganhando respeito como proprietária de uma galeria. Tinham tolerado que assumisse a direção da galeria do pai, porque adoravam Pierre e a sua natureza pouco convencional, mas ela sabia que as más-línguas estavam à espreita, como abutres ansiosos por se abaterem sobre ela e se banquetearem.

O desejo mais profundo de Camilla era atrair pessoas para a sua galeria apenas através das suas próprias pinturas, algo que nunca aconteceria se a sua reputação ficasse comprometida de alguma forma. Espreitou rapidamente pela janela, aliviada por nenhum colunista andar por ali à espreita, pronto para relatar o atual paradeiro de Vexley. Já conseguia antecipar as manchetes pouco lisonjeiras se descobrissem o Anjo da Arte e o Devasso Diabólico a desfrutar de um momento a sós.

– Já não posso ajudá-lo com esse outro assunto – disse Camilla baixinho. – Se quiser encomendar uma obra personalizada – acrescentou, antes que Vexley pudesse continuar com as suas tentativas medíocres de a encantar –, ficarei mais do que feliz em...

– *Não poder e não querer* são coisas completamente diferentes, Miss Antonius.

Aquele tom arrogante e desdenhoso fê-la ferver. Como se ela não soubesse a diferença entre as duas coisas e ele estivesse prestes a fazer-lhe uma revelação estonteante.

O olhar azul gélido de Vexley percorreu o rosto dela, demorando-se um pouco mais nos lábios do que seria considerado de bom-tom. A atenção dele deslocou-se para os seus caracóis prateados, para o nariz delicadamente

arrebicado e para a pele naturalmente dourada.

Eram os profundos olhos prateados de Camilla que lhe atraíam os pretendentes, e, naquele momento, o Lord Vexley parecia hipnotizado por eles.

Corriam rumores de que aquele olhar meio cerrado e provocador que ele lhe dirigia havia sido utilizado na sedução de várias viúvas e até mesmo de algumas mulheres que não estavam desprovidas de marido.

O Lord Philip Vexley era um libertino irredutível, e diziam que a sua insolente língua era bastante agradável quando tinha alguém entre os seus lençóis de seda. Ele nunca visitara o quarto de Camilla, nem ela alguma vez o convidaria.

A chantagem, concluíra ela, arrefecia qualquer indício de paixão.

– Corrija-me se estiver errado – gracejou ele, ignorando o fumo que Camilla estava quase certa de que lhe saía das orelhas sempre que ele adotava aquele tom condescendente. – Não está *propriamente* em posição de recusar trabalho, pois não? Com todas as informações que tenho sobre aquele pequeno quadro famoso que me vendeu. Lembra-se dele, não lembra? Ainda o tenho.

– Vexley – avisou Camilla, percorrendo a sala silenciosa com o olhar.

Não aparecera nenhum colunista, e, como estavam a meio da semana e era quase hora de fechar, felizmente a galeria encontrava-se vazia. Devido aos seus fundos limitados, Camilla tivera de dispensar a sua assistente naquela manhã, uma decisão que lhe partira o coração. E agora o dia estava a revelar-se ainda mais terrível à medida que aquele canalha oportunista se aproximava dela.

– Na verdade, é uma pintura tão refinada que tive de a esconder – continuou ele, pressionando um quadril contra

a grande secretária como se estivesse a inclinar-se para partilhar um segredo. – Para que ninguém tente roubar-ma.

A famosa pintura era uma falsificação, a primeira e última que ela alguma vez quisera criar. Dois anos antes – e quase oito anos exatos após a mãe de Camilla os ter abandonado –, o seu pai adoecera abruptamente com uma maleita misteriosa e tivera de deixar de trabalhar.

Camilla esvaziara os cofres numa tentativa desesperada de o salvar, e tê-lo-ia feito de novo. Chamara vários médicos a casa deles e até se aventurara no mercado negro em busca de um elixir mágico, convencida de que a doença dele não era deste reino.

Todas as tentativas de enfrentar a Morte haviam sido em vão.

Fora uma dor terrível quando a mãe dela desaparecera, numa radiante manhã de primavera, antes de Camilla atingir a maioridade, mas a morte do pai partira-lhe verdadeiramente o coração.

Pierre tinha uma coragem desmedida, enquanto artista que partilhava cada pedaço da sua alma com o público e enquanto pai que criara Camilla com os seus contos favoritos de magia e aventura, revelando reinos sombrios para lá das costas de Ironwood. Camilla ainda se questionava se estaria à altura de tudo o que ele lhe tinha ensinado.

Após a sua morte, pintara uma falsificação, apenas para conseguir obter fundos. Odiara ser desonesta, considerara outras opções, mas a casa na cidade e a galeria estavam prestes a ser tomadas por cobradores, mesmo depois de penhorar todas as suas joias e a prata da casa, e de alugar a propriedade rural por um valor que mal dava para pagar os salários dos empregados. Camilla não tinha mais nada para vender, exceto a sua arte e o seu corpo.

Ou a única coisa que ela não tinha coragem de penhorar. E esse sentimentalismo tinha voltado para a assombrar. Em mais de uma maneira.

De alguma forma, embora não fosse de surpreender, Vexley revelara-se astuto e conhecedor o suficiente para detectar uma diferença mínima entre a falsificação e a pintura verdadeira. Em vez de se enfurecer por ela o ter tentado enganar, propusera de imediato um esquema para tirar proveito do talento dela. O que ele lhe pedia agora não era trabalho honesto.

E também não planeava pagar-lhe pelos seus serviços.

Camilla reprimiu o impulso de lhe dar uma joelhada na virilha e forçou um sorriso.

– Um cavalheiro da sua estirpe é conhecido por cumprir a palavra, milorde. Tínhamos um acordo e já paguei mais do que o combinado. Devo ir buscar a pedra da memória?

Vexley riu-se atirando a cabeça para trás, de forma genuína mas irritante. Achava-a divertida. Que maravilha.

– Minha querida, e se eu a pedisse em casamento? Estaria mais inclinada a agradar ao seu marido, então? Certamente deseja garantir uma vida confortável, com um teto sobre as nossas cabeças e iguarias nos nossos estômagos.

Foi a vez de Camilla se rir. Casar-se. Com Vex, o *Vexame*. E com isso uma vida de servidão e de eterna mentira. Juntamente com as amantes que ele não esconderia e a alta sociedade a tomá-la por tola.

Ele olhou-a inquisitivamente, erguendo as sobrancelhas, e ela percebeu que ele não estava a brincar.

Camilla aclarou a garganta, procurando uma resposta diplomática. Os homens privilegiados não lidavam bem com rejeições, e, embora ela o detestasse, precisava de se manter nas suas boas graças até que ele eliminasse a

memória condenatória e a libertasse.

– Infelizmente, não estou à procura de marido, milorde. A minha galeria mantém-me ocupada e...

– Continuaría com a sua galeria, minha querida. Com o seu talento e os meus contactos, poderíamos ganhar mais ouro num ano do que a Coroa.

– Por pouco não fomos descobertos! – sussurrou ela. – Não haverá dinheiro se formos enforcados.

– Preocupa-se demasiado. – Vexley descartou esse detalhe crucial como se nada fosse. – E não haverá outro susto como esse. Eu não sabia que o Harrington possuía aquela peça. Foi fácil convencê-lo de que o original dele era a fraude e o do Walters era o original, não foi? Ele entregou-mo, tal como eu disse que faria. Seja como for – continuou Vexley –, acredita realmente que alguém questionaria a minha mulher? Se o fizessem, tudo o que precisaríamos de fazer seria atualizar o seu guarda-roupa com alguns vestidos decotados, e eles mal se importariam com o que dissesse ou vendesse depois disso, minha querida. Garanto-lhe que a atenção deles estaria completamente desviada. Tem um peito bastante impressionante para alguém da sua estatura. Certamente podemos trabalhar com isso, usá-lo a nosso favor.

– Eu...

Camilla ficou sem saber o que dizer. Vexley parecia totalmente convencido de que ela ficaria feliz por ver a sua mente ignorada em prol de o seu corpo ser apreciado para benefício dos esquemas dele.

Esquemas nos quais ela não queria mesmo envolver-se.

Se ele começasse a insistir no casamento, poderia tornar-se um problema sério.

Na verdade, estavam agora à beira do escândalo, já que se encontravam sozinhos e ele se aproximava

perigosamente dela.

Apesar de ela gerir um negócio, não se podia considerar que Camilla fosse da classe média. O pai dela, por mais excêntrico que fosse, nascera em berço de ouro e detinha um título. Camilla gastara quase toda a herança a tentar salvá-lo, e agora os seus ganhos eram cruciais para manter a casa e o seu pessoal. O pai costumava gabar-se de cuidar de gerações de empregados. Ela não queria desiludir mais ninguém com mais despedimentos.

E bastava que Vexley passasse para o lado da secretária em que ela se encontrava, dando a impressão de algo impróprio a acontecer, e que um colunista visse a cena pela janela e a relatasse, para a vida de Camilla, bem como tudo aquilo pelo qual ela trabalhara, ficar completamente arruinada.

Um gélido dedo de pavor percorreu-lhe a espinha.

O lorde à sua frente não hesitaria em chantageá-la, e poderia muito bem estar desesperado o suficiente para a prender num casamento. Depois, ela passaria a ser um brinquedo nas mãos dele para o resto dos seus dias.

De repente, Vexley alcançou a mão dela e depositou um beijo casto nos nós dos seus dedos, os lábios frios provocando-lhe um leve arrepio de repulsa que ele interpretou como prazer. Os seus olhos arregalaram-se, a boca esboçou um sorriso. Ele tinha uma opinião *demasiado* elevada das suas capacidades de sedução.

– Vejo que está rendida aos meus encantos. Continuemos esta conversa noutra altura. Estou a organizar um sumptuoso jantar para daqui a dois dias, a fim de exibir o meu mais recente tesouro. Espere um convite em breve.

Antes que ela conseguisse pensar numa desculpa razoável para recusar, Vexley girou nos seus calcanhares envoltos em cabedal e saiu da galeria.

O tilintar do sino foi a única indicação de que ele realmente lá estivera e que não fora um pesadelo terrível.

Ele desejava torná-la a Lady Camilla Vexley. Que Deus a salvasse.

Afastou esse horror da mente e olhou para o relógio. Felizmente, estava quase na hora do jantar semanal com a sua melhor amiga, a Lady Katherine Edwards, e a sua adorada gata, *Bunny*, da qual Katherine cuidava enquanto Camilla trabalhava na galeria.

Kitty estivera presente durante as horas mais sombrias de Camilla, uma luz orientadora e defensora do seu lugar na sociedade, que garantia que Camilla participava em todos os bailes e eventos sociais, independentemente das dificuldades financeiras. Não só agia como acompanhante de Camilla quando necessário, como era a amiga mais verdadeira que Camilla alguma vez tivera, e Camilla estava-lhe imensamente grata. Sem Kitty, não sabia o que teria sido feito de si.

Para passar a última meia hora antes do fecho, Camilla voltou à sua pintura. Perder-se na criação de arte era exatamente aquilo de que precisava para esquecer a proposta absurda de Vexley.

Tentava pintar um mundo que via repetidamente nos seus sonhos, onde o inverno reinava com toda a sua fria e letal beleza.

Camilla tinha acabado de se sentar novamente diante do cavalete, com o pincel na mão, quando o sino sobre a porta tornou a soar. Desta vez, quase partiu o pincel ao meio.

Como se atrevia ele a voltar para a coagir?

Fechou os olhos e rezou para que alguma fonte de força oculta aparecesse e a salvasse de cometer um assassinato. Aos vinte e oito anos, era demasiado jovem para ser trancada numa cela ou decapitada por estrangular aquele

patife intriguista e arrogante ali mesmo.

– Peço desculpa se isto o ofende, milorde – disse, sem espreitar por trás do cavalete –, mas não estou interessada em maridos. Por favor, vá-se embora.

Seguiu-se um momento de silêncio. Com sorte, Vexley ficaria ofendido com o seu tom cortante e daria meia-volta, partindo para alguma cidade bem longe, lá no fim do mundo.

– Bem, isso é um grande alívio, considerando que procuro uma pintura, e não uma esposa.

A voz profunda e grave fez com que Camilla se levantasse imediatamente da banquetta para ver de quem se tratava, com os lábios entreabertos de surpresa.

De facto, o homem que ali estava *não* era Vexley.

Por um momento, Camilla perdeu a capacidade de falar enquanto a sua atenção se fixava naquele sujeito sombrio.

Era um homem alto, cujo cabelo preto tinha uma leve tonalidade castanha à luz das velas tremeluzentes, e, embora o corpo fosse esguio, Camilla reparou na musculatura, acentuada pela sua roupa, à medida que ele se movia para entrar na galeria.

Não, não se movia; percorria o espaço em busca de uma presa.

Camilla intuiu que estava na presença de um jaguar – um predador ágil e elegante com o qual ninguém conseguia deixar de ficar fascinado, mesmo quando este se aproximava o suficiente para morder.

Os olhos dele, de um encantador tom esmeralda, brilhavam como se soubesse exatamente a direção que os pensamentos dela haviam seguido, e parecia apreciar a ideia de cravar os dentes na pele dela. Se seria por prazer ou para causar um pouco de dor, Camilla não conseguiu perceber de imediato. No entanto, a julgar pela faísca

maliciosa no seu olhar, ela escolheria a segunda opção. Isso significava que ele era perigoso, mas, estranhamente, o coração dela não bateu de medo à medida que ele se aproximava, estudando-a com o olhar como se tivesse todo o direito de o fazer.

Este homem dominava o espaço ao seu redor, incluindo a atenção dela. Camilla percebeu que não conseguia desviar o olhar, por mais que tentasse. Na verdade, não estava a tentar muito.

Ele não era apenas atraente; era *deslumbrante*. O seu rosto era um estudo de contradições subtis, fazendo com que os dedos de Camilla ansiassem por lhe pintar os ângulos nítidos, os lábios suaves e aqueles olhos da cor de pedras preciosas que se destacavam na pele bronzeada, capturando para sempre aquele brilho diabólico numa tela.

A beleza dele era de uma frieza implacável com um toque régio. Uma lâmina polida destinada a ser admirada mesmo enquanto cortava. Daria um retrato incrível, daqueles que Camilla imaginava que causariam um rebuliço entre as mulheres da nobreza.

As suas faces coraram pelo que havia dito sobre o casamento, e esperou que o espaço estivesse suficientemente escuro para ele não notar.

Um meio-sorriso de diversão surgiu nos lábios sensuais dele, indicando que, sim, ele percebera o embaraço dela. Se fosse um cavalheiro, deixaria passar sem comentários.

– É a Miss Camilla Elise Antonius, presumo.

O facto de ele saber o nome do meio dela pareceu-lhe estranho, mas, quando ele voltou a estudar intensamente a aparência dela, Camilla mal conseguiu formar um pensamento claro. Nunca ninguém a olhara com um tal foco singular, como se ela fosse em simultâneo a resposta mais gloriosa e um enigma exceccionalmente perturbador.

– Correto, milorde. Em que posso ajudar? – perguntou, recuperando por fim a compostura.

– Vim discutir os detalhes de uma peça que gostaria de encomendar – começou ele, a sua voz como mel aquecido a escorrer sobre ela. – Mas agora estou intrigado consigo, Miss Antonius. É assim que recebe todos os clientes ou apenas os que acha incrivelmente bonitos?

«Apenas os que acho insuportáveis», pensou ela com irritação, à medida que o encanto que inicialmente sentira se quebrava. Camilla mordeu a língua para evitar verbalizar comentários sobre a arrogância dele. Tinha-se enganado. Ele não era um jaguar, era um lobo. O que significava que era apenas mais um arrogante cão aristocrático de quem ela teria de se livrar naquela noite.

– São essas as especificações? – perguntou, apontando para um pedaço de pergaminho verde-caçador que ele segurava. O tom dela foi tão frio como o ar outonal lá fora, mas o cavalheiro não pareceu ficar incomodado. Em vez disso, uma centelha de curiosidade acendeu-se naqueles olhos impenetráveis como joias.

Ele segurou o pergaminho em silêncio, mantendo-se onde estava, próximo da secretária dela. Camilla hesitou. Ele estava a fazer com que ela se aproximasse *dele*.

Era uma espécie de demonstração discreta de que podia ser confiável ou, então, uma jogada calculada para impor a sua vontade sobre ela. Dada a perigosa curva da sua boca e o frio calculista no seu olhar, tudo indicava que tinha que ver com poder.

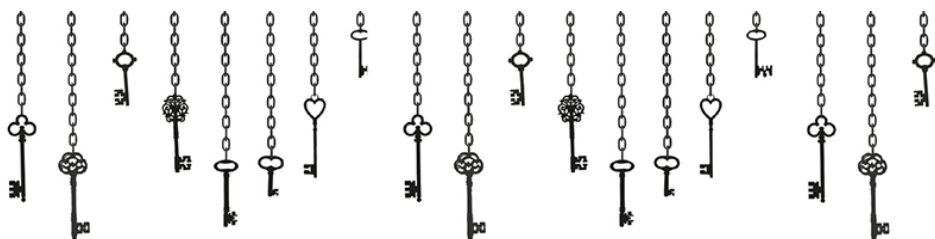
Ali estava um homem que desejava ter o controlo. Camilla pensou em mandá-lo embora para o pôr no seu lugar, e o sorriso de lobo dele alargou-se, o olhar a provocar silenciosamente.

– Ao contrário de um pedido de casamento, verá que

este é um pedido bastante simples. – A atenção dele não se desviava dela. – Venha. Veja por si mesma.

«Disse o lobo fingindo ser ovelha.»

Camilla tinha sérias dúvidas de que qualquer coisa que ele quisesse fosse simples, mas dirigiu-se a ele mesmo assim. Quanto mais rápido soubesse o que ele desejava, mais depressa poderia despachar aquele sujeito sombrio e misterioso – e o seu sorriso malicioso – de uma vez por todas.



2

*P*oucas coisas satisfaziam tanto o Príncipe Inveja quanto fazer uma jogada estratégica. Para seu contentamento, ao colocar o pergaminho sobre a secretária e fazê-lo deslizar pela madeira antiga, tendo cuidado para que não se prendesse na superfície gasta, aquele era um desses dias gloriosos. Estava a um passo de desvendar a sua segunda pista.

Pelo que observara de Waverly Green, as mulheres neste reino eram educadas para agradar aos homens. Não havia dúvida de que a Miss Antonius teria a pintura pronta até ao final da semana. Tudo o que ele teria de fazer era entrar, dominar a sala, e ela faria a sua vontade.

A mulher à sua frente semicerrou os olhos prateados, os lábios cheios curvando-se para baixo enquanto lia. A vergonha que ela sentira rapidamente deu lugar à irritação.

A sensação assemelhava-se a um formigueiro sobre a pele dele, não sendo ainda como as picadas da fúria, mas, com um pouco mais de empenho, estava certo de que ela lá chegaria. E, como a raiva pertencia ao pecado do seu irmão Ira, o Inveja não queria ter nada que ver com alimentar a ira de Camilla.

– Vê? – perguntou ele, o tom falsamente casual, pois por dentro estava longe disso. O seu coração batia cada vez com mais força contra as costelas à medida que a artista olhava para a sua nota. Ela não estava a reagir como ele imaginara.

Quando ela finalmente ergueu os olhos, ele ofereceu-lhe um dos seus sorrisos mais pecaminosos. Ela arqueou uma sobrancelha, pouco impressionada.

Bem, sendo assim ele iria direto ao assunto.

– Como prometido, é um pedido bastante simples, Miss Antonius. Quero uma pintura de um trono. Imaculado e deslumbrante de um lado e a arder em chamas do outro. Se tiver sucesso nesta peça, encomendarei outra.

A pequena artista devolveu-lhe cuidadosamente o pedaço de papel e depois limpou as mãos ao avental de trabalho, como se o papel a tivesse ofendido.

O olhar dele aguçou-se perante o movimento inesperado, ao mesmo tempo que a mão pendia em direção à adaga cravejada de esmeraldas que usava sempre sob o casaco. O Ira era o general da guerra, mas o Inveja manuseava uma arma com a mesma destreza, e qualquer movimento súbito deixava-o em alerta máximo, não importando quão banal um potencial adversário pudesse parecer.

A Miss Antonius repetiu o movimento, e o Inveja forçou-se a relaxar e a observá-la realmente, percebendo que – com o seu cabelo prateado brilhante e os olhos únicos – afinal não havia nada de banal na aparência de Camilla.

Na verdade, ao estudá-la mais a fundo, não pôde deixar de notar que a sua boca parecia um coração, e, se pretendesse pintá-la, seria esse o formato que usaria para a capturar na tela. As suaves curvas dos lábios superior e

inferior eram maravilhosamente equilibradas, o seu arco do Cupido um exemplo de perfeição.

Sem perceber que tinha captado a atenção dele, Camilla passou os dentes pelos lábios enquanto mexia na roupa.

Aqueles lábios eram cheios e tentadores e faziam com que o olhar dele se prolongasse neles, e a sua mente se preenchesse com todo o tipo de ideias maliciosas. Estivera tão focado na sua corte enfraquecida, no jogo e na maldição antes disso, que não pensara em muitas outras coisas.

A tentação e o pecado alimentavam-no, e ele negligenciara ambos por demasiado tempo, ao que parecia.

O seu irmão Luxúria ficaria satisfeito.

O Inveja impediu a sua mente de divagar por caminhos que se recusava a percorrer e observou Camilla a franzir ligeiramente a testa na direção da sua rústica roupa de trabalho e depois desatar as fitas na cintura, retirando prontamente o avental sujo de tinta e empurrando-o para debaixo da mesa.

Ele lançou-lhe um olhar frio.

– Quando pode começar a trabalhar? Isto é bastante urgente, Miss Antonius.

– Peço desculpa, mas deve ter-me escapado o seu nome, lorde...

Mulher perspicaz, a sua abordagem fora subtil. Pelo fato elegante e a forma refinada como ele falava, ela já percebera que o Inveja pertencia à nobreza.

Mal sabia Camilla que, na verdade, ele não era humano, e muito menos um mero lorde; era um dos sete príncipes que governavam o Inferno.

Nalguns reinos mortais, eram conhecidos como os Malditos – um nome que haviam justificado ao longo de séculos, através do aperfeiçoamento de jogos pecaminosos

e de libertinagem.

Ele estava agora a jogar um desses jogos – mas as apostas eram as mais altas com que alguma vez se deparara.

– Lord Ashford Synton. Mas os que me conhecem melhor chamam-me apenas Syn.

Era mentira, claro, mas seria a primeira de muitas, agora que podia dizê-las.

– Bem, Lord Synton – disse ela usando o seu apelido para deixar claro que não tinha nenhum tipo de intimidade com ele –, irei recusar esta encomenda, mas ficarei feliz em considerar outra.

– Perdão?

O Inveja semicerrou os olhos. De todas as maneiras que havia imaginado como aquele encontro decorreria, nunca pensara que ela recusaria o seu mecenato.

Precisava daquela pintura para desvendar a próxima pista.

E de acordo com a pista anterior, que se desenrolara na sua sala do trono, teria de ser ela a criá-la. «Leis mal calei» decifrado era Camilla Elise. Ainda não tinha percebido em concreto porque tinha de ser ela, mas obteria uma resposta para esse mistério em breve.

Os espões do Inveja estavam naquele momento a desenterrar tudo o que conseguiam sobre a artista, e quaisquer segredos que ela tivesse não ficariam ocultos por muito tempo.

Até ao final da semana, o Inveja saberia de todos os pecados, vícios ou virtudes que ela praticava, e então exploraria esse conhecimento pelo que ele valia. Todos queriam alguma coisa, e ele pagaria de bom grado à Miss Antonius o preço que ela exigisse.

Camilla acenou para o papel.

– Terá de arranjar outra pessoa para pintar isso, milorde.

– Isso não serve. Ouvi dizer que é a melhor, daí eu ter vindo a este... estabelecimento.

Ele olhou em volta da galeria. A placa de madeira do lado de fora balançava agradavelmente na brisa, proclamando Wisteria Way. Era pintada à mão, mas elegante e absolutamente encantadora.

O exterior era uma casa de pedra simples com luxuriantes glícínias que trepavam pela frente para depois penderem sobre a entrada. Algo pitoresco que se imaginaria em qualquer zona rural, se alguém tivesse trazido a ruralidade para o coração do vibrante distrito de arte e a tivesse inserido entre dois edifícios maiores e menos acolhedores.

No interior, parecia mais uma câmara escura onde se sussurravam segredos e realizavam reuniões clandestinas.

Sobre as largas tábuas do chão estendiam-se tapetes escuros, e as paredes estavam revestidas com um brocado verde-caçador-escuro. Pinturas e desenhos em todos os tipos de materiais pendiam em molduras douradas, enquanto esculturas vigiavam os cantos escuros.

Numa pequena mesa redonda no canto onde ela estivera a pintar à luz das velas, encontravam-se várias chávenas de pincéis usados de todos os tamanhos e feitios imagináveis, a água uma gama lamacenta de cores descartadas.

A tela estava de costas para a porta, deixando-o a perguntar-se no que estaria Camilla a trabalhar. Tudo o resto na galeria estava meticulosamente organizado, mostrando a arte no seu melhor. Era tudo muito intrigante. E não exatamente o que ele esperava.

Assim como a mulher que se encontrava diante dele, que – apercebeu-se – o estudava com a mesma minúcia

com que ele acabara de examinar a galeria dela.

– Nunca o vi em nenhum evento social nem ouvi falar de si, Lord Synton. Está de visita?

Foi invadido por uma ligeira irritação. Já estava naquela monótona cidade havia quase duas semanas, a restaurar pacientemente uma velha propriedade sobranceira àquela maldita cidade. Decerto que Camilla teria ouvido alguns rumores sobre a sua chegada. Forçou um sorriso.

– Por agora, irei ficar por tempo indeterminado, Miss Antonius.

Era quase verdade. O Inveja estava preparado para qualquer coisa: talvez a Miss Antonius demorasse mais do que o esperado a pintar o Trono Amaldiçoado ou a próxima pista o retivesse ali.

Como era óbvio, ele também queria uma base a partir da qual pudesse estar de vigia – se o jogo o tinha conduzido até ali, outros jogadores poderiam aparecer em breve. Ou pior, podiam já ter chegado.

– Bem, sendo assim, bem-vindo. Posso indicar-lhe alguém que o possa ajudar.

O Inveja notou uma mudança nas emoções dela. Embora ainda sentisse a sua irritação, também detetou uma maré crescente de impaciência.

Não conseguia compreender como alguém poderia sentir-se incomodado com a sua companhia.

Talvez devesse ter ouvido o ridículo esquema do seu irmão para a conquistar. Se namoriscasse com Camilla, ela não o dispensaria tão facilmente.

O Inveja fervia por dentro. A maioria das pessoas tinha uma reação bastante diferente perante os príncipes-demónios. Eles tinham um certo carisma sombrio que atraía amantes; havia quem acreditasse que era devido ao

poder de dominar os pecados. Ele estava certo de que Camilla se renderia com pouco ou nenhum esforço da sua parte.

Tentou manter o desprezo longe da sua voz.

– É uma questão de pagamento? – perguntou. – Diga o seu preço.

– Asseguro-lhe que não tem nada que ver com dinheiro, milorde.

O queixo dela ergueu-se em tom de desafio. O Inveja tinha a perfeita noção de que ela não podia dar-se ao luxo de recusar um trabalho que fosse assim tão bem pago.

– Há mais alguma coisa em que eu possa ajudar ou está de saída? – perguntou ela. – Receio que tenha chegado em má altura, pois a galeria está a fechar.

– Talvez.

O Inveja ponderou se deveria usar um pouco do seu pecado para influenciar o humor dela, mas desistiu. Os jogos feéricos eram complicados. Os jogadores não podiam usar magia para vencer. Isso mantinha o jogo equilibrado, reduzindo os imortais a simples humanos. O Inveja arderia antes de admitir o quão emocionante costumava achar esse desafio. Mas aquelas não eram circunstâncias normais.

Para que ele avançasse neste jogo, Camilla teria de escolher pintar a peça livremente.

E teria de fazê-lo em breve.

– Posso perguntar por que motivo recusa o meu trabalho? – inquiriu, tentando manter o tom agradável.

– Claro. – O sorriso dela era tão afiado quanto a adaga escondida na anca dele. – Recuso-me a pintar qualquer objeto amaldiçoado. E corrija-me se estiver enganada, milorde, mas o Trono Amaldiçoado é um dos mais poderosos.

O Inveja olhou para ela sob uma nova perspetiva.

– O que sabe uma mulher da sua posição sobre objetos amaldiçoados?

– O suficiente para recusar envolver-me com um.

Por fim, a Miss Antonius saiu de trás da secretária, passando por ele em direção à porta, onde colocou a mão sem luva na maçaneta de cristal. Manchas de tinta salpicavam a sua pele como uma colorida constelação de sardas.

– Talvez devesse visitar o mercado negro em Silverthorne Lane. Lá saberão muito mais sobre esse tipo de arte em específico do que eu.

Dizendo isto, abriu a porta e o sino tocou em sinal de despedida. O Príncipe Inveja estava a ser dispensado sem qualquer formalidade.

Ele pestanejou para a pequena criatura infernal diante de si, e ela sorriu ainda mais docemente.

– Talvez queira apressar-se, milorde. – Ela olhou para o céu a escurecer, os seus olhos prateados como raios contra as nuvens tempestuosas. Um belo presságio de desgraça. – Parece estar prestes a chover.

Um trovão ecoou o seu aviso, e, antes que desse por isso, o Inveja estava parado do lado de fora com a pitoresca porta a ser-lhe fechada e trancada na cara.

Pouco depois, as velas apagaram-se, mergulhando a galeria na escuridão completa.

O Inveja amaldiçoou todos os santos em que conseguiu pensar em voz baixa, enquanto as primeiras gotas de chuva rechonchudas lhe salpicavam os ombros. Então, ouviu o arrastar de uma bota, apenas uns segundos antes de o seu companheiro emergir das sombras, rindo sombriamente.

– Ias entrar e pronto, não era? – perguntou o Príncipe Orgulho, os seus olhos um irritante contraste prateado com a noite. O seu cabelo castanho estava desalinhado, dando a

impressão de que uma amante passara as mãos por ele. –
Tão simples assim.

O Inveja lançou ao irmão um olhar letal.

– Pensei que ias esperar no *pub*.

– Mudei de ideias. – O Orgulho encolheu os ombros. –
Queria entretenimento. Como te sentes por te terem
castrado a masculinidade?

– Agora não.

O Inveja seguiu pela rua na direção do toldo mais
próximo, com o intuito de escapar da tempestade iminente
e do maldito irmão. A sua máscara cavalheiresca começava
a deslizar.

– Agora é o momento perfeito para salientar que era um
plano miserável – disse o Orgulho, caminhando ao seu lado
de mãos enfiadas nos bolsos. – Até a ideia do Luxúria era
melhor.

– É a única ideia que o Luxúria tem.

– E então? Funciona sempre.

O Inveja rangeu os dentes.

– Então, Lord Syn. – O Orgulho continuava a arrastar as
palavras, mas havia agora uma pontada mais incisiva na
sua voz. – Importas-te de me explicar como raios é que
consegues mentir?

– Importo-me. – O Inveja não estava com disposição
para dar explicações. – Não devias estar à procura de pistas
sobre o paradeiro da Lucia? – perguntou em vez disso. –
Talvez não estejas tão desolado quanto gostarias que todos
acreditassem.

Era um golpe baixo, mas o Inveja precisava de ficar
sozinho antes que o Orgulho percebesse as fendas na sua
armadura. Se pudesse arriscar o poder necessário para
convocar as suas asas, ter-se-ia catapultado para os céus,
deixando o irmão para trás. Porém, dadas as circunstâncias,

o Inveja teria de permanecer no chão até ganhar o maldito jogo e restaurar por completo a sua magia.

Toda a leveza desapareceu do rosto do irmão com a menção da consorte desaparecida. Os lábios do Orgulho apertaram-se firmemente, revelando a cicatriz antiga que lhe atravessava o lábio inferior.

Para a maioria, o Orgulho fingia ser um bêbedo devasso, obcecado por tudo o que brilhava. Frívolo, egocêntrico. Despreocupado com qualquer coisa que não fossem amantes bonitas, festas e bugigangas. Contudo, o Inveja, o rei dos disfarces, sabia que se tratava apenas de uma fachada. O Orgulho era muito mais calculista do que parecia. Os seus segredos eram tantos que nem mesmo os melhores espões do Inveja os haviam desenterrado a todos.

– Não fiques amuado só porque eu estava certo – atirou o Orgulho gelidamente. – Disse-te para a cortejares primeiro e só depois lhe pedires que te pintasse o trono. Por que motivo haveria ela de ajudar um estranho, fazendo algo tão perigoso? Põe-te no lugar dela... ias arriscar?

O Inveja grunhiu, e o Orgulho observou-o mais atentamente.

– O Ira disse que és péssimo em estratégia, e só lhe estás a dar razão.

O Inveja engoliu uma resposta. O Ira e Emilia haviam visitado a sua Casa do Pecado cerca de um mês antes, e por pouco não tinham descoberto o lento declínio da sua corte. Felizmente, os piores sintomas haviam sido contidos por uma maldição que fora recentemente quebrada.

O Orgulho interpretou o seu silêncio como uma reflexão silenciosa.

– Se tens assim tanta repulsa pela Camilla, talvez um dos nossos irmãos a seduza no teu lugar. Tenho a certeza de que o Luxúria ou o Gula estariam dispostos a ajudar –

disse. – Talvez até se juntassem, se ela lhes pedisse com jeitinho.

– Não te estás a oferecer – fez notar o Inveja, observando cuidadosamente o rosto do irmão.

O Orgulho fitou-o e finalmente calou-se.

O Inveja voltou-se para a galeria, trespassado pela irritação.

Mesmo em plena tempestade sombria, havia algo de sobrenatural no edifício, algo encantador. Tal como a sua perturbadora proprietária.

Fingir cortejá-la não custaria nada, mas tinha mais com que se preocupar para estar a juntar outra distração à lista. Além disso, os namoros mortais eram cheios de regras inúteis e de danças aborrecidas. O Inveja não tinha paciência para se pôr a dar passeios só para que os outros pudessem mexericar.

Tinha um jogo para vencer. E já perdera bastante tempo.

– Já tive o suficiente do teu ego por uma noite. – O Inveja puxou da adaga da sua Casa da bainha, a esmeralda no punho ornamentado a reluzir na escuridão crescente. Os príncipes do Inferno não podiam ser mortos pelas adagas uns dos outros, mas podiam ser enviados de volta para o seu círculo do submundo, quer consentissem a viagem quer não.

– Vai para casa, Orgulho. A não ser que queiras uma cicatriz igual no outro lado da cara.

– Cabrão teimoso. – O Orgulho levantou as mãos e recuou. – Porque te recusas a pedir ajuda?

O Inveja apertou os lábios, permanecendo em silêncio.

O seu irmão lançou-lhe um olhar enojado.

– Com a primeira rejeição da Camilla, restam-te apenas mais duas hipóteses para desbloqueares a próxima pista,

certo? – Quando o Inveja continuou a recusar-se a falar, ele acrescentou: – Espero que saibas o que estás a fazer.



3

— **S**inceramente, já pensaste em vender a galeria e mudares-te para o campo? – perguntou a Lady Katherine Edwards, entregando a Camilla um copo de xerez. – O Vexley acabaria certamente por perder o interesse, sobretudo se uma atriz atraente lhe chamasse a atenção. De novo.

– Hum. O que eu dava para ter essa sorte.

Camilla bebericou a sua bebida enquanto aquecia os pés junto à lareira crepitante na sala de estar elegantemente decorada da Lady Edwards. Uma bela ruiva de pele castanho-escura que não acreditava em morder a língua, mas que morderia qualquer um que a afrontasse, Katherine era a amiga mais querida de Camilla desde que se haviam conhecido dez anos antes.

Na altura, Katherine tinha acabado de chegar a Waverly Green, e ela e Camilla tinham logo desenvolvido laços de amizade por serem ambas uma espécie de forasteiras. Mesmo depois de se ter casado, Katherine mantivera os seus jantares semanais, tornando-se uma irmã ao longo dos anos, alguém a quem Camilla confiava quase todos os seus medos.

Com algumas exceções...

Embora Katherine fosse a melhor amiga de Camilla, nem mesmo ela sabia de toda a verdade por detrás da proposta de Vexley.

– Bem, se ele está decidido a cortejar-te, porque não consideras a sua oferta? – perguntou Katherine, voltando a sentar-se na sua cadeira de veludo, enquanto Camilla bebia um generoso gole do seu xerez para abafar a ideia absurda. – Ele é filho de um visconde. Neto de um conde.

A porta abriu-se e um grande felino cinzento e branco entrou.

– *Bunny!* – Camilla iluminou-se de imediato, e Katherine bufou.

– Mandei que a fossem buscar de carruagem há pouco. Sei como se sente sozinha quando estás a trabalhar.

– Estás mais majestosa do que nunca – disse Camilla com carinho à sua gata, que lhe lançou um olhar para depois se sentar e começar a lavar o seu longo e belo pelo.

– Bem, voltemos ao nosso assunto – disse Kitty. – Porque não o Vexley? Ele é de boas famílias.

– Ele é o filho *desonrado* e um canalha notório. As páginas de sátira já o apelidaram de «O Desviante de Língua Dourada». Por amor de Deus, Kitty, não viste a última caricatura dele? «Lascivo» seria um termo demasiado leve para o descrever. Era tão explícita que ouvi dizer que três carruagens embateram em frente à porta da loja onde a ilustração estava exposta, na semana passada.

– E *eu* ouvi dizer que sete novas amantes visitaram o quarto dele por causa dessa mesma página de sátira – retorquiu Katherine. – Também sei de fonte segura que a alcunha é bastante apropriada. E não tem nada que ver com os seus dotes de conversação brilhantes, ou com a falta deles.

Lá fora, os chuviscos que tinham começado havia pouco transformaram-se numa tempestade ameaçadora, os ventos uivantes conduziam agora os ramos das árvores contra as janelas como grandes bestas demoníacas, enquanto as duas mulheres se aconchegavam à lareira com os seus copos de xerez.

Depois do jantar, e como era seu costume, o Lord Edwards tinha ido para o seu clube de cavalheiros, dando às mulheres tempo para beber e rir como costumavam fazer antes de ele e Katherine se casarem, três estações antes. Corriam rumores de que a frequência com que ele lá ia se destinava a aliviar a frustração que sentia por ainda não ter gerado um herdeiro.

Era um assunto de que Kitty não gostava de falar, embora Camilla soubesse porquê e guardasse o seu segredo, tal como Kitty guardava os diversos de Camilla.

– Não consigo sequer imaginar o Vexley a pensar seriamente em casar – disse Camilla. – Sete novas amantes em sete noites é terrível, mesmo para ele.

– Querida, eu nunca disse sete noites. Diz-se que ele participou no seu próprio bacanal e que nenhuma senhora saiu desiludida.

– Claro. – Camilla expirou ruidosamente. – Um cavalheiro só se deve entregar ao vício quando compra arte, sobretudo se gastar quantias copiosas na *minha* galeria, sendo em contrapartida virtuoso no casamento. Partindo deste pressuposto, nunca me casaria com o Vexley.

A sua amiga resfolegou.

– Oh, querida, não. Quando um homem destes assenta por alguém, torna-se um marido dedicado. E tu queres um homem devasso no quarto. Aliás, quanto mais devasso, melhor, por isso devias agradecer ao Vexley pelas suas

recentes escapadelas. Pelo menos sabes que está bem temperado e que tem resistência.

– «Bem temperado» – repetiu Camilla, sorrindo e abanando ligeiramente a cabeça. – É difícil perceber se estás a descrever um homem ou como queres a carne.

– Há quem diga que os devassos são exatamente isso. Se tiveres sorte, encontras um pedaço de carne de primeira para cravares os dentes.

Katherine fingiu dar uma grande dentada.

– Kitty! – Camilla riu-se. – Isso é horrível.

– Se bem te lembras, o William tinha uma grande reputação antes de nos casarmos, e eu não me queixo.

Bebeu um gole do seu xerez, olhando para Camilla por cima do copo. Camilla permaneceu calada.

– O Vexley pode ser grosseiro e vulgar, mas conheço várias mulheres que se queixam de que os seus maridos são amantes egoístas e que nunca se preocupam em garantir que as suas mulheres estão igualmente satisfeitas. Assim, afinal qual é a melhor virtude?

– Katherine... – Camilla suspirou. – A sério. A virtude e o Vexley são tão compatíveis como azeite e água.

– Tu só precisas de encontrar um homem viril com uma moral questionável e ir para a cama com ele sempre que te apetecer.

Como se alguma coisa pudesse ser assim tão simples para uma mulher neste mundo.

– Dado que claramente o Vexley não é do teu agrado – concluiu Katherine, por fim –, já deparaste com outros candidatos a «companheiro fiel»?

Camilla encolheu-se. «Companheiro fiel» era o que Kitty insistia em chamar ao objeto da sua busca por um amante discreto para Camilla, um esforço que Camilla desaprovava vivamente.

Além de uns beijos ardentes, algumas carícias e um encontro clandestino com um caçador infame que lhe dera a conhecer o seu primeiro orgasmo, Camilla tinha pouca experiência do mundo real, vivendo dos pormenores que lhe eram contados pela sua amiga casada. Depois de ter testemunhado a dor do desgosto do seu pai quando a mãe os deixara, Camilla rejeitara a ideia de casamento.

Embora nunca tivesse considerado seriamente a ideia de Kitty, continuava a desejar o toque de um homem. Katherine não só sabia disso como tentava muitas vezes fazer de casamenteira, para divertimento e horror de Camilla. Quando Katherine punha uma ideia na cabeça, não a largava.

Se Katherine tivesse estado na galeria naquela noite, teria pensado que o Lord Synton seria um ótimo candidato a «companheiro fiel» de Camilla, graças ao puro domínio que parecia irradiar sobre o espaço à sua volta. Ele era um homem que sabia o que queria e ia atrás disso.

Synton havia entrado e praticamente reivindicado a galeria com apenas um olhar arrogante, tomando posse de tudo, incluindo o bom senso de Camilla.

Por mais irritante que essa característica pudesse ser durante o dia, Katherine diria que era um atributo desejável à noite, no quarto de dormir, especialmente se ele tivesse como missão possuir o corpo de Camilla com o mesmo nível de autoridade.

– O teu silêncio leva-me a crer que *encontreste* alguém interessante.

– Não – mentiu Camilla.

Sem querer, e não pela primeira vez naquela noite, os seus pensamentos voltaram-se para um hipnotizante par de olhos cor de esmeralda e uma boca sensual que ostentava um sorriso deveras diabólico.

Na viagem de carruagem até à casa da sua amiga, enquanto a chuva tamborilava preguiçosamente sobre o topo, Camilla encostara a cabeça à lateral almofadada, fechara os olhos e, de alguma forma, dera por si a imaginar o Lord Synton sentado ao seu lado no banco, puxando-a lentamente para perto de si, os seus dedos a percorrerem-lhe os braços, explorando a pequena faixa de pele exposta entre o fim das luvas e o início do vestido, como se ela contivesse a resposta para cada mistério do universo.

Fixaria nela aqueles olhos de esmeralda, observando-a enquanto se inclinava lentamente, dando-lhe tempo para que ela o tentasse afastar, antes de passar os lábios pela pele sensível do seu pescoço num beijo suave como um sussurro. Quando sustivesse a sua respiração ao senti-lo, ele percorreria a curva do seu ombro, descendo depois ao longo do decote.

A sua boca tornar-se-ia mais ousada à medida que cada movimento experiente da língua ou roçar dos dentes provocasse um raio de calor que a atravessaria.

Só quando Camilla estivesse praticamente a ofegar é que ele se focaria em especial no seu corpete e puxaria cuidadosamente cada fita, desapertando-as com uma precisão enlouquecedora. E então descobriria um dos segredos mais escandalosos para uma solteirona: a sua predileção por *lingerie*, peças de vestuário que a faziam sentir-se bonita, peças que adquiria discretamente na modista e que eram delicadas, suaves e femininas enquanto lhe abraçavam as curvas.

Camilla conduziu os seus próprios dedos do banco até ao colo, levantando as saias, o farfalhar da seda a sua própria música proibida contra o ruído das rodas da carruagem. Lentamente, começou a acariciar a pele sensível acima das meias de renda, aproximando-se cada

vez mais do calor crescente entre as suas pernas.

Tocara-se na carruagem enquanto imaginava os dedos *dele* entre as suas coxas, até que o cocheiro batera na porta, trazendo-a de súbito de volta à realidade e – frustrantemente – impedindo-a de alcançar a sua libertação.

Lord Synton, o rosto do pecado. Não passava de um devasso com o qual ela teria de parar de fantasiar. Especialmente depois de ele ter pedido a única coisa que ela nunca pintaria. Qualquer pessoa interessada num objeto amaldiçoado devia ser evitada a todo o custo. Tanto a sua mãe como o seu pai haviam-na advertido em relação a isso – tendo insistido bastante, o que não costumavam fazer.

Os objetos amaldiçoados não eram propriamente sencientes, mas também não eram totalmente desprovidos de pensamento. Camilla sabia que a bruxa que os criara o fizera por ódio, e através de magia das trevas, concedendo aos objetos a capacidade de se tornarem mais retorcidos e caóticos com o passar dos séculos.

De acordo com as histórias do pai, isso queria dizer que podiam até mudar de forma – o que antes era um trono podia assumir a aparência de um livro, ou de um punhal, ou de uma pena, permitindo-lhe picar, ferir ou matar por diversão. Podia até decidir apoderar-se de uma criatura viva, habitando a sua forma até se aborrecer e abandonar a concha do hospedeiro.

– Camilla? – O rosto preocupado de Katherine surgiu no seu campo de visão. – Querida, queres que eu abra uma janela? Pareces um pouco corada.

– Não, deixa estar. Acho que este é o último gole de xerez.

Camilla amaldiçoou interiormente o Lord Ashford Synton e a sua sedutora e arrogante boca por a terem

distraído mais uma vez. Era completamente enfurecedor não gostar de um homem e sentir-se atraída por ele ao mesmo tempo. Não podia acreditar que pensara nele daquela maneira.

Já o mesmo não podia dizer de *outros* homens que ela desprezava. Nunca estivera a ponto de atingir o clímax dentro de uma carruagem enquanto pensava em Vexley.

E Camilla jurou silenciosamente nunca mais pensar em Synton daquela maneira.

– O Vexley mencionou que ia dar uma festa. Recebeste um convite? – perguntou ela.

Katherine olhou-a durante um longo momento antes de finalmente acenar com a cabeça.

– Foi entregue precisamente antes de tu chegares. Por favor, diz-me que vais... – suplicou ela. – Não consigo suportar a ideia de ir sem ti.

Se Vexley lhe enviara um convite, Camilla teria de dizer que sim para evitar a sua ira, por muito que desejasse não aceitar.

Porém, uma nova ideia começava a tomar forma.

Se fosse a casa de Vexley durante o que certamente se tornaria um evento animado, talvez conseguisse localizar a primeira falsificação.

Vexley dissera que a tinha escondido – o que significava que estava a guardá-la numa divisão a que nenhum convidado acederia durante a festa e lhe concedia um excelente ponto de partida.

Enquanto o evento estivesse a decorrer, Camilla procuraria até encontrar a tela e deitá-la-ia ao fogo mais próximo antes que Vex, o *Vexame*, soubesse o que ela tinha feito, salvando-se assim de quaisquer outras tentativas de chantagem.

Era arriscado, mas, se o plano resultasse, a recompensa

seria demasiado grande para que não aproveitasse a oportunidade.

Detetara desespero nas palavras do problemático lorde, e Camilla sabia que um dia, em breve, ele encontraria forma de a obrigar a submeter-se à vontade dele.

– Claro que vou. – Camilla ergueu o seu copo em direção ao da amiga, fazendo com que ambos se tocassem. – Não consigo pensar numa maneira melhor de passar a noite.

– Mentirosa. – Katherine riu-se e abanou a cabeça. – Mas ainda bem que vais. Sabes como esses eventos se tornam deliciosamente turbulentos, sobretudo quando o Vexley está a beber.

Camilla sabia, e rezou para que Vex, o *Vexame*, não a desiludisse. O rosto de Katherine iluminou-se.

– Por falar em assuntos interessantes, já ouviste falar do lorde que chegou recentemente à cidade? Um tal de Lord Ashford. Está toda a gente a falar sobre ele.

Camilla engoliu o súbito nó na garganta.

– Ah, sim? Não sabia. Pelo menos as pessoas já não andam por aí aos sussurros sobre a minha mãe.

Katherine dirigiu-lhe um sorriso triste. Tentara proteger Camilla dos piores efeitos dos mexericos na última década, sobretudo quando as mães impiedosas faziam de tudo para garantir que as filhas casavam com os melhores homens da temporada.

– Pelo que me contaste, a Lady Fleur nunca foi tímida nem envergonhada, e é por isso que dez anos depois ainda se continua a falar dela – disse Kitty, pressentindo para onde a mente de Camilla viajara. – E ela tinha razão quando dizia que todas aquelas mães imbecis invejavam o teu talento. Lembras-te do que me disseste que ela te contou?

A Camilla abafou uma gargalhada.

– Elas não invejavam o meu talento, Kitty. Achavam-me estranha e não queriam que os seus filhos me cortejassem.

O sorriso de Kitty tornou-se matreiro.

– Ela disse: «Não passam de tolas que apenas tentam desviar a atenção dos seus herdeiros idiotas e dos seus membros inegavelmente minúsculos.»

– Acho que te estás a lembrar mal da frase – disse Camilla, divertida.

– Talvez a tenha embelezado. Mas acho que estavam preocupadas com a possibilidade de tu pintares retratos nus pouco lisonjeiros, mas horrendamente exatos, das suas pilas nobres e flácidas.

Camilla tapou a cara com as mãos, tentando tirar aquela imagem da cabeça.

Antes de partir, a sua mãe – Fleur – costumava sorrir maliciosamente ao dizer a Camilla que enviaria um exército de pulgas para os quartos dos nobres mais malvados, garantindo que os insetos lhes mordessem o rabo para que sentissem uma vontade incontrolável de o coçar no próximo baile.

A ideia de os lordes e senhoras a esforçarem-se por manter o decoro quando sentiam comichão no rabo dava a Camilla uma alegria perversa. Apesar de todos os seus defeitos, Fleur sabia como fazer Camilla sorrir com o seu sentido de humor.

– Ela escreveu-te? – perguntou Katherine, a sua voz agora calma.

Camilla abanou a cabeça.

– Não. Imagino que esteja a explorar o mundo como sempre desejou.

Katherine bebeu o seu xerez, dando tempo a Camilla para organizar os seus pensamentos. Sentia-se sempre

dividida quando as conversas se voltavam para a sua mãe, embora fosse mais fácil recordar a confusão e o abandono que sentira quando Fleur partira.

No entanto, quando Camilla era criança, fora Fleur quem começara a contar-lhe histórias quase demasiado fantásticas para serem reais. Falava de reinos de sombras repletos de criaturas estranhas. Deusas, demónios, vampiros e metamorfos. Sete príncipes-demónios, cada um mais maldito que o outro.

Camilla enroscava-se ao seu lado, fechava os olhos e sonhava.

Pierre também ouvia cada história atentamente, e Camilla suspeitava que fora a forma mágica como a mãe falava que inspirara o seu pai a registar com o pincel as cenas que ela descrevia. No início, Fleur havia ficado encantada com a sua arte, encorajando-o a não se preocupar com o seu título, a seguir a sua paixão e a abrir a galeria. Todavia, à medida que ia ficando cada vez mais obcecado em retratar as fábulas esquivas que ela contava, Pierre começara a exigir mais histórias, mais descrições. Fleur zangara-se, depois fartara-se e por fim afastara-se.

Olhando para trás, Camilla devia ter visto os sinais. Fleur tornara-se inquieta, saía de casa quase todos os dias e não parava quando finalmente regressava.

Nunca o contara a ninguém, mas a mãe deixara-lhe uma coisa: um medalhão, um último segredo que partilhava com a filha.

Camilla não queria ficar a pensar no passado. Sentia a solidão a voltar, uma dor que nunca desaparecia por completo, apenas se acalmava com o passar do tempo.

Nervosa, brincou com o medalhão, que ainda usava todos os dias. Katherine reparou no gesto familiar da amiga.

– Estás a esconder alguma coisa...

– Conheci-o há pouco – confessou, puxando a conversa de volta para caminhos emocionalmente menos traiçoeiros.

– O novo lorde misterioso.

– Sua desmancha-prazeres desgraçada! – Os olhos de Kitty arregalaram-se. – Porque não começaste logo por aí? Ele é bonito? Os seus olhos parecem capazes de te queimar a alma a partir do corpo?

– Com quem tens andado a falar?

– Vive um pouco, querida. Ou é bonito ou é feio. Embora a beleza seja bastante subjetiva, não achas?

Camilla ergueu um ombro casualmente, depois deixou-o cair, sem se comprometer a revelar nada.

– Não há muito para contar – disse ela.

– Então, faz-me a vontade. Quais foram as tuas primeiras impressões?

– Tu és impossível – provocou Camilla.

– Curiosa, impossível não. Sabes o quanto aprecio ser a primeira a descobrir segredos.

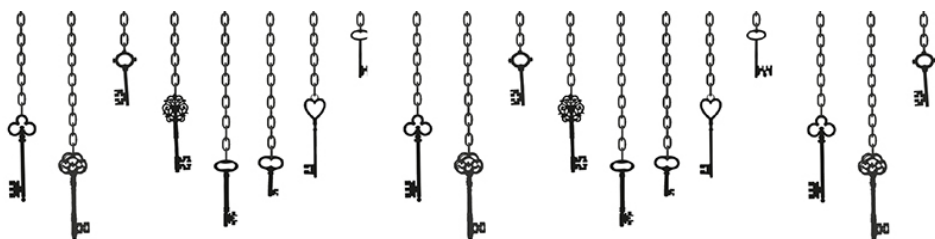
– Muito bem. Ele é alto, arrogante e é provável que tenha um membro minúsculo. Não consigo imaginar por que outra razão se comportaria de forma tão grosseira. Devias ter visto a maneira como ele entrou, a exigir um serviço. Homens como ele são abomináveis. Não me surpreenderia se ele estivesse convencido de que o Sol nasce e se põe porque ele quer. Não quer saber das leis da natureza. O Lord Synton é Deus, o Criador, e não ouses esquecê-lo, campónia.

Os olhos de Kitty brilharam com uma alegria mal reprimida.

– Estou a ver que de facto não há *nada* para contar. Exceto que te vais apaixonar loucamente por ele. Ou talvez ele seja o «companheiro fiel» perfeito!

Camilla pensou que isso não ia acontecer de todo e que ele não seria nunca o seu «companheiro». Levantou o copo quando a amiga se ofereceu para o encher, guardando as suas convicções para si.

Com sorte, o incómodo Lord Synton não voltaria a entrar-lhe pela porta.



4

— *S*e andas por aí a morder todos aqueles que fodes aqui, é natural que comecem a surgir rumores, Alexei — disse o Inveja cerrando os dentes. — Achas que aterrorizar toda a cidade de Waverly Green é conducente a ganhar o jogo?

— Não, Vossa Alteza.

O vampiro loiro limpou delicadamente o canto da boca com um lenço preto, eliminando a última prova antes que os criados humanos da recém-adquirida mansão do Inveja vissem o sangue. O gesto foi civilizado, em total desacordo com o sangue que lhe escorria pelo queixo.

— Para que conste, eu não tinha intenção de o morder. Apenas pretendia dar-lhe o que ele pedira: uma noite de paixão.

— Ainda assim, guarda as presas e a pila para ti. Se precisares de um lanche ou de uma foda, sai de Hemlock Hall. A última coisa de que precisamos é que um humano histérico associe a nossa chegada a ataques de vampiros. Fiz-me entender?

O seu assistente inclinou a cabeça, mantendo-se sabiamente calado.

O Inveja regressara à sua casa senhorial para planejar a sua próxima abordagem à Miss Antonius, e dera de caras com o vampiro em pleno corredor principal, com as presas cravadas numa artéria femoral. As calças do seu amante humano estavam em torno dos seus tornozelos, e ele gemia alto enquanto Alexei alternava entre beber da sua perna e acariciar a sua ereção.

O veneno dos vampiros era inebriante para os humanos, aumentando exponencialmente o prazer e fazendo com que a maioria dos mortais perdesse rapidamente a noção de tudo.

Quanto mais poderoso era o vampiro, mais eficaz era o seu veneno. E Alexei – outrora mortal – renascera no reino dos vampiros com os olhos azuis gélidos da realeza. Como tal, a sua mordida era extremamente potente. De facto, uma simples passagem da sua língua ou um roçar dos seus dedos podia levar um amante à loucura antes mesmo de este experimentar o seu veneno.

O dia havia sido horrível, e tudo o que o Inveja queria era refugiar-se sozinho no seu estúdio, onde poderia descarregar a sua frustração numa tela branca.

Em vez disso, deu por si a repreender o seu assistente como se fosse uma ama a castigar uma criança.

Se estivessem nos Sete Círculos, aquilo não seria um problema. O próprio reino prosperava com a sedução. Alexei podia foder – e muitas vezes fodia – qualquer lorde, dama ou membro da casa que quisesse. Ou até uma deusa, como acontecera recentemente. O Inveja tinha de admitir que aquele caso tinha tido a sua utilidade, por muito que ele não gostasse da mulher envolvida. Alexei retirou-se para o outro lado da sala, concedendo ao Inveja o tempo e o espaço de que precisava para pensar. Essa era uma coisa boa nos vampiros: podiam permanecer em silêncio e

imóveis durante horas, fazendo quase esquecer que estavam presentes.

O Inveja olhou pela janela alta para o espesso manto de nevoeiro que se estendia à volta da mansão de pedra calcária, o seu estado de espírito acompanhando o mau tempo. A chuva batia contra o vidro, aumentando de intensidade tal como o seu humor sombrio.

O Orgulho e o Luxúria tinham razão – seduzir Camilla parecia ser o caminho mais evidente para o sucesso. Contudo, se levasse a Miss Antonius para a sua cama, era provável que ela acabasse por desejar mais, com avidez, pois a maioria dos mortais que dava por si entre os seus lençóis ficava contaminada pelo seu pecado. Assim, invejavam qualquer um que tivesse vindo antes e qualquer um que viesse depois. Fora por isso que ele criara a sua principal regra de passar uma noite apenas com uma amante, e nunca mais do que isso. A sua regra de uma noite havia-se tornado lendária, tal como o apetite das suas amantes.

Muitas vezes, isso fazia parte da diversão, mas com Camilla, logo à partida, era uma situação complicada. Era um facto que o Inveja extraía o seu poder provocando inveja nos outros, e agora era essencial alimentar o seu pecado. Tinha de armazenar o máximo de poder possível para ganhar o jogo. Só que havia décadas que não permitia que um mortal entrasse na sua cama, dado que da última vez correra deveras mal, portanto ele agora sentia-se relutante em voltar a fazê-lo.

Se o preço de Camilla fosse uma noite de paixão, talvez pudesse deixar a tarefa para Alexei. Seria menos complicado... mas haveria decerto outra maneira. O Inveja abriu de repente o diário que tinha diante de si, olhando para as linhas que escrevera: as duas pistas que recebera no

último mês acompanhadas de notas sobre a forma como as desvendara.

A primeira pista ainda lhe fazia ferver o sangue – uma provocação envolta num enigma, que lhe chegara durante uma visita à Casa Ganância, uma semana depois de a rainha do Ira ter assumido o trono, havia cerca de um mês.

Não era costume fazer apostas na Casa do irmão, mas naquela noite sentia-se mesquinho. Quando o Inveja virara as suas cartas, apercebera-se de que o jogo havia começado. Doze cartas verde-caçador, uma única carta vermelha, todas em branco, exceto pelas cores sólidas.

O Inveja estivera décadas à espera e quase perdera a esperança de que o jogo alguma vez comesçasse. Com o pulso acelerado, a sua atenção disparara para o relógio, registrando a hora que se aproximava.

Meia-noite.

Verde-caçador, Casa Inveja.

Vermelho, um alvo, adivinhara ele.

Sem demora, correria para casa, para a sua sala do trono, chegando mesmo antes da meia-noite. E fora aí que tudo começara, quando o seu trono se incendiara de um lado.

Tal como no quadro que agora precisava que Camilla criasse.

Levara duas semanas para encontrar a artista indicada na pista. Depois, passara quase mais duas semanas a montar a sua base em Waverly Green. Queria passar rapidamente à pista seguinte.

Os jogos anteriores tinham entre quatro e seis pistas, mas nenhum desses jogos implicava riscos tão elevados quanto os que ele enfrentava agora. Isso significava que o Inveja já podia ir a meio, se Camilla tivesse concordado em pintar o maldito trono.

Voltou a olhar para as pistas.

*12, verdes, 1, vermelho = meia-noite, Casa Inveja,
alvo/próxima pista*

O Trono Amaldiçoado

Leis mal calei = anagrama de Camilla Elise

Um corvo pousou do lado de fora da janela, fixando nele os seus olhos cor de ébano antes de disparar para o céu encharcado pela tempestade. Podia ser um simples pássaro ou um espião. Não precisava de ser lembrado de que não era o único participante neste jogo em que cada jogador tinha pistas diferentes que o levariam ao prémio. Aquele cabrão do *fae*, Lennox, escolhia muitas vezes aqueles a quem tinha feito mal para participar nos seus jogos, dando-lhes a oportunidade de recuperarem o que ele lhes havia tirado. As pistas, o prémio, tudo era adaptado ao indivíduo, embora as pistas se sobrepusessem frequentemente. Por exemplo, se outro jogador estivesse em Waverly Green, talvez também precisasse que Camilla lhe pintasse alguma coisa.

O Inveja fechou o diário.

Estava no sítio certo. Agora só tinha de convencer Camilla a ajudar. Esvaziou a mente de tudo o que estava à sua volta, para deixar surgir uma nova estratégia.

Hemlock Hall era uma casa senhorial muito ampla, situada no topo de uma colina elevada sobre a cidade cintilante. Nesse aspeto, lembrava ao Inveja a sua própria Casa do Pecado, mas essa era a única semelhança.

Este escritório era todo em madeira escura e tinha livros encadernados a pele, uma secretária enorme e confortáveis cadeiras de espaldar alto. Nada de arte vibrante, nada de esculturas elegantes. Apenas mapas mortais

desinteressantes e imprecisos, com uma estética detestável. Um leve odor a fumo de charuto pairava no ar húmido, tendo-se infiltrado na madeira após anos de indulgência do anterior proprietário, um indício de um dos seus vícios favoritos que, pelos vistos, tinham sido muitos. De facto, o senhor tivera recentemente de abandonar Hemlock Hall depois de ter passado por tempos desafiantes e de ter tido dificuldades em arranjar um comprador, devido aos rumores de que as suas terras estavam amaldiçoadas. Era o tipo de más notícias que o Inveja gostava de ouvir.

Aliás, talvez esses rumores tivessem sido semeados pelo próprio Inveja nas semanas que haviam antecedido a sua grande oferta.

Para o Inveja, o dinheiro não era uma preocupação, mas a propriedade em ruínas tinha um grande potencial, e ele sabia que os rumores só aumentavam o seu mistério, o que assegurava que os habitantes locais aceitariam qualquer convite para visitar a propriedade.

E, aversão pessoal à parte, não havia melhor maneira de o Príncipe Inveja se introduzir na sociedade mortal do que organizando um baile de máscaras como ninguém vira por ali, disso tinha ele a certeza.

O Inveja estendeu a mão sobre a secretária para puxar uma garrafa de *whisky* escuro para mais perto de si, abrindo-a e deitando um pouco num copo de cristal lapidado. Rodou-o lentamente enquanto voltava a pensar no jogo.

Um *fae* nunca se esforçava demasiado, e, conhecendo Lennox, o Inveja suspeitava de que os outros jogadores também seriam atraídos para Waverly Green depois das suas primeiras pistas. Um baile de máscaras poderia dar ao Inveja a oportunidade de descobrir quem eram os jogadores, e quantos eram. E, se todos eles estavam

incumbidos de contratar Camilla, então o Inveja teria de se antecipar aos restantes.

Já tinha os seus espiões a vigiar a galeria dela dia e noite, mas precisava de considerar outras formas de a manter por perto.

Por fim, olhou para Alexei.

– Houve alguma atualização nos vícios da Camilla? Alguma tentação que possamos explorar?

– Não, Vossa Alteza.

Uma pancada soou na porta de mogno acabada de polir, interrompendo-os.

– Entre! – ordenou ele.

Goodfellow, o seu mordomo, entrou na sala, fazendo uma vénia educada até à cintura.

– Milorde.

Era triste, na verdade, a facilidade com que os mortais acreditavam em mentiras. Dinheiro, roupa elegante, arrogância – apenas com a palavra do Inveja, a intervenção do seu advogado e o apoio de Alexei, fora muito fácil criar uma história para os humanos aqui presentes. O Inveja era um lorde que vinha da região sul do reino de Ironwood com o intuito de cumprir o desejo da sua família de expandir o seu território e riqueza através do casamento.

– Precisa de alguma coisa, Goodfellow?

Goodfellow lançou um olhar nervoso ao vampiro.

– Alexei, vai tratar daquele assunto – disse o Inveja.

O assistente inclinou a cabeça e saiu.

Pelo que o Inveja sabia, os humanos neste reino não acreditavam necessariamente em vampiros, mas podiam decerto sentir que eram presas quando estavam perto de um.

O medo aguçava os sentidos dos mortais, aproximando-os do mundo animal, mas eles achavam que os seus

instintos naturais de sobrevivência eram um puro disparate.

Devido à arrogância ou ao ego, o homem era a única criatura que ignorava frequentemente o que nenhuma outra presa ignorava: confia nos teus instintos ou sofre as consequências.

– Sim? – retomou o Inveja, chamando a si a atenção de Goodfellow quando o vampiro saiu.

– Os convites foram todos enviados, milorde. Nenhuma família nobre de Waverly Green querará faltar. O cozinheiro tem sido...

– Enviou um à Miss Antonius?

– A artista? – perguntou Goodfellow.

O Inveja ofereceu um leve aceno de cabeça.

– Ainda não, milorde. Mas de facto a sociedade preza-a, apesar do seu passado trágico, portanto irei adicioná-la à lista. Como eu estava a dizer, o cozinheiro tem...

– Explique-se.

– Hum, sobre o cozinheiro ou... – Goodfellow interrompeu-se sob o olhar duro do Inveja. – Oh, a Miss Antonius. A mãe dela foi-se embora precisamente antes de ela se ter estreado na sociedade, pobrezinha. Tornou as coisas bastante difíceis para a jovem com todos aqueles rumores desagradáveis. Nenhuma mãe queria que o filho a cortejasse. Agora é como uma solteirona, embora a alta sociedade adore a sua galeria, o que faz com que a Miss Antonius continue a ser um elemento interessante, suponho.

O Inveja refletiu por um momento. A mãe de Camilla fora-se embora, ela não tinha perspectivas de casamento... então porque o rejeitara tão radicalmente? O Inveja deixara claro que tinha um título, e era obviamente atraente. Camilla devia ter pelo menos tentado namoriscar com ele.

A não ser que estivesse à espera de que ele o fizesse...

Porque é que o maldito esquema do Luxúria era sempre o caminho certo a seguir?

Talvez o Inveja devesse tentar seduzi-la a seguir. Valia a pena tentar.

Goodfellow tomou a reflexão silenciosa do Inveja como um convite para continuar o seu relatório.

– O cozinheiro recebeu as instruções para o mercado, e mandei um criado ir buscar as máscaras que ordenou. O jardineiro também recebeu instruções sobre os arranjos florais. As renovações do salão de baile estão a decorrer e deverão ficar concluídas pelo menos dois dias antes, dando tempo para quaisquer ajustes que Vossa Senhoria possa desejar.

– E as amoras e o açúcar mascavado?

– Já está tudo tratado, milorde. Juntamente com o melhor *bourbon* de Waverly Green.

O Inveja assentiu.

– Progressos na galeria da ala norte?

– Os retratos foram todos desvelados e as esculturas estão agora a ser limpas.

– Espero que o labirinto de sebes também esteja sob controlo.

– Claro que sim. O jardineiro tem as imagens que lhe entregou e está a tratar disso.

Um pouco da tensão que o Inveja sentia desde a rejeição de Camilla foi aliviada. Pelo menos alguma coisa estava a correr-lhe bem esta noite.

Goodfellow pigarreou, e o Inveja suspirou.

– Mais alguma coisa?

Com um pouco mais de teatralidade do que seria necessário, Goodfellow revelou um envelope. Monótono e insípido.

– Chegou um convite, milorde. Da Casa Gretna. – O Inveja olhou fixamente para o mordomo. – Perdoai-me, milorde. A Casa Gretna é a casa do Lord Philip Vexley. É um favorito da sociedade, embora um pouco infame, se me permite a liberdade.

Por baixo do seu ar pomposo, Goodfellow era um terrível fofoqueiro, mais do que disposto a ajudar o Inveja a conhecer os meandros de Waverly Green.

– O que o torna infame? – O Inveja bebeu um gole do seu *whisky*, curioso.

O rosto corado de Goodfellow ficou ainda mais vermelho, indicando que envolveria libertinagem.

– Há rumores de que ele dá... hum, festas devassas, para um círculo restrito de amigos, milorde.

O Inveja controlou as feições. «Que previsível e tão típico de um humano», pensou ele.

Mais valia divertir-se um pouco e ver Goodfellow atrapalhado.

– Os convidados têm comportamentos lascivos?

Goodfellow respirou fundo, depois assentiu. Os olhos dele brilharam com a necessidade de partilhar esse delicioso escândalo.

– E? – encorajou o Inveja.

– Oh, bem, ouvi dizer que alguns convidados se esgueiram para os jardins para... – olhou em volta como que para se certificar de que ninguém mais os ouvia – se beijarem.

– Beijarem. – O Inveja contou mentalmente até que a vontade de se esfaquear a si mesmo, *repetidamente*, passasse.

– Alguém presencia efetivamente esse... comportamento lascivo?

– Bem, imagino que sim. Embora não tenha ouvido

nada de concreto.

O Inveja não devia ter escondido o seu desinteresse tão bem quanto pensara; Goodfellow apressou-se a continuar.

– Isso não é nada comparado com a arte que ele colecionou. A maior parte não é adequada para pessoas de bem. Não que o Lord Vexley se preocupe com isso. Diz-se que ele tem uma coleção particular de implementos com a forma dos membros viris. Mantém-nos escondidos, caso contrário as senhoras desmaiariam ao jantar. A sociedade fecha os olhos ao Vexley até um certo ponto.

– Sendo esse ponto a arte em forma de membro viril – concluiu o Inveja.

– De facto, milorde. Há ainda outro rumor, embora infundado, de que ele organiza... demonstrações... assim que as senhoras se retiram depois do jantar.

Goodfellow teria uma embolia se alguma vez visitasse a Casa Luxúria. Aí, demónios a brincar com implementos com a forma dos membros viris era uma ocorrência comum.

Entretanto, com a menção a arte, o interesse do Inveja foi finalmente despertado.

– Este Vexley é um ávido colecionador de arte, é isso? – perguntou o Inveja.

Goodfellow acenou com a cabeça.

– A coleção dele é tão grande como a que está aqui?

Goodfellow abriu a boca, mas fechou-a, reconsiderando.

– Eu não a vi pessoalmente, milorde, como tal não posso falar dela com absoluta certeza. Mas ouvi dizer que ele visita Silverthorne Lane. E Vossa Senhoria sabe o que se diz sobre o mercado negro.

– Esclareça-me.

– Bem, milorde, quase toda a gente em Green acredita que os negociantes não são propriamente... humanos.

As sobancelhas do Inveja ergueram-se um pouco. Não tinha ouvido nada sobre aquilo, mas os seus espiões iriam certamente ouvi-lo a ele por terem deixado escapar aquele pormenor.

– E o que julgam que são, em vez disso?

– Dizem que os traficantes de lá são *fae* exilados. Mas, na verdade, a maior parte dos que lá vão estão metidos nos copos, por isso... Pessoalmente, não acredito em tais contos de fadas.

O Inveja imobilizou-se. De facto, esta informação era deveras interessante.

– Tem a certeza de que este famoso lorde visita esses tais... *fae*?

– Sim. Foi o próprio criado dele que me disse, milorde. Uma vez por semana, sem falhar.

– Aceite o convite – disse o Inveja, dispensando o mordomo com um aceno de cabeça. Talvez tivesse encontrado por fim outro jogador.

Se Goodfellow desaprovou a decisão do seu senhor, sabiamente, não o deixou transparecer.

O Inveja queria ter uma ideia daquele patife que lidava com os *fae*, ver se a sua teoria estava correta.

Goodfellow retirou-se para cumprir as ordens do Inveja.

Se havia uma verdade que tinha de ser universalmente aceite, era esta: quando havia pecado envolvido, nenhum cavalheiro neste ou em qualquer outro reino poderia esperar superar um demónio.

Muito menos um príncipe do Inferno.



5

Camilla remexeu as suas saias enquanto a carruagem se movia pela rua calçetada e, ao seu lado, o Lord Edwards falava de um galo doméstico chamado *Peter*.

Ao que parecia, Edwards estava a ter novos problemas com o seu «pinto». Camilla rezou para que não fosse um eufemismo.

Cruzou o olhar com o da sua amiga na carruagem, notando que a Lady Katherine havia encostado as costas da mão enluvada aos lábios, provavelmente a abafar uma gargalhada. Um facto que não surpreendeu Camilla minimamente. Camilla e Kitty eram feitas da mesma massa retorcida; apenas o escondiam bem. Quase sempre.

– ... e é por isso, querida que devemos ir para Winterset, para supervisionar a propriedade o mais depressa possível – disse Edwards à mulher. – Não podemos permitir que o *Peter* ande à solta.

Se ao menos a sociedade sentisse o mesmo em relação a Vexley.

– Querido, não está programado regressarmos à nossa casa de campo nos próximos meses – acalmou-o Katherine, impressionantemente sem qualquer indício de troça na sua

voz. – Tenho a certeza de que as galinhas ficarão bem até ao verão. – Voltou a sua atenção para Camilla. – Vais voltar a juntar-te a nós, pelo menos uma parte do tempo?

– Claro.

Camilla encheu-se de calor e de gratidão. Quando tivera de arrendar a propriedade rural da família no verão anterior, Kitty fizera com que Camilla passasse quase toda a estação com eles. E Camilla nunca o dissera em voz alta, mas, mesmo que não tivesse sido forçada a arrendar a casa de campo do pai, ir para lá depois de ele ter morrido teria sido uma tortura. Receava sentir o fantasma da sua presença a vaguear pelos corredores e o cheiro do chocolate quente que ele costumava fazer para beberem apesar do calor do verão, enquanto pintava e contava histórias de humanos beijados pelos *fae*, subservientes ao misterioso rei das fadas.

Em algumas histórias o rei era cruel, noutras era divino e benevolente. À medida que crescia, Camilla compreendia que tudo aquilo era um disparate, mas adorava a forma como Pierre se entusiasmava com as suas lendas, mesmo que, no final, se agarrasse a elas com demasiado desespero, ao mesmo tempo que a sua ligação à realidade enfraquecia.

– Talvez a Miss Antonius possa pintar a imagem do *Peter*.

Kitty suspirou.

Camilla foi salva de qualquer outra menção ao mau comportamento da ave quando a carruagem parou. Engoliu o súbito nó na garganta, e sentiu os nervos a formigar quando o cocheiro deu a volta para abrir a porta e ajudá-la a descer.

Tinham chegado à Casa Gretna, a residência de Vexley.

A casa ficava no Greenbriar Park, um dos bairros mais exclusivos do lado leste de Green.

O edifício – de pedra branca, acentuado por terraços de ferro forjado e árvores em flor e por arbustos floridos que caíam em cascata ao longo da fachada – estava perfeitamente conservado, combinando com todas as outras casas da rua. Uma bela vedação de pedra separava o pequeno pátio da frente da avenida calcetada.

Camilla saiu da carruagem erguendo a cabeça para olhar para a casa, para as luzes que brilhavam no interior, para os alegres foliões que não faziam ideia do que tudo aquilo lhe custara a ela. Tinham sido os seus negócios ilícitos a ajudar Vexley a comprar esta casa. Ali estava uma manifestação física dos seus crimes, a provocá-la com a sua sumptuosidade.

Havia muito em jogo para ela nas próximas horas. Naquela noite, ou recuperaria a sua liberdade, ou ficaria para sempre presa na teia de enganos de Vex, o *Vexame*.

Mais rapidamente do que ela desejaria, o trio subiu a grande escadaria, despojou-se dos seus casacos e estolas e foi conduzido para a sala de convívio, onde se misturou com os convidados que já tinham chegado.

Alguém chamou o Lord Edwards, e Camilla estava tão nervosa que mal reparou quando ele e Katherine se afastaram para cumprimentarem os seus conhecidos, deixando-a por sua conta.

Observou o pequeno grupo de convivas à procura de Vexley. No canto, os imbecis mas ricos Lord Walters e Lord Harrington tentavam entreter as irmãs Carrol, duas lindas mulheres de cabelo cor de mel, maculadas pelos rumores de que o título do pai havia sido comprado pelo sucesso do seu antro de jogo. Sorriu educadamente para elas e para outros, mas não viu Vexley.

Camilla aproximou-se do ponche e pegou numa taça, bebendo-a enquanto voltava a examinar a sala. Katherine e

William estavam agora a falar com o melhor amigo de William, o Lord Garrey. Um homem de trinta anos que, como a maioria ali, era conhecido por agraciar as páginas de sátira de vez em quando.

Garrey permanecia um dos homens mais cobiçados temporada após temporada, graças a saber-se que um dia herdaria um ducado. O seu sorriso malicioso e o seu charme juvenil ajudavam, embora o seu vício pelo jogo fosse difícil de ignorar, como Camilla lembrava regularmente a Kitty.

A Miss Young e a Miss Linus também estavam presentes. Camilla tinha dúvidas de que os pais delas soubessem que elas se tinham escapulado para visitar a casa de Vexley. Ambas se aproximavam do estatuto de solteironas, mas ainda não tinham sido totalmente postas de lado.

A sua acompanhante, a viúva Janelle Badde, levantou o copo para cumprimentar Camilla. Camilla sempre admirara Janelle. Casara com um homem com o triplo da sua idade que morrera pouco tempo depois, deixando-a uma viúva jovem e feliz que tirava o máximo partido do seu estatuto, arranjando amantes e oferecendo-se como dama de companhia para as suas amigas solteiras quando a ocasião o exigia.

Externamente, a sociedade não aprovava, mas também não tinha como desaprovar. Camilla acabara de se voltar para observar a outra metade da sala quando o seu olhar pousou *nele*.

O Lord Ashford Synton em toda a sua imponente e exasperante glória.

Estava sozinho, a admirar um quadro no lado oposto da sala, e ainda não tinha reparado nela, por isso Camilla parou um momento para o estudar, sentindo-se vagamente irritada ao perceber que não era a única a fazê-lo. A viúva

Janelle estava praticamente a salivar ao percorrê-lo com o olhar.

Camilla compreendia a sua reação. O homem tinha uma figura respeitosa, mesmo do outro lado da sala, com a luz das velas a dourar-lhe os contornos nítidos do rosto. Com um sobressalto, Camilla viu o que lhe estava a atrair a atenção. Estava diante do quadro favorito dela na casa de Vexley.

Era uma aguarela de um campo com um celeiro rústico – algo que ela imaginara no norte, ou mesmo num dos contos do seu pai. Os tons de verde e creme imperavam, desde as montanhas ao fundo, que eram de um tom verde-caçador-escuro, até à erva comprida em primeiro plano, uma sálvia pálida e brilhante.

O quadro evocava uma sensação de paz. A ideia de simplicidade, de uma vida vivida sem segredos, sem uma gaiola social.

Como seria correr descalça por aquela erva macia? Levantar as saias até aos joelhos e não se preocupar com o facto de ser ou não uma senhora? Camilla ansiava por sentir a terra debaixo dos pés, por dançar em camisa de noite sob as estrelas. Viver sem estar condicionada pelas regras dos outros. Sob toda a sua cordialidade e boas maneiras, ela era selvagem e indomável.

Perguntou-se o que Synton via, o que sentia enquanto levantava a mão, traçando o celeiro quase em reverência.

– Ele é... admirável, não é?

Camilla ouviu a voz da viúva Janelle, que nem sequer estava a olhar para ela. O olhar da mulher quase pegava fogo à roupa de Synton.

– Sabe como se chama? – perguntou a viúva, ávida.

Camilla irritou-se com a pergunta, embora a sua reação não fizesse qualquer sentido.

– Não, lamento. – Desviou rapidamente a sua atenção para a festa. – Estou com sede. Deseja mais ponche?

A viúva Janelle emitiu um som de desinteresse. Camilla dirigiu-se aos refrescos mais próximos, deixando Janelle entregue à sua curiosidade. Vexley ainda não os tinha agraciado com a sua presença, o que indicava que ou já estava bêbedo, ou à espera de fazer uma entrada dramática. Fosse como fosse, talvez ela tivesse tempo para explorar enquanto toda a gente estava entretida.

Entusiasmada, Camilla afastou-se rapidamente da mesa e esbarrou em alguém que também tinha vindo buscar uma taça de ponche.

– Peço... – As palavras falharam-lhe quando olhou para cima. Dois olhos cor de esmeralda penetrantes olhavam-na fixamente.

Demorou mais um instante até que ela percebesse que as duas mãos fortes do Lord Synton a tinham segurado, impedindo-a de derramar a bebida. A frieza do olhar dele estava em dissonância com o ardor que Camilla sentia nos locais onde ele a agarrava com força, os seus longos dedos encaixando-se facilmente à volta dos seus braços.

– Como é que chegou aqui tão depressa? – perguntou ela.

A boca dele fez um trejeito num dos lados, a sua expressão degelando lentamente.

– Viu-me mas não me cumprimentou? Sinto-me ofendido, Miss Antonius.

A voz de Synton era como o estrondo de um trovão no ouvido dela. Quando ele finalmente baixou as mãos, não se afastou.

– Talvez estivesse a tentar apalpar o terreno. Uma senhora deve saber onde é seguro pisar – brincou ela.

– E com isso está a pisar o meu ego.

– Perdoe-me, milorde. Não fazia ideia de que seria tão fácil magoá-lo.

Ele olhou-a lentamente, com uma sobrancelha arqueada.

– Costuma vir aqui muitas vezes?

– Sim.

Camilla apercebeu-se de duas coisas à medida que a expressão do belo senhor mudava de indiferença para curiosidade: primeiro, que ele era tão pecaminosamente cativante como ela imaginara, quando quase tivera um orgasmo dentro de uma carruagem em movimento, e, segundo, que Synton já devia ter ouvido os rumores sobre aquelas festas.

O calor inundou-lhe as faces.

Em geral, nada de estranho acontecia ali, pelo menos não quando ela estava presente, embora os casais se esgueirassem mais do que o normal para encontros íntimos e Vexley possuísse algumas estátuas de fertilidade que provavelmente tinham o propósito que as pessoas especulavam.

Ela apressou-se a apontar rapidamente para as pinturas de naturezas-mortas nas paredes, comparativamente mais suaves.

– O Lord Vexley é um admirador das belas-artes. Eu ajudo a organizar a sua coleção.

– Interessante. – Synton pronunciou a palavra como se quisesse dizer «repugnante». O seu olhar tornou-se perspicaz enquanto a examinava novamente.

– O que o traz aqui? – perguntou Camilla para desviar a atenção dele. Se ele presumia que ela estava ali para um encontro sexual, então Camilla sentia-se intrigada com o que ele teria a dizer em relação a si mesmo.

– Então é responsável pela maioria das peças dele? Ele

não... trabalha com mais ninguém? – perguntou Synton rigidamente, ignorando por completo a pergunta dela. Havia uma certa tensão no seu tom agora, subtil mas presente. Poderia ter pensado tratar-se de inveja, mas de quê, da arte de Vexley?

Camilla escondeu a sua irritação.

Responder a uma pergunta com outra pergunta era uma excelente tática de evasão.

Ela perguntou-se se o lorde estaria a insinuar o mercado negro, que muitas vezes espicaçava a curiosidade dos recém-chegados, mas aquele não era o momento nem o lugar para discutir esse negócio escandaloso.

Silverthorne Lane era uma área que a maioria da alta sociedade fingia não existir. Ela própria evitava-a, desde que a obsessão do pai por ela se tornara tão intensa nos seus últimos meses.

Não quisera alimentar nenhum dos rumores que haviam surgido no final – a sociedade espalhara que o seu pai se tinha apaixonado por uma traficante *fae* e que se tinha viciado na magia das trevas, capaz de lhe proporcionar algumas horas de esquecimento.

Camilla sabia que não era verdade.

A obsessão do pai fora por algo muito mais perigoso.

– O Vexley compra através de mim com bastante frequência, embora eu seja apenas uma entre muitos comerciantes de arte.

Um braço deslizou em torno da sua cintura.

– Querida, acredite que é muito mais do que uma comerciante de arte para mim.

– Lord Vexley.

As costas de Camilla contraíram-se com o peso indesejável do braço de Vexley sobre si.

Quando pensou que não podia piorar, a mão do devasso

desceu, acariciando-lhe o traseiro.

Camilla irritou-se tanto com o toque indesejado quanto com a insinuação ousada de Vex, o *Vexame*, de que havia algo mais na relação deles. Se precisava de outra prova de que tinha de agir naquela noite e recuperar a sua liberdade, aquele era o sinal. Na verdade, esperava que não fosse demasiado tarde.

Esquivou-se rapidamente, desenlaçando-se do abraço sem que ninguém – além de Synton – percebesse a falta de decoro.

Contudo, Synton não estava a olhar para ela. Encarava Vexley com frieza. A sua expressão assumiu um ar de desagrado tão gélido que, por um momento, Camilla jurou que podia ver a sua respiração no ar.

– Tem o hábito de reclamar coisas que não lhe pertencem, Vexley?

Os lábios de Camilla entreabriram-se com o espanto. Estaria Synton... com ciúmes?

Por sorte, Vexley resfolegou como se Synton tivesse contado uma piada inteligente, indicando que já se tinha servido de uns quantos copos.

– O senhor deve ser o recém-chegado Synton. Ouvi dizer que também é um grande colecionador. Embora duvide que a sua seja tão grande quanto a minha.

Synton ignorou a insinuação e a sua atenção voltou-se de novo para Camilla.

– Adoraria fazer uma visita à sua galeria, Miss Antonius, para ver o que lá tem. Estou à procura de várias peças para a minha própria galeria em Hemlock Hall.

– Hemlock Hall? – interrompeu Vexley, percebendo que estava a ser ignorado. – Esse lugar está um caos.

– Miss Antonius? – insistiu Synton, ainda sem se dignar a reconhecer o seu anfitrião.

Camilla compreendeu de imediato o que Synton estava a oferecer. À sua maneira arrogante e teimosa. Não desejava voltar a estar sozinha com ele em Wisteria Way, mas aquela circunstância era de longe preferível a estar a uma curta distância dos dedos de Vex, o *Vexame*.

– Posso arranjar tempo ainda esta noite ou amanhã ao amanhecer.

– Hoje à noite, então.

– Muito bem, milorde.

Camilla não tinha a certeza se devia estar grata pela intervenção de Synton. Parecia um pouco como saltar de uma panela de ferro fundido para um fogo ardente.

Synton tinha os seus próprios interesses, mas pelo menos ela podia escolher com que diabo se iria deitar. Metaforicamente falando, é claro.

Uma imagem de Synton deitado sobre lençóis escuros, de pele bronzeada, com os braços cruzados atrás da cabeça, atravessou-lhe a mente antes que ela desse por isso.

– Vá lá, Synny. – Vexley não percebeu ou ignorou a raiva que cintilou nos olhos de Synton ao ouvir aquela alcunha. – A Camilla não devia passear-se pelo bairro das artes a horas indecentes.

– A Miss Antonius já tomou a sua decisão e não me lembro de ter solicitado a sua opinião desinformada e, francamente, bastante aborrecida, Vexley.

Camilla cravou os dentes no lábio inferior para evitar que a vissem ofegar ou rir. Synton havia realmente humilhado o desgraçado lorde na sua própria casa.

Um instante depois, o rosto de Vexley ruborizou-se, e as pontas das orelhas adquiriram o tom rosado mais brilhante que Camilla alguma vez vira, à medida que a mente dele assimilava o insulto.

Vexley era sem dúvida um homem atraente, mas a

forma como o seu rosto se contorceu fê-lo parecer demoníaco.

– Como se atreve?

Nisto, ouviu-se uma batida na porta da sala, e o mordomo entrou.

– O jantar está pronto, milorde.

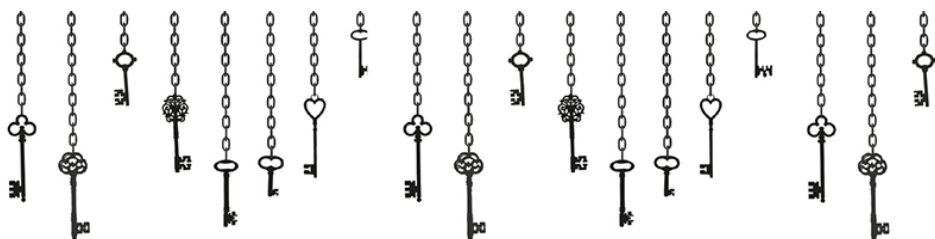
Cumprindo o seu papel, Vexley regressou de imediato ao seu comportamento de devasso imperturbável, a boca a pender para um dos lados num sorriso torto.

– Chegou a hora do banquete! – anunciou. Depois girou nos calcanhares, vacilando apenas ligeiramente antes de oferecer o braço a Camilla. – Miss Antonius. Amigos. Vamos?

Camilla sentiu o olhar pesado de Synton pousar sobre si mais uma vez, carregado de desaprovação, mas não se atreveu a olhar para ele, nem a rejeitar publicamente o cavalheirismo teatral de Vexley.

Tudo o que tinha de fazer era sobreviver àquele jantar.

Após os mais civilizados se terem ido embora e os restantes começarem a beber a sério, esgueirar-se-ia para encontrar aquela falsificação e pegar-lhe fogo, incinerando o poder de Vexley sobre ela de uma vez por todas.



6

O Príncipe Inveja observou Camilla a introduzir lentamente a mão na dobra do braço de Vexley. O mesmo braço que o Inveja acabara de fantasiar a remover do corpo. Os salpicos de sangue ficariam bem visíveis no papel de parede claro, mas refreou os seus instintos mais violentos.

Vexley exibia Camilla como se fosse um prémio. Um prémio que ele havia roubado, não ganhado.

O Inveja acreditava piamente na filosofia dos Sete Círculos: quando se tratava do jogo da sedução, cada pessoa devia *querer* jogar.

Vexley não deixara escolha a Camilla – e, pelo que o Inveja sabia dos costumes dos mortais, se ela o negasse, causaria uma cena.

E por alguma razão, a Miss Antonius não parecia querer chamar a atenção de ninguém por muito tempo esta noite. No entanto, o verde-caçador-escuro do seu vestido de seda combinava com a gravata do Inveja e isso continuava a atrair-lhe a atenção. No meio do mar de vestidos em tons pastéis que invadia a sua visão periférica, Camilla era uma mancha ousada de escuridão, intensa e magnífica.

Apesar do seu esforço para não o notar, Camilla era linda.

O seu cabelo prateado estava delicadamente encaracolado e afastado do rosto, evidenciando o queixo definido, o pescoço esguio e o medalhão de prata simples, mas deslumbrante, que combinava com os seus olhos.

Havia elegância na forma como ela se movia – o seu corpo exibia o tipo de ângulos delicados e curvas que imploravam por serem capturados numa tela. A forma como agora caminhava indicava que queria estar o mais longe possível do seu anfitrião.

Jogador ou não – o Inveja ainda não se decidira –, Vexley estava a tornar-se um obstáculo em mais do que um sentido. E o Inveja não tinha tempo a perder com imbecis.

A cada dia que passava, a sua corte enfraquecia, um problema que só ele podia resolver.

Fora por isso que decidira seguir o caminho mais seguro para esta segunda tentativa e seduzir Camilla. Era uma decisão puramente prática: não tinha nada que ver com a forma como a luz das velas se refletia nos caracóis prateados da mulher que seguia à sua frente.

O Inveja ofereceu o braço à mulher mais próxima – uma ruiva vibrante que se lembrava de ter visto chegar com Camilla – e seguiu a procissão pelo corredor fora até à sala de jantar.

– O senhor é o misterioso Lord Synton, presumo – comentou a ruiva de imediato.

– É isso que as pessoas têm dito sobre mim, Lady...?

– Lady Katherine Edwards.

Ele sentiu o olhar dela sobre si, mas manteve o seu fixo na procissão de lordes e senhoras que desfilavam lentamente em direção à sala de jantar. O Inveja fantasiou com a possibilidade de lhes cravar punhais mágicos no

traseiro para os fazer avançar mais depressa. O jantar ainda nem sequer tinha começado e ele já estava pronto para se ir embora.

– Não há dúvida de que provocou uma impressão – continuou ela.

O Inveja olhou de soslaio para a Lady Edwards.

– Tenho esse efeito, de facto.

Ela riu-se, cheia e profundamente, chamando a atenção de uma mulher de cabelo escuro à frente deles. A mulher olhou para trás, surpreendendo o Inveja com a luxúria evidente a brilhar nos seus olhos.

O seu foco desviou-se para a Lady Edwards e o ciúme da mulher de cabelos escuros disparou. Ele abriu um sorriso destinado a intimidar e ela desviou o olhar.

– Já percebi o que a minha amiga quis dizer. O senhor atrai sarilhos.

O seu olhar dirigiu-se para a cabeça prateada de Camilla, à frente na fila. A Lady Edwards estava a lançá-lhe o isco. E a divertir-se bastante com isso.

No entanto, talvez travar amizade com ela deixasse Camilla mais à vontade. Assim, o Inveja permitiu-se vestir a máscara de um nobre encantador mas distante.

– Esta noite, diria que sou apenas um pouco malévolo, Lady Edwards. – O Inveja ficou um pouco desanimado quando percebeu que era a verdade.

Mantivera o seu galanteio subtil, limitando-se a fazer perguntas que o pudessem ajudar no jogo. Quando Camilla entrara na sala, dedicara-lhe toda a sua atenção. Não querendo parecer demasiado atrevido, admirara o quadro mais intrigante da sala, concedendo-lhe cinco minutos antes de a procurar. «Uma porra de um cavalheiro perfeito», pensou ele com irritação.

No entanto, Camilla ficara completa e exasperadamente

indiferente ao facto de ele ter entrado em cena para evitar que ela derramasse a bebida e estragasse o vestido. Pouco importava que tivesse sido ele a causar a sua instabilidade. O Príncipe Gula afirmara que aquele movimento funcionava sempre quando se cortejava uma mortal. Segundo o irmão, as mulheres mortais adoravam um herói sombrio. Como se o heroísmo fosse determinado por uma inofensiva taça de ponche.

Como sempre, o Inveja estava a descobrir que o Gula era um palerma no que dizia respeito à arte de cortejar. A língua de Camilla revelara-se tão brilhante como o seu cabelo, açoitando-o com a sua rápida rejeição.

Se quisesse recorrer à sedução como segunda tentativa de obter a sua ajuda, teria de descobrir o que a excitava. De certeza que ela tinha alguma fantasia com que ele pudesse brincar.

O grupo entrou finalmente na sala de jantar, e o Inveja controlou as suas feições para esconder o seu desagrado.

A longa mesa coberta com uma toalha tinha sido decorada com candelabros e um número profano de copos de cristal. As glicínias – que deviam ter vindo de uma estufa e custado uma pequena fortuna – eram as flores dominantes, e ele sabia, pela forma como os olhos de Camilla se fecharam por um momento, que o pormenor também não lhe passara despercebido e não lhe agradara.

Que curioso.

– De onde é a sua família, Lord Synton? – perguntou a Lady Edwards, a sua voz cordial chamando a atenção do Inveja para si. – Synton é um sobrenome da costa oeste?

– Do sul – respondeu ele evasivamente.

Ela olhou-o de relance enquanto ajeitava o guardanapo no colo. Ele teve a nítida impressão de que a mulher o estava a retalhar mentalmente, em busca dos seus segredos

mais profundos.

– Vi-o a falar com a minha amiga há pouco. Como é que conhece a Miss Antonius?

– Sou um colecionador de arte e a galeria dela foi-me muito recomendada.

– Hum.

A Lady Katherine bebeu um gole da sua água.

O Inveja não precisava de usar a sua capacidade sobrenatural de sentir emoções para saber que ela estava cética em relação a ele.

– Muitos cavalheiros sentem-se fascinados com a sua... arte.

O seu pecado inflamou-se antes de ele abafar a sensação.

A Lady Katherine voltou o seu olhar astuto para Camilla e Vexley, que estavam agora sentados mesmo em frente a eles. Um homem chamado Harrington sentou-se do outro lado de Camilla, fazendo-a contrair-se ligeiramente. O Inveja registou mentalmente a necessidade de o investigar também.

– Ela é bastante talentosa e muito mais modesta do que o pai.

O Inveja desviou o seu olhar da artista.

– O pai dela também pintava?

É claro que ele sabia que Pierre fora pintor, mas agir como se não soubesse iria fornecer-lhe muito mais informação.

– Pierre Antonius ficou famoso por *A Sedução de Evelyn Gray*, entre muitos outros quadros. Certamente já deve ter ouvido falar dele, mesmo no sul. É o seu retrato mais famoso. A mulher que posou estava praticamente nua, usando apenas um véu que escondia a sua identidade. Além disso, tinha grandes asas de corvo. O trabalho de

Pierre retratava muitas vezes o fantástico, em especial aquilo a que ele chamava mestiços.

– Os humanos com um parentesco singular – completou o Inveja.

– Pode dizer-se que sim. – A Lady Katherine sorriu com recato. – Mulheres com asas, homens com chifres ou caudas diabólicas. Outros pareciam partilhar da sua obsessão. Através da sua arte, a sociedade podia entregar-se às suas próprias fantasias, exhibir peças que de outra forma seriam consideradas profanas.

O Inveja ouviu a lição de história da arte da Lady Katherine, não solicitada mas muito apreciada, enquanto o vinho era servido. Os seus espiões não tinham descoberto muito sobre Pierre, além do facto de ele ter aberto a galeria duas décadas antes e ter morrido há dois anos, deixando Camilla sozinha no mundo. Ela não tinha avós maternos ou paternos que ele tivesse encontrado, nem tias, tios ou primos.

«Estranho, tendo em conta que os humanos se reproduzem como coelhos», pensou ele.

– E a família dele? – perguntou o Inveja, bebericando o seu vinho.

– O Pierre? Teve uma história trágica. A mãe e o pai morreram num acidente de carroça quando ele era pequeno, e ele foi criado por um amigo da família. Ambos os seus pais eram filhos únicos e os pais deles também tiveram um fim violento.

– Poderia dizer-se que a família deles é amaldiçoada.

A Lady Katherine lançou-lhe um olhar cortante.

– Há quem o diga, e é obviamente imbecil.

Ele esboçou um leve sorriso. Ela havia, muito delicadamente, sugerido que ele também poderia ser um.

– E a família materna?

A expressão da Lady Katherine alterou-se.

– Esse é um assunto sensível que prefiro evitar.

O Inveja sorriu agradavelmente, embora por dentro se agitasse de curiosidade.

– Não precisa de afiar as suas garras, Lady Edwards. Não tenciono causar nenhum transtorno. O que mais intriga a nata de Waverly Green?

A Lady Katherine continuou a falar-lhe sobre o gosto de Pierre por enigmas e mistérios. Se ele não tivesse morrido, o Inveja teria pensado que ele também era um jogador no jogo. Mas tornara-se-lhe evidente que aquele fascínio era comum a muitos em Waverly Green. «Como são aborrecidos os jogos dos humanos», pensou enquanto acenava com a cabeça.

O mordomo voltou a aparecer, tocando solenemente uma campainha para anunciar que o jantar ia ter início. Tendo sido servido *à la française*, os convidados começaram a degustar a grande variedade de iguarias e acompanhamentos que um regimento de criados havia colocado ao longo da mesa: pratos de lombo de vaca assado com *jus* de alecrim; batatas a murro cobertas com cebolinho e salpicadas com manteiga derretida; cenouras glaceadas; um peixe com os olhos opacos recheado; espargos cozidos a vapor; camarões gigantes cozinhados inteiros, ainda com as caudas; e peitos de frango cozinhados em fogo lento, com um cremoso molho de natas e limão.

O Inveja teria passado bem sem o olhar acusador do peixe ou o trabalho manual envolvido na preparação dos camarões, mas afastou os pensamentos do seu rosto. De resto, a comida estava decente e a companhia da Lady Edwards era surpreendentemente tolerável.

Depois de todos terem provado a primeira rodada, veio

a segunda. Os pratos inspirados na região sul de um reino vizinho foram o centro das atenções, como uma salada de laranja, cebola em cubos e pinhões, com um molho picante à base de sal, pimenta, orégãos, azeite e vinagre.

Surgiu um segundo prato de peixe, que lhe trouxe um sorriso genuíno ao rosto. Fez-lhe lembrar o restaurante da família da cunhada e um prato que lá se servia. Porém, aquele banquete em nada se comparava ao luxo dos jantares na sua terra. Embora não gostasse de o admitir, o irmão do Inveja, Gula, impressionara-o recentemente, criando velas a partir de gordura de *bacon* que, depois de acesas e derretidas, formavam um delicioso e extravagante molho para as couves-de-bruxelas.

Claro que o irmão estava altamente motivado para organizar as melhores e mais mediáticas festas, pois encontrava-se numa disputa com uma jornalista, cuja rejeição se revelara bastante inspiradora.

Os pratos foram-se sucedendo e o vinho também. Felizmente.

Acabou de beber um copo e pediu outro, sem receber qualquer admoestação. De facto, vários convidados fizeram o mesmo.

Pelos vistos, a alta sociedade de Waverly Green também se fartara do seu pomposo e imaculado bom comportamento. Tendo em conta que Vexley era supostamente um canalha, aquele jantar estava a ser aborrecido de morte. O baile de máscaras do Inveja, na próxima semana, iria certamente agitar as coisas.

Do outro lado da mesa, a mulher de cabelo escuro de antes, uma viúva chamada Janelle, continuava a tentar chamar-lhe a atenção, pressionando os seios contra a mesa enquanto se inclinava, consciente de que a posição, combinada com o corpete decotado, proporcionava uma

visão tentadora.

O Inveja manteve a sua atenção no rosto dela, onde os seus lábios se encontravam ligeiramente franzidos.

– Um bom vinho, minha senhora, não é verdade?

A atenção dela desviou-se para a mão dele. Ele estivera a acariciar distraidamente o pé do seu copo de vinho, pensando em como envolver Camilla numa conversa e afastá-la de Vexley.

– É escultor, Lord Synton? – perguntou ela.

– Porque pergunta, Lady Janelle?

Um agradável rubor subiu-lhe às faces.

– Tem as mãos de um artista, milorde. Não posso deixar de imaginá-las a moldar objetos na perfeição. Se alguma vez precisar de um modelo, terei todo o gosto em posar.

Foi surpreendido por um lampejo de irritação, vindo do lado de Camilla. Mas quando o Inveja olhou de relance para ela, Camilla não estava a observá-lo. Em vez disso, fitava Vexley, que se inclinava para ela, com os olhos vidrados pelo quinto copo de vinho que acabara de beber.

– Lord Synton? – aventurou-se a Lady Janelle, de seios quase a saltarem-lhe para fora enquanto se inclinava mais para a frente.

O Inveja livrou-se de ter de responder quando o homem à sua esquerda parou finalmente de pensar no próprio umbigo para se interessar por aquela mulher. E pelo seu generoso decote.

Felizmente, Janelle pareceu agradada com a reviravolta, como se esse tivesse sido sempre o seu plano. Jogos dentro de jogos.

O jantar de Vexley depressa se afastou do ambiente educado com que se iniciara quando as bebidas espirituosas mais fortes começaram a circular juntamente com o vinho, assegurando que os convidados – tanto as

senhoras como os cavalheiros – ficavam tão embriagados quanto desejassem.

– Doce maná dos céus – sussurrou o Inveja, tirando um *cocktail* de uísque de uma bandeja, lamentando pela primeira vez na vida que o seu sangue de demónio o impedisse de ficar embriagado com bebidas mortais como todos os presentes.

Horas mais tarde, depois de a última sobremesa ter sido trazida e retirada, o anfitrião pegou num cálice da mesa e levantou-o bem alto, entornando metade do seu conteúdo na manga do casaco e espalhando o restante licor vermelho pela toalha de mesa, como se estivesse a recriar a cena de um homicídio.

O Inveja manteve o seu rosto impassível, embora se sentisse irritado. Desprezava exhibições trapalhonas. Revelavam falta de controlo.

Decerto que aquele bêbedo imbecil não era seu adversário.

– Senhoras, por favor, dirijam-se à sala de convívio enquanto os cavalheiros fumam os seus charutos. Dentro de momentos, voltaremos a reunir-nos para eu mostrar o meu mais recente tesouro. Depois, que tal jogarmos? Se se atreverem.

Sem olhar na sua direção, o Inveja sentiu as emoções de Camilla e reparou que ela estava a ficar cada vez mais nervosa. Enquanto Vexley falava, o seu desconforto envolvia as entranhas do Inveja, como se a sua crescente ansiedade fosse dele.

A Miss Camilla Antonius ou andava a tramar alguma infâmia ou estava perturbada com o que Vexley havia reservado para todos. Ou talvez estivesse entusiasmada com a perspectiva dos jogos dele.

O Inveja lembrou-se do que Goodfellow lhe dissera.

Combateu a vontade de olhar para ela. Talvez tivesse interpretado mal as emoções de Camilla antes do jantar – talvez ela apenas se tivesse zangado com Vexley pela sua exibição pública e não por o seu toque ser indesejado.

A antecipação e o nervosismo eram quase idênticos na sua essência, por isso era impossível discernir qual das emoções a artista estava a sentir. Só muito raramente os seus sentidos sobrenaturais não o ajudavam, e o Inveja não gostava muito dessa incerteza.

Talvez outra oportunidade estivesse a surgir. Se conseguisse determinar os planos de Camilla para aquela noite, então poderia arranjar uma forma de se tornar indispensável para ela, assegurando assim que ela o ajudaria em troca. Sem necessidade de sedução.

– Muito bem – disse Vexley, por fim. – Vamos a isto, então.

Pelo canto do olho, o Inveja viu Camilla a esgueirar-se pela porta. Procurando não chamar a atenção, ele levantou-se rapidamente, mas, no momento em que empurrava a cadeira para trás, foi detido pela Lady Katherine.

– Seja um querido e acompanhe-me à sala de convívio, milorde – disse ela, bloqueando-lhe o caminho.

Olhou de relance da mulher intrometida para a porta, questionando-se se recorrer à sua magia naquele momento poderia de alguma forma prejudicá-lo. O risco era mínimo, mas o Inveja não podia quebrar nenhuma regra de conduta.

– Não demora nada – acrescentou ela.

Esse «nada» foi tudo aquilo de que Camilla precisou para fugir, um facto que a sua amiga ou parecia saber ou deduzira, tal como ele.

O Inveja, vencido – de entre todas as coisas malditas – pelas boas maneiras, lançou-lhe um sorriso agradável e ofereceu-lhe o braço.

– Claro, Lady Katherine. Indique o caminho.



7

Após percorrer rapidamente o corredor com os olhos para se certificar de que estava sozinha, Camilla correu em direção à escadaria que conduzia aos quartos no piso superior, o som da festa a aumentar à medida que todos se dirigiam para a porta por onde ela acabara de sair.

Com sorte, a maioria dos convidados estaria demasiado embriagada para se aperceber da sua súbita saída e focada nos jogos perversos que Vexley insinuara de forma não tão subtil.

Continuava a surpreender-se com o facto de até o homem mais sensato se poder tornar tão simplório com a perspectiva do pecado. Durante as suas primeiras temporadas, observara em segredo casais a escapulirem-se durante os bailes, precipitando-se para os jardins para cederem aos seus desejos. Os homens eram aplaudidos de pé, considerados libertinos e aventureiros, se fossem descobertos, mas as mulheres eram postas de lado como meretrizes, condenadas por agirem de acordo com o que era natural para ambas as partes. Era injusto e incomodava Camilla mais do que ela deixava transparecer.

Os homens podiam dar-se ao luxo de se manterem

solteiros elegíveis enquanto alimentavam os seus apetites sexuais, mas as mulheres eram avisadas para se manterem puras caso recusassem o laço da felicidade conjugal. E, apesar de o detestar, Camilla também jogava esse jogo, pois não queria renunciar à sua reputação, a sua maior moeda de troca naquele reino.

Ao pensar em desejo, veio-lhe à mente o Lord Synton, mas rapidamente afastou esse pensamento. Com alguma sorte, ele iria distrair-se com uma das muitas senhoras que o haviam admirado abertamente durante o jantar.

A irritação sobrepôs-se ao seu nervosismo por um momento, embora Camilla não tivesse o direito de se sentir assim. A ideia de Synton a esgueirar-se para ter um caso clandestino ao invés de procurar a sua companhia perturbava-a. Na sua fantasia, ele ficara inebriado apenas por ela, concentrando-se no seu prazer com a mesma intensidade com que ela estudava um assunto que pintava.

Era essa intensidade que ela adorava imaginar, essa sensação de ser totalmente consumida por outra pessoa.

Só por uma vez, Camilla queria que alguém a desejasse a ela. Não à sua arte. Não ao seu talento. A ela.

Às vezes sentia-se tão só. O pai tinha partido, a mãe também. A fantasia de Synton lembrava-a de tudo o que ela não tinha, mas queria. Contudo, na verdade, Synton não olhara na direção de Camilla nem tentara conversar com ela durante o jantar.

E era precisamente por isso que ela não voltaria a confundir fantasia com realidade.

Afastando os pensamentos que a distraíam, Camilla concentrou-se apenas na tarefa que tinha em mãos: encontrar a falsificação e destruí-la.

As largas tábuas de carvalho rangeram ruidosamente sob os seus pés, fazendo com que a sua pulsação acelerasse

enquanto agarrava nas saias e saltava para o primeiro degrau, ficando fora de vista no momento em que a porta da sala de jantar se abriu contra a parede e o som das vozes se espalhou pelo corredor como garrafas de vinho abertas.

– Ei! – gritou Vexley. – Cuidado, Walters, ou vais causar um escândalo maior do que o Harrington quando mijou naquela estátua.

Camilla não se atreveu a parar à medida que as gargalhadas se aproximavam. Havia supervisionado a colocação de quase todas as obras de arte na casa de Vexley, o que lhe permitia conhecer pormenorizadamente a disposição das divisões. A primeira porta à sua esquerda continha uma sala de leitura com algumas prateleiras de livros, duas cadeiras confortáveis e uma boa lareira. Era muito mais pequena do que a biblioteca principal, no andar de baixo, e praticamente não era utilizada pelo dono da casa.

Entrou na ponta dos pés, fechando a porta com um estalido silencioso, aliviada por ver o fogo a arder suavemente. Vexley podia não pegar num livro com a mesma frequência com que pegava num espelho de mão, mas era vaidoso o suficiente para querer dar a entender que era um leitor assíduo, caso alguém se esgueirasse para uma troca de beijos naquele quarto.

– Certo, então. O quadro. – Camilla começou logo a procurar.

Apressou-se a apalpar as estantes à procura de trincos escondidos. Depois de ter vasculhado cada uma delas, pisou todas as tábuas do chão, à procura da mais pequena diferença de som que indicasse um compartimento por baixo delas.

Empurrou a parede de painéis, ficando mais frenética à medida que os minutos passavam. Nenhum armário, porta

ou candelabro abria uma passagem secreta para outra sala. E não havia outro sítio onde esconder o quadro.

Antes de se virar para ir embora, Camilla espreitou para trás da tela pendurada por cima da lareira, certificando-se de que não havia ali nada escondido.

Aquele «retrato» era um exagero. Um homem nu que se parecia surpreendentemente com Vex, o *Vexame*, esparramava-se numa nuvem. A sua mão envolvia o seu membro ereto, e o olhar fixava, como se podia presumir, quem contemplasse a tela.

Pelos padrões da sociedade elegante, era bastante lascivo, mas, enquanto estudiosa de arte, Camilla não se deixava intimidar pela forma masculina.

Lutou contra a vontade de lhe bater nos malditos testículos e, convencida de que o quarto não albergava a falsificação, abriu a porta e ficou à escuta durante uns instantes antes de sair.

As vozes soavam pelas escadas como fantasmas de amantes passados, mas aquele piso ainda se encontrava desocupado pelos vivos.

Nenhum casal tinha subido, pelo menos até àquele momento, mas, como se tratava de uma das festas de Vexley, era apenas uma questão de tempo.

Camilla esgueirou-se pelo corredor e entrou rapidamente na divisão seguinte, o quarto de banho. Fez a mesma busca que antes, batendo nas paredes, empurrando painéis e examinando o espaço por trás de outras obras de arte. Agachou-se e espreitou debaixo da banheira, passando as mãos pela parte inferior e pelo chão, para ter a certeza.

Nada.

Camilla pôs-se de joelhos, examinando o espaço de um ângulo diferente.

O pai sempre lhe dissera para prestar atenção aos

pormenores de uma divisão – por vezes, olhar para o espaço negativo revela mais do que olhar diretamente para o assunto em estudo.

Era um truque que fazia maravilhas nos bosques da sua propriedade rural. Certa vez, Camilla vira uma garça alta entre as árvores, por ter localizado as suas pernas no espaço entre os troncos das árvores.

Infelizmente, ali não havia nada fora do normal.

Camilla inspecionou um armário de roupa de cama e rezou para que este escondesse a sua salvação, mas não viu mais do que toalhas bem dobradas, um roupão de seda e barras de sabão.

As duas buscas seguintes, nos quartos de hóspedes, saíram igualmente frustradas, mas foram acompanhadas de um arrepio de medo, pois jurava que estava a ser observada.

Esperou nas sombras, com as costas encostadas à parede, o coração aos saltos, que quem quer que fosse se revelasse, mas claro que não estava ali ninguém.

Por fim, parou à porta dos aposentos privados de Vexley, certa de que não havia maneira de ele ter escondido a falsificação ali. Vexley afirmara que estava longe da vista do público e, pelo que sabia das suas atividades noturnas, o quarto de dormir recebia mais convidados do que a sala de convívio.

Ainda assim, recusava-se a deixar qualquer recanto sem ser vasculhado.

Rezando para que a sorte estivesse do seu lado, Camilla entrou no único quarto que jurara nunca visitar. O cheiro avassalador da colónia de Vexley quase a fez correr na direção de onde tinha vindo, mas, a menos que ele tivesse um túnel secreto que o conduzisse da sala de convívio ao quarto de dormir, o lorde não podia estar à espera dela lá

dentro.

Como tal, Camilla entrou a passos largos na ampla divisão, deixando a porta aberta para conseguir ouvir o ruído feito por alguém que se aproximasse.

Camilla não tinha a certeza do que esperara encontrar – um leito enorme com lençóis desalinhados, algumas mulheres nuas a satisfazerem-se a si próprias ou umas às outras enquanto esperavam –, mas nunca imaginaria deparar com uma cama de tamanho normal, com cobertas imaculadas, mobiliário de quarto bonito mas simples, uma lareira bem cuidada na parede mais distante e o quadro que procurava exposto orgulhosamente por cima da cabeceira da cama.

– Vexley, seu imbecil.

Claro que ele não resistiria a mostrar a falsificação às suas amantes.

Sem demora, Camilla levantou o seu vestido e subiu para a cama.

Os seus dedos tinham acabado de se fechar em torno da moldura dourada quando ouviu um som que lhe disparou gelo pelas veias: o ranger da tábua do chão mesmo atrás dela.

Estacou, pensando no que fazer. Desse por onde desse, uma coisa era certa: não podia largar o quadro agora.

A lareira ficava no lado oposto da divisão, mas, se se movimentasse depressa, talvez conseguisse atirar o quadro lá para dentro antes que Vexley o conseguisse apanhar. Não ficaria totalmente destruído, mas seria o suficiente para que ele deixasse de o exibir ou de o usar contra ela.

Esperou que Vexley exigisse que ela largasse a falsificação, mas não se fez ouvir nenhum comentário arrogante ou malicioso.

Talvez o barulho não fosse de alguém que a tivesse

seguido até ao quarto. Tinham todos bebido bastante, e Camilla achava que não seriam capazes de subir as escadas à socapa, quanto mais entrar sem serem detetados. Talvez fosse apenas uma casa velha e rangente.

Contudo, Camilla sabia que não era esse o caso; o calor que lhe percorria o pescoço indicava que alguém estava de facto no quarto com ela. Controlou os nervos e virou-se lentamente, pronta para atirar a tela pela janela ou usá-la para estrangular Vexley, se fosse necessário.

– Por favor. Não pare por minha causa.



8

Synton encostou-se casualmente à parede, de braços cruzados, com um sorriso divertido nos lábios. De alguma forma, tinha conseguido entrar no quarto e fechar a porta atrás de si sem fazer barulho.

Um feito que deveria ser impossível para um homem do seu tamanho.

– Estou bastante interessado em ver o que vem a seguir, Miss Antonius.

Em vez de o deixar levar a melhor, Camilla decidiu dar a volta à situação. A falsa bravata podia fazer maravilhas.

Largou a pintura para colocar as mãos nas ancas e lançou o seu melhor olhar altivo a Synton.

– O que está a fazer aqui?

– Tinha um compromisso comigo, lembra-se? – O olhar de Synton deixou o dela para contemplar a pintura. – Vim intercetá-la antes de se despir para o seu encontro íntimo.

– O meu encontro íntimo? Com o Vexley? – A voz dela subiu uma oitava. Synton arqueou uma sobrancelha, à espera. – Asseguro-lhe de que preferia ir a um baile da Coroa nua a tornar-me o brinquedo do Vexley.

O olhar de Synton obscureceu. Ele apontou para a

pintura com a cabeça.

– Em vez de a encontrar a despir-se, imagine a minha surpresa ao dar consigo a roubar a famosa *A Sedução de Evelyn Gray*. É um tanto ou quanto malicioso para uma artista.

– Não estou a roubar nada, milorde.

Por norma, Camilla não recorria à mentira, mas precisava de se livrar de Synton antes que ele arruinasse a sua melhor hipótese de destruir a falsificação.

O silêncio estendeu-se entre eles. Ele não acreditava nela, e com razão, mas mesmo assim ela prosseguiu.

– O Vexley pediu-me para mandar limpar isto no início da semana. Eu vinha apenas buscá-lo antes de irmos para a galeria. – Sem conseguir parar, ela acrescentou: – Pareceu-me bastante encantado com a menção do Vexley aos jogos. Presumi que fosse ficar ocupado durante algum tempo.

Um esgar de divertimento atravessou as feições de Synton.

– Foi por isso que entrou e saiu sub-repticiamente de todos os quartos deste piso? Vinha buscar o quadro e, ao mesmo tempo, certificava-se de que eu tinha tempo para cortejar uma amante? Que magnânima.

Camilla semicerrou os olhos.

– Tem o hábito de espiar as senhoras, milorde?

– Apenas as que declaram que nunca casariam comigo ainda antes de me conhecerem, mas que depois ficam com ciúmes perante a ideia de eu ter um encontro íntimo com outra pessoa.

– Não estou com ciúmes. E, se quer saber, naquele dia pensei que fosse outra pessoa – disse ela. – Esta noite, andava à procura do quarto de banho. Se fosse um cavalheiro, ter-se-ia anunciado e oferecido ajuda, em vez de se esconder nas sombras.

O irônico ar divertido desapareceu do rosto de Synton. Ele inclinou a cabeça para um lado, deslizando o olhar languidamente por cada centímetro dela, como se cada curva e cada saliência fossem apenas para o prazer dele.

Quando voltou a encará-la, não havia como enganar a fome crua que brilhava nos seus olhos cor de esmeralda. Ela desejava odiar o seu olhar quente, mas ele tirava-lhe o fôlego, como um fogo a crepitar.

– Acredita que sou um cavalheiro, Miss Antonius? Apostaria que o seu coração está a bater tão violentamente porque, no fundo, espera que eu não o seja.

Camilla não sabia ao certo como é que ele percebera que o seu coração começara a martelar de repente, mas com certeza que não iria admitir que ele a afetara.

– Engana-se. Não penso em si de todo, Lord Synton.

O sorriso que espreitava nos cantos da boca de Synton alargou-se, exibindo um par de covinhas em que ela não tinha reparado antes.

– Mais uma mentira audaciosa e interessante.

Ele aproximou-se da cama, um caçador que avista a sua presa, e o pensamento de ele a agarrar fez com que o pulso de Camilla acelerasse em antecipação.

Sem esforço e de forma indolente, Synton subiu para o colchão, encostou a mão na parede para se apoiar e inclinou-se na direção de Camilla.

Ao encará-lo, Camilla esqueceu-se por momentos da falsificação.

Nunca ninguém a tinha olhado com tanta audácia. Tanta intensidade. Como se ele pudesse ver, através de todos os muros que cuidadosamente erguera, quem ela era no seu âmago. Ou talvez ele apenas olhasse para ela como se soubesse a profundidade do seu desejo e isso o afetasse por sua vez. Mais do que qualquer um deles queria.

Camilla apenas queria manter a vida que levava. Lutara muito para se tornar aquilo que as pessoas esperavam. Mas agora, por um segundo, admitiu que talvez também quisesse outra coisa. Algo que despertava uma parte secreta sua.

– Devia saber que, se eu tivesse tomado uma amante, teria precisado de horas, Miss Antonius.

O seu olhar desceu para o pescoço dela pouco antes de ele estender a mão, acariciando-lhe lentamente o pulso trémulo.

Um raio de calor atravessou-a ao sentir a pele dele, e a mão de Synton afastou-se como se também ele tivesse sentido a ardência.

Ela esperou que ele afastasse também o corpo, mas em vez disso ele olhou-a com curiosidade e depois surpreendeu-a ao levantar a mesma mão para fazer passar o polegar pela junção dos seus lábios, aplicando uma pressão constante até que eles se separassem e lhe permitissem entrar.

Uma brasa de desejo acendeu-se nos seus olhos, fixos nos dela, quando ela se submeteu à sua ordem tácita, abrindo a boca.

Ele sabia a pecado e a luxúria. Uma mistura inebriante que lhe aqueceu o íntimo.

– A língua pode mentir, mas há outras partes do corpo que dizem sempre a verdade, Miss Antonius. Se olharmos com atenção suficiente.

Com o que pareceu exigir um grande esforço, ele retirou o polegar e deixou cair a mão mais uma vez, mas não se afastou.

Camilla não tinha a certeza da razão por que ele a afetava. Talvez o facto de ser um desconhecido para ela, ao contrário de outros membros da sociedade. Ou talvez a

intensidade silenciosa com que estudava o que o rodeava. Fosse o que fosse, ela não conseguia afastar-se, enredada pela curiosidade, interrogando-se sobre o que ele faria em seguida.

Synton estava demasiado perto, mas não o suficiente. O seu cheiro inebriante sobrepunha-se ao de Vexley, que pairava no ar. Havia algo de sombrio e totalmente masculino nele. *Bourbon* e especiarias com um leve toque de bagas doces.

De repente, Camilla teve vontade de passar a língua ao longo da linha dos lábios dele, provar a doçura do pecado que estava certa de que encontraria ali.

Em vez disso, ele levou a sua tentadora boca à orelha dela, roçando-a levemente contra o lóbulo. As pálpebras dela fecharam-se com a sensação.

– Porque anda atrás deste quadro, Miss Antonius? Foi o Vexley que lho roubou?

A falsificação. Vexley.

Foi como se Synton tivesse despejado um balde de água gelada sobre ela, trazendo-a de volta à realidade. O canalha não estava a tentar beijá-la, estava atrás de informações. Provavelmente para a chantagear também.

Camilla tentou afastar-se do lorde da tentação, mas ele chegou-se para trás subitamente, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio quando o colchão balançou.

Ela cambaleou para a frente.

Camilla contraiu-se perante o que certamente seria uma colisão dolorosa com a madeira dura, mas Synton moveu-se mais rápido do que seria possível, pondo-se no seu caminho para a envolver nos seus braços e amparar a queda com o seu próprio corpo, que embateu com força no chão.

O ar escapou-se dele com o baque, e os joelhos, quadris

e peitos de ambos chocaram, acompanhados pelo som de seda a rasgar-se. Por um momento, permaneceram imóveis, atordoados. Depois, Camilla mexeu-se.

– Raios – praguejou ela baixinho.

Levantou-se, fazendo um rápido balanço da situação.

Synton parecia estar bem: não tinha um fio de cabelo fora do lugar ou uma ruga no seu fato.

As saias de Camilla estavam enroladas, mas não sofreram qualquer dano. Todavia, a costura ao longo do lado esquerdo do vestido não teve a mesma sorte.

Ela olhou para as alças expostas, soltando impropérios como o marinheiro mais rude que alguma vez visitara as costas de Waverly Green. A renda preta do seu espartilho, a sua indulgência secreta, ficou à mostra, contornando os seus seios, que se exibiram, voluptuosos.

Um riso profundo vindo de baixo dela – e a subsequente vibração que se estendeu a uma área *muito* sensível do seu corpo – desviou-lhe a atenção para questões mais prementes: encontrava-se deitada sobre Synton no quarto de outro homem, o seu vestido meio rasgado como se tivessem estado em pleno ato de paixão, as suas mãos apoiadas no peito dele.

No seu peito rijo.

Que Deus a ajudasse. Synton parecia uma estátua de mármore trabalhada por um grande mestre.

Camilla tomou consciência de quão grande ele era quando o Inveja se mexeu entre as coxas dela, tonificado e poderoso.

Também se apercebeu de que gostava da sensação de o ter debaixo de si – era como se tivesse dominado uma grande fera e, por um momento, ele lhe pertencesse apenas a ela.

Pelo menos até que ele se atirasse a ela. Synton dirigiu-

lhe um sorriso casual.

– Se não está ferida, Miss Antonius, talvez queira levantar-se. Depressa.

– Está ferido? – Camilla olhou-o com mais atenção, depois levantou o tronco antes que ele a pudesse impedir. – Devo... oh. *Oh!*

Algo duro pressionara-a por trás.

De imediato, entendeu o que ele fora demasiado educado para dizer. Synton estava muito longe de estar ferido.

A sua boca ficou seca, a sua pulsação acelerou.

Por um instante, permaneceram imóveis, olhando nos olhos um do outro.

Camilla não sabia porque é que ele estava parado, mas ela viu-se a lutar contra uma feroz guerra interna. Ela devia levantar-se de imediato, e provavelmente emitir um ligeiro protesto, mas o seu corpo formigava onde eles se tocavam, e o seu coração palpitava a um ritmo tentador.

Qualquer bom senso estava a ser rapidamente substituído pelo desejo físico.

E nem mesmo ele conseguia escapar àquilo: o seu corpo estava a responder sob o dela.

Camilla olhou para baixo, para onde as mãos dele agarravam agora as suas ancas, os seus dedos fortes enterrados na seda das suas saias rodadas. Ela levantou a cabeça para voltar a encontrar o seu olhar, mas ele tirou-a abruptamente de cima de si, e levantou-se devagar.

– As minhas desculpas, Miss Antonius. Garanto-lhe que não era esta a minha intenção...

– Não, não – interrompeu Camilla, olhando para qualquer lado, menos para ele e a sua feroz excitação. – Não há necessidade de pedir desculpa ou de se explicar. Eu devia ter...

– Olá? Quem está aí?

Vexley. A voz dele vinha do que parecia ser o cimo das escadas. O medo apoderou-se de Camilla, afastando o constrangimento existente entre os dois.

– Oh, Deus, não. Esconda-se! Não podemos ser vistos juntos. Muito menos assim. – Puxou inutilmente as bordas rasgadas do corpete, mas a curva do seu peito permaneceu teimosamente solta.

De facto, Vexley parecia estar embriagado o suficiente para causar uma cena. Cambaleava pelo corredor, praguejando ao esbarrar nas coisas, aproximando-se lentamente.

Synton, tendo recuperado a calma, não parecia preocupado. Limitou-se a endireitar o casaco e a arquear uma sobrancelha.

– Porquê?

– Porque ficarei arruinada! – Camilla penteou o cabelo e alisou as saias, mas o rasgão não tinha como ser disfarçado. – Foda-se, foda-se, foda-se. Isto é um pesadelo.

Olhou de relance para Synton, que estava a divertir-se cada vez mais com a sua linguagem obscena.

– Porque, em nome da Coroa, está aí parado, milorde? Quer que sejamos descobertos?

– Não me podia importar menos com a possibilidade de sermos descobertos por aquele mentecapto.

– Mas devia! – Ela não conseguiu evitar baixar o olhar.

– Se não conseguir controlar *essa situação*, vamos definitivamente parecer culpados, milorde.

– Essa situação, Miss Antonius? – A voz de Synton soava bem-disposta. – Nunca viu uma situação antes? Suponho que as regras do decoro me obrigariam a pedir-lhe a mão em casamento de imediato?

Ela lançou-lhe um olhar de desprezo. A sua virgindade

perdida, por mais que fosse real, não era da conta dele.

– Eu não me vou casar.

– Olá? – chamou Vexley do quarto ao lado, a voz arrastada. – Saíam, saíam, onde quer que estejam! Nada de fornicar aqui em cima, pelo menos não sem mim!

– Podíamos fingir – continuou Synton, pensativo, como se Vexley não estivesse a caminho de destruir tudo aquilo por que Camilla havia trabalhado tão arduamente nos últimos dois anos.

– Fingir? – Ela sentia-se como se estivesse a viver um pesadelo. – Enlouqueceu?

– Não vejo como isso poderia ser terrível – disse Synton calmamente. – Ele deixaria de a cobiçar se acreditasse que está envolvida com outra pessoa. A não ser que realmente goste dos seus avanços?

Camilla lançou-lhe um olhar incrédulo.

– Não se trata apenas de o Vexley nos encontrar – sibilou. – Se eu for apanhada numa situação comprometedora, a sociedade vai exigir que nos casemos, e não a fingir, milorde, mas de verdade, ou ficarei arruinada para sempre. A minha galeria. A minha vida. Nunca mais serei aceite. Com certeza, sabe disso!

– As regras foram feitas para serem quebradas.

– Para si, talvez. Mas as mulheres não têm essa sorte. É seu dever fazer o que é correto!

Camilla correu para a janela, observando o jardim escuro lá em baixo. Ao menos não havia convidados ou, pior ainda, colunistas à espreita, pelo que conseguia descortinar.

Se não estivessem tão alto, ela atirar-se-ia lá para baixo. Percorreu os cantos sombrios do quarto com o olhar, mas pelos vistos Vexley não guardava a roupa ali, pois todas as paredes luziam sem armários.

– A falsificação! – gritou ela quando passou os olhos pela parte de cima da cama.

– Falsificação...

Antes que Synton pudesse dizer mais alguma coisa, ela atravessou-se à sua frente e subiu para a cama de um salto, a fim de arrancar o quadro da parede.

Só que o quadro desta vez não se moveu nem um centímetro, apanhando-a desprevenida. Como raios conseguira Vexley prender aquela coisa? Porque não se soltava agora?

Camilla passou os dedos por baixo da moldura e fez força com o seu próprio peso na direção contrária da parede, dando o seu melhor para arrancar o quadro. Mas o quadro nem sequer teve a decência de fingir que se mexia.

Ficou a olhar para o maldito quadro, perguntando-se como raios teria conseguido movê-lo dez minutos antes. Será que tinha imaginado que o movera antes de ser interrompida por Synton?

– Olááááá.

A maçaneta da porta do quarto chocalhou, congelando-lhe o sangue. A qualquer momento, Vexley entraria no quarto e encontrá-los-ia sozinhos e desgrehados. E, conhecendo Vexley, iria embelezar a história, inventando que estavam ambos nus e tinham sido apanhados em pleno ato. Ou pior: Vexley diria que fora ele quem lhe estragara o vestido e que Synton os apanhara juntos. Seria a palavra dele contra a de Synton, e Synton era um recém-chegado.

Camilla puxou o quadro uma última vez, praguejando quando este permaneceu teimosamente preso à parede. Vexley batia violentamente contra a porta.

– Já não estou a achar piada. Abram a maldita porta! – A maçaneta voltou a abanar, mas manteve-se firme.

Camilla, que estava a segurar o quadro, olhou para

Synton. Ele mostrou-lhe uma chave mestra ornamentada que aparentemente trancava, e abria, qualquer porta, enquanto exibia um sorriso malicioso.

– Isto deve atrasá-lo por um momento. Talvez dois – sussurrou ele, a voz sedutoramente fluida – Mas temos de nos apressar.

Guardou no bolso aquela preciosa chave e dirigiu-se à janela, observando o jardim lá em baixo. Parecendo satisfeito, abriu a janela e estendeu a mão a Camilla.

– Avançamos para a nossa grande fuga, ou não?

O olhar de Camilla passou do lorde para a falsificação. A liberdade estava tão perto que podia saboreá-la. Como poderia deixá-la para trás de livre vontade? Synton soltou um grunhido irritado, atraindo a atenção dela de volta para ele.

Rangendo os dentes, ela desceu da cama, mantendo a voz baixa.

– Milorde, pode simplesmente sair ileso pela porta. Porque me está a ajudar?

– Acredite em mim, estou bem longe de ser um santo. – Ele arreganhou os dentes. – Só que não tenho interesse nenhum nos jogos de sociedade ou em desempenhar o papel de um tolo apaixonado, Miss Antonius. Não quero complicações. Se ficar arruinada, isso dará cabo do meu plano. Se estiver ligada àquele bêbedo, isso também me prejudicará. Estou a ajudar-me a mim próprio, e, em consequência, ajudo-a a si.

– Que nobre – murmurou ela. De todos os homens em Waverly Green, como é que lhe calhara aquele?

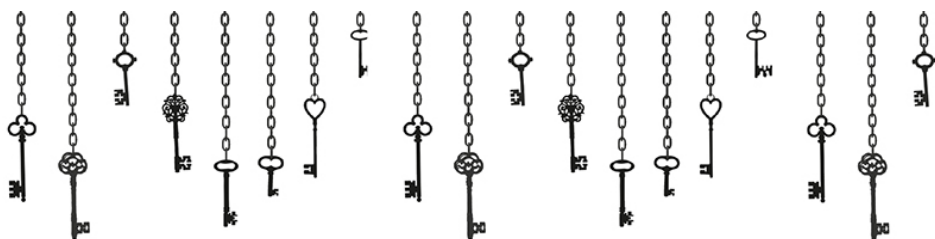
Sem dizer mais nada, Synton ergueu-se com agilidade para fora da janela, encontrando apoio na borda do telhado de ferro, e depois colocou a cabeça para dentro. As sombras esculpiam-lhe o rosto em linhas perigosas e, por

um momento, os seus olhos tornaram-se poças de ébano. Depois, ele pestanejou e qualquer profundidade oculta que Camilla pensasse ter visto desapareceu.

«Quem é este homem?» A meio caminho da janela, ela deteve-se, mergulhada em indecisão. Estar tão perto do seu objetivo e virar as costas era impensável. Sair pela janela com aquele estranho parecia uma loucura. No entanto, se ficasse, ver-se-ia em piores circunstâncias.

– Camilla. – A voz de Synton soou com autoridade. – O Vexley vai entrar por aquela porta não tarda nada. A menos que deseje ser sua noiva, é melhor que se apresse.

Com um último olhar para a falsificação, Camilla fez a sua escolha e rezou para que não se viesse a arrepender.



O Inveja ajudou Camilla a subir para o telhado de metal, mais preocupado com a forma como ela fechava os olhos e cambaleava na estrutura inclinada do que com o forte bater na porta que ainda se ouvia lá dentro. Conseguiria chegar ao jardim e à carruagem que o aguardava antes que Vexley os encontrasse, mas apenas se Camilla não tivesse um ataque de coração primeiro.

– Abra os olhos – exigiu ele em voz baixa.

Se ela partisse o pescoço, isso seria, no mínimo, inconveniente. O Inveja não fazia ideia do que a morte dela poderia significar para o jogo, mas decerto não seria bom.

Camilla abanou a cabeça, o rosto pálido sob o luar.

Pela primeira vez desde a queda da cama, o Inveja sintonizou-se com as emoções dela, sentindo o seu medo gélido a percorrer-lhe a espinha. Se fosse mortal, teria estremecido com a sua frieza.

Camilla não estava simplesmente com medo, estava petrificada.

– É a altura ou o medo de ser apanhada?

– As duas coisas – rugiu ela, mantendo os olhos bem fechados.

A magia dele detetou a mentira, mas ele não podia insistir com ela.

Os dentes dela rangiam sonoramente, e em breve todo o seu corpo começaria a tremer. Um dos pés deslizou pelo telhado.

O Inveja não queria revelar qualquer indício de que era mais do que humano, mas Camilla precisava de estar em terra firme antes que acontecesse uma fatalidade, como ela desmaiar.

O Inveja passou-lhe um braço por baixo das pernas, depois o outro à volta da sua cintura, apertando-a contra si.

Para sua surpresa, ela enroscou-se no corpo dele sem qualquer resistência, tremendo como se tivesse sido retirada de águas geladas. A reação superou os padrões do medo humano, mas o Inveja não tinha tempo para pensar nisso agora.

– Relaxe – ordenou ele. – Vai passar não tarda nada.

– O que é que...

– Silêncio.

Ela contorceu-se e ele avançou para lá da borda do telhado, aterrando sem esforço com um baque silencioso na relva húmida antes que ela pudesse gritar.

Em vez de ficar aliviada, Camilla agarrou-se a ele com mais força, praticamente rastejando pelo seu corpo enquanto pressionava a cara no seu peito, a respiração rápida e irregular.

Ele passou-lhe uma mão pela testa, encharcada em suor tal como a sua nuca. Olhou para o telhado, de sobrolho franzido.

– Camilla. Respire. Estamos em terra firme.

– Podíamos ter morrido.

– A morte não está nos meus planos, criatura.

Seguiu-se um momento de silêncio.

– Não me chame criatura.

– Anotado, gatinha.

Ela proferiu um palavrão entrecortado pela sua respiração, o seu tremor diminuindo à medida que transitava do medo para a irritação.

Ele sorriu. Ótimo. Estava a sentir-se suficientemente combativa para ultrapassar as fases iniciais do choque que a abalara.

Talvez o Inveja tivesse sorrido também porque se apercebera de que gostava de a irritar. Apesar das regras rígidas daquela sociedade que tentava domesticar as mulheres, ela mordia de volta. E ele gostava de lhe ver os dentes.

O Inveja estava tão concentrado em Camilla que não reparou que tinham companhia, até que um objeto pontiagudo atravessou a noite, atingindo-o bruscamente entre as omoplatas, enquanto um braço envolto em sombras emergia dos arbustos.

Um silvo escapou-lhe dos lábios – mais de surpresa do que de dor – quando se virou, mantendo Camilla fora do alcance do perigo.

– O que...

– Largue a minha amiga imediatamente, seu patife!

A Lady Katherine saltou do arbusto mais próximo, voltando a erguer a sua arma – um sapato de salto alto – e agitando-a ameaçadoramente.

O Inveja fechou os olhos, perguntando-se se o jogo valeria realmente a pena. Se os seus irmãos o pudessem ver agora... a ser atacado por um sapato de mulher.

– Juro, se o senhor a arruinar...

– Parece-lhe que a estou a arruinar? – rosnou ele, mantendo a voz baixa.

A Lady Katherine continuava a brandir o sapato, mas

esticou o pescoço e cambaleou desajeitadamente com um pé descalçado para olhar melhor para Camilla. Nesse momento, a voz de Vexley gritou lá de cima, chamando a atenção para a janela aberta e para a figura escura que a atravessava a cambalear. Com sorte, o idiota cairia.

O Inveja voltou-se para a Lady Katherine, já sem paciência nenhuma.

– A menos que queira ser a causa da ruína dela, saia da minha frente. Agora.

A Lady Katherine manteve o seu olhar frio fixo no Inveja.

– O vestido dela está rasgado.

– Que perspicaz – comentou ele, recebendo um olhar feroz.

– Pode deixá-la aqui no jardim, comigo, e ir-se embora, milorde. Escândalo evitado.

– Por favor, Kitty. – A voz de Camilla assustou-os a ambos. – Quero ir-me embora agora.

– Tens a certeza de que este *cavalheiro* não te acossou? – perguntou ela, ainda a olhar para o Inveja como se ele fosse a forma mais baixa de vida existente e a segurar o salto como se fosse atingi-lo outra vez. A forma como ela dissera «cavalheiro» indicava que queria dizer «vil depravado». Uma acusação bastante apropriada.

– Sim. Por favor. Temos de sair antes que alguém nos apanhe. Sabes que os colonistas entram sempre à socapa na propriedade.

A expressão de Katherine mudou de repente.

– Oh! Ele é um potencial «companheiro fiel»?

– Kitty!

A força de Camilla regressou por fim, e ela quase se arrancou dos braços do Inveja para se pôr de pé sozinha, cambaleando apenas um pouco.

Aquela reação espicou o interesse dele, mas, antes que pudesse recolher mais informações, ouviram alguém a aproximar-se.

A Lady Katherine, a bandida dos saltos, crispou os lábios, mas recuou, deixando-os finalmente avançar sem mais interferências.

Quando Camilla passou por ela, estendeu a mão para apertar a da amiga.

O Inveja não perdeu tempo. Dirigiu-se para o beco lateral, onde pedira ao cocheiro que esperasse, satisfeito por Camilla se ter apressado a segui-lo sem hesitar.

Vozes abafadas e uma gargalhada suspeitosamente idêntica à da viúva Janelle, seguidas de um gemido suave, atravessaram o jardim, o que fez com que o Inveja agarrasse na mão de Camilla e a conduzisse o resto do caminho até à sua carruagem o mais rapidamente possível.

Este vilão desempenharia o papel de cavalheiro apenas o tempo suficiente antes de ripostar. A próxima pista estava praticamente ao seu alcance, e o Inveja pioraria a sua situação – a dele e a da sua corte – se permitisse que mais alguém se atravessasse no seu caminho de obter o quadro antes que o tempo acabasse.



10

Tudo o que Camilla queria fazer era meter-se num banho quente e esquecer aquela noite horrível. Ter tido a falsificação *nas mãos* e não ter conseguido retirá-la parecia uma injustiça cruel. Se ao menos tivesse tido mais alguns minutos sozinha ou se Vexley não tivesse começado a bater à porta embriagado, talvez agora estivesse a gozar a sua recém-adquirida liberdade.

Em vez disso, sentia-se inundada de desespero.

Não só perdera a melhor oportunidade que tivera, como também quase morrera naquele telhado miserável, e ainda teria de responder às perguntas de Kitty sobre Synton e a infeliz ausência de qualquer relação indesejável entre eles.

Perguntou-se se ele sentiria aquele estranho fascínio por toda a gente – ela certamente nunca se deixara arrebatar pelo desejo físico daquela maneira. Exceto talvez daquela vez com o seu caçador. Mesmo assim, as coisas tinham sido diferentes.

Camilla desejara Wolf, desfrutara muito da sua noite de paixão e da liberdade de agir como quisesse; ele fora um amante incansável que a igualara em muitos aspetos, mesmo que a tivesse recordado da sua solidão, do quanto

ansiava por alguém como ela, e de como era tentador viver como ele.

Fora maravilhoso enquanto durara, mas não era o mesmo desejo que ela sentia quando estava perto de Synton. Ele fazia-a querer abandonar a sua própria decência e entregar-se às suas paixões.

O que seria um perigo para sua vida em Waverly Green.

– A sonhar com um estrangulamento, Miss Antonius?

A voz profunda e cheia de Synton atraiu-lhe a atenção para onde ele estava sentado, à sua frente na carruagem, o rosto meio encoberto pela sombra, enquanto desciam a rua calcetada em direção à casa dela na cidade.

– Perdão? – perguntou ela.

Synton inclinou-se para a frente e ela acompanhou-lhe o olhar até ao seu próprio colo.

Camilla estivera a flexionar as mãos de uma forma que, *de facto*, parecia bastante ameaçadora.

– Pelo seu tom, está demasiado intrigado com os meus pensamentos, Lord Synton. Estará a revelar-se um devasso?

– E, pelo seu tom, está demasiado intrigada com *essa* revelação, Miss Antonius.

Um sorriso contorceu-se-lhe nos lábios.

Quando entraram na carruagem, só tinham falado por duas vezes. Primeiro para Camilla lhe dar o seu endereço e depois quando o Lord Synton insistira em cobri-la com o seu sobretudo.

Fora um tipo lento de tortura ver-se rodeada pelo seu cheiro inebriante e sentir o calor do seu corpo que perdurava no tecido requintado depois de ele despir o sobretudo e o colocar de imediato à volta dos seus ombros. Ficara aliviada quando ele não insistira em visitar a galeria – depois da noite que tivera, sentia-se demasiado esgotada para apresentar quadros a uma hora tão tardia.

Além disso, Camilla queria manter uma distância muito necessária entre ela e o lorde, após o encontro embaraçoso no quarto de Vexley. Em grande parte porque não conseguia decidir se estava mais aliviada ou envergonhada por Synton não ter desejado tocar-lhe. Era óbvio que ele se sentia fisicamente atraído por ela – a sua excitação fora clara como o dia. O que a fez questionar se ele estaria afeiçoado a outra pessoa ou se se teria sentido repellido pela simples ideia de lhe tocar.

Ele dissera que receava ficar encurralado num casamento, o que talvez fosse o principal motivo por detrás da sua recusa em beijá-la.

Pelo menos não mencionara a falsificação.

Camilla estava mais chateada consigo mesma por esse deslize do que por qualquer outra coisa. Synton não parecia ser do tipo que espalhasse informações, mas na verdade ela não o conhecia. Seria um mexerico e tanto para ser compartilhado na próxima festa ou baile – a dona da galeria e artista que levava uma vida secreta a vender falsificações e a enganar a sociedade.

Como que para lhe arrancar a preocupação da mente, Synton disse casualmente:

– Não vou contar a ninguém. Sobre a falsificação. – O alívio inundou o corpo dela até que ele acrescentou: – Desde que responda a duas perguntas com sinceridade. – Camilla sentiu a sua agitação aumentar novamente e lutou contra a vontade de revirar os olhos quando ele continuou: – Se mentir, eu saberei. De acordo?

Ele observou-a atentamente, com o seu olhar intenso cor de esmeralda, até que ela assentiu com relutância, o seu olhar prateado a suster o dele com o máximo de rebeldia que conseguiu reunir.

– O Vexley está a usar essa falsificação contra si?

Ela pestanejou, surpreendida pela intuição dele. E não sabia bem porquê, mas acreditou que ele dissera a verdade quanto a perceber se ela lhe mentisse.

– Sim.

– Ele pediu-lhe para pintar mais alguma coisa?

– Sim.

Camilla ficou tensa, à espera de que ele insistisse no assunto para que ela lhe desse mais informações.

O silêncio prolongou-se à medida que Synton lhe estudava as feições, a sua própria expressão impossível de decifrar. Ele ficara a saber um dos seus segredos mais obscuros. Como se a ameaça de escândalo não fosse suficiente, ele agora tinha o mesmo poder sobre ela que Vexley.

– Não sou *nada* como ele, Miss Antonius. – Algo de perigoso se acendeu no seu olhar.

«Ele acabou de me ler a mente?»

– Claro que não. Controle as suas expressões. Elas traem os seus pensamentos tão claramente quanto aquilo que diz.

Sem mais palavras, Synton recostou-se, ficando com o rosto meio encoberto e olhando pela janela de novo.

Camilla percebeu que aquelas perguntas tinham tido uma intenção específica – que em troca ele não queria que ela extraísse qualquer informação dele. Parecia uma pequena vitória, no fim de contas.

Percorreram o resto do caminho em silêncio, Camilla praticamente à beira do assento, a vibrar com os nervos quando finalmente avistaram a sua casa. Greenbriar Park, onde Vexley vivia, ficava apenas a duas avenidas de distância, mas eram avenidas longas que demoravam séculos a percorrer à noite, por causa dos varredores de rua e das carroças do mercado que rangiam pela estrada fora a caminho de casa.

Suspirou interiormente quando a carruagem parou uma porta antes, tal como ela instruíra. Casa. Um banho. A sua cama. Uma abençoada distância daquele homem que começava a saber demasiado e que, suspeitava ela, tinha um passado complicado.

– Obrigada por...

Num momento, a mão de Camilla agarrou a maçaneta da porta e, no outro, ela estava no colo de Synton, o seu braço forte a envolver-lhe a cintura para a manter imóvel. Na janela, as cortinas que antes estavam abertas tinham sido corridas.

– O que...

– Está um homem no exterior da sua casa, Miss Antonius.

Synton puxou a ponta da cortina para trás apenas o suficiente para que ela pudesse olhar para fora, examinando a rua. Pareceu-lhe vazia.

– A oeste, ali. Está a vigiar a sua porta e parece perturbado. Preciso de saber porquê.

– Como é que sabe que a perturbação dele tem a ver comigo? – Camilla sentia-se exausta.

– Tem algum amante ciumento de que eu deva saber? – pressionou Synton.

– Oh, por amor de Deus. Não vejo... Oh.

Na parte mais escura das sombras, Camilla captou um minúsculo lampejo de movimento. Como Synton havia reparado nele, isso ela não sabia.

Praguejou baixinho quando outra figura se moveu ao lado da primeira.

– Colunistas de páginas de sátira. Com toda a agitação desta noite, esqueci-me de que eles às vezes vigiam as casas dos convidados da festa do Vexley. Relatam quem saiu com quem para poderem alimentar mais mexericos. Devíamos

estar todos...

Camilla fechou os olhos, lembrando-se da razão óbvia pela qual não podia fingir que era a Lady Katherine que a estava a levar a casa.

Até no beco escuro onde a carruagem de Synton os aguardara, ela reparara em «Syn»* pintado nas portas com tinta prateada. Não era necessário que o lorde entrasse em casa dela para que os colonistas se divertissem com as suas manchetes:

ANJO DA ARTE SUCUMBE AO PECADO

Além do perigo que aquele escândalo representava, Camilla também não precisava de que Vexley descobrisse que Synton a levava a casa, pois, se o primeiro acreditasse que havia outro homem a ameaçar o acordo entre eles, não tinha dúvidas de que ele faria algo precipitado para a prender para sempre.

– Há um lugar por onde podemos ir para os evitar – disse ela finalmente. – Peça ao seu cocheiro para se dirigir à rua de trás.

Ao que parecia, Camilla seria forçada a revelar mais um segredo a Synton naquela noite.

Ele bateu com o punho no teto da carruagem e o cocheiro arrancou.

Camilla deu conta de que ainda estava no colo de Synton, as coxas firmes dele balançando sob ela. Ela mexeu-se, mas ele não fez tenção de a libertar.

– Ele que vire aqui.

Synton acatou as suas instruções e, poucos instantes depois, pararam diante de uma casa com um ar comum.

Cada vez que Camilla via o seu exterior alegre, o seu coração agonizava.

O pai comprara o edifício na rua por trás da casa da cidade onde moravam dez anos antes – uma semana após a mãe os ter abandonado. Alguns chamaram-lhe luto, outros loucura, e não estavam errados. Ele transformara-a numa casa cheia de segredos durante os últimos anos da sua vida.

Para qualquer um que por ali passasse, aparentava ser uma casa normal. Mas a porta de entrada e as janelas eram apenas excelentes esculturas, presas às paredes. A verdadeira entrada situava-se no beco ao lado, com um acesso privado. Depois de se abrir o portão manualmente, puxando o trinco escondido, surgia uma porta secreta na lateral do edifício, suficientemente alta e larga para permitir a passagem de uma carruagem.

Não havia vizinhos à direita, apenas um muro de pedra demasiado alto para ser escalado. E a própria casa de três andares bloqueava com sucesso quaisquer olhares curiosos.

Era a criação favorita do seu pai. Ele sempre gostara de entradas secretas, mas tornara-se particularmente obcecado por elas nos últimos tempos de vida. Camilla nunca soubera muito bem o que pensar daquilo. Suspeitou que estivesse relacionado com o seu amor por histórias antigas e talvez um pouco com a sua mãe, como se uma porta mágica pudesse desvendar todos os seus segredos e revelar para onde ela fora quando os deixara.

Qualquer que tivesse sido a razão, naquela última década de vida, os portais, portas, entradas e passagens passaram a ser a maior fonte de inspiração de Pierre. Pintou-as, esculpiu-as e moldou aquela casa como uma ode a um mundo que desejasse desesperadamente encontrar.

Camilla nunca mostrara a ninguém nada daquela fase do trabalho dele. Era melhor que não se soubesse em quem ele se tornara. E embora o seu pai pudesse não compreender, ela compreendia: algumas portas não tinham

sido feitas para serem abertas.

Após ela ter indicado ao cocheiro como poderia abrir o portão, pararam em frente à porta maciça.

– O cocheiro que aponte a lanterna para a direita – disse Camilla.

Se Synton ficou curioso com o estranho pedido, não o deixou transparecer.

Um momento depois, a porta abriu-se de par em par, e a carruagem foi conduzida para o espaço escuro. Esperaram que a porta se fechasse atrás deles antes de Camilla sair da carruagem.

Synton seguiu-a, a sua atenção percorrendo a sala cavernosa, apenas iluminada por algumas lanternas a gás. Observou rapidamente cada freio, sela e pilha de feno antes de voltar a olhar para ela.

– Que belo celeiro. E como tenciona passar despercebida pelos colonistas?

– Deixa-me confusa, milorde. De todas as perguntas que podia fazer, essa é a mais escaldante? Não importa de onde venha, uma porta secreta não pode ser algo comum.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Já ouvi falar das excentricidades do seu pai, Miss Antonius. Presumo que isto tenha sido obra dele. Um belo espaço de trabalho, tenho a certeza, mas, de momento, estou mais preocupado em levá-la a casa do que em investigar a sua história familiar invulgar.

Camilla mal podia acreditar que Synton tivesse deduzido tanta coisa partindo apenas daquela rápida observação. Quando o seu pai era vivo, usara o espaço como estúdio. Alegava precisar do espaço e do sossego para trabalhar a sério. Nas traseiras havia uma escada que conduzia a um quarto de banho e a dois quartos de dormir no segundo andar, onde se encontrava todo o seu material

de arte. O terceiro andar permanecia um espaço aberto, dedicado exclusivamente a expor o seu trabalho.

Apenas Camilla tinha acesso àquele estúdio, e até ali ninguém, além dela e do pai, entrara lá sequer.

– O que eu não consigo entender é o porquê de estarmos aqui – continuou Synton. – Tenciono descer a rua a pé, como se tivesse ido dar um passeio?

– Claro que não. Vou passar pelo túnel secreto, naturalmente.

Apontou para uma pilha de que pareciam ser rodas partidas, no canto.

Era outra das criações do pai. Quando girava a roda mais alta, abria o alçapão oculto por baixo.

– Agradeço-lhe a sua ajuda esta noite. Sou capaz de percorrer o resto do caminho sozinha. Se pressionar o fardo de palha, a porta lateral volta a abrir-se. Boa noite, milorde.

Synton avaliou-a com um calculismo frio.

– Não serei tão facilmente dispensado desta vez, Miss Antonius.

Ele passou por ela e entrou no túnel, após abrir o alçapão. Os seus passos eram precisos e firmes.

– Venha. Eu acompanho-a a casa. Seja como for, ainda temos assuntos a tratar.

* Syn remete para *sin*, ou seja, «pecado» em inglês. (*N. da R.*)



O Inveja dividiu a sua atenção entre a mulher irritada que caminhava à sua frente – agora sem o sobretudo, que ela prontamente lhe atirara à cara – e o túnel secreto em arco.

Quando lhe tinham dito, ao jantar, que o pai de Camilla era um tanto excêntrico, não lhe passara pela cabeça que fosse do género de construir estúdios de arte secretos e túneis subterrâneos, cheios de portas que aparentemente não levavam a lado nenhum.

No entanto, ali estavam eles, a caminhar por uma passagem oculta que ligava um lado do quarteirão ao outro. Podia jurar que também sentira uma proteção mágica no exterior. Uma que encorajava gentilmente os transeuntes a seguirem em frente, a não se interessarem pela casa dos enigmas.

Isso explicava o porquê de os espíões do Inveja não saberem do estúdio. Teriam simplesmente passado por ele, concentrando-se na casa de Camilla, sem se aperceberem de nada.

Era um feito impressionante para um mortal. O Inveja supôs que se devia ao tempo que o homem passara na

misteriosa Silverthorne Lane.

Felizmente, o velho instalara lanternas a gás a intervalos regulares, assegurando que o espaço estivesse bem iluminado e facilmente transitável.

Não que o Inveja precisasse de luz para ver. Aquilo fora algo que o Lord Antonius fizera claramente para benefício da filha.

Uma sensação estranha preencheu o ar, uma sensação que nada tinha que ver com o estado de espírito sombrio de Camilla ou com a forma como o olhar dele continuava a escapar para o seu corpete rasgado e para a *lingerie* tentadora que espreitava a cada movimento dela.

O padrão da renda era lindo, e ele quase se convenceu de que *esse* era o motivo da sua atração por ela. O Inveja apreciava arte, e o tecido era finamente trabalhado.

Com certeza não se devia à mulher que vestia a bela peça de roupa ou aos vislumbres da sua pele suave e dourada sob a renda preta.

Camilla era uma contradição ambulante – parecia-lhe que ela ficara surpreendida com a atração que sentira por ele antes, mas que, ao mesmo tempo, queria esganá-lo.

Seria uma combinação interessante no quarto.

A artista parou a meio da passagem e virou-se para ele, os olhos prateados a brilhar como lâminas no escuro.

Um homem mais sensato tomá-lo-ia como um aviso.

Mas o Inveja preferia caminhar sobre o fio da navalha do perigo.

– Então? – O timbre de Camilla foi tão frio quanto o olhar que lhe dirigiu. – Que assunto tão importante é esse que não pode esperar até de manhã?

Nunca ninguém a acusaria de não ser impetuosa.

– Preciso que comece a trabalhar no Trono Amaldiçoado imediatamente.

Ela olhou para Synton como se ele tivesse perdido a cabeça.

– Não.

– Porque se opõe tanto? – Pela primeira vez naquela noite, sentiu uma frustração genuína a borbulhar. E depois percebeu. – Já alguém lhe pediu para pintar um objeto amaldiçoado?

Ela lançou-lhe um olhar exasperado.

– Já tivemos esta conversa, Lord Synton. Eu não vou pintar um objeto amaldiçoado. Nem para si, nem para ninguém. Por que diabos pensaria que mudei de ideias?

– Eu fiz-lhe um favor esta noite. Espero receber outro em troca.

– Estou a ver. – O tom de Camilla tornou-se subitamente incisivo. – Que tolice a minha pensar que estava apenas a portar-se como um ser humano decente. Obrigada por me mostrar quem realmente é, milorde.

Se ela soubesse quem o Inveja realmente era, fugiria aos gritos e nunca mais olharia para trás.

Na experiência dele, mulheres como Camilla negavam o seu desejo de romance para acabarem a oferecer os seus corações a sacanas como ele, que eventualmente os partiam. A luxúria era muitas vezes confundida com amor.

O Inveja dirigiu-lhe um sorriso lento e cruel que a fez dar um desconfortável passo para longe dele.

Ele não era bom, e não era mortal.

Quanto mais cedo ela percebesse isso, melhor seria para ela. Se Camilla era a luz do Sol, ele era a mais escura das noites. E se ela não tivesse cuidado, as sombras dele apagariam a sua luz, nem que fosse pela oportunidade fugaz de possuir o seu calor antes de o destruir.

O amor não era para ele, mas apreciava uma noite de luxúria.

– Eu avisei-a. Não sou nenhum santo, Miss Antonius. – Encurtou a distância entre eles, encurralando-a contra a parede. – Nem sou um cavalheiro. Não a ajudei por bondade. O seu talento é raro, e estou disposto a pagar uma extraordinária quantia de dinheiro por ele.

A raiva percorreu as feições de Camilla, e ela levantou o queixo para enfrentar o seu olhar.

– Procure. Outra. Pessoa.

– Não.

– Quer o quadro. Porquê? Porque tem de ser daquilo?

– Desejo-o para a minha galeria pessoal – mentiu ele. – O seu talento é muito reconhecido.

Sentindo o despertar dos nervos dela – e do desejo – com a sua proximidade, levou a boca ao seu ouvido. A sedução, lembrou-se a si mesmo, era o caminho para a sua segunda tentativa. Era preciso que ela o desejasse o suficiente para ceder aos seus interesses.

Quando ele falou, os seus lábios sussurraram sobre a pele macia dela, o toque quase inexistente, mas eficaz. Ela estremeceu nos braços dele.

– E, por isso, desejo-a. E só a si. – Ele virou-se para lhe observar o rosto.

À primeira vista, Camilla não dava qualquer indicação de estar a ser afetada pelo contacto físico – a sua expressão era de fria indiferença –, mas depois o seu olhar traiu-a, descendo para a boca dele.

Ele sabia o que ela iria ver – as suas amantes elogiavam sempre a plenitude do seu lábio inferior, o arco torto do seu sorriso diabólico que revelava as covinhas das suas faces, se ele as quisesse mostrar.

O que o Inveja não esperou foi a sua própria reação. O calor no olhar de Camilla despertou algo nele, algo possessivo.

A respiração dela estava a tornar-se mais rápida, mais breve, a pulsação visivelmente acelerada na garganta.

Camilla desejava-o.

E ele, por sua vez, sabia agora o seu segredo, que aquela pequena descarada desejava o demónio, excitada pela tentação de todas as coisas perversas que ele a faria sentir.

– Diga o seu preço, Miss Antonius.

O Inveja deixou cair uma mão para lhe segurar os caracóis soltos atrás da orelha, alinhando o corpo entre as pernas dela, forçando as coxas a abrirem-se à medida que ele se aproximava.

A respiração dela entrecortou-se quando o joelho dele assentou na junção do seu corpo, a antecipação perturbando o ar entre eles.

A língua de Camilla surgiu de repente da sua boca, para molhar os lábios.

Os pensamentos anteriores sobre aquela boca tentadora e todas as ideias carnavais que ela inspirava regressaram, mais intensos. Ele endureceu e viu o momento exato em que Camilla o sentiu.

Ela estremeceu contra a parede de pedra fria nas suas costas.

– Acho que sei o que gostaria de receber em troca. – A mão dele desceu-lhe pela silhueta, pousando na sua cintura. – Devo fodê-la contra esta parede?

O desejo dela por ele aumentou quando o Inveja a agarrou com mais força, apertando-lhe as saias de seda entre os dedos, acendendo a sua própria necessidade. A boca dele pairou sobre a pele da face dela; a sua atenção concentrou-se em cada ponto de contacto entre eles. O peito de Camilla pesava contra o dele, provocando-o com o seu ritmo irregular.

– Primeiro com os dedos, depois com a pila.

O seu corpo esforçou-se por sentir o dela, suave onde ele era duro. Nesta batalha de sedução, ele estava a ganhar aos poucos. Sentiu a determinação dela a dissipar-se, sentiu-a a arquear-se lentamente ao seu toque.

– De certeza que podemos chegar a um acordo...

O desejo de Camilla evaporou-se de imediato.

No seu lugar, o Inveja foi atingido pelo familiar formigueiro da fúria.

Ela empurrou-lhe o peito, e o Inveja afastou-se, dando-lhe espaço, surpreendido com a sensação de perda que experienciou de imediato.

– Não haverá qualquer tipo de acordo entre nós, milorde. Preferia fazer um acordo com o próprio rei dos demónios.

Foi invadido por um ciúme irracional ao pensar em Camilla a fazer um acordo com o seu irmão Ira, mas conteve o seu pecado.

– Terei todo o gosto em tratar disso. Partimos agora para a residência dele? Quando se sentir bem e estiver saciada, talvez se torne mais agradável.

Uma gargalhada baixa e suave escapou dos lábios dela, o som disparando um raio de consciência através dele, de que ele não gostou nada, pois deu por si com o olhar enfeitiçado por ela.

– Vá para casa, Lord Synton.

Camilla agarrou na bainha das saias e marchou pelo túnel em direção a casa, deixando-o onde ele ainda se encontrava.

– Basta dos seus encantos por esta noite – afirmou ela por cima do ombro.

Já ele não podia dizer o mesmo em relação a ela.

O Inveja faria bem em lembrar-se de que a Miss Antonius – com o seu belo sorriso, curvas delicadas e

gargalhada leve – não era para ele, mas, à medida que as palavras dela se repetiam na sua mente, o seu pecado acendeu-se mais uma vez. «Preferia fazer um acordo com o próprio rei dos demónios.»

Ela que tentasse.

Camilla *pertencia-lhe* até que o jogo acabasse, e ele não era conhecido por partilhar.



12

Camilla largou o pincel e analisou a tela com um olhar crítico, algo que se revelou mais difícil do que esperava. Normalmente, tinha uma visão clara daquilo que uma pintura precisava – onde escurecer, onde iluminar, onde adicionar mais profundidade e cor. Só que, naquele momento, nada fluía. A exaustão ainda a assombrava, não a deixava pensar com clareza. Depois de uma noite em claro, a revirar-se entre os lençóis, sentia-se completamente frustrada. Estava tão cansada que nem sequer se lembrava do seu ritual – o medalhão da mãe continuava pendurado no seu pescoço. No entanto, aquela tela clamava por atenção desde o instante em que abria os olhos.

E ali estava ela, na galeria antes do nascer do Sol, de avental amarrado, já salpicada de tinta, rezando para que nada tivesse caído no colar.

Diante de si, não se encontrava bem um autorretrato, mas uma cena fortemente inspirada no seu banho da noite anterior.

Apesar da sua inquietação, Camilla achou-o bastante bonito; captava-a como ela desejava ser abertamente. Doce, feminina, ousadamente poderosa. Alguém que assumia os

seus desejos sem se desculpar, sem fingir que se resignava a um mundo que a oprimia.

Captara-se imersa numa banheira com pés em forma de garra, uma mão colocada sobre o baixo-ventre, os joelhos dobrados e pernas douradas a saírem da água. Pétalas de flores flutuavam, encobrindo aquele lugar secreto entre as suas pernas, que pulsava com cada palavra pecaminosa que saía dos lábios de Synton na noite anterior. Na pintura, um dos seus pés estava apoiado na borda da banheira branca, revelando flores coladas à pele sedosa da sua coxa.

A mente de Camilla regressou àquele banho. Enquanto tentara ver-se livre do sentimento de infortúnio daquele serão, entendera que havia algo que a água não podia purificar: as memórias das obscenidades que Synton proferira com a sua profunda e aveludada voz, que a haviam incendiado não de raiva, mas de desejo ardente.

E a excitação dele...

Deus, ela tivera-a pressionada contra si, dura e sedenta.

Quando ele mexera as ancas, tocando nela ao de leve, Camilla quase vira estrelas.

Francamente, devia chamar um médico e solicitar um tónico – era evidente que se passava algo de errado. Decerto que deveria estar traumatizada com o comportamento ousado e abominável do lorde.

E também com o facto de ele ter mentido sobre a razão pela qual queria o quadro amaldiçoado. Era óbvio que andava a esconder alguma coisa. Depois, quando Synton exigira saber se mais alguém lhe pedira um objeto amaldiçoado, ela gelara.

Tinha-se esquecido do bilhete.

Um pedido de um colecionador misterioso chegara no início daquela semana, perguntando por um livro de feitiços ilustrado. O bilhete não estava assinado e não tinha

endereço de retorno, por isso Camilla deitara-o fora, e não voltara a pensar nele até àquele momento. O que poderia Synton saber?

«Devo fodê-la contra esta parede?»

Com certeza, ele saberia algo sobre isso. Camilla passara a barra de sabão escorregadia pelo seu flanco, reproduzindo a leveza do toque dele. Se fechasse os olhos e evocasse a memória, o calor dele ainda perdurava.

Assim como a irritação.

Camilla enganara-se quando pensara que Vexley era o homem mais insuportável que já conhecera. Agora, Synton assumia orgulhosamente esse estatuto, e – o mais exasperante de tudo – ela não conseguia parar de pensar nele.

«Devo fodê-la contra esta parede? Primeiro com os dedos, depois com a pila.»

Camilla ficara paralisada. Não pelas palavras grosseiras, mas pela sua reação interior imediata ao ouvi-las.

Sim. Deus, sim. Nunca desejara tanto alguma coisa.

Em público, Synton tinha agido como um perfeito cavalheiro, parecendo ofendido pelo comportamento indecoroso de Vexley. Como era diferente quando não havia olhos curiosos por perto, como era maravilhosamente pecaminoso.

Os seus sussurros pareciam conter o seu próprio segredo obscuro. E Camilla gostava muito deles.

De seguida, ele estragara tudo ao pretender usar aquilo como moeda de troca pelos serviços dela. Como se não pudesse simplesmente desejá-la sem que houvesse um preço a pagar!

A sua estúpida proposta fê-la sentir-se novamente só.

Quando Camilla fizera a sua estreia na sociedade, logo após o desaparecimento da mãe, sentira-se quase como

qualquer outra jovem da sua posição – encantada com a ideia de um príncipe a dançar a valsa num salão de baile, declarando-lhe o seu amor.

A verdade é que fora tudo horrível.

O comportamento excêntrico do pai e a ausência da mãe tinham-na tornado invisível, do tipo que permanece na sombra enquanto as amigas dançam e namoriscam. A situação piorara na segunda e terceira temporadas, até que deixara de acreditar no seu conto de fadas.

Fosse como fosse, era um sonho idiota, contra o qual a mãe a havia alertado.

A partir do momento em que Synton entrara na galeria, sentira-se atraída por ele, trazendo de volta um pedaço daquela menina de olhos brilhantes que ansiava ser desejada loucamente. Era uma tola, supôs.

A campainha da porta ressoou alto, trazendo-a de volta ao presente. Olhou para o relógio, sobressaltando-se ao verificar que já era de tarde.

– O que lhe fizeste, sua ladrazinha de merda? Deste-lho a ele?

A acusação estrondosa de Vexley quebrou a paz do dia e as suas memórias confusas da noite anterior.

«Raios. A falsificação.»

Camilla afastou-se do quadro, atónita com a fúria estampada no rosto de Vexley, que avançava com os punhos cerrados ao lado do corpo.

O instinto fez com que Camilla quisesse fugir rapidamente para longe, mas uma pequena voz interior avisou-a de que devia manter-se firme, que Vexley estava danado o suficiente para a perseguir e que seria muito pior para ela se ele a conseguisse apanhar.

Camilla manteve a voz calma e firme.

– Não sei a que se refere, milorde. O que é que eu fiz

com o quê? E a quem é que o dei?

– Não te armes em esperta comigo hoje! Sabes exatamente a que me refiro.

Vexley ergueu-se sobre ela, uma serpente pronta a atacar.

– Onde está a falsificação? Passei a manhã inteira a revirar a minha casa e é mais do que certo que não está lá, por isso vou perguntar-te com delicadeza uma última vez antes de pôr de lado o meu cavalheirismo. Onde está o raio o quadro, Camilla? Deste-o ao Synton?

Ela pestanejou, ouvindo as palavras, mas tendo dificuldade em entender.

Se Vexley acreditava que estava a agir como um cavaleiro, então ela bem que podia declarar-se a rainha Seelie de Faerie.

– Não faço a mais pálida ideia. – A pulsação de Camilla rugia-lhe nos ouvidos enquanto interiorizava a coisa mais importante que ele dissera. Decerto que tinha ouvido mal. – Perdeu-o? Ou mudou-o de lugar e esqueceu-se?

– Tomas-me por tolo, mas garanto-te que não sou. Não, não o perdi. Estava onde o deixei antes de me vestir para o jantar, ontem à noite. E, quando acordei, tinha desaparecido.

A mente de Camilla rodopiou. Aquela devia ser a pior notícia de todas. Achara que iria ter outra oportunidade para recuperar o quadro.

Vexley tinha de estar enganado.

A alternativa fez com que aranhas invisíveis lhe roçassem pela pele. Se mais alguém tivesse a falsificação agora...

Endireitou-se, tentando ganhar tempo.

– Bebeu o suficiente ao jantar para derrubar um elefante, Vexley. De certeza que não o pôs noutra sítio e se

esqueceu?

– Não. – Ele aproximou-se, os olhos azuis selvagens. – Vais-te embora cedo. Sem te despedires de ninguém. E o Synton também desaparece misteriosamente. Depois acordo e dou por falta do quadro. Se não estás em conluio com ele, então pergunto-me: e a Lady Katherine? O que pensaria o marido dela de tal comportamento indecoroso, de tais esquemas? Sobretudo se se tornasse o assunto do momento. As páginas de sátira adoram um bom escândalo, Camilla.

– A Lady Katherine não sabe nada sobre a falsificação, e seria melhor que não a ameaçasse. – Camilla manteve-se firme, com o nariz obstinadamente a poucos centímetros do de Vexley. – Fui para casa a uma hora respeitável e isso torna-me culpada? E quanto à dúzia, ou mais, de outras pessoas que não tiveram o mesmo recato? Sabe tão bem quanto eu que o Harrington ou o Walters adorariam ter essa peça nas suas coleções privadas. Eles nem imaginam que não se trata do quadro verdadeiro. Tem-nos assim em tão boa conta para não pensar que o roubariam, se tivessem a oportunidade?

– Disseste-me esta semana que querias que o nosso acordo acabasse – insistiu ele, a saliva a espumar-lhe nos cantos da boca. – Posso não ser um detetive, Camilla, mas isso parece-me certamente um motivo. Se estiveres a trabalhar com o Synton, vou tornar a tua vida um inferno.

A mão dele subiu rapidamente para lhe rodear a garganta. Pousou-a ali sem fazer pressão, mas com uma promessa tenebrosa.

Encurralada, Camilla permaneceu imóvel.

O olhar dele percorreu-lhe a parte da frente do corpete, detendo-se na protuberância dos seus seios no vestido matinal. Por um momento de horror, ela pensou que ele

lho ia rasgar.

– Devolve-o até ao fim da semana ou certifico-me de que ficas arruinada.

A campainha da porta tocou agradavelmente, alertando-os de que já não estavam sozinhos.

A respiração de Camilla estagnou no peito enquanto se passavam segundos preciosos e Vexley não a soltava. Em vez disso, os seus olhos pálidos brilhavam com malícia – ele sabia exatamente o que ela temia, e deliciava-se com isso.

Por fim, Vexley endireitou-se, a sua expressão passando da fúria a uma indiferença lânguida antes de se afastar, fingindo que estivera a admirar a arte atrás dela.

– Mande embrulhar e enviar para a Casa Gretna, Miss Antonius. Afinal, agrada-me. – Ele fixou-a com um olhar penetrante. – Os salpicos vermelhos fazem-me lembrar sangue. São crus. Poderosos. Sabe que sempre achei que as coisas partidas têm um apelo sombrio.

A sua capacidade para adotar uma nova máscara com tanta rapidez era perturbadora. Perguntando-se como nunca havia notado isso antes, a inquietação de Camilla aumentou.

– Claro, milorde. – Aceitou o disfarce, embora o seu sorriso parecesse tão carregado quanto a tensão que ainda pairava entre eles. Por fim, deitou um olhar para a porta, onde um colunista de sátiras parecia estar demasiado curioso com aquela interação.

– Posso ajudá-lo em alguma coisa, caro senhor? – perguntou ela, alegremente.

– Lord Vexley! – O colunista ignorou Camilla, chamando por Vexley, que atravessara a galeria como se se tivesse lembrado de repente de que tinha um compromisso mais importante.

– Um momento... é verdade que o Walters lutou com uma estátua de jardim ontem à noite e perdeu?

Vexley parou, o seu ar despretensioso restabelecido.

– Vá lá, Havisham. Acha mesmo que vou entregar os segredos dos meus amigos assim tão facilmente?

Vexley exibiu o seu lendário sorriso, abrandando o passo para sair pela porta, aparentemente sem qualquer preocupação. Camilla esperou até que ele e Havisham tivessem saído da galeria para se deixar cair no seu banco, com os músculos a tremer. Não tinha dúvidas de que Vexley cumpriria as suas ameaças se se sentisse pressionado. Na verdade, ele parecera pronto para a matar. Levou as mãos à garganta, a sensação gelada do toque do lorde arrepiando-a até ao âmago do seu ser. Calculara que Vexley iria ficar furioso se ela conseguisse roubar a falsificação, mas nunca o imaginara a causar-lhe danos corporais.

Ele nunca fora violento antes. E ela também nunca ouvira rumores dele envolvido em brigas. Vexley convencera toda a gente de que era apenas um bêbedo e adorável trapaceiro.

Mas o que sabia ela realmente sobre o lorde?

Ninguém respeitável visitava o mercado negro com tanta frequência quanto ele. Silverthorne Lane era um lugar onde a magia se infiltrava pelas ruas, bebendo a vida e a emoção dos mortais que o visitavam. Ela vira-o acontecer em primeira mão com o seu pai, sabia como era um sítio perigoso. Quando ele começara a lá ir, a vida como eles a conheciam acabara.

De início, à medida que Pierre adoecia, Camilla também se aventurara por lá, sem se importar com as consequências. Se fora ali que o pai adoecera, acreditava que também ali encontraria a cura. E tinha sentido o poder

presente no local, pressentido o fascínio.

Após a morte do pai, só lá voltara mais duas vezes.

A primeira quando conhecera Wolf, o lendário caçador, seduzida pela vida que ele poderia oferecer-lhe fora de Waverly Green.

Da segunda vez, tinha ido avisá-lo para que mantivesse a sua noite de paixão em segredo. Camilla queria ficar em Waverly Green, e ninguém podia saber que ela pusera a sua reputação em risco num acesso de desespero, na necessidade de se lembrar de que ainda estava viva, mesmo na escuridão da sua dor.

Wolf havia jurado partir, mas apenas depois de garantir que voltaria um dia.

Camilla ainda rezava para que isso nunca acontecesse. Vexley e Synton já eram problemas de sobra.

Por falar nisso... fora uma tola ao pensar que, só porque não a pressionara por mais informações na noite anterior, Synton deixaria as coisas como estavam. Havia um ponto em que ela concordava com Vexley: de alguma forma, Synton conseguira esgueirar-se de volta para a Casa Gretna.

Só por cima do seu cadáver é que Camilla deixaria que mais um homem a chantageasse.

Se Vexley ia mesmo arruiná-la, pelo menos teria a satisfação de ver aquele quadro miserável destruído pelas suas próprias mãos.

Furiosa, colocou um cartaz na porta a informar os clientes de que a galeria estava fechada por aquele dia. Surgira-lhe uma súbita necessidade de visitar Hemlock Hall.

Quando saiu para a rua calcetada, sentiu alguém atrás de si. Voltou-se e viu um homem encostado ao edifício do outro lado da rua. As suas feições estavam escondidas por um chapéu que puxara para baixo sobre a testa, o seu

tamanho e forma indistintos sob um manto preto.

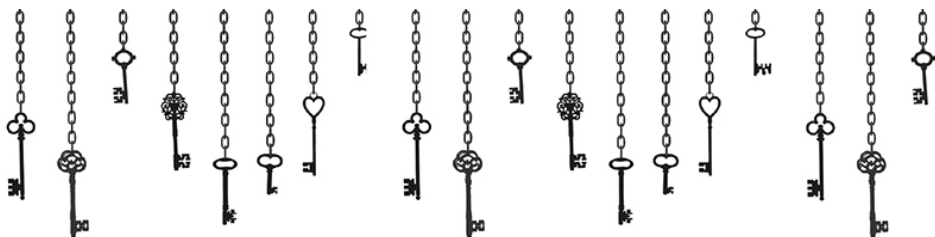
Usava luvas de cabedal que a fizeram hesitar.

Camilla esperou que ele se afastasse do edifício e fosse embora, mas ele não o fez. Permaneceu onde estava, silencioso, ameaçador.

Vexley não teria contratado alguém para a vigiar, pois não? A resposta a isso era um simples sim.

Engoliu em seco e correu para o fim da rua, chamando uma carruagem.

Quando subiu e olhou pela janela, o homem tinha desaparecido.



O Inveja inclinou a cabeça para trás, pensando na falsificação que roubara logo cedo. A luz do Sol do fim da tarde entrava pela janela, dourando os grãos de poeira que ele levantara com as suas passadas.

Estivera a olhar para o impressionante quadro durante a maior parte do dia, satisfeito consigo mesmo por o ter roubado mesmo debaixo do nariz de Vexley, enquanto este ressonava.

O homem era uma desgraça total, dormindo de barriga para baixo, com o rabo cheio de borbulhas a descoberto, expelindo gases tão nojentos como os seus modos.

Uma parte selvagem do Inveja queria pendurar a falsificação no seu *hall*, convidar Vexley para beber um copo e mijar um círculo à volta do trabalho de Camilla, marcando o seu território até o jogo continuar.

Em vez disso, controlou-se, lembrou-se de que era com estratégia que se ganhavam as guerras.

E, com certeza, estava a decorrer uma guerra. Na noite anterior, a sua segunda tentativa de conseguir a ajuda de Camilla falhara. Só lhe restava mais uma oportunidade antes de ser desclassificado. E, embora as consequências de

qualquer desistência ainda não fossem evidentes, as realidades que a sua corte enfrentava eram-no.

O Inveja *precisava* de ganhar.

Tentara manter uma atitude positiva, mas as coisas não estavam a correr bem. Não podia usar a sua magia para influenciar Camilla, e seduzi-la não funcionara.

Pedir diretamente também falhara.

– Foda-se. – O Inveja passou uma mão pelo cabelo, voltando a olhar para o quadro.

O desespero tornava as pessoas descuidadas, imprudentes. O Inveja tinha de se focar. Roubar a falsificação fornecera-lhe uma moeda de troca para usar com Camilla. Ele vira o quanto ela a queria. Por isso, quando Camilla tentara arrancá-la da parede, ele usara um bocadinho de magia para a prender no lugar. Levá-la pessoalmente era um plano de segurança, uma carta na manga. Como não se tratava de persuasão pura e simples, não estava a quebrar nenhuma das regras de Lennox.

Agora que já conseguira a falsificação, o Inveja refletiu sobre o que mais podia fazer.

O baile seria dali a apenas duas noites, mas os preparativos estavam bem encaminhados.

A casa senhorial fora totalmente restaurada à sua antiga glória, ficando ainda mais opulenta. A madeira escura brilhava com o seu recente lustro, os novos cortinados de veludo pendiam, espessos e sumptuosos. As obras de arte trazidas da sua verdadeira coleção privada estavam expostas com muito bom gosto por toda a propriedade, e mostrara aos serviçais como preparar a sua bebida personalizada preferida – o Sombrio e Pecaminoso. Era uma mistura exuberante que ele criara certa noite, com amoras silvestres, xarope de açúcar mascavado, *bourbon*, raspas de laranja e um pouco de champanhe.

Tinham escarnecido do nome, mas ninguém protestara depois de o ter provado.

Agora, podia concentrar toda a sua atenção na terceira tentativa. Os seus espiões ainda não haviam descoberto nada de muito importante sobre Camilla, apenas o que ele já sabia – embora tivessem confirmado a sua suspeita sobre o túnel secreto que o pai dela havia construído. Encontrava-se sobre uma linha de domínio, uma fronteira mágica invisível que podia conduzir a outros reinos. Poucos sabiam que elas existiam e eram ainda menos os que as usavam. Sobretudo ali, no reino humano.

O Inveja não sentira que o túnel estivesse ativado, portanto este não podia estar a ser utilizado. E também não vira nenhuma runa ou um entalhe de chave de portal, mas isso não queria dizer que Pierre não tivesse escondido um algures. Fosse como fosse, mesmo que o tivesse feito, o Inveja duvidava de que Pierre conseguisse abrir o portal.

Tanto quanto sabia, as chaves de portal estavam ligadas a apenas duas espécies: os *fæe*, em especial a realeza Unseelie que governava a corte das trevas, ou os metamorfos mais poderosos, como os lobisomens.

Em vez de desperdiçar o resto do dia com a sua crescente frustração, talvez o Inveja devesse fazer uma visita ao infame mercado negro. Pelo menos assim poderia saber mais sobre o que Vexley andava a fazer. Convencera-se de que aquele homem também estava a participar no jogo, mas, depois do seu desempenho desconcertante na noite anterior, esperava que ele não fosse um dos seus adversários. Seria uma desilusão. Ainda assim, seria útil descobrir quem mais em Waverly Green poderia estar a par das linhas de domínio.

– Então, é aqui que te tens escondido.

O Inveja não se virou ao ouvir a voz do seu irmão

Luxúria.

– Deixa-me adivinhar. O Orgulho tem andado a coscuvilhar como um cortesão?

– Provavelmente. Mas eu ouvi-o do Gula, que disse tê-lo ouvido do Ganância.

Os seus irmãos não eram melhores do que os maçadores dos colonistas.

O Gula, no mínimo, deveria ter mais juízo, pois andava ele próprio em guerra com uma colonista nos Sete Círculos.

– Agora que a maldição foi quebrada, pensei que tivessem algo melhor para fazer com o vosso tempo – disse o Inveja. – Mas na verdade não posso culpar-vos... afinal, sou o mais interessante dos nossos irmãos.

Chamou Goodfellow e deu-lhe instruções para guardar o quadro com cuidado nos seus aposentos. O Inveja protegera o quarto com barreiras mágicas para que ninguém pudesse entrar sem a sua permissão. Lá deveria ficar seguro.

– A minha visita às Ilhas Movediças dificilmente seria emocionante para ti – continuou ele assim que Goodfellow saiu. O Luxúria aproximara-se para brincar com as cortinas de veludo. – Devias estar mais fascinado com uma certa deusa da morte do que com a minha estadia aqui. A vingança e a luxúria combinam tão bem.

O Luxúria riu-se, pois não costumava cair em engodos.

– Pelo que ouvi dizer, ela está preocupada com os seus cachorrinhos. – O Inveja revirou os olhos à menção cavalheiresca da alcateia de lobisomens. – Mesmo que não estivesse envolvida nesse drama, prefiro manter a pila presa ao meu corpo. Além disso, o joguinho em que estás atualmente envolvido é muito mais interessante. É verdade que uma artista te castrou?

O Inveja tocou na adaga de pedras preciosas que trazia presa à anca, pensando em regressar aos Sete Círculos

apenas para castrar o Orgulho.

– Não que isso seja da tua conta, mas fica descansado, continuo a ser o irmão mais bem dotado.

– É discutível, mas o baile de máscaras que estás a organizar é bastante aliciante. O meu convite parece ter-se perdido, um lapso que compensei ao chegar mais cedo. Estou certo de que a minha influência o tornará lendário.

A voz do Luxúria tinha um tom de provocação, sempre um sinal de problemas. Afastara-se finalmente das cortinas e estava a olhar para as esculturas da lareira com demasiada atenção.

– Considera-me o teu deus-demónio lascivo, que veio para transformar este evento no mais devasso que este reino alguma vez viu. Imagina todos aqueles lordes e senhoras abotoados e empertigados a cederem aos seus prazeres. – O tom do Luxúria tornou-se melancólico. – O teu pessoal vai andar a limpar mesas e paredes durante semanas.

O rosto de Camilla cruzou a mente do Inveja, os seus olhos fechados em êxtase enquanto alguém se ajoelhava perante ela, saboreando o seu doce desejo à medida que ela cavalgava o seu rosto. Por alguma razão, imaginou aquilo a acontecer mesmo na sua mesa da sala de jantar.

– Não. – O Inveja virou-se por fim, lançando um olhar severo ao irmão. – Nem penses...

– Você!

A porta do escritório do Inveja abriu-se com um estrondo, o seu assistente entrou a correr atrás da pequena besta infernal que o antecederia, com os olhos prateados a faiscar.

– Como se atreve?

Alexei levantou as mãos.

– Tentei impedi-la.

O Inveja desviou a sua atenção para a artista, ignorando a curiosidade divertida no rosto do Luxúria. O cabelo prateado de Camilla estava arranjado num nó intrincado, mantido no lugar por um pincel, e o seu vestido era de uma cor de ameixa profunda e sensual. Se não fosse o trovão no seu olhar, que ameaçava derrubá-lo do lugar, ele ter-lhe-ia feito um elogio. Camilla sabia que cores combinar para obter os resultados mais agradáveis, e a sua criatividade estendia-se muito além da tinta na tela.

– Tenta mais. A Miss Antonius tem pouco mais de um metro e meio – rematou ele. – Se não consegues lidar com ela, Alexei, talvez devêssemos reconsiderar a tua posição.

– Não vai fazer nada disso – declarou Camilla. – Além da promessa de um ataque feroz às virilhas dele, também ameacei mordê-lo se ele se metesse no meu caminho.

O Luxúria emitiu um som estrangulado.

– Estou a ver. – O Inveja disciplinou as suas feições para que transparecessem um interesse brando em vez da graça que achava à ideia de Camilla, sem saber, cravar os dentes num vampiro.

Também não se lembrava de alguma vez alguém ter ousado dar-lhe uma ordem direta.

Camilla olhou para ele com uma expressão desafiadora.

O Luxúria soltou um risinho baixo.

– Já percebi a origem do teu mau humor...

– Perdão, e o senhor é? – perguntou Camilla, o tom ainda frio, enquanto olhava para o Luxúria, parecendo pouco impressionada.

Uma proeza considerável, dado que o irmão do Inveja era o príncipe que governava o prazer, e a sua presença costumava suscitar admiração em segundos.

O Luxúria parecia deveras divertido – e bastante intrigado – com a sua falta de deslumbramento. O Inveja

sentiu a magia do pecado do irmão a rodear lentamente a artista, testando-a.

Cerrou os dentes.

O Luxúria curvou-se sobre a mão dela, libertando um pouco mais do seu pecado enquanto os seus lábios roçavam os nós dos dedos da luva dela.

– O irmão mais bonito, como é óbvio.

– Muito prazer. – Camilla afastou a mão, depois devolveu aquele olhar fulminante ao Inveja.

Não tinha sido de todo afetada pelo poder do Luxúria.

– Exijo uma audiência privada, imediatamente.

O Luxúria lançou-lhe um olhar surpreendido, claramente desconcertado pela sua total desconsideração.

O Inveja ergueu uma sobrancelha, depois fez sinal ao irmão e a Alexei.

– Muito bem.

Os dois homens apressaram-se a aceder ao pedido de imediato, decerto intimidados pela entrada de Camilla.

Assim que fecharam a porta, o Inveja encostou-se à mesa onde a sua bebida permanecia intocada, admirado com a capacidade dela de resistir à influência de um príncipe-demónio.

– Para alguém que deseja evitar a ruína, exigir ficar a sós comigo, sem acompanhante, parece-me bastante arriscado, sobretudo depois do que eu disse ontem à noite. A não ser, claro, que esteja aqui para realizar essa fantasia perversa.

Tinha curiosidade em ver se ela o confrontaria em relação a isso.

Ela não mordeu o isco; em vez disso, pô-lo no seu lugar com os seus olhos de luar.

– Onde está a falsificação?

– Presumo que esteja a falar de *A Sedução de Evelyn*

Gray...

– Não brinque comigo, milorde. – Camilla avançou, parando apenas quando as suas saias roçaram os joelhos dele. – O Vexley visitou-me há pouco.

Apesar de Vexley não ser mais do que varíola no rabo de um porco, o Inveja foi trespassado por um ciúme irracional.

– Não estou interessado em qualquer disputa de amantes que possam estar a ter.

– Não me surpreende. Imagino que esteja ainda menos interessado nas ameaças que me foram dirigidas com a mão dele à volta da minha garganta, milorde.

O Inveja estacou.

O coração que ele julgara sombrio e mirrado bateu furiosamente enquanto perscrutava Camilla com mais atenção.

– Ele magoou-a?

Uma palavra, um olhar de confirmação, e a sua lâmina demoníaca estaria enterrada nas entranhas de Vexley em menos de uma hora.

Camilla endireitou-se, fulminando-o com o olhar.

– Desta vez, não, mas garantiu que ia fazer muito pior se a falsificação não fosse devolvida de imediato.

– Isso não vai acontecer. – A voz dele estava impregnada da sua própria violência.

Camilla recuou, de olhos arregalados, enquanto o fitava com atenção, parecendo compreender que ele estava a falar a sério.

De facto, o Inveja deu por si a ir em direção à porta, disposto a levar avante os seus intuitos.

Assim que despachasse o mortal, talvez o presenteasse a Alexei para uma refeição.

Se Vexley se revelasse um jogador, até seria vantajoso

para si.

– Não o pode matar – disse Camilla, soando, de entre todas as coisas possíveis, em parte horrorizada e ligeiramente frustrada.

Ele não abrandou o passo.

– Garanto-lhe que posso.

– Permita-me que reformule: não o vai matar.

O Inveja abrandou por fim e olhou por cima do ombro, a suspeita envolvendo-o como uma trepadeira emaranhada. Um olhar para o rosto pétreo de Camilla e soube: havia mais por contar naquela história distorcida.

Tratando-se de Camilla, de facto não era surpresa.

– Porquê? – perguntou ele.

Ela engoliu com força, a coluna da sua delicada garganta a mover-se ligeiramente. A mesma garganta que as malditas mãos de Vexley haviam tentado profanar. A raiva voltou a insurgir-se antes que ele a obliterasse. Se o Ira pudesse vê-lo agora, a submeter-se ao seu pecado devido a outra pessoa... o presunçoso filho da mãe nunca mais deixaria que ele o esquecesse.

– Porque não me deixa matá-lo, Camilla? – repetiu o Inveja.

Não achava que tivesse algo que ver com moral. Pelo menos, não totalmente.

Esperou, em silêncio, atento. Deu-lhe tempo para lhe contar a verdade.

– Porque a falsificação não é a única coisa minha que ele tem, milorde.

O Inveja esperou vários instantes para que ela se explicasse.

Camilla cerrou os punhos ao lado do corpo, em torno das saias cor de ameixa. A sua raiva e o seu desespero disputavam o espaço entre eles.

– Se ele morrer, o meu pai também morre.





— *M*etaforicamente falando, claro – apressou-se Camilla a acrescentar, observando o rosto do Lord Synton com cautela, apercebendo-se do exato momento em que ele desistiu da ideia de ir atrás de Vexley. Por um minuto, ele lembrara-lhe um anjo da morte: pleno de graça letal e punição divina, disposto a fazer um inimigo pagar pelos seus erros.

Olhando para ele agora, para a calma fria e para o total controlo que mantinha sobre si mesmo, Camilla não teve dúvidas de que Synton seria capaz de assassinar Vexley e não voltaria a pensar nisso depois de dar por terminado aquele ato diabólico. O facto de *não o ter feito* indicava que pesara os prós e os contras e chegara à conclusão de que ia poupar Vexley às retaliações.

Por enquanto.

Ela não achava que Synton fosse vangloriar-se com a matança, mas com certeza que não se importaria de ser o responsável pelo desaparecimento de Vexley.

Ou, pensando bem, ao ver-lhe as pupilas contraídas, talvez se *empolgasse* com a violência, a acolhesse de braços abertos. O que deveria fazer com que Camilla desconfiasse

dele, mas, em vez disso, ela sentiu-se confortada.

– Como, em termos exatos, se mata metaforicamente um pai? – perguntou o Inveja. – Devo acreditar que alguém pode ter metaforicamente assassinado a sua mãe também?

O tom de Synton era cordial, mas havia uma aspereza nos seus olhos, uma rigidez nos seus ombros e uma sensação inegável de que o homem diante de Camilla não passava de um animal selvagem aprisionado numa jaula de fatos caros.

Aquele homem *gostava* da escuridão, acolhia-a; as sombras eram o seu lugar predileto.

Camilla imaginou pintar Synton assim – o seu belo rosto emergindo das sombras, a exuberância dos seus lábios contrapondo-se às linhas duras de uma expressão mais severa, enquanto empunhava uma espada flamejante de onde escorria o sangue dos seus inimigos.

– Miss Antonius?

O nome dela sacudiu-a para fora da sua visão. Camilla abanou a cabeça, para clarear as ideias.

– Não o quis dizer como soou. É *claro* que não matei a minha mãe. Ela partiu para viajar pelo mundo. Fim da história.

– Elucide-me então a respeito do seu pai. – Ele pronunciou as palavras como se cada sílaba o ofendesse gravemente.

Ela respirou fundo.

– O Vexley está na posse de algo que pertenceu ao meu pai. Algo que desejo muito ter de volta. Pelo que ele diz, está guardado fora de Waverly Green, e só ele sabe a sua localização exata. Se o Vexley tiver um fim infeliz, nunca o recuperarei. É um objeto que o meu pai valorizava, por isso perdê-lo... tenho uma grande ligação emocional com ele, é só isso.

Não era a verdade completa. Tudo começara numa noite de inverno. Camilla lembrava-se de Pierre pegar num casaco e sair a correr pela porta, murmurando uma história que a mãe de Camilla lhes tinha contado, anos antes. Isso acontecera perto do fim, quando ele se deixava muitas vezes levar pelas suas fantasias do passado, mas daquela vez tinha sido diferente. Pierre desaparecera durante três dias, regressara a casa exausto mas orgulhoso, na sua posse uma chave mágica que, segundo ele, iria mudar tudo.

Camilla ficara a saber que ele regateara essa chave em Silverthorne Lane. Pouco depois, as entradas secretas tomaram conta do seu mundo, e o estúdio da casa secreta foi construído.

Era um homem obcecado, que se esquecia de comer e que mal dormia; fora difícil presenciar tudo aquilo, tentar desesperadamente trazê-lo de volta à sua vida antes de Fleur a ter arruinado com as suas histórias dos Reinos das Sombras. Mesmo assim, após a sua morte, a chave parecera-lhe importante. Como se pudesse revelar algo que Camilla não tivesse percebido sobre a sua loucura, se ela própria encontrasse a porta certa.

Claro que, agora, sabia que deveria tê-la penhorado no mercado negro. Em vez disso, mantivera-a escondida, relutante em separar-se dela.

O sentimentalismo tendia a desenvolver presas e a cravá-las no traseiro de quem o tinha.

Se Camilla a tivesse vendido, Vexley nunca lha teria roubado, e ela não teria mais uma corrente presa à sua volta.

– Então, o seu pai está mesmo morto.

– Sim – disse ela em voz baixa. – Ele morreu há uns anos.

As feições de Synton suavizaram-se ligeiramente, como

se compreendesse o significado de perder algo insubstituível. Durante um momento tenso, Camilla pensou que ele ia aproximar-se, segurar-lhe a mão, dizer-lhe que não estava sozinha.

Depois, ele fez desaparecer qualquer empatia, a sua expressão ficou cuidadosamente vazia à medida que se afastava, aumentando a distância entre eles. Até se tornar completamente indecifrável. Exceto pelo seu olhar astuto, que parecia indicar que a sua mente estava rapidamente a analisar as peças de um *puzzle* e os enigmas, a pensar no seu próximo passo e na possibilidade de aquela informação mudar alguma coisa.

Ele arrastou lentamente o olhar sobre ela, um novo brilho a penetrar naqueles olhos perspicazes.

– Vou organizar um baile de máscaras daqui a duas noites.

Camilla franziu o sobrolho, sem perceber logo a grande mudança de direção na conversa.

– O meu convite chegou hoje cedo.

Ele anuiu, quase distraidamente.

– Vou ajudá-la a localizar o objeto que pertenceu ao seu pai. Também vou ficar com a falsificação e manter o Vexley sob controlo, para que não cause problemas a nenhum de nós. Se concordar em pintar o Trono Amaldiçoado, devolvo-lhe a falsificação assim que a pintura estiver concluída.

Ele ergueu uma mão, evitando qualquer argumentação.

– Ambos ganhamos algo que desejamos com o acordo. Antes de descartar a proposta, leve o seu tempo para pensar realmente nela, Miss Antonius. É um negócio justo.

Era um pedido razoável, mas a pulsação de Camilla rugia-lhe nos ouvidos.

Não *podia* pintar aquele trono.

Pelo menos não sem revelar um dos seus segredos mais bem guardados.

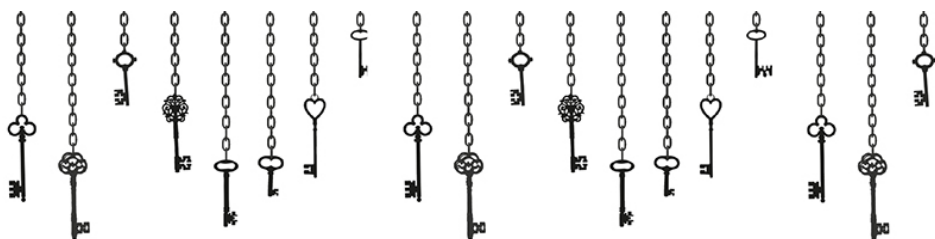
Porém, as suas opções estavam a diminuir rapidamente.

– Qual é o verdadeiro motivo para querer esse quadro? – perguntou ela, sabendo que seria provavelmente em vão. No entanto, se estava a considerar a hipótese de lhe entregar um dos seus segredos, ele deveria retribuir o favor.

– Já lhe disse. Coleciono arte intrigante. O seu talento é tal que gostaria de possuir essa peça.

A expressão de Synton fechou-se abruptamente, mas ela captou um vislumbre de algo desolado, algo que parecia desenrolar-se por séculos, estampado nos olhos cor de esmeralda. Não havia nenhum indício de humanidade naquele olhar, apenas uma frieza tão impenetrável que a fez estremecer. Podia facilmente imaginar que ele tivesse vivido uma vida inteira sozinho, torturado por algo de que nunca havia escapado.

– Muito bem – disse ela, inexplicavelmente comovida. – Dou-lhe uma resposta daqui a duas noites, no baile.



O Inveja surpreendeu-se por Goodfellow ter acertado em relação aos *fae*.

O mercado negro na Silverthorne Lane fora engenhosamente batizado em homenagem às criaturas que vendiam mercadorias curiosas e faziam acordos cruéis com mortais imprudentes ou arrogantes o suficiente para acreditar que poderiam enganar aqueles que praticamente haviam inventado o engano.

A maior parte dos humanos acreditava que os *fae* eram incapazes de mentir – uma crença que estes últimos tinham criado, entre outras histórias que inventavam quando lhes convinha.

Apenas um dos mitos era verdadeiro: o ferro enfraquecia-os.

Se os mortais tivessem metade da inteligência e da superioridade que gostavam de acreditar que tinham, construiriam as suas casas e prisões em ferro. O Inveja sabia que, de facto, todas as masmorras das Casas do Pecado dos seus irmãos eram feitas desse material. Muitas outras criaturas malignas menos conhecidas vagueavam pelos reinos, e o ferro também era bom a contê-las.

À sua passagem, os astutos vendedores chamavam-no, tentando atraí-lo para as suas bancas:

- Pedra da memória?
- Poção para uma luxúria sem fim?
- Casaco para desviar qualquer inimigo e enganar a morte?

O Inveja passeou pela rua calcetada, olhando para cada banca de artefactos questionáveis de mãos enfiadas casualmente nos bolsos, mas sentindo-se tenso por dentro – sentia a magia *fae* a pulsar por todo o lado, atraindo e seduzindo, como uma canção cuja melodia se vai entranhando aos poucos no subconsciente do ouvinte, até que este a entoa sem dar por isso. Era subtil, uma carga na atmosfera, um aroma que pairava no ar como uma mistura inebriante de especiarias e nuvens tempestuosas, inconfundível: a magia da Corte Selvagem.

A Corte Selvagem era a designação pela qual era conhecido o reino Unseelie, lar dos *fae* das trevas. Como espécie, os *fae* nasciam numa de duas cortes: os Seelie, ou a Corte da Luz, que veneravam o Sol, a primavera e o verão; e os Unseelie, os *fae* que veneravam a Lua, o outono e o inverno.

Fazendo parte da cadeia insular onde se situavam os Sete Círculos e as Ilhas Movediças, Faerie erguia-se a oeste, dividida a meio por uma fronteira invisível. Os Seelie tinham-se estabelecido no leste, onde o Sol brilhava mais forte, enquanto os Unseelie haviam instalado a sua corte a oeste, onde a Lua imperava suprema.

Claro que também havia *fae* solitários e *fae* exilados, cada um enfrentando os seus próprios desafios. Ser membro de uma corte estava enraizado nos seus seres, por isso era difícil separarem-se dela, de livre vontade ou não. Ou pelo menos era o que lhe tinham dito.

O tempo dos *fae* também se desenrolava de forma diferente do dos outros reinos do submundo. Alguns dias no reino mortal podiam ser equivalentes a alguns meses em Faerie, embora alguns dias em Faerie fossem apenas uma semana ou duas nos Sete Círculos. O Inveja sabia-o pessoalmente, de uma época que preferia não recordar. No entanto, embora ignorasse os complicados reinos selvagens, ao longo dos anos haviam chegado aos Sete Círculos rumores de discórdia na corte Unseelie.

Aparentemente, décadas antes, Prim Róis – a rainha Unseelie, lendária pelos seus jogos perversos – tinha abdicado do trono de tempos a tempos para se deliciar com o caos que a sua ausência provocava.

Na maior parte das vezes, fazia-o para irritar o rei. Ela era a Discórdia; ele era o Caos. Ambos tão inconstantes e mutáveis quanto a Lua que adoravam. Juntos, tinham governado os Unseelie, criando uma corte de *fae* aterradores durante vários milénios, retorcidos, espinhosos e plenos de podridão. O próprio reino Unseelie havia sido quebrado como as pontas de uma estrela, com Prim Róis e Lennox governando no topo e os seus perversos herdeiros supervisionando as restantes quatro cortes. O Inveja sabia, em primeira mão, que os Unseelie eram semelhantes aos *succubi*, alimentando-se de emoções, a maioria associada à paixão. Ele também sabia que eles gostavam de manipular os humanos.

Por isso, o Inveja e os seus irmãos tinham-nos vigiado de perto, sobretudo quando as bruxas e os vampiros passaram a rondar Faerie como tubarões, atraídos pelo cheiro do sangue derramado. A Ilha da Malícia – lar da corte dos vampiros – ficava a dois passos da costa sudeste dos Sete Círculos, o que lhes permitia chegar facilmente a Faerie quando viajavam para oeste, para lá das Ilhas

Movediças.

Por sorte, pelo menos os Seelie tinham demonstrado algum bom senso, voltando a sua atenção para os seus próprios assuntos, não se importando com os seus irmãos perversos.

O Inveja afastou os seus pensamentos sombrios, olhando em redor para se certificar de que nenhum daqueles *fae* estranhos e solitários tinha decifrado para onde a sua mente vagueara. Felizmente, uma banca à sua esquerda chamou-lhe a atenção. Pincéis feitos de pedras preciosas cintilavam ao luar. Um deles esculpido com uma única esmeralda. Lindo.

O Inveja pegou nele, procurando vestígios de magia ou artifícios, intrigado com o facto de tudo ser tão mundano quanto parecia.

– Embale isto.

Uns olhos cor de cobre lampejaram. Uns dentes afiados brilharam.

– Uma ótima escolha, Vossa Alteza.

A menção do seu verdadeiro título não passara de um mero sibilar ao vento, mas vários pares de olhos antigos viraram-se para ele. Antes que o *fae* pudesse revelar qualquer outro segredo, o punhal do Inveja dirigiu-se à garganta do Unseelie, a ponta penetrando fundo o suficiente para extrair o seu sangue reluzente.

A lâmina do Inveja brilhou, satisfeita com a oferta.

– Fazemos assim: dizes-me o que eu quero saber e eu talvez me convença a manter a tua cabeça presa ao teu corpo; mentes e esta noite mijarei na pira do teu cadáver. Combinado?

Uma lâmina demoníaca não fazia diferença entre quem ou o que matava. Nenhum imortal podia resistir a um golpe. Exceto os seus irmãos.

O *fae* ficou furioso, mas inclinou a cabeça. Esperto o suficiente para garantir que sobreviveria mais um dia miserável.

– Tu ou alguém que conheças vendeu informações a um homem chamado Pierre Antonius? Quero pormenores.

– Sim. Ele queria saber como viajar pelos reinos.

– Há quanto tempo?

– Há dois anos.

– E? – pressionou o Inveja. – Que mais?

– Falámos-lhe das linhas de domínio.

Tal como o Inveja suspeitara.

– O vosso rei deu-lhe uma chave?

– Eu já não tenho rei nem rainha. O que eles dão ou deixam de dar não me diz respeito.

Um *fae* exilado, portanto, mais volátil do que um *fae* solitário. Os *fae* exilados ou ficavam furiosos por não terem uma corte, ou felizes por serem livres. Este parecia inclinar-se para a primeira opção.

– Tretas políticas à parte, responde à pergunta. Ele tinha uma chave?

– Sim.

E o Inveja apostava que era esse o objeto que Camilla queria recuperar. Aquele que ela alegava ter valor sentimental. Tendo em conta o túnel secreto e as passagens ilustradas na arte de Pierre, o Inveja compreendia o porquê de ela o querer de volta, mesmo que não soubesse muito bem o que fazia. O facto de Vexley o ter na sua posse indicava que ele era mais astuto do que o Inveja julgara. E quase de certeza que era um jogador.

– Porque queria ele viajar pelos reinos?

– Pelo mesmo motivo que todos os outros. Para viver entre os seus superiores. Para nos divertir até nos aborrecermos.

O que era uma forma arrogante de dizer que os *fae* não sabiam. Pierre podia estar à procura de um caminho para Faerie ou podia estar à procura de metamorfos.

– Tu ou alguém que conheças já negociou com um mortal chamado Vexley? Se sim, diz-me o que ele queria.

– Sim. Ele queria informações. Sobre uma chave. – A mão do Inveja apertou mais o cabo do punhal.

– A mesma chave?

– Imagino que sim. Não se encontram muitas chaves de portal hoje em dia.

O demónio precisou de toda a força de vontade que possuía para não voltar atrás na sua palavra e apunhalar o *fae*.

– Ele obteve informações sobre essa chave?

Se as obtivera, então as hipóteses de localizar e recuperar a chave em segurança estavam a diminuir. O Inveja sabia que, se Vexley tivesse alguma ideia do valor da chave, tê-la-ia vendido a quem pagasse mais, e facilmente mentiria sobre a sua devolução a Camilla.

Uma discussão estalou no preciso momento em que o *fae* lhe respondia, desviando a atenção do Inveja tempo suficiente para que o Unseelie conseguisse sair do seu controlo e desaparecesse.

Praguejando, ele olhou para o mortal que discutia com um vendedor duas bancas abaixo, sentindo-se um pouco menos assassino quando viu quem era o causador de todo o tumulto.

Lord Edwards. O marido de Katherine. Curioso, de facto.

O príncipe-demónio considerou rapidamente todas as possibilidades: Edwards podia ser outro jogador. Ou talvez fosse um dos muitos que se haviam viciado em magia Unseelie.

O Inveja podia ir até lá e arrastar o homem para longe da discussão ou podia observar das sombras, ver que outros segredos havia para recolher.

Ele não era do gênero de ajudar.

Como tal, invocou a sua própria magia, camuflando-se antes de se aproximar do lorde furioso.

– E fique sabendo que o *Peter* não reagiu ao tônico como prometido. – O negociante *fae* lançou um olhar inexpressivo ao mortal. – O galo, pelo amor de Deus – explicou Edwards entre dentes. – Prometeu que ele iria gerar riquezas em ouro. Exijo o meu dinheiro de volta.

O Inveja fechou os olhos por uns instantes. Seria Edwards assim tão estúpido? Ou será que precisava do galo para a sua pista? Estranho, mas o mestre do jogo tinha um sentido de humor perverso.

Ou talvez Edwards estivesse apenas à procura de uma forma fácil de garantir mais riqueza, como qualquer outro mortal.

Aborrecido e desiludido, o Inveja continuou a descer Silverthorne Lane, examinando a multidão que se ia reduzindo, tentando compreender o mistério do pai de Camilla e o seu fascínio por outros reinos. O que o teria atraído: os *fae* ou os metamorfos?

Ou seria o fascínio de Pierre resultado daquela irritante necessidade humana de aventura?

De repente, o Inveja quis saber mais sobre a mãe ausente de Camilla; ela poderia muito bem ter as respostas de que ele precisava. Camilla fora rápida a pôr fim à conversa quando ele perguntara por ela, e agora o Inveja queria muito saber porquê.



Acriada de Camilla apertou-lhe o espartilho com força suficiente para provocar um arquejo, depois ajudou-a a vestir a roupa mais magnífica que ela alguma vez imaginara ver, quanto mais possuir, antes de lhe ir buscar os sapatos.

Depois da morte do pai, usara todos os rendimentos que obtinha com a galeria para manter os empregados. A galeria evoluíra muito, rendia-lhe um bom dinheiro, mas já não podia substituir todo o seu guarda-roupa em cada estação, como antigamente.

A escolha era entre vestidos bonitos e metade do seu pessoal, ou metade dos vestidos e apoiar aqueles que conhecia desde sempre. A decisão fora fácil.

O vestido que agora usava ia além de qualquer coisa que ela sonhasse voltar a ter. Era uma verdadeira obra de arte – luxuoso, exuberante e inegavelmente deslumbrante. Camilla sentia-se uma princesa com ele, não só porque o vestido devia ter custado uma pequena fortuna, mas também porque usá-lo fazia-a sentir-se poderosa. Havia muito tempo que não se sentia assim.

Rodou para um lado e depois para o outro diante do

espelho de corpo inteiro, admirando a fluidez do tecido.

As saias eram camadas etéreas de tule branco felpudo, com brilhos prateados espalhados como estrelas cintilantes pelo tecido. O corpete era feito de diamantes incrustados, com contas de prata e penas brancas. Camilla parecia uma deusa da Lua, etérea, tentadora e completamente fora do alcance de qualquer mortal.

O vestido aparecera misteriosamente duas horas antes do baile de Synton, acompanhado por uma máscara de filigrana prateada a condizer. Não trazia nenhum bilhete, mas sobre o vestido fora colocado um lindo pincel novo.

Se bem que chamar-lhe pincel não lhe fazia justiça, pois o cabo era um pedaço sólido de esmeralda esculpida – o tom exato dos olhos de Synton, o que não dava margem para Camilla se questionar sobre qual a origem dos presentes.

Surpreendentemente, apesar de talhado numa pedra preciosa, o pincel não era pesado nem difícil de manusear, encaixando-se na perfeição na palma da mão, o que fez a artista ansiar por uns momentos para se sentar diante de um cavalete.

Camilla perguntava-se muitas vezes se nas suas veias corria tinta em vez de sangue. Quando criava, era como se fabricasse novos reinos, fantásticos e belos, precisamente para onde desejava fugir. Com a sua arte, de alguma forma, sentia-se ligada ao universo muito além da sua pequena galeria. Poderia viver mil e uma vidas, cada uma mais mágica do que a anterior.

Synton escolhera bem a sua própria tentação.

O pincel era um presente astuto. Fez com que Camilla pensasse seriamente em pintar-lhe o Trono Amaldiçoado, sem se importar com as consequências.

Voltou a pousar o pincel sobre o veludo amassado, com

as emoções à flor da pele. Tinha de lhe dar naquela noite uma resposta sobre o acordo.

Como ela desejava que aquela decisão não lhe parecesse tanto uma traição! Recordou a noite anterior à morte do pai. Ele tentara aproximá-la, os braços a tremerem com o esforço.

– A escuridão... não... vencerá.

– Não entendo – dissera ela, com lágrimas nos olhos. Teria ele sabido? Lembrava-se de se ter questionado se teria ele sempre sabido.

– Tu... és... boa, minha querida. Nunca... duvides.

Foi a última coisa que ele lhe dissera. E Pierre deixara claro, ao longo dos anos, o que achava dos objetos amaldiçoados. O quanto eles eram perigosos, que deviam ser evitados a todo o custo.

Misturado com o raro... talento... dela, se Camilla pintasse o Trono Amaldiçoado, este poderia muito bem aparecer. Os relatos sobre o que ele podia fazer variavam – desde conceder poder eterno e imortalidade a amaldiçoar todos os outros governantes e até mesmo destruir imortais –, mas Camilla não acreditava que qualquer uma das opções seria boa.

O que pretendia Synton com a pintura do trono?

Ele alegara que o queria apenas para a sua galeria pessoal, mas Camilla não precisava da estranha capacidade que o lorde tinha de detetar uma mentira para saber que ele não estava a ser sincero.

Poderia arriscar-se a dar a alguém como Synton acesso a um objeto com o poder de provocar efeitos indizivelmente obscuros? O pai ensinara-lhe vezes sem conta que o poder corrompia até a alma mais pura. Synton não lhe parecia ter uma alma pura para começar.

Se Camilla pintasse o Trono Amaldiçoado, seria

responsável pelo que acontecesse depois. Talvez Synton não abusasse dele, mas poderia ser roubado por alguém pior.

Uma pancada suave na porta voltou a atenção dela para o momento presente.

– Entre.

A criada fez uma vénia educada e ajudou Camilla a calçar-se.

– O Lord e a Lady Edwards chegaram.

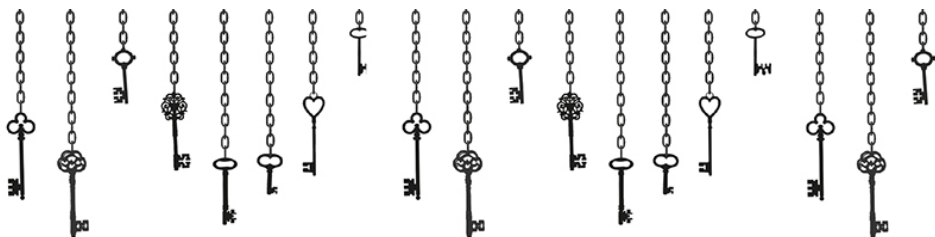
Camilla olhou para o seu reflexo uma última vez e depois colocou a máscara.

De uma forma ou de outra, a mulher que regressasse àquela casa estaria mudada. Para o bem ou para o mal.

A sorte que andava a ter não lhe inspirava confiança.

– Por favor, pai. Ajuda-me. – Camilla tentou evocar a memória do pai, procurando a sua voz tranquilizadora, mas, qualquer que tivesse sido o ser a ouvir a sua súplica no Grande Além, este riu-se sombriamente, o eco arrepiante reverberando nos seus ossos.

Camilla saiu apressadamente do quarto, esperando que aquele riso assombrado não fosse um sinal de que coisas piores estavam para vir.



*H*emlock Hall não se comparava à Casa Inveja, mas o príncipe daquele círculo estava suficientemente satisfeito com a restauração. E com a afluência. Não obstante a dor que sentia nas suas entranhas ou a forma como a sua atenção se voltava para o relógio. Muito seria decidido até ao final da noite. Ou ficaria um passo mais próximo da vitória, ou condenaria os seus súbditos para sempre.

O destino da corte do Inveja dependia de uma mortal obstinada.

A ironia era poética, supôs. Lennox tivera décadas para planear aquele jogo, e provavelmente escolhera Camilla por essa mesma característica, sabendo que ela não facilitaria a vida a nenhum deles.

Mesmo assim, o Inveja não contava aproximar-se tanto de perder tão cedo.

Concentrou-se na sua respiração, no papel de lorde enigmático que tinha de desempenhar. Por dentro, agitava-se como um mar violento. Queria passear pelo balcão superior, bater com os dedos no corrimão, libertar alguma da sua energia reprimida.

Talvez só precisasse de encontrar uma parceira

interessada e foder até alcançar a serenidade. Ou melhor, recuperar algum poder alimentando a inveja de alguém.

Isso não devia ser muito difícil. Olhou para os primeiros convidados, que chegavam com grande entusiasmo à sua propriedade reluzente. Tinha restaurado o passeio circular, acrescentando uma fonte que ostentava uma estátua de uma besta alada, a água tingida de um verde-pálido cintilante.

Cada espaço, cada centímetro do terreno, fora concebido para deslumbrar e incitar o seu pecado. Quase toda a gente da alta sociedade mortal de Waverly Green havia aceitado o seu convite, mais de uma centena de nobres atraídos pela mansão e pelo seu misterioso encanto, nem que fosse para se vangloriarem mais tarde. O Inveja também se certificara de que não enviava alguns convites. Nada havia a invejar num evento a que todos podiam ter acesso.

Observou uma dúzia de casais a percorrerem o salão de baile, trajando vestidos e fatos dos mais finos materiais, as suas máscaras a brilhar à luz das velas. As mulheres circulavam pela sala, conversando animadamente, enquanto os homens tiravam bebidas dos tabuleiros que passavam.

O Inveja deslocou-se ao longo do balcão acima do grande salão, escutando. Mesmo com as máscaras douradas, reconheceu o Lord Walters e o Lord Harrington da festa de Vexley, e o homem – Lord Garrey – que se escapulira com a viúva Janelle.

O Lord Garrey era interessante. Parecia ter tido uma série de infortúnios nos últimos anos, apesar da reputação impecável da sua família. A sua irmã mais nova, seguida de uma mulher que ele cortejara, haviam desaparecido, para nunca mais serem vistas. Os espiões do Inveja tinham

também descoberto a sua ligação ao Lord Edwards, um amigo de infância. O Lord Garrey também fora visto a frequentar Silverthorne Lane.

Sabendo de tudo aquilo, o Inveja suspeitava que o Lord Garrey também estivesse a jogar. Os *fae* gostavam de tomar mulheres mortais, atraí-las para Faerie. Seria algo digno de ser disputado – uma oportunidade de recuperar uma delas.

O palpite do Inveja ganhou força quando o homem se desculpou junto dos demais para vaguear lentamente pela orla do salão de baile, a sua atenção deslizando sobre cada pintura e escultura. O Inveja incluía de propósito arte que retratava Unseelie. Queria ver quem iria reparar. E era precisamente ali que o Lord Garrey se detinha agora. A Corte Selvagem.

O Inveja fez sinal a Alexei, que estava à espera no andar principal, indicando que deveria vigiar o mortal em questão. O seu assistente assentiu e depois desapareceu nas sombras.

O príncipe-demónio voltou a concentrar-se em Walters e Harrington. Dois palermas, pelo que havia observado, não seriam prováveis jogadores, a menos que Lennox estivesse simplesmente a fazer pouco do Inveja.

Os sussurros daquele grupo de lordes chegaram-lhe aos ouvidos, as vozes tingidas de inveja. Pelos vistos, os convites do Inveja haviam cumprido o seu propósito. Ele estampara-os com um lobo de duas cabeças, o símbolo da sua Casa do Pecado. E tinham sido impressos no melhor cartão, de um verde tão profundo que era quase preto, sob a tinta prateada brilhante.

Também tinham sido enviados presentes, cada um feito à medida dos convidados. *Brandy*, charutos, livros raros – os espiões do Inveja tinham andado a recolher informações pormenorizadas. Fizera com que fosse quase impossível aos

convidados recusarem. Harrington e Walters estavam praticamente a fumar com a audácia, com o insulto de os conteúdos dos embrulhos serem tão miserável e maravilhosamente únicos.

O presente de Camilla, contudo, fora diferente. O Inveja comprara tudo pessoalmente. E oferecera-lhe muito mais do que uma simples recordação a agradecer a sua comparência na festa. Camilla podia não ser da realeza, mas ele queria que esta noite ela parecesse uma princesa, inigualável em dignidade, em graça. Por um lado, porque a sua beleza assim o exigia, por outro, para mostrar a Vexley que ele não tinha qualquer hipótese. O ar do salão de baile já exalava centelhas de inveja que alimentavam o seu pecado, ampliadas pelos óleos de sedução que ele espalhara por todo o espaço para aguçar os sentidos humanos. Baunilha, gengibre, jasmim, almíscar: cada aroma evocava uma sensação diferente, prometia um novo prazer.

Sabendo que tinha de acumular o máximo de energia possível para o jogo, o Inveja também brincara com a ideia da escuridão do pecado através da decoração que escolhera. Mesas e cadeiras de madeira escura. Um candelabro de cristal preto. Arandelas e castiçais de ferro, complementados com velas de cera de abelha cor de ébano.

Lá em baixo, o chão do salão de baile brilhava como um prado à noite, o mármore verde-escuro polido de forma a refletir claramente os rostos mascarados dos dançarinos que deslizavam sobre ele.

A um sinal do Inveja, o quarteto contratado começou a tocar, e vestidos de todos os tons desenrolaram-se como pétalas de flores à medida que rodopiavam pela grande extensão, cada um deles refletindo o seu próprio e belo desabrochar da meia-noite no mármore.

A visão do príncipe-demónio concretizara-se de forma

requintada.

Os mortais pressentiram a verdadeira grandeza, bebericando as suas bebidas, conversando em pequenos grupos, tornando-se mais ousados à medida que a noite avançava devido às máscaras que usavam. O Inveja adivinhara que se permitiriam pecar um pouco mais se tivessem uma sensação de anonimato.

Embora, até agora, a coisa mais escandalosa que testemunhara fora homens a roubarem mais danças do que a sociedade normalmente permitia.

Perguntou-se como seria Camilla, se a sua máscara a tornaria ousada. Esperou que um salpico de prata atravessasse o arco-íris de cores que rodopiavam lá em baixo, lembrando-se do desejo que sentira no túnel algumas noites antes. Fora tão intenso, tão inebriante, que quase o fizera comprometer o seu objetivo.

Imaginou o seu cabelo prateado, depois pensou em enrolá-lo lentamente à volta do seu punho, inclinando o rosto dela para o dele. Iria ela resistir a essa amarra ou dar-lhe as boas-vindas? Em qualquer dos casos, cobrir-lhe-ia a boca com a sua até que ela esquecesse a raiva, esquecesse que alguma vez desejara negar-lhe o que ele mais queria. Era capaz de imaginar os gemidos dela quando ele enfiava a língua na sua boca, possuindo-a como ela queria, contra aquela parede.

Sentira-se tentado por ela nessa altura e sentia-se frustrado por perceber que ainda o estava. Talvez precisasse de a levar para a cama dele, colocando a negociação entre os dois de parte, para que ela pudesse sair da cabeça dele pouco depois.

Bastava uma noite para ficar finalmente satisfeito.

– Cuidado, irmão. – O Luxúria aproximou-se dele, com um copo de Sombrio e Pecaminoso a balançar na ponta dos

dedos. – Alguém pode confundir essa expressão com anseio.

O Inveja lembrou-se do papel que precisava de desempenhar. Ele era um príncipe do Inferno, devasso, insolente. Em busca de um tipo de diversão que inspirasse o seu pecado.

Não era um homem desesperado, à beira de perder tudo.

– Esse alguém estaria correto – disse o Inveja. – Anseio pela próxima pista.

O Luxúria resfolegou.

– Casmurro!

– Agora pareces o Orgulho. Talvez devesse fazer o que o Preguiça sugeriu, diversificares e seres mais criativo.

– Já que estás tão desinteressado, terei todo o gosto em curvar a Camilla e enterrar a minha pila bem fundo... – O Luxúria emitiu um som distorcido.

O Inveja explodiu antes de conseguir pensar nas suas ações, apertando com força a garganta do irmão, a sua expressão desprovida de humor.

– Não.

– Porquê? É luxúria, não amor. Não precisas de agir como o nosso irmão mais velho apaixonado. A não ser, claro, que este jogo seja diferente dos outros. – O olhar do Luxúria aguçou-se; estivera a provocar o Inveja de propósito. – Não tens nenhuma confissão a fazer, pois não?

Um rugido soou alto na mente do Inveja. O Luxúria escondia a sua astúcia por detrás da sua personalidade jovial, mas os seus instintos superavam os de qualquer um dos outros irmãos.

– Até ela ser minha – disse o Inveja calmamente –, sabes como me sinto em relação a partilhar.

Em geral, era verdade. Toda a gente sabia como ele

podia ser territorial.

– Ótimo. Por um momento, pareceu-me que estavas a pensar em rasgar-me a garganta.

O Luxúria lançou-lhe um sorriso selvagem antes de desviar o olhar para trás do Inveja. O Inveja deixou cair a mão e fletiu-a, pronto para atacar de novo.

O irmão pôs-lhe um braço à volta dos ombros, virando-o para a zona de dança.

– Se não levores a artista para a cama, alguém o fará.

Ali estava ela – uma lâmina cintilante a cortar a escuridão. A sua princesa das estrelas, ainda que apenas por uma noite. A mulher que o tinha a ele e à sua corte nas suas garras ardentes e fatais.

– Valham-me a merda dos deuses – murmurou o Luxúria, assobiando baixinho. – Aquela mulher.

O Inveja mal reparou que a Lady Katherine e o Lord Edwards estavam ao seu lado, meras sombras em máscaras de azul e cinzento. Entre eles, Camilla mantinha-se ativa, o seu cabelo de outro mundo puxado para trás da máscara, encaracolado e caindo-lhe em cascata pelos ombros nus.

O olhar dele deslizou sobre as clavículas dela, admirando o corte do vestido que lhe sugeria as curvas sem revelar demasiado. A intenção era provocar, seduzir, e a Miss Camilla Antonius estava a encantar o salão inteiro. Na festa de Vexley, mostrara-se tímida, procurando desaparecer nas sombras, não dar nas vistas.

Com a sua máscara de prata brilhante, dominava agora cada pingo de atenção que lhe era dirigida. Ela era uma estrela e recusava-se a apagar a sua luz por qualquer mero mortal. O que era apropriado, uma vez que, esta noite, ela não estava destinada a um homem mortal. Estava destinada ao Inveja.

E assim que ela concordasse em pintar o Trono

Amaldiçoado, porque ele tinha de acreditar que ela o faria, iria desfrutar de cada segundo que passassem juntos. Venerar o seu corpo até que a luz do Sol entrasse pelas janelas e a sua noite de paixão terminasse.

O Inveja estava pronto para a sua grande entrada quando viu algo que fez o seu pecado inflamar-se.

Vexley também tinha chegado e já estava a arrastar Camilla para a zona de dança. A mão dele pousou demasiado abaixo da cintura dela para o gosto do príncipe-demónio.

O ciúme, gélido e ancestral, cobriu de gelo o corrimão onde o Inveja se encontrava.

Os mortais que espreitavam do balcão ao lado gritaram quando o gelo passou pelo corrimão.

Raios! O Inveja usou um bocadinho de magia para encobrir as memórias dos mortais, fazendo-os esquecer o que haviam acabado de testemunhar. Assim que eles se acalmaram, lançou um olhar de aviso ao irmão.

– Não comeces.

Antes que o Luxúria o pudesse atormentar outra vez por causa do seu temperamento, o Inveja já estava a descer as escadas.

Lordes e senhoras mascarados tentaram chamar a sua atenção, atravessando-se no seu caminho, aclarando as vozes. O Inveja passou por eles como um punhal, visando o mortal que possuía um certo desejo de morte. A máscara de ouro berrante de Vexley era tão subtil como as suas mãos a deslizarem para baixo sobre a forma da Miss Antonius. Se descessem mais, o Inveja cortá-las-ia.

O Inveja ignorou os arquejos enquanto se dirigia com determinação para a zona de dança. Não falou, não se dignou a pedir para interromper. Vexley devia agradecer a Deus por o Inveja não lhe ter espetado a lâmina no coração

ali mesmo. Ou talvez a tivesse enfiado primeiro na pila do idiota, para lhe mostrar qual era a sensação quando alguém se apoderava de algo que não era seu.

Em vez disso, o braço do Inveja deslizou com facilidade em torno de Camilla, e ele puxou-a habilmente para uma valsa sem perder uma batida. Ela ficou rígida por um momento, depois relaxou, o olhar fixo na máscara dele. Vexley indignou-se, mas a dança depressa o deixou para trás.

Delinearam círculos à volta de outros casais, mas o Inveja não lhes prestou atenção. Camilla era uma deusa a ser adorada e, esta noite, pertencia-lhe.

Viu-a morder o lábio inferior, e a ação acendeu-lhe uma brasa de calor na barriga.

– Deseja dizer alguma coisa, Miss Antonius? – perguntou ele, aproximando a boca do ouvido dela.

Pretendia tentá-la, mas aquele calor desceu mais, o seu corpo subitamente consciente de cada lugar onde os seus corpos se pressionavam um contra o outro.

Um arrepio percorreu a espinha de Camilla – o Inveja soube, porque o sentiu sob o seu toque suave. A pele dela cobriu-se de excitação. Ele aproximou-a mais, não exigindo nem forçando, mas com firmeza. A um milímetro da possessão.

Camilla não se afastou. Em vez disso, inclinou-se, como se estivesse a corresponder ao seu movimento. Desafiando-o a subir a parada. A mão dele acariciou-lhe suavemente as costas, e a respiração ofegante dela foi quase impercetível enquanto giravam.

– Camilla... – pronunciou ele, a sua respiração agitando os delicados caracóis prateados perto do pescoço dela.

– As pessoas vão falar do que acabou de fazer, milorde.

– E o que é que dirão? – O tom dele foi de divertimento.

Guiou-a novamente, movendo-se mais depressa, acompanhando o ritmo da música. – Que roubei uma dança? Que evitei que um idiota embriagado provocasse uma cena? Ou que não me importo com o que os outros pensam?

Ela ficou em silêncio por um momento.

– O pincel era lindo. Mas o suborno é sempre tentador, não é?

Ele sorriu.

– Considere-o um simples presente.

– Com todo o respeito, milorde, aposto que nada consigo é simples.

Ele soltou uma gargalhada profunda e deliciada. A Miss Antonius era uma adversária formidável. Quando tudo aquilo acabasse, talvez sentisse falta das disputas com ela.

O Inveja conduziu-os para uma zona com pouca luz mais ao lado, proporcionando-lhes um momento de privacidade.

– Se eu quisesse coagi-la, Miss Antonius, consigo pensar em formas muito mais interessantes de o fazer.

O olhar de Camilla desceu para a boca dele, demorando-se aí um pouco mais do que o necessário antes de o voltar a erguer, desviando-o rapidamente. Um bonito rubor tingiu-lhe as faces.

Interessante.

O príncipe-demónio pensou em inclinar o queixo dela para cima, traçar aqueles lábios cheios com os seus, beijá-la ali mesmo. Perguntou-se se ela ficaria escandalizada com o seu comportamento ou se a máscara a tornaria mais ousada.

Alguém aclarou delicadamente a voz atrás deles, interrompendo o momento. O Inveja não se afastou de imediato nem retirou os braços de Camilla. Lançou um

olhar irritado por cima do ombro.

– Sim? – perguntou, num tom brusco.

Uma mulher morena levantou o seu cartão de dança.

– Esta dança pertence-me, milorde.

O Inveja pestanejou, apercebendo-se de que a música tinha parado e de que se iniciava outra. Estava prestes a dispensar a mulher, que suspeitou ser a viúva Janelle por detrás da máscara de penas brancas, quando Camilla recuou, inclinando a cabeça num ligeiro cumprimento, para depois atravessar rapidamente a zona de dança em direção à mesa dos refrescos.

O Inveja ficou a olhar para ela por um instante. Estivera tão perto de... o quê? Conseguir que ela aceitasse, ou de ganhar a sua confiança? Talvez quisesse simplesmente beijá-la naquele momento, deixar Vexley e todos os que estivessem a ver loucos de inveja.

A morena voltou a aparecer no seu campo de visão, o olhar por detrás da máscara de penas a absorvê-lo.

– Milorde?

O Inveja estampou um sorriso agradável. Os jogos da sociedade já estavam a interferir, e ele ainda nem sequer tivera o prazer de se deitar com uma amante para compensar o seu trabalho.

Lançou um último olhar na direção de Camilla, e o seu pecado acendeu-se quando viu o irmão ávido de prazer aproximar-se dela, com um refresco na mão.

O Luxúria levantou o copo na direção do Inveja, com um sorriso a curvar-lhe os lábios.

Cabrão de merda.

O Inveja podia imaginar com toda a clareza o que o Luxúria iria dizer, como decerto tentaria usar o seu pecado em Camilla de novo. O ciúme corroía-o enquanto tomava a mulher mascarada nos braços, conduzindo-a de propósito

para mais perto de onde Camilla estava.

Queria ficar de olho no Luxúria para garantir que o irmão não estragava a sua melhor hipótese de salvar a corte. E talvez quisesse ver como Camilla reagia ao facto de ele dançar com outra. Podia jurar que houvera ali qualquer coisa, por muito breve que tivesse sido.

E se Camilla considerara beijá-lo, talvez também estivesse a considerar aceitar o seu acordo.

Algo parecido com esperança acendeu-se no seu peito. Afinal, talvez esta noite valesse a pena.



— **S**e deseja outra dança com o meu irmão, aceite-a.

Camilla desviou a sua atenção do homem com a máscara cor de esmeralda que valsava pela zona de dança e fixou-a no irmão de Synton.

Quando se haviam conhecido, não tinha reparado que, apesar de ele partilhar o mesmo cabelo escuro e a mesma pele bronzeada que o lorde, os seus olhos eram de um tom marcante de carvão que condizia com a sua máscara.

Ele lançou-lhe um sorriso misterioso que ela não pôde deixar de retribuir.

Havia nele algo de contagiante, algo que a fazia querer desfrutar da sua companhia. Para ser franca consigo própria, era uma sensação que Camilla achava um pouco perturbadora.

— É impróprio dançar mais de duas vezes com um homem, Lord Synton.

Ele riu-se, o som carregado de alegria genuína.

— Embora imagine que o meu irmão já o tenha reivindicado, por favor, chame-me Syn. Considero-me o primeiro príncipe do Pecado, independentemente do que os meus irmãos possam dizer.

Dado o brilho imoral no seu olhar, Camilla conseguiu imaginá-lo nesse papel.

– Muito bem, Syn. Quantos irmãos tem?

– Somos sete, cada um mais bonito do que o outro.

Sete irmãos Synton, que Deus os salvasse.

E nenhum deles com falta de confiança, apostaria Camilla.

Ele inclinou-se, baixando a voz para um sussurro conspiratório.

– Somos conhecidos como príncipes do Pecado. Um título que levamos muito a sério, garanto-lhe.

Camilla resfolegou. Não duvidava nem um pouco. Um ligeiro receio percorreu-lhe a coluna. Existiam de facto sete príncipes do Pecado, que governavam um reino chamado Sete Círculos, embora alguns mitos que a sua mãe lhe contara afirmassem que outrora tinham sido oito.

Não podia ser...

Estudou o homem ao seu lado.

– Já ouvi as histórias. Digamos que é realmente um príncipe do Pecado. O que governa?

– Se ainda não adivinhou, não devo ser um príncipe muito bom.

Uma frustrante não-resposta. Na verdade, talvez Camilla estivesse de facto à espera de que ele e Synton fossem mesmo outra coisa, algo lendário. Precisava de uma desculpa para aquela atração irritante. Era muito mais fácil atribuir a culpa à magia do que aceitar o facto de que gostava de um patife comum.

– Porque não foi dançar? – perguntou ela. – Há muitas senhoras que não param de olhar para si.

– Prefiro agitar as coisas a partir de fora.

Ele virou aqueles olhos únicos para a multidão, o seu sorriso tornou-se mais perverso.

– Tanto deboche. É bom para a alma.

– Deboche?

Syn fez sinal com a cabeça para a zona de dança.

– Perversidade.

Camilla seguiu-lhe o olhar, depois inspirou.

Os casais que tinham estado a conversar discretamente nas sombras da sala haviam-se aproximado, como se fossem obrigados a tocar-se, movendo as mãos para posições mais ousadas nos corpos uns dos outros, os seus toques famintos e sem se deixarem conter pelos olhares indiscretos.

O olhar de Camilla percorreu a sala. Os que estavam na zona de dança não pareciam reparar na falta de decoro. A maioria estava a rir e a balançar-se ao som da música do quarteto de cordas. Todos eles tinham estado a provar as bebidas, os olhos vidrados por detrás das máscaras, os passos instáveis enquanto rodopiavam.

No entanto, nas orlas do salão, longe da luz tremeluzente das velas, alguns casais tinham começado a beijar-se. Pescoços, mãos sem luvas, lábios, seios...

– Mas que raio... – Camilla não conseguia acreditar. Pestanejou como se ao fazê-lo pudesse apagar a cena que se desenrolava nas partes mais sombrias do glorioso salão. O calor percorreu-lhe o corpo, subindo-lhe pelo pescoço e descendo até à barriga.

Nisto, apercebeu-se de que, ao seu lado, um casal mascarado começara a fazer amor, mesmo contra a parede, a pele corada da mulher a surgir de baixo do vestido enquanto enrolava uma perna nua em torno das costas do parceiro. As velas tremeluziram desenfreadamente de ambos os lados até se apagarem uma a uma, guardando o seu segredo.

O coração de Camilla trovejou-lhe no peito. Aquilo não

podia estar mesmo a acontecer. No entanto...

Olhou para os tabuleiros de prata que continuavam a chegar, as bebidas a fluir livremente. Ter-lhes-ia sido adicionado algo, algo que diminuísse as inibições?

– Bem, eis uma complicação de que eu não estava à espera – murmurou Syn. – O que me diz a darmos uma volta pelo jardim, Miss Antonius? – Ele meteu-se abruptamente à frente dela, tentando bloquear-lhe a visão.

Mas era tarde de mais.

Camilla passou por baixo do braço dele, observando com um horror fascinado a morena mascarada a pôr-se na ponta dos pés e a puxar as lapelas do Lord Ashford Synton na sua direção, fazendo-o inclinar-se para um beijo, ali mesmo, em frente a todo o salão de baile. Alguns casais pararam de dançar, os lábios entreabertos em choque.

Pelo menos Camilla não fora a única a ficar sem palavras.

No entanto, o maldito lorde não se afastou de imediato da bela mascarada.

Não que Camilla tivesse observado durante muito tempo – ou mesmo tempo suficiente para ver os seus lábios embaterem. O momento que antecedeu o beijo foi tudo o que precisou para se sentir mal. Sem pensar, girou nos calcanhares, fugindo do salão de baile antes que pudesse fazer algo ridículo.

– Camilla, não faça isso!

Ignorou quem a chamava, não querendo que ninguém testemunhasse o seu ciúme, e abriu as portas do terraço para descer a escadaria a correr em direção ao labirinto de sebes.

O frio húmido do ar de outono picou-lhe os olhos e infiltrou-se através das finas camadas do seu vestido, arrepiando-a até ao âmago.

Camilla acolheu a sensação de gelo – não queria sentir nada a não ser dormência, não queria pensar em nada a não ser no frio.

Caso contrário, lembrar-se-ia de Synton e da forma como quisera que ele a agarrasse antes, que pressionasse a sua boca e o seu corpo contra o dela até não conseguirem perceber onde começavam ou acabavam. Quisera afogar-se no seu beijo, submergir numa paixão indescritível. Ficou surpreendida ao admiti-lo, mesmo em silêncio, para si mesma.

Quando ele dançara com ela, salvando-a de Vexley, pensara tolamente que isso significava alguma coisa. Tal como o vestido que ele lhe tinha enviado. E o pincel.

Tudo o que significava era que ele queria algo de si; não a queria a ela. Camilla correu o mais depressa que pôde, passando de uma fila do labirinto de sebes para a seguinte, os sapatos ensopados pelo orvalho sobre a relva acabada de cortar, gelando-lhe os dedos dos pés até que a cada passo parecia estar a pisar pequenas lâminas de aço. A dor ajudou a aliviar a angústia no seu peito.

Correu até que o ciúme afrouxasse, dando lugar ao desagrado consigo mesma.

Camilla não devia sofrer por um homem que claramente não nutria nenhum afeto secreto por ela.

Se Synton não quisesse...

Num momento, o caminho estava livre e, no outro, foi contra o homem de quem estava a fugir.

O Lord Synton segurou-lhe os braços com força, apanhando-a antes que ela tropeçasse e caísse. Acima dela, o seu olhar brilhava e era severo sob o luar. Ele havia retirado a sua máscara e, com ela, qualquer pretensão de cavalheirismo. O que quer que fosse que o seu olhar emanasse, não parecia humano.

Camilla ficou imóvel, o coração a martelar enquanto os olhos escuros dele desciam, tendo um cuidado especial em seguir a linha do seu decote, e depois voltavam a subir abruptamente para lhe traçar o maxilar, os lábios por baixo da máscara.

Se ela pensara que a sua expressão de antes era proibitiva, em nada se comparava com o olhar brutalmente frio que ele lhe lançava agora.

– Nunca mais me mostre a sua inveja, Miss Antonius. Não irá acabar bem.

– Não me ameace.

Camilla encolheu os ombros, sem se preocupar em negar o seu ciúme. Os lábios dele esboçaram um sorriso astuto.

– Era um aviso.

Ali fora, uma estranha energia sombria rodeava-o, uma mistura de violência trémula e luxúria ardente, duas forças opostas que chocavam entre si como uma tempestade a formar-se.

Mesmo com a energia a fervilhar no ar, Camilla teve a impressão de que ele se estava a conter, ciente do poder que detinha e dos danos que poderia causar.

O seu queixo ergueu-se.

– E se eu não lhe der ouvidos? – O seu olhar encontrou o dele, recusando-se a baixá-lo.

Seguiu-se um momento de silêncio, e depois todo o controlo que ele demonstrava foi quebrado.

Num momento ela estava diante dele, no outro estava encostada à sebe, os galhos verdes a espetá-la provocando um delicioso indício de dor.

Synton pressionara todo o seu comprimento contra a sua frente, a mão enroscada no cabelo dela, o nariz enterrado no pescoço dela, inalando-a. O corpo dele estava

tenso.

Com um simples movimento do pulso, ele tirou a máscara dela, fazendo deslizar as fitas sedosas sobre as suas orelhas, pela sua face, antes de a atirar para os arbustos.

O lorde inclinou-lhe o rosto para cima, parecendo tentar decidir o que queria provar primeiro: os seus lábios ou a pele corada do seu pescoço.

Camilla ficou espantada ao perceber que queria que ele provasse tudo.

Synton aproximou o rosto, os lábios traçando uma linha de fogo ao longo do seu maxilar enquanto os aproximava lentamente dos dela, demorando-se por um momento no qual ela conseguiu sentir o aroma a *bourbon* e frutos vermelhos no seu hálito. Depois, por fim, a boca dele tocou na dela. Primeiro com ternura, depois com firmeza, fazendo disparar faíscas de desejo pelas costas dela acima.

Quando ele se começou a afastar, os seus dentes puxaram-lhe o lábio inferior com desejo.

– Alguns jogos não devem ser jogados a não ser que se tenha a certeza de que se pode ganhar. – Ele passou um dedo ao longo da orelha dela, colocando-lhe gentilmente o cabelo no lugar. – Estimule o meu pecado de novo e mostrar-lhe-ei o que significa perder, Miss Antonius.

Sem outra palavra, virou-se, deixando-a sozinha. Camilla quase conseguia ouvir o trovejar do seu coração a ecoar no labirinto, seguido, um segundo depois, pela chama ardente da sua irritação. Uma drástica mudança de humor. Mais uma vez.

– Cretino insuportável.

Demorou um momento a recompor-se, libertando-se da sebe, endireitando o vestido e ajeitando as saias. A sua irritação aumentou quando arrancou a máscara de um arbusto próximo. Tirou-lhe algumas folhas soltas, o luar

refletido na máscara iluminando o labirinto abandonado de cada vez que ela a movimentava.

Camilla expirou alto, olhando para trás, para a grande mansão ao longe. Não se apercebera do quanto tinha corrido. Agora, o brilho quente das janelas parecia-lhe uma estrela distante.

Talvez devesse ir para casa. Já não estava com vontade de entrar nos jogos de Synton.

Segurando a máscara com uma das mãos, levantou as pesadas saias com a outra e caminhou em silêncio, procurando o caminho para sair do labirinto e chegar à entrada da propriedade.

Com certeza que o cocheiro do Lord Edwards e da Lady Katherine a levaria a casa. Voltaria de seguida para os vir buscar.

Um galho estalou atrás de si e ela virou-se. Um homem apareceu no caminho seguinte, com as mãos no ar.

– Não a queria assustar, Miss Antonius.

Camilla esforçou-se por o ver no escuro.

– Lord Garrey?

Ele aproximou-se mais, com as mãos ainda levantadas como se quisesse provar que não lhe faria mal.

– Está muito longe do salão de baile. – Ele olhou em redor. – Permite-me escoltá-la de volta?

O coração de Camilla acelerou, os seus instintos avisaram-na de que algo estava errado. O olhar do Lord Garrey continuava a desviar-se, a sua cabeça pendia para um lado, como se estivesse à escuta.

O seu comportamento não era o que devia ser, tendo em conta que a tinha encontrado sozinha. Ele sabia tão bem quanto ela o que aquilo iria parecer. Ele devia ter-se virado e partido imediatamente. No entanto, ele demorou-se, a sua atenção desviou-se para o pescoço dela.

– Sabe que não podemos ser vistos sozinhos – disse ela, mantendo a voz calma e firme, embora por dentro sentisse tudo menos isso. – Por favor, vá-se embora antes que a minha reputação fique arruinada.

– Imagino que isso valesse alguma coisa para si.

Ela não gostou do tom dele.

– Valeria para qualquer mulher de Waverly Green, milorde. Eu não sou diferente.

– Mas é, não é? – perguntou ele, avançando um pequeno passo na sua direção. – Diferente.

Aquela conversa estava a enveredar por um caminho que não deveria seguir.

– Se se refere a gerir a galeria do meu pai, então suponho que sim. – Não se deu ao trabalho de argumentar que a sociedade era a culpada pelo facto de mais mulheres de alto estatuto não gerirem um negócio, que apenas as suas circunstâncias eram diferentes.

Ele acenou com a cabeça, quase distraidamente, e depois avançou, como um esgrimista.

Camilla foi apanhada desprevenida pela súbita explosão de violência.

Antes que pudesse ripostar, Garrey tapara-lhe o rosto com um pano, impedindo-a de gritar por socorro. Ela arranhou-o, as suas unhas percorrendo-lhe a pele com tanta força que lhe fizeram sangue.

– Silêncio – disse ele. – Isto vai acabar em breve.

Ele sacudiu-a, enfiando a mão por baixo da corrente do colar dela, mas sem o puxar. Ela soluçou quando o seu aperto se tornou doloroso.

– Dá-me o maldito medalhão, Camilla. – Ela abanou a cabeça, as lágrimas a brotarem-lhe nos olhos. – Não me obrigues a ser bruto.

Ele puxou o medalhão, mas não com força suficiente

para o arrancar. No meio do emaranhado de medo e raiva que Camilla sentiu com o ataque, aquilo fora estranho o suficiente para ela o notar. Porquê dar-se ao trabalho de a atacar para depois hesitar?

Em vez disso, ele empurrou-a para o chão, prendendo-a debaixo do seu corpo. Tirara a mão da boca dela, mas Camilla estacou quando viu o brilho metálico. Garrey apontou-lhe um punhal ao coração, o seu olhar sombrio.

– Dá-me o medalhão e isto acaba. – A sua voz saiu baixa. – Não quero fazer-te mal, mas farei o que tiver de fazer.

Ao ver a lâmina perfurar o seu belo vestido, Camilla ficou furiosa. Ela também não lhe queria fazer mal a ele, mas também faria o que tivesse de fazer.

– O medalhão não vale muito dinheiro – cuspiu. – Não o vai penhorar por muito.

– Para mim vale mais do que possas imaginar. – Ele fez-lhe um sinal com a lâmina. – Dá-mo com a tua própria mão. Dá-mo agora.

– Porquê? Se o quer, pegue nele.

– Deixa-te de jogos, Camilla. Entrega-mo. E rápido.

A mente de Camilla rodopiou. Podia dar-lhe o medalhão. Pôr fim àquilo. Mas não se tratava de um mero colar, e, de alguma maneira, o Lord Garrey apercebera-se disso.

Lentamente, um plano tomou forma na sua mente.

– Deixe-me levantar. – Ela acrescentou um toque de submissão à sua expressão, fazendo tremer o lábio inferior. – Tenho de estar de pé para desapertar o fecho.

O Lord Garrey fitou-a, a sua expressão tensa.

Não acreditava nela, não totalmente, mas ela vira aquele desespero selvagem no seu olhar. Sabia, também, que ele via o que todos os outros em Waverly Green viam:

uma mulher jovem e aristocrática que fora educada para obedecer aos homens.

Embora pudesse suspeitar de uma armadilha, também ele fora educado para acreditar que conseguiria lidar com ela.

Agachou-se devagar para lhe oferecer a mão. As suas boas maneiras eram obscenas, tendo em conta o que tinha acabado de fazer. Camilla engoliu as suas palavras. Em vez de falar, quando se pôs de pé, cambaleou, fingindo que tinha partido o calcanhar na luta.

– Oh! – gritou ela, caindo para a frente, agarrando os braços dele para se segurar.

E, com isso, várias gerações de comportamento cortês entraram em ação, tal como ela suspeitara que aconteceria. O Lord Garrey deixou cair o punhal para a segurar. E Camilla aproveitou o movimento para lhe meter o joelho entre as pernas com toda a força que tinha.

– Cabra!

Ele dobrou-se e ela atacou outra vez, perseguindo-o até ao chão como uma besta feroz atrás de um osso. O que, pensou ela ironicamente, era mais ou menos o caso.

Ao recuar, porém, tropeçou no raio das saias. Ele aproveitou o momento de distração para contra-atacar.

Puxou-lhe os pés, o que fez com que ela expulsasse o fôlego dos pulmões à medida que caía. Antes que Camilla pudesse recuperar, ele rolou para cima dela, esmagando-a com o seu peso.

– Dá-me a merda do colar ou juro que te mato.

As mãos dele estavam em torno do seu pescoço, apertando-o. Pequenos pontos negros cintilaram no seu campo de visão, e ela pensou ter provado sangue. Depois apercebeu-se: mordera a língua na queda. O sabor metálico preencheu-lhe a boca, fê-la engasgar-se.

Voltou a agarrar as mãos dele, agora escorregadias com o seu sangue.

– Sua cabra. – Ele estava furioso, os dedos a apertarem tanto que ela teve a certeza de que Garrey lhe ia partir o pescoço.

Apalpou o chão em desespero. Algo havia caído, algo que ela podia... sentiu um ardor na ponta do dedo quando encontrou a lâmina caída.

A escuridão preencheu-lhe a visão. Restavam-lhe alguns segundos. Talvez menos.

A sua mão deslizou sobre o cabo, o sangue tornando quase impossível agarrar o punhal. Arrastou a mão pela relva, conseguindo limpar algum dele.

– Ninguém disse que precisavas de estar a respirar – disse o Lord Garrey, o seu rosto uma máscara cruel de brutalidade.

Camilla não fazia ideia do que ele queria dizer. Quem dissera que ela não precisava de estar a respirar?

Talvez ele pensasse que Camilla estava demasiado perto da morte para compreender.

– Suponho que me vais dar o medalhão de livre vontade quando estiveres morta.

Quando o último ar lhe saiu dos pulmões, Camilla agarrou no punhal e baixou-o, cravando-o até ao cabo na lateral do pescoço dele.

Torceu-o, mostrando os dentes num rosnado, as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

O aperto dele enfraqueceu de imediato, e os seus olhos arregalaram-se. Depois, lentamente, tombou para o lado. Camilla mal conseguia ver através das lágrimas que agora lhe escorriam mais depressa pela cara. Empurrou-o e arrastou-se para sair de baixo dele, tremendo com o ataque e com o que tinha acabado de fazer.

Ela matara-o.

Olhou para o punhal que lhe saía do pescoço, estremecendo. O Lord Garrey ainda não se encontrava mesmo morto. Estava a contorcer-se e a engasgar-se com o sangue.

– Não! – gritou ela, olhando freneticamente em redor, e depois para o seu vestido branco e prateado encharcado de sangue. – Não, não.

Levou as mãos à cabeça, puxando o cabelo, tentando pensar. Como é que aquilo acontecera?

Camilla caiu de joelhos, tentando agarrar no punhal, mas foi puxada para trás de repente.

Lutou, pontapeou e gritou.

– Chiu. Está tudo bem.

A voz de Synton foi um bálsamo instantâneo.

Os braços dele eram gentis, mas firmes, o seu coração batia tão forte que Camilla o sentia nas suas costas, um ritmo que o dela abrandou de imediato para acompanhar.

– Eu trato disto, está bem? – Ele estava demasiado calmo para a situação em que se encontravam, mantendo a cabeça dela encaixada sob o seu queixo com suavidade. – Quero que me conte exatamente o que aconteceu. Depois vamos limpá-la.

Passado um momento, ela assentiu.

Ele soltou-a devagar e circundou-a para a encarar. O seu olhar obscureceu quando pousou no pescoço dela.

– Foi ele que fez isto?

Ela assentiu, estremecendo com a dor que começava a sentir.

Synton olhou para o Lord Garrey, e a sua expressão foi de pura aversão. Parecia que queria arrancar o punhal e cravá-lo nele mais algumas vezes.

Fez sinal a alguém – Alexei, pensou Camilla, ainda

atordoada –, e antes que ela desse por isso a forma contorcida do Lord Garrey tinha desaparecido.

Não havia sinais de luta. Nada de sebes quebradas ou relva arrancada.

Talvez não fosse verdade. Como poderia ser verdade? Talvez estivesse tudo lá, e ela apenas não conseguisse ver.

Camilla estremeceu violentamente, incapaz de assimilar a reviravolta mortal que a noite levaria.

Synton voltou a puxá-la para si, estreitando-a contra o peito.

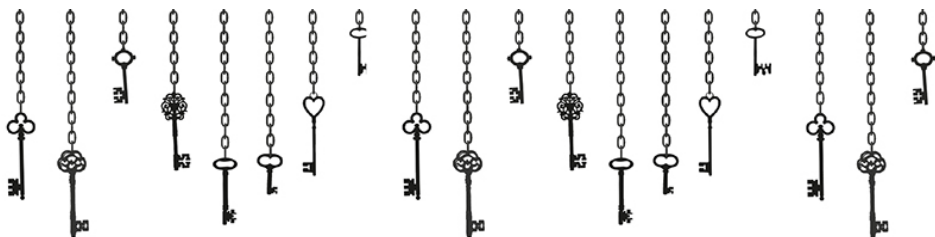
– Está tudo bem – disse ele baixinho, acariciando-lhe o cabelo. – Feche os olhos. Respire.

Camilla fez o que ele disse, com a respiração entrecortada enquanto tentava inspirar lentamente.

As mãos dele aqueceram quando passaram suavemente pelo pescoço, pelos braços, pelo vestido dela. Como se estivesse a aliviar-lhe cada ferimento.

Não havia nada de desagradável nos seus gestos. Apenas lhe ofereciam conforto e segurança.

Se Camilla não estivesse em estado de choque, poderia ter-se questionado sobre a estranha sensação que a dominava. A pele deixou de lhe doer, a sua respiração acalmou. O sabor metálico na sua boca dissipou-se. Com delicadeza, sem chamar a atenção, ela deslizou a mão até ao esterno e verificou que o medalhão ainda lá estava. Depois, deixou-se ir, encostou-se a Synton, que se limitou a abraçá-la, esperando que a tempestade passasse.



— *M*eu Deus, Synton. Quando o Vexley sugeriu que jogássemos às escondidas, não se referia ao seu...

– Não acabe essa frase – advertiu o Inveja, pronto para arrasar com Waverly Green inteira.

Lord Harrington, lembrou-se o Inveja. O idiota estava a certificar-se de que a sua voz atravessava o labirinto de sebes, atraindo um segundo homem, Walters, para testemunhar o que ali se passava. Estavam demasiado bêbedos para se aperceberem de como ele se mantinha imóvel, ou de como isso era perigoso.

Se o Inveja não tivesse estado prestes a levar Camilla embora, teria ouvido o imbecil a aproximar-se. O Lord Garrey provara ser um jogador, sem dúvida. E embora Camilla o tivesse apanhado primeiro, o Inveja devia tê-lo feito.

O sacana quase a matara na propriedade do próprio Inveja. O príncipe-demónio tomara uma decisão terrivelmente errada. Convocara Alexei para seguir um segundo lorde que se mostrara curioso com a arte que retratava Unseelie, julgando que Garrey ainda estava no salão de baile, a dançar com a viúva Janelle.

Garrey devia ter saído pouco depois de Camilla, seguindo-a para o labirinto.

Alexei assegurou-se de que o Lord Garrey sucumbiria às feridas que Camilla lhe infligira. A única coisa que o Inveja lamentava era não ter sido ele próprio a consumir o ato.

Camilla soluçou, escondendo-se nos seus braços, e ele lembrou-se do dilema atual. Os imbecis dos lordes estavam a armar uma cena.

– Está aí a dar-lhe nessa mulher? – Harrington aproximou-se mais e riu-se. – É a Miss Antonius? O Vexley vai arrancar-lhe os tomates.

Com o poder do seu pecado a percorrê-lo e o calor do corpo de Camilla ainda a perdurar na sua magia, o demónio precisou de uma enorme capacidade de contenção para não assassinar o mortal ali mesmo. A última coisa de que o Inveja precisava era de qualquer outro motivo para o atacar.

A sua contenção tornou-se ainda mais impressionante quando Walters se aproximou.

Camilla já sofrera o suficiente. O Inveja estava grato por ter tido a presença de espírito de lhe restaurar o vestido e os ferimentos com um pouco de magia, o que o enfraquecera apenas ligeiramente. Ninguém iria pensar que algo de violento acabara de ocorrer no local onde se encontravam.

– Vejam o que temos aqui! – gritou Walters. – As páginas de sátira irão rejubilar esta noite!

Camilla contraiu-se nos braços do Inveja, saindo finalmente do seu estado de choque.

O príncipe-demónio virou-se para a proteger ainda mais dos odiosos senhores e baixou o tom de voz para que apenas ela conseguisse ouvir.

– Agora seria uma ótima altura para me dizer se aceita ou não o acordo.

A voz dela saiu cheia de incredulidade.

– Porquê dar-me ao trabalho? É demasiado tarde... Estou arruinada.

Arruinada, o tanas.

Se Camilla estivesse arruinada, então a falsificação não teria importância, e o Inveja já não teria uma ficha vencedora para trocar. Não iria cair tão facilmente quanto Garrey.

Sentiu a multidão a crescer lentamente atrás de si, sabia que o tempo estava a esgotar-se.

Já estavam a cair no precipício da ruína. Quanto mais testemunhas, mais difícil seria desenhencilharem-se da confusão.

Pensou numa nova estratégia, algo que pudesse oferecer a Camilla que os salvasse a ambos. Surgiu-lhe uma solução. Envolvia algo que tentara evitar a todo o custo, mas agora não via outra saída.

E hesitou também por outra razão. Assim que abrisse a boca, aquela seria a sua terceira tentativa de conseguir a ajuda de Camilla. Tinha de esperar que aquele plano fosse o único que o fizesse avançar.

– Camilla, olhe para mim. – Inclinou-se ligeiramente, para a pôr ao nível do seu olhar. – Prometi protegê-la. Finjamos que estamos noivos até este escândalo passar. – Ela pestanejou. Teria percebido? Ele voltou a tentar. – É um bom negócio, como bem sabe. Obterá o que deseja e eu também.

Ela ficou calada por um segundo tenso, que fez o coração frio e sombrio dele acelerar.

«Por favor», insistiu em silêncio, «não condenes a minha corte». Não agora.

– Isso não pode ser a sério – sussurrou ela finalmente. – Depois do que acabei de fazer...

Não fora um «não».

O Inveja puxou a sua máscara, permitindo-lhe ver quão a sério levava tudo aquilo. Os riscos não podiam ser maiores para ele. E agora não podiam ser maiores para ela.

– Garanto-lhe que é. Mortalmente. A escolha é sua, Miss Antonius. Salvação ou ruína. Depressa. O que vai ser?



20

O tempo pareceu parar enquanto Camilla considerava a oferta de Synton.

Era a melhor opção que tinha, tendo em conta as circunstâncias. Embora não conseguisse entender o porquê de ele querer ter algo que ver com ela depois... do que acabara de fazer.

A violência, o sangue, a dor. Expirou, tentando afastar aquele ataque da sua mente.

Ao contrário de Vexley, Synton não estava a chantageá-la ou a forçar a sua mão. Ele não fabricara aquela descoberta, e admitira anteriormente que queria evitar entrar em qualquer jogo da sociedade.

O facto de ela ter esfaqueado mortalmente alguém na sua propriedade e de ele ter ajudado a encobrir o caso era com certeza algo que teriam de discutir. Mas ele protegera-a. Amparara-a quando ela começara a desmoronar.

Olhou para baixo, admirada com o seu vestido. Com a ausência de nódoas negras no seu corpo. Se fosse às autoridades, ninguém iria acreditar que tinha sido brutalizada. Teria Synton usado magia para a curar? Era possível, se ele tivesse visitado o mercado negro como ela

lhe dissera.

– Miss Antonius? – perguntou ele baixinho. – Aceita?

Se fosse noiva de Synton, Vexley não poderia tentar coagi-la a casar-se. E se ousasse voltar a chantageá-la, tinha a sensação de que Synton ficaria mais do que feliz em dissuadi-lo.

E se Synton conseguisse localizar a chave do pai? Era quase bom de mais para ser verdade.

O olhar paciente do lorde estava fixo no rosto dela, a sua própria expressão imperscrutável. Todavia, por um momento, ele lançou-lhe um olhar cheio de esperança, um apelo tão silencioso que soube o quanto ele estava desesperado. Não sabia quase nada sobre ele, mas os seus instintos diziam-lhe para confiar nele.

Camilla assentiu.

– Aceito.

Sem perder tempo, ele puxou do bolso um anel de esmeraldas com um diamante e colocou-o no dedo dela, o seu tamanho extremamente grande na sua pequena mão. O anel era lindo, caro.

Territorial.

Não havia como não reparar nele.

Ela crispou os lábios, perguntando-se por que motivo o teria ele convenientemente no bolso. Mas as suas suspeitas dissiparam-se num instante, quando Synton se virou e deu um soco na boca de Harrington, o som parecendo o estalar de um chicote no silêncio repentino.

O lorde praguejou, cambaleando para trás enquanto o sangue lhe escorria pelo queixo.

Walters também saltou para trás e gritou antes de sair a correr pelo labirinto.

Camilla só conseguiu olhar, sem pestanejar, para a cena diante de si. Harrington não era um homem pequeno, mas

Synton acabara com ele num só soco. E parecia que se tinha contido.

Quão forte era ele, afinal?

– Enlouqueceu, caramba? – gritou Harrington. – Partiu-me um dente!

Synton desferiu-lhe outro golpe certo no meio do corpo, e Harrington foi ao chão.

– Agora tem uma costela a condizer. Se volta a falar assim da minha prometida, arranco-lhe essa pila frouxa e enfio-lha pela goela abaixo. Fiz-me entender?

– Por Deus, o que se passa aqui, cavalheiros? Embora empregue o termo «cavalheiros» de forma muito vaga.

A Lady Katherine correu a juntar-se ao grupo. Atirando a máscara cinzenta para o lado, olhou entre Synton e Harrington antes de examinar Camilla.

Por detrás do seu olhar fixo, fermentavam centenas de perguntas, e Camilla sabia que ela lhe iria exigir respostas mais tarde, mas, por agora, Katherine parecia apaziguada e olhava para Harrington, abanando a cabeça.

– Em quantos escândalos se vai envolver antes de agir como um homem da sua posição, Harrington? – perguntou Katherine. – Não aprendeu a lição quando se aliviou à frente da duquesa? Não tem nem charme nem beleza suficientes para se comportar como um imbecil.

Harrington sibilou enquanto olhava para Synton.

– Apanhei este pilantra com a sua amiga. Só Deus sabe o que ele teria feito se eu não os tivesse encontrado e intervindo.

– Interrompeu o meu pedido, interpretou mal a situação e começou a espalhar boatos horríveis sem dar a nenhum de nós a possibilidade de nos defendermos. – Synton passou um braço em torno dos ombros de Camilla, puxando-a para perto de si. Ela aninhou-se nele sem

hesitar. O calor dele envolveu-a, tranquilizou-a. – Insultou a Miss Antonius e ofendeu-me. Dê graças a Deus por eu não o ter desafiado para um duelo.

– Não estão comprometidos – escarneceu Harrington. – Foram apanhados com as mamas dela quase de fora e...

Synton voltou a atirá-lo ao chão.

Por esta altura, metade dos mascarados já se tinha juntado no labirinto de sebes, a ver Harrington a ser esmurrado impiedosamente.

Camilla devia sentir-se horrorizada ou enojada, mas a verdade é que ela própria queria dar-lhe um murro. Isso deveria tê-la incomodado, considerando o que acabara de fazer com o Lord Garrey.

A cabeça de Synton girou na sua direção, o seu olhar cor de esmeralda brilhante colidindo com o dela.

Poderia jurar que os seus lábios se contorceam antes que a sua expressão voltasse a ser severa.

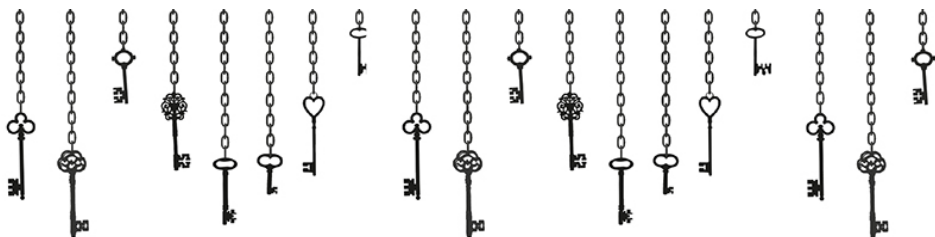
– Mais alguém gostaria de fazer algum comentário sobre a minha noiva? – perguntou ele, o seu tom enganosamente calmo.

Ninguém, nem mesmo a Lady Katherine, pronunciou uma única palavra.

– Excelente. Se alguém tiver vontade de mudar de ideias, é melhor recordar esta cena antes de começar a espalhar mexericos. E se eu por acaso ouvir algum, fugir de Waverly Green apenas irá adiar o inevitável.

Ele não disse «caçar-vos-ei e rasgar-vos-ei membro por membro», mas a mensagem era inconfundível.

– E agora, minha querida – disse ele, voltando-se para ela –, arranjem algo com que brindar.



— *L*embre-me mais uma vez, Lord Synton. Como disse que se tinham conhecido? Não me consigo recordar, com todas as ameaças, murros e dentes partidos – perguntou a Lady Katherine enquanto a sua carruagem percorria a rua calcetada.

Depois de o Inveja ter mandado toda a gente para casa, concordara em ir com Camilla e os amigos dela. Parecia o tipo de coisa que um noivo apaixonado faria, mas agora via-se preso a uma série de perguntas. A Lady Katherine devia fazer de detetive-inspetora nas horas vagas.

– Depois de ter contactado a Camilla a propósito de uma encomenda, começámos a trocar cartas com bastante frequência – mentiu o Inveja com habilidade.

– Isso foi antes de chegar a Waverly Green? – A Lady Katherine não acreditava nele.

– Sim. Pedi à Camilla para manter as coisas em segredo. Queria esperar pela altura certa para anunciar as minhas intenções. De facto, o baile desta noite deveria ter sido o palco do meu pedido de casamento, mas depois percebi que queria fazê-lo em privado.

– Isso parece-me plausível, querida. – Edwards acenou

bruscamente com a cabeça do outro lugar. – Foi uma festa bastante extravagante.

A Lady Katherine manteve o seu olhar frio fixo no Inveja.

– E quando foi, ao certo, que lhe deu um anel? Antes de ter derrubado o Harrington?

– Por favor, Kitty, esquece isso por agora – pediu Camilla. – Foi uma noite longa e o meu noivo não é o vilão desta história. Viste a forma como o Harrington agiu. O homem é um idiota. O Synton tem estado em contacto comigo há semanas e esta noite aceitei finalmente o seu pedido.

O Inveja olhou para a sua falsa noiva, impressionado com o facto de ela ter revelado a maior parte da verdade sem mentir à sua amiga.

A Lady Katherine pareceu apenas parcialmente satisfeita.

– Peço desculpa por qualquer comportamento pouco civilizado – disse o Inveja, tentando lembrar-se do que poderia ofender a sensibilidade humana. – Nenhuma senhora devia ser testemunha de atos tão violentos, mas o Harrington nunca devia ter tentado arruinar a Camilla. É uma sorte que uns dentes em falta e uma costela partida sejam as suas únicas preocupações.

As duas mulheres trocaram um olhar cúmplice antes de se desatarem a rir.

Edwards revirou os olhos.

– A minha adorável mulher era uma espécie de pugilista clandestina antes de nos casarmos. Dificilmente ficariam chocadas com a luta.

Os humanos nunca deixavam de o surpreender.

O Inveja olhou de Edwards para Katherine e para Camilla. Por fora, Edwards era tão enfadonho quanto

possível, mas tinha um certo brilho nos olhos quando falava da mulher.

– Também costumava lutar? – perguntou o Inveja, olhando para a sua artista.

– Meu Deus, não. – Os olhos de Katherine cintilaram de alegria quando interveio. – A Camilla sempre foi mais uma apreciadora. No entanto, costumava ilustrar os combates. Também pratica boxe, Lord Synton?

– Às vezes – admitiu o Inveja, pensando no lendário ringue do Ira. – O meu irmão tem o seu próprio ringue. Às vezes, convida a família inteira para participar.

A carruagem parou e o Inveja contemplou a noite. Uma casa grande e imponente ocupava quase um quarteirão inteiro.

– Bem-vindo a Birchwood. – Edwards apontou para a propriedade com a cabeça. – A nossa casa na cidade.

– Pensei que estávamos a escoltar a Camilla até à sua residência – disse o Inveja, tentando afastar qualquer frustração do seu tom de voz.

Tencionava voltar para trás depois de terem deixado Camilla. Agora que ela recuperara o bom senso, precisava de começar a pintar de imediato. O tempo estava a passar muito rápido.

A Lady Katherine lançou-lhe um olhar divertido.

– E não celebrar as vossas alegres notícias? Não seja tolo. Não consigo imaginar mandar-vos embora sem brindar ao vosso noivado, como devíamos ter feito antes. Na verdade – agarrou nas mãos de Camilla –, insisto que passem cá a noite. Faremos também um grande pequeno-almoço de celebração em vossa honra.

Camilla apertou as mãos da amiga e dirigiu ao Inveja um pequeno sorriso, como quem pede desculpa.

– Isso parece-me ótimo, Kitty, obrigada. Ficaríamos

honrados se nos hospedassem por esta noite.

«Não ficaríamos nada.» Como se estivesse a ouvir-lhe os pensamentos, Camilla lançou-lhe um olhar fulminante.

– Como disse a minha adorável noiva, seria uma honra – disse o Inveja secamente. – Obrigada pela consideração.

Pelo menos podiam retirar-se cedo para o quarto e depois trabalhar no quadro.

O Inveja já estava a engendrar um plano para que Alexei trouxesse os materiais de que precisariam, quando Katherine acrescentou:

– Ótimo. Vamos mandar preparar quartos separados imediatamente.

– Esplêndido – disse o Inveja, grato mais uma vez por já conseguir mentir. Mais tarde, entraria à socapa no quarto de Camilla.

Um feito que lhe seria incómodo, mas não impossível. Ou, pelo menos, era o que tão ingenuamente pensava...



— **O** que é essa bola com excesso de pelo?

Camilla levantou os olhos de onde estava sentada na cama, seguindo o olhar de Synton para o enorme gato cinzento e branco de pelo comprido que se interpunha entre ela e o seu falso noivo. O ronronar inicial de *Bunny* deu lugar a um olhar grave de desaprovação.

A gata de Camilla sabia avaliar bem o carácter das pessoas.

Ou talvez a gata apenas não aprovasse uma visita noturna ao quarto de Camilla.

Se bem que era provável que *Bunny* pressentisse a guerra interior que grassava dentro de Camilla e estivesse a ser demasiado implicante. Camilla tinha quase a certeza de que o Lord Garrey estava morto. Era muito difícil de aceitar. Não tivera escolha; ele deixara claro que a ia matar. Mas, mesmo assim, sentia-se mal por não se arrepender das suas ações.

Bunny deu-lhe um toque na mão, puxando-a para o momento presente.

— Lord Synton, apresento-lhe a *Bunny*.

Synton fechou a porta atrás de si com suavidade, a sua

atenção viajando de Camilla para *Bunny* e depois de volta para ela. Camilla não soube dizer se ele estava divertido ou preocupado.

– A menos que esteja sob o efeito de um encantamento poderoso, a *Bunny* é uma felina. Sabe disso, não sabe?

Camilla lançou-lhe um olhar divertido.

– Com o espírito e as garras de uma grande leoa, garanto-lhe. Não volte a insultar a *Bunny*, ou poderá arrepender-se, milorde.

Os seus lábios contorceram-se.

– Tomarei o seu aviso em consideração.

– Muito sábio. A minha gata não gosta de ninguém que não venere o chão que ela pisa.

– Porque é que a sua gata está em casa da Lady Katherine?

– Sempre que passo cá a noite, a Kitty manda logo alguém ir buscar a *Bunny*. Ela adora andar na carruagem do Lord Edwards. Mimam-na com a sua própria almofada de seda e uma taça de leite quente.

– Então, passa cá a noite muitas vezes.

A Camilla assentiu.

– Jantamos todas as semanas quando o Lord Edwards está fora. Nessas alturas, costumo passar cá a noite.

A sua expressão sardónica mudou para algo mais sério quando finalmente olhou para Camilla.

– Está bem?

Ela inspirou profundamente e depois expirou devagarinho.

– Ele...?

– É responsável pelos seus próprios pecados? – perguntou ele. – Sim. O Alexei arrancou-lhe a história toda.

Ele não estava morto. Pelo menos não pela mão dela. A notícia não foi bem um alívio, mas desatou-lhe um nó no

peito.

– Não vou perguntar por que razão queria ele o seu medalhão – murmurou ele. – Suspeito de que não me diria a verdade, mesmo que o fizesse.

Camilla comprimiu os lábios.

– Desde que esteja bem – disse ele, olhando-a novamente. – Vou para a cama. Durma bem. Amanhã, bem cedo, começamos a pintar.

Ele virou-se, com a mão na maçaneta. E a sua solidão ergueu-se num ímpeto.

– Espere.

Ele virou-se para a olhar. Silencioso. Firme. Quando ela não voltou a falar, um sorriso irónico aflorou-lhe aos lábios.

– Queria alguma coisa, Miss Antonius?

Ela queria que ele a voltasse a abraçar, que fizesse desaparecer a frieza que ainda a envolvia.

O olhar dele obscureceu-se como se tivesse lido os seus pensamentos, a sua atenção deslocou-se lentamente para baixo.

Ela não contara com a visita dele, e uma criada já a ajudara a vestir a camisa de noite e o roupão. Camilla tinha um quarto só para ela em Birchwood, com as suas coisas guardadas para quando visitava os Edwards; Katherine nem queria ouvir falar de se agir de outra forma.

O robe era feito de seda e a camisa de noite era de renda macia, que abraçava os contornos do seu corpo com uma graciosidade delicada. Dado o tipo de tecido, grande parte da sua silhueta era facilmente visível. Adorava dormir no luxo macio da camisa de noite, nunca contando que alguém a visse com ela.

Camilla estava agora perfeitamente consciente de quão pouca roupa tinha vestida.

A atenção de Synton tornou-se uma carícia cálida à medida que se deslocava lentamente do seu rosto para baixo. O seu olhar era minucioso, sensual. Demorou-se, admirando cada centímetro do seu corpo antes de voltar a olhar para cima, com a mesma lentidão.

A boca de Camilla ficou subitamente tão seca como o deserto, o seu corpo quente e tenso. As memórias horríveis do labirinto tinham desaparecido. O fantasma do que quase acontecera fora afastado.

– Precisa de alguma coisa, milorde?

A voz de Camilla atraiu a atenção de Synton de volta para o rosto dela, mas em nada contribuiu para apagar o fogo que crepitava entre eles.

Synton tinha o ar de alguém que se entregava aos seus impulsos carnavais com frequência e era bem versado tanto em dar como em receber prazer. Camilla nunca fora de se submeter por completo a alguém, mas havia algo de tentador na ideia de ser dominada por todos os seus caprichos e exigências.

Antes que se pudesse impedir de imaginar as suas anteriores amantes, foi invadida pela inveja.

A expressão dele mudou de repente, o fogo dando lugar ao gelo.

– Faça uma lista de tudo o que precisa da sua casa. – O seu tom foi incisivo, impessoal. – Amanhã será transferida para Hemlock Hall.

– O quê? – Camilla puxou o robe com mais força à sua volta, apanhada desprevenida.

– O meu pessoal irá recolher as suas coisas esta noite.

Viver sob o mesmo teto que aquele homem impossível era decididamente uma péssima ideia.

– Não posso viver consigo antes de nos casarmos. As pessoas vão falar.

– Não se o seu noivo protetor lhe tiver oferecido a sua própria ala nupcial. Quero-a comigo a partir de agora, para que ninguém tente fazer-lhe mal.

– E recebi? – perguntou ela. – A minha própria ala?

O sorriso dele reapareceu, tornando-se positivamente felino. A própria *Bunny* pareceu animar-se no local onde se tinha instalado a um canto.

– Desapontada por não partilhar a minha cama durante o nosso pequeno ardil, gatinha?

Estava, sim.

Camilla também sabia que ele a estava a tentar arrelhar ao usar aquela forma de tratamento para a distrair.

– Tem-se em muito boa conta.

– Tenho um talento excecional para ler emoções. Sei que me deseja fisicamente.

Convencido. Arrogante. E tinha toda a razão.

Ela levantou um ombro como se fosse do conhecimento geral e não a perturbasse.

– Bem, também não consegue manter o seu olhar faminto longe de mim, milorde. Cada vez que olha para mim, parece-me que me está a tirar uma peça de roupa e a tentar decidir o que fazer a seguir.

– É isso que pensa, Miss Antonius? Que não sei o que fazer?

Camilla sentiu que estavam a entrar novamente em terreno perigoso.

Havia dois anos que lutava contra a solidão. Se se permitisse a si própria esta indulgência, se permitisse que ele a fizesse esquecer a sua solidão... talvez a dor desaparecesse durante mais alguns anos. Eles já estavam a fingir que eram noivos. Porque não deixar que essa desculpa a libertasse? Poderia ceder aos seus desejos por uma noite.

– Tenho a certeza de que é um hábil devasso quando quer. – O olhar cintilante de Synton encheu-se de desafio. A sua expressão dizia que Camilla tinha razão.

– Diga-me, Miss Antonius, alguma vez foi devassa?

Camilla fora, uma vez. Desde então que ansiava pelo toque de outro.

Ele não percebeu o silêncio dela. O seu tom suavizou-se para um ronronar.

– Gostaria de ser?

Ele esperou, observando. O que quer que ele tivesse visto na sua expressão, fê-lo aproximar-se mais. Como se tivesse percebido que ela o estava a desafiar silenciosamente a agir de acordo com os seus desejos.

– Só por esta noite – disse ele, com o olhar fixo no dela, estabelecendo novas regras. Regras que, apesar do perigo, fascinavam Camilla. – O nosso segredo.

Camilla susteve a respiração. Não estava à espera de que ele aceitasse.

– Dispa o robe. Dê-me a fita.

Camilla olhou em redor do quarto, pensando na sua amiga que dormia profundamente duas portas abaixo.

– Não devíamos... – disse ela, pousando a mão sobre a fita, a seda fresca um bálsamo contra o súbito calor do quarto.

Deus, como queria deixar o tecido macio cair aos seus pés. Synton voltou a ler-lhe os pensamentos.

– Fazer o que não se deve costuma ser tão libertador.

Ele aproximou-se alguns passos, a tensão entre eles aumentando. Camilla sentiu-se como se estivesse no meio de um campo, a ver os relâmpagos a aproximarem-se. Puxou a fita para a soltar, só um bocadinho.

– Quando foi a última vez que te sentiste um bocadinho perversa, Camilla?

– O que está a propor, ao certo? – perguntou ela.

– Apenas um beijo – disse ele, com um sorriso leve e provocador.

A forma como o disse, a sua voz, um rosnado baixo de tentação... Camilla nunca sentira uma antecipação tão inebriante. As palmas das suas mãos formigavam, a sua respiração tornou-se entrecortada. O coração palpitava-lhe no peito. A excitação lutava com o desejo e, reconhecidamente, com um ligeiro nervosismo.

Humedeceu os lábios.

Synton parou diante dela, contemplando-lhe o rosto. Ao notar o gesto, os seus lábios curvaram-se diabolicamente.

– Dá-me a fita, Camilla. Agora.

Ela deu-lha. Tirando-a da cintura, deixou cair a fita de seda na sua palma aberta. Quando ela se mexeu, o roupão caiu ligeiramente, expondo a sua camisa de noite de renda.

Synton admirou-lhe a silhueta, depois fez sinal para que ela ficasse de pé e se virasse.

Ela obedeceu à ordem silenciosa, odiando o facto de o seu coração estar mais acelerado, ansioso pela sua próxima exigência.

Com delicadeza, Synton ajeitou a fita em volta da cabeça dela, cobrindo-lhe os olhos, depois esticou-a e deu um nó. A longa fita fez-lhe cócegas nas costas, caindo-lhe entre as omoplatas.

Camilla estava com os olhos vendados.

Com uma mão no ombro dela, ele rodou-a lentamente para que ficasse de frente para si. Camilla ansiava pela segurança dos seus olhos cor de esmeralda, mas apenas conseguia sentir o sopro suave da respiração dele de encontro à sua boca.

– Como te sentes? – perguntou ele.

Todos os seus sentidos se intensificaram – de algures

nas profundezas da casa, ela ouviu o suave tiquetaque de um relógio. De mais perto, ouviu o leve assobio da respiração de Synton, o farfalhar da camisa dele, antes de ele passar a mão por baixo do seu roupão. O toque deslizou sem esforço sobre a camisa de dormir, ao mesmo tempo que lhe rodeava a cintura e a puxava para junto de si.

– Bem.

O corpo dele era mais quente do que ela imaginara, o seu cheiro inebriante assim tão perto. Ela inclinou o rosto para cima, os lábios entreabertos em antecipação.

Se ele apenas a ia beijar, queria aproveitar cada segundo.

– Podemos fazer muito melhor do que bem, querida.

A boca dele percorreu-lhe o pescoço, a clavícula, roçando preguiçosamente de um lado ao outro antes de descer, passando pelo medalhão até à renda sobre os seus seios. Ela esperou que ele voltasse para cima, para finalmente pressionar a sua boca na dela.

Só que depressa percebeu que Synton era um homem que gostava de brincar.

Camilla sentiu o ar agitar-se à sua volta quando ele se moveu, fechando a boca sobre o bico do seu seio, sobre o tecido macio da camisa de noite. O calor inesperado e a humidade da boca dele provocaram-lhe um choque de prazer, à medida que os seus dentes voltavam a roçar nela.

Um gemido escapou-lhe dos lábios quando o beijo erótico de Synton lhe molhou a camisa, fazendo com que um tipo diferente de humidade se espalhasse entre as suas pernas.

Ele segurou-a com firmeza, as suas grandes mãos agarrando-lhe a cintura, aninhadas mesmo por cima da curva do seu rabo. A língua dele começou a acariciá-la com suavidade, extraíndo o máximo de prazer possível do seu

corpo.

Passou para o outro seio, lambendo e chupando o tecido fino até ela já não conseguir pensar com clareza.

Demasiado cedo, Camilla sentiu-o endireitar-se; a sua camisa de dormir húmida estava agora colada a ela.

– Milorde...

Ele emitiu um ruído baixo de satisfação, e Camilla pôde jurar que o ouvira sussurrar que era tudo menos isso, antes de a fazer recuar até as suas coxas roçarem a beira da cama.

– Senta-te.

Camilla sentou-se, o seu corpo a formigar, ansioso pelo próximo beijo.

Não o conseguia ver, mas sentia o seu olhar sobre ela, ardente e pesado como uma carícia física. Sabia com certeza que, se o pudesse ver, não haveria nada de frio ou sombrio no seu olhar. Estaria voraz, pleno de necessidade. Tal como ela.

Talvez por isso ele quisesse os seus olhos tapados, para que não soubesse do efeito que tinha sobre ele. Ela adorava e detestava a venda – adorava a forma como lhe permitia antecipar o seu próximo movimento e detestava o facto de não o poder ver a executá-lo.

– A não ser que queiras que pare, vou beijar-te outra vez, Camilla.

– Por favor – a sua voz era baixa e rouca –, não pare.

Ele empurrou-a com firmeza para trás até ela se deitar na cama. Mãos fortes rodearam-lhe os tornozelos, puxando-a para mais perto da borda do colchão.

O toque dele provocou-lhe arrepios de prazer. O silêncio prolongou-se, o ar tornou-se denso com a tensão.

Camilla perguntava-se se ele estaria a olhar para ela e, se estivesse, como estaria a sua expressão agora.

Outro murmúrio de movimento. Estaria ele a ajoelhar-se?

Ela sobressaltou-se com a sensação inesperada da boca dele na sua perna, os seus suspiros tornaram-se agudos e irregulares. Ele traçou pequenas linhas de prazer que iam do seu tornozelo à barriga da perna, saboreando o caminho para cima.

Camilla susteve a respiração quando ele parou atrás do seu joelho. Duas mãos poderosas pousaram em cada uma das suas coxas, as palmas estendidas ali por um momento, esfregando devagarinho. Confortando-a. Seduzindo-a.

Camilla inquietou-se, queria vê-lo.

Depois, as mãos dele voltaram a mexer-se, afastando-lhe lentamente as coxas, expondo a sua carne excitada. Permaneceu quieta. Esquecera-se de que tirara a roupa interior, querendo dormir sem nada entre a sua pele e a renda macia.

Ele praguejou, e ela percebeu que não fora intencional. O palavrão acendeu ainda mais o seu desejo.

Depois, ele esperou, como se quisesse ver se ela iria resistir. Uma mulher da sua posição era ensinada a mostrar relutância, a negar as suas paixões. A sentir vergonha quando não devia.

A venda tornou-a corajosa.

Lentamente, afastou mais as pernas. O ar fresco beijou-lhe a zona mais sensível, o coração acelerou enquanto esperava para ver o que ele faria a seguir.

Ele gemeu, como se já não se conseguisse conter, o som um rosnado atormentado de pura necessidade.

Depois a boca dele fechou-se sobre o sexo dela. O primeiro movimento da sua língua foi delicado, quase casto. O segundo foi criminoso. O ritmo mais poderoso, exigente. Um lambe preguiçoso que se tornou

decididamente perverso.

Camilla arqueou-se na cama, gemendo enquanto a língua dele lhe abria as dobras do corpo, rodeando e depois acariciando mais profundamente.

– Foda-se – soltou ele, parando por um momento para beijar o interior da sua coxa. – Sabes tão bem.

A boca dele estava novamente sobre ela, os seus dentes a roçar o ponto sensível. Um ligeiro beliscão, um puxão do seu corpo, e depois ele lambeu-lhe o desejo. Era prazer com uma pontada de dor, e nunca nada lhe soubera tão bem. O seu corpo pulsava enquanto ele lhe chupava a carne, abrindo-lhe as pernas para se poder banquetear como um rei. Ele provocou-a beijando-a ao longo da parte interna das coxas, passando pelo seu sexo até à outra perna, o seu hálito quente de encontro à excitação dela.

Sem dúvida de que gostava de prolongar cada movimento até ela quase praguejar.

Ele soprou sobre o clitóris dela, depois deu-lhe outro beijo casto. Provocante. Enlouquecedor. A carne dela estava a ficar tão húmida e inchada que quase doía.

– Por favor. – Ela agarrou-se aos lençóis, tentando lembrar-se por que motivo gemer era uma má ideia.

– Tão decente e educada – ronronou ele contra ela, a sua língua encostando-se-lhe levemente.

Camilla estremeceu quando a boca dele voltou a fechar-se sobre ela, a língua dele ondulando ligeiramente dentro dela.

Ele não parecia partilhar da sua preocupação com os sons. O gemido que ele soltou quando a sua língua lhe voltou a tocar foi mais animal do que humano.

Depois beijou-a novamente *ali*, a língua a deslizar sobre o lugar mais glorioso que ela alguma vez sentira, umas vezes lambendo à volta e outras diretamente no ponto. Ela

arqueou-se outra vez sobre a cama, ofegante.

Ele continuou com aquele beijo maravilhosamente pecaminoso, mas o corpo dela precisava de mais. Ela queria-o mais a fundo. Dentro de si. Penetrando-a ao ritmo daquela sensação crescente, palpitante e dolorosa.

– Oh, meu...

Ele penetrou-a com a língua, introduzindo-a profundamente dentro dela, e ela sufocou um grito de prazer. A língua dele era gloriosa, avançando, acariciando. Um calor subiu-lhe pela coluna.

O lorde do pecado estava a fazer amor com ela com a sua boca perversa. As pernas de Camilla abriram-se mais, necessitando que ele se aproximasse mais, o fogo a percorrer-lhe o corpo enquanto ele a possuía com o seu beijo pecaminoso.

– Oh, meu Deus.

Outro rugido.

– Garanto-te que Ele não tem nada que ver com isto.

As mãos de Synton intensificaram o aperto nos quadris dela, mantendo-a presa no lugar. Como se ela alguma vez se fosse afastar. Ficaria deitada por toda a eternidade, desde que ele continuasse a fazer aquilo com aquela boca profana e adorável.

Ainda não o conseguia ver, mas a imagem preencheu-lhe a mente: Synton ajoelhado entre as pernas dela, as mãos enterradas na camisa de dormir rendada, a cabeça inclinada para ela como se fosse um acólito do seu corpo.

Os quadris dela balançaram para cima, exigindo mais.

Synton ocupou-se dela com um vigor renovado, a sua língua quente deslizando por cima e por dentro dela com tal perfeição que Camilla não queria saber se Deus ou o próprio Diabo estavam envolvidos. Este homem poderia arrastá-la para o inferno que ela arderia de bom grado por

toda a eternidade.

Queria que ele fosse mais fundo, que nunca parasse.

Ele substituiu a língua pelos dedos, fazendo-os deslizar pelas suas virilhas. A sensação foi tão boa que Camilla teve de morder o lábio para não gritar. Contorceu-se enquanto aquela sensação deliciosa se transformava numa onda de prazer, e agarrou os lençóis com tanta força que temeu que se desfizessem.

Synton ergueu-lhe gentilmente as pernas sobre os ombros, prendendo-a à cama com a sua grande mão enquanto se banqueteara.

– Vem-te para mim, Camilla. – Era uma ordem. – Vem-te na minha língua. Agora.

E ela adorou.

Cada movimento glorioso fazia com que o seu ponto sensível ficasse mais duro, quente e pronto para lhe incendiar as veias quando a libertação a encontrasse.

Camilla balançou as ancas para a frente, com os dedos enfiados no cabelo dele, puxando-lhe o rosto para mais perto, recebendo um rosnado de aprovação que vibrou tão profundamente, que ela caiu para o lado, o seu corpo elevando-se enquanto o prazer a percorria onda após onda quente. Já tivera orgasmos antes, mas aquilo era diferente de qualquer outra coisa que tivesse experienciado. Aquilo fê-la querer ficar naquele quarto para sempre.

Ele não abrandou, os seus dedos e a sua língua continuaram a penetrá-la até que outro orgasmo a atravessou. Camilla gritou quando a sensação a fez sair do seu corpo, flutuar em algum lugar distante.

As carícias de Synton abrandaram para movimentos lânguidos, mas não pararam até que a onda final rebentou, deixando Camilla a sentir-se fora do seu corpo e exausta. Ela caiu de costas, com a respiração pesada.

– Aquilo... – Foi uma experiência religiosa. Se ele era o lorde do pecado, ela tornar-se-ia de bom grado a pior pecadora de todas.

Ele beijou-lhe a parte interna da coxa uma última vez, e depois, gentilmente, pousou-lhe as pernas trémulas no chão.

Camilla sentiu o calor dele a desaparecer. O casaco dele farfalhou, o ar agitou-se. Depois, tudo ficou em silêncio.

Ele não podia ter...

Camilla sentou-se, arrancou a venda e pestanejou. O quarto estava vazio. Olhou em volta, com as emoções a passarem de um extremo para o outro.

Não era possível que ele tivesse feito aquilo e depois se tivesse ido embora. Sem uma palavra.

– Synton – sibilou ela, furiosa.

E a menos que ela estivesse num estado de torpor provocado pela sua boca talentosa, ele tinha-se movido mais rápido do que seria possível.

Ainda assim, ele não voltou.

Aquele grandessíssimo cabrão provocara-lhe um orgasmo sem precedentes e depois fora-se embora.

Olhou fixamente para a porta, com o corpo ainda trémulo devido aos espasmos colaterais, perguntando-se como podia Synton passar de uma paixão tão ardente para uma fria indiferença tão depressa.

Se estivesse a entrar num jogo com ela, arrepender-se-ia.

Camilla decidiu então que, em vez de lhe mostrar o quanto estava zangada, também ela podia jogar. Adotaria a sua máscara de indiferença. Deixá-lo-ia sentir-se humilhado também.

Atirou-se novamente para a cama, olhando para o teto, repensando todo o encontro. Demorou muito mais tempo a

controlar a sua irritação do que gostaria de admitir. Porém, assim que o fez, percebeu melhor o seu comportamento.

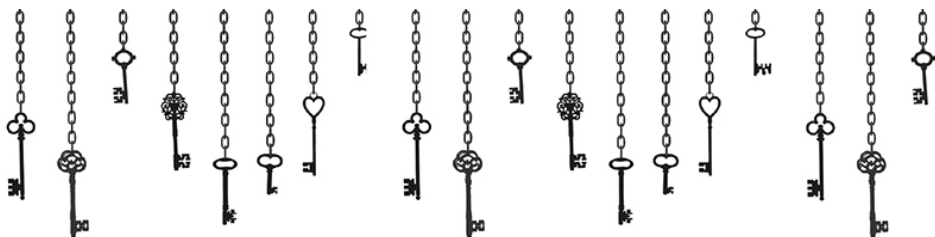
A venda nos olhos.

A menção ao facto de ser apenas esta noite. A partida abrupta.

De alguma forma, estava certa, ele expusera-se mais do que ela.

Havia algo que ele estava desesperado para que ela não visse, o que apenas a deixou mais curiosa para desvendar o mistério do seu passado. O proibido sempre a intrigara.

E o Lord Synton, com seus temperamentos inconstantes, a sua brusquidão e tudo o mais, era realmente *muito* tentador.



— **A** tinta, a tela e os pincéis estão todos aqui no estúdio – disse o Inveja em jeito de cumprimento, mantendo-se propositadamente de costas para a artista que convocara ao amanhecer.

Deixara a casa dos Edwards cedo nessa manhã, enviando também uma mensagem de desculpas por ter faltado ao pequeno-almoço de celebração do noivado.

– Espero que trabalhe rápido, Miss Antonius.

Virou-se então, surpreendido por Camilla não ter traído nenhum dos seus sentimentos ao entrar. Não era do seu feitio estar tão... calada.

O Inveja tivera a certeza de que ela ficaria furiosa por ele se ter ido embora sem sequer um adeus; ou previsivelmente apaixonada. E ela não estava nem uma coisa nem outra.

A atenção dela limitou-se a percorrer a sala, passando por ele como se não passasse de mais uma tela para catalogar. Não lhe deu qualquer indicação de que o Inveja estivera de joelhos, aninhado entre as suas coxas, poucas horas antes.

Aquilo irritou-o.

– Se precisares de mais alguma coisa, o Alexei tratará disso.

– Obrigada, Lord Synton – disse ela por fim. – Se puder pedir que me traga uma chávena de chá, é tudo.

As sobrancelhas do Inveja arquearam-se a ponto de lhe tocarem na linha do cabelo. Tomá-lo-ia por um criado?

– E uns *scones* e natas batidas? Desejas que ele te traga também alguns?

– Não é necessário, mas obrigada pela atenção.

Camilla ignorou o sarcasmo óbvio no seu tom, caminhando até ao banco de madeira e ao cavalete, passando carinhosamente a mão pelo grão de madeira polida antes de levantar a tela que escolhera.

Hoje envergava um vestido cor de carvão, uma cor profunda e rica em pigmento. Uma linha de pérolas subia-lhe pelas mangas, dos pulsos aos antebraços, e uma segunda linha percorria-lhe a frente do corpete, do pescoço ao umbigo.

O Inveja quis prender-lhe as mãos acima da cabeça e arrancar-lhe as belas pérolas com os dentes.

– Já te podes ir embora – disse Camilla por cima do ombro, quase como uma reflexão tardia. Como se se tivesse esquecido de que ele estava ali. – Trabalho melhor sozinha.

O Inveja ficou a olhar para ela.

Camilla não bebera na festa de ontem, por isso não era como se tivesse entrado num qualquer estado de embriaguez. Tinha a certeza de que ela se lembrava de se ter entregado à sua língua, doce e quente como mel. Teria escolhido ignorar isso?

Certamente, a noite anterior fora chocante. Mas Camilla sobrevivera à crise do Lord Garrey e seguira em frente. Decidira que desejava viver, celebrar a vida.

E ele considerara isso muito atraente.

Ficou duro só de recordar os seus gemidos baixinhos, o seu arrebatamento puro e livre enquanto se submetia totalmente ao prazer que ele lhe proporcionava.

Ela mordera o lábio para evitar que alguém ouvisse, e contorcera-se nos lençóis, emaranhando-os tal como ele queria que as suas pernas se emaranhassem com as dele quando trepasse para cima dela.

Quando ela começara a balançar as ancas, conduzindo-o para o local exato onde o queria, ele precisou de todas as suas forças para não afundar a pila naquele calor húmido, como ambos desejavam. Camilla era uma amante surpreendentemente vivaz e ele apenas provara uma pequena amostra.

Uma sendo o termo operativo.

A sua regra de apenas ir para a cama com alguém uma vez incluía, por norma, uma noite de luxúria. O que geralmente incluía todas as posições possíveis, todos os atos de prazer. Assim, fazia sentido que o tempo passado juntos tivesse acabado para sempre.

Não havia nada de típico na forma como ele fizera as coisas com Camilla na noite anterior.

Ele fora-se embora antes de não se conseguir afastar.

No momento em que ela se viera, ele imaginara puxá-la para cima dele, arrastando-a para cima e para baixo ao longo do seu comprimento duro até que ambos fossem arrebatados para um frenesim.

O Inveja queria fazer amor com ela como deve ser.

Se apenas tinha uma noite para experienciar Camilla, não a iria desperdiçar. Além disso, prometera que não a arruinaria e, se tivesse cedido na véspera, seria impossível o Lord e a Lady Edwards não ouvirem o som dos gemidos de Camilla.

O decoro voltara a fodê-lo. Ele era uma bola ambulante

e frustrada de maldita virtude, mesmo depois de se ter masturbado com pensamentos sobre o gosto dela que o deixavam tão malditamente excitado que se viera com um rugido demoníaco. Várias vezes, cada vez mais frustrantes. De cada vez que se vinha, ficava menos satisfeito do que antes. Ele desejava-a e a sua mão não se lhe comparava.

E a indiferença dela estava a deixá-lo positivamente feroz. Se se tratasse de um jogo entre eles, teria de admitir que ela estava em vantagem. Todas as suas amantes anteriores haviam ficado quase selvagens de ciúmes depois de ele lhes ter agraciado os lençóis, implorando por mais. E era assim que ele preferia as coisas.

– Há mais alguma coisa, milorde?

A atenção do Inveja voltou-se para Camilla. Ela estivera a observá-lo, e ele não se apercebera.

Ele nunca se distraía.

Era a antítese da sua própria natureza. O Inveja planeava, era meticoloso, não deixava escapar nenhum pormenor. Para ele, tudo era um *puzzle* para resolver. Se Camilla pretendia superá-lo naquele jogo de sedução, não tinha a menor ideia do adversário que tinha pela frente. Se ela queria ser indiferente, ele seria duplamente indiferente. Usaria a sua jogada contra ela.

Lançou-lhe um olhar frio.

– Não me dispense na minha própria casa, Miss Antonius. Se voltar a acontecer, serei obrigado a recordar-lhe quem serve quem.

O divertimento perpassou pelas feições dela.

O Inveja teve a nítida impressão de que ela sabia exatamente quem servira quem na noite anterior. Raios partissem aquilo tudo. Nenhum dos seus remates estava a acertar.

– Imagino que isso será *muito* difícil para si, milorde.

O olhar de Camilla desceu lentamente até às calças dele, antes de voltar a subir, com um brilho malicioso nos seus olhos prateados. A pila dele estremeceu em resposta, ansiosa por voltar a atrair a atenção dela.

– Já que parece que vais ter as mãos ocupadas, tenho mesmo de começar a trabalhar.

Pelos santos, a excitação do Inveja cresceu com aquela segunda rejeição descarada. Se tivesse sido noutra altura, em qualquer outra circunstância, teria tomado Camilla ali mesmo, na tinta, usando o seu rabo perfeito e as marcas das suas mãos para captar cada impulso de prazer na tela.

Depois penduraria a maldita peça no seu *hall*. Que ela o dispensasse aí.

Duro como uma rocha e frustrado em mais de um sentido, o Inveja deixou Camilla a pintar.

No corredor, o seu maldito irmão encostou-se casualmente à parede, cortando tiras finas de uma pera e metendo-as na boca. Por uma vez, a sua expressão era estranhamente contemplativa.

– O que foi? – rosnou o Inveja.

– Estás metido em sarilhos – disse o Luxúria, apontando o óbvio. – A luxúria que estás a emanar faria enrubescer a minha corte. Já pensaste que talvez a Camilla tenha sido escolhida para te distrair?

O Inveja pensara nisso.

O que significava que o mestre do jogo a escolhera com cuidado. E isso enfureceu-o.

Camilla merecia ser mais do que um peão, concebido para o perfurar profundamente.

– Daqui a algumas horas, ela deixará de ser um problema. Terei o Trono Amaldiçoado e a próxima pista.

E a Miss Camilla Antonius teria um noivo desaparecido e presumivelmente morto, que deixara todo o seu

património mortal à sua futura mulher.

Não fazia parte do acordo original, mas, assim que o Inveja conseguisse o que queria, não planeava regressar a Waverly Green, e fazia sentido conceder a Camilla uma vantagem adicional. Desconfiava que as suas finanças tivessem sofrido um revés após a morte do pai. Caso contrário, não conseguia imaginar por que motivo recorreria ela à criação de falsificações. Era o mínimo que podia fazer para a recompensar por ter ajudado a sua corte.

Também se certificaria de que Vexley nunca mais seria um problema para ela. Nem qualquer outro jogador. Mandara Alexei supervisionar os seus espiões, indo atrás de qualquer pessoa que fosse ligeiramente suspeita em Waverly Green.

Exterminaria todo o reino antes que alguém chegasse até ela. O Luxúria lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Trá-la primeiro à Casa Luxúria, quando nos fores visitar. Se ela começar pela Casa Ira, vai pensar que somos um bando de selvagens vingativos que não sabem como se divertir.

O Inveja revirou os olhos. Pelo que os seus espiões lhe tinham revelado, o Ira e a sua mulher estavam a divertir-se à grande. Por toda a Casa. De facto, circulavam rumores de que o Ira mal tinha visto a sua corte desde a coroação da rainha. Tinham estado demasiado ocupados a brincar com correntes e facas, alimentando a fúria um do outro, como depravados.

Se continuassem assim, em breve teria uma quantidade infernal de sobrinhas e sobrinhos.

– A Camilla irá primeiro à Casa Inveja – disse o Inveja sem pensar, arrependendo-se de imediato quando o Luxúria lhe lançou um sorriso vitorioso. – Porque é que ainda aqui estás?

O Luxúria levantou um ombro e deixou-o cair.

– Não posso preocupar-me com o meu irmão? Sei que se passa algo de errado. Todos nós sabemos.

A atenção do Inveja concentrou-se no irmão. Não era totalmente mentira, mas sentiu que o Luxúria o estava a sondar. E estava a aproximar-se demasiado da verdade.

– Tu e o Gula têm uma aposta a decorrer?

– Também há essa questão.

– Sai.

O Inveja virou-se e começou a dirigir-se para as cozinhas. Ao que parecia, tinha de pedir uma chávena de chá para a Miss Antonius. Depois tomaria outro banho longo e gelado. Sozinho.

– Ela não sucumbe à minha influência, pelo menos não como era suposto. – A mudança de assunto do Luxúria atraiu-o. – Já tentaste usar o teu poder nela? – continuou ele.

– As regras do jogo não me permitem usar magia – admitiu o Inveja finalmente.

Era uma desculpa fraca, mas o irmão não se deu ao trabalho de a invocar.

– Espera até que ela pinte o trono. – O Luxúria ficou calado por um momento. – E depois tenta.

O Luxúria não o disse, mas o Inveja sabia o que ele estava a pensar: que Camilla poderia ser muito diferente da última mortal do Inveja.

O Luxúria, apesar de todo o seu incessante pular de cama em cama, era secretamente um romântico. Mas o Inveja já decidira como é que esta história iria acabar.

No seu mundo, o único «felizes para sempre» que procurava era para a sua corte.



Camilla tirou o pincel de esmeralda de onde o escondera no seu corpete, ansiosa por usá-lo pela primeira vez, embora não estivesse tão entusiasmada por começar a trabalhar no Trono Amaldiçoado.

A apreensão percorreu-lhe a espinha, fazendo com que os pelos finos dos braços se eriçassem.

Já pressentia a enormidade do que estava prestes a fazer, sentia as primeiras rajadas de magia das trevas a soprarem pelos cantos da sala, como tinta derramada a manchar uma página em branco. Se as histórias do pai fossem fidedignas, o Trono Amaldiçoado – onde quer que estivesse adormecido – estava a abrir um olho ancestral.

Estaria curioso ou furioso por ter sido convocado?

Camilla iria descobrir em breve – depois do pacto com o diabo que fizera com Synton, agora não havia como escapar.

Talvez estivesse a dar demasiado crédito ao seu talento, talvez fosse apenas uma simples pintura.

«E o Synton é apenas um colecionador de arte sem aspirações duvidosas.»

Quase revirou os olhos em relação a si própria. A

negação nunca beneficiara ninguém. Maldito ou não, aquele era o destino que ela escolhera para si mesma, e era hora de começar a trabalhar.

Um tamborilar silencioso chamou-lhe a atenção para a janela.

Ela aproximou-se e espreitou para os jardins bem cuidados, mas não viu ninguém. Outro arrepio de mau presságio acariciou-lhe a espinha. Provavelmente era apenas um ramo que se tinha desviado. Mas após o seu encontro com o Lord Garrey no labirinto, já não tinha tanta certeza.

Qualquer pessoa poderia estar lá fora.

Olhou para o céu sem nuvens, de um azul imaculado e fresco de outono. Hoje não havia brisa. Nenhum indício de uma tempestade iminente. Afastou a sensação estranha e fez um balanço rápido dos seus materiais: óleos, aguarelas, lápis, carvão, pastéis...

Toque, toque, toque.

Voltou a olhar para a janela. Acabara de ver uma sombra a passar? Sentiu um arrepio. De certeza que era apenas um pássaro a voar demasiado perto.

Que tolice. A sua mente estava a pregar-lhe partidas, era só isso. Após um ataque tão violento, não era de estranhar.

Toque, toque, toque.

Desta vez, o barulho foi mais forte, um bater definitivo. Quando Camilla olhou pela janela, a sua respiração susteve-se. Seria o Lord Garrey?

O medo abateu-se sobre ela. Não era o Lord Garrey.

Uma figura encapuzada surgiu do outro lado do vidro, o seu rosto escondido nas profundezas da roupa. Camilla sufocou um grito, meio segundo antes de reconhecer a figura como aquela que ficara à espreita no exterior da sua

galeria. Ele bateu com os nós dos dedos enluvados na vidraça, empurrando a cabeça em direção ao trinco.

– Synton? – disse ela finalmente, recuando.

De alguma forma, a figura lá fora pareceu divertida. Não fez qualquer movimento para tentar impedi-la, ou para entrar. Mesmo assim, ela recuou em direção à porta, mantendo a atenção no homem. Ele ergueu a mão – provavelmente para quebrar o vidro – e toda a calma que ela tentara manter desapareceu.

– Synton! – gritou. – Rápido!

A figura inclinou a cabeça para trás, mas tudo o que Camilla conseguiu ver foi um olho amarelo-pálido, semelhante ao de um lobo, que pareceu piscar para ela antes de o homem se virar abruptamente e sair disparado.

Um instante depois, Synton estava lá.

– O que se passa?

Camilla olhou para a janela, o reconhecimento a despontar, se não a compreensão. Aquele olho... não podia ser. Tinha de estar enganada. Voltou a sua atenção para o lorde, à procura de uma desculpa razoável para o seu comportamento. Não podia dizer-lhe a verdade, não agora.

– Peço desculpa, milorde. Tem o chá? – Ele lançou-lhe um olhar espantado. Camilla aclarou a voz, atrapalhada. – Quando começar a pintar, precisarei de estar completamente sozinha.

Synton franziu o sobrolho para ela e depois olhou para o resto da sala, com uma suspeita evidente no rosto. Mas havia certas coisas que ela não podia revelar, não depois de ter trabalhado tão arduamente todos aqueles anos, e o homem na janela – como quer que tivesse ali chegado – era uma delas.

Após um longo momento, Synton finalmente saiu, ainda carrancudo, e voltou alguns minutos depois com uma

bandeja. Um serviço de chá de prata, alguns biscoitos e cubos de açúcar.

– É tudo, Miss Antonius?

O seu tom era de troça, mas ela ignorou-o.

– Para já. Obrigada.

Quando ele saiu, Camilla preparou uma chávena de chá para acalmar os nervos. Não queria pensar no motivo que levava o caçador a procurá-la, sobretudo agora. Ele até podia ter prometido em tempos que voltaria, mas nada de bom podia advir da sua visita justamente antes de ela pintar um objeto amaldiçoado. E como é que ele sabia que ela estava na casa de Synton?

Quanto mais ela tentava manter o seu mundo em ordem após a morte do pai, mais ameaçado ele parecia ficar. Fizera a sua escolha, anos antes. Devia ter sido o fim de tudo. Mas, no fundo, sempre reudara que apenas lhe tivesse sido concedido um pequeno adiamento do inevitável. O seu passado andava a rondar como um abutre, à espera de mergulhar e lhe arrastar a carcaça. O caçador desaparecera por agora, pensou ela, e decerto que seria inofensivo. Até que voltasse a tentar falar com ela, mais valia dedicar-se à tarefa que tinha em mãos.

Camilla bebericou o seu chá, uma mistura suave típica de Waverly Green, e olhou novamente em redor, permitindo-se enfim apreciar os pormenores, agora que estava sozinha.

Como se fosse um *chiaroscuro* tornado real, a sala era um estudo de contrastes arrojados e dramáticos – de um lado, uma parede de janelas do chão ao teto deixava entrar a luz do Sol e, do outro, paredes com painéis escuros lançavam sombras quase negras nos cantos.

Uma longa mesa de madeira continha pilhas de cadernos de esboços, encadernados em pele e bem gastos.

Pedaços de carvão partidos, algumas folhas de papel amassadas. E um decantador de cristal meio cheio de um líquido escuro cor de âmbar, com dois copos de cristal a condizer.

Uma grande lareira de pedra calcária ao longo da parede ao fundo do estúdio mantinha uma chama branda que emitia um brilho cálido e acolhedor. À sua frente, um sofá de cabedal e um tapete feito à mão, oferecendo a qualquer artista um lugar confortável para se deitar e sonhar. Ao longo da última parede, estavam algumas telas penduradas em cavaletes.

Era tudo perfeito, precisamente o que ela teria escolhido para si. Synton era um homem que não deixava nada ao acaso.

Teria de passar a ser muito cuidadosa com ele. Quanto mais depressa terminasse a pintura, mais rapidamente estaria livre do acordo.

Pegou num avental da cadeira mais próxima e amarrou-o à cintura.

Regressou ao seu cavalete, situado diante da parede de janelas, e sentou-se, com a atenção concentrada apenas no seu trabalho.

Com mãos firmes, retirou o medalhão e meteu-o num bolso que mandara coser no vestido.

Manteve no dedo o anel de esmeraldas com um diamante ridiculamente grande; depois inclinou a cabeça e fechou os olhos, recuperando uma imagem das histórias do pai.

Em todos os relatos, o Trono Amaldiçoado ardia apenas de um lado, completamente inalterado do outro. Outro forte contraste; outro ato de equilíbrio.

Camilla pensou na voz do pai, que lhe dizia que o Trono Amaldiçoado tinha sido criado pela Primeira Bruxa, um ser

sobrenatural descendente direto da deusa do Sol, segundo a lenda.

A sua filha apaixonara-se por um príncipe-demónio – um dos seus inimigos mortais – e a Primeira Bruxa ficara tão furiosa que amaldiçoara vários objetos na esperança de destruir os demónios. A história dizia que o Trono Amaldiçoado tinha como objetivo seduzir o príncipe e depois dominá-lo.

Camilla deixou que a sua memória se expandisse, libertando-se dos seus limites, ultrapassando as suas emoções, até que o seu talento pareceu palpar-lhe nas veias, fluindo para os dedos, para o pincel, pronto a saltar para lá.

Nas profundezas da sua mente, o trono falou-lhe, disse-lhe as cores de que precisava, a forma, a maneira como deveria ser revelado.

Camilla esperou até que toda a imagem se apresentasse antes de abrir os olhos.

Agora, quando olhava para a tela, via toda a composição como se já estivesse no seu devido lugar. Compreendia que não era assim que funcionava para toda a gente, mas, de alguma forma, era sempre assim que acontecia com ela.

Começou. O fundo deveria ser preto sólido para começar – como se o trono estivesse a emergir das profundezas de um abismo, uma centelha de vida onde nada deveria sobreviver.

E talvez algum escárnio para com o Criador.

O trono tinha agora o seu próprio poder. Era o seu próprio deus, aos seus olhos. A bruxa que o amaldiçoara, que lhe dera poder e vida, nada era comparada com a sua glória agora.

Oh, sim, os rumores de que ele era senciente eram

verdadeiros. Só que não era apenas ligeiramente senciente, tinha plena consciência, tinha tantos pensamentos e emoções como qualquer outro ser. O Trono Amaldiçoado sabia o que era e gostava de jogos, considerava-se um mestre do jogo, na verdade.

Camilla não fez qualquer juízo de valor, não sentiu qualquer emoção que não fosse a determinação em materializar a peça tal como ela desejava ser vista. Tornara-se um recipiente para ela habitar como bem entendesse.

Quando usava o seu talento, mergulhando profundamente naquele poço de poder criativo, Camilla perdia toda a noção do tempo. Podiam passar-se segundos ou meses, e ela permanecia num torpor alegre, consciente apenas do seu pincel.

O seu pai costumava dizer que um talento como o dela era um dom ancestral, talvez concedido à sua família por algum *fae* poderoso, e que, quando Camilla mergulhava no seu poder, transitava para o tempo das fadas ou para os Reinos das Sombras.

Era perigoso, recordava-lhe Pierre, intrometer-se com forças imprevisíveis, interpor-se entre reinos.

A ideia de que ela poderia não ser capaz de controlar o seu dom irritava Camilla, mesmo quando vinha do pai. A profundidade do seu talento podia ser um dom, mas ela trabalhara arduamente no seu ofício. Para compreender não apenas o que a atraía, mas também como lhe dar vida, como torná-lo seu. Algo que Pierre Antonius também soubera em tempos. Antes de se ter desmoronado no fim.

Camilla pousou o pincel, esfregando o nó que se formara no seu peito.

Doía-lhe o coração quando pensava no pai. O tempo era tão precioso, fosse ele humano ou *fae*. Daria quase tudo

para ter mais um momento com ele.

A tela abandonada emitiu um pulsar subtil de luz, um batimento cardíaco semelhante a uma sombra.

O trono não queria que a atenção de Camilla se desviasse. Estava descontente. Agora era o mestre do seu universo. E ela obedeceria.

Quase em transe, pegou no pincel, mergulhou-o na tinta e continuou. Da escuridão emergira o trono, e agora do trono saíam as chamas, ardendo brilhantes, impetuosas, insistentes...

Um momento depois, ou assim lhe pareceu, foi levantada com força. Uma mão segurava-lhe firmemente as pernas e outra imobilizava-lhe as costas, enquanto todo o sangue lhe subia dolorosamente à cabeça.

Desorientada e meio sob o encantamento do trono, Camilla precisou de mais um longo momento para perceber que havia sido atirada sem cerimónias para cima de um ombro, como um saco de batatas.

O som de uma porta a bater fê-la finalmente regressar ao presente no preciso momento em que as suas costas bateram numa parede. O impacto não foi suficiente para a magoar, mas fê-la perder a consciência.

Camilla pestanejou até ver o rosto furioso do seu raptor.

– Que diabos estava a fazer, Miss Antonius?

A voz habitualmente educada de Synton não passava de um rosnado, a sua expressão beirando o selvagem enquanto o seu olhar a percorria.

O ar frio beijou-lhe as faces coradas.

A temperatura tinha caído de repente, como se todas as lareiras da propriedade se tivessem apagado ao mesmo tempo. Se Synton não estivesse tão perto, ela teria esfregado os braços para escapar ao frio.

– A pintar. – Ela olhou-o de volta. – Ou será que se

esqueceu do nosso acordo nesta última hora, milorde?

Ele lançou-lhe um olhar curioso, com os olhos a semicerrarem-se ligeiramente.

Ficou a olhar para ela durante um momento desconfortavelmente longo, a sua expressão tão severa e implacável como sempre, enquanto o seu olhar a voltava a percorrer lentamente.

Ao fim de mais uma intensa análise, a sua postura relaxou e ele recuou.

Marginalmente.

Uma centelha de calor regressou-lhe à pele.

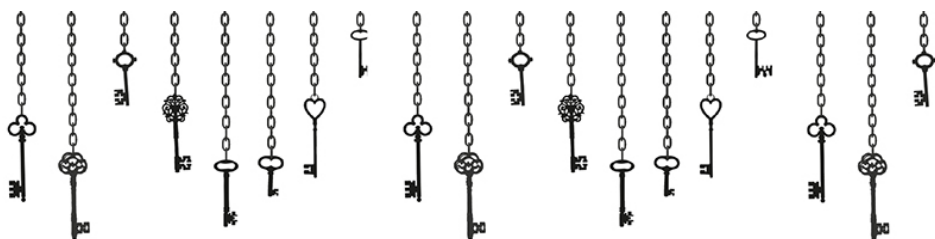
– De agora em diante, apenas trabalharás no Trono Amaldiçoado quando eu estiver no estúdio.

– Porquê? – perguntou ela.

– Porque estou a proteger o meu investimento.

– Isso não é...

– Negociável – interrompeu ele, exibindo um sorriso sombrio enquanto a sua expressão de desagrado se aprofundava. – Pinte de livre vontade comigo na sala, ou algemar-nos-ei até estar completo, Miss Antonius. E refiro-me a todo o tempo que demorar. A escolha é sua, criatura.



O Inveja sabia que Camilla ficava furiosa quando ele lhe chamava criatura, mas isso não o impediu de o fazer. Despertar-lhe emoções fortes divertia-o perversamente. Gostava de ver as suas narinas a alargarem-se ligeiramente, o acelerar do seu pulso e o semicerrar dos seus olhos que lhe faziam pensar no luar. Passara a apreciar o instante antes de ela o descompor ligeiramente.

E, naquele momento, ver a sua irritação era um alívio. Quando batera à porta na primeira noite e ela não respondera, ele fora para a cama sem lhe dar grande importância, ciente de como era fácil perder-se no processo criativo. Na segunda noite, depois de Alexei ter passado o dia do lado de fora do estúdio e ter dito que ela não aparecera para comer ou beber, o Inveja ficara desconfiado.

Camilla não mentira quando lhe dissera que apenas tinha estado ausente uma hora – ele tê-lo-ia sentido se ela o tivesse feito. Para ela, tinha sido apenas isso.

Entretanto, tinham-se passado pouco mais de dois dias em Waverly Green.

O Inveja não sabia se era o jogo ou o próprio trono que

faziam com que o tempo oscilasse, mas, fosse qual fosse a causa, não voltaria a deixar Camilla sozinha.

Não o surpreendia minimamente que aquela pista estivesse a revelar-se mais difícil do que a anterior. Desta vez, Lennox não iria desistir do seu prêmio tão facilmente.

Camilla tentou sair de baixo do seu braço e ele bloqueou-lhe a passagem, mantendo-a firmemente encostada à parede.

– E agora? – perguntou ela, com uma nova irritação no seu tom de voz.

– Está a ficar tarde. Tens de comer e beber qualquer coisa e depois deitares-te. Recomeçaremos depois de teres descansado. Não me serves de nada se estiveres doente ou meio morta.

O silêncio estendeu-se entre eles. Os olhos de Camilla faiscaram de raiva.

– Não creio que o nosso acordo preveja horas específicas para dormir, Lord Synton. Eu trabalho até estar satisfeita. Pode juntar-se a mim ou ir para a cama sozinho. Claramente que os seus sentidos sofreram algum dano se acha que tem o direito de me dar ordens.

O Inveja observou-a, perguntando-se o que haveria de tão atraente naquela constante batalha de vontades. Se este misto de intriga e excitação fosse sequer parecido com o que o Luxúria sentia constantemente, era de admirar que fizesse alguma coisa além de se entregar ao seu pecado a cada momento do dia.

Um músculo do maxilar do Inveja contraiu-se. Ele queria que Camilla continuasse a pintar por razões egoístas, e estava longe de estar cansado. Se ela quisesse continuar, então que assim fosse.

Recuou um passo e estendeu o braço.

– Depois de si, então, Miss Antonius. – Camilla passou

por ele e entrou no estúdio empertigada, como se estivesse a dirigir-se para uma batalha.

Se alguma vez rebentasse uma guerra, o Inveja não ficaria surpreso se ela eliminasse os seus inimigos, um a um. A sua determinação era uma das mais fortes que ele alguma vez conhecera.

Camilla era uma queridinha da sociedade até ser pressionada; depois, surgia uma pequena guerreira, de dentes arreganhados.

O seu lado selvagem chamava por ele.

Ela girou os ombros rígidos apenas uma vez e depois sentou-se, com o pincel de esmeralda que ele lhe tinha oferecido já na mão e posicionado por cima da tinta vermelha. Manteve o avental dele preso à cintura.

Atrás dela, o Inveja serviu-se de um pouco de *brandy* e recostou-se no sofá junto à lareira, o seu olhar fixando-se pela primeira vez no quadro.

Camilla estava muito mais adiantada do que ele imaginara.

Quando viu o trono a emergir da tela, pareceu-lhe menos uma cadeira e mais uma lâmina, o que fazia sentido, tendo em conta que o objeto amaldiçoado era precisamente isso: uma arma. Camilla optara por uma cor alvures entre o champanhe e o bronze, nem muito quente, nem muito fria, mas situada perfeitamente entre os dois.

Os opostos fundiam-se em perfeita harmonia.

Camilla só agora tinha começado a acrescentar as chamas à esquerda. Estava agora a trabalhar nelas, o pincel a entrar e a sair da tinta misturada na sua paleta. Enquanto ele contemplava a imagem, a escuridão à volta do trono foi-se desfazendo lentamente, como se o fumo se estivesse a dissipar nas laterais da tela. Curioso.

Se Camilla reparou na estranheza, não o deixou

transparecer.

O Inveja bebericou a sua bebida, o travo quente e satisfatório à medida que descia a sua garganta. Camilla era fascinante de observar, tão presente e livre, um tanto imprudente, como quando estava a receber prazer. O seu cabelo prateado caía-lhe pelas costas, cintilando com os seus movimentos hábeis, e a esmeralda no seu dedo captava a luz do fogo. Na sua mão, o pincel tremeluzia com vida, como se ela estivesse a imbuir a sua própria alma na tinta, dando vida à sua arte.

A atenção do Inveja desviou-se mais uma vez para o quadro. Agora o seu fundo movia-se como o mar na noite, como se um segredo pudesse estar a erguer-se no rasto do trono. Algures naquela imagem estava a terceira pista.

A antecipação fez com que o Inveja se inclinasse para a frente, o corpo tenso, pronto para entrar em ação.

Como que em resposta, sentiu outra energia na sala, uma espécie de poder, testando quaisquer restrições, quaisquer limites mágicos estabelecidos para o conter.

A sua própria magia rosnou em resposta. Havia definitivamente algo de outro mundo na sala.

O Inveja endireitou-se. Aquele era o seu domínio.

Camilla não se apercebeu da tensão que se instalou na sala, das sombras que começaram a sair lentamente da tela, penetrando no estúdio como uma onda escura.

O coração dele disparou. Ela estava quase a terminar a peça. E o que quer que se tivesse juntado a eles também o sabia.

As chamas no quadro crepitavam como fogo verdadeiro. Do outro lado do estúdio, as chamas da lareira ardiam em sintonia.

O Inveja nunca tinha visto tal coisa – Camilla estava a criar a realidade a partir de uma fantasia com o seu pincel.

Por um momento, o Inveja esqueceu o jogo, o prémio e o que a vitória poderia significar para si e para a sua corte. Em vez disso, pensou no que significaria se se concentrasse na sua atenção na própria mulher.

Poderia ela realmente criar novas realidades?

Talvez a pintura não fosse a pista que lhe tinha sido enviada; talvez fosse a artista.

O Inveja considerou as implicações disso mesmo enquanto o estúdio uivava à sua volta, a escuridão agora rodopiando furiosamente como uma grande tempestade.

A qualquer momento, a fantasia e a realidade deixariam de ser discerníveis; o seu mundo e o que quer que Camilla tivesse criado iriam colidir.

O Inveja engoliu o resto da sua bebida e pousou o copo na mesa, fletindo os dedos. A sua lâmina demoníaca praticamente ardia-lhe no flanco, implorando para ser usada naquela intrusão.

– Miss Antonius.

A voz do Inveja atravessou a tempestade como um relâmpago. Ela não pareceu ouvir.

– Camilla.

Ela virou-se do seu cavalete, os olhos prateados a brilhar como estrelas.

O Inveja era capaz de jurar que o que quer que estivesse a olhar para ele não era inteiramente humano.

«Estará ela sob o efeito do trono?»

O coração do demónio acelerou.

O Inveja voltou a chamá-la pelo nome, desta vez com a voz impregnada de uma ordem de um príncipe-demónio, uma exigência mágica que ninguém podia ignorar, e ela pestanejou, as íris retomando o aspeto normal.

– Vem – disse ele, o olhar fixo no vulto atrás dela. – Agora!

Camilla olhou de relance por cima do ombro e depois fez o que ele lhe ordenara sem discutir, com o pincel ainda agarrado à mão.

Assim que ela se colocou em segurança atrás dele, o Inveja sorriu em jeito de escárnio para o trono diante deles.

Com um rugido que faria o próprio diabo hesitar, o inferno rebentou.



Camilla correu para trás de Synton, rezando para que conseguissem sair da sala antes que a pintura amaldiçoada fizesse o que quer que estava prestes a fazer.

Mas já era tarde.

Tarde de mais.

Um grito inumano rasgou o ar. O seu corpo pareceu-lhe subitamente oco, como se dar vida ao objeto amaldiçoado lhe tivesse tirado algo em troca.

Camilla agarrou o braço de Synton no preciso momento em que ele se virou para ela, enquanto tentavam perceber o que seria aquela coisa vil que ela havia libertado.

Pelo que Camilla conseguia ver, a figura era enorme, apesar de estar encolhida ou encurvada diante deles, uma forma densa e sombria com brasas vermelho-alaranjadas brilhantes no lugar dos olhos.

Em todos os seus anos, em todos os seus pesadelos, Camilla nunca vira nada assim. Nem nas histórias que a mãe e o pai lhe tinham contado. Nem mesmo nos sítios por onde a sua mente vagueara.

O que quer que fosse, percebeu que não era o trono em si; era a coisa amaldiçoada que vivia dentro do trono,

servindo-se da sua forma física.

O fogo enfureceu-se ao redor deles, ficando mais forte, mais selvagem, como o seu mestre sombrio.

O seu ódio era palpável – a sua fúria inigualável.

Camilla sentiu que ele queria queimar toda a propriedade, toda a cidade, até que não restasse nada a não ser cinzas. Destruição. Crueldade. Caos. Quem sabia há quantos anos estaria a planear a sua vingança, encerrada nos limites da sua prisão? Talvez as histórias antigas estivessem erradas, talvez a bruxa tivesse amaldiçoado o trono para manter esta criatura longe do mundo. Talvez o ódio dela não fosse tanto uma ameaça, mas mais uma proteção.

A verdade, muitas vezes, perdia-se ou era reescrita ao longo dos séculos.

– O que está a acontecer? – gritou Camilla, a sua voz abafada pela rajada de vento sulfúrico que se seguiu.

Synton apertou-lhe a mão, mas não teceu nenhum comentário. O que havia para dizer?

O mundo estava a desfazer-se e a transformar-se numa paisagem infernal diante dos seus olhos.

A mãe de Camilla era menos obcecada com a mitologia dos outros mundos do que o pai, mas mantinha uma regra: Pierre nunca deveria abrir o seu talento a um demónio, e fora assim que também educara Camilla.

Camilla nunca teria pintado o trono se soubesse o que ele realmente era. E não havia maneira de algo tão malévolo ser outra coisa que não demoníaco.

Os ventos uivaram de forma assustadora, o ar ficou desconfortavelmente quente, tresandando a morte e a cinzas.

As brasas queimaram-lhe a pele, caindo como uma espécie de neve amaldiçoada do domínio do diabo.

O terror apoderou-se dela. Aquilo não ia acabar bem.

Camilla precisava de se pôr a si própria e a Synton em segurança. Se conseguisse destruir a pintura...

Avançou um pouco, determinada a...

– Pára.

Synton mal levantou a voz, mas a criatura ouviu-o na mesma.

Acalmou-se. E Camilla também.

Do fundo das entranhas do submundo onde se encontravam, surgiu uma gargalhada sinistra.

Era como se várias vozes em diferentes tons falassem ao mesmo tempo.

– Atreves-te a dar-me ordens? – sibilou o demónio amaldiçoado.

Synton ignorou a violência no tom da criatura. Deu um passo em direção a ela, como se fosse ela quem devesse temê-lo *a ele*.

– Tens informações para mim.

Camilla quis enganar Synton. Será que não percebia o perigo que corriam?

Antes que pudesse puxá-lo para trás, a criatura demoníaca avançou, respirando fundo como se estivesse a farejá-los.

– Tanto poder. Tanto... pecado.

A forma sombria expirou lentamente, os seus olhos brilharam num vermelho mais intenso.

– Vossa Altezzzzzzza...

Camilla ficou totalmente imóvel.

A cabeça da criatura girou na sua direção. No momento seguinte, estava dentro da sua mente, a falar-lhe em silêncio.

«O talento é uma coisa horrível de se perder», disse-lhe.
«O teu ser-te-á devolvido se jogares o jogo até ao fim.»

«Que jogo?», pensou Camilla.

«Acreditavas mesmo que ele não acabaria por te obrigar?»

Dentro da sua mente, o Trono Amaldiçoado riu-se com maldade. Havia visto que ela o compreendera.

«Sim», sibilou a criatura, encantada, «agora és apenas mais um peão a ser movimentado no tabuleiro dele».

Não estava a falar de Synton. A criatura referia-se a alguém muito, muito pior. E então voltou a senti-lo: aquele estranho vazio de antes, e soube que o seu talento tinha desaparecido. O seu coração bateu descontrolado. A criatura roubara-lhe o talento, a sua própria essência.

Não teve muito tempo para pensar nessa horrenda revelação; arquejou quando uma coroa surgiu, cintilante, no topo da cabeça de Synton. Com detalhes em esmeralda nas extremidades, linda.

– Ahhh – ronronou o trono, voltando a falar em voz alta. – Príncipe Inveja. Aí estás tu. Deixaste de te esconder.

– O quê? – Na mente de Camilla, a confusão que sentia lutou com o terror, vencendo por um momento.

Sem olhar para ela, Synton caminhou em direção ao trono, a magia crepitando à sua volta, emergindo *dele*, a cada passo vigoroso.

Se o trono era poder, então, impossivelmente, o suposto príncipe era a fonte de onde ele brotava. Camilla conseguia sentir a magia a libertar-se dele agora.

O coração de Camilla bateu num compasso furioso. O que era Synton? Com certeza que não poderia ser...

– Diz-me o que quero saber. – O tom de Synton foi insolente, exigente. Monárquico. – Já!

As chamas no trono dispararam para cima, um inferno imponente de fúria e caos diante do qual a criatura elementar dançou. O objeto amaldiçoado enfureceu-se com

a ordem, mas, quando Camilla achou que iria atacar, ele sussurrou:

– No mau castiçal rege a erva. Apagai-a bem.

Seguiu-se um momento de silêncio antes de o lorde reagir.

– Envia os meus cumprimentos ao teu rei.

Synton esticou o braço, e a criatura sombria gritou, as suas muitas vozes berrando em uníssono enquanto uma lâmina brilhante a perfurava com facilidade.

Mais rápido do que havia começado, o fogo, as brasas, o vento e o próprio trono desapareceram. Na verdade, a própria pintura que ela criara tinha-se transformado num monte de cinzas. A única coisa que restara fora a coroa com esmeraldas nas extremidades sobre a cabeça do Lord Synton.

O trono chamara-lhe Príncipe Inveja. Uma acusação que ele não havia negado.

Camilla observou quando ele finalmente se virou para enfrentar o olhar acusador dela, a sua expressão fria, sem um pinga de remorso. O seu olhar era insondável, inabalável. Desumano.

De repente, tudo fez sentido.

Havia uma solidão ancestral nos seus olhos, porque ele não era nenhum homem mortal, de coração partido. Só Deus sabia quantos anos tinha. Quantas vidas vivera, quantos amores perdera.

Se era sequer capaz de tal emoção. Talvez ele lhe tivesse apenas revelado o que ela queria ver, manipulando-a até ao limite do seu poder.

Príncipe Inveja.

Agora que o choque inicial tinha passado, Camilla conseguiu pensar com mais clareza.

A maioria dos habitantes de Waverly Green acreditava

que as histórias dos sete príncipes-demónios eram ficção, mas ela devia ter percebido. Sabia muito bem que não era prudente descartar algo só porque nunca se tinha visto.

Havia muitas coisas estranhas que se escondiam à vista de todos. O mundo era um lugar vasto e curioso, cheio de criaturas estranhas. As pessoas raramente mostram o seu verdadeiro eu. Mas, em todas as histórias que tinha ouvido, os demónios não eram capazes de mentir.

Então, riu-se da ironia, mas o som não foi nada divertido.

– Lord Synton. Muito esperto. Deve ter-se rido bastante à nossa custa. – O seu tom endureceu juntamente com a sua expressão. – Dizia que milorde e o Vexley não eram nada parecidos, mas aqui está, nada mais do que um mentiroso implacável. E um demónio miserável.

Ele cerrou o punho ao lado do corpo, o seu olhar tornou-se mais sombrio.

Uma faísca de fúria acendeu-se nos seus olhos, queimando o gelo.

Pelo menos uma coisa fora verdadeira na sua charada – ele não gostava de ser comparado a Vexley.

– Não sou assim tão miserável quando estou na sua cama, Miss Antonius. – O seu olhar agora era de troça. – Teve uma pequena amostra dos meus poderes.

Apesar da sua raiva, sentiu um calor a atravessá-la. Não admirava que ele a tivesse empurrado tão completamente para fora de si mesma – ele era um príncipe que governava literalmente sobre o pecado. Nenhum humano em todo o mundo podia competir com a sua habilidade para a devassidão; visto que as histórias aparentavam ser verdadeiras, os príncipes tinham praticamente inventado o termo. Ele dominara-a com a sua língua e, como todas as outras tolas que acabavam nos seus lençóis, ela vendera de

bom grado a sua alma por aquele prazer.

Ele sorriu, um rápido e brutal relance de dentes.

– Sinto a sua excitação, Miss Antonius. Mesmo sabendo o que sou, mesmo odiando o facto de eu lhe ter mentido, deseja-me.

Atração ou não, o inferno teria de congelar antes que ela o convidasse para o seu quarto agora.

Outro pensamento surgiu na mente de Camilla.

– Que irmão é que eu conheci? – exigiu saber.

No baile, Syn dissera que eram sete irmãos no total. Verdade, tanto quanto ela sabia. Provavelmente o único bocadinho de verdade que lhe fora concedido durante todo aquele tempo.

O Príncipe Inveja semicerrou os olhos.

Aquele olhar era definitivamente o pecado que ele governava a aparecer na sua cabeça. Ótimo.

Agora, ela conhecia uma das suas fraquezas.

– O Luxúria.

Isso certamente explicava as coisas.

– Que irmão é o Alexei?

– Ele é o meu assistente. – O olhar do Inveja brilhou, sombrio e ameaçador. – Pensa duas vezes antes de voltar a ameaçar mordê-lo, criatura. O Alexei é um vampiro, e prometo-te que irá morder com muito mais força. Embora o seu veneno te possa dar um prazer incalculável. Terias um orgasmo enquanto morrias e implorarias por mais com o teu último suspiro.

Camilla sabia que ele estava a tentar chocá-la, mas grande parte da ficção falava de vampiros e do seu perigoso poder de sedução, por isso o facto de o veneno de Alexei poder provocar orgasmos dignos de morrer por eles não era a parte mais inconcebível da sua noite.

O que era bastante notável.

– Uma vez que o nosso acordo está agora completo, duvido muito que volte a encontrar o seu vampiro de estimação, Alteza. – Camilla endireitou-se até à sua altura máxima, desejando não estar ainda a usar o maldito avental de pintora. Mas, pelo menos, ter usado o seu verdadeiro título pareceu irritar o príncipe.

Santo Deus. O Príncipe Inveja. Um vilão de contos de fadas que ganhara vida e que a convencera de que, na noite anterior, conhecera o paraíso nos seus braços diabólicos.

Sem mais nada a dizer ao canalha mentiroso que tinha diante de si, Camilla dirigiu-se para a porta, mas parou desanimada. Não *podia* ir-se embora. Para recuperar o seu talento, precisava de entrar no jogo. O trono fora muito claro quanto a isso. Gostaria de poder dizer que não fazia ideia do que o trono quisera dizer, mas fazia. Tentou subtilmente convocar o seu talento... sem sucesso.

Camilla respirou fundo. Sabia muito pouco sobre o funcionamento dos jogos, mas já ouvira lendas sobre as suas apostas mortais e sobre o próprio mestre do jogo. Perder o seu talento, a sua capacidade de pintar, era a única coisa que ele sabia que ela nunca iria suportar, a única jogada que podia fazer para garantir a sua participação no jogo.

E se ela fosse juntar-se a um jogo em curso, então as probabilidades eram que Synton, aliás, o Inveja, ou quem quer que ele fosse, estivesse já a jogar. Sentiu a sua raiva aumentar, mas lembrou-se a si própria de que, se tudo aquilo era verdade, então precisava do Inveja. Pelo menos até descobrir o que tinha de fazer a seguir. Ou encontrar outro jogador para...

Fechou os olhos. Claro. Lord Garrey. Lembrando-se de como Synton o ajudara a encontrar o seu fim, achou que não seria boa ideia deixar que o príncipe-demónio soubesse

que tinha uma nova adversária: ela.

E seria uma ideia ainda pior deixá-lo descobrir que ela guardara o seu próprio segredo durante aquele tempo todo. Por enquanto, também não lhe revelaria nada sobre o seu talento roubado. Ele estava a ficar desconfiado.

O que era mais um segredo, afinal?

Quando voltou a abrir os olhos, o Inveja estava mesmo à sua frente, com um ar perigoso.

– Sabes o que o trono disse?

– Um disparate qualquer. – Tentou dizê-lo calmamente, mas o seu coração batia com tanta força que receava que ele o ouvisse.

– Acalmar, saio a vagar. Parece que agradeço ao mar.

– Está a fazer um excelente trabalho a provar o meu argumento, Vossa Alteza – conseguiu dizer.

– Era uma pista. – O Inveja fitou-a um pouco ofendido.

– Um anagrama. Decifrando-o, «No mau castiçal rege a erva. Apagai-a bem» converte-se em «Agora na Casa Preguiça. E ela vai também.»

Camilla calou-se.

O príncipe não perdeu tempo. O seu sorriso foi vitorioso.

Ela manteve o rosto inexpressivo. O seu jogo e o dele estavam verdadeiramente entrelaçados.

– Como vês, minha querida – continuou ele –, tornaste-te, sem querer, parte do jogo que estou a jogar. Um jogo que passei muitos anos à espera de vencer.

Ele não fazia ideia de como estava correto.

Com a mão livre, tentou alcançá-la, mas desistiu antes de estabelecer contacto, com uma expressão séria no rosto.

– Posso ter-te mentido sobre o meu nome e título, mas tens de compreender que usarei todos os meios necessários para vencer. – Depois dirigiu-lhe um sorriso malicioso. – E

gosto demasiado de ser pecador para alguma vez ser santo.

– Ninguém te nomearia para santo.

– E alegra-te com isso. Os santos não costumam matar para proteger os seus investimentos.

– É isso que julgas que sou? O *teu* investimento?

– Julgo que estás a atrasar o inevitável e a perder tempo.

– Talvez te queira de joelhos, a pedir desculpa, antes de decidir o que fazer.

A sua expressão tornou-se sinistra, com uma promessa pecaminosa.

– Já me ajoelhei diante de ti. Se me quiseres lá em baixo outra vez, é só pedires. Mas se esperas um pedido de *desculpas* comigo ali, vais ficar desiludida. Pelo menos nesse aspeto.

Ela lançou-lhe um olhar de desprezo, mas não disse nada.

– Escolha acompanhar-me ou não, Miss Antonius. Seja como for, virá comigo para a Casa Preguiça.

O calor enroscou-se na sua barriga. Muito inconvenientemente. Não *devia* sentir-se excitada por aquele maldito brutamontes.

Camilla amaldiçoou aquela maldita e pequena depravada dentro de si, a que ronronava sedutoramente para o vilão pelos seus vícios desenfreados e troçava do herói pelas suas virtudes inabaláveis.

A vida seria muito mais simples se ela se apaixonasse por um homem cuja bússola moral fosse tão fiável como a Estrela Polar.

Mas ajudar o Inveja era a chave para se ajudar a si mesma. Para o bem e para o mal, eram parceiros naquele jogo, embora ele não o soubesse. Pelo menos, ainda não.

– Já que precisas de mim para o que quer que a

próxima pista implique – disse ela por fim –, pelo menos quero ter tempo para me preparar.

O seu tom foi firme, a sua posição clara. Ou aquilo era uma negociação ou ela encontraria outra forma de jogar o jogo.

O Inveja olhou para ela.

– Uma hora.

– Duas.

Fitou-a por um longo momento. A sua expressão era talhada em pedra, mas Camilla jurou ver um ligeiro lampejo de respeito antes de ele o afastar com um pestanejar.

– Duas horas – concordou ele, cerrando os dentes. – Come, toma banho, veste-te com roupa quente. Partiremos à meia-noite em ponto.

Ela agradeceu-o com um simples aceno de cabeça.

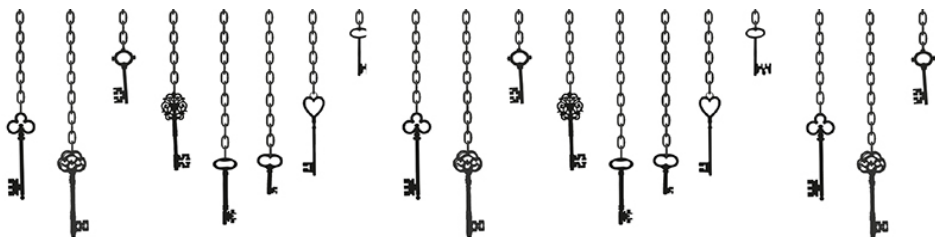
Ele abriu-lhe a porta do estúdio.

– Camilla? – Ela parou na soleira da porta, olhou para trás. – Se fugires, perseguir-te-ei.

Percebeu que ele estava a falar a sério. O Inveja iria atrás do seu objetivo sem piedade.

Parte dela ficou intrigada com a intensidade de querer tanto uma coisa a ponto de nenhuma linha moral permanecer incólume. Um homem assim tão determinado, tão concentrado... fascinava-a ao nível mais básico.

Ela deu meia-volta, dirigindo-se para os seus aposentos antes que ele pudesse ver a minúscula sensação de adrenalina que sentiu perante aquela promessa perigosa.



— *E*ntão? – inquiriu o Inveja, olhando pela janela para o labirinto coberto de escuridão.

Estivera a refletir sobre o caos da noite, bem como sobre o estranho brilho semelhante ao luar nos olhos de Camilla, tentando perceber o que ela poderia ser, se não fosse – como começava a suspeitar – inteiramente humana.

O Inveja imaginara que ela tinha segredos quando se tornara a chave, quando se revelara vital para que ele pudesse receber a terceira pista. Não estava à espera de que o mistério da sua identidade fosse tão profundo.

Não precisava de mais uma complicação. O seu estado de espírito tornou-se completamente hostil à medida que foi analisando as teorias – nenhuma delas o satisfazia.

Metamorfos, *fae*, até mesmo uma combinação peculiar de meio-vampiros poderia explicar o seu talento. Mas não teria a certeza até saber tudo o que fosse possível descobrir sobre a sua família.

Já enviara os seus espiões com novas instruções, para localizarem a mãe de Camilla e descobrirem mais sobre ela, quando sentiu Alexei a demorar-se no corredor.

As notícias que trazia não podiam ser boas.

– É muito mau?

– Aconselho-o a ver por si mesmo, Vossa Alteza.

O Inveja olhou para o relógio. Ainda tinha mais de uma hora e meia até à hora de partida acordada com Camilla, ou seja, tempo suficiente para viajar até à sua corte e regressar.

Virou-se para encarar o seu assistente.

– É muito mau? – repetiu, enunciando cada palavra.

– Dois terços, Vossa Alteza.

– Foda-se.

Dois terços da sua corte agora perdidos no nevoeiro. Estariam em grande perigo se mais alguém soubesse que a Casa Inveja estava tão vulnerável.

O Inveja saiu pela porta e o vampiro seguiu-o como uma sombra.

Desceram vários lanços de escadas em silêncio, parando assim que chegaram à adega. As paredes de pedra tinham uma ligeira frescura que pouco tinha que ver com a falta de luz solar.

O Inveja usara magia que não podia dar-se ao luxo de gastar na criação de um portal para entrar na sua Casa do Pecado.

– Vigia a Camilla – disse ele a Alexei. – Certifica-te de que ela não sai da propriedade. Voltarei dentro de uma hora para a escoltar pelo Corredor do Pecado.

Alexei inclinou a cabeça e desapareceu escadas acima.

O Inveja inspirou profundamente, depois encostou a palma da mão à parede. Sussurrou o seu feitiço, depois caminhou em frente, para o portal secreto escondido na pedra. Submergiu imediatamente na densa energia que ligava os reinos, empurrando-a como se estivesse a atravessar água, mas em poucos segundos libertou-se, caminhando para o outro lado.

Soltou um suspiro, olhando para os seus aposentos. Estava tudo como ele havia deixado. A sua cama de dossel de grandes dimensões permanecia intacta, o retrato de si mesmo, nu, continuava orgulhosamente exposto no teto. Ótimo.

As mesas de cabeceira estavam polidas, mas não inteiramente livres de pó. Uma leve camada cobria o topo da madeira, apenas o suficiente para que pudesse arrastar o dedo por ela.

Os seus cadernos estavam empilhados ordenadamente, a carta que começara o jogo cuidadosamente enfiada entre eles.

Ninguém entrara naquele quarto desde que ele saíra.

Preparou-se para o que o esperaria lá fora.

Uma vez no corredor, o silêncio impressionou-o desde logo. Não havia música, não havia movimento. Não havia pés a arrastarem-se ou sons apressados de demónios a moverem-se de um lado para o outro, a trazer arte, a arrumá-la, a admirar o que ele colecionara e selecionara ao longo dos séculos.

A Casa do Inveja fora criada para lhe transmitir a sensação de se encontrar num museu. Cada ala, cada nível apresentava um meio artístico diferente. No segundo piso, havia a Sala das Tapeçarias e a Sala dos Titãs; a Galeria da Noite mais Longa, no terceiro piso, onde também se encontrava a Escada Gótica; no sexto piso, a Torre do Património e o corredor que exibia os fragmentos arquitetónicos que o Inveja recolhera de todos os reinos, feitos de vários materiais, sendo o seu preferido a pedra.

Tinha salas dedicadas à arte mortal – veneziana, renascentista, barroca, georgiana, da Antiguidade, do Velho Mundo. E até, embora ultimamente se gabasse menos disso, arte da Corte Selvagem dos Unseelie.

Algumas das alas até eram designadas por cores, misturando e combinando diferentes períodos. Os corredores azul, vermelho, cor-de-rosa, e depois as alas onde se expunham metais, como ouro, prata, bronze e cobre. Era, contudo, na arte verde que colecionava que a magia do seu pecado brilhava verdadeiramente – tinha variações deslumbrantes de tonalidades desconhecidas dos mortais, muito além da sálvia, do caçador, da esmeralda, do musgo mais escuro ou da relva mais brilhante.

O Inveja passeou pelos corredores, sem ver ninguém. Parou para olhar pelas janelas em arco do Corredor da Névoa, observando o pátio abaixo.

Vazio.

Era um dos seus lugares favoritos. Costumava estar cheio de cortesãos, alguns a tocar música e outros a instalarem telas ao longo dos jardins. Ficava sempre encantado com as suas pinturas e os esboços dos elementos aquáticos, ou dos pássaros que faziam ninho nas árvores mágicas de rebentos de inverno que importara do extremo norte. Tinha tanto orgulho na beleza inigualável da sua casa.

Tudo aquilo era antes. Agora, apenas as estátuas e as esculturas por que passava observavam a sua procissão silenciosa, os seus rostos de pedra tão desprovidos de vida como a sua corte.

Alexei não exagerara. As coisas estavam muito piores.

Os passos largos do Inveja percorreram os extensos corredores, tornando-se mais rápidos a cada instante que passava sem ver ninguém. Perto das escadas que conduziam ao andar superior, onde a nobreza que preferia permanecer na corte se alojava em luxuosos aposentos, deteve-se.

Ali, ao longe, ouviu-o. Um choro.

Com o maxilar cerrado, avançou em direção ao som da dor, mantendo a preocupação e a raiva no seu punho fechado, sem deixar transparecer no rosto qualquer apreensão ou pavor.

Uma eternidade depois, parou diante da porta de um quarto.

Passou uma mão pelo cabelo, apesar do seu voto de não parecer afetado.

– Foda-se.

Aquilo não ia ser bom. Pela primeira vez na sua existência imortal, o Príncipe Inveja pensou em fugir da sua corte.

«Por favor», implorou silenciosamente a qualquer deus do submundo que o quisesse ouvir, «poupei-os».

Esperava que não fosse tarde de mais.

A porta diante da qual se encontrava pertencia ao Lord e à Lady Casius, dois dos nobres de maior estatuto, sendo a senhora um membro do seu conselho, composto por demónios que ele conhecia há séculos. Que haviam conspirado com ele, que haviam procurado feitiços com ele durante décadas, na esperança de atrasar a loucura. Que tinham encontrado o único feitiço que ele podia usar para mentir. Que acreditaram que o Inveja os salvaria, no final. Nunca o tinham culpado pelo que ele tinha feito, apesar de ele o merecer.

Se eles sucumbissem...

Em qualquer que fosse o reino, eram poucas as coisas que o Inveja podia imaginar serem piores.

O Lord e a Lady Casius tinham sido abençoados pelos velhos deuses e, antes de ele partir para o jogo, tinham trazido três novos demónios ao mundo, mesmo sabendo dos riscos. Os bebés não podiam ter mais de seis meses, mesmo considerando o tempo que ele estivera fora.

O Inveja bateu com suavidade, depois empurrou a porta, as suas unhas cravando-se nas palmas das mãos quando entrou no quarto.

Tinha sido destruído.

– Quem és tu? – gritou a Lady Casius, o seu vestido esfarrapado e rasgado. – Quem és tu?

– Chiu – acalmou-a. – Sou eu, Piper. O Príncipe Inveja.

As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto, o terror fê-la recuar.

– Eu... Eu não te conheço.

Voltou a chorar, o som ecoando na sala outrora bem decorada. Os copos estavam partidos, a arte fora arrancada das paredes. Como se ali tivesse decorrido uma batalha, havia sangue espalhado pelo papel de parede.

– Eu não o conheço! QUEM É ELE?

O Inveja seguiu a mão dela, que apontava para a forma caída a seus pés, o sangue a escorrer do corpo sem vida. Ela tentara cobri-lo com a sua roupa de cama. Tinha arrancado os lençóis do colchão num frenesim violento. A dada altura, devia ter sido atingida por um momento de lucidez.

Ele aproximou-se lentamente, com as mãos no ar, depois ajoelhou-se, já sabendo o que ia encontrar.

Temendo-o.

Puxou o lençol para trás e desviou rapidamente o olhar. O Lord Casius morrera há algum tempo. O Inveja estranhou não ter sentido o cheiro a podridão quando abrira a porta. Matar um demónio... não era tarefa fácil. Eram seres de grande longevidade, talvez não imortais como o Inveja e os seus irmãos, mas também não eram do tipo de morrer com facilidade.

O Inveja viu algumas feridas defensivas nas mãos do seu amigo, sabia que, se ainda se encontrasse lúcido, não teria

batido na mulher, mesmo que ela o estivesse a atacar.

Raios! Quando o Inveja ganhasse o jogo e restabelecesse o equilíbrio – porque se recusava a considerar a alternativa –, Piper nunca iria ultrapassar aquilo. Mesmo que recuperasse a memória, nunca se perdoaria.

Em muitos sentidos, o Inveja já chegara demasiado tarde.

Estava a tentar conceber uma forma de afastar a sua velha amiga, quando Piper disse algo que o imobilizou.

– Quem são eles? – gritou ela, o seu tom estridente. – QUEM SÃO ELES? Não paravam de olhar e chorar. QUEM OS ENVIOU PARA ME MATAR?

– Quem são... – O Inveja compreendeu algo de repente e deu por si incapaz de olhar.

Mas, como príncipe daquele círculo, era o seu dever.

Iria assumir aquele pecado, permitir que lhe marcasse a alma. Aquelas mortes, aqueles assassinatos... pertenciam-lhe. Se nunca lhe tivesse dado o cálice...

Iria resolver os enigmas, reclamar o seu prémio e corrigir tudo. Não importava o custo. Não importava quem teria de enganar, matar ou manipular no processo.

O Inveja iria ganhar. Ou o seu círculo deixaria de existir. Os seus olhos arderam quando se forçou a examinar a sala. Ali, no canto, onde os berços costumavam estar...

A bÍlis subiu-lhe à garganta e ele fechou os olhos, impedindo a visão indescritível. Não fez qualquer diferença. A imagem ficou ali gravada, para sempre.

O Inveja permitiu-se um momento de tristeza; depois, a sua determinação solidificou-se, e o seu coração endureceu. Precisava de resolver as coisas antes de regressar a Camilla. E restava-lhe pouco tempo.

– Fui eu. – A Lady Casius caiu de joelhos, uma compreensão horrenda a surgir-lhe no olhar.

O Inveja sabia que em breve o momento de lucidez passaria, como sempre acontecia; as lembranças voltariam a embaçar, e ela ficaria alegremente inconsciente da realidade.

Tinha de tirar Piper dali imediatamente, tinha de ir ver...

Um grito preencheu o ar.

Antes que ele pudesse ver a lâmina, antes que pudesse atravessar a sala, a Lady Casius já cravara a adaga no próprio peito, os seus joelhos batendo contra o chão de mármore um momento antes do seu crânio.

O Inveja sentiu o golpe como se tivesse sido no seu próprio coração.

Praguejando, esfregou as mãos no rosto, combatendo um pânico desconhecido, até controlar a respiração. Depois, envolveu o coração em gelo, a frieza irrompeu dele e cobriu a sala com uma camada de geada, e de seguida começou a recolher os seus amigos caídos.

Mais uma vez, o Inveja chegara demasiado tarde para os salvar, e agora tinha mais cinco mortes para juntar aos seus pecados. Mais cinco demónios que jurara proteger.

Não os deixaria ali; levaria os seus corpos para onde haviam levado todos os outros. Pelo menos, assim já não estariam sozinhos.



— *P*orque haverias de confiar no que quer que seja que aquela criatura amaldiçoada diz? — perguntou Camilla.

O Inveja estivera a observá-la de perto. De demasiado perto. Ela percebera, desde que abrira a porta do quarto, que ele não estava de bom humor. Ele escrutinara-a, o olhar severo, a boca cruel quando deu um passo para dentro e quase arreganhou os dentes.

— Eu disse-te para vestires algo quente. Vai buscar um manto.

— Não me fales assim — disse ela com firmeza. — Não sou nenhuma criança.

— Então não te comportes como uma.

Ela semicerrou os olhos. Sem dúvida de que havia algo de errado.

Camilla não sabia bem o que mudara. Se antes ele sentira qualquer carinho por ela, há muito que isso desaparecera. A sua frieza, a rigidez da sua boca, o brilho implacável nos seus olhos cor de esmeralda — ali estava o vilão das lendas. O príncipe do Inferno, maldito o suficiente para inspirar pais a contar aos seus filhos histórias aterradoras de advertência.

Não fazia ideia do que poderia ter acontecido em duas horas que o tivesse transformado naquela besta cruel.

Ela examinou-o lentamente, à procura de qualquer pista. Não encontrou sangue, nenhuma ruga no seu fato verde-caçador, nenhuma fenda na sua máscara glacial, nenhum cabelo fora do sítio. No entanto, sentiu a sua energia maligna a agitar-se sob a superfície.

– O que aconteceu? – perguntou ela baixinho. – Mais algum jogador atacou?

– Se estamos a partilhar informações agora – disse ele, com a voz perigosamente calma –, porque não comesas por me falar da tua ascendência? Ou talvez sobre o teu encantamento?

Tudo dentro dela parou.

– O quê?

– A maioria dos mortais não consegue conjurar uma realidade com alguns golpes de pincel, Miss Antonius.

– Bem, eu consegui, para grande sorte tua, não é?

Ele agarrou-lhe na mão, sussurrou algo numa língua antiga e, na inspiração seguinte, Camilla viu-se de repente no que parecia ser o limite do universo.

O mundo de Hemlock Hall desaparecera, substituído por algo muito mais sombrio, vasto e frio.

O Inveja largou-lhe a mão, pôs-se ao lado dela e murmurou:

– Bem-vinda ao vazio fora dos Sete Círculos. Este é o espaço que o liga a todos os outros reinos. – Sorriu com ar soturno. – E diante de ti estão os infames portões do submundo.

Camilla olhou para o estranho ar que a rodeava, com o medo a fustigar-lhe a pele quase tanto quanto o vento gelado. Olhando para baixo, surpreendeu-se ao ver-se vestida com um manto espesso que, de alguma forma,

aparecera por magia.

Não se ouvia qualquer som, exceto a voz do príncipe.

E o bater do seu coração. A raiva fê-la virar-se para ele, os olhos a faiscar.

– Enlouqueceste por completo?

– Ainda não.

Camilla quase decidiu deixá-lo e partir sozinha. No entanto, a pista dele indicava que ela também tinha de ir à Casa Preguiça. Maldito jogo, e ainda agora tinha começado. Para ela, pelo menos.

– Se *alguma vez* voltares a pôr a tua vontade acima da minha – disse ela, a voz baixa mas entrelaçada com uma promessa de vingança –, irás arrepender-te, Inveja.

– Há muitas coisas de que me arrependo, Miss Antonius, mas trazê-la aqui não é uma delas.

Apontou com o queixo para os portões.

– Temos um longo caminho a percorrer antes de nos instalarmos para passar a noite. Sugiro que te mexas.

Camilla conteve a sua irritação. Tinha de se concentrar no jogo, e presumiu que os portões ameaçadores eram o único caminho para a corte do Preguiça. Além disso, já há muito que tolerava machos brutamontes. Podia continuar a fazê-lo, por enquanto.

Virou-se para olhar para a estranha câmara em forma de caverna à sua frente.

Os portões que o Inveja mencionara brilhavam como um pesadelo vários passos à sua frente, esculpidos em osso, chifre e presas. Criaturas demasiado nefastas para viver e demasiado sinistras para serem esquecidas, imortalizadas para sempre numa advertência a todos os que por ali passassem.

Havia beleza na atmosfera gótica, uma beleza sombria que Camilla não deveria querer pintar. E agora que o seu

talento lhe fora roubado, não podia. O pânico apoderou-se dela à medida que tentava invocar o seu talento, mais uma vez sem sucesso. Mesmo com a sua magia restringida, a forma do arco chamava por ela. A mudança de Waverly Green para aquela terra estranha fora tão abrupta que Camilla mal conseguia compreender a verdade de tudo aquilo mesmo enquanto o gelo se infiltrava na sua pele. O Príncipe Inveja arrastara-a para o submundo. Nenhuma história a poderia ter preparado para o seu terror majestoso. Nem mesmo os contos mais sinistros narrados pelo pai.

– Primeiro temos de passar pelo Corredor do Pecado – disse o Inveja, quebrando o feitiço. – Ele vai testar-te para ver com que pecado tens mais afinidade. Poderás ter algumas sensações... estranhas... à medida que cada magia te tenta seduzir. Não te preocupes, estarei a olhar por ti com o maior dos interesses.

– Estou certa de que o farás – disse ela, friamente. Ignorando a sua tentativa de a distrair, pensou no que aquilo queria mesmo dizer. Seria testada relativamente a cada um dos pecados mortais.

Luxúria. Ganância. Inveja. Orgulho. Ira. Gula. Preguiça. Sete formas de este reino fazer o seu pior.

Camilla decidiu ali mesmo que não iria facilitar as coisas, nem ao Inveja nem àquele maldito lugar. Agora que estava prevenida, estaria à espera dos primeiros indícios de magia.

– Alguma pergunta, Miss Antonius?

– O que vai acontecer em Waverly Green enquanto estivermos fora? Tenho um negócio, uma vida. Não posso simplesmente deixar de existir para que jogues o teu joguinho.

Ele arqueou uma sobrancelha; ela surpreendera-o.

Ótimo.

– Vou pedir ao meu pessoal que crie uma história plausível para a nossa ausência. E comprarei alguma arte na tua galeria quando regressarmos. O pagamento...

– Não farás nada disso. Não preciso da tua caridade.

– É uma troca pela inconveniência e pelo tempo perdido. És uma mulher de negócios sábia, certamente que compreendes o valor disso. Mais alguma pergunta?

Ela compreendia o valor disso, sim. Iria encontrar as peças mais caras da sua coleção e calcular o seu valor. Talvez assim conseguisse pagar à sua equipa durante os próximos dois anos.

Tranquilizada, pensou no que mais precisava de saber.

– Quanto tempo vai durar cada teste?

– Isso depende inteiramente de ti. Este reino prospera com o pecado. Assim como o oxigénio e a água são o tecido da vida nos reinos mortais, o vício faz parte da maneira de ser deste reino. – Fez uma pausa. – Teremos de viajar a pé até que o Corredor tenha completado o seu teste. Outras magias são proibidas até que tenhas experienciado cada pecado e tenhas sido associada a uma Casa. Por isso, mesmo que eu quisesse, não poderia simplesmente levar-nos à Casa Preguiça.

– Este reino tem de determinar onde pertenço, mesmo que eu não fique? E tu não tens poder sobre isso?

Ele observou-a antes de responder.

– Vampiros, *fae*, metamorfos e deusas também vivem aqui e, embora normalmente não escolham associar-se a nenhuma Casa demoníaca, o Corredor do Pecado estará sempre curioso para ver onde se saíam melhor. Pensa nisso como uma ordem natural, se quiseres. Não importa o poder de um príncipe, não importa que este seja o nosso domínio, há certas leis da natureza que nem mesmo nós

podemos quebrar.

Ele conduziu-a para a frente, os seus passos silenciosos, perdidos nas profundezas surreais do vazio.

Diante deles, as paredes à volta dos portões eram painéis de pedra semelhantes a cavernas, erguendo-se mais alto do que ela alguma vez poderia esperar ver, a não ser que lhe brotassem asas, e exibindo uma estranha cor preto-azulada. Opaca, como grossas placas de gelo.

O Inveja pôs-lhe a mão nas costas, incitando-a a avançar, e em segundos atravessaram os horríveis portões.

Camilla perguntou-se se ele estava apenas ansioso por partir ou se não queria que ela examinasse os portões de muito perto.

Mal atravessaram o limiar, os portões fecharam-se atrás deles, prendendo-a naquele estranho mundo novo de neve e gelo.

Os sons voltaram, tão sinistros e miseráveis como ela teria imaginado. Os ventos sopravam, os ramos cobertos de gelo estalavam e, ao longe, ela jurou ter ouvido rosnados de feras grandes dimensões.

Não a surpreendia que se dissesse aos humanos que o submundo era uma terra de fogo, quando na verdade era o contrário. Os lugares escondidos dos mortais eram muitas vezes disfarçados numa tentativa de evitar que os humanos se apercebessem de onde estavam, caso alguma vez tropeçassem neles.

Olhou em redor para as montanhas distantes, para as árvores perenes que as rodeavam e para o corredor íngreme que se estendia interminavelmente à sua frente, tentando orientar-se.

Estava tudo enterrado na neve.

Até o Sol – se é que se lhe podia chamar assim – era um globo baço preso a um céu crepuscular. Aproximava-se

outra tempestade. O ar frio cheirava à violência da natureza.

– Continua impressionantemente inalterada, Miss Antonius. Porquê?

– Desde que me lembro que me contam histórias de diferentes reinos como se fizesse parte do meu sustento semanal. O meu pai frequentou o mercado negro a partir do momento em que eu aprendi a andar.

O príncipe esperou que ela entrasse em detalhes, as suas feições frias e aristocráticas tão remotas como aquela terra congelada.

Claro que os Sete Círculos, o reino governado literalmente pelo pecado e pela devassidão, por sete príncipes sombrios e perigosos, eram proibitivos. Como o homem régio ao seu lado. Ou melhor, o príncipe-demónio régio.

Teria de se habituar a isso. Lembrar-se de que ele não era um homem mortal.

Reprimiu a excitação que sentia, odiando a forma como a ideia do seu poder a afetava.

– Isso não respondeu à minha pergunta. – O Inveja estava a observá-la com curiosidade.

Ela encolheu um ombro, mas permaneceu em silêncio.

Depois de ele lhe ter mentido, e agora com aquele rapto, o Inveja teria de esperar sentado até que ela lhe revelasse mais algum segredo sobre si mesma.

Camilla inspirou fundo, o ar frio forçando os seus sentidos a intensificarem-se.

O Inveja não lhe mentira, pelo menos não sobre o Corredor do Pecado. Ela fingira não ter sido afetada, mas sentira a magia do mundo a rodeá-los como uma alcateia a farejar potenciais presas. Perguntou-se qual seria o primeiro pecado a atacar, a testar a sua coragem. Também

se perguntou se o reino se iria surpreender com o que descobrisse.

– Vamos percorrer o máximo de distância possível, mas, se o teste não tiver acabado, teremos de nos abrigar no Corredor durante a noite – disse o Príncipe, quebrando o silêncio.

Camilla desviou a sua atenção para o Inveja, notando a tensão no seu corpo.

Não podia parecer mais nervoso, nem que tentasse. Pelo que ela se lembrava das histórias antigas, ele não precisava de ficar com ela.

Escolhera fazê-lo. Provavelmente para garantir que ela não fugia. Ou talvez tivesse que ver com o seu pecado. O Inveja não queria que ela se afastasse demasiado de si.

Ele olhou-a fixamente.

– Tens frio?

Ela abanou a cabeça e, depois, fez um gesto rápido para o grande manto. Ele não era o único capaz de reter pormenores desnecessários.

Se ele achou aquilo suspeito, não fez qualquer comentário.

Em vez disso, começou a sua lenta caminhada pela neve, mantendo-se alguns passos à frente para lhe abrir caminho. Era prático, mas também amável.

Camilla bebeu cada pormenor do reino enquanto caminhavam, absorvendo detalhes e arquivando-os para pintar quando regressasse a casa, teoricamente, com o seu talento restaurado.

Este era precisamente o tipo de cena que a tornaria famosa em Waverly Green. O seu pai soubera que a diferença era a chave; as suas peças de fantasia extravagantes tinham sido deveras contrastantes com as pinturas religiosas ou as naturezas-mortas para as quais

tantos outros gravitavam...

Isto combinaria o amor de Camilla pela paisagem com a vibração do fantástico. Algo não tão óbvio como o trabalho de Pierre, mas tão perfeito para ela, encerrando mundos secretos que imploravam por serem explorados.

Havia muito branco, claro, mas entrecortado por escuros e ricos salpicos de verde das árvores, pelas nuvens cinzentas no céu e por uma bela tonalidade azulada nos pontos onde o gelo era excepcionalmente espesso. As cores eram suaves mas ricas, mantendo-se firmes contra o perigo iminente do clima drástico.

Subiram colinas íngremes e desceram ravinas acentuadas. Por vezes, o caminho era tão estreito que ela tinha de se virar de lado para passar, e outras vezes era suficientemente largo para um exército.

Quanto mais avançavam, mais ela compreendia que aquele reino era vasto – muito mais do que alguma vez ouvira dizer. Parecia durar para sempre em todas as direções – o corredor apenas sugerindo que majestade poderia ser encontrada além daqueles altos picos de montanhas.

Camilla nunca viajara para fora de Waverly Green, além dos passeios anuais da família à sua propriedade rural nas redondezas. Ainda assim, a mãe costumava adorar partilhar histórias das suas viagens anteriores pelo mundo mortal, muitas vezes pintando um quadro com as suas palavras com a mesma destreza com que Pierre pintava as suas aguarelas. Durante muitos anos, a sua mãe e Pierre tinham parecido um casal excepcional.

Porém, a inquietação da mãe pusera fim a isso.

Após a morte do pai, Camilla pensara em seguir as pisadas da mãe e deixar Waverly Green. De repente, sozinha, apercebeu-se de que podia ir a qualquer lado,

fazer qualquer coisa. Em casa, parecia possível que a enchente de solidão e recordações a afogasse. Mas tinha feito uma escolha, honrado pai, optando por gerir Wisteria Way.

Nunca se arrependera verdadeiramente da sua escolha, mas ainda sonhava em segredo com a possibilidade de um dia conhecer os mundos das histórias do pai. Embora a realidade de o estar a fazer agora com o Príncipe Inveja ao seu lado não fosse bem o que esperava.

De vez em quando, sentia a ligeira pressão da magia contra si e afastava-a na sua mente. A ira não passou de um ligeiro aborrecimento. A gula foi um leve desejo de continuar a banquetear-se com o mundo. A inveja foi o desejo de poder voltar ali sempre que quisesse para absorver tudo, invejando aqueles que o podiam fazer. No entanto, nada a dominou, nada a comandou.

Ela era a dona da sua própria vontade. Se ao menos pudesse invocar o seu talento com a mesma facilidade.

O Inveja manteve a sua atenção quase sempre fixa na linha das árvores, indicando que os rosnados que ela ouvira antes eram, de facto, de animais selvagens. Camilla ouvira lendas sobre cães infernais com três cabeças e imaginou que eram essas criaturas a emitir os sons estranhos que agora ouviam.

O Inveja olhou para ela algumas vezes, de sobrolho franzido, como se ela fosse o único enigma que ele não conseguia decifrar.

Ela esperou, sustendo a respiração, que ele a questionasse, mas ele não o fez.

Camilla estudou-o quando ele se pôs de costas para ela, admirando abertamente a sua constituição poderosa, a certeza dos seus passos confiantes e despreocupados. O Inveja estava em casa naquele mundo agreste,

imperturbável. Era o maior predador daquele corredor e sabia-o.

E esse conhecimento deixou-a irritantemente sintonizada com ele.

Camilla observou a forma como até os flocos de neve pareciam afastar-se dele, não se atrevendo a cair-lhe sobre o cabelo ou a roupa, como admiradores que se limitavam a passar ao lado, curvando-se perante o seu príncipe.

Se ela o pintasse agora, ali, faria com que o reino inteiro se subjugasse à sua poderosa vontade. Mostraria a terra a dobrar-se aos seus pés, a ajoelhar-se também.

Ela resfolegou.

Ele adoraria a ideia de ser venerado pela própria terra que pisava.

O Inveja lançou-lhe um olhar por cima do ombro.

– Nada – disse ela, respondendo à pergunta tácita no seu olhar. – Estou apenas a divertir-me.

– Estou a ver que sim. – A boca dele enrolou-se nas bordas, o primeiro lampejo de humor que ela lhe via no rosto desde que ele os trouxera para ali.

Ele virou-se e começou a andar a um ritmo cada vez mais brutal. E continuaram a andar.

Em vez de ter medo dos rosnados e dos rugidos à sua volta, Camilla voltou a sentir-se aventureira, e a sua criatividade levou-a a imaginar como seriam as criaturas escondidas nas florestas, como as poderia pintar quando recuperasse o seu talento. Porque iria recuperá-lo.

Seriam grandes bestas aladas, talvez com a cabeça de um leão e o corpo de uma baleia? Seriam as suas presas do tamanho dos seus braços? Estariam cobertas de espessas camadas de pelo, ou de escamas, ou de algo completamente novo?

As possibilidades eram infinitas.

Ficou entusiasmada quando ouviu um novo rugido, que vibrou no solo. Parecia que estava diretamente sobre a colina mais próxima. Camilla alegrou-se com o bater do seu coração, com o acelerar do seu pulso.

O Inveja abanou a cabeça, a sua expressão ainda ligeiramente divertida com a reação dela, mas permaneceu em silêncio.

Camilla apercebeu-se de que o medo despertara algo dentro de si, que lhe dera vontade de se despir da sua civilidade e de se tornar também um animal. Perigosa. Pondo de lado aqueles pecados importunos, era a única coisa que a tentava verdadeiramente. Além do próprio príncipe.

Só que o príncipe era perigoso por uma razão muito diferente. Camilla sentia que ele poderia libertar em si tudo o que ela mantivera escondido. E a ideia de ele descobrir os segredos dela já não era tão assustadora como deveria.

Os ventos sopravam com renovado vigor, as copas das árvores balançavam, acenando-lhe para que se soltasse também.

A neve começou a cair com mais força, salpicada de gelo. O Inveja parou abruptamente.

– Vamos passar aqui a noite.

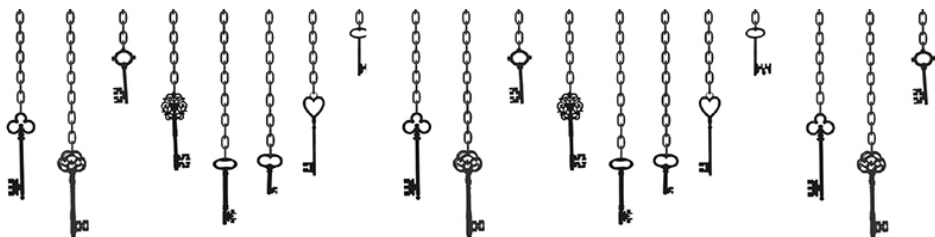
Camilla espreitou por entre a densa folhagem.

Ali não havia nada mais do que uma cabana velha, construída a partir de árvores rudimentares, que mal tinha espaço suficiente para ela, quanto mais para os dois juntos. Não depois de um dia a ser tão ferozmente tentada pelo Inveja.

Pela primeira vez desde que entrara naquele reino, o coração de Camilla acelerou por um motivo inteiramente diferente. Parecia que o seu verdadeiro teste de resistência estava prestes a começar.

E, desta vez, a sua esperança de ganhar era escassa.

Afastar magia era uma coisa, mas ignorar o seu desejo crescente era outra completamente diferente. E aquele reino pecaminoso sabia-o.



— *D*epois de si, Miss Antonius.

O Inveja afastou o ramo de abeto gigante, revelando por completo a cabana que escondera por baixo da árvore da última vez que trouxera uma mulher mortal para o seu reino.

Não gostava de pensar nisso, nela, por isso concentrou-se na sua obra – embora *cabana* fosse um termo generoso para a pequena guarita que ele construía cortando árvores, fundindo-as com pedaços de magia. Nada de muito intenso, nada que pudesse irritar o Corredor. Se tivesse sido capaz de conjurar a construção por inteiro, tê-lo-ia feito. Mas tinha arregaçado as mangas e começado a trabalhar.

De certa forma, talvez ainda sentisse uma sensação de dever cumprido.

Camilla parecera assustada no início, mas agora olhava para a estrutura com interesse, tal como fizera com cada centímetro do Corredor do Pecado. O Inveja desconhecia que aquele lugar maldito pudesse inspirar tanto espanto ou intriga; Camilla surpreendera-o com o seu entusiasmo pelas suas profundezas árticas. E ainda mais surpreendente era que, até ao momento, ela parecia ter evitado a maioria das

influências, aumentando a sua crescente suspeita de que estaria a guardar um segredo. Mas o Inveja sabia que, quando o sono a envolvesse, Camilla sucumbiria ao reino maldito. Nenhum ser – nem mesmo os vampiros mais fortes, os metamorfos ou os *fae* – conseguia resistir à atração sedutora do Corredor do Pecado.

Sem contar com a atração física que já fervilhava entre eles.

Mantivera a sua sintonia com os sentidos dela, assegurando-se de que saberia se ela se sentisse angustiada ou receosa em qualquer momento da viagem. Se algo atacasse, ele queria saber de imediato.

Quando tinham chegado, Camilla estava a arder de raiva por ele a ter levado sem avisar. O que ele não lhe dissera é que esperara até a sentir pronta, muito antes de ela lhe ter dado formalmente uma resposta.

A verdadeira surpresa surgiu quando ela atravessou a tempestade atrás dele. O Inveja sentira um formigueiro de receio que rapidamente se transformou em excitação. Quando a excitação dela o atingiu de seguida, ele quase perdera o equilíbrio. Olhara por cima do ombro, e o olhar dela percorrera-o da cabeça aos pés, carnal e indomável. O Inveja esforçara-se por sentir qualquer indício de que ela estivesse a ser testada pela luxúria, mas não lhe pareceu. Aquilo que ela sentira provinha das suas próprias emoções. Não tinha a certeza de que ela estivesse consciente disso. Mas ele não conseguia esquecer.

E agora estavam prestes a ficar presos durante horas, sozinhos na cabana, com um grande problema.

O Inveja passou por ela e forçou a maçaneta congelada até que ela girou; a portinha abriu-se com um estalido alto quando a camada de gelo se estilhaçou. As farpas de gelo cintilaram sobre a neve como vidro partido.

Camilla lançou-lhe um olhar e depois entrou. Do outro lado da porta, deteve-se.

Ele sabia porquê.

Esta noite iriam ficar *muito* confortáveis.

A pequena cabana de um quarto era escura e não tinha janelas, o espaço quadrado ocupado quase inteiramente por uma cama grande. E por cama o Inveja referia-se às grossas camadas de ramos de pinheiro que ele entrançara num estrado exuberante.

A «cama» estava encostada à parede mais distante, deixando apenas um pequeno espaço que lhe permitia abrir a porta por completo.

O ar estava bafiento, mas misturado com a calidez do pinheiro. Ficariam quentes e a salvo dos elementos. As horas haviam passado e, mesmo que ainda não estivesse cansada, Camilla precisava de dormir antes que a tempestade piorasse.

O Inveja impeliu-a gentilmente para a frente. Ela firmou os calcanhares no chão.

– Mal tem espaço para a cama.

O que ela não mencionou foi o facto de que teriam praticamente de se enroscar um no outro para caberem nela. Um facto que, em parte, ele temia, mas que também antecipava.

Seria a sua própria espécie de inferno pessoal ter Camilla pressionada contra ele enquanto experienciava a sensação dos pecados.

– Perdoai-me pelas acomodações menos que excepcionais, Vossa Alteza – ironizou ele, suavemente. – Da próxima vez que viajarmos pelo Corredor, certificar-me-ei de acrescentar mais uma ala à cabana.

Ela chamou-lhe um nome gloriosamente obsceno entre dentes, mas permitiu que ele passasse por ela, tirando o

manto dos ombros e estendendo-o sobre a cama de ramos, como se fosse um lençol. Fez um gesto para que Camilla se deitasse, e ela acedeu, fulminando-o com o olhar, arrastando-se pela superfície e testando a sua estabilidade antes de se afastar para o lado oposto. O Inveja fechou a porta atrás de si, certificando-se de que ficava bem encaixada, e depois subiu para o lado de Camilla.

O calor dela envolveu-o quase de imediato, o seu aroma preenchendo o espaço entre eles até que ele apenas conseguia pensar no quanto invejava o seu perfume por lhe tocar na pele quando ele não podia.

– Vamos viajar diretamente para a Casa Preguiça? – perguntou ela. – Quando... fizermos o que temos a fazer aqui?

– Sim – respondeu ele. – Vamos percorrer mais um pouco do caminho para agradecer ao Corredor, depois usarei magia *transvenio* para nos transportar para o círculo do meu irmão assim que puder. Devemos chegar a meio da manhã.

– *Transvenio* – repetiu ela em voz baixa. – Segundo as histórias do meu pai, é assim que os príncipes-demónios viajam entre reinos. É como passar de uma realidade para outra. Foi assim que chegámos aos portões mais cedo. Correto?

– De facto.

– Não vamos ver a tua corte primeiro?

Ele engoliu com força.

– Não temos tempo para visitas.

Supôs que deveria enviar uma missiva ao Preguiça antes de aparecer sem avisar, mas para isso teria de parar na sua Casa e aguardar a admissão real na corte rival, o que significava que Camilla veria o reino em ruínas em primeira mão. Mesmo que a levasse para a sua casa de

campo real, nos arredores da sua propriedade, muita coisa poderia correr mal. O Preguiça provavelmente levaria o seu tempo a responder, e isso era a única coisa que o Inveja não podia fazer agora: perder mais tempo.

Permitiu-se sonhar com uma história diferente. Da sua Casa robusta, cheia de vida e arte, e de demónios que colecionavam todo o tipo de objetos e itens para inspirar o seu pecado nos seus companheiros de círculo.

O Inveja queria ver o olhar de Camilla a percorrer tudo, quando fosse tão cintilante e maravilhoso como antes. Queria saber se ela iria gostar da sua Casa, das suas galerias, das suas curiosidades. Do seu quarto de dormir.

E isso era perigoso. Ele não devia querer nada disso.

Camilla ficou em silêncio por alguns instantes.

– Disseste que estás a jogar um jogo... que foi por isso que tudo isto aconteceu. O que está em jogo?

«Tudo», pensou ele.

– Um artefacto que eu cobiço – disse ele por fim. Era verdade o suficiente.

– Estás a fazer tudo isto por um artefacto? – perguntou ela. – Deve ser muito importante.

Ele olhou para o teto de madeira, cerrando o maxilar. Estavam demasiado perto de discutir o seu maior erro, sobretudo ali, onde ele em tempos a levava.

Camilla virou-se de frente para ele, mas ele não olhou para ela. Não podia.

– Despe o manto – disse ele em vez disso. Quando sentiu a sua surpresa, olhou finalmente para o lado e fez um gesto para os seus corpos expostos. – Vamos usá-lo como cobertor.

Camilla olhou-o durante um longo e silencioso momento, mas fez o que ele lhe pediu, e ele ajudou-a a enrolar as pontas da roupa à volta deles. Como último ato

de cavalheirismo, o Inveja despiu o colete e enrolou-o para formar uma almofada que lhe colocou por baixo da cabeça.

Enquanto ela se recostava, ainda mais aconchegada ao seu lado, o Inveja decidiu contar para trás a partir de mil, concentrando-se no seu objetivo final.

Odiava Lennox e os seus *fae* Unseelie reais. Odiava-os mais do que qualquer coisa que já tivesse odiado antes. Não só iria ver a sua corte restaurada, como, em troca, iria também ver a corte Unseelie de Lennox obliterada. Brincaria com todos eles como Lennox brincara com ele.

– Inveja? – sussurrou Camilla, quebrando a sua concentração.

Ele sentiu-a mexer-se debaixo do manto, e depois um dedo cálido a emergir, que ela estendeu para lhe percorrer o maxilar.

Ele estivera a ranger os dentes. Forçou-se a relaxar.

– Quantos mais jogadores achas que há? Neste jogo? – perguntou ela, retirando a mão.

– Depende de quantos mais o mestre do jogo enganou. Podem ser cinco ou vinte. Ou apenas dois ou três, por esta altura.

– O que acontece aos jogadores que não decifram as suas pistas?

– O seu destino é decidido pelo mestre do jogo. Pode optar por deixá-los partir pacificamente ou pode matá-los. As suas vidas passam a pertencer-lhe a partir do momento em que assinam o juramento de sangue.

A respiração de Camilla fez uma pausa. Ele deixou finalmente recair a sua atenção sobre ela. Ela estava a morder o lábio, a sua expressão era tensa. Ele quis atenuar-lhe a linha entre as sobrancelhas, mas não o fez. Nada de bom resultaria de tamanho gesto de ternura.

– E se eles não assinarem um juramento de sangue? No

início? – Ela parecia preocupada, mas ele não percebia bem porquê.

– Tanto quanto sei, toda a gente que joga assinou o juramento. É o que permite ao mestre do jogo fazer cumprir as regras.

– O que achas que vamos procurar a seguir? – perguntou ela, rolando para trás, para olhar agora para o teto. – O enigma não nos deu uma pista real.

Ele gostou que ela os considerasse uma equipa. Demasiado.

– O meu irmão é um grande colecionador, e a Casa Preguiça está cheia de livros e artefactos. Imagino que encontraremos a próxima pista numa das suas bibliotecas. Apenas teremos de procurar por algo que não pertença ali.

Ela virou-se para o voltar a encarar, com uma expressão desconfiada.

– E esse mestre do jogo... Já ouvi dizer que os *fae* gostam de jogos. O rei Unseelie em particular.

Ela era astuta.

Ele hesitou em dar-lhe razão outra vez, mas não viu mal nenhum em admitir que ela estava certa.

– É verdade. O Lennox, o rei Unseelie, é o mestre do jogo.

Camilla ficou em silêncio. Ele perguntou-se que histórias teria ela ouvido sobre o rei Unseelie. Perguntou-se se ela sabia o quão perigoso ele era quando desejava alguma coisa.

Subitamente, o Inveja não queria que ela se envolvesse em tudo aquilo.

– Dorme. O dia de amanhã vai ser longo.

Camilla virara-se para se deitar sobre o seu outro lado, e agora estava imóvel. Ele tentou respeitar os limites dela, ignorando a sua ânsia de espiar os seus sentimentos

naquele espaço tão estreito, mas não conseguiu evitar – abriu novamente aquele canal entre eles e detetou claramente a sua irritação.

– Deves estar rodeado de demónios que passam a vida a lambe-te as botas reais – disse ela de repente, e ele estremeceu. – Nem toda a gente gosta de receber ordens.

Pelos ossos dos deuses. Aquela mulher deixava-o louco. Talvez fosse altura de lhe retribuir o favor, de se divertir um pouco antes de retomarem a busca.

– O normal é que me estejam a lambe a pila. – O Inveja sorriu enquanto o ciúme dela se espalhava pela cabana. – E gostam muito quando eu lhes dou ordens.

Camilla manteve-se de costas para ele, fingindo que ele já não existia.

A inveja dela deu-lhe algo em que se concentrar, algo de que desfrutar. Não gostava de estar de volta àquele espaço, não depois de tudo o que acontecera. Assim, não conseguiu evitar provocá-la um bocadinho, para se lembrar de como esta situação era diferente.

– Na verdade, eu dou todo o tipo de ordens – disse ele, voltando-se para o teto, com as mãos atrás da cabeça. – És capaz de te lembrar de algumas. Despe-te. Deita-te. Abre as pernas. – Fez uma pausa, e depois disse, devagarinho: – Vem-te para mim.

Ela engoliu audivelmente, a sua energia agora tingida de desejo. O Inveja sabia que ela estava a recordar aquela noite recente com detalhes vívidos.

– Uma boa amante também me dá ordens, criatura. Gostarias que te desse alguns exemplos?

Ela praguejou por cima do ombro, dizendo-lhe exatamente onde podia enfiar os seus exemplos.

Ele virou-se outra vez, de frente para as costas dela, e baixou o tom de voz para um rosnado sedutor.

– Fode-me com mais força, mais fundo, mais rápido. *Aí.* Não pares. – Ele ficou demasiado satisfeito com a forma como ela inspirou. – Eu alinho, Camilla, sou bom e obediente por algum tempo.

– Não tenho o mínimo interesse nas suas conquistas, Vossa Alteza.

– Hum. – Ele não precisou de recorrer aos seus sentidos para saber que aquilo era verdade. Mas também sabia que ela gostava perversamente de pensar nele a fazer-lhe cada uma dessas coisas.

Deu conta de que ele próprio estava mais afetado do que pretendia, deixou que o silêncio se instalasse entre eles mais uma vez, tentando ignorar a curva quente das costas dela a poucos centímetros de si.

No início, pressentiu o desapontamento dela – Camilla gostava de jogos, apercebeu-se –, mas depois a sua exaustão dominou-a, por fim. O Inveja esperou que ela dormisse bem e que pusesse de lado as novas preocupações com Lennox e o seu jogo traiçoeiro. De facto, a respiração de Camilla tornou-se finalmente lenta e regular. O sono envolveu-a como um cobertor de neve acabada de cair.

Ele esperou até que ela estivesse a dormir há algum tempo antes de voltar a olhar para ela. Estava deitada de lado, com o manto enfiado firmemente por baixo do queixo pontiagudo.

O sono não chegou para o Inveja; ele duvidava de que fosse chegar, e, fosse como fosse, preferia manter-se alerta. Poucas criaturas naquela floresta se atreveriam a intrometer-se na sua vida, mas, ainda assim, o jogo estava em andamento. Não tinha a certeza de quanto tempo havia passado quando, de repente, ela voltou a virar-se para ele, agarrando-se lentamente ao manto, como se tentasse não cair num sonho.

O seu cabelo prateado esvoaçava à sua volta como uma auréola, conferindo-lhe o aspeto de um anjo.

As suas pestanas eram longas e escuras, repousando em pequenas meias-luas nas suas faces douradas.

Parecia tranquila, completamente à vontade. Como se o homem ao seu lado fosse uma espécie de cavaleiro, e não um príncipe perverso.

O Inveja não se lembrava de alguma vez alguém se ter permitido estar numa posição tão vulnerável perante ele.

Lentamente, estendeu a mão, enfiando um caracol solto atrás da orelha delicada de Camilla. Os lábios dela abriram-se, deixando escapar um suspiro de satisfação. Agora, dormia um sono profundo, completamente relaxada. Ele pensou em invejar-lhe aquela paz, mas, de alguma forma, não conseguiu.

Sabia que o Corredor do Pecado não lhe demonstraria misericórdia agora. O Inveja voltou a deitar-se de costas, com o olhar fixo no teto. Todo o seu corpo estava tenso, à espera.

Tentou concentrar-se na próxima pista. Resolver os enigmas e ganhar o jogo devia ser a sua única preocupação. No entanto... quanto mais pensava na insistência de Lennox para que Camilla o acompanhasse, mais detestava que ela estivesse ali.

Devia tê-la deixado em Waverly Green.

Se fosse um homem melhor, tê-lo-ia feito. As consequências que se lixassem.

A respiração de Camilla alterou-se, interrompida por um ligeiro ruído.

Ele engoliu em seco.

E assim começou a longa noite.

Agora a respiração regular de Camilla transformara-se em pequenos suspiros de prazer contínuo.

Os punhos dele cerraram-se enquanto os suspiros dela se fundiam em gemidos baixos.

O Inveja tentou concentrar-se no granizo lá fora, nos ventos uivantes que faziam a porta bater no seu encaixe. Tudo para evitar pensar em quando estivera entre as pernas dela, a provocar aqueles mesmos sons. Saboreá-la daquela vez fora perigoso – não o saciara nem de longe.

Como que em resposta, ela debateu-se contra o manto, rolando e deixando de estar virada para ele, expondo o pescoço. Com um murmúrio, Camilla pareceu aproximar-se mais do calor dele, as ancas rebolando até que o seu rabo roliço encontrasse a lateral dele, onde se esfregou contra a sua anca, em busca de fricção.

Estava, sem dúvida, a ser testada pela luxúria.

O Inveja focou-se no maldito teto, tentou contar os nós da madeira. Camilla estava a mexer-se outra vez, as mãos a percorrerem o próprio corpo. Apesar de estar enterrado debaixo do manto, o Inveja conseguia sentir-lhes o trajeto como se fosse ele a fazê-lo. Primeiro deslizavam-lhe pelas ancas, detendo-se sobre a sua barriga trémula, depois subiam-lhe até aos seios, onde os seus dedos lhe apertavam as curvas generosas, sem dúvida encontrando prazer na sua rigidez tentadora enquanto os apertava.

De forma egoísta, esperou que ela o estivesse a ver nos seus sonhos alimentados pelo pecado. Recordando como se sentira quando *ele* a fizera vir-se.

Apesar dos seus melhores esforços para ser um cavalheiro, o pénis do Inveja endureceu.

O que ele não daria para lhe afastar as coxas e afundar-se nela, para unir as suas ancas até se desfazerem. Não podia ser testado pelo Corredor do Pecado, mas, naquele momento, quase podia jurar que o estava a ser.

O Inveja levou um punho à boca e mordeu com força,

mas a dor apenas focalizou o seu desejo de prazer.

Camilla estava agora a tirar o manto e a descer as mãos, levantando as saias, exibindo uma pele macia contida apenas por meias de seda, feitas para serem veneradas.

O Inveja já não conseguia conter-se. Observou, extasiado, enquanto ela circundava as ancas, levantando-as, perdida na carícia do seu amante fantasma. O suave exalar da sua respiração misturou-se com o farfalhar das suas saias, o cheiro a pinho libertado da cama com cada movimento. Como que a contragosto, o Inveja sentiu a sua mão fechar-se sobre a sua ereção, acariciando-a por cima das calças, num ritmo correspondente.

Camilla abriu lentamente os olhos e, para sua surpresa, olhou diretamente para ele. Vendo a sua própria excitação, ela pôs-se de joelhos, movendo-se graciosamente enquanto o montava, com as saias a esvoaçar enquanto apoiava as mãos nos ombros dele. Acima das meias, as suas coxas estavam nuas, e ele pôde sentir a sua suavidade onde elas se comprimiam contra as suas ancas.

– Camilla – avisou ele, subitamente alerta. – Acorda.

Ela sorriu-lhe sob as pálpebras pesadas, a curvatura do seu sorriso a mais maravilhosamente perversa e malvada que ele alguma vez vira.

– Quem disse que estou a dormir, Vossa Alteza?



Pode ter sido um pouco travesso, mas Camilla estava a divertir-se imenso a provocar o príncipe que jazia rigidamente sob ela.

Ele merecia ser provocado depois das suas mentiras e artimanhas. Sobretudo após aquela manobra para a fazer sentir ciúmes. Demorou alguns momentos a perceber a tática dele; estivera totalmente concentrada em tentar, sem sucesso, não invejar as suas amantes anteriores.

Assim que se apercebeu do joguinho, ficou irritada consigo mesma por se ter deixado envolver. Ele divertira-se demasiado, alimentando a sua inveja, tentando sussurrar-lhe coisas para chocar e seduzir, para criar antecipação e necessidade.

Camilla ficara chocada, sim, chocada com a humidade que lhe crescera na zona entre as coxas só de pensar nas suas ordens extravagantes.

Por isso, quando sentiu o formigueiro da luxúria, decidiu aproveitá-lo ao máximo. Se o Inveja queria um espetáculo, ela dar-lhe-ia um.

A influência do pecado há muito que desaparecera, algo que a surpreendeu que o Inveja não tivesse sequer

considerado.

Embora, quando sentiu a plenitude da reação dele, quase tenha esquecido de que aquilo deveria ser uma retribuição descarada. O seu comprimento grosso estava pressionado contra ela, tão duro e tentador que se tornou difícil lembrar onde residiam os limites da sua encenação.

Se é que ainda havia alguns.

Perguntou-se até onde poderiam ir, cada um fingindo não saber que o Corredor do Pecado não era responsável pelos seus atos.

Outro jogo perverso.

As suas mãos voltaram a subir ao longo dos flancos, acariciando a parte de baixo dos seios antes de circundar os seus centros. O corpete pareceu-lhe apertado, constringente, e sentiu a sua carne a pressionar o decote, ameaçando transbordar com a sua respiração ofegante.

Levantou-se e depois desceu lentamente sobre o corpo dele, perdendo-se na sensação, no poder absoluto de o ter por baixo de si.

Toda aquela masculinidade bruta, toda aquela graça animalesca, praticamente a vibrar de desejo mal controlado.

Aquilo podia ter começado como um jogo, mas ela não estava a fingir estar excitada.

Um som estrangulado fez com que a sua atenção se voltasse para o príncipe, e ela olhou para baixo, para encontrar o olhar do Inveja fixo nela, uma expressão de tortura no seu rosto.

Ele agarrou-lhe as ancas, os dedos fortes estendidos sobre a sua pele, como se não conseguisse decidir se devia ajudá-la a empurrar-se contra ele ou a levantá-la completamente.

Camilla fitou-o com ousadia, satisfeita por ele ainda

estar tão... afetado pelo seu espetáculo.

– Camilla.

Os lábios dela curvaram-se. A voz dele era baixa e ligeiramente rouca.

Camilla imaginou que não haveria muita gente que tivesse virado o próprio jogo do Príncipe Inveja contra ele.

– Gostaríeis de saber o que estava agora mesmo a recordar, Vossa Alteza? – perguntou ela, voltando a mexer as ancas, contorcendo-se ao longo daquele glorioso comprimento.

– Não.

«Mentiroso», pensou ela.

– A noite na casa do Vexley, quando caímos no colchão e aterrámos assim? Por um momento, perguntei-me o que faríeis se eu me inclinasse para baixo. – Ela fê-lo agora, os lábios tão perto dos dele que sentiu a sua respiração ofegante. – Queria saber se o teu sabor era tão pecaminoso como eu esperava.

A garganta dele estremeceu, e Camilla traçou-lhe levemente o contorno da boca com a língua. Tinha o formato das fantasias, cheia e sedutora e concebida para ser beijada.

– Deveria tê-lo feito? Deveria tê-lo provado naquela noite? – sussurrou ela, aproximando a boca da orelha dele, reparando no rasto de arrepios que se erguia ao longo da sua pele.

Ela achou que ele já não estava a respirar. Parecia estar com dores.

A tensão entre eles era tão forte que Camilla queria puxá-la como a uma corda.

– Quero que me respondeis a duas perguntas com sinceridade, Vossa Alteza. Fá-lo-eis? Por mim?

O olhar dele fixou-se no rosto dela, perscrutou-lhe os

olhos e depois desceu-lhe para os lábios. O seu consentimento foi uma ligeira inclinação da cabeça, quase impercetível.

– Gostaste do meu sabor? – perguntou ela, a voz doce como seda.

Ele praguejou, o seu aperto nas ancas dela intensificou-se, o seu autocontrolo esmoreceu.

– Sim – rugiu ele.

– Pensas nisso?

Ela afundou-se nele, atingindo um ponto que os fez sustar a respiração. Camilla apercebeu-se de que precisava de ter cuidado. O seu corpo palpitava contra o dele.

O Inveja não lhe respondera à pergunta. Ela inclinou-se para baixo, mordiscando-lhe o lábio.

– Prometeste responder.

– Sim. Foda-se, sim, penso nisso. – Soltou uma gargalhada torturada. – Constantemente.

– Obrigada pela honestidade. – Abruptamente, Camilla ergueu-se, passando a perna para trás para se instalar tranquilamente ao lado dele na cama. Dirigiu-lhe um sorriso triunfante enquanto ajeitava o manto à sua volta, preparando-se para dormir. – Que os vossos sonhos sejam tão maravilhosamente pecaminosos como a vossa língua, Vossa Alteza.

Os dentes do Inveja cerraram-se, o seu maxilar contraído o suficiente para talhar pedra. Camilla entusiasmou-se, apenas um bocadinho, quando acrescentou:

– E, para ser honesta, devias saber que talvez eu também pense nisso.



A manhã chegou com outra forte tempestade.

Quando Camilla se espreguiçou e levantou, sentia-se cansada mas pronta para ver o que mais aquele reino lhe traria.

O príncipe praticamente não falou enquanto vestia o seu manto e atravessava a geada fresca à porta da cabana. Parecia estar mais tenso do que o habitual. Se era por causa do seu pequeno jogo de tentação da noite anterior ou porque a sua mente estava concentrada no seu verdadeiro jogo, Camilla não soube determinar.

Caminharam pela neve sem fim, a paisagem perdendo um pouco do seu encanto à medida que ela se sentia mais gelada, mais molhada e mais esfomeada. Ao fim de algumas horas de caminhada interminável, o Inveja parou por fim.

– Pronto. Já avançámos o suficiente para satisfazer o Corredor. – Ele estendeu-lhe a mão. – Pronta?

Ela assentiu e, sem dizer mais nada, ele transportou-os para fora dali usando a magia. Camilla sentiu o poder do ar a soprar à sua volta e abriu os olhos para deparar com um enorme castelo de pedra à sua frente, aninhado no cimo de uma montanha impressionantemente irregular.

Girou num círculo, contemplando o castelo, as montanhas – manchas de azul-marinho e branco que se estendiam ao longe – e a névoa que descera como uma mortalha fúnebre.

A menos que o Inveja tivesse mudado de ideias quanto ao seu plano, encontravam-se no relvado da Casa Preguiça.

O Inveja subiu a grande escadaria de pedra polvilhada de neve fresca, dirigindo-se diretamente para as portas duplas em forma de arco no topo, inseridas num recanto ladeado por duas grandes colunas.

Camilla também subiu até que, sem conseguir evitar,

parou diante da primeira coluna, admirando a intrincada flora e fauna esculpidas no que parecia ser calcário – ou o que quer que fosse o equivalente demoníaco. Quem quer que tivesse feito o trabalho era excepcional: não havia uma única marca de cinzel, nenhum sinal de que a pedra não tivesse nascido já esculpida.

Olhou mais de perto. A cena representada era caprichosa, mas sombria: flores que se transformavam em armas, e animais que pareciam estar a travar uma batalha.

Camilla compreendeu. A natureza era uma amante violenta, a sua beleza uma máscara para esconder a sua crueldade.

Camilla contornou lentamente a coluna, detendo-se na cena mais fascinante até ao momento. Um escorpião, um abutre e um íbis, todos a dançar em torno de uma esfera. Havia mais animais e formas geométricas espalhados por todo o lado, mas aquele grupo parecia diferente.

Pousou a mão na pedra fria em sinal de reverência, perguntando-se se a sua criação teria envolvido magia.

O Inveja parou, olhando por cima do ombro, a sua expressão inescrutável.

– Fique aí, Miss Antonius. Aconteça o que acontecer.

Os pelos finos dos seus braços eriçaram-se e Camilla ficou imediatamente mais alerta.

Ele não lhe pedira para esperar, havia algo de férreo na sua ordem. Agora as esculturas pareciam-lhe mais ameaçadoras do que encantadoras.

– Não estamos na propriedade do teu irmão?

A mão do Inveja deslocou-se para o seu lado direito, para o local onde ela sabia que ele guardava a adaga.

– Neste reino, se um príncipe aparece no círculo de outro sem ser convidado, isso é considerado um ato de guerra.

– E, porém, insistes em aparecer, irmão.

Antes que ele se pudesse virar, a ponta de uma lâmina irrompeu do peito do Inveja.

Aconteceu tão depressa que o grito de Camilla lhe escapou da garganta no exato momento em que a lâmina foi arrancada do príncipe.

O Inveja caiu de joelhos, uma expressão de fúria fria no rosto, enquanto sangue dourado lhe jorrava da ferida, salpicando brutalmente os degraus de neve.

– Toca-lhe – a sua voz estava plena de malícia, mesmo à medida que se ia reduzindo a um mero sussurro –, e eu aniquilar-vos-ei a todos.

Mesmo a sangrar de forma tão horrível, Camilla sentiu a promessa nas suas palavras.

Mantendo um olho no atacante, Camilla correu para o lado do príncipe caído, mas, quando se deixou cair diante dele, o Inveja desapareceu.

Tateou freneticamente o chão onde ele estivera – teria sido encoberto por alguma força invisível? Mas ele tinha mesmo desaparecido. Apenas uma pequena poça de sangue permanecia entalhada na neve, a sua cor um duro lembrete de que ele era Outro.

Olhou de relance para o assassino do Inveja, avaliando o que poderia usar para se defender, acalmando a voz que lhe dizia que não teria hipótese contra ele. Teria de tentar.

O seu cabelo tinha uma tonalidade única, entre o prateado e o dourado, os seus olhos eram do mais pálido tom de azul que ela alguma vez vira. Eram como dois diamantes a contemplá-la, duros e frios. Totalmente desprovidos de emoção.

O demónio também a estudou atentamente.

Após um momento de silêncio desconfortavelmente longo, ele voltou a guardar a adaga na bainha. Tinha dito

que o Inveja era seu irmão, por isso...

– Deveis ser o Príncipe Preguiça.

Ele fez-lhe uma meia vénia insolente e depois disse, presunçosamente:

– Já o merecia há um bom século.

– Assassinate-o. – Camilla não podia acreditar na arrogância daquele homem!

Um esgar de diversão aqueceu uma fração daquele olhar gélido.

– Garanto-lhe que ele apenas foi mandado de volta para o seu círculo. É provável que regresse ao anoitecer, completamente curado, mas desta vez terá a decência de enviar uma missiva antes. Venha. Miss Antonius, não é?

Camilla assentiu, ponderando se devia acreditar nele, mas o Preguiça virou-lhe as costas.

Era claro que, para ele, Camilla não representava nenhuma ameaça, e ela supôs que poderia tirar proveito disso, se necessário.

– Bem-vinda à Casa Preguiça.



A Casa Preguiça não se parecia com nada que Camilla já tivesse visto, nem mesmo nas casas mais nobres de Waverly Green. Duvidava que até o rei ou a rainha do reino pudessem gabar-se de tamanha riqueza. Nunca tinha visto o castelo deles; viviam em Sundry, uma cidade muito a norte de Waverly Green que servia de capital do reino de Ironwood.

E não se tratava apenas de riqueza de bens, mas de conhecimento.

Lá dentro, entraram num vestíbulo circular.

A entrada dava acesso a vários corredores, a partir de onde o castelo se estendia em todas as direções, até perder de vista. De todas as perspectivas, assemelhava-se a uma vasta biblioteca.

Em cada corredor viam-se alinhadas estantes escuras repletas de livros encadernados em cabedal. Apliques de latão iluminavam discretamente as elegantes paredes revestidas, enquanto tapetes macios cobriam os pisos de madeira.

– Isto é deslumbrante. – Camilla rodopiou devagar para assimilar tudo. – Nunca vi nada assim.

Sob os seus pés, estava incrustada uma rosa-dos-ventos em ouro.

O Preguiça lançou-lhe um olhar tímido, tão diferente da arrogância do seu irmão. E do príncipe-demónio que acabara de apunhalar o Inveja no peito.

– Venha – disse ele. – Vou fazer-lhe uma visita guiada enquanto esperamos que o meu irmão chegue. Se quiser – acrescentou. – Se preferir ir diretamente para os aposentos dos hóspedes, podemos tratar disso.

Camilla sorriu timidamente. Naquele momento, preferia aprender o que pudesse.

– Se não for incómodo, adoraria uma visita guiada.

O Preguiça inclinou a cabeça.

– Mas estou curiosa sobre a coluna lá fora – apressou-se ela a dizer. – As esculturas são tão bonitas. O que significam?

O Preguiça pareceu satisfeito por ela ter reparado.

– É a nossa interpretação das Colunas Irmãs, embora, lamentavelmente, não seja uma réplica exata.

– Nunca ouvi falar – admitiu Camilla.

– Era um local muito antigo dedicado às estrelas e ao céu noturno, embora haja quem defenda que representava as cortes dos Seelie e dos Unseelie. As colunas atraem relâmpagos e, quando estes as atingem, brilham, e as constelações nelas gravadas projetam-se no anfiteatro onde se encontram. Diz-se que uma das colunas é boa e reflete harmonia e prosperidade, dádivas dos deuses antigos. A outra, segundo consta, é maléfica e retrata uma destruição cataclísmica, servindo, de certa forma, de aviso. É o que defendem algumas das teorias mais plausíveis. Ninguém tem a certeza, claro. O que sabemos é que ofereciam aos *fae* um caminho direto para as terras mortais.

– Adoraria ver as verdadeiras, um dia. – Camilla não

podia fazer mais do que imaginar como seria essa visão. Como deveria ser mágico ver os céus cumprimentarem o submundo, uma união que não deveria existir.

– Infelizmente, agora estão escondidas sob o círculo do meu irmão, presas por magia.

– Porquê? – O coração de Camilla entristeceu com a ideia de o local antigo ter sido devastado.

– A obsessão do rei dos Unseelie pelos mortais cresceu de tal forma que os pôs em perigo, a eles e às fronteiras do nosso mundo. O Lennox foi alertado para acabar com as suas artimanhas, mas não reagiu muito bem a receber ordens de um demónio, apesar de o meu irmão governar todos os reinos do submundo. O Lennox sentiu que, como rei Unseelie da sua própria ilha a oeste, ele e a sua corte não deviam estar sujeitos às mesmas regras. Por isso, tivemos de limitar o seu acesso, para o bem de todos.

– Uma pessoa arruinou tudo para todos.

– Não é uma pessoa – referiu o Preguiça gentilmente. – É imperativo recordar que nenhum dos seres que encontrar no submundo ou em qualquer um dos Reinos das Sombras é humano. Não importa o quão humanos pareçam.

– Certo, claro.

Ele dirigiu-lhe um meio sorriso, e depois fez sinal para que seguisse em frente.

– Lá dentro, a Casa Preguiça tem mais de setenta mil metros de prateleiras.

Camilla ainda estava a pensar nas Colunas, mas o Preguiça atraiu-lhe a atenção de volta para ele.

– Na última contagem, havia cento e oitenta e sete mil livros, sessenta e quatro mil exemplares, vinte mil peças de arte, incluindo esculturas, e dezanove mil armas. Cada artefacto está alojado na sala de leitura mais adequada ao seu tema.

Camilla não conseguia sequer imaginar aquelas quantidades, mas viu que ele não estava a exagerar. Em todas as direções, os tetos elevavam-se a pelo menos nove metros de altura, e o espaço era preenchido por estantes com escadas.

A Casa Preguiça era absolutamente magnífica, mas, de alguma forma, ainda conservava uma sensação de calor e acolhimento, apesar do seu tamanho e grandiosidade. Talvez fossem as cadeiras estofadas dispostas em cantos por todo o lado ou as grandes vigas de carvalho, desgastadas pelo tempo, que decoravam os tetos abobadados. Em todo o caso, uma parte de si desejou enroscar-se imediatamente com um livro e perder a noção do tempo.

Camilla notou que não havia um pingó de orgulho ou ego no seu tom quando o Preguiça falava da sua coleção; fazia-o como se estivesse a debitar factos.

– Não consigo imaginar quantos anos foram necessários para organizar uma coleção tão extensa – disse ela por fim.

– Demasiados, estou certo, mas esse é o peso do meu pecado.

Ele fez sinal com a cabeça para a ala à frente deles. Por cima dela, uma placa esculpida dizia SCIENTIA.

– Cada ala da propriedade está dividida em secções como esta. Todos os livros desta ala estão relacionados com ciência; diferentes salas dentro da ala são dedicadas a diferentes subsectores. Flora, fauna, anatomia, astronomia, arqueologia, etc. Depois temos história, geografia, arte, e essa ala está dividida em ilustrações, óleos, épocas e artistas, ou até mesmo, por diversão, «a arte da sedução», ou «namorico», ou «artes culinárias», e depois há os poemas, peças de teatro, ficção e, claro, tomos classificados por espécie. *Fae*, vampiro, lobisomem, demónio, bruxa, deusa, mortais, mestiços, cambiantes, metamorfos, e por aí

fora. Há também registos de nascimento da realeza sobrenatural ao longo dos tempos e secções dedicadas ao oculto: feitiços, maldições, pragas, encantamentos, alquimia, enigmas, quebra-cabeças e jogos.

O coração de Camilla parecia estar prestes a ganhar asas e a levantar voo.

– Como diabos conseguem obter tantos registos de nascimento? – Ela abanou a cabeça, a resposta chegou-lhe rapidamente por si só. – Espiões.

– Os demónios Umbra, os mais singulares dos demónios menores, são criaturas imprevisíveis, mas o facto de serem incorpóreos confere-lhes uma certa elegância. Basta garantir que lhes estamos a pagar o valor mais alto. São leais apenas a si próprios. E ao meu irmão Orgulho, na sua maioria.

– A vossa coleção é bastante impressionante, Príncipe Preguiça. – Ele crispou os lábios, e Camilla perguntou-se o que teria dito que o tivesse desagradado. – Perdoe-me, Vossa Alteza. Se me excedi...

– Não, Miss Antonius. – Ele dirigiu-lhe um sorriso caloroso. – Trate-me por Lo. Peço-lhe que se abstenha de formalidades. Só os meus irmãos é que me chamam Preguiça, e costuma ser para me irritar.

Lo guiou-a por um longo e sinuoso corredor que tinha facilmente o dobro do tamanho da sua casa. Deteve-se no corredor seguinte, olhando para a placa.

HABENTIS MALEFICIA.

Bruxaria.

– Algumas alas são mais... sencientes. Reorganizam-se frequentemente, nada de muito desconcertante. As janelas e as portas trocam de lugar, a mobília muda. Numa hora, podemos encontrar um sofá, na outra, um banquinho. Por vezes, os feitiços que investigamos correm mal. A bruxaria

não é fácil para os demónios.

– Costuma fazer muitas investigações? – perguntou Camilla.

Lo encolheu os ombros.

– A minha corte dedica-se a um pouco de tudo. Gostamos de ser multifacetados.

O que era o equivalente à resposta evasiva de um demónio para «sim», pensou ela ironicamente. Talvez ele ainda não a tivesse descartado como uma ameaça.

– Seria capaz de encontrar alguma coisa fora do seu lugar? – perguntou ela, pensando no jogo.

– Claro que sim; mantemos registos rigorosos de todas as salas.

Haver registos era ótimo, mas ainda assim teriam de procurar em cada sala. E, pelo que estava a perceber, isso poderia levar uma vida inteira.

Continuaram para o corredor seguinte, cada um mais impressionante do que o anterior.

Em vez de madeira, o piso era feito do que parecia ser mármore preto com manchas de um carmesim profundo.

Lo captou o seu olhar curioso.

– Heliotrópio. Mais conhecido como pedra de sangue. É extraída dos arredores da Ilha da Malícia. A sede da corte real dos vampiros.

Ele não entrou em pormenores, e Camilla não insistiu. Ouvira sussurros no mercado negro sobre o príncipe-vampiro – dizia-se que ouvia sempre o seu verdadeiro nome quando era dito em voz alta, não importava onde ou quando –, e ela não pretendia despertar-lhe a atenção se os rumores fossem verdadeiros.

– A maioria das escadas é encantada – explicou Lo. – Basta chamar por uma e dirigi-la para onde se quer ir. – Diante do olhar surpreendido de Camilla, ele acrescentou: –

Somos capazes de mover escadas fisicamente, é claro, mas porque não encantá-las? Podemos preferir a mente aos músculos, mas não se esqueça de que somos demónios. A Casa Preguiça lutará tão implacavelmente como qualquer outra Casa do Pecado.

Disse-o de forma tão casual que quase se poderia negligenciar a ameaça subjacente.

– Devidamente anotado, Lo. Eu sempre acreditei que a mente é mais perigosa do que a lâmina mais afiada. Apenas ela é capaz de conceber inúmeras formas de derrubar um inimigo.

Camilla não caíra na armadilha de acreditar que ele era um mero e inofensivo amante de livros, mas compreendia que outros o fizessem. Facilmente.

Perguntou-se se isso o tornava ainda mais perigoso.

Quantos teriam subestimado insensatamente o Príncipe Preguiça? Confundido a sua propensão para ler o dia todo com preguiça, e não com o que realmente era – aprimorar a melhor arma do seu arsenal: a sua mente.

Se conhecimento era poder naquele círculo, então o príncipe que estava diante de si, com as mãos cuidadosamente enfiadas nos bolsos, estava impregnado dele.

Ele olhou para ela com a precisão de um cientista, e Camilla soube que não havia nenhum pormenor que lhe escapasse, nenhuma subtileza ou *nuance* que fosse ignorada ou posta de lado.

Lo não era um homem preguiçoso e indolente, de forma alguma.

Era infinitamente paciente. Calculista. Perversamente inteligente. Lo levava o seu tempo, estudava até estar satisfeito com todos os potenciais resultados.

Se não tivesse atualmente nenhuma parceira e andasse à

procura de uma, que Deus ajudasse a pessoa por quem ele se apaixonasse. Camilla sabia que ele não deixaria pedra por virar enquanto a investigava ao máximo, conspirando e planeando a sua sedução de tal forma que ela não teria qualquer hipótese.

Não que alguém quisesse. Por baixo daquela aparência desprezível, escondia-se um guerreiro tão mortífero e feroz como os seus irmãos.

– O seu quarto de hóspedes fica ao fundo do próximo corredor. – A expressão dele voltara a ser de indiferença, enquanto prosseguia a um ritmo vagaroso. – Por favor, sintam-se em casa. O meu irmão deve chegar dentro de uma ou duas horas.

Camilla mordeu o lábio, empatando.

– Importa-se que dê uma vista de olhos?

Lo parou, olhando-a atentamente.

– Em que assunto está interessada?

Perguntou-se se ele saberia do jogo, o quanto deveria revelar.

– Sinceramente, estou à procura de uma pista. É para...

– O mais recente jogo do Inveja, claro. – Lo suspirou. – Não sei bem por que razão se envolveu nisto, mas parece ser boa pessoa. Não deixe que a obsessão que o Inveja sente em ganhar apenas para se poder gabar disso a destrua. Estes jogos raramente valem o seu preço.

Pelo que Camilla já vira, aquilo não lhe pareceu ser verdade. O Inveja era determinado, concentrado, sim, mas a sua intensidade não parecia ser algo frívolo. Ele nunca lhe dissera o contrário, mas Camilla começava a suspeitar de que o jogo significava mais do que o Inveja deixava transparecer. A qualquer um.

Em vez de levantar suspeitas quanto a isso, fez a pergunta que se tornara mais incómoda e persistente. Que

desejou imediatamente poder retirar.

– O seu irmão é... apegado?

– Fora aquilo a que ele chama as suas curiosidades, o meu irmão não cria laços.

– Nunca?

Lo inclinou a cabeça para um lado, refletindo.

– O Inveja não lhe contou da regra dele.

Não era uma pergunta, por isso Camilla não respondeu. A expressão de Lo tornou-se solidária.

– O Inveja passa apenas uma noite com uma amante. Independentemente do que sente, ou do que julga que ele possa sentir, isso não vai mudar, Miss Antonius. O meu irmão é incapaz de mudar.

O Inveja não lhe contara essa parte, mas, agora que pensava naquela noite em casa de Kitty... ele dissera-lhe que seria apenas aquela noite. *O segredo deles*. O facto de não terem dormido juntos significava que, tecnicamente, a sua noite ainda não tinha acabado. O que a fez considerar várias possibilidades.

– Porque teve um desgosto amoroso?

– Porque o seu pecado não lhe permite ficar satisfeito com o que tem – disse Lo gentilmente. – O Inveja vai sempre desejar algo novo. Até o conseguir. Depois, sente inveja em relação ao próximo objeto que cobiça, inveja da próxima pessoa que é reclamada por outra. Ele vai atrás dela, torna-se extremamente territorial até a conseguir capturar e, de seguida, deixa-a de lado. Ele não é cruel. É pura e simplesmente governado pelo seu pecado, como todos nós.

Camilla quis ignorar o aviso, mas pensou em Vexley. Na rapidez com que o Inveja o desprezara. Ela pensara que fora para a defender. Mas se fosse acreditar em Lo...

– Está a dizer que nunca houve nenhum desgosto?

– Eu nunca disse isso. – O sorriso de Lo era uma lenta torção dos lábios. – Se quer o meu conselho, proteja o seu coração e esqueça o meu irmão. Ele contenta-se com os seus jogos, enigmas e conspirações.

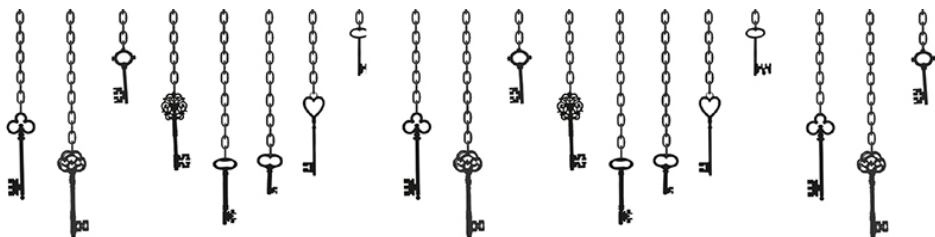
Era um aviso destinado a dissuadi-la, mas teve o efeito contrário. Camilla também gostava dessas coisas. E, nos últimos tempos, a cada dia que passava, gostava cada vez mais.

Um criado aproximou-se deles, um demónio estudioso de óculos. O seu passo era despreocupado.

Entregou um bilhete ao príncipe e depois fez uma vénia.

Lo leu-o e enfiou o papel no colete.

– Tome um banho. Coma. Descanse. O meu irmão já está a solicitar a sua reentrada. – Lo sorriu outra vez, mas não lhe chegou aos olhos. – Vou fazê-lo esperar mais um bocadinho, só para ele se lembrar de quem manda na Casa Preguiça.



— *F*ilho da mãe!

O Inveja amachucou a missiva no seu punho, a segundos de declarar guerra ao sacana do seu irmão Preguiça. A dita guerra foi evitada por um triz, pelo pedido de visita surpresa do outro sacana do seu irmão, o demónio de olhos dourados que agora o encarava.

O Inveja olhou para o Ira, que estava vestido com impecável perfeição, da cabeça aos pés, no seu preto característico.

Nos seus dedos brilhavam anéis de ouro. Apenas um tolo pensaria que eram um simples ornamento. O Inveja sabia em primeira mão como podiam aprofundar um golpe.

O irmão viera preparado para uma luta, e o Inveja sentia-se irritado o suficiente para corresponder. Décadas antes, o Ira recusara envolver-se quando o mestre do jogo tramara o Inveja pela primeira vez. Um facto pelo qual nunca havia perdoado totalmente o irmão. Se alguém tivera uma hipótese de influenciar Lennox nessa altura, esse alguém fora o Ira. Só que ele optara pela diplomacia. Isso desencadeara a fricção subjacente e o papel que o Inveja menos gostava de desempenhar: o de vilão

intriguista sem coração.

Animosidade à parte, o Inveja fingira recentemente que pretendia roubar algo que o seu irmão cobiçava. O que ninguém sabia era que o Inveja mandara os seus espiões informar em segredo o Príncipe Ganância da localização das duas deusas desaparecidas. Fora essa informação preciosa que pusera em marcha a eventual destruição de uma maldição. O Inveja fizera o seu melhor para levar toda a gente a agir, usando todos os meios necessários, sempre preocupado com a sua corte e o seu destino.

Ninguém suspeitava da verdadeira motivação do Inveja, apenas viam o jogador. O que lhe convinha.

O demónio da guerra lançou-lhe um sorriso de escárnio.

– Também tive saudades tuas. – O Ira atirou-lhe um saco, o cheiro a açúcar e natas preenchendo o ar de imediato. – Mas não tanto como a minha mulher.

O Inveja olhou para dentro do saco, uma sensação estranha a derreter-lhe ligeiramente a irritação.

Emilia fizera-lhe *cannoli*. Ficou a olhar para o saco durante um longo momento, sem ver nenhum motivo oculto, nada além de... amizade. Emilia adorava cozinhar, adorava alimentar aqueles de quem gostava profundamente. O Inveja ficou reconhecidamente comovido por isso se ter estendido a ele.

Lutou contra a vontade de provar um dos *cannoli*, quando se apercebeu da atenção com que o Ira o observava.

O Inveja voltou a dobrar o saco e atirou-o descuidadamente para cima da secretária.

– Gratidão. – O tom do Ira era divertido. – É essa a emoção desconhecida que estás a sentir. Tratarei de transmitir-lhe os teus agradecimentos. Sabe-se lá porquê, a Emilia pensa que vocês agora são amigos.

Aquela sensação agradável no seu peito expandiu-se dolorosamente. O Inveja esmagou-a de imediato.

– Não devias estar em casa a cuidar da tua mulher depravada? Já soube da história das algebras.

– Ela foi visitar a irmã. – O olhar dourado do Ira fixou-se nele, e todo o seu humor se esvaiu. – E se os teus espiões voltarem a seguir a minha mulher, eu e tu teremos contas a ajustar.

O Inveja suspirou.

– Ao contrário do que se possa pensar, ninguém quer saber da tua vida sexual. Não dobres a tua mulher sobre cada superfície dura que encontrares fora do castelo se pretendes ter privacidade como um mortal.

– Os teus espiões não deviam estar no meu círculo, aquelas proteções...

– Porque estás aqui? – interrompeu o Inveja; era melhor que não fossem por ali.

O Ira fitou-o, severo, demonstrando saber exatamente o que o Inveja estava a tramar.

– Onde está a tua corte? Os corredores estavam silenciosos.

O estômago do Inveja contraiu-se. O Ira fora escoltado por Alexei, conduzido diretamente da porta da frente para o escritório do Inveja. Fora arriscado permitir o acesso do Ira, mas recusar o pedido também teria levantado as suspeitas do irmão.

Lançara proteções mágicas ao corredor para desviar quaisquer membros confusos da sua corte, mantendo-os longe do olhar vigilante do demónio da guerra.

– Uma nova exposição sobre a Idade do Ferro foi recentemente instalada no terraço superior. – Não era mentira. Contrariamente a um humano, qualquer príncipe-demónio conseguia detetar uma mentira. O Inveja

formulara a frase com o máximo cuidado para evitar que o Ira sentisse qualquer mentira.

O Ira examinou-o, o seu olhar atento. Era esperto o suficiente para saber que algo não estava bem, mas não havia nenhuma mentira direta que ele pudesse expor. Felizmente, a Casa Ira visitara recentemente a Casa Inveja, e mesmo que o seu irmão estivesse desconfiado, a corte do Inveja parecera quase intacta na altura. O Ira nunca imaginaria o quanto todos eles tinham decaído e a que velocidade.

O Inveja assumiu aquele ar entediado a que os seus irmãos o associavam.

– Se queres fazer ciúmes à Emilia, tenho a certeza de que encontrarás alguém do teu agrado aqui. Alimenta o meu pecado enquanto o fazes.

O Ira lançou-lhe um olhar que indicava que o Inveja estava a ir longe de mais.

– Precisas de libertar a tua raiva. Senti-o na minha Casa.

O Inveja estava muito zangado. Mas não precisava de ajuda. Precisava de procurar a próxima pista na Casa Preguiça, e estava farto dos seus irmãos intrometidos. Eventualmente, um deles acabaria por perceber a razão de ele estar tão tenso. Tinha de se livrar do Ira antes que ele se tornasse um problema.

Enquanto estivera à espera de que a ferida sarasse, o Inveja aventurara-se nas cozinhas. O fumo subira, serpenteara pelos corredores e escadas. No meio do fogo estava um demónio caído de bruços, a causa da sua morte incerta.

O Inveja encontrara Franklin, o seu mordomo, a vagar em círculos antes de ter conseguido recompor-se e fazer uma vénia. Por momentos, esquecera-se de quem era o Inveja.

Um sinal de que as suas memórias estavam a ficar mais turvas a cada dia que passava. Em breve não se lembraria de quem era, do papel vital que desempenhava na Casa. O Inveja mandara-o para os seus aposentos com instruções para descansar, e depois tratou ele próprio das cozinhas.

Tinha acabado de se ver livre do cheiro do corpo queimado quando o pedido do Ira chegara.

– Então? – pressionou o irmão. – Apetece-te lutar, irmão? Ou achas que vais tentar apoderar-te do meu trono?

– Acredita em mim, não há risco algum de eu disputar o teu pecado. Ao contrário de ti, não preciso de lutar para me controlar. *Non ducor, duco*. Não sou liderado, lidero.

O Ira não avançou para atacar, mas o Inveja sentiu a tensão a instalar-se no ar.

– A Casa Vingança está a provocar discórdia suficiente enquanto se restabelece. É bom que o teu jogo não incite uma guerra entre as nossas fileiras.

O Inveja não deixou transparecer a sua curiosidade em relação à Casa Vingança. Além das pequenas bisbilhotices que o Luxúria partilhara, ainda não lhe tinham chegado aos ouvidos sussurros sobre o misterioso domínio da Morte. De facto, Vittoria andava surpreendentemente calada desde que pegara nos seus metamorfos e regressara à sua Casa.

– Estou a falar a sério. – A ameaça do Ira fez estremecer o chão. – Já temos preocupações suficientes com as bruxas, não precisamos de problemas com os *fae* só porque tu não consegues resolver as tuas merdas. Quando pensas parar com esses teus jogos?

A irritação do Inveja aumentou. O Ira não fazia ideia do quanto se iriam foder todos se o Inveja perdesse aquele jogo. Não era culpa dele que o resto do reino tivesse enlouquecido. O erro dele não fora esse, e recusava-se a arcar com mais culpas.

– As bruxas foram quase aniquiladas naquela última contenda. Sabes tão bem quanto eu que levarão décadas a voltar a constituir uma verdadeira ameaça. E quando é que alguma vez tivemos paz? Sursea, a chamada Primeira Bruxa, é imortal. Podíamos eliminar todas as bruxas do reino, que ela limitar-se-ia a gerar mais. A paz é um conceito inalcançável, e tu sabe-lo bem. – Os punhos do Ira cerraram-se, mas o Inveja continuou. – O Orgulho pode odiar a Sursea, mas ele nunca permitiria que algum mal acontecesse à mãe da sua mulher. A tua busca por paz incitaria a própria guerra que dizes querer evitar. O Orgulho atacar-te-ia o círculo sem pensar duas vezes; o seu único foco é encontrar a Lucia. Tu, mais do que ninguém, devias saber o que isso é. Portanto, demónio da guerra, devo acreditar que de repente queres ter harmonia? Quando é a ira que te alimenta?

O Inveja arreganhou a boca num sorriso, mostrando os dentes. Ainda não tinha acabado de alimentar o pecado do irmão. Nem por sombras.

– Se um inimigo cai, outro erguer-se-á no seu lugar. É assim que funciona o submundo. E tu gostas que assim seja. A monotonia da paz foi justamente o motivo da nossa queda, se bem te lembras. Conspiraste para chegar ao trono, tal como todos nós. Ninguém permanece derrotado ou em baixo para sempre. Tal como ninguém permanece no topo pela eternidade.

O soalho do escritório do Inveja retumbou com a raiva lendária do Ira.

– Isso é uma ameaça?

O Inveja lançou-lhe o olhar indolente que sabia que enfurecia o irmão. Talvez, afinal, *até* quisesse lutar.

– Vieste aqui apenas para me aborreceres com conversas da treta sobre paz ou há uma verdadeira razão para esta

visita?

O Ira pareceu pesar silenciosamente os prós e os contras de atacar o Inveja, mas acabou por se controlar. Sempre um diplomata.

– O Luxúria disse que a mulher por quem te interessaste não sucumbe à sua influência.

O Luxúria iria dar por si com uma adaga nos testículos.

– Isso parece-me um problema do Luxúria. Não me interessei por ninguém.

A atenção do Ira intensificou-se. O Inveja praguejou silenciosamente contra si mesmo. Tinha mentido. Os demónios eram peritos em omissões e jogos de palavras, mas *nunca* podiam mentir abertamente.

O Inveja nunca revelaria o que fizera para quebrar aquela maldição. A dor. O custo. Não tinha a certeza de que fosse necessário mentir para o jogo, mas planeara e investigara até encontrar uma lenda antiga que ultrapassasse essa limitação. Morreria uma Morte Verdadeira antes de revelar aquele segredo a alguém.

– Mentira. – O Ira aproximou-se, o seu pecado acendendo-se mais uma vez. – Como?

– Não esperas realmente que partilhe os meus segredos. Porque te dás ao trabalho de perguntar?

– Gostas da mulher?

– Estou intrigado com o talento dela – disse o Inveja com sinceridade. – Sabes como cobiço coisas únicas.

– Permite-me que refaça a pergunta: importas-te que a mulher sofra algum dano?

A pulsação do Inveja acelerou. O Ira, sempre atento à sua presa, ouvi-lo-ia. A zona entre as suas omoplatas ardeu com a súbita necessidade de libertar as suas asas. Asas que ele não conseguia invocar. Asas que perdera com a queda da sua corte.

– Aborreces-me com as tuas palermices. Mas sim. Preocupar-me-ia se lhe fizessem mal. O jogo quiere-a no ativo. Portanto, ela tem valor para mim.

O Ira semicerrou os olhos, em silêncio, enquanto avaliava o Inveja.

– Optar por não responder diretamente à pergunta é o mesmo que responder, Aethan. – O seu irmão era excecionalmente astuto quando queria. – Então talvez tenha chegado a altura de parares de jogar. Ela pode magoar-se.

O Inveja não poderia parar de jogar mesmo que quisesse. E ver o Ira ali parado, agindo como se fosse melhor do que ele, como se o Inveja não fizesse ideia do perigo que Camilla corria, despertou-lhe a vontade de o atacar.

– Não voltes a usar o meu nome verdadeiro com essa abreviatura perversa. E não venhas para o meu círculo dar-me lições. A minha paciência tem limites.

A expressão do Ira não se alterou. Continuava a ostentar o seu sorriso frio e trocista.

O Inveja desejou arrancar-lho do rosto ao murro, os seus olhos dourados brilhavam.

– Falaste como um demónio apaixonado.

Foi então que ele se virou, a sua constituição musculada ocupando todo o vazio da porta.

– O Orgulho apostou que os convites seriam enviados até ao final do ano – disse o Ira. – Com o que vi hoje, vou apostar que serão enviados daqui a três meses.

O Inveja sabia que estava a ser gozado.

– Convites para o quê?

– O vosso casamento.

Algo antigo e inquieto ergueu-se dentro do seu peito. O Inveja preferia beber do Cálice Fatal a casar-se com

alguém, mesmo com Camilla. É certo que até podia gostar da companhia dela, desejá-la fisicamente, mas nunca passaria disso.

Não o permitiria.

– Nesse caso, mal posso esperar por receber a fortuna que ganharei com a aposta.

O Ira riu-se sombriamente, os seus ombros largos a tremer.

– Não apostes contra ti próprio. Ou os cofres do Ganância ficarão finalmente maiores do que os teus.

Antes que o pecado do Inveja se pudesse libertar, alguém bateu à porta. O medo fê-lo sustar a respiração na garganta antes de Alexei entrar.

A atenção do Inveja dirigiu-se para a mão do seu assistente, para o bilhete da Casa Preguiça de que estivera à espera.

Rasgou o selo de cera e leu. Foda-se, até que enfim. Recebera permissão para entrar nos domínios do Preguiça.

Levantou o olhar, irritado por o Ira ainda ali estar.

– Não tens uma mulher para amarrar? Porque é que ainda estás aqui?

O Inveja pressentiu-o um momento antes de acontecer.

A adaga do Ira brilhou, atingindo um inimigo invisível. Um demónio Umbra tomou forma, tombando e morrendo aos pés do demónio da guerra.

– Mantém os teus espiões longe da Emilia.

Agachou-se para limpar a lâmina na túnica do espião morto, depois passou por cima do corpo. Antes que o Ira pudesse sair sozinho e tropeçar em algo que não devia, Alexei escoltou-o de volta até aos portões da frente.

O Inveja cruzou os braços.

– Relatório.

O segundo demónio Umbra materializou-se,

parcialmente.

– O humano, Vexley, desapareceu pouco depois de terem deixado aquele reino. Ninguém conseguiu detetar-lhe o rasto.

O Inveja cerrou os dentes.

– E a mãe da artista?

– Não tinha família em Waverly Green. Nada de sangue ou cabelo na casa.

O que significava que não havia maneira de saber se ela era uma metamorfa.

Supôs que poderia cortar uma madeixa do cabelo da Camilla e testá-la com um feitiço. Descobrir de uma forma ou de outra o que ela era, se é que era alguma coisa. Mas se isso pusesse em causa o jogo, se contasse como interferência...

O Inveja suspirou.

– Continuem à procura.



Horas depois de ele ter chegado à Casa Preguiça, aparentemente, Camilla recebeu por fim a notícia de que o Inveja estava no local. Sentiu-se logo irritada por ele não se ter dado ao trabalho de ir ver como ela estava. Depois de ter tomado um banho rápido, passara o dia inteiro a deambular, esforçando-se por encontrar a próxima pista. Sozinha.

Já para não falar que, da última vez que o vira, ele tinha uma adaga espetada no peito. Em vez de a avisar de que estava de facto bem, fora diretamente para uma sala dedicada à história dos *fae*.

Se Camilla ainda tinha alguma dúvida quanto às suas prioridades, a mesma desapareceu. Era evidente que o seu único objetivo era o misterioso jogo.

– Apesar da forma como nos conhecemos, o Lo parece ser muito amável. E é bastante bonito – disse Camilla em jeito de saudação, fazendo por atizar o pecado do Inveja para ver até que ponto conseguiria aumentar o seu interesse.

O Inveja resfolegou, mas não levantou a cabeça do livro que estava a folhear. O seu pecado não tinha sido

invocado. Talvez não sentisse nada por ela. A ideia irritou-a.

– Claramente, discordas. Porquê?

O Inveja dirigiu-lhe o seu olhar cor de esmeralda.

– Depois de me apunhalar, por acaso o meu adorável irmão explicou-te porque tem esse nome?

Ela abanou lentamente a cabeça, e o sorriso malicioso do Inveja ressurgiu, com covinhas sedutoras e tudo.

– Porque se deleita em deitar abaixo os seus inimigos. O Preguiça é tão vil quanto possível. Aconselho-te a não te deixares enganar pelo seu aspeto charmoso.

– Embora devesses estar agradecido por eu me dignar a fazer um esforço, não concordas, irmão?

Lo encostou-se casualmente à ombreira da porta, com um par de óculos pendurados numa corrente ao pescoço. Descartara a casaca e arregaçara as mangas da camisa, expondo braços tonificados e o que parecia ser uma tatuagem de uma frase qualquer.

– A minha corte está a revistar todas as salas neste preciso momento. Se houver alguma coisa fora do sítio, eles descobrirão.

Olhou de relance de ele para ela, a sua expressão de difícil leitura.

– Está a ficar tarde, por isso instruí o meu cozinheiro para que enviasse comida para os vossos aposentos. Como iremos trabalhar ininterruptamente para localizar a pista, não teremos tempo para um jantar formal. Espero que seja suficiente, Miss Antonius.

O Inveja bateu palmas uma vez.

– Muito bem. Contornaste a verdade lindamente. – Perante o olhar inquisitivo de Camilla, acrescentou: – O Preguiça prefere petiscar nos seus aposentos enquanto lê. Sempre que pode evitar um grande jantar, fá-lo. O lema da

sua Casa é *Libri ante vir*. Livros antes do homem. Deve tê-lo gravado permanentemente no cu.

Lo não negou a acusação.

– Se precisar de alguma coisa, Miss Antonius, não hesite em pedir. O meu cozinheiro terá todo o gosto em preparar aquilo que quiser.

– Manda vir alguns dos meus *cocktails* preferidos. E algum vinho de bagas demoníacas para a Miss Antonius experimentar.

O Inveja recostou-se na cadeira, apoiando os pés na mesa, a perfeita imagem da arrogância. Tinha acabado de dar ordens a outro príncipe, num círculo que não lhe pertencia. Até Camilla percebeu que isso era profundamente insultuoso.

Lo comprimiu os lábios numa linha. Devia estar a debater se havia de atacar o Inveja outra vez. Desta vez, Camilla imaginou que o golpe seria mais profundo.

– Não te esqueças das amoras silvestres e do açúcar mascavado – acrescentou o Inveja. – Vai ser uma noite longa.

Camilla sorriu quando Lo revirou os olhos e saiu da sala. O Inveja teria sorte se ela não o esfaqueasse a seguir.

– O que esperas ao certo encontrar nesta secção?

O Inveja olhou-a de relance e depois levantou o livro em que estava mergulhado. Era uma história do rei Unseelie.

– O Lennox acha-se um deus, mas deve ter uma fraqueza. Assim que a encontrar, explorá-la-ei.

As palavras de um verdadeiro vilão.

Só que isso era apenas outra máscara, pensou ela. Ponderou a sua resposta com cuidado, sabendo que a forma como procedesse ou prepararia o terreno para que ele partilhasse o que o movia e se abrisse, ou o levaria a fechar

o coração por completo.

Começaria devagar.

– Já conheceste o rei?

O ar arrefeceu vários graus.

– Da próxima vez que nos cruzarmos na mesma sala, um de nós não sairá ileso.

O ódio, antigo e mais frio do que o gelo, revestiu as suas palavras. Era uma promessa perigosa.

Camilla estremeceu. O rei dos Unseelie devia ter feito algo verdadeiramente terrível.

– Imagino que os Unseelie não sejam piores do que qualquer outra criatura deste reino – contrapôs ela. – Porque o odeias em particular?

Um criado entrou silenciosamente na divisão, depositando uma bandeja de prata carregada de *bourbon*, xarope, raspas de laranja e amoras, além de uma interessante garrafa de vinho. Era escura e brilhava como as estrelas.

– Vinho ou *bourbon*? – perguntou o príncipe, mudando de assunto.

– Vinho, por favor.

O Inveja levantou-se de imediato e serviu uma bebida a ambos, dando-lhe uma taça de vinho de bagas demoníacas antes de engolir o seu primeiro *cocktail* de uma só vez. Preparou outro e bebeu-o.

Observou-a com os olhos semicerrados.

– Ficaste bem aqui, sozinha? – A pergunta surpreendeu-a.

O tom dele era calmo, casual, mas Camilla sentiu algo perigoso a contorcer-se sob a superfície da sua expressão plácida. Poderia indicar que aquilo que Lo lhe dissera era verdade – que o Inveja seria territorial até que o seu tempo juntos terminasse. Ou podia ser outra coisa que ele tivesse

entretanto sabido.

Quando queria, ele era extremamente difícil de ler.

– Sim. O teu irmão fez-me uma visita guiada. – Fez uma pausa, observando a forma como a mão dele apertava a taça. – Foi tudo muito impressionante. Devo ter feito perguntas sobre tudo, mas ele respondeu a todas com um sorriso.

– Que generoso da sua parte.

– Fiz perguntas sobre ti – acrescentou ela.

As sobranceiras do Inveja ergueram-se por uma fração de segundo.

– E? Que segredos é que o meu querido irmão revelou?

– Que tens uma regra muito interessante.

Ele parecia uma pantera que acabara de farejar uma presa. Sentou-se, a taça meio vazia pendurada na ponta dos dedos, o olhar fixo no dela.

– Ele encheu-lhe a cabeça com contos de fadas, Miss Antonius? De que estou de alguma forma ferido e a precisar do bálsamo certo? – O sorriso dele arreganhou-lhe a boca, mostrando os dentes. – Gosto de quem sou. Gosto do desafio da regra de uma noite. A forma como deixa as amantes loucas. O ciúme delas sustenta-me. Dá-me poder. E não há nada de que eu goste mais do que ganhar poder. Seria bom que não te esquecesses disso.

– Talvez seja do seu poder que ando atrás, milorde.

Disse-o para provocar, mas as palavras não lhe pareceram falsas.

Ele sorriu-lhe então, exibindo as suas covinhas pela segunda vez naquela noite.

– Lembra-te desta conversa *depois* de visitares a minha cama.

Lá estava o maldito príncipe convencido outra vez. Pelo menos ele estava a divertir-se.

Ela queria conduzi-lo de volta ao assunto original.

– Estavas a falar sobre o rei Unseelie, sobre o porquê de o odiar.

– Preferia muito mais que falássemos da nossa noite de paixão. O que pensas a respeito de asas?

Asas seriam de facto muito interessantes. A expressão dela não revelou nada.

Sabia que ele estava a tentar distraí-la, mas desta vez Camilla não mordeu o isco. Ficou sentada em silêncio, à espera de que ele se abrisse com ela ou fechasse a porta com força.

O Inveja encheu o seu copo e depois expirou, o som meio satisfeito, meio resignado.

– O Lennox tirou-me uma coisa. Não uma, mas duas vezes.

O Inveja bebericou o seu *bourbon*, fixando o olhar num ponto distante.

– Já cometi o erro de ficar intrigado com uma mortal uma vez. – Camilla susteve a respiração, o coração aos saltos com a ideia de que estava a acontecer uma segunda vez. Sabia que o que quer que ele dissesse a seguir seria terrível, que o que quer que tivesse acontecido ferira profundamente o príncipe. – Antes de o Lennox decidir jogar o primeiro jogo comigo, eu costumava receber convites para visitar a Corte Selvagem de vez em quando. A arte deles é diferente de qualquer outra, e uma festa em Faerie... é lendária por boas razões. O caos, a devassidão. Alimenta os seres criados pelo pecado. E os *fae* das trevas são muito mais perversos do que os meus irmãos.

O Inveja terminou a sua bebida, a sua atenção deslizando de volta para a garrafa antes de decidir continuar.

– Naquela noite... algo me perturbou no convite. Não

era só para mim, mas para... ela. No entanto – levantou um ombro e deixou-o cair –, não tinha a certeza se a minha inveja me estava a toldar o juízo. Talvez não quisesse que ela fosse porque não queria que ela se deixasse fascinar por mais ninguém. Talvez não quisesse que alguém visse o que eu tinha e a manipulasse. Ou talvez fosse um demónio egoísta e controlador, como ela me acusava de ser.

– Ela foi para a Corte Selvagem sozinha – aventurou Camilla, o estômago a revirar-se em nós. Não era um sítio para mortais.

– Os *fae* são sedutores por natureza, sobretudo para os humanos. Como sabes muito bem, os humanos crescem com histórias, a maioria das quais não transmite toda a verdade. Então, ela foi para Faerie, tentada pela aventura, tentada por um conto de fadas que ninguém se deu ao trabalho de revelar que na verdade era um pesadelo. Bebeu do vinho deles, comeu da comida deles e dançou com o rei. Cheguei tarde, tentei salvá-la. Depois fui banido.

Era como se um pássaro estivesse a bater as asas no interior do peito de Camilla.

– Pedi ao meu irmão Ira que interviesse, que me ajudasse a quebrar o feitiço, mas ele recusou. Queria evitar uma guerra com os Unseelie.

Os rumores e as lendas diziam que o rei dos Unseelie podia criar feitiços tão intrincados que nem o ser mais forte os conseguia quebrar. Ela sabia como o Inveja era poderoso, sabia que teria tentado repetidamente passar para lá daqueles fios intransponíveis. O facto de o próprio irmão ter recusado ajudá-lo devia ter-lhe doído profundamente, mas Camilla não estava certa de que mesmo o Ira o tivesse conseguido.

– Pelo que sei, o Lennox só se cansou dela passado muito tempo. Quando finalmente se fartou, em vez de a

manter lá onde poderia viver para sempre, atirou-a de volta para o mundo mortal, a mando da rainha.

O olhar do Inveja, ao encontrar o dela, não revelou nenhuma emoção.

– Sabe o que acontece aos humanos que permanecem demasiado tempo em Faerie, Miss Antonius?

Uma lágrima escorreu-lhe pela face. O Inveja viu-a cair.

O tempo fluía de forma muito diferente no reino dos *fae*. Se o rei a tinha mantido lá durante muito tempo, de acordo com os seus padrões, isso significava que provavelmente se tinham passado centenas de anos no mundo dos humanos. Quando o rei a mandasse de volta, ela teria envelhecido instantaneamente e morrido.

Não haveria nada que o Inveja pudesse fazer para a salvar.

– Lamento, Vossa Alteza. De verdade. – Camilla ficou surpreendida com a sua sinceridade, tendo em conta a profundidade com que aquela mulher mortal tinha claramente afetado o príncipe das Trevas diante de si.

– Não lamentos. De nada serve.

O Inveja pegou na garrafa de *bourbon* e levantou-se, dirigindo-se para a porta. Deteve-se antes de voltar a encarar Camilla.

– Prometes-me uma coisa? – perguntou.

Camilla assentiu, mas não falou, não querendo prometer nada sem ouvir os termos.

– Nunca confies num rei Unseelie.

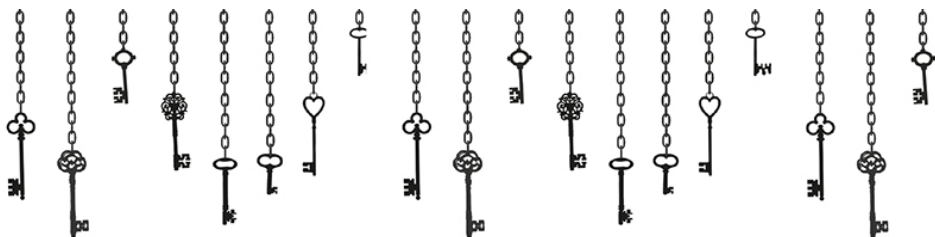
Ele foi-se embora antes que ela conseguisse responder.

Com a confissão dele ainda a pesar-lhe no coração, Camilla demorou a perceber que ele apenas lhe contara parte da sua história.

Quando começara a contar a sua história desoladora, o Inveja dissera que o rei Unseelie lhe tirara algo duas vezes.

Se a mortal tinha sido a primeira, então que mais é que o rei lhe havia roubado?

Se desvendasse esse mistério, Camilla suspeitava de que iria finalmente descobrir o que pretendia o Inveja, e o porquê de a vitória naquele jogo valer qualquer sacrifício.



O Inveja fitou o fundo de outro copo vazio, perguntando-se o que o teria levado a partilhar aquela história com Camilla.

Ninguém sabia a verdade completa.

Nem mesmo Alexei. E uma das principais razões pelas quais o Inveja aceitara o vampiro como seu assistente fora para mobilizar determinados membros da corte dos vampiros para a sua causa, na eventualidade de uma batalha entre a Casa Inveja e o rei Unseelie.

Havia quase duzentos anos que Alexei entrara para o serviço da Casa Inveja e, durante esse tempo, estivera presente numa mão-cheia de jogos anteriores. Naquela época, todos eles haviam sido frívolos. Mas Lennox também fora menos sádico, mais interessado nos truques dos *fae* do que na verdadeira tortura.

O Inveja observara aos poucos a mudança em Lennox, sentira problemas a ferver na Corte Selvagem. Se queria mesmo vencer este jogo, teria de se preparar para qualquer resultado.

Fora menos astuto naquela época. Não cometeria os mesmos erros agora.

O Inveja dedicara os anos que se tinham seguido a transformar-se em alguém novo, alguém que não podia ser derrotado. Neste momento, cada movimento que fazia tinha um objetivo, uma estratégia.

Planeava todos os resultados possíveis, movendo lentamente as peças para o seu lugar, à espera da oportunidade de fazer a sua derradeira jogada.

O Inveja serviu-se de mais um Sombrio e Pecaminoso e sentou-se no sofá da sua sala de estar, onde os criados de Lo haviam acendido a lareira.

Mais uma vez, voltara a mentir; sabia exatamente por que motivo tinha contado a Camilla sobre o rei Unseelie. Ele precisava de garantir que a artista não se deixaria tentar por Lennox. O Inveja não tinha dúvidas de que os seus caminhos se acabariam por cruzar à medida que o jogo se aproximasse do fim.

Se Camilla soubesse como os *fae* eram perigosos, então teria mais hipóteses de sobreviver a um encontro com eles.

Bateram à porta, quase sem fazer barulho, mas o ato atraiu os pensamentos do Inveja para o presente.

– Entre.

O Preguiça fechou a porta atrás de si, e o seu olhar percorreu lentamente a sala.

O sacana calculista pusera o Inveja e Camilla em aposentos contíguos que partilhavam um quarto de banho e aquela sala de estar. Dissera que era para os manter perto um do outro, para conforto deles.

O Inveja olhara para a cama desfeita onde ela devia ter dormido a sesta e dirigira-se diretamente para a sala comum, precisando de se afastar do aroma dela e dos seus pensamentos turbulentos acerca daqueles lençóis.

– A Miss Antonius não está aqui – disse ele, apontando com o queixo para o quarto dela.

O Preguiça assentiu, como se não o soubesse.

– Ótimo. Queria discutir um assunto contigo em privado.

O Inveja fez-lhe sinal para que continuasse.

– Usei o meu pecado nela.

– E ela resistiu.

– Também aconteceu contigo – supôs o Preguiça.

– Não, o Luxúria tentou seduzi-la em Waverly Green. De início, presumi que fosse porque aquele reino abrandava o poder dele de alguma forma. Acredito que ela tenha sucumbido no Corredor do Pecado, mas pouco.

O Preguiça voltou a assentir com a cabeça, absorvendo tudo.

O Inveja sabia que ele estava a classificar e a compilar factos, levando o seu tempo.

Por fim, o Preguiça falou:

– Um amuleto de proteção contra a magia das trevas é a explicação mais simples. Ou talvez tenha um encantamento incrustado nela mesma... – Olhou para o Inveja clinicamente. – Reparaste em alguma tatuagem escondida nela? Talvez um símbolo ou uma inicial?

– Conheces a minha regra.

– Então suponho que, se ela ainda cá está, então talvez tu não saibas.

– Pensei que tinhas interrogado a Camilla.

De repente, o Inveja quis saber que mais é que o irmão falara com ela. Camilla mencionara uma visita guiada, mas mudara rapidamente de assunto. Agora queria saber porquê. Que raios tentara o seu maldito irmão fazer?

– Calma, o teu pecado está a invadir o meu círculo.

Embora as suas palavras fossem brandas, o tom do Preguiça continha uma advertência.

Estava especialmente irritadiço, fazendo com que o

Inveja se perguntasse quanto à fonte da sua preocupação. Com sorte, seria alguma amante secreta a deixá-lo assim. O Preguiça não alimentava as suas paixões com frequência ou tão amplamente como os outros, mas tinha mantido alguns relacionamentos sérios ao longo dos séculos. Primeiro Liam, depois Ivy.

Nada de tragédia ou de desgosto – os relacionamentos limitavam-se a seguir o seu curso, acabando amigavelmente de cada vez. O Preguiça evitava o drama. Que tédio.

– Estou apenas a sugerir que faças o que tens a fazer e que prestes atenção a quaisquer marcas no corpo dela – disse ele, como se estivesse exausto dos disparates do Inveja.

– Não vou para a cama com ela para obter informações.

O Preguiça sorriu-lhe, lentamente, muito divertido.

– O que foi? – rosnou o Inveja.

– A moralidade fica-te bem, irmão. Alguma vez paraste para pensar se não será ela a tua próxima pista? Daria um enigma interessante, e sabes como o Lennox é astuto.

O Inveja ficou em silêncio. Claro que o ponderara. Assim que decifrara a última pista, considerara que Camilla podia ser uma parte maior do *puzzle*, mas desde então descartara essa hipótese.

Sobretudo porque não *queria* que ela fizesse parte do jogo. O facto de o Preguiça também ter pensado nessa possibilidade indicava que era algo que ele teria de explorar.

O Inveja dissera várias vezes que o jogo era tudo o que importava.

Estava na altura de o provar. Não achava que ela fosse uma jogadora, mas algo a estava a motivar, algo mais do que mera curiosidade. Quase o sentira antes de a

transportar para o vazio entre os reinos, mas depois ela escondera essa emoção.

Talvez estivesse errado. Talvez ela fosse uma jogadora, e ele fosse apenas um peão no tabuleiro *dela*.

– Se não queres seduzi-la para obteres informações – continuou o Preguiça –, presta simplesmente atenção quando fizeres amor com ela. Conhecendo-te, tornarás a tua única oportunidade bastante... completa.

– Não a vou levar para uma qualquer cama emprestada e de má qualidade, aqui.

O olhar do Preguiça cintilou com malícia.

– Esta ala é protegida por uma barreira de privacidade. Ninguém a vai ouvir, se é essa a tua preocupação. Estou ciente de que a modéstia é um fator importante para a maioria da espécie dela.

– Humanos.

– Hum. Presumo que também não tenhas sentido qualquer poder nela.

– Não. – O Inveja debateu os méritos de guardar a próxima informação para si. – Ela possui um talento raro para a arte, mas, além disso, não senti nada.

– Queres explicar melhor?

– Isso não te diz respeito.

– Interessante.

O Inveja sentiu verdadeiro desprezo por aquela resposta.

O Preguiça voltou a estudá-lo com muita atenção, como se o Inveja não fosse mais do que um inseto que ele podia apanhar e dissecar.

– Viste os últimos mexericos? – perguntou finalmente o Preguiça, de forma demasiado casual. O Inveja ficou a olhar para ele até o irmão se explicar melhor. – A jornalista do Gula publicou isto hoje mesmo.

Tirou um jornal do bolso e bateu com ele no peito do Inveja.

O Inveja olhou de relance para o título e depois passou os olhos pelo artigo.

AUMENTAM OS RUMORES!

Parece que está a decorrer um jogo misterioso que atrai jogadores de todos os reinos para os Sete Círculos. Alguns informadores alegam que o rei Unseelie está a fazer as suas maldades, puxando os cordelinhos do nosso Príncipe Inveja.

Diz-se que o prémio é algo pelo qual vale a pena matar, feito à medida de cada jogador e suficientemente tentador para os levar a vender a alma. No entanto, não é claro se o homicídio é ou não permitido desta vez. Esperamos descobrir.

Algumas teorias mais rebuscadas especulam que este jogo poderá ser uma conspiração mais sombria e nefasta do rei Unseelie para tirar partido da recente distração das cortes demoníacas com as deusas Fúria e Morte, da Casa Vingança.

Com os Sete Círculos em perigo, conseguirá Lennox escapar à sua trela e voltar a escapulir-se para a terra dos mortais? A obsessão do rei Unseelie pelos mortais já é bem conhecida, o que reforça a teoria. Sabemos apenas que dois estranhos foram vistos aqui na semana passada. Serão ambos jogadores?

Antes de este artigo ser enviado para impressão, o sempre evasivo Príncipe Gula foi questionado acerca de um convidado que havia recebido na noite anterior, mas recusou-se a comentar ou a confirmar qualquer participação no jogo. Este mesmo convidado foi visto a

dirigir-se para a Floresta Sangrenta durante a madrugada. Desde então, não voltou a ser visto.

Alguns especularam que o homem não identificado se dirigia para lá para se encontrar com a Anciã que se acredita frequentar a floresta mágica. Quando questionado diretamente, o Gula permaneceu em silêncio, insinuando apenas que talvez se tratasse de um amante em fuga após se ter excedido na sua entrega ao pecado.

Não é de estranhar que o príncipe tenha tentado passar por inocente e falhado redondamente. O Gula é o menos inteligente dos seus irmãos.

Várias testemunhas anónimas falaram de um certo fae solitário de cabelo branco que tem sido visto a vaguear junto a florestas em diferentes círculos. Se isto for verdade, coloca-se a questão de saber porquê... Estará Lennox a espiar os seus jogadores ou haverá outro mistério a resolver? Ou talvez este fae esteja à caça do seu verdadeiro amor.

Se souber de alguma informação, contacte-nos imediatamente.

Por último, foi observado que a habitualmente ostentosa Casa Inveja se silenciou. Isso leva-nos a crer que os riscos poderão ser maiores do que o príncipe admite. Porque haveria o Inveja de fechar o seu círculo em simultâneo com o alegado início do jogo? Outros perguntam-se por que motivo ele não foi visto a levantar voo após o fim da maldição. Onde estão as suas asas? E poderá haver uma relação entre estes dois factos?

O Inveja amachucou o papel.

– Diz-me que não vais começar a acreditar nas fofocas.

– É verdade? – perguntou o Preguiça, vendo como o

Inveja atirava o papel para a lareira. – Fechaste o teu círculo?

– Faria diferença se o tivesse feito?

O Preguiça ficou em silêncio por um longo momento. Permaneceram imóveis, a ver as chamas devorarem a folha, cada um perdido nos seus próprios pensamentos.

– Invoca as tuas asas – disse o Preguiça, por fim, erguendo o seu olhar gélido para o rosto do irmão.

– A seguir queres que rebole e dê a pata?

– Levi...

– Onde estão as tuas asas, irmão? – retorquiu o Inveja. – Não me lembro de as ter visto recentemente. Devo escrever para o jornal? Dar-lhes outro motivo para especularem?

O Inveja precisava que aquela linha de interrogatório parasse de uma vez.

«Onde conseguia a jornalista a maldita informação?»

Pelo menos, o Inveja conseguira apurar mais um facto: no mínimo, dois jogadores também haviam entrado naquele reino. Maldição.

Com sorte, seriam os únicos jogadores restantes.

– Ela pode ser *fae* – disse o Preguiça casualmente, mudando de assunto tão abruptamente que o Inveja quase não percebeu a quem é que ele se referia. – Da Corte Seelie, talvez. Talvez até meio *fae*.

– A Camilla não é *fae*. – O Inveja lançou-lhe um olhar severo. – Os metamorfos também resistem à maioria das influências e têm talentos. E parecem humanos na maior parte das vezes. Ela às vezes...

– Ela às vezes... – repetiu o Preguiça, instigando-o a continuar.

– Ela às vezes tem o mesmo temperamento que eles – disse o Inveja.

O Preguiça não insistiu no assunto. Era tão plausível

como o seu palpite. Na verdade, a possibilidade de Camilla ser uma metamorfa fazia mais sentido.

O Inveja apenas não tinha a certeza. Não percebia muito de lobos, mas existiam outros metamorfos raros que não pertenciam a grupos.

Pelo menos, isso explicava o porquê de a mãe se ter ido embora. Essa necessidade inata de vaguear, de se manter em movimento. A maioria dos metamorfos que não eram criaturas de grupo tinha grande dificuldade em viver num só lugar. Também coincidia com a altura em que a mãe dela se tinha ido embora. Camilla acabara de entrar na idade adulta, já não precisava da orientação da mãe. Se ao menos conseguissem encontrar a desgraçada da mulher...

– Claro que, se pura e simplesmente não quiseses dormir com ela, há outras formas de obter essa informação – referiu o Preguiça. – Tomei a liberdade de arranjar uma solução, para o caso de não estares disposto a isso. Tecnicamente, bastaria que a víssemos nua para procurarmos marcas suspeitas.

– O que...

– Oh! – Camilla entrou de rompante na sala, depois parou, o seu sorriso fraquejando ao ver os príncipes. – Não esperava que estivesse aqui. Isto é... devo voltar mais tarde?

O Inveja desembainhara a adaga antes de dar por isso. Claramente, a sua necessidade de proteção subira de nível.

O Inveja afastou-se do Preguiça, mas não guardou a arma.

– Está tudo bem, Miss Antonius?

Camilla mordeu o lábio inferior, o movimento assinalando a sua hesitação. Uma recordação de quando ela fizera o mesmo na cama cruzou a mente do Inveja.

– Na verdade, esperava encontrar o Lo aqui.

O Preguiça lançou ao Inveja um olhar presunçoso por cima da cabeça de Camilla.

– E porque esperavas encontrá-lo no teu quarto, ao certo? – perguntou o Inveja, bruscamente.

A expressão de Camilla tornou-se mais sombria.

– Não me fales nesse tom. – Olhou-o fixamente por mais um momento, deixando bem claro que ela não lhe pertencia e que ele não era ninguém para lhe dar ordens, e depois desviou o olhar para o Preguiça. – Talvez devêssemos adiar a minha visita à sauna. Neste momento, parece-me impossível relaxar.

– De certeza que o meu irmão não se importa. Pois não? – perguntou o Preguiça, com um ar de perversa inocência divina.

O Inveja estava demasiado irritado para responder logo.

Fora aquilo que o maldito do seu irmão quisera dizer quando mencionara ter uma solução. Levá-la à sauna dele? O Inveja teve de se conter para não estrangular o irmão.

O Preguiça cruzou os braços, o seu sorriso detestável crescendo à medida que o pecado do Inveja fazia descer a temperatura da sala. O sádico intriguiста. O irmão fizera jogo sujo, mas o Inveja precisava de controlar o seu pecado, para não ser expulso daquele círculo. Outra vez.

– Vamos? – perguntou o Preguiça, oferecendo o braço a Camilla, sempre um perfeito cavalheiro. – A não ser que prefiras passar algum tempo a sós com a Miss Antonius, irmão? Relembra-me... havia alguma coisa importante que lhe querias perguntar? Talvez devesses acompanhá-la à sauna. Estás com ar de quem precisa de um bocadinho de mimo.

O Inveja tinha a certeza de que estava mesmo com esse ar, graças ao perverso do seu irmão.

E Camilla não lhe facilitou a vida. Ergueu uma

sobrancelha, à espera de ver qual seria o seu próximo passo.

O Inveja *abominou* aquela pequena aliança entre eles.

– Fora daqui, Preguiça.

O irmão lançou-lhe outro olhar vitorioso antes de se virar lentamente para Camilla.

– Infelizmente, o meu irmão está a ficar irritado. Tratarei de que vos tragam uns refrescos. Vai precisar deles.

– Obrigada. – Camilla sorriu calorosamente. – Isso será ótimo. Combinamos então para outro dia?

Um pouco depois de o Preguiça ter saído, ouviu-se uma batida entusiástica na porta.

O Inveja tentou recompor-se, adotar a sua máscara de indolência.

Inspirou fundo e abriu a porta. O Preguiça tinha de facto voltado a jogar sujo. O demónio ali parado com uma bandeja de bebidas era de uma beleza clássica e estava demasiado intrigado com Camilla quando esticou o pescoço para dentro da sala, sorrindo reluzentemente para ela.

Lançou-lhe um olhar de apreciação enquanto lhe estendia um roupão. A sua excitação atingiu o Inveja como um martelo.

– Miss, trouxe-lhe isto e um pouco...

O Inveja lançou-se a ele, o seu punho aterrando em cheio na boca do demónio, cujo maxilar estalou como um trovão ao ser deslocado.

O demónio agarrou-se à cara e saiu disparado para o corredor, a bandeja coberta e o roupão felpudo a caírem no chão.

Era provavelmente a maior velocidade atingida por um membro da Casa Preguiça. Sem se virar, o Inveja disse:

– Temos uns assuntos pendentes a discutir, Miss

Antonius.

Por exemplo, que segredos guardava e porquê.

O Inveja virou-se finalmente para a encarar, a sua expressão desprovida de afeto. Não iria continuar a jogar o jogo do engate com ela.

Nada daquilo tinha que ver com paixão ou sedução. Tratava-se de ganhar.

Tratava-se da sua corte.

E Camilla teria de compreender que o que quer que tivesse acontecido entre eles ficaria no passado. Os seus irmãos já estavam a ficar com uma ideia errada quanto ao seu acordo.

Era provável que outros lhes seguissem o exemplo. Nomeadamente, o rei Unseelie.

A expressão de Camilla era impossível de decifrar. Talvez se tivesse lembrado do que ele realmente era. Ou talvez não estivesse disposta a revelar os seus segredos. Talvez até já tivesse pressentido o que ele estava prestes a tentar descortinar.

– Senta-te. – O Inveja fechou a porta dos aposentos que partilhavam e fez sinal com o queixo para o sofá. – Melhor ainda, tira a roupa e veste o roupão. Iremos testar uma teoria.



Camilla engoliu com força; a sua atenção fixou-se no príncipe-demónio, que a fitava sem um pingo de emoção no rosto.

Não se tinha apercebido da frequência com que o Inveja começara a olhar para ela com fogo até este ser substituído por gelo. Talvez tivesse subestimado o controlo que ele detinha sobre o seu pecado.

Certamente que não esperava *esta* reação por causa de uma simples ida à sauna.

O Inveja devia saber que não havia nada de romântico numa ida ao *spa*, um lugar de relaxamento que Lo lhe dissera ser uma das preciosidades do seu reino. Despir-se não era automaticamente sinónimo de sexo. Estar excitada e agir de acordo com essa excitação eram duas coisas muito diferentes.

Depois da história que ele lhe contara, acreditaria mesmo que ela quisesse fugir com o irmão?

Ela e o Inveja podiam não ter qualquer tipo de relação, mas Camilla não era insensível.

Mesmo que tivesse acabado de ouvir a última parte da conversa dele com Lo.

– A menos que as saunas neste reino sejam completamente diferentes, copular não era uma opção, sabes disso, não sabes? – perguntou ela. – Por respeito a ti, não teria voltado a este quarto à procura do Lo, se assim fosse.

A expressão dele tornou-se trovejante.

– Que atencioso da sua parte, saber que se teria deslocado a outro sítio para ir ter com o meu irmão, Miss Antonius.

– Sabes muito bem que não foi isso que eu quis eu dizer. Porque estás a agir assim?

– Eu é que estou a agir de forma estranha? – perguntou ele. – Pareces estar bem enquadrada aqui. Nos Sete Círculos, no Corredor do Pecado. Na Casa do meu irmão. Porque te sentes tão à vontade na presença de demónios? Não achas isso estranho? Eu certamente que acho. O que estás a esconder, Camilla?

– Estás mesmo chateado por eu poder ter um segredo? O Inveja, o Príncipe dos Segredos? Porque não me falas do prémio que procuras obter? Se a tua intenção é ter uma conversa aberta e honesta, comecemos por aí.

Ela cruzou os braços, à espera. Se ele lhe revelasse um segredo, ela retribuiria o favor. Mas ele nunca receberia nada sem partilhar em igual medida. Se Camilla cedesse agora, estaria a criar um precedente desastroso no qual ele esperaria que ela desse e ele não.

O demónio permaneceu teimosamente em silêncio.

– Bem me pareceu. – Sentia-se para lá de frustrada. – Já que esta conversa está a enveredar por um caminho que, tenho a certeza, irás lamentar, vou retirar-me dela.

Camilla dirigiu-se para o seu quarto, e o Inveja teve a audácia de a seguir.

Ela virou-se para ele, verdadeiramente irritada.

- O que estás a fazer?
- Desejas relaxar. Posso ajudar.
- E como te propões fazer isso?
- Tira a roupa e veste o roupão. Posso fazer-te uma massagem nas costas com óleos.
- E és assim tão altruísta que te ofereces para fazer isso por mim sem segundas intenções? – Ela riu-se sem humor.
- Diz-me, o que estavas exatamente a discutir com o Lo antes de eu entrar?

O Inveja examinou-a.

- Ouvir conversas alheias é indecoroso.
- Conspirar também. – Ela sorriu-lhe docemente. – Se tens uma dúvida, perguntar costuma ser o caminho mais fácil. Não te cansas de tantas conspirações?

Ele olhou para ela como se Camilla fosse uma espécie forasteira.

– Odiais tanto os *fae*, mas jogais os mesmos jogos, Vossa Alteza.

– Por norma, apenas os da realeza Unseelie – interveio ele, numa pobre tentativa de quebrar a tensão.

Aquela admissão não ajudou em nada.

– Qual foi a segunda coisa que o Lennox te tirou? É por isso que queres ganhar este jogo a qualquer custo?

– Não importa.

Camilla abanou a cabeça.

– Estás tão envolvido com os *fae* e com o jogo que já não consegues ver com clareza. É claro que importa. Escondes informações, contas-me meias-verdades e histórias parciais, e em contrapartida exiges que me desnude aos teus pés sempre que o desejas. E não me dás nada em troca.

Ela esperou que ele dissesse alguma coisa, que partilhasse uma pequena parte de si próprio. Em vez disso,

viu a sua expressão fechar-se, viu a máscara voltar ao sítio.

Por uma vez, foi brutalmente honesta.

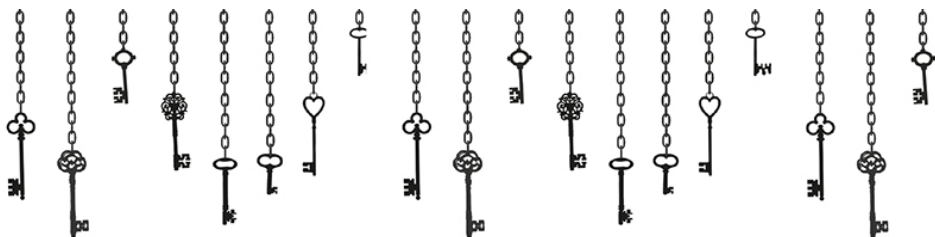
– É evidente que foste magoado. Que estás zangado. Suspeito que tudo isso seja resultado do que quer que o Lennox te tenha tirado. Mas terás de perdoar àqueles que te magoaram e, acima de tudo, perdoares-te a ti mesmo. Caso contrário, continuarás a ferir-te, a sangrar até secar. E imagino que isso não seja agradável para um imortal.

– Eles não merecem ser perdoados.

– Não é por eles. – Camilla levantou as mãos em sinal de exasperação. – Eles nunca se irão importar. Se calhar nem se lembram. É por ti. Pelos teus irmãos, pela tua corte. E por mim.

Passou por ele e fechou a porta do seu quarto.

Camilla encontraria uma forma de ambos ganharem o jogo, e depois voltaria à sua vidinha tranquila em Waverly Green, por mais difícil que isso se revelasse.



Um farfalhar de tecido vindo do outro lado da porta de Camilla impediu que o Inveja fosse atrás dela.

Espetacular. Era mesmo o que ele precisava para completar a sua noite. Ela estava a despir-se e agora a mente dele estava a imaginar a lenta e sedutora remoção de cada peça de roupa, em vez de se concentrar na descoberta metódica do seu segredo, camada por camada.

Mesmo do outro lado de uma grossa porta de madeira, Camilla sabia quais eram os melhores golpes para usar nele, sabia como fazer com que a mente dele se concentrasse nela, provocando e distraindo.

«Tal como tu a provocas e distraís.»

Camilla não só tinha percebido o seu jogo, como o estava a jogar melhor do que ele.

Entrou na sala de estar entre os seus dois quartos e preparou um Sombrio e Pecaminoso. Duplo. Com pouco gelo. Que se fodessem os frutos silvestres.

Bebeu-o, mal sentindo o sabor do licor que normalmente saboreava.

Serviu-se de mais um copo, depois foi para o seu quarto e deixou-se cair num cadeirão de cabedal todo almofadado.

Todos os sofás, cadeirões, cadeiras e espreguiçadeiras da Casa Preguiça eram feitos para incitar ao descanso, para que os seus convidados se aconchegassem e se deixassem perder.

O Inveja estava a perder-se, sim, para a irritação, para o incómodo e para uma mulher gloriosa com mais segredos e quebra-cabeças do que ele. Duas bebidas depois, uma parte dele poderia admitir que gostava da recusa dela em mostrar o seu jogo. Camilla obrigava-o a trabalhar arduamente por cada grão de informação, fornecendo-lhe apenas o suficiente para desejar mais, sem nunca satisfazer por completo a sua curiosidade.

Continuava a ser um enigma. Um enigma belo e exasperante que implorava para ser resolvido. Só que o Inveja não tinha o tempo que gostaria para desvendar o mistério que ela representava.

Pôs os pés sobre o braço do cadeirão e a sua atenção desviou-se para o relógio em cima da lareira. Meia-noite. Sem descanso.

Sentia-se frustrado. Com os boatos que se espalhavam pelos Sete Círculos, com aquele jogo perverso, com cada segundo em que a sua corte enfraquecia.

Queria abrir as asas e catapultar-se para o céu, deixar este inferno para trás. E isso também o incomodava. O facto de *não poder*. O facto de precisar de vencer para o voltar a fazer.

O Inveja tinha de conservar o máximo de poder que pudesse. A colunista acertara numa coisa: parte do seu círculo estava protegido contra qualquer pessoa que entrasse ou saísse sem a sua permissão. E manter essa proteção requeria muito da sua magia, o que o deixava mais fraco do que gostaria de estar.

Fechou os olhos, encostou a cabeça às costas do

cadeirão e esvaziou a mente.

Depois pensou na tentativa do Preguiça de atíçar o seu pecado e levantou-se, percorrendo o quarto como um lobo enjaulado.

A jornalista dissera que estavam dois jogadores nos Sete Círculos.

Um deles dirigia-se para a Floresta Sangrenta. Talvez tivesse sorte e encontrasse um jogador; assim teria menos uma preocupação para o atormentar. Dormir seria impossível, por isso dirigiu-se para a porta, decidido a caçar o seu adversário.

Abriu a porta do seu quarto e estacou.

Ali estava Camilla, estendida de barriga para baixo sobre a espreguiçadeira na sala que partilhavam, meio despida na penumbra, usando apenas o seu delicado espartilho curto e absorta na leitura de um livro.

«Que cheque-mate do caralho.»

Camilla acabara de virar o seu tabuleiro de jogo com aquela jogada. Tinha de o admirar, ainda que a contragosto.

Ela acendera e dispusera várias velas para projetar estrategicamente sombras ao longo do seu corpo, compondo a cena artística com uma precisão impressionante, posicionando-se de modo a parecer que estava completamente vestida, mas que permitia um vislumbre da verdade sempre que ela se mexia.

O que era o caso agora, com as pernas dobradas para cima e cruzadas nos tornozelos, balançando lentamente para a frente e para trás, como se não tivesse uma única preocupação no universo. Virou a página do livro à sua frente, sem se deixar perturbar pela presença do Inveja.

Em cima de uma mesa baixa, ao lado dela, estavam garrafinhas de óleos, e o roupão que o Preguiça lhe enviara

estava dobrado no tapete, junto aos seus pés.

A conversa deles e as suas palavras provocadoras de há pouco voltaram-lhe à memória.

«Tira a roupa e veste o roupão. Posso fazer-te uma massagem nas costas com óleos.» Um sorriso espraçou-se pelos seus lábios. Mulher esperta, muito esperta. Camilla estava a tentar o Inveja a massajá-la. Sabia que ele queria observar-lhe a nudez, verificar se havia alguma marca, feitiço ou encantamento gravado na sua pele.

E, muito provavelmente, estava a pensar na regra dele – por seu próprio decreto, apenas teriam uma noite para fazer amor.

E ficou ali deitada, seminua, desafiando-o a fazer a sua jogada.

O Inveja não se deu ao trabalho de impedir que a sua atenção percorresse as linhas artísticas do corpo dela – das coxas e barrigas das pernas bem definidas à curva generosa do rabo –, quando ela virou outra página. Após uma inspeção mais atenta, ele viu que ela tinha tirado a roupa interior, mas que mantinha as meias de renda até à coxa.

Admirou-a como faria com qualquer grande obra de arte. Camilla era o quadro, a escultura, a beleza mais requintada que alguma vez tinha visto. Cabelo prateado, pele dourada, tudo envolto num mistério tentadoramente sombrio.

De onde estava, à entrada do seu quarto, não reparou em nenhum indício imediato de tinta. Embora se perguntasse o porquê de ela ter mantido o corpete e as meias, se seria um estratagema para que ele a despisse até ao fim, para o torturar, ou um meio de esconder a informação que ele procurava.

O corpete cor de marfim ficava-lhe mesmo acima das costelas e era baixo o suficiente para deixar à vista a parte

de cima dos seios. Pelo pouco que conseguia ver, os laços na parte da frente não eram apertados o suficiente para restringir, mas permitiam que a sua carne dourada se espalhasse pelo topo.

Dois laços tentadores prendiam cada alça, tornando mais fácil tirá-las. Ela queria jogar. E ele entrava sempre no jogo.

O Inveja encostou-se à ombreira da porta, de braços cruzados.

– Não sabia que gostavas de ler.

– Suponho que seja mais um segredo que estou a guardar, Vossa Alteza.

Camilla não se deu ao trabalho de erguer o olhar, a sua segunda pista de que ela estava, de facto, a puxá-lo para o seu jogo.

Mesmo sabendo que estava a entrar no esquema dela, o Inveja não conseguiu impedir-se de se aproximar. Ajoelhou-se, empurrando gentilmente o livro para trás, para poder ler a capa.

– Claro – troçou ele. – Estás à procura de um príncipe encantado.

– Só porque de vez em quando gosto de romances, não quer dizer que esteja à procura de um príncipe. Considero a maioria dos membros da realeza uns idiotas enfadonhos e arrogantes que não percebem nada sobre ser encantador.

Camilla lançou-lhe um olhar incisivo, depois puxou o livro para si e continuou a ler.

Arrogante, com toda a certeza, era culpado. Mas idiota ou enfadonho... O Inveja pegou na garrafa de óleo, tirou a rolha e inalou o aroma.

Baunilha e *bourbon*. Doce e pecaminoso, tal como aquele seu joguinho.

Contemplou o seu próximo passo. Ir à Floresta

Sangrenta não seria o uso mais conveniente do seu tempo. A probabilidade de encontrar outro jogador não era grande, em especial porque fora visto a dirigir-se para lá na noite anterior. Se tivesse entrado na floresta, já estaria longe.

Podia perder tempo e energia que não tinha a correr atrás daquela velha pista. Ou então podia jogar este joguinho com Camilla, na esperança de resolver o enigma dela, talvez até de alimentar a sua inveja antes do fim da noite, e assim reabastecer o seu poder.

Se ela tivesse uma tatuagem mágica gravada na pele, provaria a sua identidade *fae*.

Se não tivesse, provaria igualmente o seu palpite de que ela era uma espécie de metamorfo.

Levantou-se e espalhou o óleo nas costas dela sem aviso prévio, apreciando o seu ligeiro sibilo quando o líquido frio lhe escorreu pela pele.

O Inveja não se ficou pelas costas. Camilla estava a oferecer-lhe uma visão desobstruída do seu corpo, e ele ocupar-se-ia de cada centímetro seu, na busca de respostas para as perguntas que tinha.

Com sorte, conseguiria resolver um mistério naquela noite.

Verteu uma fina linha de óleo de massagem sobre a curva redonda do rabo dela, depois pôs o óleo de lado. Baixou lentamente uma meia de cada vez, tirando-as para expor a sua carne nua. Enrolou as meias à volta do punho enquanto considerava usá-las para a amarrar à espreguiçadeira, mas atirou-as para o lado. Queria que Camilla se contorcesse livremente esta noite.

Voltou a pegar no óleo e continuou a espalhá-lo pela parte de trás das suas coxas e até à planta dos pés.

– O que estás a fazer? – perguntou ela, sem fôlego.

Camilla estava empolgada com o trajeto inesperado que ele traçara.

– A mostrar-te o porquê de o Príncipe Encantado não ser o que realmente desejas.

O Inveja apanhou-lhe delicadamente o cabelo solto, depois afastou-o para o lado, dando-lhe acesso ao pescoço e aos ombros. Esfregou a parte de trás dos nós dos dedos contra a linha do seu corpete, enfiando um dedo por baixo da alça, puxando-a devagarinho.

– Alguma razão para ter deixado isto vestido, Miss Antonius?

Ela lançou-lhe um olhar por cima do ombro, parte irritação, parte antecipação.

– Se desejaes ver-me completamente nua, Vossa Alteza, receio que tereis de sujar as mãos.

Ele sorriu-lhe tenuemente perante aquela resposta.

– Há uma coisa que tens de saber a meu respeito, querida Camilla. – Estendeu a mão, puxando gentilmente uma ponta do laço da alça. Passou para o oposto, desatando a outra alça. Depois desatou os laços da frente, libertando-lhe os seios enquanto tirava a peça de roupa e a lançava para o lado. – Gosto muito de sujar as mãos. – A respiração dela acelerou, a sua excitação atingindo-o com força. – Apostaria que o mero pensamento do que as minhas mãos podem fazer te excita.

Pegou no livro e pô-lo de lado, depois guiou as costas dela para baixo, pressionando-a com firmeza contra a espreguiçadeira para poder acariciar-lhe os ombros, massajando cada músculo até ela relaxar pouco a pouco.

O Inveja esfregou-lhe a parte de trás dos braços, seguindo depois para os pulsos e as mãos, tratando de cada região com todo o cuidado. A sua atenção estava concentrada nela, catalogando cada sarda, cada indício de

magia em ação. Quando chegou à parte inferior das suas costas e passou uma mão pelo seu rabo macio, não havia encontrado um único sinal de que estivesse enfeitada.

Não soube se estava aliviado ou ainda mais cético.

O Inveja esfregou-lhe o óleo nas pernas, terminando a massagem nos pés, libertando-a de qualquer dor que pudesse ter sentido devido à longa caminhada pelo Corredor do Pecado.

Ela não se tinha queixado uma única vez dos quilómetros que haviam percorrido a pé.

Ouviu-a suspirar de contentamento, o corpo lânguido com as suas ministrações. O seu desejo, no entanto, continuava a aumentar a cada carícia.

Estava na altura de subir a parada.

As mãos dele percorreram-lhe ao de leve a parte de trás das pernas, antes de as espalmar contra as suas coxas, traçando círculos maiores na sua pele sem marcas. Resistiu à vontade de se inclinar e morder-lhe a pele carnuda das nádegas, antes de aliviar a ardência com um beijo.

Ainda assim, o ar à volta deles pareceu-lhe denso, carregado de tensão. A respiração dela quase tinha parado, na expectativa de ver o que ele faria a seguir, onde iria tocar.

O Inveja demorou o seu tempo, planeando, sonhando com todas as formas divinamente pecaminosas de a fazer gritar o seu nome. Devagarinho, deitou um pouco de óleo na palma da mão, permitindo que aquecesse ligeiramente antes de o fazer deslizar para os dedos.

Começou a esfregá-lo nas nádegas dela, uma e outra vez, a sua mão a mergulhar cada vez mais fundo entre as pernas dela, começando a acariciar aquele lugar encantador onde se queria enterrar.

– Bem – murmurou ele quando as ancas dela se

ergueram para ir ao encontro do seu toque. – Parece que estava correto. Tu também queres que seja sujo.

Ela estava ensopada, a sua excitação quase tão escorregadia quanto o óleo na mão dele. Percorreu devagarinho o contorno, mergulhando a ponta do dedo médio dentro dela. Um palavrão grosseiro escapou-lhe dos lábios bonitos, o rosto meio escondido sob o cabelo etéreo.

– Anseias por um demónio, não é? Um que foda como um pecador porque o é.

Retirou o dedo antes que ela pudesse empurrar-se para ele, fazendo-o deslizar novamente pelo seu corpo, espalhando a sua humidade.

– Prometo, doce Camilla, que não irás gritar por Deus quando eu estiver dentro de ti. Serei implacável quando te agraciara os lençóis.

Com o dedo, o Inveja traçou-lhe movimentos circulares no clítoris, e conteve o seu próprio gemido. Estava tão inchado de desejo que tinha de lhe doer. Ao toque, as ancas dela balançaram contra a palma da mão dele.

O Inveja deslizou por fim um dedo para dentro dela, proporcionando-lhe o que ela queria. Camilla arqueou-se para cima e para trás, exigindo mais. A sua pequena devassa obscena queria que ele a preenchesse. Introduziu um segundo dedo, e o gemido suave que ela soltou fez com que a sua pila ficasse dura como uma pedra. Camilla estava molhada, ávida por mais.

Camilla apoiou-se nos antebraços, o livro há muito esquecido, e olhou para ele, observou-o enquanto ele continuava a dar-lhe prazer.

– Irás gritar o meu nome, Camilla. Serei o teu Deus, o teu Criador, o teu Destruidor, e todas as coisas perversas e sombrias que existem pelo meio. E prometo-te que encontrarás a tua religião na minha pila. Ajoelhar-te-ás por

ela, rezarás por ela, venerá-la-ás com todas as fibras do teu ser.

Retirou os dedos e depois deu-lhe um suave beliscão no clítoris, juntando uma pontada de dor para intensificar o prazer. Camilla gemeu, um som de pura felicidade. Voltou a enfiar os dedos dentro dela, impelindo-os para cima e para baixo, a sua própria respiração ofegante enquanto Camilla lhe exigia silenciosamente que continuasse a fazer-lhe aquilo.

– Não voltarás a pensar no Príncipe Encantado. Prometo-te isso.

O Inveja deu-lhe uma palmada rápida na pele molhada e o corpo dela sacudiu-se na direção dele. Camilla praguejou baixinho, a excitação a escorrer-lhe pela perna.

O Inveja brincou delicadamente com o clitóris dela, um movimento, outro, antes de lhe voltar a enfiar os dedos bem fundo. Ela começou a esfregar-se contra a mão dele.

A forma como o seu corpo respondia a ele era gloriosa. Era capaz de ficar a noite toda a vê-la procurar prazer nele.

Ela contraiu-se em torno dele, montando lentamente os seus dedos.

A mão livre do Inveja desceu até à sua ereção, acariciando-a por cima das calças enquanto a observava. Seria fácil ceder e proporcionar-lhes a ambos o que desejavam. Podia levantar-lhe as ancas até que ela ficasse de quatro, dobrá-la sobre o braço da espreguiçadeira, abri-la e acabar com o seu tormento mútuo. Mas a atração daquele jogo em particular conseguia ser ainda mais potente do que qualquer efémera satisfação física.

Camilla susteve a respiração enquanto rebolava as ancas, em busca de fricção. O Inveja masturbou-se com mais força, os seus testículos contraindo à medida que o seu próprio prazer aumentava. Imaginou como seria bom

fazer deslizar a sua pila latejante sobre a pele escorregadia dela.

Mas aquela não seria uma noite dessas. Aquela noite era só para ela. Parou de se tocar e voltou a concentrar-se nela. Estava quase lá.

Movimentou os dedos mais algumas vezes, prolongando a sensação, ouvindo a respiração dela tornar-se irregular, e depois tirou os dedos.

Camilla devia ter sentido a mudança; olhou para ele, as costas ainda arqueadas, à procura.

– Paraste.

Ela não perguntou porquê. Mas a frustração estava-lhe estampada no rosto, tal como a luxúria. De repente, Camilla percebeu... O Inveja tinha ganhado aquela ronda.

Ele lançou-lhe um sorriso pretensioso, depois inclinou-se para a frente e mordiscou-lhe o rabo carnudo, passando a língua sobre a marca, satisfazendo a sua fantasia anterior.

Levantou-se, endireitou-se e entregou-lhe o frasco de óleo de massagem.

– Usa isto quando te tocares mais tarde. Vai ser quase tão bom como quando eu te fizer vir outra vez.

– O quê? – perguntou ela, o seu tom incrédulo. – Não podes estar a falar a sério.

O Inveja lançou-lhe um sorriso lento e perverso.

– Bons sonhos, minha querida devassa.

Voltou para o seu quarto e fechou a porta, rindo baixinho enquanto ela lhe chamava todos os nomes profanos que existiam.



— *I*ssso com toda a certeza não é uma pista – disse Lo pela quarta vez. – Ponha-o onde estava.

Camilla fechou os olhos, rezando por algum tipo de interferência divina. Depois de ter dormido apenas algumas horas, mais frustrada do que nunca após a vitória do Inveja na noite anterior, tinham todos tomado o pequeno-almoço e começado logo o dia de buscas.

Por aquela altura, já andavam à procura da próxima pista havia muito tempo, e os príncipes-demónios estavam a deixá-la fora de si. Estava mesmo a deixar-se dominar por tendências homicidas.

Talvez tivesse alguma coisa que ver com o facto de ter feito precisamente o que a antítese do Príncipe Encantado lhe sugerira, incapaz de dormir sem se libertar depois de ele a ter conduzido à loucura mais uma vez. Deveria ser criminoso que ele tivesse conseguido, de alguma forma, vencê-la no seu próprio jogo. Da próxima vez, teria de planear melhor a sua vitória. Ele estava claramente a vingar-se pelo que ela fizera no Corredor do Pecado.

«Vamos a isso, demónio.»

Estavam a explorar cada recanto meticulosamente,

tendo decidido que seria mais eficaz trabalharem juntos: eles os três, acompanhados por dois assistentes de pesquisa, a vasculharem sala após sala, prateleira após prateleira, enquanto consultavam os registos detalhados de Lo para compararem o conteúdo das salas com eventuais adições. Parecia uma boa ideia na teoria, até se considerar a incapacidade dos príncipes de cooperarem sem entrarem em conflito. A cada. Maldito. Minuto.

Camilla percorreu a sala com o olhar, fixando-se num artefacto que se assemelhava a uma Lua escura. Vidro esfumado e opaco. Mais à frente, noutra prateleira, estava exposta uma enorme concha de náutilo, com pelo menos sessenta centímetros de comprimento, maior do que qualquer uma que ela alguma vez tivesse visto no mundo mortal.

– Dá-me isso já – exigiu Lo ao Inveja.

Com luvas, Lo arrancou cuidadosamente o manuscrito ilustrado das mãos do Inveja, voltando a colocá-lo debaixo de uma proteção de vidro.

– Tens a certeza de que não é uma pista? – perguntou o Inveja. – Não o vejo na lista.

– Este livro faz parte desta coleção há trezentos anos. Numa Casa com tantos artefactos e tomos, é lamentável que um deles tenha escapado ao livro de registos, mas não é inédito. Põe-no de volta.

– Se tens a certeza de que o Lennox não plantou esta pista, prova-o – exigiu o Inveja.

– Diz-me porque precisas tanto de ganhar, e considerarei partilhar os segredos da minha corte – retorquiu Lo. – Este jogo só começou mais ou menos no último mês, correto?

– O Lennox é conhecido por plantar pistas sempre que surge a oportunidade.

– Não respondeste à minha pergunta – observou Lo.

«Boa sorte com esse inquérito fútil», pensou Camilla, irritada.

– Talvez a coluna de mexericos estivesse correta. Talvez desta vez esteja muito mais em jogo para ti.

As sobranceiras de Camilla ergueram-se.

– Coluna de mexericos? O que é que dizia?

O Inveja lançou um olhar de desprezo ao irmão.

– Não dizia nada.

– É muito estranho que um jornal não publique nada – disse Camilla. – No entanto, aqui estamos nós, a discutir alguma coisa.

– Que diabos, não conseguem parar com os vossos joguinhos por uma vez que seja? – atirou Lo. – O jornal é de conhecimento público. – Abanou a cabeça e olhou para Camilla. – Os rumores indicam que o círculo do Inveja foi protegido por magia. Ninguém tem conseguido entrar ou sair. Aconteceu precisamente quando o jogo começou.

– Sendo ou não verdade, não me parece que isso seja relevante – disse o Inveja.

Camilla observou-o com atenção. O seu comportamento alterara-se ligeiramente – não fora nada de muito perceptível, mas ele ficara tenso por um breve momento antes de adotar aquela frustrante atitude de indiferença. Como se não pudesse ser incomodado pelos rumores.

O que era categoricamente falso, uma vez que acabara de tentar esconder-lhe esse rumor.

Não conseguia perceber por que razão tentaria ele minimizar o seu significado, a não ser que estivesse a esconder uma verdade muito mais obscura.

– Exato – disse Lo, interrompendo-lhe os pensamentos. – Recusas-te a contar-me um único segredo da tua corte, por isso não tenho qualquer desejo de partilhar os da minha.

Os príncipes continuaram a discutir, e Camilla teve vontade de os esganar a ambos. Já estavam a discutir há uma hora. Quase desejou que pusessem as pilas de fora para compararem tamanhos e acabassem de uma vez com aquilo.

A atenção do Inveja voltou-se para ela.

– A minha é muito maior, Miss Antonius.

Ela revirou os olhos. Só o Inveja para pegar naquilo.

Lo olhou para os dois, o sobrolho franzido perante a sua conversa silenciosa.

– Nada. – Camilla agitou a mão, irritada. – Por favor, prossigam com essa discussão fascinante. Decerto que temos mais algumas horas para dedicar a isso.

Os dois machos prosseguiram a partir do ponto em que tinham parado, ignorando por completo o sarcasmo dela.

Se continuassem naquele ritmo, nunca conseguiriam sair da Casa Preguiça. Talvez aquilo fosse uma prova do pecado do príncipe em ação. Estavam a mover-se a passo de caracol, e Camilla nunca se tinha apercebido antes de como a inatividade a enlouquecia. Em casa estava sempre em movimento: a desenhar, a pintar, a fazer a curadoria da galeria ou a visitar Kitty. A cuidar de *Bunny* e a passear com ela pela casa da cidade, a beijar-lhe a cabeça felpuda.

Agora, Camilla estava... a perder a cabeça. Tinha saudades da sua grande gata cinzenta e branca.

Queria encontrar a próxima pista tanto quanto o Inveja, mas ela, pelo menos, recusava-se a deixar-se levar por disputas mesquinhas e políticas da corte.

Pensando em pistas, Camilla pensou brevemente se não deveria estar à procura de outra coisa para o seu primeiro enigma, mas não lhe aparecera nenhum bilhete mágico com as regras do jogo dela e não fora assinado nenhum juramento de sangue. Então, não era propriamente uma

jogadora? Devia ser um peão.

Um facto que detestou.

Tal como o mestre do jogo soubera que ela detestaria. Ele fizera a sua jogada com perícia. Esta fora a mais alta forma de chantagem, demonstrando que não havia mesmo honra entre ladrões.

Se ela nunca tivesse concordado com o acordo do Inveja, nunca teria pintado um objeto amaldiçoado. E não estaria agora nesta situação. Tudo fora planeado de forma brilhante.

Camilla precisava de recuperar o seu talento.

Mas a culpa não era do Inveja. De uma forma ou de outra, o seu caminho teria sempre terminado nesta estrada. Sabia que o regresso do caçador era uma inevitabilidade, tal como o fascínio pelos *fae*. As nuvens do seu passado pairavam sobre si há já algum tempo, reunindo-se numa tempestade perfeita.

Fechou o livro que há muito deixara de analisar e voltou a olhar em volta. Estavam numa sala dedicada às emoções, e a única coisa que sentia naquele momento era irritação. Tudo parecia estar no devido lugar. Nenhum livro se destacava, nenhum objeto, exceto...

A sua atenção regressou à concha gigante, depois desviou-se para aquela bola de vidro esfumado.

Não era invulgar encontrar um objeto ou artefacto escondido nas prateleiras, mas havia qualquer coisa naquele objeto que despertava a atenção de Camilla. Talvez fosse apenas brilhante e bonito e, tal como os corvos, ela gostasse de objetos brilhantes.

– Dá cá isso – disse o Inveja, continuando a discutir com o irmão.

– Por mais ultrajante que possa parecer, o teu jogo não é responsável por tudo neste maldito reino – respondeu Lo,

igualmente irritado. – Se não me consegues dizer porque é tão importante para ti ganhar, não esperes que ponha a minha corte em perigo.

Camilla atravessou a sala para ver mais de perto a reluzente concha de náutilo.

Os seus dedos deslizaram sobre a superfície lisa, maravilhando-se com as riscas da cor de terra-de-siena que corriam ao longo da sua borda exterior curva.

Virou-a com cuidado, admirando o interior em madrepérola e o engenhoso padrão em espiral pelo qual o molusco era conhecido. A natureza era a maior das artistas.

Voltou a pôr a concha no lugar e pegou na bola brilhante, erguendo-a contra a luz.

O seu humor mudou de irritação para admiração. A bola era ainda mais mágica de perto. O que inicialmente pensara ser vidro opaco eram, na verdade, milhares de pequenos grãos de ébano que se moviam como areia dentro de uma ampulheta de cada vez que a virava.

O objeto era encantador.

Algo nele a fazia querer parti-lo em pedaços.

Levantara a mão, com a intenção de fazer isso mesmo, quando uma palavra lhe interrompeu o transe.

– Não. – A voz do Inveja continha magia, o poder envolvendo-a ao ponto de ela não o poder ignorar, mesmo se tentasse.

O príncipe aproximou-se devagar, com as mãos no ar, como se ela fosse um animal selvagem pronto a atacar.

– O quê? – perguntou ela.

– Põe a Esfera de Golath onde estava. Devagarinho.

O Inveja manteve o seu olhar nela, fixo, tranquilizador. No entanto, o seu comportamento só conseguiu deixá-la mais nervosa. A sua atenção deslocou-se pela sala. Lo e os dois assistentes de investigação que tinham estado a

vasculhar calmamente cada prateleira estavam parados, a observar.

Ela olhou para o objeto que segurava, reparando pela primeira vez na estranha pulsação. Batia como um coração fantasma, como um tambor distante. De alguma forma, sentiu que todos os medos do universo tinham sido recolhidos e estavam a bater no vidro fino, na tentativa de se libertarem.

– Oh, está a fazer... alguma coisa.

O Inveja avançava devagar, mas com determinação, a sua voz baixa e imponente.

– Olha para mim. Ele não te fará mal enquanto permanecer intacto.

Claro que aquela afirmação fê-la querer atirar a maldita coisa para bem longe.

– Está a pulsar. – De repente, Camilla temeu que a estivesse a segurar com demasiada força e quebrasse o vidro por acidente. Depois receou que não a estivesse a segurar com força suficiente e ela caísse.

O vidro ondulou-lhe nas palmas das mãos, e a sensação deixou-a com um nó nas entranhas.

– Seja o que for que ele tente fazer para que o deixes cair, tens de o ignorar – disse o Inveja. – A esfera quer que a quebres.

– A esfera de quê?

– Dos ossos dos deuses – murmurou o Inveja. – Viste a coisa amaldiçoada ali pousada, Preguiça?

– Devem ter usado magia para a esconder de nós. – Lo parecia abalado.

– Porquê? – indagou Camilla, tentando ignorar a sensação escorregadia e fria do vidro. Voltou a mexer-se, fazendo-lhe agora lembrar uma sanguessuga à medida que lhe aspirava a pele. – Porque não a esconderam de mim?

– É essa a questão, não é? – perguntou o Inveja, o seu tom curioso. Virou-se para o irmão. – Não fazia parte da tua coleção, correto?

Lo abanou a cabeça.

– Não. Não tenho nenhuma esfera nas minhas instalações.

– Então esta é definitivamente a nossa próxima pista. – O Inveja voltou a encará-la, a sua expressão sombria. – Tenta pousar isso agora, Camilla.

– Eu... Acho que não consigo.

– Consegues e vais fazê-lo. – O Inveja parecia prestes a atacar a esfera. – Uma vez tocada, apenas a pessoa que a apanhou pode voltar a pousá-la. Não posso tirá-la.

Com o medo a percorrer-lhe as veias, Camilla voltou a pousar a esfera na prateleira, tendo o cuidado de se afastar o mais lentamente possível, para o caso de a esfera decidir cair sozinha. Só voltou a expirar quando já estava a alguns metros de distância dela.

O Inveja puxou Camilla para trás de si.

– Onde podemos destruí-la? – perguntou o Inveja.

Camilla olhou fixamente para as suas costas.

– Ainda agora quebrá-la parecia uma ideia muito pouco sensata.

Ele lançou-lhe um olhar por cima do ombro, com uma expressão inescrutável.

– Tu és mais... quebrável.

– Dá-me um segundo – disse Lo. – Vou criar um anel de contenção. Deve ficar seguro lá dentro.

Um dos assistentes trouxe um pedaço de giz ao Príncipe Preguiça e, enquanto ele desenhava um círculo perfeito e lhe adicionava runas que ela supôs serem para proteção, Camilla esforçou-se por tentar perceber o que era aquilo. Não se conseguia lembrar de nenhuma história.

– O que é a Esfera de Golath? – voltou a perguntar.

– O Golath é conhecido como o Colecionador de Medos, um ser antigo que se pensa ter possuído a primeira centelha de maldade – explicou o Inveja, ainda de olho na bola. – Ninguém sabe quantas esferas existem, mas elas abrem portas que até nós, príncipes-demónios, tememos atravessar. A presença de uma delas aqui indica que temos de procurar o Golath a seguir. Ele presenteia-as quando tem uma mensagem. Ou quando tem um medo para recolher.

O Colecionador de Medos.

Claro que a próxima pista tinha de ser um mal ancestral. Porque não o Realizador de Desejos? O Tecelão de Sonhos?

E ela fora a pessoa marcada para encontrar aquela pista.

A atenção do Inveja permaneceu fixa no globo, a sua expressão marcada por linhas severas enquanto se concentrava. Tinha despachado o Trono Amaldiçoado com muito pouco esforço, por isso vê-lo a ter tanto cuidado era tudo menos reconfortante.

– Estás pronto para a quebrar? – perguntou Lo, olhando para cima, a partir do círculo de contenção.

O Príncipe Inveja deu um passo em direção à esfera, depois olhou de relance para Camilla.

– Afaste-se o mais que puder do círculo, Miss Antonius.

Ela foi para o canto mais afastado da sala, onde os dois demónios assistentes estavam agachados, com livros apertados contra o peito. Era provável que tivessem ficado entusiasmados com a caça à informação, com a emoção de encontrar uma pista. A julgar pela forma como tremiam, não contavam que as coisas se tornassem tão perigosas. Entre eles e o círculo havia uma secretária enorme, o que não parecia servir de grande proteção.

Lo e o Inveja trocaram um olhar demorado, uma conversa silenciosa, antes de Lo inclinar a cabeça, concordando com o que o irmão lhe pedira.

Sem voltar a olhar para Camilla, o Inveja pegou finalmente na esfera.

Entrou diretamente no círculo de giz, olhou para o irmão uma última vez e depois partiu-a a seus pés.

Camilla inspirou profundamente.

Uma criatura gigantesca, quase incorpórea, ergueu-se. Tinha a cabeça de um bode e o corpo de um homem musculado. As suas íris horizontais pousaram em Camilla, assimilando-a.

Ficou em silêncio, inclinando a cabeça, sem nunca desviar o olhar de onde ela estava.

– Golath. – A voz do Inveja atravessou a tensão que se acumulava na sala. – Onde é que estás?

– O que és, quando vais, são perguntas mais interessantes.

A criatura não tirou o seu olhar tenebroso de Camilla. Uma língua bifurcada disparou por entre os seus dentes enormes.

Ela permaneceu muito quieta, desejando que ele olhasse para outro lado.

– Golath – avisou o Inveja.

– Sabes onde estou, Príncipe Inveja. Lá em baixo. Muito abaixo. Por baixo do lugar onde os túmulos ardem e o chão murcha. Vem procurar-me, se te atreves. Traz a de cabelo prateado. Gosto tanto de presentes.

O Colecionador de Medos girou o seu corpo quase imaterial como um ciclone e desapareceu no círculo, levando a esfera despedaçada com ele.

Instalou-se um silêncio pesado. O Inveja permaneceu onde estava, com a atenção fixa no chão, como se estivesse

à espera de que a criatura voltasse a atacar. Quando se tornou claro que ela não ia voltar, olhou diretamente para Camilla.

A sua expressão estava cuidadosamente em branco. Lo não olhou para ela de todo. Nem os outros dois demónios.

A inquietação apoderou-se dela. Não queria ser o presente daquela criatura.

– Vai buscar o teu manto – disse-lhe o Inveja, calmamente. – Iremos viajar abaixo dos Túmulos Flamejantes. O fogo que ali arde produz gelo, não calor. O que torna o processo de sobrevivência... desagradável.

– Não.

O único que não pareceu surpreendido com a sua recusa foi o Inveja. Ele soltou um suspiro de frustração.

– Infelizmente, não é uma negociação, Miss Antonius. Se a decisão dependesse de mim, ficarias aqui. Melhor ainda, devolver-te-ia a Waverly Green. Visto que ambos não temos escolha, vai buscar o teu manto.

A atenção de Camilla deslizou para os outros presentes na sala. Não queria discutir à frente deles.

– Preguiça, um momento de privacidade, por favor? – solicitou o Inveja, surpreendendo-a. Assim que os outros demónios se retiraram, o Inveja puxou-a para o seu peito. – Vamos jogar um pequeno jogo da verdade, Miss Antonius.

Ela aninhou-se contra ele, assentindo.

– Não permitirei que nada te faça mal. É verdade?

– Sim. Mas...

– Não há «mas», querida. Nada te fará mal. – Ele passou-lhe uma mão pelas costas. – Confias em mim?

Ela riu-se, afastando-se do seu abraço.

– Nem um bocadinho.

Ele lançou-lhe um sorriso matreiro. Depois, a seriedade impôs-se-lhe nas feições. Tirou um pequeno punhal de

dentro do seu fato. Era prateado como os olhos dela, a bainha primorosamente esculpida.

Camilla hesitou por um segundo antes de lhe pegar. Não era de ferro, mas também não era um metal que lhe fosse familiar.

O Inveja ajeitou-lhe o cabelo atrás das orelhas, depois afastou-se.

– Podes confiar-me a tua vida, Camilla. É algo precioso. Algo que eu nunca arriscaria. Independentemente do jogo em curso. É verdade?

Camilla susteve o olhar dele por um longo momento e depois foi buscar o seu manto.



O túnel por baixo da Casa Preguiça era tal e qual aquilo que se esperava de um labirinto subterrâneo nas entranhas do submundo, lar de criaturas tão terríveis que não procuravam a luz.

O túnel era formado por paredes de pedra cobertas de gelo, e a passagem era tão estreita que o ombro de Camilla roçava no do príncipe enquanto caminhavam em silêncio.

O Inveja fizera com que o Preguiça lançasse um encantamento de regulação de temperatura sobre o seu manto, garantindo que ela não morreria de frio, mas o ar continuava a fustigar-lhe o rosto com brutalidade. O Inveja trazia uma tocha sem chama, que não ardia, mas que fornecia luz suficiente para poderem ver.

Em muitos sítios, as paredes de pedra apresentavam marcas de garras, salpicadas com o que outrora teria sido sangue. Não havia ossos nem esqueletos – Camilla teve a impressão de que o que quer que fosse que habitava tão longe nas profundezas do reino não deixava tais iguarias

para trás.

De vez em quando, ouviam gritos ao longe.

Uma vez, quando um grito tão terrível a fez estremecer, o Inveja levou um dedo aos lábios e agarrou-lhe na mão, puxando-a por outra passagem sinuosa, sem abrandar o ritmo estafante até o lamento infernal se tornar um pesadelo distante a ressoar-lhe nos ouvidos.

O Inveja não voltou a largá-la depois disso.

Quanto mais se aproximavam da terra por baixo daquilo a que o Inveja chamara os Túmulos Flamejantes, mais frio ficava, como se o próprio mundo estivesse a avisar os viajantes para que não se aproximassem.

Camilla pensara que não podia ficar pior, mas estivera enganada. Se não fosse pelo manto mágico, teria congelado.

Tinha os olhos a arder, as lágrimas a congelarem-se-lhe nas faces. O pânico fê-la querer chorar com mais força.

«Iráo os meus olhos fechar-se e congelar?»

O Inveja puxou-a abruptamente para a frente dele, limpando-lhe as lágrimas com os polegares. A sua pele aqueceu de imediato, graças ao seu toque mágico.

– Respire, Miss Antonius. O túnel foi concebido para induzir o medo. O Golath alimenta-se dele.

Outro pensamento menos do que reconfortante.

Ele esperou até que ela encontrasse o seu centro de calma; uma proeza que se revelou mais difícil do que poderia imaginar.

Passado mais um momento, Camilla assentiu e continuaram a avançar, com ela a sentir-se um pouco melhor.

Por fim, após outra longa descida na direção de um abismo, o Inveja parou. Manteve a mão a agarrar a dela, o seu aperto inabalável.

– Golath. – A voz do Inveja saiu baixa, mas ressoou na escuridão.

O coração de Camilla voltou a bater mais depressa quando a criatura apareceu das sombras, observando-os com curiosidade.

Camilla, por um lado, não conseguia desviar a atenção da criatura e, por outro, não queria voltar a olhar para ela. Ali, onde escolhera viver, já não era quase incorpórea. Era inteiramente de carne e osso, os seus olhos de bode a brilhar no escuro com um amarelo doentio.

Camilla não conseguia vislumbrar muito mais do que os seus chifres, e isso apenas devido à luz emitida pelos seus olhos. Não lhe conseguia ver a boca, mas sentiu o seu sorriso.

– Companheiros interessantes dão origem a histórias interessantes. Aproxima-te, menina curiosa.

A sua voz era profunda, elemental. Diferente da do Trono Amaldiçoado, mas, de alguma forma, semelhante.

Camilla manteve-se firme – ela não era uma presa, por muito que este túnel quisesse que ela acreditasse nisso –, e a criatura aproximou-se.

– Ah! Que grande história para contar. – Os seus olhos amarelos fitaram o Inveja. – Mestre dos Segredos, Príncipe das Trevas, que peculiaridade é encontrares-te preso nela. As luas são coisas tão caóticas. Inconstantes, tremeluzentes. Assim como o sangue novo.

O Inveja ficou tenso.

– Que informações tens sobre o jogo?

– O que são os jogos senão oportunidades para nos gabarmos da vitória ou provarmos o sabor da derrota? Já não ganhaste? – O olhar do Colecionador de Medos flamejou. – Proceda com cautela, pois há muito a perder.

O aperto do Inveja na mão dela aumentou, mas Camilla

sentiu que tinha mais que ver com frustração do que com qualquer outra coisa.

– Fala sem rodeios. Ou isto é um enigma que tenho de resolver?

O Colecionador de Medos observou Camilla com os olhos semicerrados.

– Há muitos enigmas, muitos jogos, muitos jogadores. Se um príncipe de gelo cair, erguer-se-á um príncipe carmesim? Suponho que isso depende de quem cometer a matança. O sangue deve ser derramado.

Voltou a esconder-se nas sombras.

O Inveja praguejou.

– Ainda não acabámos.

– Curiosos são aqueles que se escondem à vista de todos. Cuidado, jovem príncipe. Há muitas serpentes venenosas e sorrateiras neste jardim soturno. O engano é o jogo mais perverso de todos.

De repente, um nome assomou à mente de Camilla – Prometeu –, como se o Colecionador de Medos o tivesse colocado ali para ela, luminoso e a rebentar na sua língua como um morango maduro.

Ela quis cuspir o nome, gritá-lo para o vazio, mas cerrou os dentes.

Se o Colecionador de Medos queria que ela fizesse alguma coisa na sua presença, Camilla iria conter-se o máximo de tempo possível.

Perguntou-se se ele teria feito o mesmo ao príncipe, mas recusou-se a perguntar-lhe até que estivessem novamente acima do solo.

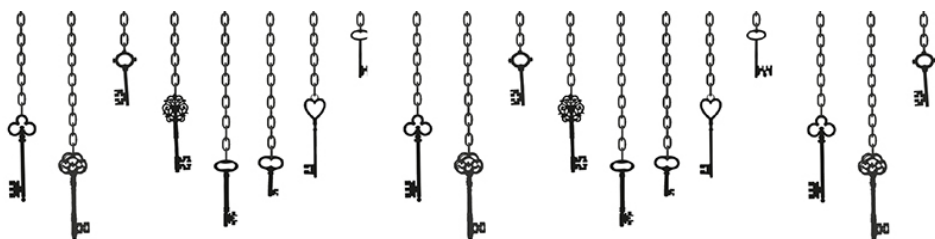
– É tudo? – perguntou o Inveja.

– As memórias, tal como os corações, podem ser roubadas. Os meus sussurros ecoam através das sombras, dos reinos, dos tempos e das dimensões, seguindo e

encontrando aqueles que precisam de os ouvir. Nunca deste ouvidos às advertências, jovem príncipe. Irás fazê-lo agora?

Com um olhar perturbado, o Inveja conduziu-os de volta ao túnel, para longe do Colecionador de Medos, sem olhar para trás uma única vez.





O subsolo cuspiu-os perto da orla da Floresta Sangrenta, uma zona não muito longe da fronteira do círculo do Inveja, onde o uso de magia era proibido.

O Inveja praguejou contra o Colecionador de Medos pelo presente de despedida. Planeara refazer os seus passos, mas o ser ancestral estava claramente empenhado em divertir-se e depositara-os num local de onde o Inveja não poderia regressar facilmente à sua corte. Não se esquecera de que havia rumores de que outro jogador teria visitado aquela floresta duas noites antes. Talvez encontrasse algum rasto dele.

Assim que chegassem em segurança ao seu domínio, usaria a sua magia para os levar para uma propriedade privada perto da sua Casa, onde poderia pensar sem ser interrompido.

O Inveja avançou à frente de Camilla, perguntando-se mais uma vez que segredos a artista estaria a esconder e de que forma poderiam encaixar-se no seu jogo. O Inveja não era do tipo de dar por si na ignorância. E não apreciava aquele mistério crescente.

Uma coisa era o Preguiça desconfiar – ele desconfiava

de todos os que conhecia até os ter investigado a fundo, desde a concepção ao nascimento e até ao momento presente –, mas para o Colecionador de Medos pressentir alguma coisa... o seu aviso fora claro. Camilla estava a esconder algo.

Variáveis e incógnitas eram uma garantia de derrota. E a derrota não era uma opção.

Por muito fervorosa que Camilla tivesse sido no seu pequeno discurso sobre deixar o passado para trás, certas cicatrizes moldavam o futuro. O Inveja cometera um erro. Um erro pelo qual não se perdoava. Toda a sua corte estava a sofrer as consequências, e ele tinha de o corrigir.

Mantinha a sua aversão pela realeza Unseelie, sem nunca esquecer o papel que tinham desempenhado. Era um conceito que ela não seria capaz de entender; a existência dela era um mero lampejo no tempo.

Até que ela tivesse perdido e desiludido os outros e sentido o peso da responsabilidade sobre os seus ombros, não podia dar-lhe lições sobre ir atrás da luz do Sol e esquecer por completo que o mundo também precisava de chuva para prosperar.

Para muitos, a escuridão nunca era tão apelativa como a luz, mas isso não significava que fosse menos importante. Demasiada luz do Sol definhava a alma.

A chave era o equilíbrio.

– Quem é o Prometeu? É mesmo o Titã do mito? – A pergunta interrompeu-lhe os pensamentos.

Teria ela percebido o que o Colecionador de Medos dissera naquela sua maneira tortuosa de falar?

O Inveja levou um dedo à boca e olhou em redor do caminho vazio, ouvindo com atenção. A floresta estava silenciosa, exceto pelas rajadas de vento, que gemiam e uivavam por entre os ramos desnudos, como rafeiros

assustados.

Estavam quase a chegar ao seu domínio, onde poderia usar a sua magia sem problemas.

– Não voltes a dizer o seu nome verdadeiro em voz alta.
– A mão do Inveja pousou na adaga, a sua atenção a percorrer de novo a floresta. – O príncipe-vampiro e os seus espiões estão sempre à escuta.

O rosto de Camilla empalideceu.

– Pensei que o nome dele era Zarus.

Os olhos do Inveja semicerraram-se.

– Para uma mortal que nunca esteve no submundo, sabes muitas informações interessantes.

– Acho que o Colecionador de Medos plantou o nome na minha cabeça – disse ela, na defensiva. Ele nem teve tempo de se interrogar sobre aquela singularidade, antes de ela acrescentar com sarcasmo: – E também porque o meu pai tinha muitas histórias para partilhar.

O controlo do Inveja sobre a sua paciência cedeu.

– Ah, sim. O homem que era de tal modo obcecado por linhas de domínio que construiu um túnel secreto em cima de uma delas. Diz-me, Camilla, porque estava o teu pai tão desesperado por encontrar uma forma de entrar em Faerie? Ou estaria ele à procura de certos reinos de metamorfos?

A boca de Camilla fechou-se numa linha reta, o seu olhar desviou-se. Ela manteve-se em silêncio.

– Por acaso, a mulher naquele quadro não era a rainha, pois não? – perguntou ele. – E não me refiro à monarca mortal. Sei que a Prim Róis se compara a Eva. Curioso que o quadro tenha sido batizado com o nome de Evelyn. Talvez o teu pai tenha tido um caso com a rainha Unseelie?

Se a mãe dela *fosse* uma metamorfa, teria desprezado ainda mais o caso. Os metamorfos e os *fae* misturavam-se tão bem como água e azeite.

O olhar inabalável de Camilla chocou com o dele; conseguiu atingir um ponto sensível.

O seu sorriso era tão incisivo como as suas palavras, mas o Inveja tinha de a pressionar até que a muralha sólida que ela erguera se partisse. Já estava na hora de saber com o que estava a lidar.

Lennox quisera que ela o acompanhasse até ao submundo. O Colecionador de Medos dera-lhe a ela a próxima pista.

E ele queria saber porquê. Porquê ela. Com o seu raro talento. Com o seu vasto conhecimento do seu reino. Com a sua capacidade de resistir à maioria das influências demoníacas.

Quem era a Miss Camilla Antonius? Era isso mesmo que ele tencionava descobrir.

Sem mais delongas, sem mais joguinhos. Se tivesse de ser implacável, que assim fosse.

O Inveja avançou um passo na direção dela, impressionado por ela não ter recuado. Homens com o dobro do tamanho dela encolher-se-iam perante um príncipe do Inferno.

– Os meus espiões descobriram muitas informações curiosas a respeito do teu pai.

Camilla gelou.

– Andaste a espiar-nos? – cuspiu a pergunta como se tivesse um sabor desagradável.

Ele inclinou a cabeça. O Inveja não gostava de despertar emoções relacionadas com o pecado do irmão, mas, quanto mais zangada Camilla ficasse, menos provável seria que guardasse todos os seus segredos.

– O que és tu, Camilla? Imortal? Mestiça? Ou apenas uma humana mentirosa e desonesta?

A fúria tingiu o tom de Camilla quando lhe respondeu:

– Que outras teorias absurdas gostaríeis de acrescentar, Vossa Alteza? Uma leoa? Uma águia? Já sei – ironizou –, talvez eu seja um lobo mau.

– Porque intrigas tantos seres das trevas, Camilla, se é que é esse o teu verdadeiro nome? O que sentem eles que eu e os meus irmãos não conseguimos detetar? Por que motivo és uma peça necessária ao jogo? O Lennox escolheu-te. Porquê?

A expressão dela fechou-se por completo. E algo dentro dele se tornou feroz.

Ele aproximou-se mais, precisando de saber o que ela escondia, precisando de a conhecer.

Aquele joguinho acabara.

O seu pecado atacou. Havia um muro entre ele e a vontade dela, e o Inveja investiu contra ele, dirigindo o seu poder sobre ele uma e outra vez, imaginando-o como um muro de gelo.

Quase impenetrável até que ele lhe abrisse uma pequena fenda.

Uma pequena fissura era tudo aquilo de que precisava para que o seu pecado irrompesse por fim.

Camilla reagia à inveja, ele já o tinha visto. O Inveja projetou imagens na mente dela, tanto para alimentar o seu poder enquanto ele próprio se esvaía quanto para atrair as suas verdadeiras emoções à superfície.

Imaginou a deusa da Morte, quando ela fodera o seu assistente à frente dele. O seu olhar ancestral cor de lavanda havia-se fixado no Inveja, tentando em vão atizar o seu pecado.

De repente, tanto ele como Camilla estavam juntos naquela memória, revivendo os seus pensamentos, pulsação a pulsação, enquanto Camilla observava, confusa, através da mente dele.

A atenção dele dirigiu-se para o vestido dela, obviamente escolhido tendo em mente aquele cenário em particular. Vittoria sempre fora a irmã gémea teatral; era de admirar que ela e Emilia tivessem conseguido convencer os seus irmãos – e todo o reino – de que eram uma só, havia tantos anos.

O vestido de Vittoria não era mais do que duas largas tiras de tecido cor de lavanda que lhe cobriam os seios e se uniam na cintura antes de se alongarem até ao chão. Longas faixas de pele bronzeada brilhavam com cada um dos seus movimentos.

O Inveja manteve as suas emoções dessa noite longe de Camilla, mostrando-lhe apenas a deusa enquanto Vittoria o observava, o seu desejo por ele a sangrar através das suas memórias, dirigindo-se diretamente para Camilla.

Não revelou que *não* se sentira excitado, nem nunca se sentiria, por Vittoria.

Recordou mais daquele encontro, como as mãos do seu assistente haviam percorrido o corpo da deusa, como os seus gemidos baixos haviam começado; atçou o ciúme de Camilla até se sentir quase embriagado com ele. Ele conseguia senti-la a repelir o seu controlo mental, a empurrar e a tentar forçar a saída, mas estava a funcionar. Camilla estava louca de inveja.

– Estás a brincar com o fogo – disse ele a Vittoria na memória. – Literalmente.

– Eu gosto tanto do fogo. – Vittoria rodopiou nos braços de Alexei, pressionando-se de costas contra a virilha dele, e rebolou lentamente. A partir daquela nova posição, podia observar o Inveja enquanto levava o vampiro a um frenesim alimentado por luxúria. Um intuito que ela já atingira, a julgar pelos gemidos e impropérios de Alexei.

– Se estás a tentar atçar o meu pecado, terás de fazer melhor do que isso – retorquiui o Inveja.

– Oh, Inveja. Se eu quisesse atçar o teu pecado, fá-lo-ia. –

A mão de Vittoria deslizou para dentro das calças do vampiro, o seu punho movimentando-se para cima e para baixo a um ritmo constante enquanto ele gemia.

– Podes ficar a ver. Ou podes juntar-te...

Camilla parecia quase selvagem na sua mente, rasgando a memória em pedaços.

O ciúme dela era diferente de tudo o que ele já sentira antes, era um abismo profundo, aparentemente sem fim. Até então, Camilla mantivera as suas emoções fechadas dentro de si.

E só agora é que ele começara a descobrir a profundidade desse poço.

Num momento, tinha-a na sua mente; depois, de repente, sem qualquer aviso, Camilla empurrou uma memória para dentro *dele*. Escolhera bem a sua ofensiva.

O Inveja ficou a ver enquanto Camilla apoiava as mãos nas coxas do homem – o tecido das suas calças esticava-se com o seu volume – e se inclinava para a frente, a língua a despontar para molhar os seus lábios cheios.

Com dedos ágeis, Camilla abriu-lhe as calças, puxando lentamente a sua ereção para fora. O Inveja esforçou-se por ver a cara do homem, querendo marcá-la para o futuro, mas só conseguia ver o que Camilla permitia na sua memória.

E a atenção de Camilla estava inteiramente concentrada na pila tesa diante dela.

O Inveja esforçou-se por se libertar daquela cena, mas Camilla fixou-se nela, alimentou-a mais.

Na memória, ela reposicionou-se, depois fechou timidamente a boca em torno da ponta, as suas bochechas encovadas enquanto o homem a instruíu a chupar.

O Inveja quis enfiar o punho numa parede.

Os longos dedos do outro homem mergulharam no

cabelo prateado de Camilla, entrelaçando-se nele para a guiar para o movimento desejado. Na memória, Camilla quase se engasgou quando o homem se aprofundou na sua boca. Ele agarrou-lhe o cabelo com mais força e as suas investidas atingiram o fundo da garganta dela. Na memória, Camilla sentiu que estava a sufocar – isso excitou-a e assustou-a. As lágrimas desceram-lhe pelas faces, enquanto o cabrão lhe fodia a boca com tanta força e rapidez que ela não conseguia respirar.

O Inveja gritou na memória, precisava de sair. Não lhe importava que ela tivesse estado com outro, mas vê-lo... Deixava-o louco. E o cabrão – quem quer que ele fosse – não tinha sido gentil. Viera-se, sem se importar com o conforto da mulher.

Só percebeu que ela parara de o provocar – conseguira, de alguma forma, libertá-los a ambos da memória e encostara-o a uma árvore – quando ela tirou do cinto o punhal que o Inveja lhe dera e o encostou à garganta dele, os seus olhos prateados a brilharem de forma igualmente ameaçadora na noite.

Ambos respiravam com dificuldade, os seus olhos chamuscados de inveja.

O Inveja pensou que ela lhe ia cortar a garganta naquele preciso momento. E seria merecido. Talvez ele o quisesse – depois daquela memória, ele precisava que acabassem com o seu sofrimento. A imagem dela de joelhos, a dar prazer a outro, era demasiado forte.

– Vá lá, criatura. Magoa-me. – O peito dele inchou com a sua respiração pesada.

Em vez disso, ela atirou a lâmina para o chão e puxou o rosto dele para o seu, as suas bocas chocando uma contra a outra.

A fome apoderou-se deles. Ou a loucura.

Ele sabia que não era loucura, mas puro e absoluto ciúme.

Ela não perguntou sobre Vittoria, e ele não perguntou sobre o homem da memória.

Ambos precisavam de esquecer que outros amantes haviam entrado nas suas vidas, precisavam de se gravar um ao outro nas suas memórias mais recentes. O jogo deles sofrera uma reviravolta.

De repente, a língua de Camilla estava na boca dele e o punho dele estava no cabelo dela, e aquele beijo era diferente de todos os outros que ele já dera. Ela recuou, passeando o olhar sobre ele, possessiva e repleta de uma necessidade crua, depois rasgou-lhe a camisa, beijando-lhe o pescoço.

Deteve-se novamente quando chegou ao maxilar, tempo suficiente para passar as mãos pela parte da frente do corpo dele, traçando-lhe as tatuagens, a saliência de cada músculo ao longo do abdômen. A tinta verde-caçador-escura aplicada logo abaixo da linha da cintura era uma frase em latim que ele admirava. Mas era apenas uma das suas tatuagens. *Non ducor, duco*. «Não sou liderado, lidero.»

– É lindo. – As suas mãos de pintora foram seguindo as linhas à medida que estas desciam. – Poderoso.

O gemido que lhe escapou da boca foi totalmente demoníaco.

– Camilla.

Ele puxou-a contra si, acariciando-lhe os seios enquanto ela lhe mordiscava o pescoço.

– Beija-me como se eu fosse a única coisa em que conseguisses pensar – sussurrou ela contra a sua boca.

Foda-se, ela já era.

O Inveja pressionou-a contra a mesma árvore, puxando-lhe o corpete para baixo para finalmente libertar aqueles

seios gloriosos. Eles despontaram, formosos e dourados nas sombras das árvores.

Ele aprofundou o beijo até que ela começou a gemer, arqueando-se contra ele.

La devorá-la naquele caminho amaldiçoado, fazendo-a esquecer a existência de mais alguém naquele reino.

E Camilla estava demasiado disposta a que ele fizesse isso mesmo.

O Inveja encaixou-se entre as coxas dela e começou um lento e rítmico roçar do seu corpo contra o dela, uma promessa do que estava para vir.

Camilla pressionou de volta, oferecendo o mesmo que estava a receber.

Ele apalpou-lhe o seio enquanto ela mordida o lábio, rolando-lhe o mamilo entre os dedos até que este endurecesse; depois, os seus dedos desceram até à bainha do vestido, e ele agarrou o tecido, tentado a rasgá-lo em pedaços.

Camilla produziu um som impaciente no fundo da garganta quando ele expôs lentamente as suas coxas cobertas de meias, e depois a carne nua acima delas, onde ela não tinha nada vestido.

Os seus nós dos dedos roçaram a zona em que desejava enterrar-se, já húmida com a excitação dela.

O Inveja queria demorar-se, concretizar cada uma das suas fantasias e fazê-la vir-se até que ela não aguentasse nem mais um pinga de prazer, mas a sua pila doía-lhe.

Não podia esperar mais. Era bem antes do que ele planeava, mas o que eles haviam acabado de fazer... tinham ido longe de mais. Agora, ele tinha de a reclamar.

O Inveja não queria saber dos segredos dela, de quem ele era ou do seu objetivo, tudo o que desejava era perder a decência e foder como um animal.

Num movimento sobrenaturalmente rápido, colocou Camilla no chão debaixo dele, as pernas dela enroladas em torno do seu corpo, puxando-o para mais perto, prendendo-o contra si.

Como se ele se fosse embora agora!

O Inveja não pensou no jogo ou no que ela havia desencadeado, os seus pensamentos limitavam-se apenas a ela. As suas bocas, línguas e dentes chocaram, as suas mãos agarraram-se e apertaram-se como se estivessem a lutar para estarem dentro da alma um do outro.

Ele recomeçou aquele movimento lento e impetuoso, desta vez com as suas calças contra a carne nua dela. Um pequeno pedaço de pano impedia-o de estar completamente encaixado dentro dela.

– Diz-me para parar, Camilla.

Se ela não o fizesse, ele reclamá-la-ia. Naquele momento. Arruiná-la-ia para todos os outros amantes.

Talvez ela lhe fizesse o mesmo.

As ancas dele pressionaram-na, com mais força, mais depressa, encontrando um ponto que a fez agarrá-lo com mais força, as unhas esculpindo meias-luas na pele dele, marcando-o também.

Os olhos de Camilla fecharam-se. Ele voltou a pressionar aquele ponto, adorando a forma como ela arquejava. Os dedos dela cravaram-se nos ombros dele, segurando-o com força.

– Não te atrevas.

Camilla estava a despertar-lhe as calças quando ele o ouviu.

Um instante depois, já estava de pé, com a adaga na mão, a examinar a floresta. Moveu-se tão depressa que Camilla nem sequer tivera tempo de reclamar.

Não havia nada ali, mas ele sentia outra presença.

Tinham sido imprudentes.

Ele tinha sido imprudente. O Inveja nunca devia ter deixado que a paixão e o ciúme lhe toldassem o juízo. Sabia como a Floresta Sangrenta podia ser perigosa. Sabia o que o Colecionador de Medos fizera, e mesmo assim deixara que o desejo se sobrepusesse à sua razão.

O Inveja estendeu a mão, mantendo a sua atenção na floresta, à espera.

– Vem, querida. Acabamos isto na Casa Inveja.

Camilla não lhe estendeu a mão. Não disse uma palavra.

Ele olhou para baixo.

Ela tinha desaparecido.

– Foda-se.

O jogo já fizera a sua próxima jogada.

Onde antes ela estivera estendida e desejosa, estava apenas uma carta, o Coração Imortal virado para cima. Era o símbolo da corte dos vampiros.

Zarus estivera a ouvir e queria que o Inveja soubesse. Bem, agora já sabia.

O Inveja olhou fixamente para o símbolo infame – um coração anatómico, atravessado no centro por um punhal com uma caveira a pingar sangue –, e a sua respiração tornou-se lenta e constante à medida que uma calma assassina se apoderava dele.

O príncipe-vampiro podia ser um morto-vivo, mas ainda havia formas de mudar isso.



Foi tudo tão rápido que Camilla só sentiu que estava em perigo quando já era tarde de mais.

Primeiro, estava à beira de se deixar levar por um mar de luxúria erótica sem fim, implorando silenciosamente para ficar para sempre ligada ao seu príncipe sombrio.

A seguir, estava a cair entre reinos. O seu corpo parecia estar a ser despedaçado, com agulhas a picar e a morder como dentes ao longo de cada centímetro da sua carne. O seu raptor permaneceu uma mera sombra até que o portal – ou qualquer que fosse a magia que os transportava – os cuspiu com violência.

Uma mão grande e fria colocou-a de joelhos. Ela virou-se, furiosa.

A coragem a que se agarrara morreu.

Todos os seus instintos gritaram-lhe que devia fugir. Não era tanto a aparência do homem, mas sim o que ela sentia que compunha as fibras dele.

A tensão adensou o ar enquanto se olhavam mutuamente.

Por fora, ele parecia-se com qualquer outro membro da corte. A sua roupa era simples, mas elegante. Uma camisa

que qualquer lorde usaria, enfiada por baixo de um casaco escuro de cauda de andorinha. As calças castanhas assentavam-lhe bem nas pernas longas e tonificadas. As botas de montar de couro macio chegavam-lhe à barriga das pernas.

Tinha uma constituição forte, era um homem feito para lutar.

O seu cabelo castanho curto estava despenteado, como se não se pudesse dar ao trabalho de o domar ou preferisse uma aparência selvagem que inspirasse pensamentos perversos. Os seus olhos penetrantes eram emoldurados por uma franja de pestanas grossas e escuras.

Foram esses olhos cativantes – carmesim, a roçar o preto – que revelaram *o que* ele era.

Um vampiro.

Camilla engoliu em seco.

– Não seria sensato causares-me problemas. – A voz dele era grave, áspera.

Um fio de medo paralisou Camilla.

Ele agachou-se, fitando-a com um olhar duro que prometia violência se ela não se portasse bem. Mesmo nesta nova posição, quase ajoelhado perante ela, ele exalava poder.

– Entendido?

Camilla fez que sim com a cabeça, a boca subitamente tão seca como a praia onde tinham aterrado.

Ele estudou-a mais uma vez e depois levantou-se.

– Levanta-te, cordeirinho. Ajeita o teu vestido.

Camilla agarrou-se ao corpete e ajustou-o; tinha-se esquecido de que o Príncipe Inveja o arrancara num acesso de paixão. Parecia que se tinham passado horas desde que estivera nos braços dele, e não minutos. Se conseguisse fugir para longe o suficiente...

Olhou em volta e viu o que a rodeava, o seu estômago a contrair-se à medida que os seus piores receios se tornavam realidade.

Não havia nenhum sítio *para onde* pudesse fugir.

Não que fosse capaz de fugir a um vampiro. Já não estavam na floresta ou mesmo perto da tundra gelada do domínio do príncipe-demónio. Estavam numa praia aparentemente deserta, com areia preta e brilhante e água a condizer, o nevoeiro a pairar ao longo da costa.

Um par de luas carmesim estava suspenso no céu, dois olhos vigilantes vindos do inferno. O ar estava quente, desconfortavelmente quente.

Um facto que não era de estranhar, uma vez que os vampiros não produziam calor corporal. Que Deus a salvasse, Camilla estava no reino dos vampiros e o Príncipe Inveja não se encontrava em lado nenhum.

Como se estivesse a ler a mente dela, o vampiro disse:

– O teu amante não se irá juntar a nós. A espécie dele não é bem-vinda na Ilha da Malícia.

Ilha da Malícia. A ilha-nação onde os vampiros viviam tinha um nome apropriado.

A própria atmosfera era ameaçadora, como se quisesse cravar os dentes nos viajantes e provar os seus medos mais profundos.

À sua esquerda, uma floresta tropical – ou o que outrora fora uma floresta tropical, mas que agora estava coberto de podridão e morte – estendia-se até onde a sua vista alcançava. Ao longe, uma torre gótica erguia-se no alto das nuvens, como um demónio que se eleva do submundo, vigiando o seu domínio incandescente. Uma sombra escura no horizonte indicava que o nascer do Sol não tardaria a chegar; se conseguisse aguentar mais uns momentos, teria alguma hipótese.

– Mexe-te, cordeirinho.

– Para onde? – perguntou Camilla, empatando.

Não comentou o nome que ele lhe tinha dado. O aviso era claro: na sua mente, Camilla estava a caminho do abate. Ele não via necessidade de atribuir um nome à sua refeição.

Ele sacudiu o queixo para a esquerda.

Uma gruta com uma entrada larga, um bastião de segurança para a criatura do crepúsculo e uma morte certa para Camilla. Se o vampiro a prendesse lá dentro, ela teria poucas hipóteses de escapar.

– Não gosto do escuro – disse Camilla. – Senhor...

– Blade. – Ele sorriu, as suas presas a brilharem. – Agora mexe-te antes que eu te obrigue.

Blade não lhe deu qualquer hipótese de agir por si própria, levantou-a e empurrou-a com força em direção à gruta. Não escondeu a sua força sobrenatural, não se retraiu como o Inveja deveria ter feito de cada vez que lhe tocara.

Blade arrastou-a pela areia, os grãos entrando nas suas sandálias, arranhando-lhe a pele enquanto ela mexia os pés, lutando para se firmar. Estavam mesmo à entrada da gruta e não havia esforço que conseguisse quebrar o aperto de ferro do vampiro.

Blade aproximou a sua boca do pescoço dela, e ela estacou.

– Não te esqueças de fazer uma vénia.

Ele empurrou-a pela abertura da gruta.

Em vez de dar por si dentro da gruta, como esperava, cambaleou para dentro de uma sala muito bem decorada. Pestanejou ao ver o chão negro reluzente, o seu reflexo de olhos arregalados e selvagens a olhar de volta para ela.

A gruta era um portal para o castelo. Camilla controlou

de imediato as suas feições.

Parecer uma presa num lugar onde o era não lhe serviria de nada. A sua atenção desviou-se ao longo do chão polido até às paredes, de cor preta e atravessadas por fios carmesins.

O coração disparou-lhe. A sua atenção deslocou-se para mais longe, para o centro da sala.

Um estrado, um trono e... lá estava sentado o príncipe-vampiro em pessoa, cabelo cor de trigo pálido, olhos azuis como gelo, uma expressão inumana no seu rosto intemporal. Ele estava a observá-la, o seu olhar percorrendo o topo da sua cabeça, parando no seu pescoço, depois continuando até aos seus pés, até que o arrastou novamente para cima e o fixou no seu rosto.

Não parecia impressionado. Ou tivera imensa sorte ou muito azar.

Lembrando-se do que Blade lhe dissera, Camilla ajoelhou-se e encostou o queixo ao peito. Era preferível entrar no jogo e viver do que optar pelo desaforo e acabar morta.

Ou pior.

Manteve a sua atenção fixa no chão à sua frente, mesmo quando um par de botas polidas entrou silenciosamente na sua linha de visão, a ponta dos pés a brilhar como prata.

Ele movia-se como uma sombra.

Dois dedos gelados levantaram-lhe o queixo, obrigando-a a olhá-lo de volta. Para os olhos de um monstro.

Um monstro lindo.

A boca de Camilla secou, o controlo que exercia sobre o seu corpo foi-se perdendo. Ouvira rumores de que os vampiros da realeza eram os mais letais, os mais poderosos, sobretudo quando tocavam em alguém. As histórias eram terrivelmente verdadeiras.

O príncipe ainda nem sequer tinha falado, ainda não fizera mais do que pressionar dois dedos suaves contra a sua pele, e o corpo de Camilla já estava pronto para lhe dar tudo o que ele desejasse.

Uma necessidade avassaladora de lhe agradar, de arquear o pescoço ou de lhe oferecer o pulso, concedendo-lhe a honra de penetrar na sua pele com as presas, apoderou-se dela.

O que tornou tudo mais aterrador foi o facto de ela estar *consciente* do perigo, do terror do que ele estava a fazer, mas ser incapaz de resistir. O seu corpo *queria* o veneno dele.

O seu olhar tornou-se incandescente à medida que lhe percorria a pele.

Alguns momentos antes, ainda mais carne tinha sido exposta, quando ela e o Inveja haviam estado loucos de desejo. Camilla agradeceu silenciosamente a Blade por lhe ter dito para se cobrir; aquela pequena misericórdia fora uma tábua de salvação.

O príncipe ergueu-lhe o braço, o polegar acariciando o ponto de palpitação no pulso.

O terror apoderou-se da sua mente, mas o seu corpo vibrou. *Queria* chorar, mas apenas conseguiu emitir um pequeno gemido que saiu muito semelhante a um som de necessidade.

– Vossa Alteza.

A voz fria atravessou o calor.

– Foi esta que disse o vosso nome. Encontrei-a com o Inveja.

O príncipe deixou cair o braço dela, as narinas dilatadas, farejando-a.

Camilla cambaleou para trás, já não se importava se o tinha ofendido. Queria estar o mais longe possível do seu

toque letal, embora o seu corpo ainda se inclinasse para ele, desejoso. O poder dele sobre ela ainda não se tinha dissipado por completo.

Ele observou-a com um novo interesse.

– A amante do Inveja.

A voz do príncipe-vampiro era sedosa, concebida para seduzir. Ela perguntou-se quantos mortais teriam perdido a vida por causa daquele som pecaminoso.

– Ou uma diversão, Zarus.

– Só há uma forma de descobrir.

– Aconselharia fortemente a mandá-la de volta – disse Blade. – O Ira está a postos para atacar. Não precisamos de perder um potencial aliado como o Inveja, também.

O sorriso do príncipe foi afiado como uma navalha.

– Deem-lhe banho. Quero que o fedor a demónio desapareça antes do jantar.



Camilla só voltou a recuperar os sentidos por completo quando Blade a arrastou para fora da sala do trono e fechou a porta.

Virou-se para ela.

– Queres começar uma guerra, cordeirinho?

– Parece que não importa o que eu quero – disse ela, esfregando os braços.

– Permite-me dar-te um conselho. – Blade avançou sobre ela, a raiva a arder no seu olhar carmesim. – Não te ofereças ao príncipe. Pôr duas cortes uma contra a outra não vai acabar bem para ninguém.

– Como se eu tivesse escolha. Compreendes que o toque dele elimina todo o controlo sobre o corpo?

O olhar dele obscureceu-se com desconfiança.

– Não é possível. Isso só acontece quando ele presenteia um mortal com a sua língua. Devia ser o terror a atormentar-te o coração. Não o desejo.

A atenção de Blade percorreu o corredor, e ela percebeu que ele estava a pensar rápido. Voltou a puxá-la para a frente, a voz baixa.

– O Inveja sabe o que tu és?

«Não, mas ele tem-se esforçado por descobrir», pensou ela.

– Eu sou uma artista.

Blade atirou-a contra a parede.

– Não há magia que esconda a verdade do sangue.

Blade parecia estar a considerar mordê-la. Camilla susteve o olhar dele, desafiando-o silenciosamente a fazê-lo.

Jurou que ele se iria arrepender.

– Finge que tens medo da próxima vez que estiveres perto de Zarus, ou ele ficará curioso. Eu vi a tua reação. Agradece que ele não estivesse a prestar atenção. Garanto-te que a curiosidade é a última das emoções que gostarias de lhe despertar. Queres sair daqui?

Camilla assentiu.

– Então combate a tua verdadeira natureza. Ou encontra a sua nova princesa.

Ele aliviou por fim a força com que a agarrava, e ela afastou-se da parede.

– Porque me estás a ajudar?

– Estou a ajudar a minha corte. Neste momento, estamos à beira de um abismo, graças a uma jogada insensata que o nosso príncipe fez recentemente, e irei proteger estes vampiros a todo o custo. Se isso significar dar-te de comer aos lobos, não hesitarei em fazê-lo.

Ele passou por ela e abriu uma porta que Camilla não se

apercebera de que estivera atrás de si.

– Tranca a porta. Não a abras a ninguém até eu te vir buscar outra vez. – Ele não disse que a precaução era para manter o príncipe afastado, mas Camilla sabia que era essa a intenção. O aviso estava lá, a reluzir-lhe nos olhos. Se ela ainda não tinha sido mordida era porque Blade intervieria. Duas vezes.

Camilla não queria ficar a dever-lhe mais favores. Sentiu que não seriam de graça.

Passou por baixo do braço dele e fez o que ele sugeriu, perguntando-se, enquanto o ferrolho deslizava, como iria controlar os seus sentidos da próxima vez que Zarus lhe tocasse. Parecia que havia de facto algumas verdades às quais ela não podia fugir, por muito que tentasse.

Como se costumava dizer, o sangue não mente.

Um castelo repleto de vampiros era talvez o lugar mais perigoso para alguém com segredos como os dela.



Blade regressou logo a seguir ao seu banho, parecendo também ter acabado de tomar um.

Camilla não pôde deixar de se sentir desapontada quando ouviu a sua voz do outro lado da porta. Nunca fora do tipo de recorrer à religião, mas rezara para que fosse o Inveja a estar ali, parecendo-se suspeitosamente com um anjo. Algo que sabia que ele iria detestar.

Enquanto estivera sozinha, tivera tempo para rever os acontecimentos que haviam conduzido ao seu rapto.

O Colecionador de Medos dera-lhe aquele nome, Prometeu. Pelos vistos, era o verdadeiro nome do príncipe-vampiro, o que fazia sentido. Caso contrário, Zarus estaria a ser inundado por um número excessivo de criaturas a

dizer o seu nome diariamente. O Colecionador de Medos ou soubera – ou apostara – que Camilla o diria em voz alta.

Tinha a certeza disso. O que significava que isto tinha de fazer parte do jogo. Tudo o que ela tinha de fazer era sobreviver até o Inveja descobrir a pista, se é que ainda não o fizera.

A não ser que aquilo fizesse parte do jogo que teria de ser *ela* a desvendar... A sua mente encheu-se de novas possibilidades. Se tivesse sido enganada para vir à corte dos vampiros, o mestre do jogo tinha uma razão para isso. Tinha de haver ali alguma coisa que ele queria que ela descobrisse. Mas o quê?

Blade lançou-lhe um olhar gélido quando ela manteve a porta meio fechada.

Em vez de a conduzir para o corredor, forçou a entrada no quarto dela.

– Dá-me o teu pulso.

Ela apertou-o contra o peito. Os vestidos que encontrara à sua espera depois do banho deixavam-lhe grande parte da pele a descoberto. O de cor de ameixa, escuro e sem mangas, que usava agora era o mais decente, e o seu decote mergulhava até ao umbigo. O lado direito da saia tinha uma racha até à coxa, e a seda abraçava-lhe todas as curvas, como se tivesse sido pintada sobre a pele dela.

Duas pequenas alças mantinham a parte de cima no lugar, mas por pouco. Um movimento rápido em qualquer direção e ficaria completamente à mostra. Estremeceu ao imaginar-se tão nua em frente ao príncipe-vampiro.

– Não.

– Preferes oferecer-me a tua garganta?

A boca dele curvou-se numa imitação provocadora de um sorriso, enquanto o seu olhar descia para a racha do vestido. Não havia nada de excitante ou sensual no seu

olhar, apenas escárnio. Blade gostava de lhe recordar que ela não passava de uma refeição quente.

– Há sempre a artéria femoral, se te sentires um pouco mais ousada.

Ela encarou-o com um olhar severo.

– Estiveste a beber?

– Ocorreu-me uma ideia.

Ele deixou-se cair casualmente numa cadeira de espaldar alto, o seu olhar percorrendo-a novamente, desta vez de forma contemplativa.

– Os vampiros são altamente territoriais por natureza. Mesmo o príncipe não tocaria no que pertence a outro, pelo menos não sem uma grande demonstração de luta pelo prémio. Se fosses mordida por outro, ele teria de apresentar um repto oficial.

– Deixa-me adivinhar – disse ela sem rodeios –, queres possuir-me.

– Não, querida, quero livrar-me de ti. Da forma mais fácil possível.

Ele inclinou-se para diante, as mãos juntas à sua frente. Se não fosse pela fome que lhe dominava a expressão, teria parecido enganadoramente relaxado.

– Uma dentada. Uma marca. Zarus não voltará a interessar-se por ti.

Na vida, era raro que as coisas fossem tão simples como Blade queria fazer parecer. De facto, sempre que alguém prometia uma solução fácil para um problema difícil, o mais sensato seria fugir o mais depressa e para o mais longe possível. De uma coisa Camilla tinha a certeza: se Blade queria o seu sangue, era precisamente isso que ela não trocaria. Era óbvio que ele tinha as suas suspeitas, e ela não as iria confirmar.

Pelo menos não de bom grado.

Certos segredos mereciam ser guardados pelo maior tempo possível, custasse o que custasse.

– Deve haver outra solução – disse ela.

– O teu príncipe-demónio não vem, cordeirinho. Somos tu e eu, ou tu e o Zarus. Ao contrário do príncipe, eu não te vou transformar. E não vou tentar foder-te.

– Podias simplesmente ajudar-me a fugir.

O riso de Blade foi profundo e sombrio.

– Qual seria a piada disso?

Camilla não fez qualquer comentário. Não esperava que ele a ajudasse, por isso a sua rejeição não a surpreendeu.

Ele levantou-se da cadeira, um presságio sombrio em carne e osso, e fez-lhe sinal para que a seguisse.

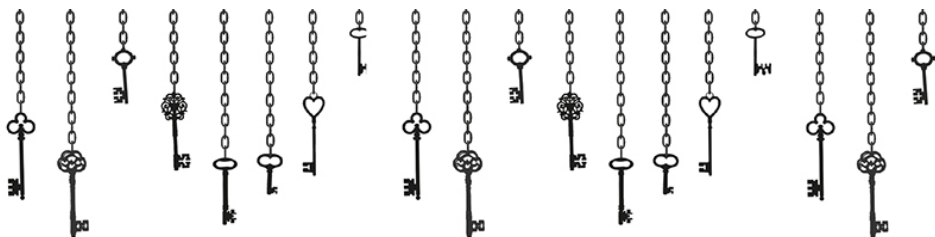
– Parece que já fizeste a tua escolha. Mexe-te. Vamos atrasar-nos para o jantar.

Camilla voltou a olhar para o seu vestido de seda, para toda a pele tentadora que expunha. Blade deixara claro que não a via como outra coisa que não fosse alimento, mas outros vampiros não sentiriam o mesmo.

– Espero sinceramente não ser a entrada desta noite.

Não estava a tentar ser engraçada, mas de repente o olhar insondável de Blade cintilou de divertimento.

– Vai depender. Tenta manter a cabeça fria e talvez fiques bem.



O Inveja atravessou a Floresta Sangrenta em direção à sua Casa do Pecado, com o Coração Imortal a queimar-lhe um buraco no bolso. Zarus levava aquilo que pertencia ao Inveja. Mesmo por baixo do seu nariz.

Literalmente.

Abriu caminho através da floresta densa e dos arbustos, a casca dos troncos brilhando como dedos sangrentos ao luar. O nevoeiro contornava a base das árvores carmesim, denso o suficiente para obscurecer o chão e qualquer armadilha desagradável que pudesse ser montada.

O Inveja não abrandou o passo. Mal olhava para o que o rodeava.

Entre a tensão crescente do jogo de memória que ele e Camilla haviam disputado e o rapto, transformara-se numa criatura primitiva e territorial, movida pelo instinto de recuperar e proteger o que lhe pertencia. Não existia nenhum príncipe astuto. Apenas um demónio furioso.

O Inveja presumiu que fosse fruto de ter sentido demasiado o seu pecado depois de o ter distribuído tão cuidadosamente ao longo dos últimos anos. Distraía-se. Quase se esquecera de quem era, do que estava em jogo, e

por pouco não se precipitara para a corte dos vampiros sem um plano.

Contudo, invadir a corte dos vampiros teria sido uma jogada terrível. A sua inveja acabou por arrefecer naquele lugar perigoso que ele buscava no seu íntimo, desanuviando-lhe a mente até que todas as peças das últimas horas por fim se juntassem.

«Há muitos enigmas, muitos jogos, muitos jogadores. Se um príncipe de gelo cair, erguer-se-á um príncipe carmesim? Suponho que isso depende de quem cometer a matança. O sangue deve ser derramado.»

A mensagem do Colecionador de Medos pretendia ser enganadora, mas o Inveja compreendeu que parte constituía o verdadeiro enigma quando Camilla dissera aquele nome infame.

Tudo começou a fazer sentido: o príncipe-vampiro tinha de morrer. E um herdeiro de olhos carmesins teria de tomar o seu lugar.

– Pelos ossos dos deuses. – Iria aquele jogo alguma vez ter fim? Era claro que Lennox tinha um objetivo mais profundo do que até o Inveja imaginara, usando os seus jogadores para mover peças muito mais importantes no submundo em seu nome.

A não ser que a morte do príncipe-vampiro fosse apenas para causar o caos – Lennox prosperava com o caos, criava-o sempre que podia. Os *fae* e os seus éons de vida sabiam que rompia a monotonia da imortalidade.

O Inveja tinha noção de que o Ira e os seus irmãos não ficariam satisfeitos com o que ele teria de fazer a seguir. Seria demasiado arriscado, causaria demasiada agitação. Mas o Inveja não tinha escolha.

Camilla desaparecera e Lennox haveria de ter o seu caos, de uma forma ou de outra. A queda da corte do

Inveja também causaria agitação no seu reino. E ele jurara proteger os seus demónios a todo o custo.

Nunca fizera semelhante jura à corte dos vampiros. Por isso, iria orquestrar um regicídio. Mesmo que isso favorecesse a conspiração do rei Unseelie.

Não seria fácil. O Inveja teria de convencer o único membro da realeza de olhos vermelhos que conhecia a assassinar o seu príncipe herdeiro a sangue-frio.

Isso revelaria o segredo de Blade. Um segredo que ele mantivera escondido do resto da sua corte durante dois séculos. Até ele ter sido gerado, nunca existira outro membro da realeza de olhos vermelhos. Pelo menos que o Inveja soubesse.

Precisaria de Alexei para entregar a mensagem. Seria a única forma de garantir que Blade levaria o pedido a sério em vez de mandar o Inveja à merda.

Enviaria Alexei de imediato e depois...

Uma gigantesca árvore prateada com madeira nodosa e folhas de ébano com veios prateados atraiu-o. A Árvore dos Condenados.

A mente do Inveja girou em torno de um quadro da sua coleção – e da placa de prata que mandara fazer para explicar a fábula que envolvia aquela árvore mágica. Lera-a tantas vezes ao longo dos anos que memorizara a maldita história.

FÁBULA DA ÁRVORE DOS CONDENADOS

NAS PROFUNDEZAS DO CORAÇÃO DA FLORESTA SANGRENTA ENCONTRA-SE UMA ÁRVORE PLANTADA PELA PRÓPRIA ANCIÃ. DIZ-SE QUE, ENTRE OUTROS FAVORES, A ÁRVORE CONSIDERARÁ AMALDIÇOAR UM INIMIGO DECLARADO SE O DESEJO DE O FAZER FOR VERDADEIRO.

PARA SOLICITAR A MALDIÇÃO DA ANCIÃ: ENTALHA O SEU VERDADEIRO NOME NA ÁRVORE, ESCRIVE O TEU DESEJO NUMA FOLHA ARRANCADA DOS RAMOS E OFERECE À ÁRVORE UMA GOTA DE SANGUE. LEVA A FOLHA PARA CASA E COLOCA-A DEBAIXO DA TUA ALMOFADA. SE TIVER DESAPARECIDO QUANDO TE LEVANTARES, A ANCIÃ ACEITOU A TUA OFERTA E CONCEDEU O TEU DESEJO. ELA É A MÃE DO SUBMUNDO – CUIDADO COM A SUA DÁDIVA.

A pele do Inveja arrepiou-se. Aproximou-se da árvore, abrindo caminho por entre as raízes apodrecidas que cobriam o chão e dificultavam o seu avanço. As raízes pareciam ossos partidos que se erguiam da terra, numa tentativa falhada de se libertarem daquela floresta amaldiçoada.

A névoa deslizava-lhe em torno das botas, envolvendo-lhe as pernas. Quer o aproximasse da árvore, quer o tentasse afastar, não importava. Podia jurar ter visto algo entalhado nela que lhe fez acelerar a pulsação.

Esmagou as folhas quebradiças que haviam caído, parando junto ao tronco largo, e depois praguejou.

LEVIAETHAN.

Eram poucos os que acertavam na escrita do verdadeiro nome do Inveja; era um dos segredos mais bem guardados que um príncipe-demónio podia ter. Os príncipes eram sempre conhecidos pelo pecado que governavam, escondendo o seu verdadeiro nome de qualquer um que tentasse vinculá-los.

Ter o seu nome gravado na Árvore dos Condenados era muito preocupante.

Examinou a área, reparando nas aparas frescas de madeira que cobriam as folhas geladas perto da inscrição. Quem quer que tivesse entalhado o seu verdadeiro nome,

fizera-o recentemente. Provavelmente há poucos minutos.

Pensou na coluna de mexericos, no rumor do jogador que fora visto a dirigir-se para esta mesma floresta.

Tirou a adaga da sua Casa da bainha, baixou a cabeça para ouvir.

Os insetos zumbiam, o som abafava os passos.

Mas o jogador estava perto. O Inveja sentia-o agora. Jurou sentir o ar a sustar a respiração juntamente com quem se atrevera a amaldiçoá-lo. Como se já não estivesse amaldiçoado o suficiente.

Contornou o tronco largo da árvore, escutando. Observando.

O nevoeiro e a névoa manipulavam-lhe os sentidos, como fumo e espelhos, fazendo com que as sombras tremeluzissem na sua visão periférica. O jogador estava a usá-los para sua vantagem.

Ou, pelo menos, era o que ele pensava.

O Inveja era o verdadeiro predador naquela floresta. E ainda apreciava uma boa caçada de vez em quando.

Moveu-se como uma sombra, com os sentidos em alerta.

Ali.

Agachado atrás de um arbusto de folha persistente.

O covarde baixou a cabeça para os joelhos, mantendo o rosto virado para o outro lado.

O Inveja ergueu a sua lâmina, a sua intenção clara. Um galho estalou atrás de si.

O Inveja retesou-se.

– Não lhe toques.

A voz era familiar, e indesejável. A deusa da Morte chegara.

– Ele é meu.

Vittoria apareceu como que vinda do nada e aproximou-se do jogador, passando as mãos pelo seu cabelo.

Certificando-se de que ele ainda estava vivo, obrigou-o a levantar-se.

Ele obedeceu às ordens dela.

O Inveja recuou. O jogador era *fae*. Não era humano. As suas orelhas alongadas tinham vários furos, os pequenos sóis assinalando a Corte dos Seelie. Vittoria inclinou-se e beijou-o, completamente indiferente à lâmina demoníaca que o Inveja ainda empunhava.

O Inveja cerrou os dentes.

– Ele faz parte do jogo. Pertence ao Lennox.

Vittoria ignorou-o, dando um passo atrás.

– Eu sei. Mas ele veio ter comigo. – Lançou ao *fae* um olhar apreciativo. – Foi *muito* persuasivo ao pedir-me ajuda para o seu joguinho.

O Inveja respirou fundo, mas isso não lhe aliviou a irritação.

– Disseste-lhe o meu verdadeiro nome.

Ela olhou finalmente por cima do ombro, o olhar cor de alfazema a percorrer o Inveja.

– Não de imediato. Ele teve de se esforçar muito para o conseguir. Dei-lhe uma tarefa quase impossível. Ele ganhou.

O Inveja sentiu que ela queria que ele lhe perguntasse sobre o acordo que estabelecera, mas recusou-se a fazê-lo. Não importava. O resultado final era tudo o que lhe interessava.

Como era de prever, a frustração de Vittoria aumentou. Ela virou-se para o seu *fae*.

– Mostra-lhe.

O homem teve o bom senso de parecer assustado.

A deusa da Morte não era conhecida por ser misericordiosa. Quando queria alguma coisa, conseguia-a. Se alguém recusava, ela fazia-o arrepender-se. Era um dos

poucos seres do submundo capaz de matar um imortal com a Morte Verdadeira. Não que o Inveja quisesse pensar nisso.

– Agora – disse ela, com os olhos a brilhar enquanto o seu poder se agitava.

O *fae* deitou um último olhar ao Inveja e depois... o seu encantamento caiu sobre ele. O Inveja ficou a olhar para uma imagem espelhada de si próprio.

– A tua obsessão por mim está a tornar-se triste – disse ele. – Foder alguém que usa a minha cara continua a não ser a mesma coisa, querida.

A mão demoníaca de Vittoria escureceu nas pontas dos dedos, a morte a carbonizar a sua própria pele. Em breve, o Inveja percebeu, os seus dedos iriam alongar-se e desembocar em garras. Para arrancarem melhor os corações.

– Não tem nada que ver contigo – disse ela, em voz baixa. – Apenas com a forma como posso fazer avançar os meus propósitos ao ir para a cama contigo.

– Sabes mesmo o que dizer para fazeres um homem sentir-se desejado.

– Preferes que te afague o ego? – perguntou ela, a sua voz um ronronar. – Dizer-te que nenhum homem me vai agradar como tu? Acho que já ouviste isso que chegue.

– Só quando se justifica.

– Talvez quisesse deixar essa fantasia dominar-me vezes sem conta nos meus sonhos.

– Não foi pela fantasia ou pelos sonhos, querida, mas pelo *fae* a montar-te.

Ela lançou-lhe um olhar de desprezo.

– A nossa união é inevitável. Não podes negar-me por toda a eternidade.

Ele sabia muito bem porque é que ela o queria. Apenas

para ver se o seu irmão Orgulho ficaria com ciúmes. Os jogos dela eram intermináveis, mas não tinham qualquer apelo para o Inveja, ao contrário de Camilla.

Ela fez sinal ao *fae* que envergava a pele do Inveja.

– Vai lá. Puxa-lhe a pila para fora e compara-a com a tua. – O sorriso dela tornou-se perverso. – E depois quero que a veneres.

O *fae* caiu de joelhos, com a mão já nas calças do Inveja. Ele interrompeu os movimentos do *fae*.

– Embora aprecie a forma engenhosa como me dizes para me ir foder – disse ele –, estou entediado. Tenho um jogo para ganhar. Além de me montares, tenho a certeza de que podemos encontrar outra coisa que queiras.

A atenção de Vittoria voltou a pairar sobre ele, e ele quase conseguiu vê-la a tramar alguma. Ela sempre soubera que chegaria a este ponto. Murmurou um feitiço que deixou o *fae* em transe.

– O teu coração pela sua morte. Antes de abrires essa tua boca problemática, fica a saber que é a minha única contraproposta. Aceita e ele morre, ou recusa e escoltá-lo-ei em segurança para fora destes bosques. – Apontou para a árvore prateada atrás deles. – Caso te tenhas esquecido, ele já entalhou o teu nome. Se ele viver, tu próprio serás amaldiçoado.

Lennox devia ter espões nos Sete Círculos, espões que sabiam muito bem do seu último encontro com a deusa da Morte. Era mais uma facada, literalmente.

Vittoria removera o coração do Inveja recentemente, e isso enfraquecera-o bastante enquanto o coração voltava a crescer, aos poucos. O seu poder já estava a diminuir, graças à proteção que tinha de manter em torno da sua Casa do Pecado. Não tinha a energia necessária para regenerar um coração a meio do jogo.

Porém, se o jogador deixasse o bosque agora, se colocasse a folha debaixo da almofada antes de dormir, o Inveja teria outro conjunto de problemas desconhecidos a que estar atento.

Era uma aposta que não permitia riscos. O *fae* tinha de morrer.

Manteve as suas emoções escondidas, a mente à procura de qualquer outra solução. Não queria ser a causa de outra morte, mas a sua corte estava em jogo e ele faria de tudo para a salvar.

O olhar de Vittoria tremeluziu com um triunfo sombrio. Sabia que ele aceitaria o acordo.

Os corações eram uma das suas fontes favoritas de poder. Não vendo alternativa, o Inveja sacudiu ligeiramente o queixo.

– O que foi isso? – perguntou Vittoria com doçura. Como se não soubesse muito bem. – Aceitas?

Ele deixou transparecer na sua expressão cada gota de ódio que sentia por ela.

– Sim. Aceito.

O sorriso dela foi tão nefasto quanto possível. Com reflexos rápidos como um relâmpago, abriu um buraco no peito do *fae* e arrancou-lhe o coração.

O *fae* caiu imóvel, o transe foi quebrado e ele regressou à sua verdadeira forma, com os olhos arregalados de choque. Morrera antes de chegar ao chão.

A mão demoníaca de Vittoria pingava sangue cintilante quando ela se virou para o Inveja, apertando o coração pulsante. Olhou para ele com aprovação apenas uma vez antes de o transportar com magia para a sua câmara secreta, onde guardava os corações em frascos.

Só os deuses sabiam o que fazia com aquela coleção mórbida.

– Irá ressuscitar? – perguntou o Inveja, tocando no cadáver com o pé.

Vittoria lançou-lhe um olhar divertido.

– Foi-lhe dada a Morte Verdadeira.

Ele lançou-lhe um olhar incisivo, desagradado com o tom dela.

– A Morte Verdadeira não é o que me vais dar – disse ele. – Lembra-te disso.

– Não te preocupes, príncipezinho. Ainda não acabei de brincar contigo. Um acordo é um acordo.

Ela moveu-se para ficar diante dele, a sua garra a abrir-lhe a camisa enquanto a arrastava lentamente para baixo, cortando alguma da sua carne à medida que lhe expunha o peito.

Ela lambeu os lábios, depois olhou para os dele.

– Isto vai doer.

Mal ele se preparara para a dor, as garras dela rasgaram-lhe o peito.

Vittoria agarrou-lhe o coração com a sua mão demoníaca, sentindo-o bater algumas vezes com brutalidade, antes de o arrancar.

A sua gargalhada deleitosa e cruel foi a última coisa que ele ouviu. A escuridão abateu-se sobre ele, e o Inveja sucumbiu.



Camilla devia mesmo parar de andar à procura do Inveja em todas as sombras do castelo dos vampiros.

Blade tinha razão numa coisa: o príncipe-demónio não viria salvá-la.

Talvez se tivesse enganado e o Colecionador de Medos não tivesse implantado o nome na sua mente. Ou talvez a pista seguinte tivesse conduzido o demónio para outro lugar.

O Inveja tinha o seu jogo, e agora Camilla tinha o dela. Jurou concentrar a sua energia em planear a sua própria fuga e nunca mais voltar a pensar no príncipe.

Não havia futuro para eles. Envolver-se num romance sombrio não era o mesmo que apaixonar-se.

Camilla não iria confundir um jogo com a realidade.

A cada passo que avançava na corte dos vampiros, libertava-se dos pensamentos do Inveja, ou de qualquer outra pessoa. Camilla era a sua própria heroína e iria arranjar forma de sair daquela situação.

Ela e Blade caminharam ao longo de um corredor escuro, com o chão do mesmo preto brilhante da sala do trono, as paredes revestidas com um brocado *bordeaux-*

escuro.

Com poucos metros de intervalo, havia tapeçarias penduradas, conferindo ao corredor um pouco de textura e cor. Mesmo estando no coração do território inimigo, não conseguiu deixar de admirar a arte por que passavam, até que viu as cenas que haviam sido registradas. Banhos de sangue, literalmente. Todas as formas através das quais um vampiro poderia cear um humano, um metamorfo ou um *fae* estavam imortalizadas na arte mórbida.

O coração de Camilla acelerou.

Blade olhou lentamente na sua direção, a sua atenção fixada no ponto de pulsação do seu pescoço.

Outro casal surgiu do lado oposto do corredor, fazendo com que o seu coração martelasse.

Blade encostou-a à parede, o seu corpo a bloquear o do outro vampiro, os seus olhos a arderem em carmesim. Aproximou a sua boca letal da orelha dela.

Ela sobressaltou-se, empurrando-o.

Ele agarrou-a com força, usando o seu peso para a imobilizar.

– Acalma-te, caralho.

A tensão enroscou-se dentro dela, pronta para atacar. Blade abanou-a até que os seus dentes começaram a ranger.

– Estou a tentar. – Ela concentrou-se na sua respiração. Inspirar, depois expirar.

– Tenta com mais força. – Ele agarrou-lhe dolorosamente a cintura. – A tua pulsação é como um farol. Atrairás todos os vampiros desta ilha se não te acalmares.

Os passos aproximaram-se deles, mais alto, mais perto, fazendo subir o ritmo cardíaco de Camilla.

Blade praguejou, a sua mão desceu pela perna dela até à pele exposta. Os seus dedos gelados fizeram com que ela ficasse imóvel.

– Finge, cordeirinho. Finge que estás encantada. Ou isto vai ficar feio.

Camilla congelou, o seu corpo tenso, à medida que o som do outro casal se ia aproximando.

Os dedos frios de Blade subiram mais, depois beliscaram-na, fazendo-a olhar para o seu rosto cruel. A raiva substituiu o medo. O que, pelo seu ligeiro ar de alívio, era exatamente o que o vampiro estava a tentar fazer.

– Idiota – murmurou ela, conquistando um sorriso mais largo.

Os dedos gelados dele apenas subiram, atraindo a sua ira.

Não havia paixão no seu olhar carmesim, apenas um aviso.

A mão dele subiu até lhe agarrar as nádegas, um movimento intencional para indicar posse.

– Ela tem um cheiro *divino*. – A voz da mulher era rouca, sensual. – Partilha-a ou leva-a para um quarto, Blade.

Camilla olhou de relance por cima do ombro de Blade e qualquer resquício de medo desvaneceu-se de imediato. Não estava a olhar para a mulher, estava a olhar para o homem ao seu lado.

O humano.

– Lord Vexley?

Ele lançou-lhe um olhar arrogante.

– Miss Antonius.

Ele agia como se estivessem noutra festa aborrecida em Waverly Green, e não enfiados nas entranhas da corte dos vampiros.

– O que faz aqui?

– Não fique tão surpreendida com as minhas ligações

sobrenaturais, querida – escarneceu ele. – Pensava que só tinha poder em Waverly Green?

Camilla também não achava que ele tivesse muito poder lá, exceto, claro, pela chantagem que fazia com *ela*.

A vampira acariciou-lhe o peito, ronronando enquanto ele o inchava mais. O imbecil ia convencê-la a mordê-lo ali mesmo.

Vexley olhou para Camilla com desdém, o seu olhar azul gélido percorrendo cada centímetro de pele que conseguia ver além de Blade. A sua atenção recaiu sobre a racha do seu vestido, fixando-se no local onde a mão de Blade se movia por baixo da seda.

Camilla cerrou os dentes, na esperança de esconder o seu rosnado. O maldito vampiro estava a apalpar-lhe o rabo, com um sorriso que a desafiava a arruinar o espetáculo.

– Quando se cansar do vampiro, venha ter comigo – disse Vexley por fim. – Pode ser que lhe perdoe as transgressões. Sobretudo agora que está tão... desinibida.

Camilla ia matá-lo. Tentou empurrar Blade para longe de si, mas ele estava tão imóvel quanto uma cordilheira.

Blade sacudiu a cabeça numa espécie de «não».

Camilla olhou-o fixamente, perguntando-se quando teriam formado aquela aliança tão desagradável.

– Juntemo-nos a eles para jantar, meu amor. – As mãos da vampira estavam agora a acariciar Vexley em sítios que Camilla nunca desejou ver. – Isto promete ser divertido.

Vexley agarrou num punhado do seu cabelo preto e sedoso e pô-la de joelhos.

– Convince-me, querida.

Blade afastou-se da parede e apressou-se a escoltar Camilla para a sala de jantar, deixando Vexley e a sua vampira entregues aos seus joguinhos.

Quando dobraram a esquina, Camilla parou.

– Ela vai matá-lo?

Blade abanou a cabeça.

– Foi-lhe concedido asilo.

– Porquê?

– Quando o rei Unseelie nos faz um pedido, é sensato aceitá-lo. Até o Zarus reconhece isso.

O sangue de Camilla arrefeceu.

– O Vexley está a participar no jogo.

– Parece que sim.

– Sabes o que está em causa?

Blade lançou-lhe um olhar.

– Não sei, não me interessa. Nada de bom, se os Unseelie estiverem envolvidos.

Blade parou diante de um amplo conjunto de portas duplas, esculpidas com mais cenas de morte. Eram de um branco semelhante a ossos descorados pelo sol. Com um sobressalto, Camilla apercebeu-se de que eram, de facto, ossos descorados pelo sol. Ossos humanos. Centenas deles.

Olhando de perto, viu sítios onde tinham sido roídos, as marcas de dentes inconfundivelmente criadas por presas.

Recuou, com uma onda de medo a incitá-la a fugir na direção oposta.

– *Não fujas.*

O tom de Blade sugeriu que ele a perseguiria e que não seria aconselhável. Antes de tudo o resto, ele era um predador, e a necessidade de caçar estava-lhe no sangue.

A enorme mão dele agarrou-lhe o braço, um grilhão frio que a prendia ao seu lado.

– Tenta não falar com o Zarus ou atrair a atenção dele. Vamos sentar-nos tão longe quanto for aceitável. Na primeira oportunidade, sairemos. – Olhou-a com uma expressão dura. – Se não te conseguires controlar, *mordo-te.*

Entendido?

Camilla inspirou profundamente e depois fez que sim com a cabeça. Se voltasse a perder o controlo com o príncipe-vampiro, *queria* que Blade a mordesse. Com sorte, isso faria com que recuperasse o poder sobre o seu corpo.

Com a sua mão livre, Blade abriu as portas, revelando uma sala de jantar mais parecida com um bordel do que com um salão de banquetes.

Ocorreu-lhe logo a palavra «sensual». A divisão era uma combinação de cores profundas e vivas, com destaque para o roxo-escuro e o preto. Sombria, exuberante e tentadora; o tipo de sala que nos convidava a entrar, a recostarmo-nos e a satisfazermos cada um dos nossos sentidos.

As janelas do chão ao teto davam para um amplo terraço com vista para o mar, de onde a brisa quente e salgada serpenteava preguiçosamente pela sala.

No centro, uma mesa de jantar comprida era dividida ao meio por um caminho de mesa roxo-escuro. Copos repletos de líquidos escuros, numa paleta que variava entre o púrpura e o vermelho, ocupavam cada um dos lugares, enquanto bandejas de frutos roxos permaneciam intocadas no centro. A luz das velas fazia os figos, ameixas, uvas e outros frutos desconhecidos brilharem de forma sedutora. Nichos decorados com cortinas leves tremulavam ao sabor da brisa marinha, revelando áreas privadas adornadas com almofadas onde os vampiros se entregavam a conversas animadas, faziam amor ou simplesmente saboreavam cálices cheios de um líquido que, segundo Camilla deduziu, apenas podia ser sangue. Um calafrio percorreu-a quando os seus olhos viram o príncipe; por sorte, ele estava demasiado absorvido noutras ocupações para reparar nela.

Blade puxou-a para o fim da mesa e bateu com um copo à frente dela.

– Bebe. – Blade bloqueou-lhe a visão do príncipe. – Agora.

– A última coisa de que preciso é de vinho – sussurrou ela. – Enlouqueceste?

– Se os teus sentidos corporais estiverem um pouco entorpecidos, talvez não sucumbas tão facilmente ao apelo real se ele te tocar.

Aquela lógica não fazia muito sentido. Quando as portas se abriram atrás deles, introduzindo mais dois membros da realeza de olhos azuis na sala, juntamente com uma nova onda de medo que rivalizava com a causada pelo príncipe, Camilla emborcou o copo. Blade tinha razão; de alguma forma, aliviou o poder da magia deles.

Ele serviu-lhe outro.

– Bebe isto apenas quando for necessário.

Camilla instalou-se mais confortavelmente na sua cadeira e, depois, observou a sala.

Murmúrios de vozes viajavam na sua direção, baixos e suaves. Se não fosse pelas mordidas ocasionais, teria parecido um serão discreto e íntimo entre amigos.

Talvez um pouco íntimo *de mais*. O bater de pele contra pele húmida, suavizado pela transpiração, contribuiu para um aplauso sensual demasiado próximo. Com toda a certeza, Camilla já *não* estava em Waverly Green. Não olhou, nem mesmo quando a respiração pesada se transformou em suaves gemidos de êxtase.

Blade colocou um braço à volta da cadeira dela, com a cabeça inclinada para si. Para qualquer um que os observasse, ele parecia interessado. Possessivo. Como se ela *lhe* pertencesse.

Ele enrolou uma madeixa do cabelo dela à volta do dedo, quase distraidamente, mas ela sabia que Blade não fazia nada ao acaso.

Camilla escondeu o seu arrepio quando um grupo de humanos foi trazido, vestidos de forma ainda mais escassa do que ela. Emparelharam-se imediatamente com os vampiros, e Camilla sentiu que os novos casais começavam a atrair a aprovação da sala.

À medida que as primeiras mordidas aconteciam, Camilla observou o desenrolar da felicidade. A mulher humana mais próxima de si já estava a subir para a mesa e a deitar-se para trás, com as pernas abertas em convite. Duas vampiras aproximaram-se dos seus pés, cada uma acariciando uma perna diferente, levantando-lhe as saias, depois inclinando-se para lhe sugar a artéria em cada uma das coxas. Depois de lhe beberem o sangue, começaram a lambe o sexo da mulher.

A mortal ergueu-se da mesa, os seus dedos percorreram os seus seios, desalojando o tecido frágil do seu vestido. As suas mãos viajaram para baixo, pela barriga, depois escorregaram para as suas próprias dobras, enquanto as vampiras começavam a lambe-lhe os seios.

Um vampiro macho juntou-se ao seu pequeno grupo, ficando do outro lado da mesa, junto à cabeça da mortal. Quando ela reparou nele, gritou, implorando-lhe que a deixasse saboreá-lo. Os vampiros à volta da mesa gritaram em aprovação. Uma das vampiras substituiu os dedos da humana, introduzindo e retirando os seus próprios dedos enquanto a mulher gemia.

O vampiro libertou finalmente a sua pila, e satisfez o desejo da mulher, puxando-a para ele até que a sua cabeça pendesse da mesa, permitindo-lhe abocanhá-lo por completo. As duas outras vampiras continuaram a dar-lhe prazer – uma a acariciar-lhe o sexo, a outra a acariciar-lhe os seios, enquanto o homem lhe enfiava a pila na boca.

Não podia ser confortável, pensou Camilla, ter o sangue

a subir-lhe à cabeça, permitindo que o macho se conduzisse ainda mais fundo.

Ainda assim, ele agarrou no pulso da humana, as suas presas penetrando finalmente na sua carne, e gemeu de prazer enquanto bebia.

Camilla não conseguia desviar o olhar.

A paixão, o desejo, fluía tão livremente como o sangue que bebiam, e ninguém pestanejava. Os vampiros sentados mais perto deles regressaram às suas conversas.

Era como se não estivesse a decorrer uma orgia enquanto se reuniam com velhos amigos.

Camilla não conseguia imaginar a nobreza de Waverly Green a testemunhar tal ato e a permanecer tão calma e tranquila, todos eles haviam ficado escandalizados com os beijos no baile de máscaras do Inveja. Riu-se baixinho do absurdo dos seus pensamentos. Camilla ficara igualmente chocada nessa noite.

– Jantar e um espetáculo – disse Blade, assustando-a. Ele, pelo menos, percebia que aquilo não era normal. Pelo menos não no mundo de Camilla.

Não tardou muito para que todo o quarteto estivesse a gemer, o prazer a percorrê-los à medida que as primeiras ondas dos seus orgasmos os atingiam.

A provocação do Inveja voltou-lhe à memória. «Terias um orgasmo enquanto morrias e implorarias por mais no teu último suspiro.»

– Os meus irmãos têm gostos singulares. – Blade inclinou-se, a sua voz tenebrosa de humor. – Mas eu nunca entendi o apelo de brincar com a comida.

Um choque de cabelo loiro a contornar o perímetro chamou-lhe a atenção.

Vexley e uma nova vampira tinham chegado. Esta fêmea vestia algo muito mais ousado do que a última –

cabedal que lhe abraçava as curvas –, exibindo uma pele impecável e um par de asas de morcego que Camilla não vira em mais ninguém. Tinha uma cauda em forma de chicote que usava para golpear Vexley, o que não pareceu incomodá-lo minimamente.

Foram direitos a um dos nichos privados, o longo cabelo ondulado dela a esvoaçar atrás de si.

– Tens asas? – perguntou ela a Blade.

Ele inclinou-se, a sua respiração suficientemente fresca para a fazer estremecer enquanto lhe sussurrava:

– A Nyghtshade é uma *succubus*.

A atenção de Camilla voltou a centrar-se em Vexley. Claro que ele se ia envolver com um demónio que vivia para o prazer quase tanto como ele.

Talvez tivessem filhos-demónios de cauda comprida e vivessem felizes para sempre no inferno.

A esperança é sempre a última a morrer.

– O Zarus não permitirá que ninguém lhe faça mal até ao fim do jogo. Mas é bom que ele se vá embora antes disso. O asilo não dura muito tempo. Como já disse, não brinco com a minha comida, mas é óbvio que os outros o fazem com prazer.

Camilla ficou aliviada por Vex, o *Vexame*, não se ter tornado no jantar de alguém naquela noite. Se ele era suficientemente estúpido para exceder os limites da sua estadia e ir para a cama com todos os vampiros e demónios que lhe atraíam a atenção, então merecia qualquer destino que lhe reservassem.

– Preciso de falar com ele outra vez.

Blade comprimiu os lábios, a sua atenção desviando-se para o fim da mesa onde o príncipe estava agora, com o rosto enterrado no pescoço de um belo humano. O mortal baixou as calças e acariciou-se enquanto o príncipe se

alimentava, com uma expressão beatífica no rosto.

Se Camilla não tivesse cuidado, poderia vir a ser ela.

– Sê rápida.

Blade puxou a cadeira dela, acompanhando-a até à extremidade da sala, mantendo a maior distância possível entre ela e a realeza. Abriu as cortinas e seguiu-a para dentro. Havia duas grandes almofadas de veludo desocupadas, por isso Camilla sentou-se numa e Blade na outra, com o seu joelho a roçar no dela.

A racha do seu vestido abriu-se, deixando-a quase totalmente a descoberto. Não havia roupa interior no seu quarto, nem sequer uma *lingerie* ousada. Anos de modéstia humana surtiram efeito e ela agarrou os dois lados da saia, tentando cobrir-se, sem sucesso.

Blade deixou cair o casaco no colo dela, avisando-a com o olhar para que não fizesse comentários.

Vexley recostou-se, um braço dobrado debaixo da cabeça, o outro acariciando a *succubus* que lhe beijava o pescoço. Observou Camilla a instalar-se, de olhos semicerrados, enquanto enfiava uma mão na parte da frente das calças da sua amante.

– A rastejar de volta tão cedo, querida?

– Sei que está a jogar o jogo do Lennox.

Camilla perguntara-se quais teriam sido as pistas de Vexley e suspeitava que sabia exatamente o que ele precisava de encontrar.

– Qual foi a sua primeira pista?

Ainda completamente vestida, a *succubus* subiu para cima dele, esfregando-se contra a sua excitação para recuperar a sua atenção. Excelente. Iam fornicar ali mesmo.

– Vexley – sibilou Camilla.

Ele não lhe prestou atenção. A *succubus* puxou-lhe a ereção para fora, o seu olhar faminto.

Vexley agarrou as nádegas de Nyghtshade, apertando-as, a sua atenção totalmente desviada. Deu-lhe uma palmada nas nádegas de couro com a mão esticada, os lábios franzidos de um lado.

– Tira isto, querida. Depois salta para cá e monta-me de costas.

– Vexley – disse Camilla mais alto. – Pare.

A roupa de Nyghtshade desapareceu num piscar de olhos, a sua cauda a chicotear para trás e para a frente como uma cobra a ser encantada no seu cesto. Ela virou-se, depois afundou-se na ereção pouco impressionante de Vexley, proporcionando-lhe uma visão desobstruída do seu rabo e daquela cauda, enquanto começava a sacudir-se para cima e para baixo ao longo do seu comprimento.

Camilla foi completamente apanhada de surpresa com a visão, mas Vexley não estava nada preocupado. Como se fosse comum deitar-se com alguém com uma cauda bifurcada. Diante de um público.

Agarrou na cauda, enrolando-a à volta do punho como se fosse uma corda. Ou um fio de cabelo. Depois empurrou-a para cima, e fodeu a *succubus* com vigor.

«Que os deuses se apiedem e queimem a imagem da minha mente», implorou Camilla em silêncio.

Como seria de esperar, não houve interferência divina que lhe apagasse aquela cena infernal da memória. Camilla desejava estar em qualquer outro lado, menos ali sentada. E Blade parecia sentir o mesmo. O seu lábio curvou-se para baixo enquanto abanava a cabeça.

– Vexley – disse Camilla. – Qual foi a primeira pista que precisou de decifrar?

Ele revirou os olhos.

– Tinha de apanhar a chave.

O tempo pareceu congelar. E se não fosse por aquele

barulho horrível de humidade e pelos grunhidos de Vexley, Camilla teria pensado que o tempo tinha congelado.

– A minha chave? – perguntou ela, levantando a voz.

Vexley lançou-lhe um olhar irritado.

– Sinceramente, Camilla. Esqueça isso. É só uma chave.

– A chave de portal do meu pai.

Tal como ela suspeitava. Ela moveu-se sem pensar, derrubando a *succubus* do lorde, as suas mãos encaixadas à volta da garganta dele.

– Como foi capaz?! Tínhamos um acordo.

Camilla não era assim tão forte, mas estava furiosa e apanhara o lorde de surpresa.

Vexley debateu-se, balançando violentamente, mas ela aguentou-se, decidida a matar o idiota. Se ele tivesse dado a chave a um *fae*, havia pouca esperança de ela a recuperar.

– Onde está? – exigiu saber, as mãos a cravarem-se na carne dele. – Ainda a tem?

– Não – cuspiu ele. – Dei-a a um contacto no mercado negro para a minha próxima pista.

Vexley tentou bater-lhe, mas a mão de Blade agarrou-lhe o punho.

– Não ponhas as mãos nela, mortal.

Vexley franziu o sobrolho, mas baixou as mãos.

– Tira-a de cima de mim, porra.

Blade puxou Camilla para trás.

Só que Camilla sabia muito bem aonde a chave teria ido parar. Às garras do mestre do jogo. Voltou a tentar atirar-se a Vexley.

– Pára – rosnou Blade baixinho ao ouvido dela. – Estás a atrair...

– Tss, tss. Conheces as regras, Blade. O jantar é para foder, não para lutar.

A voz era tentação, desejo, sedução e morte misturados. E estava demasiado perto.

Uns lábios roçaram o pescoço de Camilla, um bálsamo fresco contra o quarto quente. O seu corpo queria inclinar-se para ele, enquanto a sua mente lhe gritava que fugisse.

– Está tudo sob controlo, Vossa Alteza. A fêmea estava com ciúmes. Uma emoção que seria de esperar, tendo em conta com quem estava antes.

O tom de Blade foi quase tão firme quanto a forma como lhe agarrou o braço. Estava a tentar afastá-la do príncipe de forma subtil.

– Estávamos mesmo de saída.

– Na verdade, há um assunto que tens de resolver – murmurou a voz sedutora. – Agora.

O aperto de Blade intensificou-se, a dor uma tábua de salvação a que Camilla se agarrou.

– Eu levo-a até...

– Ela fica.

A ordem de Zarus não deu azo a discussões.

E de repente Blade estava a deixá-la ali, com ele. Com a morte.

Camilla viu Blade inclinar a cabeça e sair sem olhar para trás. Ele avisara-a de que a atiraria aos lobos se isso significasse salvar-se a si próprio.

A sua garganta comprimiu-se enquanto olhava à sua volta, à procura de um copo de vinho para atenuar a atração do príncipe-vampiro.

Dedos frios envolveram-lhe o pulso, puxando-a para mais perto. O seu corpo esqueceu-se instantaneamente do motivo pelo qual queria atenuar a atração dele, do motivo pelo qual desejava não desfrutar plenamente daquele sentimento.

Além de paixão, além de luxúria, não havia nome para

as sensações que o seu toque provocava. Se ele a beijasse ou mordesse... Camilla sentiu-se fraca quando se encostou a um peito duro. Frio e liso como mármore. E igualmente imóvel. Não havia batimento cardíaco. Nada além de veneno fluía nas suas veias.

Surgiu uma cadeira, ou talvez um trono.

Num momento Camilla estava de pé, no outro estava empoleirada no joelho do príncipe-vampiro. Um simples roçar dos seus dedos deixara o corpo dela sob o seu controlo total.

Ao longe, começou o lento rufar de um tambor, o ritmo semelhante ao batimento cardíaco que lhe faltava. Ela olhou vagamente para a sala, os seus sentidos ficando cada vez mais distorcidos com o tempo que permanecia nos braços do vampiro. O que quer que a tivesse seduzido tinha claramente afetado todos os outros também.

Para onde quer que se virasse, os casais cediam aos seus desejos. Os machos davam prazer aos machos, as fêmeas davam prazer umas às outras, e grupos mistos beijavam, mordiam e chupavam quem lhes apetecia.

Os humanos cortavam a própria carne, permitindo que vários vampiros os lambessem e acariciassem.

Nunca matavam, apenas saboreavam, davam prazer.

A sede de sangue adquiria um significado totalmente novo na corte dos vampiros.

Camilla não se apercebeu de que os lábios do príncipe se encontravam junto ao seu pescoço até que ele a puxou para mais perto, com as mãos a roçarem-lhe os ombros, afastando-lhe o cabelo.

Esforçou-se por se lembrar porque precisava de estar alerta. Um jogo, uma pista...

Camilla recordava-se vagamente do que Blade lhe dissera sobre não parecer seduzida apenas pelo toque do

príncipe. Tentou manter-se alerta.

Comportar-se como se estivesse com medo e não com desejo.

O hálito dele estava no pescoço dela, a língua tão perto da sua pele. O Inveja dissera que uma simples lambida podia fazê-la vir-se. Lutou o mais que pôde com a sua mente, tentando mexer um dedo sequer, piscar um olho. Qualquer coisa para provar que era mais forte do que aquilo.

Os dedos de Zarus viraram-lhe o queixo, inclinando-o até que o pescoço dela implorasse para ser sugado.

Um arrepio percorreu-lhe finalmente a espinha. De prazer, não de medo. Mas ela esperou que o príncipe-vampiro não conseguisse distinguir a diferença.

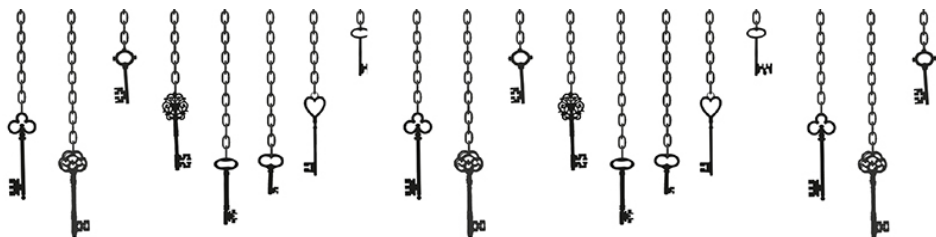
Mentalmente, clamou por um milagre, por qualquer coisa.

A boca dele desceu sobre ela, as presas roçando-lhe a pele, disparando um fogo frio enquanto ele perfurava...

Nisto ele desapareceu, despenhando-se para trás contra o seu trono.

Camilla caiu-lhe do colo, a ligação e o controlo que ele exercera sobre ela desapareceram. Os gritos dela libertaram-se-lhe finalmente da garganta.

E caiu diretamente nos braços expectantes do Príncipe Inveja.



O Inveja apertou Camilla contra o peito, esperando que ela estivesse demasiado distraída para reparar na falta do seu coração pulsante. Não queria que o seu confronto com a deusa da Morte fosse revelado. Zarus usaria a informação em seu benefício.

No entanto, mesmo no seu estado enfraquecido, o pecado do Inveja arrefeceu toda a maldita sala de jantar. A geada cobriu o recinto em camadas finas, os vampiros sibilando como os répteis que secretamente eram quando a temperatura desceu de forma rápida. Os seus braços tremeram com o esforço de usar o seu poder, mas ele persistiu.

Por pouco não chegara demasiado tarde. Se o vampiro tivesse transformado Camilla...

Zarus recuperou quase instantaneamente, mostrando as presas enquanto limpava fiapos imaginários do seu fato. Apanhou o punhal que o Inveja atirara, fazendo-lhe uma careta.

– Sabes sempre como fazer uma entrada grandiosa. – O olhar dele era sério. – Embora me sinta um pouco insultado por teres usado esta lâmina em vez da adaga da tua Casa.

Aquela lâmina era aço mortal lavado em água benta. Não matava um vampiro, mas ardia como o diabo. Da próxima vez, revestiria a lâmina com contas de rosário, que fariam muito mais do que arder.

No entanto, se tudo corresse como planeado, não haveria uma próxima vez.

– Desculpa, Zarus. Odeio apunhalar e sair a correr, mas interrompeste-nos grosseiramente há pouco. Gostaria de a levar de volta para a minha cama.

Zarus arqueou uma sobrancelha.

Cabrão arrogante.

– A rapariga disse o meu nome, o que a torna minha.

O quarto arrefeceu ainda mais. O Inveja tinha pouca energia para gastar, mas não se deu ao trabalho de tentar esconder o seu humor cada vez mais sombrio. Camilla pertencia-lhe.

Zarus sorriu.

– A não ser, claro, que queiras propor um desafio.

O Inveja afastou o sorriso dos seus lábios. Era precisamente isso que tinha vindo fazer.

Camilla olhou para ele como se tivesse visto um fantasma, a sua pele dourada empalidecida. Não esperava que ele a viesse buscar.

Fora uma dedução sensata. Uma que o deveria agradar. Ele dissera-lhe que o jogo era a sua única preocupação. Ela não se enganara totalmente. Ele estava ali por causa disso.

No entanto, uma pontada de *algo* retorceu-se no seu íntimo. Algo nada agradável.

Teria vindo buscá-la mais cedo se não tivesse tido problemas. Mas admiti-lo...

Voltou a sua atenção para a sala. O Inveja teria preferido que Camilla ficasse em segurança na casa de campo dele enquanto ele próprio tratava daquela situação.

Havia pelo menos vinte vampiros, três dos quais eram da realeza.

Zarus protegia o castelo usando magia de sangue, por isso o Inveja não podia simplesmente levar Camilla para a sua Casa do Pecado. Mesmo não estando totalmente recuperado, o Inveja poderia praticamente derrotar os vampiros sozinho, mas Camilla complicava as coisas. Não podia protegê-la e lutar contra todos eles, não sem a pôr em grande risco. Mesmo que ele não estivesse ferido, continuaria a ser demasiado arriscado.

– Então proponho um desafio. – A voz do Inveja estava impregnada de tédio. – A tua vida pela dela.



Mandaram-nos ir para o que deviam ser os aposentos de Camilla enquanto se preparavam para o desafio. Durante todo o trajeto pelo corredor, ela agarrou-se à mão do Inveja com tanta força que os seus ossos rangiam. Se fosse mortal, ter-lhe-ia feito uma nódoa negra ou deslocado alguma coisa.

Uma vez no quarto, ela virou-se.

– Não podes lutar contra ele – disse ela.

Nada de «Olá, que bom ver-te, obrigada por teres esfaqueado o meu inimigo».

– Se ele te matar...

– A tua confiança nas minhas capacidades é extraordinária, criatura. O Zarus pode ser forte, mas não é mais poderoso do que eu.

Camilla examinou-o.

– Isso é arrogância ou verdade?

– Alguém te fez mal?

Ela franziu os lábios perante a sua mudança de assunto

e a recusa em responder à pergunta. Estar irritada era bom. Significava que estava assustada, mas que estava bem.

– Não. O Blade protegeu-me. Durante algum tempo.

O Inveja inclinou a cabeça, a ouvir.

– Por falar no estupor de olhos carmesins.

O vampiro entrou na sala, olhando para o Inveja enquanto cruzava os braços e se encostava a uma parede distante. Blade fez bem em manter o espaço entre eles.

Com a imagem de Camilla sentada no colo de Zarus, a língua dele na sua pele, as presas prestes a penetrá-la, o Inveja não se sentia muito benévolo.

O seu pecado ainda ardia, à procura de uma saída. Blade sabia disso.

– Deves-me uma – disse o vampiro, em voz baixa. Blade manteve a sua atenção fixa no Inveja.

– Não se consegues tudo o que queres do acordo – disse o Inveja. – Presumo que tenhas discutido os detalhes com o Alexei.

– Sim. Não me agrada.

– Não tem de te agradar. Viste como ele tem sido. O que ele fez com o Ira. Tentou roubar a mulher dele, a Emilia. Uma jogada que nenhuma criatura sã faria. Estará mesmo apto a liderar a vossa corte?

Camilla olhou de relance entre eles, apercebendo-se lentamente.

– És um dos seus espões?

– Associado, querida – disse o Inveja. – Ninguém gosta do termo «espão».

– Associado para benefício mútuo – acrescentou Blade.

Eram aliados relutantes quando as circunstâncias os obrigavam a isso. Fora isso, nem ele nem o vampiro tinham muita utilidade um para o outro.

Se não fosse por Alexei, Blade não teria lidado com o

Inveja de todo. Os vampiros eram irmãos, de certa forma, cada um deles transformado pelo mesmo criador. Por alguma razão, os olhos de Blade eram carmesim em vez de azuis, mas ele continuava a ser real. Poucos sabiam da ligação entre a corte do Inveja e Blade.

E o Inveja mantinha essa ligação desconhecida.

Camilla aproximou-se e deu um estalo ao Inveja. Sabia que não o magoaria, por isso foi mais uma demonstração de temperamento do que outra coisa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– A que devo a honra?

– Vocês trabalham juntos? – perguntou ela.

– De vez em quando. Não vejo qual é o problema.

– Mandaste raptar-me?

Ele semicerrou os olhos.

– Quando, exatamente, é que eu teria tido tempo para organizar um rapto? Antes de me teres enfiado aquela memória na cabeça ou enquanto reboávamos na terra como cães? Certamente que teria escolhido uma altura muito mais conveniente para te raptar.

– Mereceste o estalo. Nem que seja pela memória que me enfiaste na cabeça primeiro.

Ela virou os seus olhos prateados e brilhantes para Blade. Ele não escondeu o sorriso.

O flagelo da Ilha da Malícia parecia divertido. Blade gostava *dela*.

– Podias ter mencionado essa associação em vez de dizeres que ele não vinha – disse Camilla. – Ou estavas à espera de me morder?

O sorriso de Blade tornou-se incisivo como uma lâmina, o verdadeiro significado do seu nome.

– Eu até o mordida a *ele*, com sangue de demónio fétido e tudo, se isso servisse os meus interesses, cordeirinho.

– Se já acabámos com as alcunhas – disse o Inveja, cada vez mais irritado à medida que o seu pecado se inflamava –, que informações tens?

A atenção de Blade centrou-se nele, um lampejo de quem entendeu tudo a arder-lhe nos olhos enquanto olhava para Camilla e o Inveja. Seria sensato, da sua parte, guardar as observações para si próprio.

– O desafio vai começar cerca de uma hora antes do nascer do Sol, na arena. Ao estilo dos gladiadores, em frente a toda a corte. O Zarus quer provocar o máximo de drama possível. Com o tempo a passar, a tensão aumenta. Tenciona usar veneno.

Como se isso fosse matar o Inveja. No entanto, estando enfraquecido, com certeza não seria nada agradável.

Manteve no rosto uma máscara de despreocupação. Ninguém podia adivinhar que havia a hipótese de ele perder. Nem ele próprio podia pensar nisso.

– E?

– O veneno só vai abrandar-te, entorpecer-te os sentidos e o poder. No fundo é como o veneno dele age. Quando fizer efeito, ele irá remover-te a cabeça e os membros e queimar os pedaços numa pira.

O Inveja revirou os olhos.

– As piras são tão enfadonhas. Só mesmo o vosso príncipe para ser tão desprovido de inspiração. Embora suponha que ele ainda esteja agarrado à Idade Média.

Camilla parecia perturbada.

– Não podemos fugir por aquela gruta?

– Podemos. – O Inveja esticou a mão, ajeitando-lhe uma madeixa de prata para trás da orelha. – Mas isso não resolve o problema. O Zarus enviaria outro para te ir buscar. E, da próxima vez, fortaleceria as suas fronteiras. É melhor resolvermos isto agora.

Blade desencostou-se da parede e dirigiu-se para a porta.

– Voltarei se houver novidades.

O Inveja anuiu, voltando a sua atenção para Camilla. Esperou até deixar de ouvir o vampiro no corredor antes de falar.

– Se alguma coisa correr mal, o Alexei leva-te para a Casa Ira. Não lhe resistas. O meu irmão encarregar-se-á da tua segurança, e a sua presença fará com que o Zarus pense duas vezes antes de atacar.

– Acabaste de dizer que és mais poderoso.

Ele hesitou por um instante.

– Ganhar nem sempre tem que ver com poder. É uma questão de quem o quer mais. O Zarus não vai lutar de forma justa ou baixar a espada facilmente. Vai obrigar-me a merecer essa vitória.

– Seria mais fácil se me deixasses aqui.

– Sabes que nunca o faria.

A mão do Inveja envolveu-lhe o queixo, o seu toque suave ao inclinar-lhe o rosto para cima. Ela voltara a romantizá-lo. Dera-lhe uma auréola dourada, ignorando o facto de que a dele se partira havia muito.

Porque *ele* a tinha partido.

– Mas ainda não fizeste a pergunta mais importante, minha querida Camilla.

Ela examinou-lhe o rosto, sabendo que ele a estava a conduzir para uma armadilha, mas incapaz de ver onde estava.

– Porquê?

– És muito mais do que pareces, não és, Camilla? Não és humana. Mas então o que és? Tenho a sensação de que, se soubesse, perceberia porque fazes parte do jogo. Queres esclarecer-me?

Ela susteve o olhar dele, abanando a cabeça como resposta.

Não importava que estivesse a admitir que não era humana ou a responder à sua pergunta quanto a esclarecê-lo.

– Por que razão nunca te deixaria aqui? – insistiu ele, aproximando a sua boca da dela.

Ela queria saborear-lhe os lábios, e ele queria saborear-lhe as mentiras. Roçou os seus lábios nos dela, o beijo mal se concretizando.

Camilla susteve a respiração. Ele afastou-se.

– Parece que te esqueceste do jogo, Camilla. És um requisito para eu ganhar. Ouviste o Colecionador de Medos? Estou exatamente onde preciso de estar.

Camilla estremeceu, tentou afastar-se, mas ele agarrou-a, forçando o olhar dela a permanecer fixo no seu, mesmo quando se tornou odioso. Lembrou-se do livro que a vira a ler na Casa Preguiça. Sabia que a escolha do seu romance de conto de fadas era mais do que ela deixava transparecer.

Seria melhor que ela o desprezasse agora.

O Inveja não era incapaz de mudar. Apenas não *queria* mudar.

– Nunca serei o teu Príncipe Encantado, Camilla. Por agora, tens imenso valor para mim. Quando deixares de ter valor...

Ele acariciou-lhe o maxilar, vendo os olhos dela ficarem duros como aço.

Ela queria magoá-lo. O seu rosto bonito denunciava-o.

– Esperemos que isso não aconteça até o jogo acabar, criatura. Ou então talvez consigas ver o quão cruel eu realmente sou.



Algumas horas depois, Camilla estava sentada ao lado de Blade no camarote real com vista para a arena, os nós dos dedos brancos de tanto apertar os punhos no colo.

Abaixo deles, estendia-se um pedaço circular de areia branca, rodeado por paredes altas e lisas, concebidas para manter os lutadores no chão.

Ao contrário da praia de areia preta por onde tinham chegado, os grãos e a pedra cor de neve foram claramente escolhidos para fazer sobressair o sangue derramado, algo que poderia revelar-se perigoso numa arena cheia de vampiros.

Camilla não queria pensar no que poderia acontecer se a luxúria se apoderasse dela. Considerando a altura em que se encontrava, não haveria outra saída senão descer para o meio da confusão.

O amanhecer ainda estava longe, as estranhas luas duplas da Ilha da Malícia lançavam uma sinistra névoa vermelha ao longo da areia. As tochas ardiam – o cheiro acre do fumo subia pelo ar espesso e húmido.

O vestido de Camilla agarrava-se a ela como uma segunda pele, devido ao calor opressivo, aumentando o seu

desconforto. Era *essa* a razão pela qual não conseguia ficar quieta ou mal conseguia respirar, uma mentira necessária que repetia para si mesma.

Os vampiros entraram na torre por vários pontos, ocupando o espaço para lá da capacidade máxima, os seus aplausos criando uma cacofonia terrível enquanto batiam com os punhos e com os pés, à espera de que a batalha dos príncipes começasse.

Olhou em volta, à procura de Vexley, mas ele ou estava sentado na multidão furiosa lá em baixo ou decidira passar o tempo com as suas amantes infernais.

Rapidamente o cheiro metálico do sangue misturou-se com o fumo. Bandeja após bandeja de *cocktails* de sangue foram servidas, e a multidão, já perigosa, estava agora bêbeda e furiosa.

– Uma coisa é certa – disse Blade, com o olhar fixo no poço abaixo. – Vai ser interessante.

Ela sentiu-se grata por ele não lhe ter mentido e dito que ia correr tudo bem.

Mesmo com a confiança do Inveja, não havia como dizer de que forma a luta iria terminar. Camilla não queria que o príncipe-demónio sofresse qualquer dano.

Alexei entrou no camarote real, acenando a Blade enquanto trocavam de lugar em silêncio.

Camilla olhou de soslaio na sua direção. Ele já a estava a observar.

– Sua Alteza disse para usar isto.

Ergueu duas belas algemas: faixas largas de prata com o que parecia ser uma centena de fragmentos de rubi.

– Ele disse, e passo a citar, para as pôr e fingir que ele a tinha algemado à cama dele.

Ela revirou os olhos. Mesmo agora, o demónio estava a tentar distraí-la. Por mais que ele dissesse que só a

mantinha a salvo por causa do jogo, as suas ações diziam o contrário.

Alexei entregou-lhe uma algema de cada vez. Ela reparou que ele só tocava na prata.

– Aversão a rubis?

– Não é bem isso. – Um sorriso surgiu-lhe no rosto. – Contas de rosário misturadas com rubis. Altamente letal para vampiros.

– Ele acha que vou precisar delas?

– Uma precaução, Miss Antonius.

Ela pegou nas algemas com cuidado e colocou-as. Serviram-lhe como se tivessem sido forjadas para ela.

– E foram – disse Alexei.

– Porque é que toda a gente neste reino consegue ler a minha mente?

– A sua expressão revela os seus pensamentos. É ínfimo – acrescentou –, nada em que um mortal reparasse. Mas já não está rodeada de mortais. As criaturas aqui prestam atenção a tudo; nenhum pormenor é demasiado pequeno. Temos de estar sempre a usar uma máscara.

– Suponho que estar rodeada de outros predadores nos mantém alerta.

Ele inclinou a cabeça em sinal de concordância, mas não fez mais comentários. Em vez disso, entregou-lhe um colar a condizer que tirou de uma bolsa em que ela não tinha reparado, os seus dedos frios roçando os dela por acidente antes de ele se afastar rapidamente.

Ela procurou por respostas nos seus olhos azuis. Não sentira qualquer perda dos seus sentidos, e os olhos dele identificavam-no como realeza.

– O teu toque não me afeta como o do Zarus. Porquê?

A atenção dele aguçou-se.

«Que merda», praguejou ela em silêncio. Lembrou-se

demasiado tarde que era suposto ser humana. Alexei olhou para ela durante um longo minuto e por fim respondeu:

– O Zarus é uma praga. – O olhar gelado de Alexei endureceu. – Precisa de ser venerado quase mais do que de sangue. Na cabeça dele, é um deus, e quer ser adorado como tal, mesmo que a adoração seja fabricada através do abuso de poder. Raramente dá ouvidos aos conselheiros, e a sua arrogância prejudica a sua corte. Recentemente provocou o Príncipe Ira, o que resultou em... – Abanou a cabeça. – O reinado do Zarus acabou quando ele fez aquela jogada. Era apenas uma questão de quando seria deposto.

Camilla ficou surpreendida por qualquer predador sentir a obrigação moral de usar a sua magia apenas quando necessário.

– Se o Príncipe Inveja o derrotar, vais assumir o trono?

– *Quando* Sua Alteza o derrotar – corrigiu Alexei –, regressarei à Casa Inveja.

– É isso que queres?

– Sim.

Alexei olhou para as cortinas brancas que separavam o camarote real do caos, os cálices de sangue misturado com álcool, os mortais a serem seduzidos e mordidos.

Se ele ansiava por se satisfazer como os seus irmãos, não o deixou transparecer.

– *Escolhi* ser assistente de Sua Alteza. Há muito a aprender com a forma como ele governa a sua corte. Um dia talvez decida regressar, mas por agora o nosso acordo é mutuamente benéfico.

– O Inveja sabe que estás a estudar a corte dele?

O sorriso de Alexei alargou-se.

– Claro que sim. A ideia foi dele.

As trombetas soaram perto do fosso de combate, três explosões curtas que fizeram eriçar os pelos da nuca de

Camilla.

Alexei desviou a sua atenção para Blade, uma conversa silenciosa pareceu desenrolar-se entre ambos antes de este último inclinar a cabeça e entrar nas sombras.

– Relaxe – murmurou Alexei. – O Inveja não vai perder.

Relaxar numa torre cheia de vampiros sedentos de sangue enquanto um dos únicos aliados que ela tinha naquele reino lutava até à morte não era possível. Se o Inveja não se safasse...

Camilla não tinha a certeza de que houvesse muita esperança de encontrar o caminho de volta para Waverly Green. Alexei poderia tentar levá-la para a Casa Ira, mas que hipóteses teria ele de os levar para um lugar seguro se o príncipe-demónio perdesse?

Empoleirou-se na beira do assento, olhando para baixo.

Camilla fixou a sua atenção na areia branca, nas duas grutas fechadas em lados opostos, de onde imaginou que sairia cada príncipe.

Uma criatura humanoide gigante, com um elmo de cabeça de lobo rudimentar que lhe escondia completamente a cara, avançou, de peito musculado, braços tatuados e coxas do tamanho de um elefante. Devia ter pelo menos quatro metros de altura e a constituição de uma montanha.

Camilla não conseguia imaginar ninguém a lutar contra ele e a safar-se com vida.

Alexei resfolegou.

– O Canidae. Pouco original no que diz respeito a provocações. Mas o Zarus é assim.

– Como pode ser uma provocação?

Não lhe parecia de todo uma provocação. Parecia a Morte em movimento.

– O símbolo da Casa Inveja é um lobo com duas

cabeças. Um monstro de olhos verdes. O Canidae, conhecido como o Lobo das Ilhas Ocidentais, foi escolhido para trocar do príncipe.

Numa mão carnuda, balançava um bastão com duas bolas de espigões presas por uma corrente. Era definitivamente medieval – uma arma popularizada nos antigos desportos sangrentos, dos quais ela já vira muitas pinturas horríveis ao longo dos anos.

Camilla supôs que era exatamente disso que se tratava: um desporto sangrento.

A criatura gigante balançou a sua arma contra a multidão, os aplausos tornando-se insuportavelmente mais altos à medida que se movia pela arena.

Apontava com a mão desocupada para as bancadas, provocando, desafiando alguém a lutar com ele.

Para seu horror, ela reparou que ele não estava a usar um elmo – a criatura *tinha* uma cabeça de lobo com um corpo de homem; ladrava e rosnava enquanto a multidão atirava alguém por cima do muro, diretamente para o monstro.

Sem lhe conseguir ver os olhos, ela não percebia se a vítima era humana ou vampira, mas viu como estava aterrorizada; um fio de urina desceu-lhe pela perna, originando mais vaias da multidão em fúria.

Tudo aconteceu muito depressa depois disso.

Num borrão de metal a brilhar e de carne a ser rasgada, a criatura espancou o homem até ele se tornar uma massa de carne impossível de identificar, os seus gritos agonizantes ecoando pela torre.

O sangue cobriu o homem da cabeça aos pés; parte de um dos seus braços estava dependurada, o membro decepado pelo pulso, suspenso por um tendão teimoso. O seu olho esquerdo fora esmagado e dele escorria algo com

um aspeto nojento.

Camilla fechou os olhos, resistindo à enorme vontade de vomitar.

A criatura estava a apontar para o crânio do homem, e Camilla não precisou de assistir ao que aconteceu quando o golpe mortal acertou no alvo.

O silêncio instalou-se, o metal estalou contra o osso, e depois a multidão foi ao rubro. As vibrações dos assentos lá em baixo sacudiram-lhe os ossos.

– Acabou – disse Alexei, inclinando-se para perto. – O corpo foi-se.

O estômago de Camilla revirou-se violentamente enquanto olhava para a poça de sangue que acabara de conter a vida de alguém. Era mais do que horrível.

Mais do que um pesadelo.

E estava apenas a começar.

Com o sangue ainda a pingar pelas paredes de pedra lisa, o Inveja entrou na arena parecendo um rei indolente a passear entre a sua corte de adoradores, completamente despreocupado com o gigante que se dirigia para ele, com o bastão a balançar, o sangue da sua última vítima a salpicar a multidão mista de vampiros e respetivas mascotes humanas na bancada mais próxima, o focinho quase preto devido às vísceras do morto.

Camilla apercebeu-se, com um horror súbito, de que o corpo da sua última vítima tinha desaparecido porque o Canidae o *tinha comido*. Não restara nenhum osso, nenhuma carne.

Mesmo assim, o Inveja avançou, a sua linguagem corporal a raiar o fastio.

O príncipe-demónio usava um fato apurcado, um colete elegante e um par de calças acabadas de engomar que lhe assentavam excecionalmente bem. Não era a melhor roupa

para lutar.

Camilla não sabia bem se ele era brilhante ou louco. Talvez um bocadinho de ambos.

– O que está a acontecer? – perguntou ela, à procura do príncipe-vampiro. – Porque está ele a lutar com aquela criatura?

– O Zarus vai atacar assim que o Inveja estiver concentrado no Canidae.

– Isso não é contra as regras?

Alexei lançou-lhe um olhar sombrio.

– Não há regras.

A criatura com cabeça de lobo, o Canidae, desceu sobre o oponente como um furacão. A forma como lutara antes... fora apenas uma amostra.

O Canidae concentrou-se no Inveja com uma brutalidade singular.

Os seus passos fizeram tremer a arena, o seu grito de guerra foi a coisa mais aterradora que Camilla alguma vez ouvira. Era como se toda a esperança tivesse desaparecido, como se o sangue e a morte tivessem sido os seus únicos amigos durante milénios. E o Inveja ameaçava tirar-lhos.

O príncipe-demónio não se mexeu, não ficou tenso enquanto o Canidae se aproximava, os seus rosnados fazendo-a recuar a ela, mesmo estando quase trinta metros acima dele.

O coração de Camilla quase lhe saltou do peito, de tão furioso que martelava. Ficou a olhar fixamente, a sua atenção focada no príncipe como se tivesse sido presa à cena por magia.

– Foge – insistiu ela em voz baixa. – Por favor. *Foge*.

Inacreditavelmente, como se a tivesse ouvido sussurrar do fosso lá em baixo, o Inveja ergueu o olhar, localizando-a de imediato no meio da multidão.

Olhou-a nos olhos, a boca curvada, enquanto o seu cabelo se agitava com a brisa do bastão que lhe passava por cima da cabeça. Desviara-se apenas no último segundo, fazendo com que o Canidae se enfurecesse à medida que se virava para ele com um olhar selvagem. O seu tamanho era-lhe desfavorável. A criatura não era ágil; qualquer movimento súbito do seu oponente era-lhe prejudicial.

Os joelhos de Camilla batiam um no outro, as suas mãos saltavam de onde estavam pousadas no seu colo. Queria correr, gritar e acordar daquele pesadelo horrível.

Depois apercebeu-se do que Alexei dissera. Não havia regras. O Inveja podia usar magia.

«Mas porque não usava?»

O Canidae voltara a atacar, a poucos metros do Inveja, quando o príncipe de repente se permitiu dar livre curso ao seu contra-ataque. Qualquer que fosse o animal, qualquer que fosse a criatura incivilizada que ela sentira viver no seu interior, já não estava enjaulado pelo decoro.

O Inveja já não era um príncipe. Ele era um demónio por inteiro. E era magnífico.

Entre um fôlego e o seguinte, arrancou o casaco e o colete. O som do seu punho a bater no Canidae foi audível até onde ela estava sentada. A multidão, as vaias, os punhos e os pés a baterem, nada abafou o som daquele murro.

A criatura foi projetada para trás, embatendo contra a parede, abrindo uma fenda até meio da torre devido ao impacto. O demónio atirara o gigante pelo ar como se nada fosse.

Camilla lembrou-se de quando ele atingira Harrington – o Inveja devia ter-se refreado. Muito.

O Inveja girou, com a adaga da Casa desembainhada, quando o príncipe-vampiro saltou por trás, com as presas à

mostra.

Zarus adotara a estratégia dos cobardes, ao tentar atacar por trás. O Inveja era mais rápido, mais poderoso, mais implacável.

O demónio delirava com a violência.

Camilla observou, extasiada, enquanto ele lutava com um tipo de graça brutal assombrosamente bela, apesar de tão horrenda.

Se o pudesse pintar naquele momento, focar-se-ia nas linhas duras do seu rosto, projetadas pelas sombras, na promessa brilhante de morte contida no seu olhar e no corte violento da sua boca, que se torcia deixando antever dor e tormento.

De repente, tudo tomou um rumo terrível.

O Canidae tirou um chicote farpado do cinto, estalando-o mais alto do que um trovão.

Outra grande besta, esta com cabeça de leão, entrou na arena enquanto o príncipe-vampiro se aproximava, ainda a apontar para as costas do Inveja.

Camilla estava fora do seu lugar, inclinando-se sobre a borda, gritando para que o Inveja olhasse.

Alexei agarrou-a, puxando-a para trás. Ela quase se virou e lhe deu um murro.

– Faz qualquer coisa! Ele não pode lutar contra três.

O olhar de Alexei brilhou.

– O Zarus está a tentar que seja uma luta justa.

– Como é que três contra um... – a voz de Camilla arrastou-se quando a resposta lhe veio à cabeça. – O Inveja tem esse poder todo.

– E não só.

Alexei fez sinal com a cabeça para a arena, onde surgiram mais duas criaturas gigantes. Uma tinha a cabeça de um touro com o corpo de um homem, e a outra a cabeça

de uma ave de rapina. Cinco. Foram precisos um príncipe-vampiro e quatro bestas gigantes para igualar o campo de batalha.

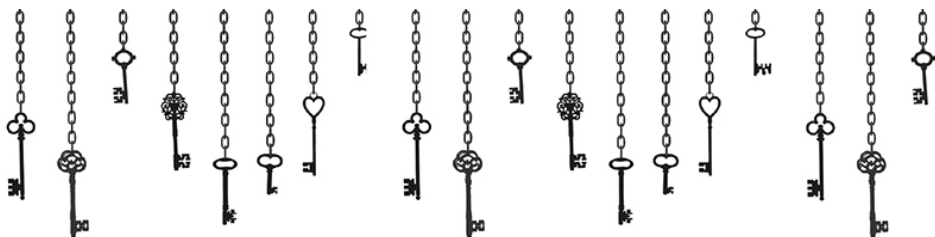
– Quão forte é o Inveja, ao certo?

– Cada um dos *kiadara* possui a força de duzentos homens. Diz-se que são os sopros dos velhos deuses. Devido ao seu gosto por sangue, uniram-se aos vampiros.

A boca de Camilla secou.

O Inveja estava a lutar contra o equivalente a oitocentos homens mortais e um vampiro com a sua própria força imortal.

O príncipe-demónio virou-se, viu as bestas furiosas a aproximarem-se, levantou a adaga e sorriu.



*H*á muito tempo que o Inveja não participava numa luta decente.

Agora estava satisfeito por não ter aceitado a oferta recente do Ira. Canalizou os seus pecados menos dominantes transformando-os em armas para serem usadas nos seus inimigos, alimentando a sua ira, a sua gula e a sua luxúria pela matança.

Guardou o melhor para o fim.

O Inveja invocou uma imagem na sua mente, uma que fez o seu pecado rosnar. Por uma vez, deixou a sua inveja sair da jaula, deixou-a consumir todos os seus pensamentos, exceto um. Zarus tocara em Camilla, sabendo que era apenas uma questão de tempo até que o Inveja chegasse à sua porta.

Com a memória das mãos do vampiro no corpo dela, dos dentes dele a roçarem-lhe o pescoço enquanto usava os seus poderes nela, o Inveja virou-se, cravando a adaga numa perna.

O rugido do vampiro foi animalesco, o esguicho de sangue satisfatório. A seguir, apontaria para o coração não pulsante de Zarus.

A arena encheu-se de gelo, resultado do poder do Inveja. Tinha de se controlar, controlar a sua magia e as suas emoções, ou acabaria por se esgotar demasiado depressa. Já se sentia sem fôlego, o esforço de mover o seu corpo era mais difícil sem o seu maldito coração.

As sádicas das deusas da Morte...

Os *kiadara* usaram garras, presas e força, caindo sobre ele como animais famintos num frenesim. Punhais feitos do seu gelo apunhalaram as criaturas.

O Inveja desferiu socos que os fizeram voar para trás, sofreu alguns golpes, e rapidamente percebeu que eles tinham vindo preparados para vencer usando qualquer meio necessário.

Os *kiadara* tinham impregnado as suas garras e lâminas com toxinas, abrandando as suas capacidades de cura, que já de si estavam mais lentas.

Se tivesse de adivinhar, com base na dor aguda que lhe percorria as costas, tinham usado *hellebane*. Se pudesse registar uma aposta na Casa Ganância, teria apostado que Zarus fizera o mesmo.

Blade dissera que Zarus planeava envenenar o Inveja, mas o *hellebane* era diferente. A planta só era encontrada nas regiões mais remotas dos Sete Círculos, e não era tóxica a menos que fosse queimada até se transformar em pó.

Um chicote farpado rasgou-lhe a zona entre os ombros, mesmo onde as asas ainda estavam escondidas. O *hellebane* infiltrou-se na sua carne, queimando-a. A dor aguçou-lhe a fúria.

O Inveja virou-se, perfurando o peito do Canidae para lhe arrancar o coração ainda a bater. Atirou-o aos seus semelhantes, que se tornaram vorazes enquanto lutavam por ele. A fome dos *kiadara* não tinha limites – comeriam os seus próprios membros decepados se a sede de sangue os

dominasse.

Levantou a lâmina para o vampiro, de dentes arreganhados. Aquilo precisava de acabar. Rapidamente. Mas ainda daria um bom espetáculo.

– Vem brincar.

– Vou fazer com que aquela puta se venha antes de a chupar até se esvair – escarneceu Zarus.

Foi a coisa errada para dizer.

Apesar de estar esgotado, o Inveja moveu-se com o máximo da sua força imortal que conseguiu reunir, arrastando a lâmina pelo pescoço do vampiro.

A ferida foi superficial, um aviso de que o Inveja ainda só estava a brincar.

Depois girou e atacou novamente, desta vez afundando a lâmina na carne até cortar o osso.

Zarus urrou.

O Inveja mal reparou nas lâminas revestidas de *hellebane* enquanto estas lhe rasgavam a carne. O seu olhar estava focado, faminto, num único alvo.

Fez cair a adaga sobre o joelho direito do vampiro, e o seu osso estilhaçou-se com o impacto. Pela primeira vez, Zarus perdeu o sorriso presunçoso. Recuou, a coxear.

O Inveja parou de brincar. Apenas um deles iria sair pelos seus próprios pés daquela arena e com toda a puta de certeza que seria o príncipe-demónio. No olhar de Zarus agora havia medo.

Os vampiros curavam-se depressa, mas os ossos demoravam a sarar.

O Inveja atacou de novo, partindo a outra rótula. Ela desfez-se em pó. Zarus não voltaria a ficar de pé.

Um dos *kiadara* cercou os dois, a saliva a voar, aterrando na areia ao mesmo tempo que emitia silvos acídicos. O Inveja distraiu-se por um momento, e um dos

chifres de touro do Bovinae perfurou-lhe o ombro, atravessando-o por completo.

A ferida não começou a sarar.

O Inveja cerrou os dentes, balançando a sua lâmina para dentro e para cima da caixa torácica do *kiadara*, apesar da dor no seu próprio peito.

A sua ferida anterior abriu-se, mas pelo menos o *kiadara* tombara, contorcendo-se.

Zarus convocara os outros dois *kiadara* para o seu lado, formando uma frágil linha de proteção. Era provável que os seus joelhos não se regenerassem até que ele se banqueteasse com sangue e tivesse um dia de descanso.

Zarus não veria o nascer do Sol.

Os *kiadara* restantes rosnaram e gritaram. O Inveja agarrou a adaga com mais força.

Leão ou Falcão. Panthera ou Falconidae.

No final, não interessava por onde começava. O Inveja não sentia qualquer satisfação em destruir aquelas criaturas, descendentes de deuses. Era um desperdício.

E mais uma razão para ele matar aquele vampiro que ceifava vidas sem se importar.

Matar, não, lembrou a si próprio. Esse golpe final pertencia a outro. O Inveja podia ser um demónio sem alma, mas Zarus era um sacana desprezível. A sua corte merecia melhor.

O Panthera rugiu, o som fazendo vibrar o chão com força.

Até então, o Inveja não prestara atenção à multidão; desligara-se dela, concentrando-se nos sons da sua lâmina, que encontrava, rasgava e despedaçava a carne. Agora conseguia ouvir as suas vaías, os seus clamores por sangue. Não queriam saber de quem era.

Quis voltar a procurar Camilla nas bancadas, para saber

se ainda estava segura, mas não o fez. Alexei recebera as suas instruções. Morreria pelas mãos do Inveja se não as seguisse.

O Panthera andou em círculos à volta do Inveja, aproximando-se lentamente. O Falconidae soltou um grito estridente para o distrair. Iriam atacar o Inveja como uma equipa.

As feridas nas suas costas sangraram em abundância, as gotas transformando-se em ouro ao chegarem ao chão. As criaturas cheiraram-no, os seus olhares tornaram-se completamente obscuros. O Inveja era maldito, mas o seu sangue continuava a ser divino; valia a pena morrer por uma degustação. Ou assim lhe tinham dito.

– Eu sei que sou bonito. Mas vão ficar aí a despir-me mentalmente a noite toda?

Saltaram em conjunto, cada um deles a atacá-lo. O Inveja safou-se por pouco dos dentes do Panthera, mas não teve a mesma sorte com a espada do Falconidae, que se cravou no seu flanco, atingindo uma costela.

O *hellebane* tornou a ferida duas vezes mais dolorosa, e a sua respiração foi ficando mais aguda a cada maldita inspiração. O seu sangue dourado misturou-se com o vermelho e o preto dos seus oponentes e da sua vítima anterior, derramando-se mais depressa do que nunca.

«Foda-se». Estava a ficar... tonto.

O Panthera aproveitou a distração para atirar o Inveja ao chão.

A areia raspou-lhe as feridas nas costas, enquanto o Panthera rangia os dentes na sua garganta. Nos pontos onde lhe atingia a pele, a saliva do monstro chiava como água a bater em pedras quentes.

O Inveja resistiu, fazendo o leão voar para o outro lado da arena, o seu corpo embatendo na parede de pedra com

tal força que ele caiu, com os membros e a cabeça tortos, sem vida.

O Inveja não se compadeceu com a última criatura: o Falconidae.

Atacou o monstro com cabeça de ave de rapina, a adaga perfurando um olho, depois o seguinte, antes de arrancar a cabeça da criatura e de a atirar para o lado, ofegante. O *hellebane* continuou a arder sob a sua pele. Teria de limpar as feridas em breve. E a luta tinha de acabar.

O Inveja estava enfraquecido, mais do que alguma vez admitiria.

Zarus, no entanto, tentou rastejar para longe, arrastando as suas pernas inúteis.

O Inveja aproximou-se e enfiou a sua lâmina na mão de Zarus, imobilizando-o, depois agachou-se à frente do vampiro ferido, com os braços apoiados casualmente nos joelhos. A posição doeu como nunca nada lhe doera, mas a sua expressão não deixou transparecer nenhuma dor.

Seria tão fácil arrancar a cabeça de Zarus e atirá-la às chamas naquele momento. Porém, o jogo estava a ser disputado, por isso esperou, com as feridas a arder. O Colecionador de Medos dera-lhe uma ordem inconfundível.

Perguntou-se, por momentos, se o vampiro sempre soubera o que estava em jogo.

Se teria concordado na mesma. Os Unseelie eram excelentes a alimentar egos, a fazer com que uma vitória parecesse inevitável em vez de improvável.

– Hubris, o grande destruidor de homens e criaturas. – O Inveja resfolegou. – Seja o que for que o rei Unseelie te tenha oferecido, devias ter recusado. Tinhas uma boa vida. Sangue. Amantes. Uma corte inteira para te servir e agradar. No entanto, atreveste-te a enfrentar um príncipe do Inferno.

Zarus tossiu sangue preto, mas sua expressão permaneceu uma máscara cruel de desafio.

– Ela... nunca... será... tua.

Algo se torceu no peito do Inveja, tão doloroso quanto o *hellebane*.

– O Lennox disse-te que isto ia acontecer? – perguntou.

– Que irias lutar por mais do que a tua coroa?

A fúria ardeu nos olhos azuis gélidos de Zarus.

– ... prometeu... a sua... filha.

– Espero bem que tenha especificado qual. Tem mais mestiças animais a vaguear por aí do que qualquer um dos deuses mortais. Talvez te tenha prometido uma vaca sagrada.

A língua lacerada de Zarus disparou, como se estivesse a saborear este golpe final.

– ... um... quatro.

As sobranceiras do Inveja franziram-se.

Havia quatro herdeiros de sangue na Corte Selvagem, dois príncipes Unseelie e duas princesas Unseelie. Dizia-se que cada um deles possuía magia que tinha capacidades incalculáveis.

Seria de facto incentivo suficiente para Zarus arriscar tudo.

Não só a sua corte estaria alinhada com todos os *fae* Unseelie, como também a sua princesa seria temível, poderosa o suficiente para manter os inimigos longe das suas costas. No entanto, qualquer princesa Unseelie seria perversa como os seus pais, e acabaria por eliminar o seu príncipe-vampiro por lazer. Ou, mais provavelmente, para reclamar mais território para os *fae* das trevas.

Lennox nunca oferecia algo de valor, a não ser que acreditasse que o seu investimento iria triplicar. O vampiro ou não sabia ou não se importava com isso. Provavelmente

pensara que poderia aprisionar a princesa com o seu veneno.

Zarus gorgolejou no seu próprio sangue, tentando dizer mais. O Inveja supôs que, de certa forma, era justiça poética.

Desviou o olhar, encontrando Blade na gruta do lado de fora da arena. «Até que enfim, porra.» O *hellebane* era agora tão doloroso que ele quase se ajoelhou. Precisava de sugar alguma inveja rapidamente, para reabastecer o seu poder esgotado.

Com os dentes cerrados, o Inveja levantou o corpo flácido de Zarus.

Os olhos carmesins de Blade brilharam com violência quando ele avançou. Estava na altura de coroar um novo príncipe.

Zarus finalmente percebeu o que se passava, os seus dedos arranhando os braços do Inveja.

– Misericórdia. Desisto!

– Nunca devias ter atacado o meu irmão ou abusado do teu próprio povo – disse o Inveja calmamente. – Levar a Camilla foi a tua pior jogada até agora. Nunca toques no que é *meu*.

A atenção de Blade manteve-se fixa no príncipe, as suas presas brilhando à medida que o Sol nascia devagar. Num movimento simultaneamente gracioso e brutal, rasgou a garganta de Zarus e ergueu a cabeça decepada. O Inveja sentiu o choque da multidão.

Blade não brincava com os seus alvos; sempre fora daqueles que atacavam com força e rapidez, despachando-os com precisão.

O Inveja lançou um pouco de magia sobre os corpos empilhados na areia, criando uma pira. Blade levou a cabeça do príncipe para as chamas, segurando-a enquanto

o fogo a queimava até se transformar em cinzas. Zarus era tão antigo que a sua pele fina de papel se enrugou como lenha seca.

A histeria da multidão pairou como uma névoa escura.

– Silêncio! – A voz de Blade interrompeu os gritos de terror que irromperam. – Pelo sangue. – Indicou a cabeça carbonizada do seu antecessor. – Pela lâmina. – Arrastou a sua arma sobre o seu coração. – Pela força. Assumi o Trono Imortal.

O Inveja observou a multidão; não pareciam convencidos.

Blade teria de os trazer para o seu lado antes que o choque passasse e outro herdeiro surgisse.

Blade sabia-o.

Puxou de dois punhais curvos, segurando-os enquanto os girava lentamente, olhando para as bancadas.

– Curvem-se perante o vosso novo príncipe. Ou morram pela minha lâmina.

A tensão era espessa como o fumo no ar, e o Sol continuava a subir lentamente. Em breve os vampiros teriam de se retirar. Mas Blade pusera guardas nas saídas.

Vê-los-ia arder se não se curvassem.

Ao lado de Camilla, Alexei bateu com o punho no peito e depois ajoelhou-se. A sua voz orgulhosa ecoou pelas bancadas.

– Governante legítimo dos Corações Imortais. Eu honro-vos. Príncipe Blade.

Fez-se uma pausa tensa. Por fim, vários outros vampiros seguiram o exemplo, oferecendo o voto e ajoelhando-se.

Pouco depois, toda a arena se ajoelhou, os seus sussurros preenchendo o ar. Blade assumira o Trono Imortal.

Um príncipe de olhos carmesins governava agora. O

primeiro, tanto quanto o Inveja sabia.

O Inveja olhou de relance para Blade, esperando não ter cometido um erro ao ter posto um vampiro mais forte no trono. Zarus era cruel, conivente, brutal para com o seu próprio povo, mas o Inveja sabia como ele governava.

Blade era uma incógnita, mas esperava que pudesse ser o príncipe de que o seu povo precisava.

O tempo iria certamente revelá-lo, de uma forma ou de outra.

Com sorte, nos próximos meses, Blade estaria demasiado ocupado a estabelecer a sua corte e o seu governo, com a atenção voltada para a procura de uma consorte com quem unir forças políticas e apaziguar as coisas com a nobreza vampira, para querer arranjar problemas com os demónios.

Se assim não fosse...

O Ira iria, sem dúvida, responsabilizar o Inveja por permitir o surgimento de uma ameaça maior.

Teriam de encontrar consenso quando chegasse a altura.

Por agora, o Inveja precisava de tratar das suas feridas antes que alguém descobrisse a sua fraqueza crescente, recolher a sua próxima pista, tirar Camilla dali e depois ganhar aquele maldito jogo.



Camilla andou de um lado para o outro dentro do quarto, sentindo-se enjaulada.

A batalha terminara há mais de uma hora, e o Inveja ainda não tinha regressado ao quarto.

Alexei deixara-a lá, trancara a porta por fora e depois saíra. Ela abanara o puxador, depois tentara forçar a fechadura, sem sucesso.

O vampiro dissera que se tratava de uma medida de segurança, mas parecia que era *ela* a prisioneira.

Revirou o quarto, encontrando uma pequena bolsa cheia de frascos de medicamentos, um punhal estreito e uma bainha que podia esconder no corpo. O punhal que o Inveja lhe tinha dado perdera-se na Floresta Sangrenta, por isso este serviria para já. Uma nota rabiscada à pressa dizia: «Para as feridas do Príncipe, reaplicar conforme necessário. Nunca te esqueças: ataca com força, cordeirinho. Blade.»

Camilla sorriu. Apesar da forma como se tinham conhecido, ela também desejava felicidades a Blade.

Ouviu passos apressados a passar pelo seu quarto, outra vez. Mil pessoas deviam ter passado a correr desde que

ficara trancada.

Captou pedacinhos de conversa, confirmando que a corte estava num caos total.

Pelos vistos, apenas os herdeiros reais dos vampiros haviam deposto um príncipe antes, e os olhos carmesins de Blade tornavam a situação invulgar.

Ninguém sabia o que fazer com a nova posição ou reivindicação de Blade.

Alguns diziam que ele era realeza apesar da cor dos seus olhos, e depois rebentavam lutas por causa disso.

A corte dos vampiros, imersa numa tal agitação interna, era o último sítio onde ela queria estar.

Camilla pensou na sua galeria, nos seus amigos e na sua vida em Waverly Green. Pensou em *Bunny* e desejou, mais do que qualquer outra coisa, que a sua doce amiga peluda estivesse com ela agora. Tentou evocar o sentimento que achava que devia ser o de estar a abraçá-la com força. Em vão.

Além da sua gata e dos seus amigos, Camilla não sentia falta de muito mais.

Sentou-se na beira da cama, tirando as algemas e o colar. Um barulho fora do quarto chamou-lhe a atenção, e ela correu para a porta, batendo nela.

– Olá? – chamou.

– Ah! Está aqui. – O timbre da voz de Vexley soou do outro lado. – Camilla, querida, abra a porta.

Pensou em bater com a cabeça contra a parede.

– Está trancada. Do *seu* lado.

– Oh.

Clique.

A porta abriu-se, revelando Vexley e a sua nova namorada. A *succubus* abanou a cauda pontiaguda, depois empurrou Vexley contra a parede, passando-lhe a língua

por cima com um piscar de olhos, e foi-se embora.

Camilla estava demasiado grata pela sua ajuda a abrir a porta para ficar repugnada com a forma como Vexley estava agora excitado. Manteve os olhos no rosto dele.

– Vai voltar para Waverly Green? – perguntou, espreitando pelo corredor.

Nada de Alexei. Nada do Inveja. Nenhum guarda a correr para a prender.

– Vou. Mas se me quer pedir uma maneira de voltar, vai custar-lhe mais do que outra falsificação, meu amor. – Vexley sorriu e aproximou-se. – Desta vez quero que aceite o meu pedido de casamento.

Camilla não se admirou de ele usar a situação em seu proveito, mas ficou surpreendida com o facto de *ela* própria não ter considerado pedir uma maneira de voltar para Waverly Green.

Se alguma vez existira uma altura para fugir, para se lançar de cabeça na sua vida normal, era agora. Sem mais jogos, sem mais submundo, sem mais batalhas de vampiros ou Casas do Pecado. No entanto, por mais que quisesse a sua gata, não queria voltar já para casa. Ainda precisava de recuperar o seu talento.

Afastou-se de Vexley, abanando lentamente a cabeça.

– Percebeu mal. Não quero ir-me embora.

A mão dele agarrou-lhe o pulso, esmagando-lhe os ossos.

– A *Camilla* é que percebeu mal. Não é uma opção. A morte do Zarus impediu-me de obter a minha próxima pista.

– Não estou a ver como é que isso é um problema meu.

– Perdi o jogo. Acabou-se para mim. Mas a Camilla também está aqui por uma razão... vai aliviar a minha dor, não vai?

– Largue-me.

O aperto de Vexley intensificou-se, mas a sua expressão manteve-se perfeitamente calma. Isso assustava-a mais do que a sua fúria exterior. O tom dele era agradável, persuasivo. Como se ele apenas precisasse de a amansar, de a fazer ver a razão.

– Este é o caminho, Camilla. Irá voltar como minha mulher. Venderemos mais falsificações. Ganharemos tanto dinheiro que compraremos a nossa imortalidade.

– Foi por isso que jogou? Para se tornar imortal?

A expressão plácida de Vexley cedeu.

– Tenho os meus motivos, querida. Agora venha comigo.

– Eu disse para *me largar*.

A máscara de calma desfez-se, revelando o verdadeiro homem que ela já vira uma vez antes.

– Não me vou embora sem um prémio, Camilla. Ainda que sejas tu. – O olhar de Vexley tornou-se frio, a sua boca torceu-se numa careta cruel.

Empurrou-a de volta para o quarto, prendendo-a rapidamente contra a parede.

– Primeiro, vamos pôr um herdeiro no teu ventre.

A sua mão livre deslizou entre eles, acariciando-lhe ternamente a barriga, como se não estivesse a falar em violá-la. Como se houvesse algo de gentil ou doce na sua proposta.

– Vexley – voltou a dizer, tentando manter-se calma. – Não quer fazer isto. Largue-me.

Ela olhou em volta, furiosa; o maldito punhal que Blade lhe dera ainda estava na bainha, fora do seu alcance.

Vexley inclinou-se, com um olhar ameaçador.

Como este homem alguma vez conseguira enganar a sociedade, fazendo-a acreditar que era despreocupado, era

um mistério. Camilla via agora que o seu sorriso torto também indicava o quão desequilibradas estavam as escalas do certo e do errado dentro dele.

Canalizou o seu medo, a sua raiva, sentindo-os acumular-se sob a sua pele. Dar-lhe-ia mais uma oportunidade de a libertar.

– Largue-me, Vexley. Agora.

A sua voz foi calma, firme. Era um logro. E Vexley caiu na esparrela.

Ele inclinou-se para ela com mais força, como se pudesse forçar as suas almas a entrelaçarem-se ali mesmo. Desejava um casamento. Até que a morte os separasse. Camilla conceder-lhe-ia pelo menos parte desse desejo.

Ele devia ter prestado atenção ao brilho prateado nos olhos dela, que reluziam como lâminas assassinas, e não à faixa de pele entre os seus seios.

Só que Vexley não era sábio nem observador. O seu comportamento egoísta seria a sua ruína.

O aperto dele sobre ela não afrouxou. Mas ela já não se importava.

Utilizando aquela ligação, em todos os sítios onde ele lhe tocava, deixou que aquela estranha sensação sob a sua pele se soltasse. Talvez estivesse louca, mas estava farta.

Anos de tormento, de medo, de se fechar em si mesma em vez de se defender, explodiram numa torrente de emoções reprimidas. Como uma barragem a romper-se, tudo o que ela havia contido inundou-a.

– Mas o que...

A força de Camilla atravessou-os a ambos. Os olhos de Vexley arregalaram-se, deixando ver a parte branca.

As mãos dele, agora ligadas a ela, não se conseguiam soltar nem que ele tentasse. Ela observou à distância enquanto ele tremia, o seu corpo a convulsionar-se

violentamente, a saliva a formar-se na sua boca como espuma acumulando-se num mar agitado.

Sentiu o cheiro a mijo, a excrementos, mesmo antes de o porco cair na sua imundície, o seu corpo a contorcer-se uma última vez.

Camilla recuou, o olhar fixo na forma imóvel, sentindo-se desprovida de emoção. Ao longe, talvez apenas na sua mente, um riso feminino familiar percorreu-lhe a espinha. Pensou, durante um segundo sombrio, que a sua mãe estaria orgulhosa.

Não soube dizer o que a fez olhar para cima; talvez soubesse que ele estivera ali, a observá-la das sombras. Talvez tivesse simplesmente desejado que ele estivesse lá e ele viera, convocado pela depravação do que ela fizera, ou pela forma como não sentia um pinga de remorso.

O Inveja dirigiu-se para a luz, a sua atenção fixou-se na dela. Não disse nada sobre o homem que jazia morto a seus pés. Nenhum juízo de valor lhe cruzou as feições, nenhum medo ou repulsa.

Camilla não referiu as feridas que vertiam icor do corpo *dele*.

Ou a forma brutal como ele matara naquela arena, o prazer que parecia ter na morte.

Talvez fossem ambos malditos, coisas perversas, quebradas em todos os sítios certos para que se alinhassem, arestas irregulares e suaves.

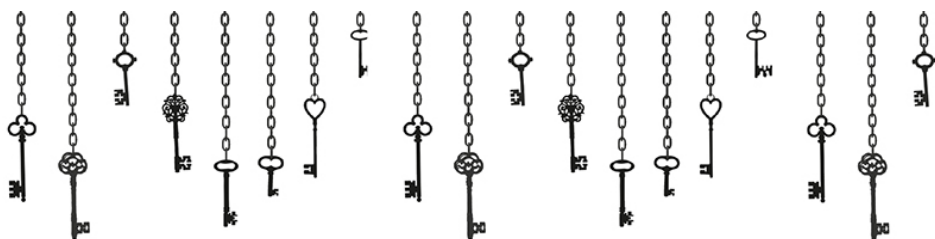
Ele estendeu a mão, à espera.

Antes de ir ter com ele, pegou na bolsa que Blade lhe oferecera. Não olhou para Vexley enquanto passava por cima dele. Naquele momento, Camilla não era capaz de se arrepender, nem de se preocupar. Nem sequer de ficar em choque.

Quaisquer sentimentos que tivesse guardado haviam-se

esvaziado, como se os tivesse consumido todos.

Agarrando a mão manchada de sangue do Inveja, Camilla acenou-lhe com a cabeça e preparou-se para a sua magia, enquanto ele os levava para longe da carnificina da corte dos vampiros.



46

O Inveja puxou Camilla para trás de si, os seus sentidos de batalha em alerta máximo. A dor infligida pelo *hellebane* ainda latejava, aguçando-lhe os sentidos como uma lâmina afiada.

Estavam à porta da casa de campo, nos arredores da sua propriedade. Queria uma oportunidade para falar com Camilla, para processar tudo o que acabara de testemunhar e para se limpar antes de decidir se devia arriscar levá-la para o seu castelo. Precisaria de entrar na sua Casa primeiro para garantir que o pior do que se passava na sua corte estaria escondido.

Agora isso teria de esperar.

Uma sombra moveu-se ao longo da orla da floresta, trazendo consigo aquela sensação de escuridão que indicava apenas uma coisa. *Fae*.

– Entra na clareira, devagar – ordenou o Inveja.

O Unseelie fê-lo. O homem tinha cabelo branco, olhos amarelo-pálidos e pestanas mais negras do que tinta. As suas botas castanhas estavam gastas, mas eram de boa qualidade, e tinha as mangas da camisa arregaçadas para mostrar os antebraços morenos, tonificados e letais. A

camisa estava amarrotada, mas, mesmo na escuridão, o Inveja percebeu que o linho era requintado. O *fae* usava um chapéu de abas baixas, que escondia as suas elegantes orelhas pontiagudas.

Parecia um caçador mortal que saíra a correr da floresta, sem a arma, mas a maioria não se apercebia de que era *ele* a arma.

O Inveja reconheceu-o de imediato pela reputação.

– Estás muito diferente de quando caçavas donzelas na floresta, Wolf.

– Aumentam os rumores. – O *fae* sorriu, revelando mais do seu rosto e desfazendo-se do seu disfarce humano. – Dizem que coroaeste um novo vampiro.

A voz de Wolf era melódica, hipnotizante, e fora usada para seduzir mais do que alguns mortais ao longo dos anos. A sua voz era um sinal de que outrora ocupara um lugar na sua corte, embora agora estivesse muito longe de casa.

O Inveja não ignorou o facto de ele ter feito referência à coluna de mexericos. Wolf devia ter vindo ver se os rumores sobre a Casa Inveja eram verdadeiros, para testar os limites das proteções mágicas. Eram verdadeiros, é claro, mas as proteções que o Inveja lançara eram menores do que se imaginava, envolvendo apenas a sua Casa.

– Trazes uma mensagem do Lennox? – perguntou o Inveja.

O *fae* aproximou-se, subitamente curioso em relação a Camilla. Demasiado curioso.

A adaga do Inveja estava à mão, com a lâmina ainda a brilhar ligeiramente devido às suas recentes oferendas.

O Unseelie reparou nisso e recuou, sorrindo como se estivesse a divertir-se.

– Rumores, como eu disse. – O sorriso de Wolf alargou-se. – Rumores adoráveis e chocantes.

Ele ainda estava a olhar para Camilla, de forma tão intensa que não iria acabar bem.

O Inveja deu um passo em frente, transbordando ameaça.

– A minha paciência está a esgotar-se.

– Não tenho nenhuma mensagem do rei – disse Wolf. – Estava apenas curioso para saber se os rumores eram verdadeiros. Estou a ver que são. Que encantador.

– Se estavas curioso em relação ao novo príncipe-vampiro, porque vieste aqui?

– Não há relação entre as duas coisas. – O *fae* exibiu outro sorriso, este feroz. – Até breve, cara dama das formosas geadas. As mudanças de estação são sempre tão bonitas.

Antes que o Inveja o pudesse atravessar com a sua lâmina, o Unseelie desapareceu, mudando de uma realidade para outra.

O Inveja olhou para Camilla, o seu pecado a ameaçar emergir. Por um momento, ela pareceu ter visto um fantasma.

– Já o conhecias? – perguntou o Inveja, desconfiado.

O olhar dela dirigiu-se para onde o *fae* tinha desaparecido.

– Toda a gente já ouviu falar das lendas dele.

– Tenta não parecer tão fascinada. – O humor do Inveja piorou ainda mais, ao reparar que ela não respondera à sua pergunta. – Ele caça mulheres.

– Essas histórias não são propriamente verdadeiras. – Camilla mordeu o lábio inferior ao admitir aquilo.

– Ah, sim? Esclareça-me, Miss Antonius.

– O Wolf prefere mulheres, mas não as caça para comer. Bem – aclarou a voz –, pelo menos não da forma como as histórias contam. O apetite do Wolf é... A maior parte das

peessoas em Waverly Green acredita que ele ludibria as donzelas para que o deixem entrar nas suas casas. Pelo menos é essa a história que os homens contam às mulheres para as assustar, mas, pelo que ouvi, as donzelas ficam muito felizes em ver o Wolf. Uma noite com ele é... ameaça suficiente para que os homens inventem essas histórias.

Ele lutara contra um vampiro e monstros lendários, e o rosto de Camilla apenas se ruborizara ao recordar as histórias chocantes do maldito *fae* Unseelie e das suas habilidades na cama. O Inveja subiu a escadaria da sua casa de campo, sentindo as feridas a arder.

Como se o próprio Inveja não lhe tivesse proporcionado um orgasmo com a sua língua lendária.

O ciúme, frio e implacável, fustigou-o.

– Vem – disse ele, num tom frio e *talvez* um pouco mesquinho. – A não ser que queiras esperar que o Wolf volte para tratar disso.



Depois de o Inveja ter mostrado a Camilla o quarto dela, retirou-se para os seus aposentos. A casa de campo era grande e bem mobilada, adequada a um príncipe que desejava que os outros o invejassem. Era também o local perfeito para entreter Camilla enquanto verificava o que se passava com a sua corte. Depois de tratar das suas feridas.

Silvou enquanto tirava lentamente a camisa. Os cortes apenas tinham sarado em parte, fazendo com que a sua pele se voltasse a abrir à medida que se despia.

Havia outra coisa que também ardia no Inveja. Logo a seguir à batalha, esperara que a pista seguinte lhe fosse entregue. Mas não chegara nenhuma mensagem.

E quanto a Camilla... suspeitara que ela tinha segredos, mas ela parecera momentaneamente atordoada pela magia que lhe crepitava na pele como pequenos relâmpagos. Se ela sabia que possuía aquela habilidade ou se fora um choque, ainda estava por determinar. Algumas criaturas selvagens tinham esse poder – as enguias elétricas, por exemplo. O que o levou a pensar que ela poderia ser uma metamorfa.

Se não fosse totalmente metamorfa, poderia ter uma ascendência única; o sangue metamorfo de um parente distante manifestar-se-ia de tais formas.

Os *fae* também possuíam capacidades como as dela – magia e talentos. Contudo, ele não recebera nenhuma indicação de que ela tivesse sangue Seelie. As suas orelhas eram as de uma mortal. Até esta noite, ele nunca lhe tinha visto qualquer indício de magia. Quando a massajara, não vira qualquer sinal de um encantamento gravado na sua pele. E, muitas vezes, um encantamento ainda podia ser detetado, mesmo que parcialmente.

Se não era *fae* nem metamorfa, o que mais poderia ser?

As mãos do Inveja já estavam nos cordões das calças quando ouviu a inspiração aguda atrás de si.

Não se tinha olhado ao espelho; já sabia que as feridas nas suas costas não eram bonitas. Eram profundas, até ao osso em alguns sítios, e o *hellebane* corroía-lhe a carne. Talvez até criassem cicatrizes, para variar.

A tatuagem que simbolizava a sua Casa, que começava logo acima do cotovelo, no bíceps direito, antes de serpentear pelo ombro e pelo peito, podia até precisar de ser retocada.

– Eles não se contiveram – disse ela suavemente.

O seu toque era leve como uma pena e demasiado tentador.

Ele sabia do que aquelas mãos de artista eram capazes.

– Miss Antonius. – O Inveja queria que o seu tom saísse áspero, mas foi demasiado baixo, demasiado convidativo até para os seus próprios ouvidos. – Devia voltar para os seus aposentos.

– Tenho uma pomada.

Os dedos dela traçaram os músculos dos ombros dele, duros e contraídos, até que eles relaxaram aos poucos com as suas ministrações.

– E algumas ervas para o teu banho. Foram um presente do Blade.

O Inveja sorriu com aquilo, apreciando uma jogada inteligente quando a via.

O novo príncipe herdeiro já estava a fortalecer a sua aliança, fazendo as pazes em nome do governante anterior. O Inveja duvidava que o rei Unseelie ficasse satisfeito com o facto de este jogo em particular ter corrido tão bem. Lennox, sem dúvida, queria criar o caos e a discórdia, para agitar a corte.

Para não mencionar que, agora que o Inveja sabia que Lennox prometera a Zarus que uniria as suas cortes através do casamento, o *fae* ficaria furioso quando descobrisse que Blade tencionava arranjar uma noiva vampira. Ele já anunciara que escolheria uma das famílias nobres da Ilha da Malícia, fortalecendo ainda mais a sua pretensão ao trono.

Outra jogada inteligente. Agora, todos os nobres que poderiam ter conspirado para tomar a coroa de Blade iriam conspirar para que as suas herdeiras governassem a seu lado. O novo príncipe-vampiro não se arriscaria a casar com uma *fae* e a causar mais conflitos.

Além disso, Blade recusava-se a apaixonar-se por alguém que pudesse ser alimento. Deixara isso bem claro. E

era em parte por isso que o Inveja sabia que Camilla estaria segura perto dele. Apenas soubera de um caso em que o vampiro se desviara da sua regra – quando se envolvera com um lobisomem.

Os inimigos davam parceiros de cama interessantes.

Lennox não devia saber ou pensaria que Blade podia ser influenciado para o seu lado.

– O teu braço e o teu peito... lobos gémeos? – perguntou ela.

Ele engoliu em seco. Ainda bem que a tinta ainda estava intacta.

– Um lobo de duas cabeças. O símbolo da minha Casa.

O Inveja imaginou Camilla a olhar para a figura, como lhe cobria toda a parte superior do braço, depois o lado direito do peito. A parte inferior do corpo do lobo começava mesmo acima do cotovelo; estava apoiado nas patas traseiras, com o corpo a chegar-lhe ao ombro. A primeira cabeça inclinava-se para o seu peito, curvando-se sobre o seu ombro, o focinho fechado e, de certa forma, pacífico, contemplativo. A segunda cabeça estava mais baixa, ocupando os seus peitorais, e era feroz. As suas mandíbulas estavam abertas, com dentes arreganhados contra um inimigo invisível.

Com exceção dos olhos verdes intensos, o Inveja escolhera a tatuagem sem cor, querendo que o contraste das sombras lhe desse beleza. O claro-escuro sempre o fascinara, o estudo da luz contra a escuridão.

Os seus lobos estavam sempre a perseguir alguma coisa fora do seu alcance. Nunca satisfeitos. Monstros, de olhos verdes e ferozes. Como ele.

Sem qualquer aviso, Camilla passou a pomada no primeiro corte do Inveja. Ardeu intensamente. O Inveja cerrou os dentes enquanto aquelas mãozinhas adoráveis

continuavam a torturá-lo devagarinho com as ervas. Reconhecidamente, a primeira ferida já lhe parecia melhor.

Em pouco tempo ela já tinha tratado de cada marca de garra e de cada laceração.

O buraco onde o chifre do touro o tinha perfurado era pior, mas depressa também ele começou a suturar-se lentamente, e o Inveja sentiu comichão e ardor na pele, como se formigas-de-fogo ali tivessem feito ninho.

Camilla pressionou uma mão no seu ombro bom, virando-o até ele olhar para ela.

Estremeceu como se estivesse a sentir a sua dor em primeira mão, embora a maior parte agora não passasse de uma leve pontada.

O peito dele tinha apenas uma ferida, mas era de longe a pior de todas.

O Panthera desferira-lhe um bom golpe, a sua garra quase o esventrara. O olhar dela seguiu a linha recortada do peito dele até ao umbigo. Uma certa emoção cintilou ali.

Ela tocou-lhe no peito com delicadeza, a sobancelha franzida.

– O teu coração... – Se pudesse bater, estaria a fazê-lo agora.

O Inveja retirou-lhe as mãos com cuidado.

– Em breve voltará a crescer.

O horror tomou conta das feições de Camilla.

– O quê? Como?

– Digamos que te teria seguido até à corte dos vampiros mais cedo se não tivesse tido um pequeno... contratempo.

Camilla olhou-o fixamente, parecendo não saber o que dizer.

– Desculpa – disse ela, baixinho.

Aquilo fez com que algo primitivo dentro dele se

erguesse, rosnasse.

– Não me lembro de te ter visto a empunhar a lâmina, criatura. Não peças desculpa em nome de outrem.

– Deixa-me reformular a frase. – Os olhos prateados dela brilharam com irritação. – Desculpa, mas isto vai doer imenso.

Camilla espalhou a pomada pela parte da frente dele, e o seu toque já não era gentil quando cobriu a ferida, não deixando nenhuma secção por tratar.

Ele praguejou e recuou, mas a pequena besta infernal moveu-se com ele, terminando o trabalho com uma eficiência brutal.

– Pronto. – O tom dela foi incisivo enquanto voltava a fechar a tampa do frasco. – Deve ser suficiente. A nota do Blade dizia para reaplicar se necessário.

Espalmou um saco de ervas no peito dele ainda a sarar.

– Adiciona duas pitadas generosas desta mistura ao teu banho e fica de molho durante vinte minutos. Não vai melhorar a tua atitude, mas as tuas feridas deverão sarar bem.

Malditos fossem os santos do céu, ele estava duro como granito. Outra vez.

Ela virou-se para sair, e ele agarrou-lhe na mão, puxando-a para junto de si.

O desejo dela atingiu-o com mais força do que qualquer outro golpe que tivesse sofrido na arena. Era a primeira emoção forte que sentia por parte dela desde que tinham chegado ao seu círculo.

– Permita-me que lhe agradeça devidamente, Miss Antonius.

Antes que ela pudesse tecer outro comentário perspicaz, a boca do Inveja caiu sobre a dela.



Camilla acabara de matar um homem por menos. Mas o beijo descarado do Inveja... deu-lhe vida.

Se tinha estado presa num casulo de gelo, imobilizada pelo horror do que fizera, agora libertara-se. O fogo dele devastava todos os lugares gélidos e sombrios da sua alma, aquecia-a, fazia-a sentir tudo. Protegida. Segura. Viva. Apaixonada.

Mãos fortes tocaram em todo o lado: no cabelo, no pescoço, nos seios, nas ancas e nas coxas, acariciando cada área como se o corpo dela fosse a sua tela preferida.

Os seus suspiros eram a sua tinta, os seus lábios a sua maior inspiração.

Ele saboreava e provocava, mordiscava e possuía. Nunca abandonava a sua boca por muito tempo, a sua língua emaranhava-se com a dela numa dança que ela queria que nunca terminasse.

O beijo era uma batalha, uma súplica, um caminho para a salvação ou para a sua maior ruína.

O jogo deles tornara-se íntimo, cada movimento que ele fazia provocava um dos dela. Quando ela o provocava, ele retribuía-lhe, até que se agarraram à roupa um do outro,

arrancando-a tão rapidamente como se tivessem perdido qualquer noção de controlo.

Camilla não se importava com o que era. Obra-prima, caos, não fazia diferença. Era prazer: inebriante e puro, e ela bebeu-o, gole após gole luxurioso.

A pele calejada dele era áspera contra a maciez dela, a fricção um deleite maravilhoso e inesperado para os sentidos. Camilla odiara aquele pedaço de vestido na corte dos vampiros; agora apreciava a quantidade de pele que expunha, o acesso que concedia para que ele a acariciasse.

Ela tocou-lhe com a mesma liberdade, espalmando as mãos no seu peito nu, maravilhada com a suavidade da sua pele, apesar dos músculos rijos que tinha por baixo, apesar de ter sido rasgada momentos antes.

As tatuagens que lhe marcavam o braço e o peito eram tão bonitas como a tinta verde-caçador na linha da cintura; ela passou com o dedo por cima de todas, ouvindo o murmúrio da respiração dele enquanto descia, ao longo da linha das suas calças, tão caídas nas ancas que devia ser considerado um crime.

Apesar dos seus ferimentos, ele já estava excitado, o seu grosso comprimento a pressionar-se contra as calças.

Camilla queria libertá-lo, oferecer-lhe a mesma libertação que ele lhe oferecera.

Quis começar a desapertar-lhe as calças.

Os braços dele, capazes de matar gigantes, foram gentis quando a rodearam, puxando-a para mais perto, travando os seus movimentos.

O que começara como beijos ávidos e gananciosos transformou-se em algo mais terno, gentil, mas nunca tímido. Os seus lábios começaram a saborear, a mover-se como se – por uma vez – tivessem todo o tempo do mundo para se conhecerem um ao outro, para se explorarem.

Era lânguido, sonolento. O tipo de beijo que fazia os joelhos fraquejarem e o coração bater mais forte. Levou um momento a apreciar a mudança, a desfrutar da sua doçura.

A língua dele tocou na dela, o calor acumulou-se na sua barriga com o afago vagaroso, invocando memórias de quando ele fizera o mesmo movimento entre as suas coxas, beijando o ápice do seu corpo até que as suas costas se arqueassem e o calor lhe subisse pela espinha.

Quando as mãos dele se moveram agora sobre ela, era menos sobre posse, menos sobre necessidade feral; foi uma pergunta que a fez sustar a respiração, uma resposta que ameaçava desfazê-la.

Todas as provocações, os joguinhos privados, o fascínio de saber que apenas tinham uma noite, que ela queria fazer durar, prolongar o mais possível, fora apenas por diversão. Uma forma de esquecer a sua solidão, uma forma alegre de passar o tempo.

O que o Inveja estava a fazer agora, aquela jogada... ameaçava os seus muros tão cuidadosamente construídos.

Camilla pensava que conhecia as regras deste joguinho privado, mas agora ele estava a beijá-la como se ela significasse alguma coisa. Como se não se tratasse apenas de ganhar uma noite.

Como se ele pudesse estar a jogar para ganhar algo mais.

E essa terrível constatação, de que ele ainda poderia estar a jogar, fê-la encarar uma verdade para a qual não estava preparada.

Camilla sentiu-se como se estivesse a cair, a tombar dos céus para a terra, e ele era a estrela a que ela se agarrava, o desejo deles a iluminar todo o maldito céu.

Ou talvez fossem um cometa, destinado a despenhar-se.

Camilla afastou-se, tocando nos próprios lábios

inchados; formigavam, em busca da pressão dos dele.

O Inveja afastou-lhe o cabelo para trás, segurando-lhe o rosto entre as mãos como se ela fosse preciosa, a peça de arte mais intrigante que ele alguma vez vira. Aquelas mãos ainda tinham sangue. Mas a violência dele não a assustava.

Viu a palma da mão dele deslizar para o peito dela, sentindo o bater do seu coração em vez de lhe roçar o peito saliente, ainda a latejar de desejo.

A forma como o Inveja olhava para ela agora era perigosa. Tão brutalmente perigosa. Mais do que a adaga que empunhava com facilidade ou a forma fria e eficiente com que despachava criaturas com o dobro do seu tamanho. A ponta afiada da sua luxúria fora aperfeiçoada por algo... diferente, algo que podia atacar com mais precisão, viajar mais fundo até perfurar uma parte vital dentro de si. O que quer que fosse aquele jogo... poderia escapar-lhe por entre as costelas mais rápido do que ele escaparia de baixo dos lençóis assim que a noite deles juntos terminasse.

O olhar dele nunca se desviou do dela, por isso ela testemunhou o momento em que ele percebeu o que ela vira, antes de ele o banir do seu rosto. Uma centelha numa tempestade, presente num momento e levada pelo vento no outro. Mas Camilla vira o que era, sabia que nunca iria durar.

Para ele, isto seria sempre um jogo. E o movimento terno, o beijo doce... aquela jogada desequilibrou-a. Apenas para se inquietar por estar a cair sozinha.

– Tenho de ir – disse ela com firmeza, precisando subitamente de espaço.

Parecendo compreender, ele agarrou-lhe o pulso, levando-lhe a palma da mão aos lábios. Beijou-lhe a pele e depois afastou-se.

– Toma um banho. Descansa – disse ele, indo para a zona do seu quarto, dando-lhe licença para sair.

Abriu-se um abismo entre eles, que se estendia por todo o lado, onde momentos antes apenas houvera proximidade. Um desejo de romper tudo o que os separava. Pelo menos da parte dela.

A ternura desaparecera, substituída mais uma vez pela sua fria indiferença.

O Inveja estava satisfeito com o jogo tal como ele era. E ela quebrara a regra tácita. Apaixonara-se pela ilusão.

– Vemo-nos daqui a pouco para jantar.

Camilla abriu a boca para o chamar de volta, para explicar por que motivo precisava de proteger o seu coração, que aquele jogo privado começara a significar algo que não devia. Quis gritar que *ela* não era quem ele pensava, mas as únicas palavras que lhe saíram foram uma mentira mansa:

– Um banho parece-me bem.



A cabeça de Camilla estava encostada à borda da banheira, o cabelo prateado preso para cima para não se molhar, o calor da água a acalmá-la por fim. Estava a tentar esquecer o ataque de Vexley e a sua morte. A maneira como ele parecera tão frágil e quebrado quando ela passara por cima dele.

E depois havia Wolf. Ele queria falar com ela, há já algum tempo.

Fizera um jogo perigoso, invadindo as terras do príncipe.

Com o verdadeiro jogo a decorrer, Camilla sabia que não podia ignorar Wolf para sempre.

Depois havia o Inveja...

A excitação era algo que desejara enquanto vivia a sua pacata vida mortal em Waverly Green. E por isso participara de bom grado no jogo de sedução deles. Desfrutara-o em pleno. Havia uma sensação obscura de prazer em estar constantemente a subir a parada com ele. Ela gostava que ele não se retraísse, que fizesse a sua jogada de forma arrojada e implacável, que a perseguisse e depois recuasse, à espera de ver o que ela faria, deliciando-se quando ela o superava. Ele tratava-a como uma igual. O seu jogo constante excitava-a a vários níveis, não apenas físico.

A dinâmica deles funcionara maravilhosamente até àquele beijo de havia pouco.

Camilla sabia o que tinha de fazer a seguir: acabar com o joguinho deles. E não ceder ao calor que ardia entre eles como se estivessem a voar próximo do Sol ardente.

Camilla precisava de pôr distância entre eles, de estabelecer novos limites. Concentrar-se-ia no mestre do jogo, em ajudar o Inveja a ganhar, uma vez que isso parecia estar de alguma forma ligado ao seu papel; depois, recuperaria o seu talento e regressaria a Waverly Green.

Era um plano aceitável, mesmo que não a deixasse entusiasmada. Era a escolha segura, a que garantia que ficaria livre de mais desgostos. Já tinha sofrido o equivalente a uma vida inteira. E o Inveja... mesmo que ela quisesse partilhar o seu segredo com ele, não o conseguiria fazer. Era melhor acabar com aquele jogo agora e sair ilesa.

Os seus olhos fecharam-se, a promessa do sono a embalar-lhe a consciência. Pouco depois, uma batida baixa na porta quebrou a serenidade.

– Entra.

Não houve nenhuma razão lógica para que a pele de

Camilla ficasse subitamente arrepiada, como se um vento frio tivesse atravessado o quarto de banho quente, mas os arrepios espalharam-se pela sua carne, o seu corpo consciente do que a sua mente ainda não tinha percebido.

Abriu os olhos. Como se os seus pensamentos o tivessem conjurado, o Príncipe Inveja estava ali, parecendo tão pecador como Lúcifer no momento em que aceitara a sua maldade e caíra em desgraça.

Devia exigir que ele se fosse embora. Já concluía que aquele galanteio tinha de acabar.

Camilla não disse nada.

Queria saber o porquê de ele ter vindo. Talvez ele soubesse que aquele beijo havia sido demasiado. Que estivera perto de mais de significar algo que ambos sabiam que não significava.

Ela levantou uma sobrancelha, à espera.

Ele podia explicar-se; a seguir, era só mandá-lo embora.

A atenção do Inveja percorreu lentamente as linhas do pescoço dela, como se estivesse a catalogar a forma para depois a pintar. Era algo que ele já fizera antes, como se aquela camada de pele modesta o fascinasse, apelando à sua necessidade de que alguém a capturasse numa tela.

– Vim aqui por dois motivos, Miss Antonius – começou ele. – Primeiro, considere pedir desculpa pelo meu comportamento.

O coração dela bateu mais depressa. Ela estava correta. O beijo fora apenas mais uma jogada.

Passou-se um momento, seguido de outro.

Perguntou-se se ele ainda não teria conseguido preparar o seu pedido de desculpas e a razão pela qual dizer apenas «Desculpa ter sido um tremendo idiota e ter estragado o nosso jogo» parecia ser uma tarefa tão monumentalmente difícil.

Quando ele não voltou a tentar falar, a paciência de Camilla esmoreceu.

– O que vos impede de o fazer, Vossa Alteza?

A boca dele curvou-se, e Camilla percebeu logo que lhe montara uma armadilha. Tinha estado à espera de que ela mordesse o isco.

– Percebi que estaria a mentir. Não lamento nem um bocadinho.

– Em relação a que parte?

Maldita fosse. *Não* era essa a pergunta que pretendia fazer.

– Sabes muito bem qual é a parte.

– Não é assim que é suposto isto funcionar.

– De repente queres que eu siga as regras?

Ele sabia que ela não queria, aquela besta maldita. O seu sorriso era vitorioso. Não viera aqui para pedir desculpa; o Inveja viera para recomeçar o seu engate, para voltar a subir a parada.

– Se mo dissesse, tirar-te-ia da banheira e levar-te-ia para a cama neste mesmo instante. – A sua voz era o pecado materializado.

Ele continuou, mais devagar agora, avançando mais um passo para dentro do quarto.

– Como artista, tenho a certeza de que consegues imaginar a minha língua na tela do teu corpo nu. Imagino que poderíamos fazer uma bela obra-prima juntos. Se não desistires agora.

Camilla susteve a respiração, mas forçou-se a manter a calma.

– Não tens qualquer moral.

– É verdade. Mas a tua é tão cinzenta como a minha, querida.

– Isso não é verdade.

– És uma mentirosa muito astuta.

Sim, era.

– Qual é o segundo motivo que te trouxe aqui? – perguntou ela. Não podia deixar-se apanhar por aquilo outra vez, por muito excitada que se estivesse a sentir no banho.

O calor beijou-lhe as faces, um que nada tinha que ver com a água quente. Ele sorriu, reparando na pele rosada dela.

– Está a pensar na minha língua, Miss Antonius?

As coxas de Camilla apertaram-se.

– Não, estou a pensar no jantar.

A atenção dele foi para a água do banho, que ondulava com o movimento subtil.

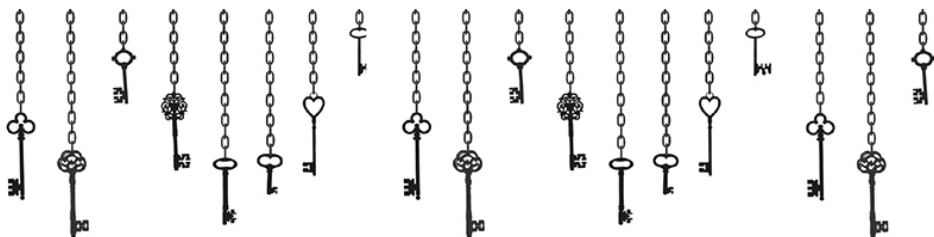
Uma fome brilhou-lhe nos olhos.

– Mente-me o quanto quiseses, Camilla. Mas isto ainda não acabou, e sabes muito bem disso. Quando estiveres na cama esta noite, a deslizar os dedos sobre o teu clitóris deliciosamente inchado, irás sonhar com a minha mão a dar-te prazer.

Antes que ela pudesse argumentar, o maldito demónio fez-lhe uma vénia trocista e depois saiu.

Frustrada e deveras excitada, Camilla pôs a mão debaixo de água, fazendo exatamente o que o príncipe dissera.

Quando se veio, certificou-se de que os seus gemidos eram altos o suficiente para que o demónio os ouvisse do outro lado da casa, na esperança de o deixar tão louco como ele a deixara a ela.



— **O** que aconteceu na corte dos vampiros quando eu saí? – O Inveja estava de costas para Alexei quando fez a pergunta, com a atenção fixa no *cocktail* que tinha na mão.

Havia muito que devia ter ido buscar Camilla para o jantar, e ainda mais que devia ter ido ver a sua corte.

Não fizera qualquer tentativa de sair da casa de campo.

Sentira-se vitorioso depois de ter deixado Camilla excitada na banheira até ter ouvido o seu orgasmo a atravessar as paredes. Ela derrubara-o do alto do seu ego com aquela jogada. Pegara num frasco de óleo, agarrara na sua pila dorida e acariciara-se até ao orgasmo enquanto a imaginava.

– Quantos tentaram tomar o trono do Blade?

– Dois herdeiros, Vossa Alteza. – Alexei parecia divertido. – As suas cabeças estão em espigões. Um à porta da sala do trono, o outro à porta do quarto do Blade. Com um aviso de que ele está sempre atento.

– Corajoso, arrojado. Um pouco dramático. – O Inveja resfolegou. – Fico contente por ver que o Blade está a assumir o cargo como esperado. – Virou-se. Alexei inclinou a cabeça. – Não há pistas, então?

O assistente abanou a cabeça e não entrou em pormenores. Com um meneio de cabeça, o Inveja dispensou-o.

Voltou a pensar na sua bebida, a pensar no encontro com Wolf.

O Inveja não acreditava em coincidências.

O mundo era demasiado vasto, os reinos demasiado abundantes, para que alguma coisa acontecesse ao acaso. Sobretudo quando estava a decorrer um jogo. Algures, enterrada na interação aparentemente fortuita, tinha de estar a próxima pista.

Não havia outra explicação para Wolf se arriscar a entrar em terras demoníacas sem ser convidado. E o facto de em tempos ter pertencido à nobreza Unseelie aumentava a possibilidade de Lennox o ter usado para entregar o próximo enigma. Claro que o Inveja não conseguia parar de pensar em teorias rebuscadas sobre a reação de Camilla quando vira o *fae*. O Inveja examinara Wolf, perguntando-se se fora ele o homem que Camilla lhe mostrara naquela memória.

Cerrou os dentes. Não devia estar a pensar naquela maldita memória, mas o seu pecado precisava de um escape, e sentir inveja fez com que os seus sentidos se apurassem.

O Inveja tentou aproveitar-se disso. Concentrou-se nas primeiras palavras que o Unseelie havia dito, organizando-as e reorganizando-as de centenas de maneiras diferentes.

«Aumentam os rumores.»

Fora uma resposta propositada, oferecida casualmente. O facto de ter sido a manchete da coluna de mexericos tornava-a quase inocente, algo facilmente esquecido. Por isso, claro, desconfiou.

Se fosse um anagrama, havia várias possibilidades.

Um retorno, musa mesa
Um só temor une armas
Mas só o meu ar nutrem
Urso mau, mar e montes

«Um retorno, musa mesa» poderia referir-se ao Gula, pensou. Se havia sítio que o inspirava e onde ele gostava sempre de estar era à mesa. «Um só temor une armas», talvez fosse o Ira, o devasso sedento de guerra. «Mas só o meu ar nutrem» podia ser o Orgulho.

As pistas anteriores tinham deixado o Inveja com a certeza do que procurava. Nenhuma destas se encaixava tão bem, parecia tão correta.

O Inveja voltou a girar o seu licor, a escuridão a rodopiar descontroladamente em torno de um cubo de gelo gigante. O barulho acalmou-o. Tal como o próprio licor. Estava a adiar.

A verdade é que não queria ver a sua corte. A última vez fora horrível. As crianças... eram a barreira que nunca deveria ser ultrapassada. E a culpa era toda dele.

O que iria encontrar agora, depois de mais uma parte da sua corte sucumbir?

A sua próxima pista estava naquela conversa. Tinha de continuar.

O Inveja lembrou-se de quando o *fae* falara com Camilla. Naquele momento, permitira que o seu pecado o dominasse, toldando-lhe o julgamento. Imaginara todas as formas como o macho iria agradecer – ou havia agradado – a Camilla.

Fora um erro.

O Inveja começava a perguntar-se se Lennox queria que Camilla chegasse com ele à parte final do jogo para o distrair. Se fora esse o plano dos *fae*, estava a resultar.

Mesmo tendo consciência desse facto, o Inveja não conseguia deixar de sucumbir a ele. Ela cativava-o a demasiados níveis.

A sua ascendência, o seu talento para pintar a realidade, a sua mente inteligente e aquele pequeno espetáculo de relâmpagos mágicos. Ela era um quebra-cabeças que ele ainda não tinha sido capaz de resolver. E ele não era o único fascinado com ela. Wolf sugerira que havia outro segredo que ele ou conhecia ou de que desconfiava.

«Até breve, cara dama das formosas geadas.»

O Inveja pôs a sua bebida de lado e usou um pouco de magia para invocar o seu caderno. Momentos depois estava a escrever o máximo de pistas que conseguia reunir.

Até breve, cara dama:

Da ave arrebatada cem

É terra acabada, vem

Cada maré bate erva

Debate e crava arma

O Inveja praguejou. A pista *tinha* de estar ali. Quanto mais se agarrava a ela, mais ela parecia escapar-lhe por entre os dedos.

E arde bem a carta, vá

Abate: vê acre drama

Decidiu focar-se antes em «dama das formosas geadas».

Nisto, o Inveja apercebeu-se do aroma de Camilla. Ela entrara na sala em silêncio, e a sua presença ardia agora como uma vela atrás dele. «Ou um relâmpago», pensou ele com ironia.

Ele endireitou-se, olhando por cima do ombro. Ela

usava um vestido de veludo verde-caçador – a cor preferida *dele* – que fazia o prateado do cabelo e os olhos dela brilharem como a Lua. Parecia etérea, de outro mundo.

Totalmente proibida.

Ele seguiu a silhueta dela com o olhar, impressionado com a sua aparência régia, elegante. Como era diferente da mulher desgrenhada que ele imaginara a gemer no banho, aquela que o fizera praguejar enquanto encontrava a sua própria libertação.

– Parece... – «a minha catástrofe pessoal». O rosto dele ficou tenso. – Acho que isso serve.

Ela semicerrou os olhos, mas não comentou a mentira. Fez sinal com a cabeça para as várias folhas de papel que ele arrancara, amarrotadas pelo chão.

– Devo ficar preocupada?

– Estou a decifrar enigmas. – Ele fez sinal para o chão. – Mal.

Ela aproximou-se, com cuidado para não tocar nele enquanto se inclinava, traçando as letras que ele rabiscara no seu caderno.

Ele sentira a alteração nas suas emoções anteriormente, como ela desejara algo que ele se recusava a dar. Camilla queria um conto de fadas. E ele falara a sério quando dissera que nunca seria o herói.

O Inveja não acreditava no «felizes para sempre», apenas em períodos de tempo que podiam ser mais agradáveis do que outros. Gostava da companhia de Camilla, entusiasmava-se com os seus duelos de sedução, mas não desejava uma amizade. E ela tinha de voltar ao seu mundo, à sua galeria, à sua vida.

– Gémeas domadas...? – tentou ela.

O sangue dele congelou. Tal como o quarto.

«Farsa das gémeas domadas.»

Camilla estremeceu de imediato ao lado dele, recuando para esfregar os braços.

Ele conhecia as irmãs gémeas. E desprezava uma delas. Aquela que montara uma farsa.

Maldito Lennox.

– Era apenas um palpite... – disse Camilla em voz baixa.

Ele controlou a sua raiva, oferecendo-lhe um sorriso breve. Não serviu de muito para a confortar.

– Um excelente palpite. Acredito que o decifrou, Miss Antonius. Apenas não gosto do que se segue.

Ele passou por ela em direção à porta, parando para olhar para trás.

– Não poderei estar presente para o jantar. Mas, por favor, sente-te à vontade para jantares sem mim. – Ele estalou os dedos e apareceu um criado. – A casa de campo também tem um estúdio provido de tintas e telas. E uma biblioteca. Podes explorar e usar o que quiseres.

– Aonde vais?

– À Casa Inveja.

– Não vou contigo?

O Inveja não previra a aresta subtil da sua pergunta, a ponta de descrença. Nunca tinham jogado o jogo assim em separado. Pelo menos não intencionalmente.

– Não. Ficarás aqui.

Alisou o fato com algum dramatismo, apertando os botões de punho, como se quisesse estar no seu melhor. Deixou que a insinuação transparecesse no seu tom.

– Tenho um assunto pessoal a tratar. Irei ausentar-me durante várias horas, por isso não espere por mim, Miss Antonius.

Ele já lhe dissera uma vez que, se levasse uma amante para a sua cama, precisaria de horas.

Ela não se esquecera. Camilla estremeceu.

O Inveja nunca se sentira tanto como um vilão.

Mas deixou-a ali sozinha, com o ar de que lhe tinha partido o coração, cortando-o com os pedaços afiados.

Para salvar a sua corte e também manter Camilla a salvo, sobretudo se Vittoria ainda estivesse envolvida, faria muito pior.



Camilla ficou a olhar para a porta muito depois de o príncipe ter saído.

Ele mentira-lhe. Agira como se estivesse à procura de uma amante, quando a sua expressão revelava tanta dor quanto a sua. Ter-se-ia o imbecil apercebido de que desviara o olhar, de que a sua garganta se contraíra no momento mais crucial?

– Que idiota.

E era ainda mais idiota se acreditasse que ela ia limitar-se a ficar ali parada. Tanto quanto Camilla sabia, era uma convidada do seu círculo e, como tal, podia viajar para onde quisesse.

Antes de decidir onde queria ir primeiro, pegou em algumas páginas que ele tinha deitado fora e analisou as pistas que ele descartara. Interessante. Ele pensava que Wolf era o mensageiro.

Camilla tinha uma suspeita ligeiramente diferente.

Pediu um manto e luvas de lã grossas, o que demorou muito mais tempo do que esperava. A criada que tinha chegado estava corada, com os olhos brilhantes, quase febril.

– Peço desculpa pelo atraso, Miss. Há falta de serviços... – interrompeu-se, olhando para o fundo do corredor. – Precisa de mais alguma coisa?

Camilla seguiu-lhe o olhar. Ninguém emergiu do que ela presumiu serem as cozinhas lá em baixo. Por norma, uma casa daquele tamanho era considerada uma propriedade rural. O Inveja deveria ter uma equipa completa: mordomo, criados e cozinheira.

– Estás sozinha? – perguntou ela à jovem demónio.

A criada mordiscou o lábio inferior.

– Estamos só eu e mais um criado.

Camilla franziu o sobrolho. Algo na forma como a demónio dissera que eram os únicos ali a deixou inquieta. Antes que Camilla pudesse pedir-lhe para explicar, a criada fez uma vénia educada e saiu disparada pelo corredor.

Camilla ficou a olhar para ela durante mais alguns momentos, mas a decisão do Inveja de limitar o número de serviços da casa de campo não era assim tão misteriosa. Talvez não a usasse muitas vezes. Talvez os outros criados estivessem a preparar a chegada de Camilla à sua Casa. Ou da suposta convidada que ele esperava naquela noite.

De qualquer modo, Camilla tinha coisas mais importantes em que se concentrar.

Vestiu o seu manto, calçou as luvas e aventurou-se na noite nevada. A excitação fervilhava dentro de si enquanto inspirava o ar frio e perfumado dos abetos. Os Sete Círculos estavam sempre cobertos de neve e gelo, o reino parecia um paraíso de inverno.

O seu hálito formava vapor à sua frente à medida que avançava ao longo da linha das árvores, os seus passos esmagando o gelo que cobria o chão, afundando-se na frieza macia que se encontrava por baixo.

Olhou para trás, para a casa de campo, para as janelas

que brilhavam com uma luz dourada e quente. Quase esperava que Alexei aparecesse, mas, para onde quer que o Inveja tivesse ido, o seu assistente parecia tê-lo seguido. Provavelmente, o Inveja contava que ela ficasse dentro da casa de campo.

Uma renovada sensação de irritação fê-la avançar, procurando o extremo oeste do círculo do Inveja. Não tardou até que um uivo rasgasse o ar a norte do local onde ela parara. O som despertou-lhe um exército de arrepios nos braços.

Camilla olhou uma última vez à sua volta, para ter a certeza de que não estava a ser seguida, e depois mergulhou no bosque. Os animais ficaram silenciosos, atentos.

Um predador encontrava-se por perto.

Alguns minutos mais tarde, encontrou-o sentado numa elevação à beira de um riacho que resistia às intempéries, a corrente quase congelada mas recusando subjugar-se à força do inverno.

– Wolf.

– Que alegria. – Os seus dentes brilharam ao luar. – Os nossos caminhos voltam a cruzar-se.

Ele tirara o chapéu, permitindo que toda a imponência da sua glória *fae* reluzisse.

Ele sabia o que estava a fazer. E Camilla permitiu-se admirá-lo por um instante.

O seu cabelo branco estava despenteado pelas rajadas de vento gélido, as orelhas descobertas. A sua aparência luminosa era como o brilho da noite.

Continuava belo, imune ao tempo, igual à última vez em que o vira de perto, dois anos antes. A sua alteridade lembrava-a da rapidez com que ele a encantara, da rapidez com que ela o quisera na sua cama. Mas ele era uma

lembrança do seu passado. De uma escolha que lhe tinha sido oferecida com anos de atraso.

– Tinhas uma mensagem – disse Camilla. – Entrega-a agora.

Wolf resfolegou.

– Isso é maneira de falar com um velho amigo?

Levantou-se da rocha e, de repente, estava diante dela, as mãos dele entrelaçadas nas dela, enquanto ele a fazia girar. Fê-la rodopiar sobre a neve, cantarolando uma melodia que encantaria qualquer mortal que a ouvisse.

– Minha doce e pequena amada – cantou ao ouvido dela. – Vem à corte. Imagina quanto nos podíamos divertir. Entrelaçados nos lençóis, entrelaçados nas nossas almas obscuras. Não te perguntas o que poderíamos ser?

Perguntava-se. E era esse o problema. Ela não devia querer ir para a corte das trevas de todo.

Camilla concedeu-lhe o seu momento, depois parou, com os pés teimosamente fixos no chão.

– Trouxeste-me para aqui na calada da noite, eu vim. Dá-me a mensagem. Decerto que tens muitos mortais para encantar.

– E alguns imortais, também. – O seu riso estava cheio de promessas sensuais. – Porquê negar o que és? Escondes-te sob essa fachada, ofuscas a tua luz. Ano após ano. – Ele passou um dedo ágil ao longo da orelha dela, a sua expressão triste. – Lembras-te do que és sequer? Ou brincar aos humanos fez-te acreditar que és um deles?

Ela afastou a mão dele da sua orelha e depois recuou, furiosa.

– Não estou aqui para debater as minhas escolhas.

Ou a falta delas.

– Então diz-me o que és. Prova que ainda sabes.

A garganta de Camilla contraiu-se, os seus punhos

cerraram-se. Não admitia a verdade em voz alta desde o primeiro dia em que haviam chegado a Waverly Green e a mãe a tinha proibido.

Os olhos animalescos de Wolf brilhavam perigosamente.

– Devo lembrar-te de como era estar finalmente com um igual? – disse ele baixinho. – Não teres de te conter?

Camilla estava a respirar demasiado depressa, as suas unhas esculpiam meias-luas nas palmas das mãos.

– Tu desejavas-me, Camilla, porque somos iguais. Quando viestes ter comigo ao mercado negro, sabias que podia dar-te o que nenhum homem mortal podia.

– No entanto, levas mulheres mortais para a tua cama. Elas não te dão o que desejas?

– Sabes tão bem quanto eu que não posso foder verdadeiramente uma mortal sem estar disfarçado. Nunca será igual ao que foi entre nós. Agora brincas com o teu demónio, mas, quando chegar a altura, acasalarás com um *fae*. Há um lugar para ti na Corte Selvagem.

Não era assim que ela queria que a conversa decorresse.

– Era por isso que estavas à porta da minha galeria e de Hemlock Hall? Estavas a tentar reivindicar o que é teu.

– Em parte. Mas também fui enviado para observar os jogadores. Foste uma agradável surpresa. – Ele suspirou e deu um passo atrás, olhando-a de alto a baixo. – Seria uma má jogada da minha parte se não revelasse as minhas intenções agora. Estou aqui para te oferecer a possibilidade de regressares. Se concordares, quero que o faças como minha companheira. Não precisa de envolver amor. Uma aliança é muito mais valiosa.

– Levar-me-ias de volta a Waverly Green?

– Para onde quiseses ir. – Os seus olhos amarelos consumiram-na. – Reinos mortais. Corte dos *fae*. O meu quarto. A oferta tem um prazo, estou certo de que

compreendes.

Camilla entendia o que ele não estava a dizer. Se ela escolhesse regressar a Waverly Green, não poderia voltar a sair. Era o que estava nas entrelinhas do acordo *fae*. A oferta não tinha sido feita por Wolf, mas pelo próprio mestre do jogo.

Escolheu as suas próximas palavras com cuidado.

– Se queres mesmo formar uma aliança, responde-me a uma pergunta.

Ele sorriu, curioso.

– Uma pergunta, um beijo.

– Nenhum beijo, uma pergunta, nenhum golpe na tua cabeça favorita.

A sua gargalhada estrondosa encheu a noite.

– Muito bem, esta noite jogamos segundo as tuas regras.

– Onde estão as «gémeas domadas»?

– Nome antigo. Mais antigo do que eu.

– Não interessa quão antigo é. A minha pergunta mantém-se.

– Os antigos chamam Gémeas Domadas... – fez uma pausa, pensativo – às Colunas Irmãs de Faerie. É um local antigo dos *fae*, agora abandonado. É para *lá* que vamos?

Não. Era para lá que ela queria ir, *sem* ele. E também não era de todo o que ela esperara. Felizmente ele não pareceu aperceber-se de que lhe tinha dado muito mais do que ela esperara.

– Não respondeste à minha pergunta.

– Há um portal não muito longe daqui. Um dos guardas do príncipe-demónio vigia-o. – Ele estendeu a mão, apontando a direção.

– Que príncipe?

– Se queres que te leve lá, esse pormenor não interessa. Vem.

Teimoso.

– Boa noite, Wolf.

Começou a voltar pelo caminho que fizera, sem se surpreender ao ouvir o *fae* praguejar e vir atrás dela.

– Tens de me dar uma resposta, Millie.

Ela virou-se, os olhos irados.

– *Não* uses alcunhas. Fornicámos. Há uma eternidade. Isso é o início e o fim de qualquer afeto que tenhamos partilhado. E, sim, eu podia entregar-me a todas as minhas paixões na tua cama. Podia montar-te quanto tempo quisesse, com a força que quisesse, e saberia que estarias igualmente selvagem e faminto. Isso agora é passado.

– Não parece ter sido há assim tanto tempo. E não te incomodaste com essa alcunha quando eu me estava a empurrar para dentro de ti.

A atenção de Wolf recaiu para o local onde o medalhão estava aninhado no peito dela, disfarçado sob o manto. A expressão dele imitava a tristeza mortal na perfeição. Tinha andado a praticar.

– Que bugiganga tão curiosa... a tua...

Ele esticou a mão, esfregando gentilmente o presente que a mãe lhe dera, e depois afastou os dedos com um silvo. Olhou para ela. Como se ela o devesse ter avisado de que o amuleto repelia os homens Unseelie.

– Se te fores embora, a oferta é revogada.

– Claro que é.

O riso de Camilla foi frio, desprovido de humor.

Queriam que ela tomasse uma decisão que alteraria a sua vida em apenas alguns momentos. O futuro não era algo que se deitasse fora por capricho, a que se fosse forçado pelo medo.

Quando Camilla escolhesse o seu destino, queria fazê-lo por si própria, porque tivera tempo para pensar no que

queria da vida. Nunca pudera decidir isso antes.

– Boa noite, Wolf. Faz uma boa viagem.

– Espera.

A voz dele perdera o tom de provocação. Ela virou-se para trás, à espera.

Wolf surpreendeu-a puxando-a para perto de si, numa tentativa de abraço que acabou por se transformar numa palmadinha nas costas. *Fae* idiota. Ela derreteu-se contra ele por um instante, antes de se desvincular do seu abraço, e depois recuou.

– Agradeço-te por teres vindo atrás de mim – disse ela. Agradecer a um *fae* não era sensato. Reconhecer uma ação era o melhor caminho a seguir, um que não a deixaria em dívida.

– Não te vás já embora. Camilla, preciso de te ouvir dizê-lo. Preciso de saber que te lembras.

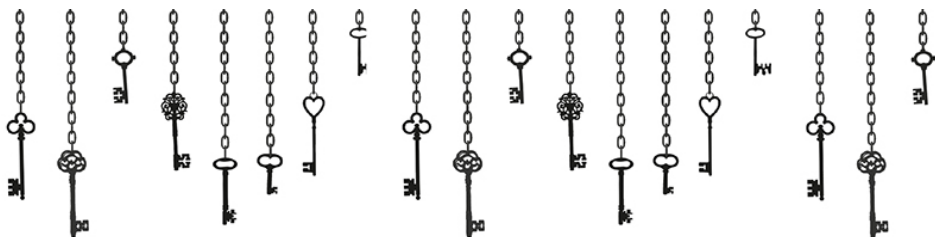
Ela sabia o que ele queria dizer, embora não tivesse a certeza do motivo pelo qual estava tão desesperado para que ela o dissesse em voz alta. Era um apelo, não uma ameaça ou uma exigência. Uma escolha. Pensou na mãe, em como ela ordenara a Camilla que nunca mais dissesse a sua verdade em voz alta.

– Posso ser *fae* – sussurrou ela calmamente –, mas isso não me torna parte da vossa corte.

– Não? – O sorriso dele foi matreiro como o animal que lhe dera o nome, o lobo. – Lembra-te, dama das formosas geadas, não sou teu inimigo.

«Oh, mas é precisamente isso que és, não és? Pelo menos, por enquanto.»

Desta vez, quando voltou a mergulhar no caminho que tinha percorrido, o outro *fae* não a seguiu.



— **A**lexei. – A voz do Inveja continha uma invocação mágica, alertando o seu assistente, independentemente de onde ele estivesse, para o facto de que o Inveja precisava dele.

Um momento depois, o ar agitou-se atrás dele.

– Vossa Alteza?

– A Vittoria está a caminho; preciso que trates disto – fez sinal para os corpos dos membros da corte caídos ao longo do corredor que conduzia à sua sala do trono – antes de ela chegar. Ninguém pode saber a extensão do nosso... problema.

O Inveja virou-se por fim e olhou para o seu assistente. O olhar do vampiro era firme. Alexei sabia que a corte estava a sucumbir à loucura da memória, cheirara o sangue à porta fechada muito antes de a violência chegar aos corredores.

Lennox tinha muitos inimigos; o Inveja só desejava que um deles o tivesse tirado do tabuleiro de jogo séculos antes. O assistente dela parecia estar a considerar fazer isso mesmo.

Alexei poderia ter regressado à Ilha da Malícia havia

décadas. O Inveja sabia que ele nunca o admitiria, mas o vampiro sentia-se em casa naqueles corredores. Tinha gostado mais do reino dos demónios do que alguma vez gostara da política da corte dos vampiros. Ele também queria que aquele jogo acabasse.

Queria rasgar as gargantas dos seus inimigos, banhar-se no seu sangue, fazê-los pagar pelo sofrimento dos demónios ali presentes.

– Claro – disse Alexei finalmente, virando-se para o corpo mais próximo. A sua boca exibía uma expressão sombria enquanto levantava o primeiro corpo.

O Inveja levantou outro, a sua raiva e desespero crescentes. Os membros da sua corte pareciam ter-se virado uns contra os outros. «Quando não nos conseguimos lembrar de nada, todos usam o rosto de um inimigo.»

Juntos, ele e Alexei agiram depressa, levando os corpos para uma câmara onde mais tarde poderiam ser devidamente cuidados. Os demónios não tinham práticas religiosas como os mortais, mas havia ritos funerários sagrados respeitados por cada Casa dos Sete Círculos. Formas de honrar os mortos.

Quando o corredor ficou livre, o Inveja foi para o seu quarto e vestiu um fato novo. Vittoria sentiria o cheiro da morte melhor do que ninguém, dada a sua verdadeira condição de deusa que a governava. Usou mais da sua magia para disfarçar o cheiro. Estava a gastar demasiado poder, mas não tinha outra alternativa.

No início, apenas tinha usado o seu poder para manter um grupo restrito dos seus guardas e serviçais tão lúcidos quanto possível, na esperança de que fossem capazes de controlar o resto da corte. Depois, o Inveja tivera de proteger a sua Casa. Quando chegara naquela noite e vira o estado dos seus súbditos, decidira que, por muito que o

esgotasse, tinha de usar a sua magia para evitar mais loucura no seu círculo, enquanto o conseguisse.

Agora estava a alimentar demasiados demónios com a sua reserva pessoal de poder e mal conseguia manter o nevoeiro da memória à distância. Já não estava a sugar magia suficiente para repor a que estava a usar. E isso começava a ter consequências.

Estar enfraquecido a caminho do que ele supunha ser a última etapa do jogo não era o ideal. Restava-lhe esperar que os outros jogadores estivessem tão cansados quanto ele.

Alexei estava à entrada da porta, de braços cruzados.

– Isto não me agrada.

– O Lennox não concebe o jogo com base no que nos agrada.

– Nem sequer sabemos se a Vittoria tem o próximo enigma ou pista.

O Inveja soltou um suspiro. Ele sabia disso, mas não podia arriscar-se a não verificar se ela o tinha ou não.

– Tens alguma ideia melhor?

A boca de Alexei formou uma linha firme.

Vittoria podia não ser a chave para a próxima pista, mas estavam a ficar sem tempo.

– Se ides para a frente com isto, então faremos com que valha a pena. Tendes de sugar mais do vosso pecado esta noite – disse Alexei, ecoando as suas próprias preocupações. – Se assim não for, nunca durareis para enfrentar o Lennox, se tal for necessário.

Ambos sabiam que isso iria acontecer. Lennox gostava de dominar o vencedor, sobretudo para se gabar da sua astúcia como mestre do jogo.

– Não ides gostar disto – continuou o assistente –, mas a Miss Antonius...

– Não.

– Não me refiro a alimentar os vossos ciúmes. – Alexei sorriu. – Se a Miss Antonius vos vir com outra pessoa, de certeza que vos dará uma grande dose de inveja para absorverdes.

O Inveja não tinha argumentos. Era a melhor maneira de recuperar algum do seu poder para continuar a canalizá-lo para a sua corte. No entanto...

– É a nossa única esperança – insistiu Alexei, mais brando. – Se a Vittoria não tiver uma pista, ainda assim tereis ganho alguma coisa com este encontro.

O Inveja olhou para a janela. Algures nos seus terrenos, Camilla estava na sua casa de campo. Parte dele queria voltar para lá, esquecer a sua realidade por mais uns momentos deliciosos.

– A Vittoria deve estar a chegar a qualquer momento. Posso fazer com que a Camilla vos encontre. – Alexei lançou-lhe um olhar duro. – Fazer o que tem de ser feito.

– Sabes que a Vittoria só quer fazer inveja ao meu irmão.

– E? – desafiou Alexei. – De repente decidistes agir com ética? Agora?

O Inveja sacudiu um fiapo imaginário da lapela. Alexei estava certo. Ele não tinha de gostar, mas deveria fazer o que fosse preciso para manter a sua corte de pé. A inveja de Camilla dar-lhe-ia poder suficiente para os alimentar a todos. Sabia-o desde aquele gostinho na floresta.

Desceram as escadas em silêncio, seguindo o seu caminho em direção à sala do trono. Havia dois guardas de cada lado da porta.

– Quando eu ordenar o fecho das portas, ninguém pode entrar – disse o Inveja, infundindo alguma magia na sua ordem, garantindo que eles se recordavam dela. – Estamos

entendidos?

– Sim, Vossa Alteza.

O Inveja dirigiu-se para o estrado; os estragos do incêndio tinham sido reparados havia muito, o seu trono não fora afetado pelas chamas mágicas que tinham tirado a vida a um dos membros do seu conselho. Rhanes fora uma voz sábia durante muitos anos, era respeitado por quase toda a gente. A sua perda afetara grandemente a corte. Tal como as vidas dos outros membros do Conselho que haviam caído durante aquela primeira pista.

O Inveja sentou-se na almofada felpuda do seu trono, o veludo verde-caçador macio e exuberante. Era estranho olhar para a sala vazia, outrora lar de tantos lordes e senhoras, todos a competir para serem a inveja dos seus pares. Vestiam as suas melhores joias e sedas, envoltos num mar de riquezas, todas artisticamente exibidas devido ao amor do seu príncipe pela arte.

Agora só restavam ele e Alexei na grande e cavernosa divisão. O silêncio era opressivo. Parecia que estavam a ser observados pelos olhos de toda a sua corte massacrada, interrogando-se até onde iria o seu príncipe para corrigir aquele erro.

Alexei também subiu ao estrado e pôs a mão no ombro do Inveja antes de assumir o seu lugar de honra como braço direito do príncipe, posicionando-se mesmo atrás e à direita do trono.

Tinham acabado de se instalar nos seus lugares quando Vittoria entrou, com os olhos a brilhar e o cabelo escuro a esvoaçar.

O Inveja fez sinal aos guardas e eles cerraram as portas, fechando-o a ele, a Alexei e a Vittoria. Sozinhos, por agora.

Engoliu a repulsa, adotando aquela máscara indolente.

– Vittoria.

– Inveja.

– Não te esperava tão cedo.

Ela olhou-o demoradamente.

– Virei sempre em teu auxílio.

Alexei murmurou uma advertência baixa. Ao que parecia, o Inveja tinha emitido um som de repulsa.

O olhar de Vittoria percorreu o seu assistente.

– Alexei – disse ela. – É sempre um prazer.

O tom de voz dela destilava insinuação. Da última vez que tinha visto o vampiro, estava a montar-lhe a pila no corredor, à porta dos aposentos do Inveja.

O seu vestido cor-de-rosa tinha sido claramente escolhido para provocar – com uma racha de ambos os lados, esvoaçava enquanto ela se dirigia para o trono. Dois pequenos retalhos de seda saíam-lhe da cintura e passavam por cada ombro, cobrindo-lhe apenas parcialmente os seios. Parecia tentação e pecado. As suas duas coisas favoritas para além da morte.

– Por mais maravilhoso que seja voltar a ver-te tão cedo – disse ela, detendo-se no primeiro degrau –, o que queres? Tenho lobisomens com que lidar e uma Casa para restabelecer.

«Ver a tua cabeça num espigão à porta da minha Casa», pensou o Inveja.

Sentiu o olhar de Alexei a fixar-se na sua nuca, lembrando-o de pôr de lado os seus sentimentos pessoais.

O olhar prateado de Camilla atravessou-lhe a mente. Ele afastou-o.

– Talvez estivesse apenas aborrecido, gêmea domada.

O semblante de Vittoria não se alterou perante a expressão estranha. Talvez ela não fizesse parte do jogo dele. Ou talvez lhe fosse dificultar as coisas.

– E? – Ela subiu mais um degrau. Apenas dois degraus o

separavam da deusa da Morte. – Estás finalmente pronto para jogar?

O olhar dele fixou-se nela. Era impossível dizer se estaria a aludir ao jogo ou simplesmente a lançar-lhe um isco.

– É esse o teu preço? – perguntou ele, preparando-se.

– Se estivermos a negociar, quero uma amostra primeiro. – A vitória surgiu-lhe nos olhos. – Ver o que vale para mim.

Ela subiu mais um degrau, depois o último.

– Alguma objeção, Vossa Alteza?

Vittoria inclinou-se, afastando lentamente as pernas dele e instalando-se entre elas.

As palmas das suas mãos pousaram nas coxas dele, acariciando lentamente para cima, os polegares percorrendo a costura interior das suas calças, parando mesmo à beira do seu pénis.

Que não se alterou nem um pouco.

Vittoria arqueou uma sobrancelha.

– Ora, ora. Que surpresa.

De seguida, passou as unhas pela parte de cima das coxas dele, tentando provocar alguma sensação. A pila dele não tinha qualquer intenção de alinhar no seu esquema.

O Inveja não sabia se queria rir ou praguejar.

Vittoria ficou irritada.

– Precisamos de trazer mais alguém para nos divertirmos? – reclamou ela, com a atenção virada para Alexei. – Talvez o teu assistente devesse juntar-se a nós.

Alexei aproximou-se da frente do trono, com uma expressão fria.

– Devo chamar a mulher agora?

A cabeça de Vittoria inclinou-se para um lado; depois, um sorriso deplorável curvou-lhe os lábios.

– Não. Aqui o nosso príncipezinho vai fechar os olhos. Pensa nessa mulher.

O Inveja cerrou os dentes, mas tentou evocar uma imagem de Camilla, por muito errada que fosse a sensação. Fechou os olhos, esqueceu a sala do trono, lembrou-se de Camilla a tomar banho antes. Como a água lhe acariciara as curvas, o vapor a misturar-se com o seu perfume floral, o seu olhar penetrante enquanto ele a provocava.

Ele desejara despir-se e entrar na banheira com ela, puxá-la para o seu colo enquanto humedecia um pano e o deslizava sobre cada centímetro da sua pele gloriosa, os mamilos dela a espetarem-se com a sensação, a visão provocando-lhe água na boca.

Afastou a memória.

– Aqui está ela.

Vittoria estava a lambar os lábios e a esfregar a ereção dele. Ainda só lhe tinha desapertado o primeiro cordão das calças quando ele amoleceu. Ela fulminou-o com o olhar.

– Qual é o problema agora?

Ele passou uma mão pelo rosto.

– Não sei – mentiu.

– Estás apaixonado? – perguntou Vittoria, o seu tom a transbordar de acusação.

– Claro que não.

Ela levantou-se, as faces coradas de irritação.

– Os teus dotes no quarto são lendários. Devo acreditar que os rumores são todos falsos?

– Estou cansado. Tenho muito em que pensar – disse ele. – E tu sabes que não gosto particularmente de ti.

– E gostaste particularmente de toda a gente com quem fodeste antes?

Não, o que complicava ainda mais as coisas. Ele levantou as mãos, frustrado.

– Tentarei outra vez.

Vittoria cruzou os braços, claramente irritada.

– Como é essa mulher misteriosa? A magia do disfarce faz maravilhas.

Tudo dentro dele se retraiu com a ideia. Não queria foder com alguém que usasse o rosto de Camilla. Quando a levasse para a sua cama, seria ela.

A sua boca fechou-se numa linha firme.

Alexei abanou a cabeça perante a sua recusa, respondendo por ele.

– Tem cabelo e olhos prateados. Mede um pouco mais de um metro e sessenta. Pele dourada. Boca cheia, os cantos dos olhos ligeiramente virados para cima.

Vittoria exibiu outro sorriso retorcido. Dirigiu-se à parte de trás do trono dele, inclinando-se sobre o seu ombro.

– Fechai os olhos, Príncipe Inveja.

Com a mão, abriu lentamente o botão de cima da camisa dele. O Inveja disfarçou o calafrio. A última vez que ela estivera tão perto do peito dele, a sua mão com garras perfurara-o.

Vittoria lambeu-lhe lentamente o pescoço.

O Inveja resistiu à vontade de se levantar e distanciar-se dela.

– Vamos fingir que a tua beldade de cabelos prateados está aqui. – A pele de Vittoria roçou na dele. – Nas tuas fantasias mais profundas e secretas, estará a fechar aqueles lábios cheios à volta do teu grosso comprimento enquanto relaxas no teu trono?

Os dedos dela desceram mais.

– Ou estará dobrada sobre este braço – ela traçou o ponto onde a mão dele se curvava sobre o trono, o seu aperto mais forte –, deixando que a possuas por trás?

O Inveja pensou no que Alexei sugerira antes. Não

precisava de ter Vittoria na sua cama para incitar ao ciúme. Bastava-lhe dar a entender que se sentia seduzido pela deusa da Morte.

Vittoria continuou a sussurrar-lhe ao ouvido imagens pecaminosas, tentando-o com pensamentos sobre Camilla. Fechou os olhos, imaginando tudo o que Vittoria lhe dizia.

Devagarinho, os seus dedos percorriam a parte de trás das pernas de Camilla, a seda a balançar ligeiramente à medida que as saias subiam. A sua pele era nua, macia e acolhedora. Ele puxava o vestido dela mais para cima, pondo-a a descoberto enquanto a encostava ao seu trono.

Ajoelhava-se, beijava-lhe as pernas, as mãos percorriam-lhe a curva das nádegas, depois deslizavam para lhe segurar as ancas e testavam-na, certificando-se de que estava molhada e pronta.

Vittoria pintara um quadro vívido, as suas mãos percorrendo o peito dele. Mas o Inveja deixara de a ouvir, pensava apenas na mulher da sua fantasia, que olhou para ele por cima do ombro quando ele finalmente levou a pila à entrada dela.

Atrás dele soou uma gargalhada suave.

O Inveja ficara duro com a imagem erótica, com o olhar de impaciência no rosto de Camilla, enquanto ela se pressionava contra ele.

Estava tão perdido na fantasia que quase não se apercebeu da agitação no exterior da sua sala do trono.



— *P*reciso de falar com o príncipe.

A expressão do mordomo de cabelos grisalhos foi de profunda contemplação, enquanto vedava a entrada de Camilla na Casa Inveja. Que estranho.

— O príncipe...

— Inveja — concluiu ela, atenta a qualquer sinal de reconhecimento.

Se o príncipe não os tivesse trazido para aqui, não lhe tivesse dito que faziam parte do seu círculo, Camilla teria pensado que estavam noutro lugar completamente diferente.

— O príncipe está?

A compreensão cintilou-lhe no olhar.

— Sua Alteza. O Príncipe Inveja. Sim. Sim, claro.

O demónio acenou várias vezes com a cabeça, quase distraidamente. Depois, girou nos calcanhares e começou a andar na direção oposta, sem olhar para ver se ela o seguia.

Camilla ficou à espera no degrau da frente do palácio, a ponderar se deveria regressar à casa de campo. Praguejando, fechou a porta e apressou-se a seguir o demónio, admirada com a sua estranheza.

Percorreram um longo corredor, silencioso, exceto pelos seus passos. Não havia demónios, nem cortesãos, nem serviçais. Estava tudo estranhamente calmo e quieto.

– Onde está toda a gente? – perguntou ela.

O mordomo não se virou, era como se não desse pela sua presença.

Camilla absorveu todos os pormenores do corredor, arrastando os dedos sobre as estátuas que ladeavam a passagem larga, apreciando a forma como a arte estava disposta. Se não estivesse com tanta pressa, teria querido passar dias a admirar cada peça. Através daquele breve vislumbre da Casa do príncipe, esta pareceu-lhe um museu ou uma galeria de arte.

Era a casa dos seus sonhos.

O chão de mármore preto e branco de grandes dimensões tinha um padrão axadrezado, quebrado apenas por um longo corredor verde-caçador. As molduras eram douradas e as esculturas de mármore. O teto estava pintado com um fresco maravilhosamente detalhado.

Camilla quis deitar-se para ficar a olhar para ele.

Voltou a olhar para o chão, semicerrando os olhos para aquilo que primeiro lhe pareceram gotas de tinta. Pequenos salpicos castanho-avermelhado-escuros manchavam a superfície brilhante da pedra em xadrez. Manteve o mordomo no seu campo de visão, mas desviou-se para uma porta fechada. Sangue seco espalhava-se pela maçaneta, acumulando-se na soleira.

Saltou para trás, com o coração a martelar.

– Mas que raio?

Agora que estava a olhar de forma mais atenta, apercebeu-se de outras fissuras na beleza – as finas camadas de pó, o mármore estilhaçado e a arte desfigurada mais à frente.

Camilla foi ficando cada vez mais preocupada à medida que adentravam na Casa Inveja.

Passou por cima do que parecia ser uma mancha de sangue, muito semelhante ao aspeto que teria se um corpo tivesse sido arrastado pelo corredor. Pedacos de vidro partido estalavam sob as suas botas, as arandelas artísticas esmagadas e dependuradas na parede. Se o sangue não estivesse seco e se o pó não tivesse já assentado sobre aquela confusão, Camilla teria pensado que o Inveja havia encontrado algo terrível ali, pouco antes.

«Será por isto que o jogo é tão importante?» Imaginou que sim. Se a sua corte estava a fraquejar, compreendia perfeitamente o porquê de ele estar tão empenhado em ganhar.

O mordomo não parava de olhar por cima do ombro, parecendo ficar mais preocupado por Camilla o estar a seguir, como se não se lembrasse de ter falado com ela. E receava que ela o estivesse a perseguir.

Fora por isso que o Inveja a deixara na casa de campo. E era por isso que ele mantinha a sua atitude indiferente com tanta insistência. O Inveja estava a desempenhar mais um papel. Usava a máscara de alguém que precisava de esconder o seu desespero, que precisava de conspirar, e maquinar e salvar o seu povo a qualquer custo.

Apressou-se a virar a esquina do corredor seguinte atrás do mordomo, que finalmente parou ao lado de um conjunto de portas duplas em arco. Havia dois guardas de cada lado, ignorando o demónio quando este se virou para ela, de sobrolho franzido.

– Posso ajudá-la, Miss? – perguntou ele.

Camilla não soube como responder.

– O príncipe – disse ela delicadamente. – Ia levar-me a Sua Alteza.

– Ia?

O mordomo fechou os olhos, depois abriu-os com um piscar. Sem dizer mais nada, correu para o corredor, desaparecendo.

Brincando ao seu próprio jogo de faz-de-conta, sorriu calorosamente para os guardas.

– Olá, eu sou...

– Não é permitida a entrada a ninguém.

– O príncipe está cá?

– Não é permitida a entrada a ninguém – repetiu o guarda, o seu tom inalterado.

Camilla olhou para o demónio de peito emproado que a impedia de entrar na sala do trono.

– É um assunto urgente.

– Não é permitida a entrada a ninguém. – O guarda desviou a sua atenção para ela, e um pequeno sulco apareceu-lhe na sobrancelha, antes de se dissipar com a mesma rapidez. – A ordem mantém-se. Para toda a gente.

– Mas ele *está* lá dentro, correto?

– Não é permitida...

– ... a entrada a ninguém – terminou ela. – Eu ouvi-o nas primeiras três vezes. *Por favor*. Preciso de saber se o príncipe está aqui; garanto-lhe que ele vai querer saber o que eu lhe vim dizer.

O guarda comprimiu os lábios. Aquilo era ridículo. O Inveja queria ganhar o jogo, e Camilla tinha a localização da próxima pista. Mas que raios poderia ele estar a...

Uma gargalhada delicada e feminina surgiu do outro lado da porta. Camilla lançou um olhar acusador ao guarda.

– Pensei que não era permitida a entrada a *ninguém*.

O demónio desviou o olhar, com o maxilar contraído. Não iria responder a mais nenhuma pergunta. Não que

tivesse respondido a alguma antes. Parecia só conseguir repetir aquela frase. Como se fosse a única coisa que tivesse sido treinado para dizer e se recusasse a desviar-se das suas ordens.

«Porque haveria o Inveja de me manter fechada cá fora?» Um sentimento doentio ardeu dentro dela.

O Inveja não mentira. Não mudara de tática. *Estava* a ocupar-se de outro alguém.

Alguém com um riso sensual. Que provavelmente não hesitaria em passar apenas uma noite com ele, que não desejava de forma egoísta mais do que ele queria dar.

Podia ter sido ela. *Deveria* ser ela.

O Inveja desejava Camilla antes e ter-lhe-ia proporcionado uma noite de prazer que ela nunca esqueceria. Mas não fora suficiente. Naquele momento confuso, ela quisera mais do que apenas o corpo dele.

E ele deixara claro que o seu coração estaria estritamente fora dos limites.

Não tinha demorado muito tempo a encontrar outra companheira de cama disponível. Camilla quase se dobrou com a dor.

Lá estava ele outra vez, aquele sentimento obscuro e desconfortável que ela se recusava a reconhecer, borbulhando abaixo da superfície, um géiser escaldante que se preparava para entrar em erupção.

A gargalhada bonita e rouca soou novamente, desta vez mais longe, mas ainda tão abafada como uma noite de verão. Convidativa e quente, como lençóis molhados de suor e sussurros proferidos contra almofadas.

O príncipe estava a ser encantador, engraçado. Que maravilha.

Camilla ainda não tinha visto a sala do trono, mas imaginou que estariam a dirigir-se lentamente para o

estrado, deixando cair peças de roupa mais depressa do que as suas inibições, enquanto se despiam um ao outro, mãos frenéticas, à procura, beijos ardentes, atabalhoados. Línguas e dentes a chocarem, disputando o domínio.

Ou iria o Inveja beijar a mulher como beijara Camilla antes? Tão doce que a deixara tonta, tão lento que a fizera acreditar que podia durar para sempre.

O mais provável era que lhe prendesse as saias com uma mão, enrolasse o cabelo com força na outra, dobrando-a sobre o trono.

O ciúme, puro e interminável, invadiu Camilla.

Culpou a sua presença naquele círculo, naquela corte, culpou todo o maldito reino dos demónios pela propensão que tinha para induzir o pecado. Mas, principalmente, culpou o príncipe por se atrever a ter outra amante enquanto ela estava sequestrada.

Porventura pensaria ele que voltaria, saciado, e que Camilla estaria à sua espera? Não se deixaria dispensar tão facilmente.

Camilla virou-se, reparando no momento em que o guarda relaxou a sua postura, depois deu meia-volta e passou por ele a correr, empurrando as portas duplas com força, com as duas mãos. A sorte estava com ela; estavam destrancadas. Bateram contra a parede, dois estrondos semelhantes aos de um trovão, um aviso da tempestade que se aproximava.

Precipitou-se para o interior, parando na base do estrado, olhando para o príncipe.

O Inveja estava de facto no seu trono, com uma expressão de pura e gloriosa indolência, enquanto se recostava casualmente, de olhos fechados. Uma perna estava apoiada no braço da cadeira, a outra estava firmemente assente no chão. As suas calças estavam abertas

à frente, com a sua excitação a esticar-se contra o material. Tinha o cabelo despenteado, como se alguém tivesse passado os dedos por ele.

Esse alguém era uma morena deslumbrante que se encontrava atrás dele, brincando com o colarinho desabotoado da sua camisa, sussurrando-lhe ao ouvido. O seu vestido era ruborizado, etéreo e praticamente inexistente.

Os seus olhos, de uma tonalidade púrpura-clara, brilhavam com suavidade enquanto contemplavam Camilla. Parecia do tipo que comia os amantes vivos e palitava os dentes com os seus ossos.

O reconhecimento atingiu Camilla. Era a mulher da memória do Inveja.

Quem quer que fosse, não era humana. O poder agitou-se no espaço à sua volta, não era visível, mas Camilla sentiu-o. A sua boca transformou-se num sorriso encantado, a sua mão desapareceu por baixo da camisa do Inveja, expondo um triângulo de pele lisa e bronzeada do príncipe, que ela se inclinou para lambar devagarinho.

Talvez pensasse que Camilla estava ali para se juntar a eles. Camilla aclarou a voz.

Os olhos do Inveja abriram-se, a sua atenção aguçou-se quando o olhar pousou sobre ela, as suas narinas dilataram-se um pouco. Talvez estivesse furioso com a interrupção. Ou talvez tivesse sentido o cheiro da sua inveja. Tarde de mais, ela lembrou-se do que ele dissera sobre voltar a mostrar-lhe aquele pecado.

O guarda apanhou-a de imediato.

– Desculpai-me, Vossa Alteza. Eu...

– Deixa-a. – O Inveja fez sinal ao guarda. – Sai.

Camilla não se virou para ver, mas ouviu a retirada apressada.

– Miss Antonius. Parece que temos um problema.

Não havia calor na voz nem na expressão do Inveja.

Nenhum vestígio do homem que abraçara Camilla algumas horas antes, beijando-a como se estivesse condenado e disposto a perder-se ainda mais por outro gostinho.

– Vejo que estás muito ocupado – disse Camilla, não escondendo a mordacidade no seu tom, enquanto a sua atenção se voltava para a sua excitação. – Com todo esse trabalho de procura de pistas que andas a ter.

– Permita-me que lhe apresente a Vittoria, a deusa da Morte – disse ele. – É a querida *irmã gémea* da minha cunhada.

Camilla respirou fundo. Ele estava a tentar resolver o enigma. Ao seduzir a irmã gémea. Ela sabia, no fundo de si, que estava certa. E aquela deusa também o sabia muito bem.

– Ah. A beldade de cabelos prateados. – Vittoria olhou para Camilla com apreço. – Não admira que ele esteja distraído.

A deusa brincou com uma madeixa de cabelo do Inveja, depois passou-lhe as unhas pelo peito, descendo de forma perigosa.

O ciúme de Camilla ergueu a cabeça, um rosnado territorial quase lhe saiu do peito.

Vittoria observou-a com os olhos semicerrados, as mãos a deslocarem-se para a cintura do Inveja.

– Devemos revezar-nos, agora que ele está... à altura do desafio? – perguntou ela.

O ciúme de Camilla estava a ficar descontrolado.

Vittoria manteve a sua atenção em Camilla enquanto arrastava a língua ao longo do pescoço do príncipe, e depois recuou devagar, com os lábios contraídos. Sabia o

que estava a fazer, sentia um prazer perverso com aquilo. O Inveja não se tinha mexido, não a tinha parado. Mas o seu olhar flamejava com alguma emoção... gelada, não quente.

Parecendo cansar-se do seu brinquedo, a deusa desceu as escadas do estrado e contornou Camilla lentamente.

– Talvez devêssemos satisfazer-nos uma à outra. – Dirigiu a Camilla um sorriso dissimulado. – Ver se o conseguimos convencer a juntar-se a nós. Ou talvez decidamos não o permitir. Brincamos um bocadinho com o pecado dele. – Olhou para o Inveja. – Gostaríeis disso, Vossa Alteza? Vê-la vir-se para mim?

A atenção de Camilla desviou-se da deusa, pousando no príncipe.

A expressão do Inveja era agora severa, o seu peito mal se levantava. Já não estava a recostar-se no seu trono, as suas mãos agarravam-se aos braços do mesmo, os nós dos dedos brancos.

Como se estivesse a tentar não se atirar do trono.

– Achas que ele se vai acariciar? – perguntou Vittoria, lançando-lhe um olhar sombrio. – Que se vai vir em cima daquele lindo trono? Ou achas que me vai invejar enquanto te faço gemer?

Ela aproximou-se mais. Camilla não recuou.

– O que tens tu? – murmurou Vittoria. – A tua presença parece incitar à paixão.

Era um efeito da verdadeira natureza de Camilla. E a deusa era demasiado observadora. Ou talvez Camilla estivesse cansada de se acorrentar, de diminuir a sua luz, como Wolf a acusara.

Talvez devesse seduzir a deusa em frente ao Inveja, dar-lhe um gostinho do seu próprio jogo.

O Inveja levantou-se de repente do trono, todo

demoníaco. Avançou com um passo feroz de cada vez, diminuindo a distância entre eles numa procissão excruciantemente lenta.

Camilla manteve o olhar fixo nele esse tempo todo.

Não podia perder aquela batalha de vontades; isso dar-lhe-ia demasiado poder, alteraria a sua dinâmica de uma forma que ela nunca mais recuperaria. Ali, Camilla era uma igual, não uma criatura.

Já era altura de ele perceber isso.

O príncipe parou tão perto que ela sentiu o seu calor, tão perto que teve de inclinar o queixo para trás para sustentar aquele olhar fulgurante e perigoso. Às vezes, esquecia-se de como ele era grande, alto e imponente. Ele estava a usar todo o seu tamanho agora, ocupando o espaço dela.

O queixo de Camilla subiu um pouco mais; não se deixaria intimidar.

Ele moveu-se tão depressa que ela não se apercebeu do que tinha acontecido até que o seu manto caiu no chão.

– Cheiras a Unseelie, Camilla.

Vittoria riu-se baixinho.

Ele ficou tenso.

– Alexei. Acompanha a deusa à saída. Já acabámos.

– Não, não acabámos – desafiou Vittoria. – Agora é que as coisas estão a ficar divertidas.

O ciúme fez com que Camilla se sentisse completamente assassina. Não importava se a deusa governava a Morte, Camilla encontraria uma forma de acabar com ela se tocasse no Inveja antes de Camilla.

– Alexei. – O Inveja também atingira o seu limite. – Agora.

Camilla não sabia que o vampiro estava ali, mantivera a sua atenção apenas no Inveja. Mas ele apareceu, conduzindo Vittoria para fora com um palavrão amargo e

um estrondo de mau presságio nas portas da sala do trono. Camilla ouviu um ferrolho a deslizar, trancando-os.

O Inveja estava imóvel.

Era a quietude de um predador. De um ser que não era humano e que nunca o tinha sido. O tipo de quietude que perturbava.

E tê-la-ia perturbado, se Camilla não estivesse também imóvel, com a mente a rodopiar à medida que o quebra-cabeças se ia juntando lentamente.

De repente, compreendeu. Percebeu que o Inveja estava a reagir aos ciúmes *dela*, que o pecado dele estava a aumentar, a ser alimentado pela sua forte emoção, mas a quietude, a tensão...

Ele estava com ciúmes, e não era devido às provocações da deusa. Essas não passavam de uma mera distração, uma forma de ele tentar controlar a sua verdadeira inveja.

E fracassara em fazê-lo.

Wolf tocara-lhe no manto. No medalhão.

Dançara com ela na neve.

Abraçara-a, passara aquelas mãos grandes ao longo das suas costas, na tentativa de um abraço mortal. E Camilla afundara-se nele, permitindo que Wolf a envolvesse por um momento, por mais breve que tivesse sido.

Mas o Inveja não era humano, os seus sentidos não estavam entorpecidos.

Ele teria sentido o cheiro de Wolf assim que ela entrara. Provavelmente assumira que o *fae* a procurara quando o Inveja fora ter com a deusa.

E só havia uma coisa pela qual Wolf era lendário. Um quebra-cabeças que o Inveja não demoraria muito a resolver.

Camilla presumiu que o Inveja estava a imaginar vividamente todas as coisas que o *fae* lhe havia feito, tal

como ela tinha acabado de imaginar o que o Inveja estivera a fazer ali. No trono. Com a deusa.

Camilla não tinha ciúmes de Vittoria; invejava que ele se atrevesse a tocar noutra pessoa como ela queria que ele lhe tocasse. Apenas a ela.

– Falei com o Wolf – disse ela.

– Eu sei.

O seu pecado arrefeceu a sala, a geada cobriu levemente as paredes. Se tivesse essa capacidade, Camilla também teria gelado a sala com a sua inveja.

Por fim, o seu olhar desceu para o medalhão dela. Ou talvez estivesse a olhar para os seus seios. Passou-se uma eternidade num punhado de momentos antes de ele voltar a erguer o olhar, o rosto impassível.

– Fodeste com ele?

A sua voz era baixa, mas as suas palavras foram muito contundentes.

Se ele esperava que Camilla estremecesse, ela recusou-se a fazê-lo. A compreensão surgiu sem aviso. Aquilo não era sobre ela. Ou sobre se tinha ou não permitido que Wolf voltasse a deitar-se com ela.

Nem sequer era sobre o pecado do Inveja, sobre a sua incapacidade de ficar satisfeito, como pensavam todos os seus irmãos. A regra de «apenas uma noite» tinha que ver com o Inveja punir-se a *si mesmo*. Repetidamente.

Tijolo a tijolo, ele construíra um muro à volta do coração. A sua recusa em passar mais do que uma noite com uma amante significava que nunca teria de arriscar que esse muro se desmoronasse. Nunca teria de correr o risco de se magoar ou de se apaixonar, nunca teria de correr o risco de perder. Porque ele já fora magoado antes, já jogara o jogo do romance e perdera; a cicatriz era profunda, a fratura parecia nunca ter cicatrizado.

E ele culpava-se por uma escolha que nunca lhe coubera fazer.

A sua mortal fora para a Corte Selvagem de livre e espontânea vontade. O que tinha acontecido era trágico, mas a culpa não era dele.

– Uma vez. – Camilla revelou-lhe a verdade, sabendo que ele sentiria uma mentira. Sabendo, também, que ela queria tréguas. – Há muito tempo.

O olhar dele viajou para os lábios dela.

– Era ele o homem na tua memória?

– Sim.

– Há quanto tempo. – A voz dele não tinha qualquer vestígio de raiva. Também não era uma pergunta. – Um ano? Uma década?

A garganta de Camilla apertou-se. Ele estava a pedir muito mais do que parecia.

– Dois anos mortais.

Uma centelha de compreensão atravessou-lhe o rosto. Talvez de alívio. Mesmo que não soubesse o que ela era, aquilo fora uma admissão de que Camilla não era humana.

O luar escorria das janelas altas, acumulando-se à volta deles. Pela primeira vez, Camilla reparou em como a luz o banhava de prata, conferindo-lhe um brilho celestial; uma estrela caída para agraciar os mortais com o seu esplendor. Como se ele precisasse de qualquer ajuda celestial para se tornar mais atraente. Olhando para ele agora, Camilla perguntou-se como poderia ter acreditado que ele era humano.

– É por isso que usas o medalhão? – perguntou ele. – Um amuleto para o afastar? Ou é um encantamento para esconder a tua verdadeira natureza?

– Amaste-a?

Camilla não esclareceu a quem se referia, e ele não

perguntou. Ambos sabiam que ela estava a perguntar sobre a mortal, não sobre a deusa.

Ele voltou a ficar imóvel; desta vez, uma tempestade começou a formar-se silenciosamente sob o seu olhar introspetivo.

– Paixão. Curiosidade. Admiração profunda. Mas nunca amor.

Ele cerrou os dentes, como se esperasse que ela o achasse monstruoso por aquela confissão e pretendesse usá-la para o controlar. Máscaras sobre máscaras.

O engano seria a ruína de ambos.

Quando ela não reagiu, ele preencheu o silêncio.

– Eu trouxe-a para a Corte Selvagem. Apresentei-a à sua morte. Cometi um erro egoísta que afetou toda a minha corte. A responsabilidade tem o seu peso.

E depois, apostaria ela, nascera a sua regra de apenas uma noite.

Camilla sabia o que era cometer um único erro que perdurava. Alguns erros ganhavam presas e garras, sempre ávidos por mais maldade, mais arrependimento. Quis perguntar o que ele tinha feito, mas sentiu que essa era uma porta que ele manteria firmemente fechada por agora. Ela acabara de percorrer os corredores da sua Casa, sabia que o seu erro desenvolvera mais do que as proverbiais presas.

– É a tua vez – disse ele. – Fala-me do medalhão.

Ela suspirou.

– Foi uma prenda da minha mãe. É uma proteção contra os homens Unseelie. – Fazia mais do que isso, mas por agora não revelaria mais nada.

O olhar dele aguçou-se perante a revelação dela, as rodas da sua mente a girar. Camilla viu o momento exato em que ele juntou todas as peças.

– És Seelie. Quantos anos tens, realmente?

«Muito mais do que vinte e oito anos humanos.»

– Saímos de Faerie quando eu tinha seis anos.

O Inveja pestanejou, fazendo cálculos. O tempo em Faerie era muito diferente. Mas as crianças *fae* cresciam devagar, mesmo segundo esses padrões. Ela nascera havia mais de um século.

Camilla não começara a crescer verdadeiramente até ter deixado o seu reino e ter ido para Waverly Green, onde o tempo humano a conduziu rapidamente à idade adulta.

Era uma das muitas razões pelas quais se recusava a casar. Como Camilla não iria envelhecer nem mais um dia na sua vida, teria de deixar Waverly Green eventualmente, antes que alguém suspeitasse. Por vezes, perguntava-se se esse teria sido um dos motivos para a mãe se ter ido embora.

– Ias deitar-te com a deusa? – perguntou ela.

Ele pensou na pergunta dela.

– Era esse o plano, se chegasse a isso.

Desta vez, Camilla recuou. A verdade era mais dolorosa do que uma lâmina. Mas ele contara-lha, tal como ela fizera com ele, e por isso estava-lhe grata.

O Inveja aproximou-se, como um tubarão a farejar sangue na água.

– Sabe, Miss Antonius, a verdade é que eu já fodi por menos. Já fodi por mais. – Fez sinal com a cabeça para as portas, o luar transformando-se em sombra no seu rosto. – Mais depressa enfiava a minha lâmina naquela deusa do que a minha pila. Mas se fosse esse o preço dela, estaria disposto a pagá-lo.

O Inveja não era mais do que um escorpião, que atacava quando encurralado. Camilla endireitou-se, não querendo servir de alvo a ninguém.

Estar magoado e arrependido era uma coisa, ser um cretino e descarregar nos outros era outra.

– Não seja por isso. Vai atrás dela. Apenas estou aqui porque decifrei a última pista. As Gémeas Domadas são umas colunas entalhadas, não pessoas. Foi *por isso* que procurei o Wolf. Tudo pelo teu maldito jogo. Embora ele se tenha oferecido para fazer de mim a sua companheira. Talvez lhe dê a oportunidade de me convencer. Ele tinha *bastante* talento com a língua.

O Inveja pareceu afetado, mas depois percebeu.

– As Colunas Irmãs de Faerie.

– Talvez devêsseis levar a vossa deusa para lá. Para a esfaquear ou foder à vontade, Vossa Alteza. Talvez um sacrifício de sangue desvende o vosso próximo enigma.

Um instante depois, ele semicerrou os olhos. Como se tivesse acabado de decifrar tudo o que ela tinha dito.

– Ele queria *o quê*?

– Oh, por favor – disse ela. – Como se realmente te importasses.

– Os cisnes acasalam para a eternidade. Ouvi dizer que os *fae* são semelhantes. Pensas mesmo que não me importo se outro homem *acasalar* contigo? Sabes que outras criaturas acasalam para toda a vida?

Camilla quase susteve a respiração. Os lobos. As mesmas criaturas que o Inveja escolhera para simbolizar a sua Casa do Pecado. Era apenas mais uma reviravolta no jogo deles. E ela já estava farta.

– Tu queres apenas *uma* noite. É suposto eu simplesmente renunciar a todos os outros amantes para todo o sempre? Garanto-te que continuarei a viver a minha vida muito depois de tu e a tua ereção mágica terem desaparecido dela.

Camilla virou-se, furiosa. Por ela, o Inveja poderia

manter o sua maldito muro erguido por toda a eternidade.

Quando, e se, ele alguma vez crescesse, então poderia procurá-la.

– Aconteceu uma coisa curiosa. – O Inveja não a seguiu, mas algo no seu tom fê-la parar. – A minha pila, sempre um soldado diligente, recusou-se a cooperar com a Vittoria.

De todas as coisas asininas que podia dizer...

– Isso é suposto *consolar-me*? – Camilla girou. Pelos vistos, a pila dele tinha mais juízo do que o cérebro. – Talvez devêsseis falar com um médico real, Vossa Alteza. De certeza que existem ervas para esse problema.

Então ele avançou sobre ela. A cada passo que dava, ela correspondia com um passo para trás, até se encontrar encostada a uma coluna e não conseguir ir mais longe.

O seu coração batia com força, uma ligeira excitação percorria-lhe a espinha à medida que ele se aproximava. A pedra lisa arrefeceu-lhe a pele corada através da roupa. Todo o seu corpo aqueceu de repente, os seus sentidos intensificaram-se. Os seus seios roçaram no tecido do vestido, desejando ser libertados, desejando que o ar fresco lhes beijasse a carne.

Raios. Não era *possível* que estivesse excitada.

O Inveja encostou uma mão à pedra ao lado dela, a outra à volta da sua cintura, prendendo-a com firmeza contra ele. O cheiro a *bourbon* e a frutos silvestres misturados com um inconfundível toque masculino envolveu-a, inebriantemente sombrio e pecaminoso – tal como ele.

Camilla podia embebedar-se só com aquele cheiro.

As ancas dele chocaram contra ela. A rigidez dele deslizou contra a sua zona mais sensível, e, mesmo por cima da roupa, tirou-lhe o fôlego.

– *Parece-lhe* que tenho um problema, Miss Antonius?

Ele voltou a mover-se, atingindo o mesmo sítio com uma precisão infalível. Uma pulsação de prazer surgiu-lhe entre as pernas. Parecia que era *ela* quem tinha um problema.

O problema de querer que ele voltasse a fazer aquilo.

O olhar dele capturou o dela, penetrante e profundo. Ele *sabia*. Sentira o seu desejo, a sua vontade.

Camilla não tentou fingir o contrário; não exigiu que ele se retirasse.

As suas mãos traidoras percorreram-lhe os braços definidos, e os músculos dele fletiram sob a sua carícia, encorajando-as a explorar as suas costas, a sua cintura, antes de elas se erguerem novamente para se emaranharem no seu cabelo sedoso.

– Não me respondeste. – A voz dele era agora um sussurro rouco.

Outra carícia pecaminosamente luxuriosa fê-la abrir as pernas por instinto, convidando-o a aproximar-se mais, mais profundamente. Deveria afastá-lo, proteger o seu coração. Aquilo estava destinado a acabar em poucas horas.

Em vez disso, ela tocou-o por todo o lado, guardando cada curva, cada cume, cada linha na memória para pintar mais tarde. Os ossos das suas faces, o seu nariz, aqueles lábios sedutores... ela queria traçar a estrada do seu corpo e percorrê-la vezes sem conta nos seus sonhos.

– O meu único problema – disse ele, mordiscando-lhe suavemente as pontas dos dedos – é que te desejo.

A confissão não fora mais do que um sussurro cru perto do ouvido dela, uma lâmina de verdade tão afiada que o abrira ao sair. Talvez Camilla se fosse arrepender no dia seguinte, talvez ambos se fossem desfazer num milhão de pedacinhos, mas naquele momento tudo o que ela queria

era acalmar a dor na voz dele, a dor que lhe respondia na alma.

Uma noite.

Seria suficiente. O Inveja agora sabia que ela não era humana. Sabia que era uma igual, que nenhum deles tinha de se conter ou preocupar-se em quebrar o outro.

Podiam ser tão selvagens quanto desejassem.

Escapou-se-lhe um suspiro irregular; talvez fosse um gemido ou uma súplica silenciosa por mais. Qualquer que fosse a língua que ela falasse, ele entendia. O Inveja voltou a mover-se contra ela. E outra vez.

O calor percorreu-a com cada impulso tortuoso.

– Foda-se, quero-te tanto – murmurou ele. – Devia estar concentrado na próxima pista. – As ancas dele voltaram a encontrar-se com as dela, com mais força. – *Devia* estar a caminho das Colunas. – Outra investida punitiva e deliciosa. – A minha corte está em risco. Contudo, aqui estou eu.

Os dedos dele apertaram a cintura dela, marcantes, possessivos. O corpo dela ficou mais volúvel.

– A pensar em tudo o que te vou fazer. Quero que grites o meu nome quando te vieres, sempre que te vieres. Na minha língua. Nos meus dedos. Na minha pila. Destruíste-me, Camilla. Quero retribuir o favor.

Desta vez, ela foi ao encontro do seu impulso, esfregando-se contra ele.

Um rosnado baixo ressoou no peito dele.

– Diz-me que me queres.

Camilla agarrou-se a ele, fechando os punhos sobre a camisa dele, apertando-o contra si. Era a única resposta que ela lhe daria, a única que importava agora.

«Mais.»

O rosto dele desceu para o pescoço dela, as ancas a

roçarem novamente. E novamente. O hálito dele era quente na pele dela, um pouco entrecortado, também. Por Deus, ela queria-o.

Ele agarrou-a com mais força, como se se estivesse a impedir de dar uma queda terrível e estivesse a falhar, o seu controlo a fugir-lhe. Estava a desfazer-se juntamente com ela.

Os lábios dele pairaram sobre a pele dela, a sensação assombrando-lhe os sentidos. Talvez morrer de prazer fosse assim, existir além de uma forma física, conhecer apenas o êxtase sem limites.

E ele ainda não estava dentro dela.

– Camilla.

O seu nome era uma maldição, uma súplica. «Destruíste-me.»

Ele fizera-lhe o mesmo. Derrubara os seus muros, a sua pequena e feliz vida humana. Apesar de falsa, fora segura. Estar perto dele, de volta àquele reino, não era nada seguro.

Era perigoso, sedutor e tentador, e fê-la lembrar-se de quem realmente era.

Ele acertara quando dissera que ela não queria o Príncipe Encantado. Camilla queria o demónio.

O amante implacável que exigiria, e dominaria, e forçaria o corpo dela a submeter-se ao prazer.

Camilla não sabia como iria voltar para Waverly Green. Como se enfiaria de novo naquela caixa restritiva, a fingir e a fingir. Escondendo a sua paixão e luxúria pela vida e pela arte, e por cada jogo obscuro que gostava de jogar. Fingir que não desejava como os homens de lá desejavam.

Diminuir a distância agora faria com que se lançassem sobre o precipício. Ela aproximou-se para que os seus lábios se tocassem, a respiração ofegante em uníssono. A

boca dele pairou sobre a dela.

– Camilla, *foda-se*.

Os últimos fios emaranhados do seu controlo estavam a escapar-lhes, a desatar-se, libertando-os das suas amarras. Camilla perguntou-se quem seria o primeiro a mexer-se, malditos fossem ambos.

Sabia que seria ela.

– Destrói-me. – A sua voz não parecia dela. Era mais áspera, mais baixa, plena de promessas sensuais. – Beija-me.

O Inveja baixou a cabeça, eliminando o último sopro de espaço entre eles, os seus lábios o veneno mais doce que Camilla alguma vez provara. Se aquilo era tudo o que tinham, ela faria com que valesse a pena.

A sua ereção pressionava-se contra as calças; era cruel mantê-la enjaulada. Ela separou-se do beijo, desapertando os cordões das calças dele, precisando de o ver e sentir sem que nada os separasse, por fim.

Ele recuou, o olhar a estudá-la.

– Conheces a minha regra.

Camilla assentiu.

– Tens a certeza?

– Sim.

Ele ajoelhou-se, apoiando o pé dela na sua perna levantada, agarrando-lhe na bainha do vestido. Numa questão de segundos, tirou-lhe as meias.

Um sorriso diabólico curvou-lhe a boca quando ela estremeceu ao primeiro toque das mãos dele na sua pele. Ele apenas lhe tinha tocado no tornozelo, mas o raio de consciência que a atravessou formigou por todo o lado.

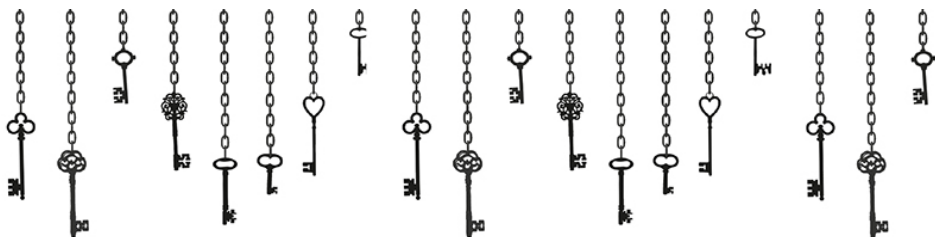
Ela encostou-se à grande coluna, com os olhos postos no príncipe ajoelhado diante de si, com a cabeça inclinada sobre ela como se estivesse a rezar.

Camilla estendeu a mão, passando os dedos pelas madeixas escuras dele, traçando-lhe a curva do maxilar, depois atraindo-lhe a atenção para a sua, enquanto lhe inclinava o rosto para cima.

Da sua posição, poderia parecer que o Inveja se tinha rendido, que se estava a curvar perante a sua princesa, mas Camilla sabia que isso não era de todo verdade. Pelo contrário, ele estava prestes a conquistar.

E ela permitir-lhe-ia de bom grado ganhar aquela ronda, sabendo que seria ela a derradeira vencedora.

– Prepara-te, criatura – rosnou ele. – Vou devorar-te.



Camilla seguiu as ordens dele, agarrando-se à coluna atrás de si, enquanto o Inveja lhe subia lentamente as saias de veludo, distribuindo beijos de boca aberta à medida que o fazia. As mãos dele envolviam as coxas dela, movendo-se a um ritmo lento e delicioso, os polegares aproximando-se do ápice do corpo dela a cada passagem, revelando mais e mais da sua pele tentadora. O desejo pulsava através dela e diretamente para ele. Ele ficou mais duro com a ideia de se vir finalmente com ela, de levarem o seu desejo àquela linha de chegada ardente.

A recompensa que ambos sentiriam seria inigualável.

Pensou em levá-la para o seu quarto, mas não conseguiu resistir ao seu ar tão recatado, com as costas encostadas à coluna de mármore, o pé apoiado na sua coxa. Contudo, era o seu olhar que prometia que Camilla era uma pecadora entre os lençóis.

Porque escolhera sê-lo. Tal como ele.

Os dentes do Inveja roçaram-lhe a pele, provocando pequenos arrepios.

O seu próprio desejo despertou no fundo das suas entranhas, a sua pila ficou tão dura que se comprimiu

contra a sua barriga. Era capaz de se vir só de a saborear. Mas tinha de adiar essa gratificação. Deu-lhe um beijo casto na parte interior da coxa, mesmo acima do joelho.

Camilla contorceu-se contra a coluna, cada vez mais impaciente.

Ele puxou-lhe as saias até à cintura, e ela tirou-lhas das mãos, vendo a sua atenção faminta a percorrê-la. Coxas, ancas, o ápice pulsante do corpo dela, o Inveja queria provar todas as iguarias que tinha à sua disposição e não conseguia decidir por onde começar. Ela estava molhada, reluzente.

Excitada pela visão dele ajoelhado diante dela.

Ele lançou-lhe um sorriso cúmplice.

– Doce depravada. Gostas que me curve perante ti?

Ela mordeu o lábio, assentiu, agarrando-se involuntariamente às saias...

– Ótimo. Rezar no altar do teu corpo é uma das únicas formas de pôr um pecador como eu de joelhos. Prometo que irei venerar cada centímetro teu. A começar por esta cona molhada e incrível.

O olhar prateado de Camilla brilhava de luxúria. Ele já tinha reparado nisso antes, mas agora teve a certeza de que ela adorava quando ele usava linguagem obscena. Excitava-a. A prova estava na forma como apertava as coxas, com a respiração ofegante.

Felizmente para ambos, o Inveja conseguia ser um filho da puta obsceno.

Deu-lhe outro beijo acima do joelho, depois mais acima, na parte interior da coxa.

Um roçar casto e doce dos seus lábios que ele pressentia que a deixava sedenta por mais. As mãos dele acariciaram todos os sítios onde os seus lábios haviam tocado, e depois começaram a sua própria exploração independente,

provocando arrepios de prazer no corpo dela.

O olhar do Inveja obscureceu quando finalmente alcançou as dobras húmidas do seu sexo. A primeira carícia arrancou-lhe um palavrão, as costas dela arquearam-se para fora da coluna como se tivesse sido atingida por um raio, apesar de ter sido suave, lânguida. Como lamber lentamente o creme de uma sobremesa. A segunda foi mais firme, abrindo-a enquanto a língua dele mergulhava no interior.

Ela entrelaçou as mãos no cabelo dele, segurando-o onde o queria.

Ele recompensou-a com outro movimento lento.

– Sabes a pecado, Camilla.

O polegar dele acompanhou o caminho que a língua acabara de fazer, pressionando contra aquele conjunto de nervos que a fez empurrar-se contra ele, precisando dele mais fundo.

Ela estava encharcada e ele ainda agora tinha começado.

– Foda-se, adoro isto. – Ele voltou a descer a boca para ela, alternando entre deixá-la montar os seus dedos e substituí-los pela sua língua.

O Inveja apurou os sentidos para saber com exatidão o que ela precisava, e quando.

– Oh... – gemeu ela, com os olhos a revirarem-se.

Ele traçou a linha do corpo dela, seguindo cada gota de humidade, rosnando a sua própria necessidade contra o sexo dela.

– Oh, Deus – ofegou ela. – Não pares.

Ele não era Deus, mas iria de facto fazê-la acreditar que era um antes de a noite acabar.

Ele cantarolou contra ela, notando que a vibração da sua voz, a sua profundidade, a levava ao limite. A

respiração dela tornou-se entrecortada, irregular – o orgasmo estava próximo. Ele repetiu o som, depois deslizou dois dedos para dentro dela, alargando-a.

O Inveja balançou-se nos calcanhares, vendo-a começar a ofegar.

Encorajado, abrandou para a massajar com delicadeza, fazendo deslizar os dedos pelas suas dobras húmidas, atingindo aquele feixe secreto, e depois recuando antes que ela atingisse o clímax.

– Chega de brincadeiras – avisou Camilla.

Ele sorriu quando ela assumiu o controlo, rebolando as ancas, procurando a libertação.

Ainda a penetrar fundo com os dedos, ele começou a beijar-lhe as pernas, a barriga, a morder e a chupar, a fricção tão gloriosa que nenhum deles parecia capaz de recuperar o fôlego.

– Estou quase – ofegou ela.

E ele também estava.

Quando ele baixou a boca para o sexo dela, o orgasmo abateu-se sobre ela.

Camilla agarrou-lhe o cabelo, apertando-o contra si, o seu corpo espasmando com cada onda de prazer.

As carícias dele abrandaram, absorvendo cada gota do seu desejo até que a respiração de Camilla se acalmou e ela voltou a flutuar para dentro do seu corpo.

O Inveja deu-lhe um último beijo e depois desviou o seu olhar para o dela.

– Isso foi... – Ela mordeu o lábio inferior, aparentemente sem palavras. Exceto uma. Escrita nitidamente no seu rosto. «Mais». – Preciso de ti dentro de mim.

Ele também precisava de estar dentro dela.

Mataria qualquer um que os interrompesse agora.

Ela puxou-lhe suavemente o cabelo, fazendo-lhe sinal para que se levantasse. Quando ele se pôs de pé, o seu corpo faiscou de energia, de poder. Estava energizado como nunca se sentira antes, o orgasmo dela ainda lhe estava fresco na língua, incitando-o a desejar mais.

Camilla puxou-lhe a camisa para cima e por cima da cabeça, depois voltou a puxar-lhe os cordões das calças, desta vez sem se deixar intimidar pela sua missão.

Ele lançou-lhe um sorriso preguiçoso quando ela lhe libertou a pila. Camilla inspirou profundamente, depois lançou-lhe um olhar quase tímido enquanto ele tirava as calças.

– És magnífico.

«Enorme.» Foi o que ela não disse, mas o Inveja estava bem ciente das reações das outras amantes a esse facto. A expressão dela alterou-se para preocupação e depois para determinação. Mesmo que ele não estivesse a ler-lhe as emoções, sabia muito bem o que ela estava a pensar. Camilla não fazia ideia de como iriam encaixar. Nervosa ou não, estava mais do que disposta a tentar.

– Deita-te – ordenou-lhe ela.

Pelos ossos dos deuses. Ele adorava quando ela lhe dava ordens.

O Inveja conduziu-a ao seu trono, depois esticou o seu longo corpo no tapete verde-caçador ao fundo do estrado, com os braços cruzados atrás da cabeça e os lábios contraídos. Não era o sítio mais confortável para se tomar uma amante, mas nenhum deles pareceu incomodado com o chão duro.

Camilla ajoelhou-se, abrindo as saias à sua volta, e depois estendeu a mão, percorrendo o comprimento dele com um dedo gracioso.

– Nervosa? – perguntou ele, alargando o sorriso.

– Não, de todo.

Ele soltou um risinho baixo, sentindo a sua desonestidade.

Ela moveu-se para o montar, mesmo abaixo dos joelhos dele, estudando a sua ereção. A ponta contorcia-se de cada vez que ela lhe tocava, obrigando-o a morder o próprio lábio.

«Caralho.» Com um sorrisinho, Camilla envolveu corajosamente a mão à volta do seu grosso membro, que pulsava com mais força do que o aço. Ele quase desmaiou.

Uma gota de líquido brilhou na ponta, prova de como o Inveja também estava excitado. Ela balançou o líquido com a ponta do dedo, circundando o cume, e ele soltou um palavrão.

– Hum. – Os olhos dela ensombraram-se.

Sem aviso, ela baixou subitamente a boca, seguindo o mesmo caminho com a língua. O corpo dele contorceu-se com a delicadeza com que ela o chupava.

Ela recuou, lambendo os lábios.

– Também sabes a pecado. O meu tipo favorito.

– Camilla.

As mãos dele pressionaram o chão de mármore, a sua respiração ficou ofegante. Ela agarrou-lhe os testículos.

Ela puxou-o mais para dentro da boca, agarrando-o de forma quase dolorosa enquanto passava a língua pela ponta.

Ele estremeceu com o calor da boca dela, mas ela enfiou-o mais fundo, fazendo subir e descer o punho enquanto lambia. Ela não se conseguia conter; gemia, e a vibração provocava pequenas faíscas de prazer na espinha dele. «Foda-se.» Camilla sabia muito bem o que fazer. Ela engoliu-o mais, depois gemeu como se chupar a pila dele a excitasse tanto quanto a ele.

Ele apoiou-se num cotovelo, observando com os olhos semicerrados enquanto ela brincava com ele, lambendo-o devagarinho, com movimentos preguiçosos e provocantes.

– Foda-se.

Ele passou os dedos pelos cabelos brilhantes dela. A cabeça dela balançava para cima e para baixo, o seu ritmo tornava-se mais acelerado, o seu chupar mais forte. Ela queria que ele se viesse. Os músculos do abdómen dele contraíam-se a cada movimento da língua dela. Ele estava quase.

Ele queria-a. Toda. Desesperadamente.

Ela deteve-se e olhou para o comprimento do seu corpo, as suas ancas fortes e o seu abdómen musculado, as tatuagens que lhe dançavam sobre o peito resplandecente, bebendo-o.

Camilla havia domado a fera. O demónio rude que se movimentava sob a superfície do seu revestimento de príncipe curvou-se perante ela, um servo leal à sua ama.

Ele viu o momento exato em que ela o soube.

Um sorriso lento e perverso cruzou o rosto dele.

Ele também o sabia. Talvez soubesse há mais tempo do que ela que, um dia, aquela mulher inteligente de cabelo prateado e olhos penetrantes o iria pôr de joelhos, e que ele estaria disposto a isso.

De repente, o Inveja puxou-a para cima, para o seu peito, o vestido de veludo dela a acariciar-lhe a carne, os joelhos dele dobrados atrás dela como apoio. A pila dele contorceu-se contra as costas nuas dela.

O seu olhar tornou-se incandescente.

– Tira o vestido.

A sua ordem, o seu rosnado baixo... atraíram-na. Ele sentiu-o pela forma como ela ficou mais excitada. Ela gostava quando ele lhe dava ordens no quarto.

Camilla arqueou uma sobrancelha, apoiando as mãos nos ombros dele.

– Não disseste que me *ias* destruir?

Ele passou as mãos pelo flanco dela, pelas clavículas, pelo peito, e depois rasgou-lhe o vestido ao meio, da gola à bainha, atirando os pedaços para o lado de forma selvagem.

Ela envergava um belo conjunto de *lingerie* rendada que ele admirou durante um único suspiro antes de o rasgar também.

Se ela queria que ele fosse perverso, esta noite ele tornaria realidade todas as suas fantasias sombrias.



— *D*evastador. — As pontas dos dedos ásperos dele traçaram a curva do seio de Camilla, o polegar a girar sobre o mamilo tenro. Ela sentiu a correspondente contração da excitação dele contra as suas costas, e abriu um pouco mais as coxas enquanto se esfregava contra ele.

Camilla afastou-lhe o cabelo escuro da testa, parando para admirar a sua beleza.

Agora, ele era todo pele bronzeada e sombras de contorno definido, o luar revelando apenas fragmentos dos ângulos esculpidos do seu rosto. Não pôde deixar de absorver o verde-caçador-escuro do tapete do chão da sala do trono, que se estendia atrás dele.

Imaginou pintá-lo como um anjo, a desabrochar na escuridão daquela sala. Tentou traçar a ponte do seu nariz, forte e poderosa como o resto dele.

— Camilla. — A voz era tão terna quanto o seu toque quando a puxou para mais perto. — Quero pedir-te uma coisa. Quando te vieres, diz o meu nome verdadeiro.

Ela afastou-se, estudando os seus olhos. Não era um pedido insignificante.

— Pensava que os demónios protegiam bem os seus

nomes verdadeiros.

– E é por isso que apenas quero que o digas esta noite.

Ela pensou naquilo, sabendo que não podia ser um pedido normal. Caso contrário, era provável que metade do reino soubesse o seu nome verdadeiro. Mas talvez ele precisasse de se sentir menos sozinho, só desta vez. Após ter percorrido os seus corredores vazios, julgou compreender porquê. Se alguém sabia o que era querer afastar a solidão, esse alguém era Camilla.

Ela assentiu.

– Está bem. Diz-me.

– Leviaethan.

Era lindo; a forma como ele o sussurrou fez com que a palavra se lhe desenrolasse da língua. Levi-aethan. Ele pronunciara-o como se fossem duas palavras, dois nomes. Imaginou-os como os lobos do símbolo da sua Casa: Levi e Aethan.

Camilla inclinou-se para a frente, beijando-o com suavidade, depois mordiscou-lhe o exuberante lábio inferior, lançando-lhe um sorriso cúmplice. O tempo para conversas acabara. Ele prometera ser um demónio e, naquele momento, estava a ser demasiado encantador.

Ela ergueu-se uns centímetros, depois inclinou o corpo antes de se baixar sobre ele, tomando apenas os primeiros centímetros. A testar.

– Foda-se. – O fôlego dele saiu numa explosão áspera.

Com uma agilidade impressionante, ele deitou-a de costas. As pernas dela abriram-se largamente enquanto ele se aproximava, baixando o seu peso e apoiando-se em dois braços fortes de cada lado da cabeça dela. A sua massa poderosa era uma sensação erótica por cima dela.

Camilla inspirou o mais profundamente que pôde, o cheiro dele preenchendo o espaço à sua volta. Ele era tudo

o que ela conseguia ver, tudo o que ela conseguia sentir. E adorava-o. Queria mais.

O Inveja beijou-a. Devagar, no início, a língua dele lembrou-a de todas as coisas sensuais que tinha acabado de fazer com ela. Ela puxou-o para mais perto, o seu corpo já a latejar enquanto o pénis dele se contraía à sua entrada.

Ele sorriu-lhe contra o pescoço, interrompendo a sua exploração tortuosa enquanto ela tentava encaixá-lo dentro dela a partir da sua posição atual. A gargalhada baixa dele provocou-lhe um arrepio sombrio, uma pulsação que disparou diretamente para o ponto entre as pernas dela.

– Tem paciência, Camilla, querida. Prometo que te vou foder com toda a força e velocidade que quiseses, em breve.

Antes que ela pudesse argumentar, a boca dele fechou-se sobre o seu seio. A língua dele fez aquela coisa gloriosa – uma combinação de movimentos sedutores e ligeiros raspões de dentes que a fizeram tremer por todo o lado.

As mãos dela enredaram-se novamente no cabelo dele, o corpo dela arqueou-se para ir ao encontro do dele. Já tinham jogado este jogo tempo suficiente; ela precisava dele. Precisava daquela libertação.

– Por favor.

O Inveja olhou para cima, a sua expressão sedenta igualava a dela.

Posicionou-se à entrada dela, esfregando a ponta para trás e para a frente nas suas dobras, certificando-se de que ela estava molhada e pronta, embora soubesse muito bem que estava.

Ele introduziu-se lentamente, dando-lhe tempo para se ajustar ao seu tamanho, as paredes dela contraindo-se em torno da sua intrusão.

O Inveja roçou os lábios nos dela, e o beijo rapidamente

se tornou um emaranhado de línguas e dentes, e depois penetrou mais fundo, prendendo a respiração em sintonia com ela.

Camilla apercebeu-se de que os beijos eram uma distração, para ajudar o seu corpo a relaxar, para acolher o seu impressionante comprimento. Repetiram os movimentos, ele a enfiar devagarinho, centímetro a centímetro, parando para beijar e provocar, conduzindo Camilla ao limiar do prazer, e depois retirando. De cada vez que ele mergulhava mais, alongava-a, mas ela continuava a rezear que ele nunca se encaixasse por completo.

Com um último e poderoso impulso, o Inveja ficou totalmente dentro dela. Apoiou-se nos antebraços, estudando-lhe o rosto.

– Estás bem?

– Sim. – A voz de Camilla era ofegante. *Estar bem* era um eufemismo. O tamanho dele preenchia-a para lá do que ela imaginara ser capaz de aguentar. Sentiu cada contração dele, e cada pulsação sua a responder àquele chamamento silencioso. Nunca se sentira tão viva.

Algo hesitante, ela agarrou-lhe os cotovelos e moveu a cintura, deslizando sobre o mármore para o introduzir impossivelmente mais fundo. Ele retirou-se com um sibilo e depois voltou a penetrar. Deus, ele era *enorme*, preenchia cada centímetro palpitante dela, dominava a sua carne a cada estocada.

Ele não mentira. Iria arruiná-la.

Camilla não sabia como poderia alguém comparar-se a ele.

Captou a nitidez do seu olhar momentos antes de os flocos de neve começarem a cair sobre a sua pele. Ele devia ter sentido que ela estava a pensar nos outros. Aquela

territorial e formosa besta.

– *Ninguém* voltará a fazê-lo. – Ele retirou-se, deixando apenas a ponta lá dentro, antes de voltar a penetrar com força, fazendo-a soltar um gemido.

– O quê?

Ela estava quase incoerente de prazer, as suas ondas atravessavam-na com cada rotação das ancas dele. Mas o Inveja precisava de o dizer, de confirmar os pensamentos dela.

– Tocar-te – disse ele. – Eu matá-los-ia.

A boca dele conquistou a dela, marcou-a como sua. Quando eles romperam o beijo, o olhar dele disse tudo: «Minha.» Algo primitivo dentro de Camilla gostou daquilo. Queria reivindicá-lo em retorno.

Ele decerto que interpretara o olhar dela. Se ele estivera a conter-se, parou de o fazer.

O Inveja impôs um ritmo punitivo, com uma mão a agarrar-lhe a cintura, fixando-a à medida que aprofundava cada estocada, aumentava a velocidade, movendo o corpo dela com a sua força.

Camilla agarrou-lhe os ombros, cravando as unhas com violência na sua carne, marcando-o como seu.

Dela.

Ela acompanhou o ritmo dele com o seu próprio compasso, indo ao encontro de cada uma das suas investidas, unindo os seus corpos até estarem ambos a praguejar em voz alta.

O suor dele escorreu-lhe pelo peito, misturando-se com o dela. Os seus membros deslizavam por todo o lado, a sensação era erótica. Os sons dos seus corpos a baterem um no outro, o cheiro almiscarado da sua união... era inebriante. Maravilhoso. Tão magnificamente perverso que lhe acelerava o pulso.

– Mais força – ordenou ela.

– Foda-se, Camilla.

A voz dele era crua, o seu aperto sobre ela estava a intensificar-se. Até ao fim da noite, iriam ambos ficar arranhados e com nódoas negras.

Se ele ia arruiná-la, ela queria arruiná-lo também.

Ele que recordasse esta noite de paixão, que pensasse nos seus quadris a chocarem contra os dele, nos seus corpos a despedaçarem-se muito antes de as suas obstinadas vontades o fazerem. Camilla queria que ele gritasse o seu nome, que o seu orgasmo lhe fosse arrancado das profundezas da sua alma.

– Mais – disse ela, puxando-o para mais perto, saboreando cada centímetro da sua pele salgada que conseguia.

Ela puxou-lhe o cabelo com mais força, a boca dele embatendo contra a dela antes de lhe cair sobre o pescoço, o peito, os seios. Ele lambeu, e beijou, e mordiscou até ela sentir que ia enlouquecer.

Ele introduziu uma mão entre eles, brincando com o clítoris sensível dela, a sua pila ainda a entrar e a sair. Ela estava encharcada, o seu corpo agarrava-se a ele com força, necessitando dele mais profundamente.

Ele estava a marcá-la, imprimindo-se para sempre no seu corpo e, pior, no seu coração. Ela baixou-se, agarrando também o seu comprimento. As suas mãos estavam lambuzadas com a sua paixão.

– Camilla. – Ele praguejou, fodendo-a com tanta força que os candelabros começaram a abanar por cima deles.

Ela desejou que a sala do trono dele se desmoronasse à volta deles. Continuariam a fazer amor entre os escombros. Poderoso. Era o que ela queria sentir agora. Queria que ele se lembrasse daquela noite como ela nunca a esqueceria.

– Espera.

Ele parou de imediato, a sua respiração ofegante. Continuava enterrado dentro dela, a pila a latejar com a sua pulsação acelerada. Era quase o suficiente para a fazer esquecer o seu pedido. A forma como ele atingia aquele ponto dentro dela... naquele momento, o Inveja era o seu deus.

Embora ela nunca o fosse admitir.

Ela empurrou-lhe o peito.

– Quero foder-te no teu trono.

Ele olhou-a com atenção, a sua expressão insondável. Depois sorriu.

– Pequena e adorável depravada.

O sorriso dele era radiante, mais quente do que qualquer dia de verão, os olhos igualmente brilhantes. Era uma expressão que ela nunca tinha visto nele antes, uma expressão que a fez sustar a respiração.

Para um homem cujo desagrado arrefecia o ar à sua volta com tanta frequência, não deveria ter ficado surpreendida por a sua alegria rivalizar com o calor do Sol.

Num instante, ele estava sentado no trono com Camilla ao colo, de costas para ele.

Ela estabilizou-se, contemplando a sala. De onde estavam sentados agora, com as altas janelas em arco diretamente atrás deles, ambos eram banhados por um esplendor de outro mundo.

Camilla passou os dedos pelos braços do trono, admirando a filigrana de prata em que não tinha reparado de longe. Almofadas de veludo verde-caçador revestiam as costas e o assento, com duas secções cobertas nos braços. Era um belo trono. Poderoso e elegante. Tal como o homem que dele se servia.

No metal reluziam esmeraldas, a pedra preciosa

destinada a inspirar inveja. Diante deles, telas imponentes pendiam ao longo das paredes. Seres alados, flores, cenas de guerra e glória.

Também aquilo era uma batalha. Uma que ela nunca havia travado antes.

O Inveja inclinou-se para trás, com as pernas abertas, permitindo-lhe fazer com ele o que quisesse. Ela inclinou-se para a frente, apoiando as palmas das mãos nas coxas dele, para melhor se apoiar.

O Inveja posicionou-se contra a entrada dela, à espera de que ela agisse. A outra mão acariciou-lhe as costas, encorajando-a, com ternura.

Ele interpretou mal a hesitação dela. Camilla não parara por nervosismo, estava a dar-lhe a oportunidade de a beber por trás, a congelar o momento para que pudesse ser impresso nele de alguma forma. Sabia que ele teria uma visão maravilhosa do seu rabo, sabia que isso o deixaria louco. A ideia de ele se excitar, de perder o controlo, deixava-a tão molhada que devia ser um crime.

Ela queria que ele a imaginasse ali, pronta para o receber. Ali mesmo, na sede do seu poder. Camilla queria que o Inveja nunca se esquecesse de que ele até podia governar a sua corte pecaminosa, mas ela governara-lhe o corpo durante um momento de felicidade. Tal como ele a possuía a ela.

Ele esperava que ela o voltasse a tomar centímetro a centímetro, por isso, Camilla ouviu um rugido de surpresa quando se afundou em cima dele num único movimento forte. Ambos praguejaram, os seus arquejos uma mistura de dor e prazer. Ele preencheu-a tão profundamente que, a partir daquela posição, entrou mais fundo.

Camilla ergueu-se devagar, subiu-lhe a pila toda, depois voltou a descer, desta vez rebolando as ancas. Ele

praguejou. A boca dele encontrou-lhe o ombro, os dentes roçaram-lhe a pele.

O Inveja agarrou-lhe as ancas, massajando-lhe a carne, enquanto permitia que fosse ela a marcar o ritmo.

Ela rebolou as ancas, os seus movimentos lentos e decididos. Até que se inclinou para a frente, atingindo um ponto que a fez gemer, e um fogo percorreu-lhe as veias.

A seguir a isso, o jogo deles já não importava. Apenas o seu prazer. Pouco depois, as suas estocadas acompanhavam as dela, as suas mãos moviam-na para cima e para baixo enquanto ela se balançava sobre o seu corpo.

Os músculos dela doíam com o movimento, retesavam-se. Mas ela não se importou.

O Inveja beijou-a ao longo das costas, os seus dedos cravando-se nos flancos dela. A pila dele inchou dentro dela no preciso momento em que o mais intenso raio de calor a atravessou.

Ambos praguejaram, fodendo com mais força, sabendo que o fim estava próximo. Ela já não sabia se era ele que estava a fazer amor com ela ou se era ela que estava a fazer amor com ele. Estavam frenéticos, ferozes, chocavam um contra o outro como se as suas vidas dependessem disso.

Mesmo antes de ela se vir, os dedos dele deslizaram-lhe pelas dobras húmidas, brincando com o clítoris até ela se perder nas sensações, o seu orgasmo irrompendo com um rugido. Foi atingida por ondas sucessivas de prazer, arrastando-a para baixo, para cima, e ela gritou o seu verdadeiro nome:

– Leviaethan!

Um calor jorrou para dentro dela quando a sua libertação o encontrou, e Camilla voltou a cair no precipício, aproveitando as últimas ondas de prazer até que o seu corpo ficou frouxo, e voltou a apoiar-se no peito do

Inveja, ofegante.

Os braços dele rodearam-na, desenhando pequenas formas ao longo da barriga dela, sob as costelas, ao longo da curva dos seus seios com os seus próprios músculos trémulos.

– Foda-se. – O hálito dele era quente no pescoço dela, a pele dela contraindo-se de forma agradável. Ele amolecera um pouco, mas continuava dentro dela. – Beijas como uma santa, mas fodes como uma depravada.

– Queria que a nossa noite valesse a pena.

– Foda-se – repetiu ele, desta vez mais baixo.

Talvez *ela* o tivesse arruinado.

Os lábios dela contorceram-se para cima antes de o sorriso se desvanecer.

O amanhecer não estava longe, e tinham de encontrar a próxima pista. O tempo deles acabara.

Assim que ela se levantou, soube que estava a deixar aquela fantasia para trás.

Honra lhe fosse feita, o Inveja também não parecia ter pressa em deixar aquela pequena bolha para trás. Camilla sabia que ele também devia estar a pensar no jogo outra vez. No que significava para a sua corte. No entanto, permaneceu ali. Com ela. Como se não quisesse estar em mais lado nenhum.

As mãos dele deslocaram-se para os braços dela, percorrendo-os ao de leve.

Há muito que as suas respirações se tinham acalmado, e o silêncio era pesado entre eles.

Os toques lentos e leves do Inveja percorreram-lhe a silhueta, a cintura, a curva da anca, depois desceram até ao umbigo, aproximando-se do local onde os seus corpos ainda estavam unidos.

Ela susteve a respiração quando a mão dele desceu

mais. O Inveja estava duro outra vez.

– E o jogo? – perguntou ela, odiando tê-lo feito.

– Queres que pare?

Ela abanou a cabeça.

– De maneira nenhuma.

– Merda, ainda bem.

Ele mudou de posição para que Camilla ficasse completamente sentada em cima dele, mas ele assumisse uma posição mais dominante. Enquanto ela continuava virada para o outro lado, de costas para o seu peito, era ele quem estava no controlo, levantando-a ao longo do seu pénis, provocando-a com a ponta enquanto empurrava lentamente para dentro e para fora, fazendo amor com ela como se nunca mais a fosse largar. Não havia nada de agressivo e rápido nos seus movimentos.

Agora que recuperara o controlo, concentrou-se apenas em arrancar o máximo de prazer possível do corpo dela. A ponta do seu pénis atingiu um pico dentro dela que a fez esquecer-se dos seus pensamentos.

Ele retirou-se e depois voltou a inserir-se, atingindo o mesmo ponto glorioso.

Ela encostou-se a ele, as mãos enroladas em volta do seu pescoço, brincando com o seu cabelo. Ele estendeu a mão, agarrando-lhe os seios enquanto se movia, dando a si próprio espaço para penetrar.

– Vês aquele espelho ali? – perguntou ele, apontando para um espelho dourado em que ela não tinha reparado do outro lado da sala.

– Sim.

– Observa.

Ele alargou as pernas, obrigando as dela a segui-lo, expondo o seu sexo brilhante. Se a corte dele ali estivesse, teriam tido um espetáculo e tanto. *Ela* teve um espetáculo e

tanto.

Os dedos do Inveja traçaram movimentos circulares sobre o clítoris dela, pressionando-o enquanto a penetrava lentamente.

Camilla quase ofegou com a visão.

– Vê como te faço vir com força.

Camilla mordeu o lábio, já a sentir a reação do seu corpo à sua exigência perversa.

O olhar dele permaneceu fixo no local onde os seus corpos estavam unidos, bebendo da visão como um homem esfomeado que se depara com um banquete. Levou os dedos à boca, fixando a atenção na figura espelhada de Camilla enquanto lambia a excitação dela.

– Foda-se, tão doce.

Quando ele lhe voltou a tocar, com a sua ereção aninhada profundamente dentro dela, foi quase de mais.

Ele beijou-lhe o pescoço com ternura, e os seus dedos continuaram a torturá-la lentamente. De vez em quando, introduzia-se mais nela e depois voltava a retirar-se, apenas para aumentar as sensações avassaladoras que disputavam a sua atenção.

As pernas dele abriram-se mais, expondo-a mais. Não tardou a que a sua respiração se tornasse irregular. Estava quase a atingir o clímax.

Os olhos dela fecharam-se.

O Inveja deu-lhe uma pancadinha no clítoris, provocando-lhe uma onda de sensações.

– Olhos abertos.

– Besta.

– Tu adoras.

Sim, adorava.

Camilla manteve a sua atenção fixa no espetáculo deles, sentindo e observando a habilidade dele como amante; ele

desenhava-lhe prazer da mesma forma que ela conseguia desenhar reinos. E ele era tão talentoso como ela.

– Vem-te para mim, amor.

Os dentes dele pousaram no pescoço dela, as suas investidas eram agora mais rápidas. Ainda lentas, ainda punitivamente maravilhosas. Mas ele também estava próximo, à espera de se juntar a ela no momento em que ela caísse da borda do precipício. Camilla tentou aguentar, tentou prolongar o momento, mas o seu corpo respondeu às exigências silenciosas do Inveja, sucumbindo, por fim, ao prazer avassalador.

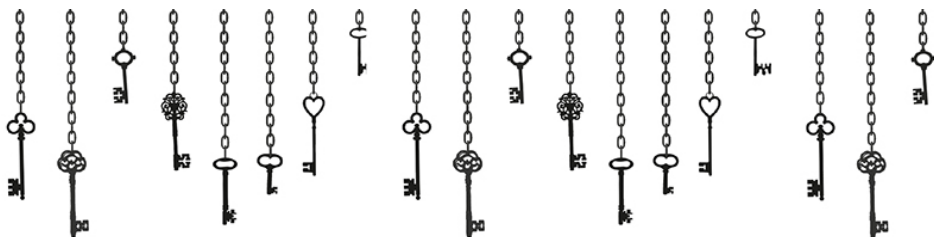
– Levიაethan! – Ela veio-se novamente, com o nome dele nos lábios.

Desta vez, quando ele gritou o nome dela e depois a tomou nos braços, Camilla sentiu que ele já não estava lá. Como uma estrela a disparar no céu noturno, nada mais restava do que a recordação de como outrora brilhara maravilhosamente.

A decorative floral border in white on a black background. It features a central vine with several leaves and clusters of small, five-petaled flowers. The vine curves around the text, with one cluster at the top left, another at the top right, and a smaller one at the bottom left.

PARTE IV

O engano é o
mais maldito de
todos os jogos



Surpreendentemente, não foi Inveja a pôr fim à noite.

Camilla montou-o mais duas vezes no seu trono, chamando-o pelo verdadeiro nome quando se veio.

De cada vez, o seu apetite era insaciável.

Sempre que dizia o seu verdadeiro nome, algo dentro dele se comprimia mais. A tensão devia ter sido aliviada depois de terem feito amor pela primeira vez. Não diminuía como ele imaginara.

Ele dobrara-a sobre o maldito trono, acariciara, provocara e venerara cada centímetro do seu corpo até ela lhe pedir que a fodesse outra vez.

Ainda assim... o desejo, a *necessidade*, persistiam.

Tinham ido para o seu quarto – para que ele pudesse controlar o que ela via na sua Casa enquanto a sua corte continuasse imprevisível, e para que a pudesse devorar no seu colchão mais uma vez.

Mais uma vez levou a mais três. Ela a vir-se na língua dele, ele na dela.

Estavam agora esparramados em cima dos lençóis dele, as pernas dela entrelaçadas nas dele, os dedos dele a acariciá-la ao longo dos braços enquanto o Inveja pensava

no que tinha corrido mal.

Os raios de Sol do final da manhã penetraram no quarto, indicando que a noite deles tinha acabado havia muito. Já passava bastante da hora em que ele normalmente se sentia saciado.

Camilla beijou-lhe a palma da mão e depois virou-se para ele.

– É de manhã.

A atenção dele desviou-se para a dela.

– Sim, eu sei o que é que o Sol indica, criatura – respondeu ele num tom divertido.

Camilla semicerrou os olhos.

– Temos de sair da cama.

Ele puxou-a para cima de si, acariciando-lhe o pescoço.

– Daqui a nada.

Camilla beijou-o, primeiro delicadamente, depois sucumbiu à leve provocação da língua dele contra a costura dos seus lábios. Ele estava duro outra vez, pronto. Podiam certamente dispensar mais uma hora antes de partirem. Ele tinha-se claramente privado dos prazeres carnavais durante demasiado tempo. Era a explicação mais razoável para a sua avidez por ela.

Ela levantou-se, apoiando-se no tronco dele.

– Temos de nos levantar, Inveja. Precisamos de ir para as Colunas Irmãs.

Ele lançou-lhe um olhar irritado.

– Agora sou o Inveja outra vez?

– Porque não haverias de ser? – contestou ela. – Esperavas outra coisa?

Ele passou uma mão pelo rosto.

– Não.

– Mentira.

Ele olhou para ela.

– Os *fae* não conseguem sentir mentiras como os demónios.

– Talvez não, mas já consigo ler-te bem as feições. – Ela examinou-o demasiado de perto. – Não estás satisfeito.

– Incorreto. Estou demasiado satisfeito. Daí a questão.

Camilla não falou durante um longo momento, a tensão crescendo desconfortavelmente enquanto ela o fitava. Teria sido menos incómodo se o pénis dele não estivesse a contorcer-se contra o corpo dela de cada vez que o seu olhar se dirigia para ele.

– Concordámos com uma noite – disse ela por fim. – É algo que queres renegociar?

– Claro que não. – O Inveja sentou-se, levantando-a cuidadosamente e pousando-a na cama – Nunca irei quebrar a minha regra, Miss Antonius. Não confunda a minha excitação com romance. Simplesmente gosto da *sua* cona estreita e molhada.

Ela inspirou fundo, os olhos arregalados de desafio. Ele sabia que tinha ido longe de mais.

– Veremos, então, não é. – O sorriso dela era pura malícia. – Estou certa de que não te sentirás afetado se voltar a cruzar-me com o Wolf. Talvez o permita desfrutar da minha cona estreita e molhada para o resto das nossas longas vidas imortais. Ele, pelo menos, não se porta como um cabrão.

O ciúme dele inflamou-se numa chama.

Antes que ele pudesse chamá-la de volta, pedir-lhe desculpa, Camilla dirigiu-se rapidamente para o seu quarto de banho, agarrando no vestido novo que ele lhe fizera aparecer por magia.

Bateu com a porta com força suficiente para fazer estremecer o retrato no teto. Aquele que, mais cedo, ela contemplara com ar de gozo e não com luxúria.

O Inveja caiu de costas na cama, praguejando. Era mesmo um cabrão desgraçado.



Já se tinham passado horas desde que o Inveja estivera dentro de Camilla, uma hora desde a sua discussão, e o desejo dele *ainda* não diminuía. Pelo contrário, tinha piorado. Sobretudo depois de ter revivido cada um dos seus encontros, a forma como a sua mente se desligara quando ela sugerira que se mudassem para o seu trono.

Ele sabia *exatamente* do que se tratava, e ela tinha razão. O Inveja nunca mais se sentaria nele sem imaginar o seu rabo arredondado a elevar-se a cada estocada, o cabelo prateado a brilhar como o punhal que era, apontado diretamente ao coração dele.

Ela enredara-o com a sua astúcia. Dominara-o no seu maldito trono.

E ele *gostara*.

Camilla era perigosa. Fazia com que o Inveja desejasse coisas que não deveria.

Depois de ela o ter deixado duro e desejoso na cama, de o ter acusado de ter agido como o cabrão que fora, o Inveja lembrou-se do jogo. Do seu objetivo.

Da sua corte.

E do erro que cometera e que continuava a atormentá-lo. Tinha de ultrapassar a noite anterior. De se concentrar.

Talvez Camilla fosse o derradeiro teste.

Se o Inveja não ganhasse, deixaria de ter uma corte.

E isso seria justamente o tipo de coisa que Lennox queria. Ver primeiro a corte dos vampiros mergulhada no caos e, logo de seguida, a queda do círculo do Inveja.

Independentemente de quaisquer sentimentos

conflituosos que tivesse no momento, o Inveja não perderia de vista o seu objetivo.

E era por isso que estavam agora na antecâmara de uma sala do trono que não lhe pertencia, à espera de entrar.

Lançou um olhar na direção de Camilla. Ela estava ao lado dele, de costas direitas, mantendo a atenção nas portas duplas, provavelmente a admirar as esculturas. Usara as cores da Casa Inveja sem discussão, mesmo depois do frustrante final da sua noite.

O vestido que lhe trouxera por magia era de seda verde-çador-escuro, a roçar o preto. Mostrava mais a pele do que os estilos a que ela estava habituada no reino mortal, mas ela nunca parecera incomodada com isso.

Os humanos cultivavam a modéstia, mas ela desfez-se dela facilmente, adaptando-se ao ambiente que a rodeava e à sua verdadeira natureza *fae*.

Na verdade, quanto mais tempo permanecia nos Sete Círculos, menos as restrições sociais de Waverly Green pareciam aprisioná-la. Ela iria prosperar no mundo dele, se escolhesse ficar e parar de fingir que era inferior. Só que o Inveja não sabia como *ele* próprio iria reagir, sabendo que ela estava por perto, possivelmente apaixonada por outra pessoa. Era egoísta, dado que ele nunca mais a convidaria para a sua cama. No entanto...

Camilla parecia da realeza, ali parada, com os ombros para trás, o olhar a roçar a crueldade. Ele dissera-lhe sucintamente como deveriam agir, o papel que tinham de desempenhar em cortes rivais.

Ele sentia a excitação dela, embora ela não exibisse quaisquer demonstrações das suas emoções.

Usava o anel de esmeraldas com um diamante que ele lhe dera em Waverly Green. Nenhum dos dois teceu comentários sobre isso. Ele também lhe oferecera um colar

de esmeraldas, mas ela recusara-o, optando pelo seu medalhão de prata.

O anunciador real entrou na sala.

– Sua Majestade e a rainha irão receber-vos.

O Inveja adotou a sua expressão fria e régia. Estava prestes a começar um novo jogo. O jogo da postura e da política da corte, de provocar e ganhar.

Sem olhar para Camilla, seguiu o anunciador até à sala reluzente do seu irmão, gótica e elegante, concebida para seduzir e intimidar. Os passos de Camilla eram firmes e seguros ao seu lado, e ele desejou poder ver-lhe o rosto enquanto ela observava a sala do trono.

Estudou subtilmente o espaço, tentando vê-lo como ela o veria.

Chão de mármore preto com veios de ouro pálido, um teto em arco imponente, colunas em intervalos regulares, esculpidas numa pedra de um cinzento profundo; os vitrais permitiam que a luz entrasse, projetando cores suaves ao longo da sala.

Enormes candelabros de pedras preciosas escuras pendiam como demónios vigilantes, pairando nove metros acima deles. Armas douradas decoravam as paredes, enquanto arandelas em forma de serpente feroz cuspiam fogo.

Um corredor *bordeaux* percorria toda a extensão da sala, um rasto de sangue que conduzia ao estrado e ao rei-demónio ali sentado com a sua rainha.

O estrado era esculpido numa pedra preciosa opaca parecida com fumo congelado, a mesma pedra que se encontrava no vazio entre os reinos.

No topo estavam dois tronos iguais, com intimidantes serpentes de bronze em tons de champanhe, curvadas em torno de cabedal preto, trepadeiras espinhosas entrelaçadas

à volta dos corpos das serpentes.

Um sinal do poder de ambos os regentes.

O Inveja lutou contra a vontade de olhar para Camilla, perguntando-se o que pensaria ela do seu irmão amante da guerra. O Ira irradiava uma ameaça subtil, o seu poder ressoava mesmo quando estava sob controlo.

O Inveja *supôs* que o irmão ficara irritado por ele ter piscado sugestivamente o olho à sua mulher.

Emilia abanou a cabeça, os lábios crispados. Sabia exatamente o que o Inveja fizera, sabia que ele provocara o Ira pela adrenalina. O que ela não percebia era que o Inveja *precisava* de alimentar o seu ciúme. Precisava de puxar o máximo de poder para si mesmo; a sua corte estava numa espiral de decadência, e ele estava a gastar demasiada energia só para a manter de pé.

Ainda não se tinha restabelecido por completo desde a batalha com os vampiros, e precisava de o fazer antes de partirem. Caso contrário, não seria útil a Camilla nem à sua corte.

Camilla contraiu-se ao seu lado, e ele praguejou silenciosamente por não ter mencionado que ela era a irmã gémea de Vittoria.

– Lady Emilia – disse ele, sorrindo para que as suas covinhas aparecessem. O Ira parecia pronto a lançar-se do trono. Mas Camilla apaziguou-se. – Recebeste o meu presente?

A rainha corou.

– Não acredito que me enviaste aquilo.

– Nada temas. O original ainda está pendurado por cima da minha cama. Mande-o replicar para ti. Só para o caso de te cansares do teu marido e desejares um pouco de animação. – O Inveja virou-se para Camilla, com uma expressão maliciosa. – Já viste o retrato em tamanho real

por cima da minha cama. Há uns meses, a Lady Emilia teve autorização para o usar como estimulante visual quando estava a discutir com o meu irmão. Ele tem inveja por a minha pila ser tão lendária.

O Ira inclinou-se para a frente, observando a troca de olhares com interesse.

– Passaram a noite juntos.

Os dentes do Inveja rangeram de forma audível.

– Sim.

O Ira e Emilia entreolharam-se, numa conversa silenciosa. O Inveja quase os viu a conspirar ali mesmo à sua frente. Algumas pessoas precisavam claramente de meter o nariz nos assuntos dos outros para terem alguma forma de excitação nas suas vidas.

Camilla lançou um olhar frio ao Inveja e depois disse:

– Talvez eu devesse oferecer ao rei um retrato meu. Parece-me justo.

O Inveja ficou a olhar para ela. Ela estava a alimentar o seu pecado. Depois percebeu porquê. Apesar de Camilla saber que a rainha não era Vittoria, continuava descontente com o seu presente.

Ele despertara os seus sentidos, e a inveja de Camilla atingira-o em cheio. Praguejou em silêncio.

– Nunca fodi a Emilia, nem tentei – disse ele. – Caso contrário, ela seria a *minha* princesa.

Não resistiu a acrescentar a última parte; a fúria e a inveja do irmão explodiram.

O Inveja absorveu-as, recarregando todo o seu poder. Mesmo que o Ira lhe desse um murro, valeria a pena pela imensa inveja que lhe enviara pela sala.

As asas cintilantes do Ira, da cor da noite – uma vez arrancadas dele por magia – dispararam, a sua envergadura destinada a intimidar. Em tempos, tinham sido chamadas

brancas com pontas de prata – uma arma que ele usara em batalha vezes sem conta.

Camilla ainda mantinha a expressão fria e cruel de antes. Mal lançou um segundo olhar ao Ira e às suas asas. Desta vez, no entanto, o seu tom de voz pareceu mais incisivo. Estava mesmo zangada com o Inveja.

– Tens o hábito de partilhar imagens de nudez com todas as mulheres? – perguntou ela.

Por um momento, o Inveja não soube o que dizer.

– Gosto dela, querido irmão. – Emilia riu-se, quebrando a tensão. – Deve ser a Miss Camilla Antonius. É um prazer conhecê-la. Já estava na hora de alguém dar um pouco de luta ao Inveja.

– É um prazer, Vossa Majestade. Por favor, tratai-me por Camilla.

– Está a gostar dos Sete Círculos? – perguntou Emilia.

Um pouco da tensão na postura de Camilla diminuiu. Dirigiu a Emilia um sorriso hesitante.

– Tirando ter conhecido a sua irmã gémea ontem à noite, tem sido interessante.

– Posso imaginar.

– Então... – O Inveja bateu palmas uma vez, chamando a atenção de toda a gente. – Agora que já estabelecemos que a Emilia não teve o prazer de montar a minha enorme pila, tenho um pedido a fazer.

– Seja ele qual for, a minha resposta é não. – O Ira não estava a divertir-se. As suas asas bateram subtilmente em sinal de aviso. A sua cor escura quase se desvanecia no fundo da sala. Sombras sobre sombras. Era estranho vê-las sem as chamas.

O Inveja sabia o quanto o Ira as adorara, como tinham sido parte do seu ser. O facto de as asas agora serem de ébano era uma prova do quanto ele amava a sua mulher.

Graças à cuidadosa investigação dos seus espiões, o Inveja sabia que era um preço que o Ira pagara para que Emilia não tivesse de o fazer.

O Inveja sentiu uma pontada de ciúme. As suas asas também haviam sido levadas, assim como as dos restantes irmãos. Até que a sua corte fosse restabelecida e devolvida à sua plena glória, o Inveja não tinha o poder de convocar as suas. Estavam lá à sua espera, mas libertá-las pela primeira vez... a magia envolvida exigiria demasiado da sua batalha para manter a sua corte intacta. Com a proteção mágica, tomando conta das mentes da sua corte... não lhe restava poder para as suas asas.

– Preciso de aceder às Colunas Irmãs.

O Ira olhou-o fixamente.

– Não.

– O jogo leva-nos até lá.

– A minha resposta mantém-se.

O Inveja e o Ira entreolharam-se. Um estrondo lento sacudiu o chão. A raiva do Ira estava a manifestar-se. O próprio pecado do Inveja rosnou um aviso baixo em resposta.

– Estou a pedir com jeitinho – a voz do Inveja era calma –, mas vou para lá de uma maneira ou de outra. Não me podes impedir.

– Uma vez que se encontram por baixo da minha Casa do Pecado, é precisamente isso que posso e irei fazer.

O Inveja avançou um passo em direção ao estrado; a mão de Camilla pousou-lhe no braço, impedindo-o. Não seria bom para o reino se qualquer um deles se descontrolasse.

Emilia aclarou a voz.

– Onde estão as Colunas? – perguntou a rainha.

O Ira parecia inclinado a manter a boca fechada, mas

nunca resistia à sua mulher.

– A entrada fica nos Baixios do Crescente.

As sobranceiras dela ergueram-se.

Era interessante que não o soubesse. O Inveja manteve-se em silêncio. Emilia era a encarnação viva da fúria, e o Inveja não precisava de recorrer aos seus sentidos para perceber que o Ira havia alimentado o pecado *dela*.

– Que outras surpresas abrigamos aqui? – A voz baixa dela continha um aviso.

O Ira lançou ao irmão um olhar que prometia vingança.

– Nada.

O Inveja resfolegou, erguendo as mãos quando Emilia olhou para ele.

– O que é que tu sabes? – exigiu ela saber.

O Inveja considerou cuidadosamente o seu próximo passo.

– Lembras-te da tarde no jardim?

Naquela tarde, ele roubara-lhe a magia depois de ela lhe ter roubado um livro de feitiços que ele tinha deixado para ela.

A expressão confusa de Emilia suavizou-se. Ela estremeceu.

– Aquele uivo terrível e lancinante. Disseste-me para não ser curiosa.

Ele assentiu.

– Continuas a não dever sê-lo, *sobretudo* agora. O Abyssus guarda o caminho para as Colunas Irmãs. O Abyssus banqueteia-se com o sangue das deusas; metê-lo lá foi uma forma de manter as divindades indesejadas longe dos *fae*.

– Por que razão não sei disto? – O olhar de Emilia fixou-se no marido. – De... antes.

O Ira parecia pronto para enfiar o punho na garganta do

Inveja. O Inveja adoraria ver o seu irmão tentar.

Camilla apertou o braço do Inveja, avisando-o. O Ira podia ser intimidante quando queria. No entanto, ele não acreditava que ela lhe estivesse a impedir os movimentos por causa disso.

O Inveja dirigiu um sorriso cruel ao irmão, mas não avançou sobre ele.

– Não é muito sensato guardar segredos de uma deusa da Vingança.

O Ira soltou um suspiro lento, tentando controlar o seu temperamento.

– Não é suposto ninguém fora da minha corte saber.

Os espiões do Inveja valiam bem o ouro e o pecado que ele lhes fornecia.

– Não preciso de entrar no túnel a partir da tua Casa – disse o Inveja. – Usaremos a entrada na fonte.

– Não. – O tom do Ira era mais duro do que o seu olhar.

– Não vos quero perto do Poço da Memória.

A frustração do Inveja fê-lo avançar um passo ameaçador. Um movimento que o irmão não deixou passar.

– Farei um voto de sangue para deixar o teu precioso poço intacto. Só preciso de ter acesso às Colunas Irmãs. Só isso.

– É um problema teu, não meu, Levi.

– É o caminho mais direto para lá.

– Mas não é o único – disse o Ira, a sua boca uma linha firme e inabalável.

A pulsação do Inveja rugiu, mas manteve o rosto livre da tensão. O Ira não iria ceder.

O Inveja virou-se para Emilia, jogando a sua última cartada.

– Ainda tenho o favor da rainha?

Após a sua coroação, tinham falado sobre a

possibilidade de ela estar em dívida para com ele. Na altura, ele não falara a sério, mas agora cobrar-lhe-ia o favor. Mesmo que isso significasse queimar mais uma ponte, destruir a amizade antes que esta tivesse a hipótese de começar verdadeiramente.

Emilia, por sua vez, pareceu divertida.

O Inveja apercebeu-se de que ela estava demasiado satisfeita por irritar o marido – a raiva dele seria descarregada no quarto, onde ambos se poderiam divertir. O Inveja apenas rezou para que esperassem até que ele e Camilla abandonassem o seu círculo.

– Lembro-me de ter dito que parecia ameaçador – disse Emilia. – Mas ainda não te posso dar o meu favor. O meu marido e eu discutiremos o assunto e mandaremos chamar-vos assim que chegarmos a um acordo.

As narinas do Ira dilataram-se com o seu pecado. Não queria permitir que o Inveja usasse o túnel, mas Emilia não era uma parceira submissa. Poderiam ficar a discutir durante horas. E o sacana iria aproveitar cada segundo glorioso.

– Têm os vossos aposentos preparados com bebidas para vocês – disse o Ira.

Com um movimento do queixo, o rei dos demónios dispensou-os.



Horas depois, ainda sem notícias do seu maldito irmão, o Inveja estava praticamente a trepar pelas paredes. Camilla estava sentada na ponta de um sofá, a bebericar chá, os lábios curvados num evidente prazer.

O Inveja lançou-lhe um olhar exasperado.

– Estou a diverti-la, Miss Antonius?

– Tremendamente.

– Ainda bem que sirvo de entretenimento – murmurou ele, sentindo-se completamente irritado.

– Consigo pensar em formas mais estimulantes de passar o tempo.

O Inveja susteve a respiração, sem palavras.

Um olhar para Camilla confirmou que ela estava a provocá-lo, a testar a veracidade da sua regra de apenas uma noite. Ele andou à volta do perímetro do quarto, o maxilar cerrado.

Agora que ela o dissera, não conseguia parar de pensar em todas as formas estimulantes como se tinham entretido na noite anterior e algumas horas antes, naquela manhã.

A sua frustração aumentou. Não devia estar a pensar em voltar a tocar-lhe. Nunca mais.

– És uma perversa, criatura.

– O que posso dizer? – O tom dela era de divertimento.

– Fazes sobressair o que de melhor há em mim.

Ele soltou um suspiro, parte rugido, parte riso. O problema não era a sua regra de apenas uma noite, o problema era que o Inveja gostava de Camilla. Muito além do seu corpo. A sua mente inteligente, a sua sagacidade... ela desafiava-o de uma forma que estimulava a sua necessidade de resolver enigmas, de criar estratégias. De ganhar.

E agora, estava a usar essas mesmas táticas para se divertir com ele.

– Foda-se.

O Inveja viu o seu reflexo num espelho pendurado entre duas prateleiras de armas. Os seus olhos estavam brilhantes, as faces coradas e o cabelo uma completa e total confusão. Tinha passado a mão por ele tantas vezes que parecia estar à beira da loucura.

Ou talvez parecesse febril.

– Foi essa a sugestão – ironizou Camilla, com o seu tom suave.

O Inveja fechou os olhos. Perguntou-se o que teria feito para merecer um castigo tão doce e cruel. Este novo jogo que Camilla estava a jogar era completamente sujo.

John Lyly, um autor mortal do século XVI, escrevera uma vez que «As regras do jogo limpo não se aplicam no amor e na guerra», o que fez com que o Inveja acreditasse que ele devia ter enfrentado Camilla algures na sua vida.

O pobre coitado nunca tivera hipóteses.

Por fim, bateram à porta.

O Inveja quase arrancou a porta das dobradiças quando a abriu.

Em vez de um guarda real ou de um criado, era Emilia que ali estava, com a sobancelha arqueada.

– Está tudo bem? – perguntou ela, baixando a voz para um sussurro.

– Ainda tenho o teu favor ou não, Emilia? Tempo é algo que não me é possível desperdiçar mais.

Ela comprimiu os lábios, os olhos rosa-dourados estudando-o com atenção. Ele sabia que ela estava preocupada, que sentira que algo mais se passava. A cunhada parecia conseguir ver sempre além de algumas das suas máscaras. Mas não todas.

Ele manteve a sua expressão impassível, à espera. Camilla veio para junto dele, e ele resistiu à vontade de lhe pegar na mão. O olhar de Emilia fixou-se nele antes de acenar com a cabeça.

– Sim. Ainda tens o meu favor.

O seu olhar rosa-dourado deslocou-se para Camilla. Algo de suave brilhou na sua expressão, algo semelhante a esperança. Ou talvez felicidade.

– Concedo-vos permissão para irem à procura das Colunas.

– Sempre foste a minha cunhada preferida.

– Sou a tua única cunhada. – Ela revirou os olhos. – Mas... o Ira tem uma condição não negociável.

O sorriso do Inveja congelou-se-lhe no rosto. Sabia, antes que ela torcesse a faca, o que o seu maldito e intrometido irmão exigiria.

– Tens de usar o caminho que atravessa os Baixios Crescentes.

Em silêncio, o Inveja chamou ao irmão todos os nomes sujos e amaldiçoados de que se conseguiu lembrar. Em todas as línguas que falava. Duas vezes. Os Baixios Crescentes eram justamente o que ele queria evitar.

A água era mágica – forçava quem quer que entrasse nela a dizer apenas a verdade.

Como se aquela viagem já não fosse suficientemente difícil.

Emilia tomou as mãos do Inveja nas suas, apertando-as com gentileza.

– Não sejas um bronco com a tua senhora. Ou não haverá mais *cannoli* no teu futuro.

Ele escarneceu, mas não fez qualquer comentário. Andavam a saber-lhe bem. E não podia negar o seu agrado por Camilla ser vista como sua. Ainda que fosse efémero, ou falso.

Emilia sorriu calorosamente para Camilla.

– Espero voltar a vê-la, Camilla. Da próxima vez, deixaremos os demónios sozinhos com as suas lutas e amuos.

– Isso parece-me maravilhoso; aguardá-lo-ei com expectativa.

O Inveja manteve a boca fechada. Quando o jogo

terminasse, Camilla regressaria a Waverly Green. No entanto, não valia a pena estragar o momento com a verdade, por isso observou em silêncio enquanto Emilia e Camilla faziam planos, sabendo que isso nunca aconteceria.

Emilia virou-se para ele, depois tirou um frasco de sabe-se lá onde.

– Toma. Vais precisar disto.

Ele examinou-o e depois sorriu para a deusa. Ela dera-lhe um presente para Abyssus.

– És mesmo a minha favorita.

– Vai. Antes que o meu marido derrube uma montanha. Outra vez.



Um guarda escoltou o Inveja e Camilla até à caverna por baixo da Casa Ira.

Teria sido muito mais rápido e eficiente se o Inveja os pudesse ter levado por magia até lá, mas a generosidade do Ira já tinha atingido o seu limite.

Quando chegaram ao túnel, o guarda parou e afastou-se.

– Podeis seguir o resto do caminho sozinhos. Ordens do rei.

– Que magnânimo – murmurou o Inveja, num tom carregado de sarcasmo.

Camilla seguiu à frente dele, silenciosa desde que haviam deixado os aposentos. Ele não detetou qualquer ciúme remanescente, nem qualquer tipo de raiva. As emoções dela estavam muito contidas, tremeluzindo demasiado depressa para que ele conseguisse compreender bem o que ela estava a sentir. Talvez estivesse apenas a absorver tudo, catalogando cada aspeto para usar como

inspiração.

Um momento depois, o túnel abriu-se para a lagoa cavernosa.

A areia preta brilhava, e a água azul-clara batia preguiçosamente na margem. A névoa pairava baixa, convidativa e despretensiosa. Toda a sua aparência tinha por objetivo seduzir e depois aprisionar.

As fases da Lua estavam pintadas ao longo da parede mais distante, indicando o próximo túnel escondido atrás de uma grande estalactite.

– É tão bonito. A água parece... efervescente.

O Inveja agarrou na mão de Camilla, puxando-a para trás antes de ela entrar na água.

– Eu não faria isso.

– Porquê?

Ele apontou com a cabeça para os ossos que ela não tinha visto, que se erguiam mais abaixo na areia.

– Nada que tenha sido feito pode entrar na água.

– Nada que tenha sido feito? – repetiu ela, de sobrolho franzido. – Queres dizer...

– Temos de nos despir para a atravessar. E tirar tudo o que não for natural. Como as tuas joias.

– Ah, sim? – perguntou Camilla, passando lentamente o seu olhar por ele.

Os punhos dele cerraram-se ao lado do corpo, enquanto visualizava a sua corte, os corpos. A vergonha queimava-o, mais potente do que qualquer tentação ou desejo. Não importava que ele fosse um ser movido e criado pelo pecado, não permitiria que os Baixios o tentassem.

Ou a Camilla.

Decidiu não partilhar que as águas da lagoa obrigavam qualquer pessoa que entrasse – e sobrevivesse – a dizer apenas a verdade.

Os príncipes-demónios não estavam imunes às propriedades mágicas dos Baixios Crescentes. Era uma magia que lhes era alheia.

– O que acontece quando chegarmos ao outro lado? – perguntou Camilla, olhando para a água. – Teremos de viajar nus o resto do caminho? – O seu tom era mais *curioso* do que nervoso. Quando muito, parecia intrigada com a ideia, um pouco ofegante. A sua artista *fae* queria viajar nua. Raios.

Ele podia mentir e dizer que teriam de ficar nus, admirar a obra-prima que era a forma despida de Camilla à medida que se aprofundavam no labirinto subterrâneo.

– Usarei magia para levar a nossa roupa até ao próximo túnel.

Camilla encarou-o, com uma expressão inescrutável, e depois descalçou os sapatos. Deslizou o vestido pelos ombros, tirando-o graciosamente, a seda a cair-lhe aos pés. Não tinha nada vestido por baixo.

Ele engoliu com força, apanhado de surpresa. Não pela sua nudez, mas pelo brilho sagaz no seu olhar. Camilla estava definitivamente a jogar outro jogo, inventando regras conforme ia avançando.

Os seus longos cabelos prateados brilhavam à luz ténue dos Baixios, cobrindo-lhe os seios. Parecia uma ninfa que brotara do lago mágico, tentadora e perversa.

Ele devia saber. Ela estava a tentá-lo, e o Inveja sentia-se especialmente perverso.

Apontou-lhe para a mão e para o corpo, e falou numa voz áspera.

– O anel e o colar também.

– Muito bem.

Ela virou-se, levantando o cabelo e olhando por cima do ombro, sabendo exatamente o que estava a fazer. Ele

tentou – e não conseguiu – ignorar o seu rabo firme.

– Desapertas-me o colar?

O Inveja soltou um suspiro irregular, praguejando. Os lábios dela curvaram-se.

Ele aproximou-se dela, lutando contra a vontade de lhe passar os nós dos dedos ao longo das costas.

Ele *queria* beijá-la. Mas o seu tempo juntos terminara. Tirou-lhe o colar em menos de um segundo, e depois afastou-se.

Camilla não disse nada sobre a sua retirada apressada, embora os seus olhos tivessem um brilho de satisfação.

Tirou o anel, curvou-se lentamente à frente dele, colocou-o com cuidado em cima do vestido, demorando demasiado tempo a completar a tarefa antes de se voltar a endireitar. O olhar dela fixou-se no dele, desafiando-o a sustê-lo, desafiando-o a desviar o olhar dela.

O Inveja enganara-se quando pensara que o Corredor do Pecado o tinha torturado.

Aquilo era *muito* pior. E não deveria ser.

Ele despiu-se, tentando concentrar-se na missão que tinham pela frente. Recusava-se a ficar duro agora. Não importava o quanto fosse difícil evitá-lo naquele momento.

– Vamos.

Camilla agarrou-lhe na mão e puxou-o para a água.

Ele seguiu-a, mal se apercebendo do ligeiro efervescer da água quente contra a sua pele, e depois parou.

Camilla, destemida, foi até à cintura, depois mergulhou, emergindo a alguns metros de distância. Sacudiu o cabelo molhado para trás, rindo. Os seus olhos brilhavam como a Lua, refletindo-se na lagoa.

– Isto é incrível! – Ela arrastou-se na água. – Jantai-vos a mim, Vossa Alteza.

O Inveja olhou para a lagoa. A água banhava-lhe as

pernas, tentadora, efervescente – um milhão de pequenas bolhas a rebentar sobre a sua pele. Não tinham outra hipótese senão atravessá-la a pé para chegarem ao túnel que conduzia a Abyssus. A magia era proibida até que as águas os tivessem testado.

Deu mais um passo, com a água a rodear-lhe os joelhos.

Não tinha andado mais do que alguns centímetros quando se deteve, sentindo que estava em apuros.

– Queres nadar comigo? – perguntou Camilla.

Foi obrigado a dizer-lhe a verdade.

– Sim.

O sorriso dela estava deslumbrante, luminoso o suficiente para rivalizar com a estrela mais brilhante do céu noturno.

– Depois de ontem à noite – disse ela, nadando para mais perto –, ainda me desejas?

A garganta dele contraiu-se, os dentes cerraram-se. O Inveja olhou para a margem, com vontade de voltar a mergulhar na segurança da areia. Não adiantava.

– Sim. – A sua mente acelerou; tinha de chegar ao outro lado da maldita lagoa. Lançou a Camilla um sorriso lúbrico.
– Ainda me desejas, Miss Antonius?

Camilla arrastou os dentes pelo lábio inferior, com as sobrancelhas contraídas. Parecia que estava a tentar forçar uma mentira e de repente percebeu que não conseguia.

Recuou, com um olhar de fúria.

– Sim.

Ele nadou mais fundo, fortalecendo a sua vontade. Repetindo a sua regra na mente. Não voltaria a tocar-lhe. Não a beijaria.

Mas ele gostava que ela ainda o desejasse. E que não estava sozinho no seu maldito desejo.

Nadou para mais perto, o olhar fixo nela enquanto a

circundava.

– Gostas de mim, Camilla? – perguntou baixinho. – Gostas da minha companhia?

Ela atirou-lhe água, a boca franzindo-se antes de dizer a verdade.

– Sim. E sim. – Molhou-o mais uma vez, por garantia. – E também te odeio.

Afastou-se dele, depois disparou uma pergunta.

– A tua corte está em perigo? É por isso que estás a jogar o jogo?

Ele inspirou bruscamente, apercebendo-se de que estava agora perto do centro da lagoa. A água quente efervescente chegava-lhe aos ombros, a compulsão mágica demasiado forte para ele suportar.

– Sim. A ambas.

Camilla era demasiado esperta. Ele mergulhou em direção ao outro lado da lagoa.

Atravessariam a nado para o outro lado, vestiriam a roupa e seguiriam o seu caminho.

De repente, Camilla estava diante dele, estendendo a mão. Parou antes de se tocarem.

Observou-o, com um olhar perscrutador. Já não havia qualquer indício de provocação. Nada de jogos ardilosos ou jogadas estratégicas.

– Acreditas que vais ganhar?

Ele engoliu um súbito nó na garganta. Os seus sentimentos eram contraditórios, a verdade não era facilmente acessível. Ele queria ganhar. Lutaria com tudo o que tinha, daria tudo o que tinha para ganhar. Mas se isso importava, não tinha a certeza. Passou uma mão pelo cabelo molhado.

– Não sei.

– Queres tocar-me? – perguntou ela, baixinho. E ele

teve a estranha sensação de que ela sabia que ele precisava de que ela o distraísse. – Agora mesmo.

Ele inspirou lentamente, depois expirou.

– Sim.

Antes que ela lhe pudesse arrancar mais alguma verdade, abriu os braços, com um meio sorriso nos lábios.

– O que...

– Acompanhai-me, Vossa Alteza.

Camilla surpreendeu-o com uma valsa pela água, dançando na lagoa quente como se fosse o seu salão de baile privado. Ela agarrou-lhe a mão com força, rindo enquanto rodopiavam, fazendo voar gotas de água um contra o outro.

– Vês? – perguntou ela, sorrindo. – Estás a tocar-me.

Não era de todo o que ele quisera dizer, e ela sabia-o. Mesmo assim, não pôde deixar de retribuir o sorriso. Camilla jogara muito bem a sua cartada. Ele admitira muito mais do que aquilo que ela realmente lhe perguntara – tinha formulado a pergunta com a astúcia de um *fae*.

Uma característica que o fez gostar ainda mais dela.

Por alguns breves momentos, não existiu jogo. Nem corte em apuros. Não existiram regras para quebrar.

Existiam apenas o Inveja e Camilla, a fingir que a vida seria sempre assim. Dançar em lagoas mágicas, nus, selvagens e livres.

Dançavam tendo como única música o som dos salpicos e das gotas, os seus risos e os ecos que lhes chegavam de mansinho.

Demasiado cedo, o Inveja afastou-se, beijou-lhe a palma da mão e conduziu-os para a outra margem. Os sonhos não eram reais. E ainda tinham um pesadelo pela frente.

– Veste-te depressa. – O Inveja convocou a sua roupa, e depois virou-se para dar privacidade a Camilla. – Sinto que

o Abyssus nos espera.



Camilla olhou para a sua roupa e abanou a cabeça.

O Inveja trouxera mais do que aquilo que ela estava a usar, aprimorando-lhe a roupa para o próximo destino. Ele pensava mesmo em tudo.

Um vestido de mangas compridas, uma camisola delicada, peças íntimas, meias grossas e um manto de veludo estavam dobrados cuidadosamente aos seus pés.

Até as sandálias de seda tinham sido trocadas por botas robustas. Cabedal flexível, macio como manteiga, e habilmente trabalhado. O seu anel e colar cintilavam na estranha luminosidade dos Baixios.

Ela vestiu-se rapidamente, lançando olhares furtivos ao príncipe enquanto o fazia. Ele permanecia completamente vestido de costas para ela, postura rígida, músculos tensos, uma aura de tensão ao seu redor.

O homem que a surpreendera ao aceitar dançar com ela na água mágica, abraçando-a e murmurando suavemente, tinha desaparecido. O frio e distante príncipe do Inferno regressara.

Concentrado, implacável. A sua atenção pertencia apenas ao seu jogo.

Camilla perguntou-se se o Inveja se teria apercebido de que, momentos antes, estivera a cantarolar uma música para eles dançarem. Por uns instantes preciosos, tinha parecido absolutamente à vontade. Fora a primeira vez que ela o vira tão descontraído.

Ele ficara ainda mais tenso quando a sua noite juntos tinha chegado ao fim. Como se estivesse a lutar contra um inimigo invisível que Camilla não conseguia ver. Todavia, nos Baixios, num lugar onde claramente não podiam mentir, ele fora livre.

Sem esquemas ou conspirações, sem se esconder atrás de uma arrogância fria ou de indiferença.

Ela apenas tentara encetar a sua dança como um jogo. Porém, ele puxara-a para mais perto, como se fosse o único momento em que se permitiria ter o que queria. Para mostrar uma doçura que nunca tinha deixado ninguém ver. Embalara-a contra o seu corpo apenas porque queria abraçá-la.

Teria sido muito mais fácil se ele tivesse tentado beijá-la ou seduzi-la.

Mesmo com a sua insistência na regra de apenas uma noite, Camilla compreenderia que ele admitisse querer tomá-la com força e rapidez na água, libertando a sua natureza carnal, estabelecendo um ritmo punitivo por ter quebrado a sua regra.

A paixão e a luxúria eram meros impulsos animais. Totalmente naturais.

Sem complicações.

A sua doçura era muito mais perigosa do que as suas arestas cortantes. Camilla podia aconchegar-se naquela ternura, baixar a guarda, aperceber-se demasiado tarde de que se abrira muito mais profundamente. Sangraria antes de dar conta de que tinha sido cortada.

Precisavam ambos de perceber que uma noite era tudo o que teriam. Porque, por mais que ele parecesse temer outra noite pelas suas próprias razões, Camilla tinha de proteger o seu coração.

Recuperaria o seu talento roubado ao mestre do jogo e regressaria a Waverly Green. Acariciaria *Bunny* e dar-lhe-ia mais guloseimas e uma taça de leite para a compensar por a ter deixado. O Inveja recuperaria a sua corte e depois continuaria com os seus jogos ali.

Por vezes, duas pessoas não são feitas para serem mais do que um momento. Por mais maravilhoso e inesquecível que possa ser, nem todas as coisas boas foram feitas para durar.

– Pronta? – perguntou ele, ainda virado para a frente.

Como se não estivessem ultrapassando o pudor um com o outro. Como se não tivessem estado dentro da pele um do outro.

De cada vez que ele se esforçava por erguer um muro entre eles, ela tinha vontade de o destruir, de lhe recordar que haviam partilhado mais do que um encontro casual. Mesmo que não tivesse sido por mais do que algumas horas, ainda era algo que valia a pena apreciar.

– Quase.

Camilla calçou as botas, depois pôs o anel e o colar. Não sabia ao certo o que a fizera pegar no anel antes – destinava-se apenas a ser usado em Waverly Green, para convencer a sociedade de que estavam noivos. Certamente não simbolizava nada disso ali.

Tinham dormido juntos. E apesar de ter sido uma noite incrível de paixão, agora fazia parte do passado. Não voltaria a acontecer. Ele deixara claro que a sua regra ainda se mantinha. E Camilla sentia-se bem com isso, mais do que bem. Ela queria algo simples, e o Inveja era tudo

menos simples.

Mas o anel... Camilla gostava dele. Só isso. Quando o seu tempo juntos terminasse, devolvê-lo-ia.

Já vestida, dirigiu-se para onde ele a esperava, deixando para trás o seu momento de ternura com os Baixios Crescentes.

Ele olhou-a de relance.

– Fica atrás de mim. Se o Abyssus se mostrar interessado, volta para os Baixios imediatamente. Não deixes que ele te toque.

Camilla abriu a boca para responder, mas depois fechou-a.

– Tocar é metade da diversão, príncipe.

Não fora o Inveja quem falara.

A voz masculina não era arrepiante. Não soava demoníaca. Ou ríspida. Não eram várias camadas a guincharem juntas, nem estalidos de línguas ou bater de dentes.

Nem rosnados ou rugidos.

Falava num ronronar sedoso, um murmúrio baixo que se enrolava à volta dos sentidos, que se esfregava neles como um gato doméstico em busca de afeto. E, por isso, era muito mais perigoso.

O Inveja puxou-a para trás de si.

– Tenho um presente da rainha – disse ele, erguendo o frasco.

– O que me interessam os reis ou as rainhas? – perguntou Abyssus. – Talvez procure companhia. Conversa. Um gostinho de emoção, um beijo de pele. Talvez anseie pelo esquecimento.

Camilla não gostava de nenhuma daquelas opções, muito menos das últimas.

Se o Inveja respondeu, ela nunca o saberia.

O mundo desapareceu de repente, como se nunca tivesse existido. Não havia caverna, nem chão, nem paredes, nem teto, nem túnel. Nada do Inveja. Nenhuma criatura antiga, de voz meiga.

Camilla estava sozinha. Completamente sozinha. Era uma solidão que até então nunca tinha sentido – havia sempre alguma forma de vida. Quer fosse a relva, as nuvens ou o céu. O chilrear dos pássaros, o zumbido dos insetos, o vento a soprar nas folhas. Nunca se tinha apercebido de quanta vida havia à sua volta, continuamente.

Ali estava... vazio.

Não havia terra. Nem pedras. Nada. Um vasto e interminável *nada*, que se estendia em todas as direções, engolindo *tudo*. Pior do que o vazio fora dos reinos, aquele era pesado e opressivo.

– Olá? – chamou ela, a voz a ecoar no nada.

Nada lhe respondeu. Não soube se devia ficar aliviada ou mais assustada com aquilo.

Deu um passo em frente, com as mãos estendidas, à procura. Era como caminhar pelo espaço, só que não havia estrelas a iluminar o céu. Nenhuma forma sob os seus pés.

O coração martelava-lhe.

Podia estar a cair ou parada, não era capaz de perceber.

Certa vez, quando o seu pai morrera e a sua mãe havia partido havia muito, Camilla pensara que estava sozinha. Fora então que Wolf aparecera e lhe lembrara que existia outro caminho, outra decisão a tomar. Antes disso, houvera uma altura em que ela desejara a solidão. Uma forma de fugir do mundo. Teria alguma vez compreendido verdadeiramente o significado disso?

Aquele lugar era medo. Infinito. Solidão além do que qualquer criatura deveria conhecer.

– Isto não é real – sussurrou ela. – Estou numa caverna. Por baixo da Casa Ira.

Camilla fechou os olhos, sabendo que só podia ser uma ilusão.

Alguma magia poderosa ou um encantamento de disfarce. Fechar os olhos ou mantê-los abertos não fazia qualquer diferença, tudo permanecia igual, inalterado, uma escuridão sem fim.

– Isto não é real – voltou a sussurrar, odiando o tremor na sua voz.

– O que é a realidade? Se a sensação for real, parece real, não será?

De repente, Abyssus estava ali, com uma bola de luz brilhante na palma da mão. Ela olhou para a luz, com os olhos a arder. Depois de se adaptar ao brilho, pôde ver o ser em toda a sua glória. Não parecia de todo um monstro. A sua pele era dourada, o seu cabelo do mesmo tom luminoso que a sua pele. Usava uma toga branca, exibindo um corpo esculpido e poderoso.

Abyssus parecia um deus do Sol, vinculado ao submundo. Totalmente deslocado.

Exceto pelos seus olhos. Eram totalmente pretos, insondáveis e sedentos. Camilla olhou em redor, à procura do Inveja.

Não o viu em lado nenhum.

– Não sentes a escuridão? – perguntou Abyssus. – Não é real? Tal como o céu, a terra e o sangue são reais?

Camilla começou a abanar a cabeça, mas depois parou. *Conseguia* sentir a escuridão. Um feito que não devia ser possível, mesmo com magia. Era muitas coisas – suave, fria, quente, terror e proteção. Cada essência tremeluzia sobre ela de forma selvagem, até ela mal conseguir inspirar o ar.

– Isto não é real – repetiu ela.

Fragmentos de emoções misturados com verdades físicas e mentais. Quebrando, estilhaçando e fundindo-se até que ela não conseguisse respirar.

– Faz com que pare – rugiu ela.

Abyssus sorriu, a diversão cintilando-lhe nos olhos escuros.

Tão rapidamente quanto o mundo fora despojado, regressou. O Inveja estava a gritar ordens, como se para ele se tivesse passado apenas um momento. A Camilla, pareceram-lhe horas.

– Não o olhe nos olhos, Miss Antonius.

Abyssus voltou a olhar para Camilla, um sorriso dissimulado a curvar-lhe os lábios.

Foi imediatamente arrebatada por aqueles olhos terríveis e ancestrais. Aprisionaram-na, atraíram-na, fizeram-na esquecer a vida, a felicidade e a luz. Era diferente da primeira escuridão que ele lhe mostrara; esta sufocava, corrompia a alma. Fazia-a desejar a morte.

Escuridão. Uma escuridão fria e interminável que lhe arrepiava a alma.

Nunca existira luz, nunca existira nada a não ser aquela escuridão sem fim. Aquela...

– Basta.

Uma voz quebrou o domínio sobre Camilla.

Abyssus avançou, e o Inveja empurrou-a de volta para a lagoa.

– Foge!

Camilla não hesitou. Virou-se, correu dois passos e depois parou.

Uma sombra surgiu da parede da caverna, com uma risada sombria. Primeiro, pensou que Abyssus tinha conseguido passar pelo Inveja; depois a sombra falou.

– Olá, Camilla, querida. Parece que viu um fantasma.

Olhos carmesins brilharam como brasas moribundas num fogo, enquanto o vampiro saía de onde se tinha escondido. Não podia acreditar. Talvez tivesse feito um acordo com o demónio. Certamente parecia conseguir enganar a morte tanto quanto enganara metade da elite de Waverly Green.

– Vexley. *Como?*

A sua cabeça inclinou-se para o lado, um movimento mais animalesco do que humano.

– Sua tola. Não fazia ideia de quanto veneno me corria nas veias.

Ele arreganhou os dentes. Os incisivos brilharam, instrumentos de morte bem afiados.

– Doeu como o diabo. A mudança. Demorei algum tempo a habituar-me. Queria encontrá-la, agradecer-lhe pessoalmente. Retribuir a honra.

O terror inundou Camilla. Transformara Vexley num demónio ainda pior. Ele aproximou-se mais, a atenção fixou-se no pescoço dela.

– Já fomos interrompidos antes, Camilla. Procriar pode ser... difícil. Mas podemos certamente tentar. Ainda preciso de um herdeiro. Porque não criar um legado imortal? Deixe-me transformá-la.

O Inveja apareceu de repente, o olhar fulgurante e perigoso. Camilla olhou em redor, sentindo as paredes a fecharem-se. Queria perguntar o que tinha acontecido a Abyssus, mas manteve-se em silêncio. O Inveja devia ter um plano. Ele tinha sempre um plano.

Vexley aproximou-se, o seu olhar ensombrado pela sede. Ainda não tinha reparado no demónio.

– Não. – A adaga do Inveja brilhou suavemente. – Ela é *minha*.

– Lord Synton. – Vexley riu-se, libertando-se da sua sede. – Já ouvi muitas histórias interessantes. É uma pena que estejamos ambos a participar no jogo. Podia ter gostado de vós, *Vossa Alteza*.

Camilla sentia-se presa entre a montanha e a pedra, entre predadores sobrenaturais. E a lagoa mortal. O túnel era demasiado estreito para todos eles. Se não conseguissem passar por Vexley, teriam de recuar em direção a Abyssus. Pior e pior.

O Inveja aproximou-se. O medo numa forma atraente e masculina. De repente, Camilla conseguiu voltar a respirar.

– O meu irmão fica um tanto sensível quando alguma criatura atravessa as suas fronteiras.

O Inveja pressionou o frasco da rainha na palma da mão dela, empurrando-a na direção oposta. Ela pressionou-o contra o peito, recuando um passo.

– Como é que as atravessaste?

De repente, Camilla percebeu o que ele estava a fazer – estava a distrair Vexley, a satisfazer a sua vaidade.

Vexley quase se embeveceu com o apelo do Inveja ao seu ego. Que idiota.

– Contactos. Talvez não conheça as criaturas certas.

O Inveja sorriu debilmente.

Entre uma respiração e outra, Vexley atacou. As presas dele rasparam a garganta de Camilla, o calor líquido escorreu-lhe pelo pescoço. Mas o seu movimento fora descuidado, desenfreado, um animal selvagem demasiado bravo para ser estratégico. Foi imediatamente atirado para o outro lado do túnel, a fúria do demónio quase lhe arrancando os braços. Vexley encolheu-se, e o Inveja virou-se novamente para Camilla.

O Inveja não o viu chegar, não pensou que ele se fosse levantar. O demónio estava concentrado em Camilla, com o

olhar fixo no sangue dela.

Ela gritou, mas não saiu nada. Vexley saltou, as suas mãos transformaram-se em garras, as suas presas alongaram-se. Já não era um mero vampiro; parecia um lobisomem. Uma besta. Um ser demoníaco que só podia ser gerado no submundo.

Abriu a sua boca, exibindo as presas com um rugido que ressaltou nas paredes do túnel, e arrancou a cabeça do Inveja dos ombros com um golpe brutal dos dentes.

Camilla caiu de joelhos, vomitando. Uma e outra vez. Vexley matara o Inveja.

Ela não podia...

Vomitou, esvaziando o conteúdo do estômago, com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

– CAMILLA.

Uma voz gritou atrás dela. Ela não conseguia concentrar-se. Tudo o que conseguia fazer era olhar para o corpo sem cabeça do príncipe, enquanto arfava. Vexley desaparecera. Como se nunca tivesse ali estado.

Foi tão chocante, tão inesperado, que a afastou das suas lágrimas.

Camilla olhou em redor, confusa. Porque haveria de matar o Inveja e não o levar?

Rastejou até ao corpo sem vida do Inveja e abanou-o.

– Levanta-te! – gritou ela. – Por favor, levanta-te. Levanta-te.

– CAMILLA!

O seu nome era uma ordem, dada por alguém que ela não podia ignorar. Virou-se.

E o mundo voltou a ficar de pernas para o ar.

O Inveja estava ali, a gritar o seu nome, uma e outra vez. A sua expressão era de fúria, de terror.

Camilla olhou para trás. Não havia nenhum corpo sem

cabeça. Nenhum vampiro. Nunca houvera.

Pela primeira vez reparou na pilha de ossos. Na terra enegrecida. As paredes salpicadas de entranhas e de só Deus sabia o quê ao longo dos milénios. Havia um círculo de pedras preciosas cintilantes incrustado na terra. Ela atravessara-o.

Olhou para trás, para o Inveja.

Ele estava do outro lado, a bater com o punho numa parede que ela não conseguia ver.

Um hálito quente acariciou-lhe o pescoço. Uma língua lançou-se para fora.

Com um horror crescente, Camilla apercebeu-se de que o sangue tinha sido real.

– Pequena dissimuladora, apenas poderás passar quando o dízimo for pago – cantou Abyssus baixinho. – Tiramo-lo ao príncipe?

– Não.

– Hum. – Abyssus inclinou a cabeça. – «Não.» Não me agrada essa palavra.

Ela correu para a frente, quase tropeçando nos próprios pés ao tentar passar a linha. A linha crepitou sobre a sua pele, sibilando e lançando-a para trás. Arrastou-se de costas, rastejando para longe do ser ancestral que agora estava sobre ela, observando-a com uma curiosidade crescente.

Agachou-se diante dela, a sua pele dourada a brilhar.

– Acreditavas mesmo que não serias testada? – ronronou ele. – Que poderias apenas voltar para trás e receber tudo aquilo que procuras? Ambos sabemos que esse não é o caminho dos reis. Principalmente os das trevas.

Camilla ficou paralisada, com a boca seca.

Abyssus voltara a remover tudo o que os rodeava, fazendo-os pairar num estado suspenso de nada. A

escuridão devorou-lhe as mãos, com gavinhas a enrolarem-se sobre ela, onde permanecia estendida no chão. Ou no que há pouco fora o chão.

– É quando estamos encurralados na escuridão total que o nosso verdadeiro eu se revela.

O seu brilho de outro mundo apagou-se.

– Quem és tu quando o mundo se desvanece? De que és feita? Quão forte é a tua mente, a tua vontade, a tua capacidade de lutar? Perante o nada, em quem te tornas?

Ele estava a pressioná-la, a provocá-la, enquanto a escuridão ensombrava tudo. O preto era uma cor que ela conhecia; tinha forma, variação. Aquilo era a ausência de tudo. Nenhuma cor. Nenhuma matéria. Tinha os olhos abertos – fechá-los não alterava em nada o vazio infinito em que estava presa.

– O que temes acima de tudo, pequena *fae*?

– Não sei!

– Hum. Procura mais fundo.

Então, até a presença dele desapareceu.

Não havia verdadeiramente nada.

Nenhuma faísca. Nenhuma vida. Nenhuma alegria ou dor. Nenhum passado ou presente, nenhum futuro que ela pudesse almejar ou sonhar. Nenhuma saída para aquele abismo sem fim que havia engolido o mundo.

Mas havia o medo.

Camilla sentiu-o a apertar-lhe o peito, a roubar-lhe o pouco ar que lhe restava. A escuridão apanhou-a, talhou-a, provou do que era feita a sua alma. E decidiu brincar.

Sorveu do seu medo, bebeu dos seus gritos, deliciou-se com a tristeza que ameaçava aprisionar a sua mente para sempre.

O tempo perdeu todo o sentido. Não existiam segundos, minutos ou horas. Eram conceitos que pertenciam a

civilizações, e Camilla estava longe de fosse quem fosse, estava tão sozinha.

– Ali. – A voz de Abyssus soprou sobre ela num vento escuro. – Encontrámos o teu teste.

Tão subitamente quanto aparecera, o abismo desapareceu.

Camilla estava de joelhos, ofegante. Olhou para a caverna, para as paredes que dançavam com as sombras, para a terra que se amontoava debaixo de si. Tinha o rosto inundado de lágrimas.

Enxugou o nariz, depois sentou-se.

Abyssus tinha desaparecido, o círculo de pedras preciosas afundara-se, libertando-a.

Camilla respirou fundo, depois levantou-se. Concedeu-se mais um momento para recompor as suas emoções e virou-se.

O Inveja não estava em lado nenhum.

– Inveja? – gritou ela, a voz ecoando suavemente.

Não obteve resposta, nenhum som além da sua própria voz.

– Abyssus?

Sentiu-o agitar-se no espaço à sua volta, incorpóreo.

– Onde está o príncipe?

O silêncio estendeu-se entre eles.

– Vai para as Colunas Irmãs – sussurrou ele. – Lá encontrarás a tua resposta. Se não for demasiado tarde.

Um tipo diferente de medo apoderou-se de Camilla.

– Quanto tempo estive fora?

– Para alguns... podem parecer décadas. Ou meses. Mas foram apenas alguns dias, de acordo com as leis deste reino, pequena dissimuladora. Corre. A última pista aguarda-te, mas o rei deixou-te esta mensagem aqui.

Dias. Perdera dias para o abismo. Tempo crucial à

medida que o jogo se aproximava do fim.

Tê-la-ia o Inveja abandonado e resolvido a próxima pista ou ter-lhe-ia acontecido algo sombrio?

Camilla pegou no pergaminho dobrado de Abyssus, com o estômago às voltas.

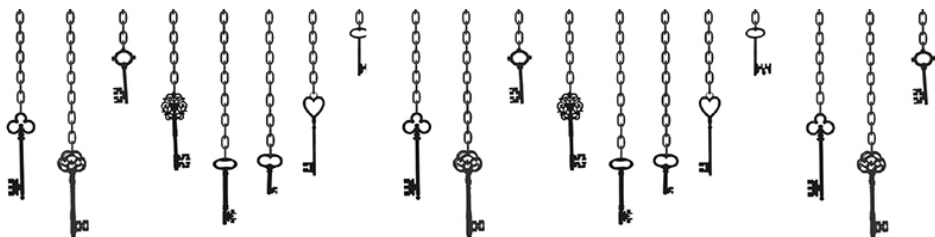
– Resolve a última pista antes que o Sol se ponha. Ou perde o teu talento para sempre.

Camilla praguejou. Estavam no subsolo; não fazia ideia de que horas eram.

– Abyssus! Quanto tempo falta para o Sol se pôr esta noite?

– Trinta minutos mortais, talvez menos.

Sem perder mais um instante, Camilla mergulhou no túnel e correu com toda a força e rapidez que os seus pés lhe permitiam.



O Inveja encostou-se à coluna na extremidade do local subterrâneo das Colunas Irmãs, os seus olhos fechados devido à última onda de dor. As correntes mágicas que lhe prendiam os pulsos e os tornozelos queimavam-lhe a carne, abrasando-a quase até aos ossos.

Tinham-se passado dias desde que fora aprisionado na catedral subterrânea por Abyssus.

No que dizia respeito a prisões, o Inveja supôs que podia ser pior.

A caverna era uma bela mistura de formações rochosas naturais e engenhosidade demoníaca. As paredes altas tinham sido talhadas a partir da rocha natural que existia ali tão longe no subsolo, enquanto o chão fora revestido com azulejos de mármore preto. O teto era reforçado com arcos dourados, o metal a moldar aquele elemento arquitetónico gótico digno de ser admirado.

Mesmo quando se tinha sido magicamente agrilhado e espancado.

Mal tinham passado por cima da proteção montada por Abyssus, o Inveja fora cuspidado para as Colunas Irmãs, acorrentado e imobilizado por magia diante delas. Era o

pior dos destinos – estar no lugar onde se encontrava a sua próxima pista e ser completamente incapaz de lá chegar para a resolver.

E depois Vexley aparecera. E tinha mudado.

As presas brilhantes e os olhos carmesins eram distintivos de honra para o imbecil.

Agora, usava o seu sadismo com orgulho, em vez de se esconder atrás do seu revestimento mortal de deboche. O Inveja odiava-o de qualquer maneira.

O vampiro recém-transformado deu-lhe um pontapé num dos flancos. Partiu-lhe ossos. Sentiu um fragmento de costela quebrada a perfurar-lhe o pulmão, a sua respiração saiu ofegante com o impacto.

O Inveja cuspiu sangue para o chão de mármore, passando a língua pelos dentes, saboreando o icor odorífero que lhe corria nas veias.

– Falhaste uma costela.

Vexley levantou-se e pontapeou-o com a sua força recém-adquirida. A dor apoderou-se do Inveja, mas ele cerrou os dentes, em desafio.

– De certeza que consegues fazer melhor do que isso.

– Perdeste a cabeça? – disse Vexley, lançando-se para a frente. – Eu agora sou um deus.

Um deus da estupidez.

O Inveja esticou uma corrente no último segundo e saiu-lhe da frente, fazendo com que o punho do vampiro caísse sobre um elo e não sobre a sua cabeça. A corrente estremeceu, mas não se partiu. O Inveja arrastou-se de volta para uma posição sentada, a respiração superficial.

Se conseguisse que Vexley danificasse as correntes, ainda que fosse apenas um elo, teria uma hipótese de se libertar. Não sabia o que acontecera a Camilla e estava determinado a encontrar um caminho de volta para a

procurar. Se Abyssus a tivesse e estivesse a jogar um dos seus jogos de ilusão...

– Falhaste o jogo do Lennox. É um bocado patético continuares a aparecer.

– *Esse* jogo já não interessa. Já tenho quase tudo o que quero. – Vexley lançou-lhe um olhar arrogante. – Talvez agora procure um prémio diferente.

Não havia dúvidas sobre ao que o sacana se referia.

– A Camilla deixou bem claro o que pensa sobre o assunto, com aquilo do assassinato e assim.

– Ela libertou-me. – O vampiro encolheu os ombros. – Agora pertence-me até eu dizer o contrário. A morte concordou, ou eu não estaria aqui, prestes a conseguir tudo o que quero.

Vexley andava de um lado para o outro, a apontar razões como se o Inveja se importasse com isso.

Pontos negros acumularam-se na periferia da sua visão, aumentando de densidade. O Inveja estava pior do que aparentava. Muito pior. Tornava-se cada vez mais difícil para ele manter energia suficiente para aguentar a sua corte, manter as proteções em torno do seu círculo e não perder a consciência.

Se o Inveja não se mantivesse alerta, seria quase impossível aguentar-se por muito mais tempo.

Ainda a defender a sua corte e a regenerar o seu coração, não podia arriscar usar mais poder para se curar. Eventualmente, as suas feridas acabariam por se curar sozinhas, mas, naquele estado de fraqueza, isso poderia levar horas.

Se tivesse minutos, era uma sorte.

– Primeiro, estava a jogar pela imortalidade – disse Vexley, atraindo o Inveja de volta ao seu monólogo. – Agora já a tenho. – Isso *e ainda* uma sede insaciável de

sangue, impedindo assim o idiota de regressar a Waverly Green até conseguir controlar esse pequeno inconveniente.
– Agora serei ainda mais lendário no reino de Ironwood.

O Inveja duvidava que as páginas de sátira se interessassem pelas artimanhas de Vexley quando ele começasse a matar metade da nobreza. Talvez tivessem todos sorte e alguém o decapitasse.

Os olhos do Inveja fecharam-se. Encostou a cabeça à coluna de pedra perto do limite do local antigo, com a respiração ofegante. Tinha a certeza de que o seu crânio rachara em algum momento, a avaliar pela dor monstruosa e aguda que sentia. O facto de ainda não ter caído era uma prova da sua vontade e poder.

– A seguir, quero o talento da Camilla – disse Vexley. – Ganharemos dinheiro suficiente para fazermos o que quisermos, durante o tempo que quisermos. Presumo que ela não seja humana, depois da sua demonstração de magia. O que significa que podemos mentir, trapacear e roubar por toda a eternidade.

– Tirando o facto de a Camilla ter dito que não.

– Quando a assumir como minha mulher, o que ela quiser pouco irá importar. Eu sei o que é melhor.

Todo o corpo do Inveja gritou em protesto, mas levantou-se devagarinho, apoiando-se contra a coluna. Meio morto ou não, libertar-se-ia daquelas correntes e partiria o pescoço do vampiro.

O Inveja seria enviado para a Verdadeira Morte antes de permitir que Vexley tocasse em Camilla.

– As mulheres *não* são posses. Ela pertence a ela própria, seu merdas arrogante.

O punho de Vexley atingiu-lhe a mandíbula, o estalido ecoando na caverna que mais parecia a uma catedral.

A cabeça do Inveja embateu contra a pedra, a fratura no

crânio deixou-o inconsciente por um instante antes de recuperar o equilíbrio. Ficou de joelhos, os ossos a estalar contra o mármore.

Vexley ergueu-se sobre ele, as presas a brilharem na estranha meia-luz que se filtrava vinda de algures.

– Não há regras sobre fazer equipa com outros jogadores, sabias?

A visão do Inveja oscilava entre o turvo e o giratório.

Devia ter matado o mortal em Waverly Green quando tivera a oportunidade. Os seus instintos quanto a almas putrefactas nunca estavam errados. Vexley fora um homem mau e era um vampiro ainda pior. Ninguém devia ter de aturar aquele idiota por toda a eternidade.

– Demónio arrogante de merda. – O vampiro esmurrou-o duas vezes nas entranhas, e o ar saiu em catadupa enquanto o Inveja se dobrava. Estava quase a vomitar. – Devias ter-te concentrado em eliminar a tua concorrência. Em vez disso, assumiste que eles iam falhar.

O Inveja não tinha pensado nisso sequer. Decidira que avançar para resolver as suas pistas e enigmas o mais depressa possível era a melhor tática.

Não respondeu. E apenas em parte porque não tinha nada para dizer. A dor começava a dominar-lhe os sentidos. Em breve, desmaiaria.

Os seus olhos abriram-se, mal lhe permitindo distinguir a sombra que se arrastava ao longo da parede mais distante, a aproximar-se. Não sabia se estava mesmo ali ou se a estava a imaginar. Não sabia se o brilho prateado que se erguia era uma lâmina ou um sonho belo e violento.

Não sabia se Vexley também o sentia ou se o via. Se sim, o vampiro não o deixou transparecer, levando o Inveja a acreditar que a figura sombria não estava lá.

A cabeça do demónio balançou para a frente e depois

para trás, a sua luta para se manter alerta esmorecendo aos poucos. Vexley soltou uma gargalhada sinistra, desfrutando de cada momento de dor do Inveja.

A magia das correntes crepitava, o fogo era profundo. O Inveja deixou escapar um grunhido de dor, e o vampiro aproximou-se.

– Talvez também possamos jogar um novo jogo. – Vexley agachou-se diante dele, os olhos carmesins a brilhar. – Chama-se «drenar-te até secares». – Inclinou-se para a frente, como se quisesse sussurrar-lhe um segredo delicioso. – As regras são simples. Eu dreno-te até secares. Tu ressuscitas lentamente. Depois repetimos por toda a eternidade. Quanto tempo achas que vais aguentar antes que a insanidade te domine?

Arrancou o braço do Inveja do seu encaixe, e a dor foi uma brasa que lhe percorreu a espinha, provocando-lhe outro gemido.

– Um, dois... quinhentos anos? – perguntou Vexley, puxando o braço do Inveja até à boca. – Estou disposto a apostar se tu estiveres.

As suas presas perfuraram o pulso do Inveja, o veneno causando uma dor acrescida. A escuridão ondulou por detrás dos olhos do príncipe. Conseguia sentir o veneno a colidir dolorosamente com o icor nas suas veias. Pestanejou uma, duas vezes, e pelo meio Vexley estava morto.

«O quê?»

O Inveja tentou voltar a abrir os olhos. A cabeça de Vexley rolara para junto do pé do Inveja. Ou teria caído? A face do Inveja estava encostada ao mármore, a pedra fria manchada de sangue.

O Inveja olhou sem pestanejar para a cabeça cortada, que lhe retribuiu o olhar com a mesma expressão baça, a mesma ausência de vida.

– Levanta-te.

A voz era doce. Contudo, a ordem não foi bem recebida. Os olhos do Inveja fecharam-se. Ele só queria dormir, sonhar com aquela voz.

– Inveja.

– Ah – disse ele, com os olhos ainda fechados. – Um sonho. Um belo e maravilhoso sonho.

Havia mãos sobre ele agora, suaves, gentis. Em busca. Ela silvou como se as feridas dele também a tivessem magoado. Depois, ela sacudiu as correntes.

– Não. Não o faça. – Ele tentou puxá-las para fora do seu alcance, mas o movimento exigia-lhe demasiado. – Também te vão queimar.

Dedos leves como penas roçaram-lhe a testa, acalmando-o novamente.

– Leviaethan. – Aquela voz doce continha uma pontada de pânico. – *Tens* de te levantar.



Camilla olhou para a caverna, o coração a martelar. Correria para ali assim que a magia de Abyssus desaparecera, mas chegara tarde de mais.

O Inveja estava gravemente ferido. Era suposto ter começado já a curar-se, e ela não percebeu bem porque não o fizera, mas suspeitava que tinha que ver com a diminuição do seu poder.

Ele não o admitira em voz alta, mas Camilla vira a corte dele. Sabia que as coisas estavam más. E que ele arruinar-se-ia a si mesmo para salvar os seus demónios. Já estava a fazê-lo.

– Como posso quebrar estas correntes? – perguntou ela, pressionando gentilmente uma mão na testa dele.

A pele dele estava fria, húmida. De repente, quis arrastá-lo para os seus braços e para longe daquele lugar.

– Temos de nos despachar – disse ela. – Por favor, ajuda-me.

Os olhos dele tremeram mas não se abriram.

Vexley devia tê-lo torturado o tempo todo que ela estivera presa no abismo. E mesmo alguém imortal não aguentaria dias ou semanas a ser espancado sem se curar.

As correntes mágicas eram um artifício sórdido, que ela suspeitava ser obra de Abyssus. O constante fluxo de dor que se infiltrava por elas na pele do Inveja estava claramente a desgastá-lo.

Não sabia nem queria saber como é que o Lord Vexley se tinha envolvido – pensara que tinha sido apenas uma visão quando o vira atacar o Inveja no túnel de Abyssus. Mas ele devia, de facto, ter estado ali, naquele sítio, a espancar o príncipe. Fora uma das coisas mais difíceis que alguma vez fizera, mas Camilla esperara nas sombras até Vexley se deixar dominar pela sede de sangue, precisando que ele se distraísse. Depois atacou com força e rapidez.

Camilla fechou os olhos, forçando a imagem da decapitação de Vexley a sair-lhe da mente.

Não soubera que era capaz de fazer algo assim, até que uma fúria louca e selvagem se apoderara dela ao ver como o Inveja estava ferido. Algo de sombrio tinha despertado dentro de si, e a ameaça que Vexley representava despertara-lhe os instintos adormecidos havia muito. Ele estava a tentar tirar-lhe o que era *dela*.

E ela explodiu.

Camilla usara o punhal que Blade lhe oferecera, fabricado em aço afiado e imortal, mas fora a sua força, o seu golpe interior, a sua parte *fae* encerrada nas profundezas de si mesma que emergira.

Implacável, feroz.

Atingira o tecido conjuntivo do pescoço de Vexley, serrando os pequenos ossos da sua coluna vertebral num único golpe brutal e violento. Se não estivessem a correr contra o tempo, Camilla teria caído sobre o cadáver morto-vivo de Vexley, dilacerando-o, pouco a pouco.

Apanhara Vexley de surpresa, tivera sorte.

Camilla precisava de se concentrar, de manter a calma,

de pensar em como tirá-los daquela situação o mais rápido possível. Olhou de relance para a entrada a vários metros de distância, na outra extremidade do local antigo. Não se dignara a olhar com atenção para as Colunas Irmãs.

Avistara Vexley e o Inveja e rodeara-as, dividindo a sua atenção entre o chão e o vampiro, tentando ao máximo não fazer barulho enquanto se aproximava devagarinho.

O cadáver decapitado de Vexley era horrendo. E, infelizmente, estava no caminho.

Agarrou-o pelos tornozelos e arrastou-o para o lado, numa procissão lenta e dolorosa, o seu peso e tamanho fazendo com que ela se esforçasse arduamente para se livrar dele.

Quando o corpo já estava longe o suficiente, Camilla fechou os olhos e agarrou a cabeça, segurando-a com cuidado pelos cabelos, tentando não vomitar ao depositá-la ao lado do vulto imóvel.

Uma vez terminado aquele ato sinistro, precipitou-se de volta para o Inveja.

Camilla sacudiu as correntes mais uma vez, sentindo a magia a queimar-lhe a pele. Não sabia como conseguira o Inveja sobreviver tanto tempo com elas enroladas em torno dos pulsos e dos tornozelos. A dor fora avassaladora no breve contacto que tivera com elas.

Preparou-se e voltou a pegar nas correntes, virando-a nas mãos, atenta. Tinha de haver alguma forma de as quebrar. Uma pista. Um enigma.

Camilla pensou no mestre do jogo, na forma tenebrosa que ele arranjaria para as desbloquear. Depois viu-o, ligeiramente gravado nos elos. Um enigma.

Ela olhou mais de perto, vendo uma série de letras que podiam ser movidas ao redor da fechadura para formar uma resposta. O espaço deixava claro que seria uma

palavra. Com cinco letras.

*Para algumas plantas, os mortais e também todos os
animais,
inicia-se mas não tem fim,
e é o fim do que se inicia.
Responde-me sem hesitação
ou, após três tentativas, para sempre pararei o seu
coração.*

Camilla expirou profundamente, olhando para o último aviso. Tinha três hipóteses de responder corretamente ao enigma ou, de alguma forma, o Inveja morreria.

Cobriu o rosto, combatendo a vontade de gritar. A pressão acumulou-se-lhe atrás dos olhos, no peito, roubou-lhe o fôlego dos pulmões enquanto tentava decifrar o enigma sem pensar no tiquetaque do relógio. Sem se preocupar em errar um palpite.

– «Para algumas plantas, os humanos e também todos os animais» – disse em voz alta, na esperança de se aperceber de alguma ligação. – Caules, membros, dentes...

Praguejou com toda a força. Nada fazia sentido para todos.

Se não sentisse que lhe estavam a encostar um punhal à garganta, talvez conseguisse ter a calma suficiente para *pensar*. Porque não lhe tinham apresentado um enigma sobre arte? Sobre algo que ela sabia de olhos fechados?

– Respiração, almas, coração... – As plantas podiam ter coração? Camilla nunca prestara muita atenção, mas sabia que havia plantas que tinham «coração» no nome. Coração-magoado. Era sem dúvida bastante triste, mas estaria correto? O enigma não dizia *todas* as plantas, apenas algumas. Os mortais e os animais tinham coração. E um

sinónimo de coração com cinco letras era... âmagô?

*Para algumas plantas, os mortais e também todos os
animais,
inicia-se mas não tem fim,
e é o fim do que se inicia.*

Só que não estava totalmente relacionado com a segunda parte do enigma. Ou talvez estivesse, e ela apenas não conseguisse ver ainda essa parte de forma clara.

Os dedos tremeram-lhe quando voltou a pegar nas correntes.

– Por favor, que esteja certo.

Camilla tinha três hipóteses. Se esta falhasse, ainda teria mais duas tentativas. Rolou a primeira letra para o seu lugar.

A

E depois a segunda.

M

A terceira.

A

Quarta.

G

E hesitou na quinta. Voltou a ler o enigma, desta vez com uma desconfiança crescente. Não mencionava

nenhuma consequência para uma resposta errada, mas Camilla não se fiava no mestre do jogo.

*Para algumas plantas, os mortais e também todos os
animais,
inicia-se mas não tem fim,
e é o fim do que se inicia.*

O peito do Inveja mal se elevava, a sua respiração era penosa. Mesmo que não tivessem de se apressar para resolver a próxima pista depois desta, o tempo estava a esgotar-se.

Camilla fez uma oração rápida a quem quer que estivesse a ouvi-la e rolou a última letra.

O

O corpo do Inveja sacudiu-se como se tivesse sido atingido por um relâmpago, e ele libertou um uivo de dor que ecoou pela caverna, uma sinfonia de agonia. As correntes mágicas arderam com uma luz tão intensa que Camilla teve de pestanejar várias vezes antes de as pequenas manchas na sua visão desaparecerem.

– Inveja! – Precipitou-se para puxar as correntes para longe da pele dele, mas depois gritou.

As correntes pulsavam agora com poder, tendo aumentado de intensidade.

– Merda.

Ele abateu-se de novo no chão, gemendo. Continuava inconsciente. Agora, a corrente irradiava um zumbido ameaçador, indicando que cada resposta errada intensificaria a magia que a atravessava, até esta se tornar tão poderosa que poderia acabar com uma vida imortal.

Camilla pôs-se de pé e andou de um lado para o outro. Não podia enganar-se na próxima.

*Para algumas plantas, os mortais e também todos os animais,
inicia-se mas não tem fim,
e é o fim do que se inicia.*

O quê? O que é que os ligava a todos? Tinha de ser simples.

Sentiu as lágrimas a insinuarem-se. Estava frustrada, assustada e completamente furiosa com o mestre do jogo.

Aquele jogo já era mau o suficiente sem os sujeitar a tortura física e mental. Parou de andar de um lado para o outro, recorrendo às suas emoções crescentes para se concentrar.

O mestre do jogo sabia que estavam quase a chegar ao fim. O que significava que ela o veria em breve. Camilla concentrou-se nisso, permitiu que isso a alimentasse. Ela e o Inveja não haviam chegado tão longe para se verem vencidos pelo rei Unseelie nos momentos decisivos do jogo.

Quando ela entrasse naquela corte miserável, e não se, fá-lo-ia como uma vencedora.

A começar por aquele maldito enigma.

Camilla repetiu-o em voz alta, a determinação a percorrê-la em ondas. O mestre do jogo julgava-se esperto, mas ela também o era. Sabia a resposta. Sabia que era simples. O medo desligara-lhe a lógica, mas ela não permitiria que ele a dominasse agora.

*Para algumas plantas, os mortais e também todos os animais,
inicia-se mas não tem fim,*

e é o fim do que se inicia.

Algumas plantas. Mortais. E também todos os animais. «Pensa», ordenou ela a si própria. O que é que eles têm em comum? A formulação cuidadosa. *Algumas* plantas. *Todos* os animais. E simplesmente *mortais*.

Eram todos seres vivos. Mas isso não os relacionava. *Algumas* plantas. Camilla afastou-se, os seus pensamentos concentraram-se no seu interior. Algumas plantas... todas as plantas estavam vivas. Mas algumas plantas...

– Certo – disse ela. – Se eu estivesse na Casa Preguiça, as plantas seriam divididas por categorias. Flores, frutos, árvores, arbustos... e plantas anuais e perenes.

A sua pulsação acelerou. *Sentiu* que estava correto. Algumas plantas eram anuais; precisavam de ser replantadas todos os anos. Algumas plantas eram perenes; regressavam todos os anos por si próprias.

De repente, soube qual era a resposta. Sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo.

– Morte.

Algumas plantas morriam. Os mortais e todos os animais também morriam. A morte era o fim do que se iniciava. E uma vez iniciada, não havia como desfazê-la. A morte também tinha cinco letras. Encaixava.

Tinha de ser a resposta certa.

Ainda assim, quando se ajoelhou ao lado do Inveja, vendo a palidez doentia da sua pele bronzeada e normalmente saudável, hesitou. Mais uma resposta errada e nem queria pensar na tortura que ele sofreria. Pelas mãos dela.

Não podia perder mais tempo a refletir.

Camilla silvou entre dentes quando voltou a agarrar nas correntes, encontrando o elo com as letras. Desta vez,

rolou-as rapidamente, parando apenas por um instante na última letra.

MORTE

Esperou não estar a condenar o Inveja à sua. O «E» fez um clique e uma eternidade decorreu num segundo; depois, o brilho intensificou-se, e Camilla amaldiçoou-se internamente...

Contudo, a corrente quebrou-se num clarão de fogo, libertando o príncipe.

Camilla soluçou e depois puxou-o gentilmente para o seu colo, acariciando-lhe a cabeça.

– Por favor. Por favor, levanta-te.

Tinha lido contos de fadas suficientes em pequena para saber que o príncipe devia acordar o amor da sua vida com um beijo. Mas o Inveja era um demónio, e Camilla não era nenhuma donzela em apuros. Pressionou os lábios na testa dele.

Ele não se mexeu como que por magia. No entanto, a pele começou a recuperar alguma da sua cor, agora que a corrente já não o agredia continuamente.

Camilla embalou-o com suavidade durante mais alguns segundos, continuando dolorosamente consciente do relógio que Abyssus dizia estar a contar o tempo que faltava para resolverem a última pista. Estavam tão perto. Estavam no local. Se perdessem, o seu talento ser-lhe-ia roubado para sempre.

Podia deixar o Inveja, encontrar a próxima pista sozinha...

De repente, uma consciência agitou-se contra a sua pele. Olhou para baixo e assustou-se ao deparar com o olhar cor de esmeralda do Inveja a fitá-la.

– Perdemos? – perguntou ele, o seu tom vazio de emoção.

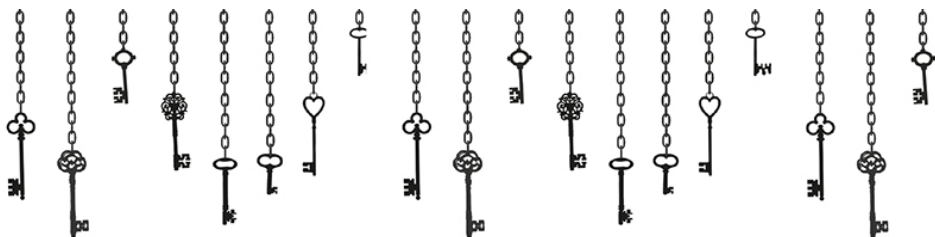
– Ainda não.

– Podias ter-me deixado.

Podia. Os seus olhos refletiam uma pergunta. Uma pergunta para a qual Camilla não tinha resposta.

Com cuidado, tirou-o do seu colo e levantou-se, e, depois de limpar a parte da frente do vestido, olhou em volta.

– O Abyssus disse que temos até ao pôr do Sol para resolver a última pista. Estamos quase a ficar sem tempo.



O Inveja fez um balanço rápido dos seus ferimentos enquanto se sentava. À primeira vista, não parecia muito mau. Mas as aparências iludem. O pior das suas dores ainda lá estava.

Levantou-se, com a cabeça a latejar devido ao esforço. Camilla, por sorte, já tinha voltado a sua atenção para as Colunas.

O medo que ele vira nela, a ternura, haviam desaparecido, substituídos por uma determinação brutal. Se não a tivesse visto, se não tivesse experienciado aquela tortura infernal, nunca diria que haviam lutado contra uma força das trevas. Quis perguntar-lhe sobre Abyssus, se ela estava bem, mas era óbvio que estava.

Camilla era uma mulher com uma missão. E ele estava feliz por poder contar com a ajuda dela.

Ainda incapaz de se mexer, o Inveja observou Camilla a olhar para as Colunas, uma expressão de admiração e reverência no rosto dela.

Ele compreendia o seu fascínio. Mesmo num mundo repleto de magia e riquezas, eram verdadeiramente dignas de admiração.

As Colunas tinham quase sete metros de altura e haviam sido moldadas – domadas – a partir de um pedaço sólido de pedra das sombras, uma pedra preciosa que só existia nos Sete Círculos e que era semelhante a uma pedra da lua esfumada. Cada pilar maciço estava adornado com imagens que variavam da flora à fauna e à astrologia.

Muitos especulavam sobre o significado dos símbolos, mas ninguém conseguia assegurar que a sua teoria estava correta. Apenas o mais velho dos *fae* sabia do que as Colunas tinham sido inteiramente capazes.

Camilla estava a observá-las com apreço, mas ele também viu a forma como ela as analisava metodicamente, passando as mãos sobre cada imagem, a sua mente a trabalhar arduamente para resolver o mistério da razão pela qual tinham sido enviados para ali e como isso se relacionava com o jogo.

O Inveja observou-as de onde estava, recuperando lentamente as suas forças.

No mundo mortal, havia alguns monumentos antigos semelhantes, mas nada comparado a estes pilares. Havia quem acreditasse que tinham sido seres sobrenaturais a criar as colunas lá no mundo mortal, mas, se vissem o que havia sido feito pelos *fae*, perceberiam as diferenças.

As Colunas brilhavam com um luar interior, a arte projetava sombras. E isso estando no subsolo, longe do Sol e da Lua, que a lenda dizia terem sido criadas para celebrar.

O Inveja já tinha visto as Colunas uma vez: quando o Ira fizera com que cada um dos sete príncipes que governavam o Inferno se reunissem para anular a magia *fae*, de certa forma acorrentando as Colunas.

O que eles sabiam das Colunas Irmãs era que constituíam um ponto de acesso, como uma espécie de

estação de comboios dos mortais, onde tanto os *fae* da luz como os *fae* das trevas podiam partir para reinos diferentes.

Quando o portal estava aberto, podiam ir para o mundo mortal sempre que quisessem, contornando os Portões do Inferno e qualquer pedido real que precisassem de fazer.

Essa tinha sido a sua derradeira ruína.

Os Unseelie gostavam de se divertir com os mortais. Gostavam de ter humanos como animais de estimação. As trocas de crianças também faziam parte dos divertimentos. Deixavam crianças *fae* em casas de humanos, vendo-as causar o caos sem os pais desconfiarem de nada.

Ambas as cortes haviam sido avisadas de que tais jogos não deveriam ser jogados no mundo mortal. Os Seelie levaram os seus prazeres para outro lado, porque nunca se tinham envolvido tanto com os humanos quanto os Unseelie.

Lennox e Prim Róis não eram tão facilmente amansados. Por serem personificações do Caos e da Discórdia, não era de se estranhar. Até o portal ter sido selado, continuaram a enviar livremente a sua corte para se imiscuírem nas vidas dos mortais. O Ira emitira duas advertências. A primeira por cortesia, a segunda por decreto real.

Lennox enviara ainda mais membros da sua corte, para irritar o rei do submundo.

As Colunas foram enterradas e aprisionadas pouco tempo depois.

Agora, ali, no local antigo, outrora abundante em magia, uma estranha sensação de poder silencioso vibrava nas Colunas inertes.

O Inveja nunca sentira aquilo antes, e perguntou-se se o jogo seria responsável. Dirigiu-se para elas, a dor no seu corpo diminuindo consideravelmente.

Camilla caminhou até elas como se estivesse possuída,

tocando e maravilhando-se com cada gravura.

– As reproduções na Casa Preguiça... não têm comparação possível. Os entalhes também são diferentes. Pelo menos este aqui.

O Inveja resfolegou.

– Por favor, diz isso ao meu irmão. Ele vai ficar furioso.

Ela percorreu a arte com o dedo, circundando lentamente as Colunas. Ele desejou que pudessem ficar ali tanto tempo quanto ela quisesse, inventando as suas próprias teorias. Mas não estava destinado a acontecer. Ela tinha dito que Abyssus mencionara o pôr do Sol; e o Inveja apostava que faltava menos de um quarto de hora para tal.

Deixou a artista entregue à sua contemplação silenciosa e percorreu o perímetro, à procura de qualquer pista ou indício do que deviam fazer a seguir.

A caverna não tinha outros atributos únicos além das relíquias *fae*. O Inveja estudou as sombras projetadas no chão, perguntando-se se serviriam para despertar alguma ideia.

Camilla soltou um suspiro, o som quebrando a quietude da caverna. Ele virou-se para a encarar; ela tinha estado a observá-lo. Tão atentamente como estivera a examinar as Colunas.

– O que se passa com a tua corte? – perguntou ela. – Antes de avançarmos, preciso de saber. Sei que é isso que te move. Quero saber o que aconteceu.

As sobrancelhas dele ergueram-se. Aquela era a última pergunta que ele esperava que ela lhe fizesse.

– O mordomo, os teus guardas, o sangue... – Ela semicerrou os olhos, como se conseguisse ver através do muro que ele tinha erguido. – Tenho estado a rever as minhas interações na Casa Inveja, e não consigo entendê-las.

– Que interações?

– O teu mordomo não se lembrava de onde estava nem de quem eras. Os teus guardas só conseguiam repetir a mesma frase sem parar. É como se... – Mordeu o lábio inferior. – É como se todos eles estivessem a perder a memória. E o sangue...

Olhou de relance para as Colunas, com o sobrolho franzido.

– É isso, não é? A tua corte está a perder a memória. E no processo, de alguma forma, estão a destruir-se uns aos outros.

Ela não estava a olhar para ele. Como se soubesse que, se o fizesse, seria demasiado difícil para ele responder.

Ele ficou quieto, em silêncio. À espera de que ela se apercebesse de mais alguma coisa. Passado um momento, ela continuou:

– O artefacto que procuras poderá de alguma forma parar a perda de memória e o que quer que os esteja a fazer atacarem-se uns aos outros. É por isso que tens de ganhar o jogo. A tua corte está a desmoronar-se, literalmente a desfazer-se no processo.

O Inveja passou uma mão pelo cabelo, e recuou.

– Eu não diria que se está a desfazer. *Foda-se.*

Era isso mesmo que estava a acontecer.

Afastou-se, abanando a cabeça. Camilla observou-o em silêncio, dando-lhe tempo para falar sem o pressionar.

O Inveja guardava aquele segredo há tanto tempo que não sabia como o deixar ir.

Parou de andar às voltas.

– Como todos os demónios de cada Casa do Pecado, a minha corte não é imortal como eu e os meus irmãos, mas tem uma grande longevidade, o que não deixa de ter as suas complicações.

Camilla lançou-lhe um sorriso irónico.

– Hum.

– Para resumir de forma sucinta: sim. A minha corte está a fraquejar. A cada centena de anos, mais ou menos, eles precisam de purgar memórias para criar novas. Um problema que os mortais não compreenderiam. Surgem... complicações quando eles não são capazes de purgar. Nomeadamente, começam a esquecer-se. Ficam sobrecarregados, confundem ilusão com realidade. Amigo torna-se inimigo. Toda a gente representa um perigo.

O olhar de Camilla cintilou com compreensão.

– Se não se conseguem lembrar ou criar memórias, também não podem alimentar o seu pecado de eleição.

Ele dirigiu-lhe um sorriso agridoce. Ela era bastante inteligente, de facto.

– O que, por sua vez, não pode alimentar o meu poder – acrescentou o Inveja baixinho, confessando pela primeira vez o alcance total do que estava a enfrentar.

O cálice era a peça que faltava. O Inveja cedera-o inadvertidamente mais de dois séculos antes e, desde então, todos os anos, eles tinham vindo a perder poder aos poucos.

Depois o jogo começara, e as coisas tinham piorado.

Camilla não se sobressaltou nem teve pena dele. De repente, estava ao lado dele, agarrando-lhe o braço e apertando-o com firmeza.

Os seus olhos prateados brilharam como um relâmpago, e as suas palavras foram igualmente impressionantes.

– *Vais ganhar.*

A boca dele esboçou um leve sorriso.

– Nunca devia ter perdido, para começar.

– Não te culpabilizes.

– A culpa *foi* minha. Entreguei o Cálice da Memória,

desencadeei isto tudo.

Desejou poder voltar atrás. Era um dos poucos arrependimentos da sua vida.

– É uma longa história – acrescentou, quando reparou no olhar prolongado dela. – Agora não temos tempo para isso.

– Com certeza que temos – disse Camilla. – Acho que já resolvi a pista. Mas preciso de saber o que realmente pretendes antes de te entregar o prémio que procuras.

Ele sabia que ela não estava a mentir, por isso acabou por ceder e contou-lhe a história toda.

– Sem o Cálice da Memória para libertar as memórias, eventualmente a minha corte enfraquecerá de tal forma que se extinguirá, o meu governo ficará debilitado e o meu círculo acabará por ser absorvido por outro círculo ou pecado mais poderoso. O caos de um círculo em declínio... digamos que daria ao rei Unseelie uma abertura para criar mais discórdia no nosso reino. – Expirou. – Há dois objetos necessários para corrigir as coisas: o Cálice da Memória e os Pergaminhos de Éter.

Camilla ficou em silêncio, a ouvir.

– Emprestei o Cálice da Memória a uma mortal com quem estava envolvido. Era um pedido tolo, ela queria beber dele no seu aniversário, ser a inveja dos amigos.

– Ela conhecia o teu pecado.

Ele assentiu.

– Era para ser só por algumas horas, então não achei que houvesse problema. Devia ter percebido. Sabia o que perdê-lo significaria para a minha corte. Em vez de um pequeno convívio com os seus amigos mortais, ela levou-o para Faerie nessa noite. Quando ela morreu, o Lennox encontrou-o e descobriu o seu valor.

– Parece-me que ela era egoísta.

Ele encolheu um ombro.

– Não somos todos, às vezes?

Camilla cerrou os lábios, parecendo ter muito mais a dizer sobre o assunto, mas não o fez.

O seu pecado acendeu-se, inflamando-se com a explosão de ciúmes dela. Isso alimentou-o, sarou algumas das suas feridas. Camilla não compreendia a sua resposta.

O Inveja não se importava com a mortal; recusava-se até a dizer o nome dela.

Ele apenas não via o egoísmo dela como o seu pior pecado.

– O que fazem os pergaminhos? – perguntou Camilla.

– Primeiro, é melhor entenderes bem o cálice. O Cálice da Memória tem símbolos e runas entalhados. Por isso, não só absorve memórias, como, quando ativado corretamente, pode conceder a imortalidade, derrubar um inimigo ou dotar alguém de riqueza infinita. Ou qualquer outra coisa que se deseje. É um objeto de imenso e terrível poder que antecede até mesmo os mais antigos demónios do reino. Os Pergaminhos de Éter contêm os feitiços necessários para ativar o cálice.

– Então, todos os jogadores estavam atrás do mesmo prémio.

O Inveja encolheu um ombro.

– O Cálice da Memória pode tornar-se qualquer coisa para qualquer pessoa, o que faz dele um artefacto único para cada indivíduo. Imagino que tenha sido por isso que o Lennox o usou.

– Porque não podes dar pedras da memória à tua corte para ajudar?

– Isso seria muito conveniente, não seria? – Ele esboçou um sorriso melancólico. – As pedras da memória só funcionam quando a pessoa que está a purgar a memória se

lembra do que gostaria de esquecer com clareza. Desde que o nevoeiro da memória começou, a minha corte não se consegue recordar com detalhes suficientes. Apesar de ter sido uma descida lenta para a loucura, quando começou, não estávamos preparados. O nevoeiro durou pouco tempo, confundindo-se facilmente com cansaço. Só quando as coisas pioraram muito é que percebi. Nessa altura, era demasiado tarde para descarregar quaisquer memórias para as pedras da memória.

Camilla parecia tão frustrada com aquilo quanto ele.

– Quem tem os pergaminhos?

Ele hesitou. Tratava-se de uma informação que nem o seu assistente tinha.

– Eu. Mas... Não consigo aceder-lhes agora.

– Porquê?

– Porque não consigo invocar as minhas asas.

– Explica melhor a parte do «não consigo invocar as minhas asas», por favor.

– As minhas asas ainda estão aqui, sob a minha pele, à espera. Às vezes, a necessidade de as invocar é desconfortável. Mas não posso arriscar. Ainda não. Não tenho poder suficiente para manter a minha corte de pé, em simultâneo. Sobretudo porque o encontro com o Lennox será inevitável. Não posso desperdiçar um pinga que seja das minhas reservas antes de lutar com ele.

– E como é que as tuas asas se relacionam com os pergaminhos?

Ele pensou na pena verde-esmeralda que Lennox lhe tinha enviado, o escárnio do gesto.

– Quando o cálice desapareceu, fundi os pergaminhos com as minhas asas para os manter fora das mãos do inimigo. Digamos que são como tatuagens invisíveis. É um truque antigo dos demónios.

Camilla olhou para ele, atónita.

– Tinhas acesso a eles este tempo todo?

– Nem por isso. À medida que a minha corte enfraquece, o meu poder também enfraquece. E eles não valem de nada sem o cálice.

– Mas lutaste contra aquelas bestas e contra o príncipe-vampiro – argumentou ela. – Como é que o teu poder está assim tão diminuído?

– Força bruta, querida. Não é magia.

– E o Trono Amaldiçoado?

– Apunhalei-o com a adaga da minha Casa, não precisei de magia. – O Inveja segurou-lhe o queixo, atraindo o olhar dela para o seu. O tom dele endureceu: – *Este* olhar é precisamente a razão pela qual não contei a ninguém. Ainda não fui derrotado, Camilla. Não preciso que tenham pena de mim.

Ela arreganhou os dentes, um adorável animalzinho feroz escondido por trás do seu belo e culto sorriso.

– Eu não tenho pena de ti. Estou apenas a tentar perceber a tua história.

– Verdade por verdade. – A atenção dele concentrou-se nela. – É a sua vez de partilhar informações, Miss Antonius.

Camilla apontou para as esculturas.

– Creio que os pratos da balança aqui representam Libra. Estes círculos são o Sol e a Lua. O Sol está numa balança e a Lua na outra. São iguais em tamanho, mas a Lua está mais baixa, mais pesada. – Baixou o dedo para uma criatura intrigante. – Primeiro, pensei que fosse apenas um sátiro estilizado, mas olha com atenção. As pernas e os chifres de um caprino devem ser uma representação de Pã. – Arrastou o dedo por uma série de pontos e linhas. – Este meio-bode, meio-peixe também simboliza o bode-marinho.

– E que relação tem o bode-marinho com tudo isto?

– Em suma, este desenho geométrico é a constelação de Capricórnio. O Pã, ao lado, é o maior indício.

Foi seguindo os entalhes para cima, passando por algo semelhante a representações rudimentares de ramos de árvores perenes, até chegar ao topo, onde uma espada escorria sangue, com uma lua crescente sombreada na sua lâmina.

– Isto é basicamente um conjunto de instruções esculpidas sobre como ativar a coluna.

Um arrepio acariciou a espinha dele.

– Camilla... és brilhante.

Ele ia picar o seu próprio dedo, mas ela impediu-o.

– Não com o teu sangue. Com o meu. – Ela apontou para a coluna com a cabeça. – Todos os símbolos indicam uma data. As vegetações perenes, as constelações, a Lua. Tudo isto representa o solstício de inverno. A noite mais longa.

– O que tem isso que ver contigo?

Algo cintilou na expressão dela.

– É o meu aniversário.

Ele pressentiu uma mentira parcial.

– O dia pode variar para os mortais...

– Não estamos no reino dos mortais.

– Mas as Colunas foram esculpidas há milhares de anos. Segundo o que tu mesma dizes, não tinhas nascido nessa altura.

– Inveja... – Algo no tom dela fez a pele do Inveja. – Há uma coisa que eu...

Um estrondo profundo abanou o solo, estilhaçando o chão de mármore. Estavam a ficar sem tempo. O Inveja esboçou um sorriso sombrio.

– Agora, Miss Antonius. O que quer que tenha para

dizer, pode esperar.

Por detrás do seu olhar, vislumbrava-se a guerra que ela travava no seu interior.

– Não pode esperar. Devias mesmo...

Outra rachadela partiu o chão perto da entrada da caverna. Camilla estremeceu.

– Não nos podemos dar ao luxo de perder tempo, Camilla. Ativa as Colunas, rápido, agora!

Ela pareceu dividida, mas acabou por aceder porque não havia alternativa.

Depois de sobreviverem às próximas horas, o Inveja poderia considerar a possibilidade de quebrar as regras que estabelecera para si próprio havia tanto tempo. Porque sabia para onde se dirigiam a seguir: para a Corte Selvagem. Talvez, se conseguisse enfrentar os seus próprios demónios lá, pudesse continuar com Camilla.

É que, na verdade, o Inveja tinha de admitir: apenas uma noite não era suficiente. Estava a começar a querer muito mais. Não, *começar*, não. Já queria mais antes de ela ter saído do seu lado. E, com o jogo quase ganho, talvez ele pudesse ter tudo.

– Quando estiveres pronta – disse ele, entregando-lhe a adaga da Casa pelo cabo –, acabamos com isto.



Os nervos de Camilla contorceram-se em nós complexos enquanto pegava na adaga dele, interrogando-se como teriam chegado àquele ponto, presos naquele emaranhado de mentiras. Reviu os acontecimentos das últimas semanas, em busca de uma escolha diferente que pudesse ter feito.

Porque não tentara falar com ele nessa altura?

Ela sabia. Claro que sabia. Por medo.

O pai dissera-lhe várias vezes que o medo era a única força motriz de toda a escuridão do mundo. O amor, por outro lado, era a maior fonte de poder. O amor fortalecia os mais fracos, conferia-lhes uma ferocidade que o medo nunca concedia. As mães defendiam os filhos. Companheiros, amigos, pessoas boas enfrentavam o mal, tornavam-se algo a *ser* temido.

Por causa do amor.

Porém, o amor não era o caminho que Camilla escolhera. Tinha sucumbido a essa mesma armadilha mortal.

A mudança era aterradora. O desconhecido sempre o fora. Era a própria essência de *ser* desconhecido que o tornava assim. O familiar era reconfortante, mesmo quando

não era necessariamente bom.

Reconheceu de imediato o que tinha visto no rosto do príncipe. Ela própria sabia-o intimamente.

O medo relampejou nos olhos do Inveja. Não fora provocado pelo estranho ruído de aviso que fazia estalar o chão sob os seus pés. O medo dele significava outra coisa. Um olhar tão inquietante que Camilla percebeu que nunca o tinha visto antes no seu rosto. E perguntou-se se ele sabia. Ainda que não o tivesse admitido para si próprio.

Talvez tivesse medo de estar certo. Do que isso significaria. Talvez aquele fosse um último jogo que ele estava a jogar com ela, o jogo da negação. Reconhecer a verdade significava aceitar a mudança. Nenhum dos dois parecia preparado para ela.

A mudança era aterradora, mas necessária. Em especial agora.

Ela desejava poder salvá-lo de qualquer mágoa que lhe tivesse causado sem intenção. Não sabia o que ele viria a significar para ela. Nem imaginara.

De alguma forma, ao longo do caminho, tinha-se afeiçoado ao jogador devasso. E vira, através de toda a sua arrogância e mentiras por omissão, que ele sentia o mesmo por ela. Camilla não acreditara que era real. Mas devia ter acreditado. As suas ações tinham-no demonstrado sempre.

Contra todas as probabilidades, apesar das suas regras, o Inveja *gostava* dela.

Não do seu corpo. Mas da sua mente, das suas paixões. Gostava tanto do seu lado cruel e impiedoso como do seu lado doce e artístico. Ele vira-a matar um homem e vira-a caminhar perante um rei. Não havia nada que ela pudesse fazer que o chocasse ou repugnasse.

Mas isso não era bem verdade, pois não?

Respirando fundo, cortou a palma da mão com a

lâmina, ignorando o seu brilho ganancioso para pousar a mão no pilar. Atrasar o inevitável só piorava as coisas.

E as coisas já estavam prestes a piorar bastante.

A sua atenção dirigiu-se para as Colunas, para o feixe de luz cintilante que irrompera entre eles, emitindo um suave zumbido de outro mundo. Jasmim, gardénia, glicínias e almíscar. A noite e os seus muitos prazeres. Os aromas da Corte Selvagem.

Assim que atravessassem aquele portal, tudo iria mudar. O Inveja não olhara para o portal, e continuava a não olhar.

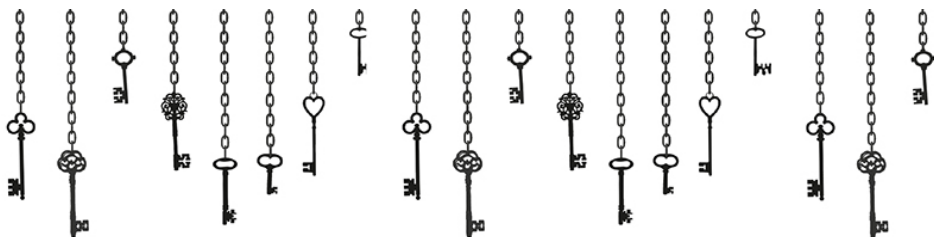
Estava a olhar para *ela*.

A sua expressão mantinha-se cuidadosamente neutra. Mas ele não era parvo. Conseguira resolver quebra-cabeças impossíveis, e parecia ter finalmente desvendado o mistério dela.

Camilla perguntou-se se aquele seria o único enigma que ele nunca quisera resolver. Mas era tarde de mais.

Antes que perdesse a coragem, Camilla agarrou na mão do Inveja e atravessou o portal, emergindo diretamente na fortaleza do rei Unseelie.

Tinham ganhado o jogo, mas Camilla não podia deixar de recear que ela própria tivesse perdido muito mais.



A Corte Selvagem era um emaranhado de vegetação e ramos, não muito diferente da última vez que o Inveja a visitara. Ele respirou fundo, forçando a sua mente a pensar no jogo, não em caçar o sacana do rei e em cravar a sua lâmina demoníaca no coração putrefacto de Lennox.

O portal cuspiu-os para as traseiras do recinto do jardim do rei, um longo terraço retangular ao ar livre, mesmo ao lado da sala do trono, onde os *fae* das trevas gostavam de dançar e fazer amor sob a Lua.

As largas pedras pavimentadas cobertas de musgo ainda eram usadas para a zona de dança.

As árvores que ladeavam o perímetro contorciam-se em direção ao céu noturno, com painéis transparentes pendurados nos seus ramos para servirem de divisórias para os jogos dos *fae*.

A hera florida subia pelas treliças, as paredes continham vida e eram sedutoras.

Troncos grossos e largos, resquícios das árvores mais antigas, tinham sido desbastados e usados como mesas rústicas que se espalhavam pela zona de dança e sobre as quais se encontravam garrafas brilhantes de vinho e licor

fae e frutos maduros. Para alguém de fora, parecia ser um mundo encantado. Uma ode à noite e às suas muitas maravilhas.

O Inveja olhou para Camilla. Por um momento, pareceu-lhe pequena e assustada, com o olhar fixo na extremidade do recinto. Depois ela reparou que ele estava a observá-la, e a sua expressão dissipou-se. Ele quis voltar a agarrar-lhe a mão, mas recusou-se a dar a Lennox mais um motivo para a magoar.

Camilla deu um pequeno passo em direção ao estrado no extremo oposto da sala exterior, mas o Inveja deteve-a.

– Espera.

À sua volta, os *fae* contorciam-se uns contra os outros, a dançar, a lutar ou a foder ao som de música tenebrosa e pulsante. Atrás deles, erguiam-se dois pilares gigantescos, rasgando o céu noturno como espadas desembainhadas. O outro lado das Colunas Irmãs, ainda a fumegar com a chegada deles.

Aquela música tenebrosa, dissonante e ruidosa começou a pulsar como um batimento cardíaco instável. Vibrava pelo chão pavimentado com pedra, subia pelas paredes improvisadas, fazendo os seus dentes estremecerem.

Trepadeiras que floresciam à noite enroscavam-se em torno de mesas e de cadeiras viradas ao contrário, enquanto os *fae* rolavam pela terra, enredados uns nos outros, totalmente alheios aos seus mais recentes convidados.

Até que, de repente, deixaram de estar alheios.

O Inveja contou quantos Unseelie os rodeavam, elaborando a melhor estratégia para manter Camilla a salvo, caso aqueles desejassem incitar à discórdia.

Os *fae* das trevas olhavam para eles, uns a rir, outros com olhares de reconhecimento.

Contrariando o seu bom senso, o Inveja agarrou a mão de Camilla, uma promessa tácita de que não sairia do seu lado. Acontecesse o que acontecesse.

Camilla levantou o queixo, ignorando os crescentes sussurros. Ser uma Seelie naquele lugar não era o ideal.

O Inveja sentiu-se orgulhoso da ousadia dela. Da sua recusa em ser intimidada. Os Unseelie eram criaturas da meia-noite, nascidos do luar e da maldade. E, de repente, ficaram todos quietos, a olhar quando Camilla largou a mão do Inveja.

Ela começou a caminhar em direção ao trono da Tormenta Obscura.

– Camilla – sussurrou ele, correndo atrás dela.

Não importava o que Lennox queria dela, não importava o que sentiam as suas cortes, era perigoso para ela marchar na direção dele, quase em desafio. A luz contra a escuridão. A noite a batalhar contra o dia.

A mão do Inveja moveu-se em direção à adaga. Não podia usá-la antes de recolher o seu prémio.

Rezou para que Camilla tivesse um plano. Que não se esquecesse de que ele ainda tinha muito em jogo.

Ela passou agilmente por cima de ramos partidos e vidros estilhaçados, e a sua atenção fixou-se no macho *fae* que iniciara aquele maldito jogo. A expressão dela era tão fria quanto a dele.

Lennox, o rei Unseelie, parara de falar a meio da frase, observando-a aproximar-se. O cabelo branco e prateado caía-lhe em cascata até aos ombros, a sua pele tinha um tom bronze-escuro. Orelhas elegantes e pontiagudas apareciam por baixo daquele manto de cabelo etéreo.

Ele não tinha idade. Era belo. E inteiramente desprovido de consciência.

Era fácil perceber o porquê de tantos mortais o

considerarem um deus. Ele era frio, intocável. Proibido. Não tinha qualquer noção de moralidade. Lennox fazia o que bem entendia, quando bem entendia. E se alguém morresse? A culpa era deles por serem frágeis. Havia quem acreditasse que ele tinha inspirado deuses mortais, que fora realmente o grande Zeus.

O Inveja sabia que ele não era um mero deus, era um Titã. Os seres que geravam deuses para se divertirem. Mas as lendas dos mortais estavam erradas – os Titãs não tinham sido derrotados pelos seus descendentes. Prosperavam no caos.

A forma como ele olhava para Camilla... O pecado do Inveja ameaçou gelar toda a corte. Por fim, o olhar de Lennox, escuro como a meia-noite com estrelas cintilantes, desviou-se para o Inveja.

Um sorriso cruel levantou-lhe os lábios cheios.

– Príncipe Inveja.

Embora Lennox pudesse ter tentado orquestrar o resultado do jogo, este desenrolara-se de forma diferente do que ele previra. Estava estampado no seu rosto frio e arrogante. Algo sombrio se insinuou no seu olhar, divertido.

Numa vida que se estendia por eras, tudo o que suscitasse emoção era bem-vindo. Fosse instigando a discórdia, criando guerras ou interferindo com os mortais, Lennox vivia para a Caçada Selvagem que outrora criara.

Uma caçada que os Seelie o tinham proibido de continuar, porque, uma vez por ano, ele libertava os caçadores mais impiedosos da sua espécie. As suas presas eram tanto humanos como *fae*.

A atenção do Inveja dirigiu-se para Camilla. Seria por isso que Lennox a queria? Para, de alguma forma, negociar ou, mais provavelmente, ameaçar os Seelie para que lhe

devolvessem a Caçada?

– Bem. Isto é inesperadamente agradável.

A sua voz era um rumor sombrio, de natureza mais elementar do que qualquer som humano. Podia elevar marés, invocar constelações, fazer a própria Lua cair a seus pés.

Apenas para ser esmagada, se isso o divertisse.

O Inveja deteve-se ao lado de Camilla, lançando um olhar na sua direção. Ela manteve as suas emoções completamente escondidas dele.

Estava focada no homem com quem Lennox conversava. Um *fae* de pele dourada, cabelo e olhos escuros. Vestia um casaco de cauda de andorinha carmesim-escuro, como se fosse um mestre de cerimónias.

– Ayden. – A voz de Camilla era fria.

O Inveja olhou de relance para eles, com o sobrolho franzido. Que ela conhecesse outro *fae* não era de surpreender. Mas aquele... Sabia quem Ayden era pelo nome. Sabia que era um príncipe Unseelie. E o tom dela. Podia jurar que o seu coração começara a bater-lhe dolorosamente contra o peito.

– Da última vez que soube de ti, estavas a aterrorizar os mortais com os teus truques carnavalescos. O que era mesmo? O circo da meia-noite? – perguntou ela, num tom trocista.

O Inveja ficou imóvel ao lado dela.

O *fae* olhou-a de relance, a irritação evidente no comprimir da sua boca.

– O Carnaval ao Luar.

Lennox riu-se, sombrio e ameaçador.

– Continuas a gabar-te dos teus truques da meia-noite? – perguntou Camilla. – Quem foi a infeliz senhora desta vez? Presumo que não tenha sucumbido à tua sedução, ou

então estaria aqui.

O príncipe Unseelie puxou as suas luvas brancas. O Inveja reparou nas luvas cosidas sobre os nós dos dedos, a ode à sua corte.

– Continuas a fingir ser uma artista mortal? – ripostou o príncipe Unseelie.

– É melhor do que ser um mágico de meia-tigela.

O olhar do Inveja fixou-se nela, como dois alfinetes quentes na sua nuca. Sabia que ela o sentia, reparou no ligeiro retesar dos seus ombros.

Uma constatação terrível e alarmante fez-se sentir.

O Inveja forçou os pés a manterem-se plantados no chão, para não deixar transparecer a traição.

Lennox estivera a observar de muito perto, por isso o Inveja reconheceu o momento em que ele decidiu ter a sua própria diversão. O rei inclinou-se para a frente, entrelaçando os dedos.

– Meus filhos – ele quase ronronou. – *Basta.*

O seu olhar estava fixo no Inveja. O brilho da vitória era inconfundível.

Os punhos do Inveja cerraram-se. A sua expressão era gelada como a frieza que lhe corria na alma. Camilla andara a guardar muitos segredos, ao que parecia.

Camilla não era Seelie.

Era uma princesa Unseelie.

Filha do homem que arruinara a sua corte. Do seu pior inimigo.

Lembrou-se de quando ela quase desmaiara no telhado de Vexley. Claro. O telhado de metal era de ferro. Não admirava que tivesse ficado tão indisposta.

Por fim, ela olhou na direção dele, mas o Inveja recusou-se a retribuir.

Ele até podia ser um sacana sem escrúpulos, mas

Camilla tinha-o superado de longe. Como o Inveja lhe devia ter parecido tolo, ao falar do seu ódio pela realeza Unseelie.

Enquanto a fodia no seu trono. Agora, recordava aquela noite sob uma nova perspectiva, a do escárnio dela. Ela possuía o Inveja no seu assento de poder, sabendo muito bem que o pai dela lhe tinha fodido a corte. Era realmente impressionante o quanto ela se parecia com Lennox.

E pensar que ele até chegara a fantasiar com a possibilidade de quebrar a sua regra por ela.

Tinham fodido o Inveja e o seu trono. Mas bem que podiam ter a certeza de que seria a última vez que alguém da realeza Unseelie o enganava.

– Acabou o jogo – disse o Inveja, sentindo definitivamente as primeiras batidas lentas do seu coração. «Claro que este caralho tinha de se regenerar logo agora.» Mesmo quando estava prestes a partir-se. – Onde está o meu prémio?



Camilla desconfiava que, agora, o Inveja a odiava acima de tudo, que provavelmente tirara todas as conclusões erradas no momento em que Lennox confirmara a sua ligação familiar, porque ela não lhe tinha contado a verdade. Quis consolá-lo, explicar-lhe, pedir-lhe perdão, mas a fraqueza nunca seria tolerada na Corte Selvagem. Se o seu pai verdadeiro visse o quanto ela gostava do príncipe...

Dirigiu ao pai, o rei Unseelie, um sorriso implacável que a mãe lhe tinha ensinado.

– Ele ganhou o jogo, mas eu quero o meu talento de volta. Agora.

Por fim, ela lançou-lhe um olhar por cima do ombro, estudando o demónio. O Inveja devolveu-lhe o olhar, rígido. Se os olhares pudessem matar, Camilla cairia morta a seus pés naquele instante.

– Dá-lhe o prémio e acaba com isto – disse ela, entediada.

O rei Unseelie recostou-se, observando-a com demasiada atenção.

– Falas por ele? – perguntou Lennox, a sua voz baixa em

tom de advertência. – Porquê.

Não era uma pergunta.

– Mandaste-o para o meu reino. Fizeste-o pedir a minha ajuda para o teu jogo patético. Depois fizeste com que o Trono Amaldiçoado me roubasse o talento.

– E? – perguntou Lennox, a sua voz um ronronar sedoso e perigoso.

– Foi obviamente uma maneira de me forçares a vir aqui. Sabias que só viria pelo meu talento. Já que teres mandado o Wolf atrás de mim há tantos anos não funcionou lá muito bem. A mãe disse que tu não entendes o conceito de seres rejeitado. – Camilla tinha quase a certeza de que o Inveja ainda não tinha expirado uma única vez. – Por favor. Quero recuperar a minha magia e voltar para casa. Para Waverly Green.

Camilla viu o pai semicerrar os olhos. Sentiu o seu desagrado um momento antes de a violência irromper.

O rei Unseelie estava diante dela no momento seguinte, os olhos brilhantes e fulgurantes como a luz das estrelas. O seu cabelo também tinha mudado; as madeixas prateadas e brancas haviam desaparecido, dando lugar a madeixas escuras. A noite era clara e escura, o luar e a sua ausência.

Os olhos e o cabelo do rei Unseelie mudavam consoante o seu estado de espírito.

– O *que* disseste? – perguntou ele, a sua voz baixa e terrível. Os Unseelie conversavam animadamente em segundo plano. – Tenho a certeza de que nenhum dos meus filhos ousaria suplicar.

Camilla praguejou internamente. Os mortais diziam tantas vezes «por favor» que ela se esquecera de como isso era insultuoso para a realeza Unseelie. Acabara de provar que não era melhor do que um animal de estimação humano.

– Queres que te restitua a magia, filha?

Ela olhou-o fixamente, com o maxilar cerrado.

– Sim.

Os dedos dele transformaram-se em garras; a uma velocidade sobrenatural, ele alcançou-a por trás e cravou-lhe as garras na nuca. O sangue quente escorreu-lhe pelo pescoço e pingou para o chão. Onde ele a tinha arranhado, a sua pele ardia.

Ela conteve o grito, recusando-se a dar-lhe a satisfação de a ver sofrer.

O Inveja encolheu-se ao lado dela, a sua mão a desviar-se para a lâmina. Ela não se atreveu a olhar para ele.

– Eu não faria isso. – Lennox também não deixara escapar a reação do demónio.

Camilla cerrou os dentes, sabendo perfeitamente o que Lennox tinha feito. A magia faiscou na sua pele, revelando tudo o que ela mantivera escondido do mundo.

As suas orelhas alongaram-se em pontas elegantes; os seus membros recuperaram a sua força imortal. A ferida na sua mão sarou instantaneamente, assim como os cortes que o pai acabara de fazer. O seu talento chegou de seguida, preenchendo-a, aquele vazio oco a transbordar de poder. O regresso da sua essência foi um bálsamo, mas a vitória reconfortante foi de curta duração.

O seu encantamento desaparecera. A máscara atrás da qual se escondera durante a maior parte da sua vida.

Lennox destruíra a proteção do símbolo tatuado sob o seu cabelo, revelando a sua verdadeira identidade. O que ela sempre fora. Unseelie. Realeza Unseelie – os seres que o Inveja desprezava acima de todos os outros. Não teve coragem de olhar para ele outra vez, de ver o asco.

Depois de ele lhe ter contado o porquê de odiar a corte dos Unseelie, o sentimento de culpa corroera-a. Camilla era

tudo o que ele detestava, simbolizava a quase destruição do seu povo.

Ela odiava o rei. Odiava aquela corte. Odiava-se a si mesma por ter sido demasiado fraca e ter tido medo de contar ao Inveja. Mas ele também lhe tinha escondido segredos. Inicialmente, até lhe mentira sobre o seu nome.

Em vez disso, Camilla olhou friamente para Lennox.

– Já acabámos? Preciso de um banho.

– Camilla... tu não... – O seu riso era sombrio e sinistro. Olhou de relance para o Inveja, com um ar conspiratório. – Crianças que foram trocadas. Realmente, são uma maravilha. Totalmente *fae*, mas com sentimentos humanos. – O seu olhar foi duro quando se virou para ela. – Acabou-se Waverly Green para ti. Bem-vinda a casa, princesa. Iremos queimar a praga mortal dentro de ti com fogo.

Camilla perdeu alguma da sua falsa bravata.

As palavras de Lennox eram mais literais do que figurativas. Torturá-la-ia até que ela ficasse tão cruel e perversa quanto a sua irmã mais velha e o seu irmão. Eles não tinham sido entregues ao mundo mortal – tinham sido treinados para liderarem as suas cortes. O facto de não estarem ali agora indicava que estavam a travar jogos perversos com os seus próprios *fae*.

O seu irmão mais novo surpreendeu-a ao dar um passo em frente.

– Eu levo-a para a minha corte.

Ayden fitou o pai de frente, a expressão dele um rosnado ensaiado.

– Dois tolinhos brilhantes. Mais mortais do que *fae* em espírito. – Lennox abanou a cabeça. – Que problemas é que isto pode causar? Liderar as vossas cortes... ou serão elas a liderar-vos? Caos.

Considerou a oferta de Ayden. Depois, voltou a olhar

para o Inveja. Um sorriso lento e adocicado curvou-lhe a boca.

– A minha filha vai ficar aqui. Comigo. A Corte Selvagem precisa de sangue real fresco. Dá-me o medalhão dela.

Fez sinal a um homem que se encontrava perto do estrado, um dos seus guardas pessoais, com um pedaço de ferro a trespassar-lhe o nariz. Um sinal de força. Do seu poder. E da sua propensão para apreciar a dor.

Camilla agarrou no medalhão da mãe, afastando-se.

– Isto pertence-me.

Lennox lançou-lhe um sorriso sombrio.

– A tua mãe roubou-o dos meus cofres antes de te roubar a ti também. O medalhão é meu. E dei-me a muito trabalho para o recuperar.

Camilla inspirou bruscamente, ainda agarrada ao medalhão, quando o guarda se aproximou. Ele estendeu a mão, os olhos a brilhar em tom de desafio. Ela não lho entregou. Mas ele não pareceu importar-se.

Cortou o metal do pescoço dela, e depois levou o prémio ao seu rei. Lennox fechou os dedos em torno dele, uma estranha luz prateada emanando do seu punho fechado. Camilla não sabia que o medalhão tinha aquele tipo de poder; fora-lhe dito que repelia os homens Unseelie.

Funcionava contra Wolf, mas supôs que o rei fosse diferente. Seria mesmo esse o objetivo de Lennox todo aquele tempo – não Camilla, mas o seu medalhão?

Lennox olhou para cima, como se se tivesse esquecido de que tinha uma plateia. Agitou a mão com desdém.

– Deem o prémio ao demónio. Mandem-no embora.

Lennox abanou a mão para outro membro da corte.

Wolf saiu de trás de um emaranhado de Unseelie, os seus olhos amarelo-pálidos a reluzir.

– Reclama o teu prémio, Wolf.

Wolf olhou para Camilla, com um olhar lento e demorado.

– Com prazer.

Os Unseelie riram-se e troçaram, encantados com o olhar penetrante que Wolf lhe lançou.

Camilla manteve a sua expressão perfeitamente neutra.

Certa vez, ele tinha sido enviado a Waverly Green com um convite para que ela voltasse à Corte Selvagem. Ela recusara, é claro, mas a noite que haviam passado juntos mudara tudo.

A sua expressão continuava devassa como sempre, enquanto ele voltava lentamente a atenção para Camilla. Wolf nunca ultrapassaria nenhum limite imperdoável, mas representaria o papel que a corte esperava em público. Camilla sabia que aquilo era apenas uma encenação. Mas o Inveja, não.

Ela sentiu-o ao seu lado, uma tempestade de ciúmes mal controlados a fustigar a superfície. O Inveja odiava-a, talvez nunca mais quisesse falar com ela, mas o seu pecado continuava a ser provocado.

Wolf não pareceu reparar que o estava a espicaçar. O *fae* caminhou pelo estrado, com o olhar fixo nela.

– Vamos lá pôr-te nua e molhada, princesa.

– Eu tomo banho sozinha – disse ela, sabendo muito bem ao que ele se referia.

Wolf *apercebera-se* da violência do Inveja. E continuava a provocá-lo.

Camilla recordou a forma como o Inveja lutara na corte dos vampiros, sabia que não acabaria bem para ninguém se ele finalmente se descontrolasse. Um olhar para Lennox e ela percebeu que era exatamente isso que ele esperava, que pusera em marcha. O caos e a discórdia eram as suas

melodias mais felizes.

E ele já as tocara todas.

Ele queria que Wolf provocasse o Inveja. Queria uma desculpa para adiar a entrega do prémio ao demónio.

– Parabéns pela vitória, Príncipe Inveja – disse Lennox, num tom demasiado inocente. – A menos que queiras ficar e assistir ao nosso pequeno espetáculo, vai-te embora.

O *fae* com o *piercing* de ferro tentou levar o Inveja para fora, e o demónio explodiu. Num movimento que foi quase demasiado rápido para ser visto, o guarda voou pela sala, aterrando aos pés do rei Unseelie, com o braço e a perna dobrados na direção errada.

– Partiste o meu comandante – disse Lennox, sem emoção na voz.

Um rosnado inumano surgiu da garganta do Inveja.

– Não me provoques, Lennox.

Wolf não recuou, mas parou de caminhar na direção de Camilla.

O rei olhou para o Inveja de forma especulativa, depois encolheu os ombros.

– Pareces mais cansado da viagem do que eu julgava. Permite-me compensar-te. Ser-te-á preparado um quarto de hóspedes se preferires ficar e ver a diversão.

Com um movimento do pulso, Lennox dispensou-os a todos, e a festa e o caos voltaram a apoderar-se da noite.

Camilla olhou para o Inveja, mas o demónio deu meia-volta e foi atrás de outro guarda.

Ela sabia que nenhuma lágrima ou súplica faria diferença.

Camilla era a filha do seu maior inimigo. E o Inveja nunca a iria perdoar por isso.

Desde o início que o objetivo deste jogo fora levar Camilla de volta a Faerie, e a corte do Inveja pagara um

preço muito alto por isso.

Se alguma vez existira esperança de ele a perdoar, essa faísca tinha-se extinguido.



A raiva do Inveja balançava no fio de uma navalha, a um passo de arrasar toda a Corte Selvagem. Uma vasta fragmentação abriu-se dentro dele, dividindo duas metades em guerra mesmo ao meio.

Um lado era a traição em carne e osso. Fria, inabalável.

Uma mágoa antiga que não tinha princípio nem fim. Era uma besta a rosnar, de duas cabeças, disposta a atacar, a infligir dor. Rasgar, devorar e dizimar. Tal como os lobos tatuados na sua pele, os monstros que mantinha sob rédea curta queriam vingança.

Camilla jogara o derradeiro jogo, e ele não fizera ideia.

O outro lado estava apreensivo. Protetor. Ansioso por ver Camilla, para a libertar daquela corte de pesadelo. A sua verdadeira casa. Com a sua verdadeira família.

Esse lado era o que mais o preocupava. Era frio, porém de forma diferente. A precisão gélida do cálculo. Da conspiração. E, por uma vez, não tinha nada que ver com estratégia de jogo.

O Cálice da Memória seria entregue em breve; depois, era esperado que ele deixasse a Corte Selvagem.

Devia partir e nunca mais olhar para trás, nunca mais

perder um momento da sua existência a pensar naquela *fae* dissimuladora. Esse havia sido o pior jogo de todos. O Inveja apaixonara-se pela mentira.

Mas Camilla... não era tão fácil afastar-se dela como devia. Tudo o que ela sabia, o quanto se tinha envolvido no jogo, ainda estava por apurar. O Inveja queria tirar conclusões precipitadas, pensar nela como pensava no resto da sua deplorável família. Mas ele não sentira nenhuma duplicidade nela. Ela recusara-se a pintar o Trono Amaldiçoado.

Recusara-o uma e outra vez. Teria sido parte da sua estratégia ou algo genuíno?

– Sangue dos Deuses.

Aquilo era o que acontecia quando alguém misturava prazer com o que deveriam ser apenas negócios. O Inveja não sabia dizer se o seu sentimentalismo, se a sua maldita *afeição* pela artista, lhe havia afetado o discernimento. Se o fizera procurar o bem onde ele não existia.

Camilla era Unseelie. Filha do rei e da rainha dos *fae* das trevas. Mesmo quando a sua magia estava limitada, possuía a capacidade de pintar novos mundos. Não tinha como saber a extensão do seu poder, agora que Lennox obliterara o seu encantamento de disfarce e que ela recuperara toda a sua magia.

O Inveja resfolegou. Não era de admirar que ela estivesse tão confiante na noite em que o tentara a massajá-la. Sabia que ele não encontraria uma marca de encantamento sob os seus cabelos.

Teria o seu objetivo final sido recuperar a sua verdadeira forma? Teria finalmente concordado em ajudar o Inveja para poder recuperar todo o seu poder? Seria tentador e compreensível.

Talvez ele tivesse sido um meio para atingir um fim.

Uma fantasia passageira.

O pensamento irritou-o. Durante séculos, tinha sido ele a deixar as amantes sedentas de mais. Agora, a situação não só se tinha invertido, como também se virara contra ele.

Mas... a sua luxúria, a sua paixão, não tinham sido falsas. Ele sentira o quanto ela o desejava, sabia que não tinha nada que ver com qualquer tipo de vingança contra a sua família. Isso era real.

Era também parte da sua verdadeira natureza.

– Foda-se. – Passou uma mão pelo cabelo.

Não tinha a certeza se ela era sua inimiga ou não. Mas o *pai* dela...

O Inveja enfiou o punho na parede, depois puxou-o para fora, vendo a ferida sangrar antes de se fechar lentamente.

Lennox era um mestre em gerar o caos, alimentava-se dele e da paixão que despertava naqueles que se transformavam no menor denominador comum quando provocados.

O Inveja recusava-se a entrar numa espiral de emoções. Não alimentaria a magia daquele cabrão ali.

Sentou-se na beira da cama, forçando a sua mente a acalmar-se, a pensar com clareza. Tratava-se apenas de mais um *puzzle* para resolver. E ele já tinha uma boa parte das peças. Se retirasse toda a emoção do caso, deveria ser capaz de juntar tudo com precisão.

– Factos – lembrou-se a si próprio. – Enumerar os factos.

Lennox era o pai biológico de Camilla. Mas ela não lhe chamara pai. O Inveja vira o amor que ela nutria por Pierre quando falava dele, o orgulho no seu estúdio e nas suas passagens e entradas secretas. Vira a mágoa quando ela recordara a sua morte. Não lhe parecia haver ali uma mentira.

O Inveja começou a pensar que o facto de Lennox a ter incluído não tinha tanto que ver com uma provocação ao Inveja, mas sim com uma tentativa de atrair Camilla de volta à Corte Selvagem. Ela era uma das quatro herdeiras Unseelie; talvez o pai quisesse que ela governasse uma das cortes mais pequenas. Ou talvez estivesse apenas zangado por a mãe dela lhe ter roubado a bugiganga e a quisesse de volta.

– Não é a minha corte. Não é problema meu – murmurou o Inveja.

Estava a *mentir* a si mesmo.

Camilla devia saber. Devia ter percebido o que o pai queria realmente. Mesmo assim, continuara a ajudar o Inveja, fora até ao reino dos *fae*, sabendo o que a esperava, sabendo o quanto o Inveja odiava a realeza Unseelie.

Embora não o tivesse feito por pura bondade, como ele acabara de descobrir. O Trono Amaldiçoado roubara-lhe o talento, impelindo-a a seguir o jogo até ao fim. Um pormenor que Camilla não partilhara. Mais um membro da realeza Unseelie a fazê-lo de parvo.

Pelo diabo! Ele fodera uma princesa Unseelie no seu trono.

Uma inimiga declarada, odiada acima de tudo, *possuía-o* na sua corte.

E o Inveja gostara. Isso era o que mais o incomodava. Nem sequer podia fingir que não tinha pensado em desistir de tudo, em condenar todo o seu círculo, porque se deixara viciar por aquela mulher inteligente e maravilhosa que o enfrentara vezes sem conta.

Não era de admirar que a sua paixão fosse interminável. Era a sua natureza, procurar emoções maiores, alimentar o seu próprio poder.

Mas isso não era bem verdade.

A lógica dizia-lhe que aquilo que haviam partilhado era real. E a dor que ele sentia... isso também era real.

Uma batida suave fez com que ele abrisse a porta, pronto para beijar ou matar...

– Wolf.

Os olhos do *fae* brilharam sombriamente.

– Estavas à espera de mais alguém?

– Desaparece daqui.

Wolf cruzou os braços e olhou para o Inveja de nariz empinado. O olhar era de pura arrogância *fae*.

O Inveja pensou em dar-lhe um murro na cara, para sentir o esmagar satisfatório do osso.

– Não gosto de ti – disse Wolf simplesmente. O Inveja lançou-lhe um olhar sombrio. – Gosto da Camilla. Gosto do coração dela. Da sua criatividade. E adoro aquele som que ela faz mesmo antes de se vir.

O maxilar do Inveja contraiu-se, o punho cerrou-se ao lado do corpo. Se atacasse Wolf, Lennox poderia adiar a entrega do seu prémio.

A sua corte. Agora, tinha de pensar apenas em salvar a sua corte.

– Desembucha, Wolf.

– Eu desejo-a. E vou atrás do que quero. Com gana. – O olhar de Wolf inflamou-se. – Mas ela parece desejar-te a ti. Pessoalmente, acho que lhe há de passar. Em tempos, ela também gostou de mim. Quando te fores embora, eu ainda estarei aqui. A confortá-la.

O Inveja iniciou uma contagem decrescente silenciosa. Concentrou-se nos seus imponentes demónios. Na monstruosidade da sua corte. Na sensação de ter o sangue de Wolf derramado no seu punho.

– E quando ela quiser, estarei de volta à cama dela. A dar-lhe prazer.

O Inveja ia bater com a porta na cara do *fae*, mas Wolf empurrou a bota pela soleira, impedindo-o de o fazer. No entanto, ouviu-se um estalido satisfatório.

– Queres que organize um desfile? – perguntou o Inveja.

– Quando saíres desta corte – disse Wolf –, quero que penses no que estás a deixar para trás. Em quem. E depois quero que te lembres de que há outros muito menos imbecis, que não se irão simplesmente afastar quando as coisas se tornarem difíceis e deixarem de ser um conto de fadas perfeito.

– Mais alguma palavra de sabedoria?

– Se fizeres mal à minha princesa – rosnou Wolf calmamente –, dou cabo de ti, demónio.

– A *tua* princesa? – O pecado do Inveja acendeu-se. – A Camilla nunca será nada teu, *fae*.

– Ah, mas eu serei sempre o seu primeiro. – A expressão de Wolf tornou-se trocista. – E agora o pai dela quer-nos juntos outra vez. Quem sou eu para contrariar o rei? Ele sugeriu que eu a acompanhasse até à corte, e depois a tomasse à frente deles. Para a lembrar de como nos costumávamos divertir.

Uma fina camada de gelo percorreu o quarto, cobrindo a mobília, o teto, as paredes. O ponteiro interno do Inveja estava a desviar-se da traição e a aterrar convictamente na zona do desejo de destruir qualquer um que ameaçasse Camilla.

– O que achais disso, Vossa Alteza? Devo recordar-lhe como foi? Devo apagar qualquer vestígio da vossa mácula demoníaca na pele dela? – Wolf inclinou a cabeça, semicerrando os olhos. – Achas que agora, que está livre, vai foder com mais ferocidade? – sibilou. – Dois Unseelie, juntos... não consegues sequer imaginar a intensidade. A paixão alimenta-se num círculo vicioso. Mal posso esperar

por voltar a encher aquela linda boquinha quando eu me vier.

Wolf estava a provocá-lo. O Inveja sabia-o. E estava-se nas tintas.

O Inveja avançou um passo em direção ao Unseelie, permitindo que todas as coisas tenebrosas que faziam dele um príncipe do Inferno se libertassem dentro de si.

– O lugar da Camilla é *comigo*.

Wolf sorriu.

– Então sugiro que te deixes de merdas e vás atrás dela. O Lennox irá mandar chamá-la em breve. Se fosse a ti, arranjava um plano antes disso. O rei não é bondoso para com os mortais, e a Camilla tem um comportamento muito mais humano do que *fae*. – Toda a diversão desapareceu do rosto de Wolf. – E a minha mensagem original mantém-se, demónio. Se a magoares, farei com que te arrependas. – Ele voltou para o corredor. – Agora vinde, Vossa Alteza. Eu levo-vos até ela.

O Inveja debateu-se com a indecisão, no seu íntimo.

Não queria que nada acontecesse a Camilla, mas não estava pronto para a ver. O Inveja nunca tinha sido o herói de ninguém. Não sabia como o ser.

Wolf olhou para ele, uma expressão de desdém a formar-se no seu rosto.

– Não a mereces.

– Nunca disse que a merecia.

Wolf ficou em silêncio, por um momento, e depois disse:

– Talvez me tenha esquecido de mencionar... O Lennox convocou a tua presença. Espera-te na corte daqui a trinta minutos.

Sem olhar para trás, o Unseelie afastou-se, abanando a cabeça.



Camilla olhou para o seu reflexo no espelho, ao mesmo tempo estranho e familiar.

O seu rosto estava praticamente inalterado. Quando muito, os seus olhos estavam um pouco mais metálicos, a prata polida até ao brilho. O seu cabelo resplandecia com uma luminosidade que não possuía antes, como o luar numa noite fria de inverno.

As suas orelhas... não havia como negar o que ela era, não havia como esconder. Qualquer noção que pudesse ter abrigado sobre voltar para Waverly Green havia desaparecido agora.

Não que ela ainda quisesse voltar. Depois de ter vivenciado os Sete Círculos e até os terrores da Ilha da Malícia, Camilla havia visto a amplitude do mundo. A ideia de regressar a Waverly Green sem a sua família, sem... alguém... já não lhe agradava.

Mas queria *Bunny*. Precisava de voltar e recuperar a sua querida gata.

E despedir-se adequadamente de Kitty, também.

Tocou nas pontas macias das suas orelhas alongadas, agora estranhas para ela. A escolha de viver sob um

encantamento não tinha sido de Camilla.

Na verdade, pouca coisa na sua vida o fora. Era uma criança quando tudo o que lhe era familiar lhe fora subitamente arrancado. A sua casa, a sua família, o seu reino. Numa noite era uma grande princesa da Corte Selvagem, na outra era uma criança mortal sem magia em Waverly Green.

A sua mãe, Prim Róis Fleur, raptara-a da Corte Selvagem por motivos que ela provavelmente nunca compreenderia por completo. Desde então, Lennox tentava fazê-la voltar. Queria que ela assumisse o seu trono.

Para Camilla, aquele fora um dos piores jogos que os seus pais alguma vez tinham jogado.

Mas havia uma peça que ainda não encaixava: por que razão tinha Prim Róis roubado o medalhão e depois o deixara com Camilla? E por que razão teria Lennox despendido tanto esforço para o recuperar?

Mais quebra-cabeças, mais enigmas, mais enganos. Assim era a sua família.

Mas nem tudo fora mentira. A sua mãe afeiçoara-se a Pierre.

Até usara o seu verdadeiro nome do meio, oferecendo-lhe alguma honestidade.

Não precisara de muita magia para convencer Pierre de que a criança era dele – dera-lhe falsas memórias, da sua gravidez, dos primeiros anos de vida de Camilla. De ele a ensinar Camilla a segurar um pincel entre os dedos.

Tudo mentiras, pequenos e bonitos encantamentos.

Mas Camilla amara-o verdadeiramente. Ficar em Waverly Green, gerir a galeria de Pierre – essa fora por fim a escolha de Camilla. Com o seu pai humano, Camilla aprendera o poder do amor. E que o medo nunca poderia competir com ele.

Contudo, perguntava-se se o seu pai mortal teria sabido. Se havia uma parte dele que conseguia ver além de Prim Róis e da sua magia *fae*. Temia que fosse esse o motivo que o levava à sua obsessão e loucura.

Mas talvez também tivesse sido o que levava Pierre a encher-lhe a cabeça de contos de fadas. Fora ele quem a avisara dos *fae* e dos seus acordos. Ensinara-lhe sobre o príncipe-vampiro. E sobre os sete Príncipes do Inferno.

Camilla não acreditava em coincidências.

Os seus dedos voltaram a roçar a curva suave das suas orelhas. Teria o seu pai mortal odiado o seu aspeto?

Não. Ele amá-la-ia na mesma. O amor de Pierre era incondicional, sem jogos nem amarras.

Deixou cair as mãos no colo.

O Inveja não era Pierre. Agora que a sua verdade tinha sido revelada, não se interessaria por ela.

– Princesa? – chamou Wolf do lado de fora da porta. – Estás indecente?

O tom dele tinha uma nota de provocação, e talvez um pouco de esperança. Esperaria por ela.

Fora o que lhe dissera quando a acompanhara ao quarto. E isso devia confortá-la, saber que não estaria sozinha. O Inveja apenas seria dela por uma noite. E isso era ainda mais evidente agora do que antes da revelação do seu engano.

– Princesa? Estás a fazer-me pensar em coisas verdadeiramente obscenas.

Camilla conseguiu por fim esboçar um sorriso, o primeiro desde que ali chegara.

– Entra.

Ele esgueirou-se para os aposentos dela e olhou-a com apreço.

– Ousada.

– Tentei.

Camilla sabia que ele não se referia ao corte do vestido, que formava um «V» profundo até ao umbigo, tanto à frente como atrás.

Camilla escolhera o tom mais escuro de verde no guarda-roupa que encontrara nos seus aposentos. Podia não ter importância, mas, mesmo que o Inveja não estivesse lá para o ver, ela queria que a Corte Selvagem soubesse que nem tudo tinha sido uma mentira.

O seu pai, no entanto, não ficaria satisfeito.

Ela presumiu que ele iria odiar ainda mais o anel de esmeraldas com um diamante que ela havia pendurado num colar, para que pousasse sobre o seu coração.

O olhar de Wolf deteve-se nas esmeraldas.

– Ele é um idiota.

– Ele está magoado – defendeu Camilla. – Devia ter-lhe dito quem era.

Wolf resfolegou.

– Oh, tenho a certeza de que ele foi um verdadeiro poço de honestidade contigo.

– Não respondo pelas ações de ninguém a não ser pelas minhas. – Camilla expirou. – O meu pai humano ensinou-me a fazer melhor. Tive medo. Primeiro, deixei que o medo de perder o meu talento para sempre governasse as minhas ações. Depois, à medida que me fui aproximando do Inveja, receei a sua reação à minha verdade. Ele odeia a realeza Unseelie.

– Repito, ele é um idiota.

– Imagino que não estejas aqui para discutir a minha vida amorosa – disse ela, sorrindo debilmente. – O rei mandou chamar-me?

Wolf assentiu lentamente com a cabeça, o seu olhar percorrendo os aposentos privados.

As janelas ocupavam três das quatro paredes, e o teto também era de vidro, permitindo que o luar caísse em cascata como uma queda-d'água prateada.

Quando a atenção dele voltou para ela, parecia inseguro.

– Alinha no jogo do teu pai, Camilla. Ou as coisas irão correr muito mal esta noite.

Ela já alinhara o suficiente nos jogos de Lennox, mas fez que sim com a cabeça para não dizer a mentira em voz alta.

Wolf observou-a, franzindo os lábios, e depois acompanhou-a à corte.



– Ótimo. – Lennox olhou de relance para Camilla, o seu olhar estreitando-se no seu vestido. Não lhe escapou o «Foda-se a tua corte e os teus jogos» implícito na sua escolha de cor. – Chegaste mesmo a tempo. – Fez sinal aos guardas que o acompanhavam. – Tragam-na aqui. Estou pronto para começar.

Todos, exceto o novo chefe da guarda, se dirigiram para ela. Esse ficou para trás, a agarrar um objeto por baixo de um pano de veludo, certamente algo desagradável com que a ameaçar se ela não fizesse o que o pai lhe dissesse.

Sentiu Wolf contrair-se ao seu lado, mas não se atreveu a olhar na sua direção. O pai estava a observar todos os seus movimentos, com um olhar astuto que dizia muito. Camilla não deixou de reparar que não havia mais ninguém no Pátio Crescente. Um pormenor peculiar. Quando era pequena, a sala, em forma de lua crescente, estava sempre cheia de *fae*.

Agora estava calma. Silenciosa, exceto pelo punhado de

guardas, Camilla, Wolf e o rei Unseelie. Talvez ainda estivessem todos a divertir-se lá fora, no terraço. Aquilo não lhe parecia normal...

Voltou a olhar em redor, a sua inquietação aumentando.

O chão prateado tinha sido concebido para refletir o luar que entrava pelo teto de vidro, mas por alguma razão o pai mandara cobrir o teto.

Outra sensação sinistra e agourenta corroeu-a de preocupação.

A Corte Selvagem venerava a Lua, banhava-se na sua luz, celebrava-a. O facto de o pai ter encoberto a sua magia... não era um bom presságio para ela.

Deixou que os guardas a levassem até ao trono do pai. Perto da base do estrado havia um cavalete e uma pequena mesa de madeira, com uma estranha variedade de materiais de arte.

Um pincel, carvão, tinta prateada. Preto, dourado e cores *fae* iridescentes não disponíveis no mundo mortal. As cores *fae* atraíram o seu olhar, fizeram-na aproximar-se, apesar da sensação de trepidação que a invadiu.

– Vais pintar a chave e o medalhão juntos.

Lennox segurava a chave de portal numa mão e o medalhão de prata na outra.

O coração de Camilla acelerou. Pierre tornara-se obcecado por aquela chave de portal. Parecia uma chave mestra normal, com uma esmeralda na pega, mas para ela tornara-se muito mais. Queria roubá-la de volta, abraçá-la contra o peito e prometer ao seu pai mortal que nunca mais a perderia de vista.

– Camilla. – A voz de Lennox estava cheia de desaprovação. – Pensei que a adoração mortal tivesse sido uma encenação há bocado. Diz-me que na verdade não sentes nada por aquele bichinho de estimação com que a

tua mãe brincava.

A advertência de Wolf ecoou-lhe na mente. «Alinha no jogo do teu pai.» Camilla mordeu o interior da bochecha, impedindo-se de reagir ao rei.

Em vez disso, ficou a olhar para a chave de portal e para o medalhão, tentando perceber porque é que ele os queria pintados juntos. Que plano nefasto é que ele tinha agora? Perguntar-lhe sem rodeios apenas o iria enfurecer – as ordens do rei Unseelie deviam ser cumpridas com submissão.

Ainda assim...

– Como pretendes que sejam pintados juntos? – perguntou ela, a questão suficientemente inocente.

O cabelo de Lennox mudou de prateado para branco e para preto, o seu humor alterando-se rapidamente.

– Uma corrente, uma corda, uma fita de seda – disse ele, encolhendo os ombros. – O teu talento irá guiar-te. Tudo o que importa é que os dois estejam ligados.

Camilla sabia, pois, exatamente o que não iria pintar. Mas a sua rebeldia... Engoliu com força, depois pegou no pincel, e o seu olhar desviou-se mais uma vez para as cores cintilantes e etéreas dos *fae*. Uma delas – lavanda, azul, prateado, ondulando em ondas iridescentes – era magia em forma líquida. Mergulhou a ponta do pincel nela, e depois aceitou a chave de portal e o medalhão, pousando-os na pequena mesa de madeira, um em cima do outro, o seu coração subitamente acelerado.

– Oh, mais uma coisa. – A voz de Lennox era uma adaga embebida em veneno, imobilizando-a no lugar. – Se não fizeres o que te mandei, destruirei isto. – Fez sinal ao chefe da sua guarda, que revelou o que estivera a segurar. Servia para a torturar, sem dúvida. Exceto que não a iria simplesmente magoar. Destruiria a corte do Inveja.

Ali, nas mãos do guarda, estava o que devia ser o Cálice da Memória. A taça estava coberta de runas, com a magia entorpecida, mas à espera.

Camilla engoliu o súbito nó na garganta. O pai ainda não deixara o Inveja partir. Ainda não acabara o jogo. Não importava que ela não quisesse unir a chave de portal e o medalhão, não podia voltar a fazer mal ao Inveja ou à sua corte.

Lennox observou-a atentamente, com o canto da boca virado para cima. Adorava quando o seu plano se desenrolava na perfeição, apostara que ela iria obedecer.

E o pior era que ele estava certo.

Em desvantagem, encurralada e sem escolha, Camilla mergulhou naquele poço de magia, o talento que provinha de outros mundos, tal como ela.

Fechou os olhos, deixando que a sua musa assumisse o controlo, para lhe mostrar como o objeto desejava ser vinculado. Correntes finas da cor dos *fae* entrelaçaram-se à volta da chave e do medalhão.

Entregando-se totalmente ao seu talento, Camilla pintou cada fio com a cor mágica, chegando mesmo a acrescentar pequenas gotas, como o orvalho numa teia de aranha. A chave de portal fundiu-se lentamente com o medalhão, a prata liquefazendo-se e infiltrando-se até que os dois objetos se fundiram num só.

Não era uma pintura, mas um novo objeto tangível.

Uma verdade chocante e horrível libertou-se, atirando Camilla para trás numa explosão de magia. O seu corpo voou vários metros pela sala do trono antes de se despenhar e cair, e a sua cabeça embateu numas barras de metal.

Mal conseguia ver; ainda estava meio perdida naquele estranho poder. Da última vez, o Inveja estivera lá,

abanando-a de volta à realidade. Agora, estava por conta própria.

E o que tinha visto...

– Um objeto amaldiçoado. – Foi tudo o que conseguiu sussurrar. Sozinhos, não passavam de uma chave de portal e do seu medalhão. Juntos, tornaram-se algo mais, algo diferente.

Camilla ordenou a si própria que se concentrasse, que encontrasse a sua realidade. Um metal frio pressionou-lhe as palmas das mãos.

Não. *Ela* é que estava estendida num chão de metal. O chão do Pátio Crescente não era de metal.

Pestanejou, tentando forçar-se a voltar para o momento presente. Um estrondo ressoou, atraindo a sua atenção para cima.

– Não. – A sua voz tremeu.

Ele prendera-a numa gaiola. E pendurara-a muito acima da sala do trono, onde a gaiola balançava perigosamente com cada um dos seus movimentos.

Era uma ótima prisão. O simulacro de uma cela.

– Deixa-me sair.

Lennox não se deu ao trabalho de olhar para ela; foi até onde ela tinha deixado a chave, pegou nela e virou-a.

– Fazes alguma ideia do poder que isto tem agora? – perguntou ele.

Nada que fosse bom, claramente.

As mãos de Camilla agarraram-se às barras de metal, o ferro queimando-as. Retirou-as, depois voltou a tentar, abanando a porta. Por ter feito o que lhe tinha mandado, o pai aprisionara-a em ferro. Era incompreensível.

– Não me podes prender numa gaiola.

Lennox lançou-lhe um olhar cheio de pena.

– Acabei de o fazer.

– Porquê? – perguntou ela, sem se importar com o facto de não dever questionar o rei. – Eu fiz o que me pediste!

O cabelo do rei tornou-se preto e os seus olhos cintilaram em branco.

– Foi isso que eu fiz... *pedi-te*? Como um bom amigo mortal. Um pai humano e carinhoso. Ou será que o teu *rei* te deu uma ordem? Uma ordem que terias recusado se eu não te tivesse dado uma *razão* para não o fazeres?

Ele avançou para ela, o seu olhar feroz e desprovido de qualquer pretensão de civilidade.

– Enganas-te quanto ao teu lugar na minha corte, filha. Foste convidada a voltar para casa. *Duas vezes*. Primeiro com uma pessoa amiga que enviei atrás de ti, para o caso de precisares de alguém da nossa espécie. Depois, enviei o Wolf, para o caso de precisares de um companheiro. Escolheste ficar naquela latrina mortal, a rebaixar-te. A fingir que eras humana.

A raiva soltou-lhe a língua.

– Não fui eu que escolhi partir. Ou já te esqueceste do teu joguinho com a mãe? Transformaste-me numa daquelas crianças trocadas. Depois condenaste-me por ter escolhido ficar, sendo que eu não passava de mais uma peça do jogo. Eu jamais teria deixado a Corte Selvagem.

– A rainha roubou-te – disparou Lennox. – Devias ter provado a tua lealdade à nossa corte quando te chamei pela primeira vez.

– A minha lealdade? Parece que não passo de um peãozinho, que se move no tabuleiro de acordo com os teus caprichos.

O sorriso de Lennox era feito de pesadelos. Ele ergueu a chave.

– Esta é a chave de Silverthorne, peãozinho. Sabes o que faz?

Camilla sentiu-se como se tivesse levado uma pancada. Abanou lentamente a cabeça, com uma terrível percepção a despontar. As peças do *puzzle* encaixaram no lugar. A obsessão de Pierre com a chave de portal, com a necessidade de a manter em Waverly Green. O medalhão que a mãe lhe dissera para nunca largar.

Silverthorne Lane. O mercado negro em Waverly Green. O lugar onde os *fae* solitários e os exilados Unseelie negociavam com os mortais.

De alguma forma, a chave e o mercado negro estavam ligados. E se o medo crescente de Camilla estivesse correto, então o mais provável era que tivesse criado uma ligação direta entre o mundo mortal e aquela corte.

– Não.

O olhar de Lennox voltou a tornar-se cor de ébano, o seu cabelo retomou a sua divina cabeleira branco-prateada.

– Vejo que compreendes na perfeição. Silverthorne Lane é uma linha de domínio. Esta chave? Abre essa porta e conduz diretamente... – Ele caminhou até um espelho prateado encostado à parede, grande, amplo. Grande o suficiente para que até o humano mais alto o pudesse atravessar. – Aqui.

Lennox espetou a chave bem no centro do espelho, o vidro ondulando como líquido enquanto ele torcia o objeto amaldiçoado. Camilla ficou a olhar, presa na sua gaiola, enquanto o espelho tremeluzia. Sombra e luz, luz e sombra. As imagens passavam por ele, demasiado rápidas para serem vistas com clareza; depois vieram os sons. Pássaros, pessoas, carruagens... os sons das ruas movimentadas de Waverly Green.

– Não – repetiu Camilla, abanando a gaiola. O ferro queimava, a dor intensificava-se nos seus ossos. – Por favor. Deixa-os.

Lennox olhou por cima do ombro, a sua expressão de um enorme prazer.

– Um por um, peãozinho, atrairei todos os habitantes daquela cidade para cá. Precisamos de novas diversões na Corte Selvagem. E, assim que Waverly Green cair, passaremos para a próxima. Agora, silêncio.

Ele inclinou a cabeça, depois passou a mão sobre a roupa, fazendo surgir, por magia, um novo fato perante ela. Se Camilla não soubesse o quão sombrio e perverso ele era, Lennox teria parecido um príncipe de um conto de fadas. Só que este príncipe era um rei cruel, e este rei cruel não estava interessado em roubar corações – queria destruir almas. Irradiando uma falsa bondade, ele voltou-se para o espelho enquanto os primeiros mortais passavam, de olhos brilhantes e sonhadores.

A viúva Janelle, os Lords Harrington e Walters, e vários outros frequentadores habituais do círculo de Vexley entraram na sala do trono.

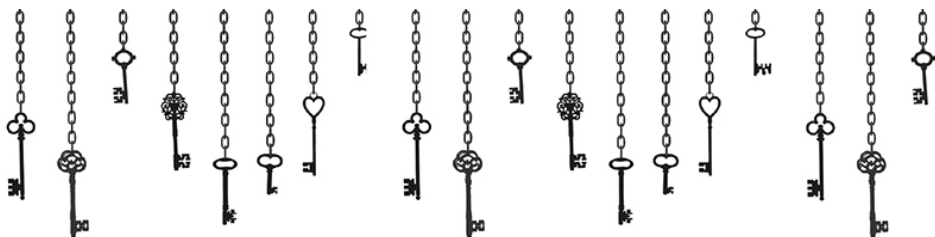
Camilla levou a mão à boca, reprimindo um grito. Conhecia aqueles humanos. Fora a festas e convívios com eles.

E eles não mereciam o destino que os esperava ali.

Os seus olhares percorreram a sala e depois detiveram-se nela, nas suas orelhas *fae*.

Camilla olhou para eles e gritou:

– *Fujam!*



As coisas tinham mudado no interior da Corte Selvagem desde a última vez que o Inveja lá fora a uma *soirée*, havia mais de um século.

E não tinham mudado para melhor.

As festas Unseelie costumavam ser eventos deliciosos e pecaminosos. O vinho corria livremente, os amantes juntavam-se para uma noite de diversão, e o rei e a rainha governavam tudo com uma alegria sombria. A arte e a paixão eram celebradas acima de tudo. E quando a Lua estava cheia, melhor ainda.

Toda a corte Unseelie fora criada como uma ode à Lua, todos os aposentos concebidos para refletir as suas fases variáveis. A maior parte do telhado do castelo era feita de vidro, permitindo que o luar banhasse quem passeava pelos andares inferiores. Os móveis eram prateados e azuis cor da meia-noite, e com veludos pretos felpudos. Pequenas bolas de vidro das fadas pairavam nas salas e nos corredores, para que os convidados se sentissem como se estivessem a caminhar entre as estrelas.

Era etéreo, grandioso, de outro mundo, de um modo que tanto seduzia como relaxava. Todos os sentidos eram

alimentados pela sua beleza, e o vinho era... alucinante. Viciante. Os sabores eram ricos e luxuriantes, destinados a serem apreciados. Picante, agri-doce e encorpado.

O vinho de bagas demoníacas aproximava-se, mas nada tinha o sabor do vinho de Faerie. Revelava todas as facetas divertidas e apaixonadas de uma pessoa e ampliava-as, dando-lhe confiança para dançar, cantar, foder e criar o que quer que as suas paixões mais íntimas exigissem. Desde que os convidados fossem adultos e consentissem, a Corte Selvagem tornava-se a fantasia de cada um.

Naquela época, todos queriam um convite para a Corte Selvagem. Desde os Príncipes do Inferno até às bruxas e aos normalmente estoicos metamorfos. O Luxúria até invejava os *fae* das trevas pelas suas indulgências de lua cheia, honrando os céus de onde retiravam o seu poder.

Não era essa a Corte Selvagem que o Inveja via agora.

Entrou no Pátio Crescente, que outrora tinha sido a mais bela de todas aquelas áreas. Agora era escura, e não apenas porque o teto fora pintado de preto. Havia tochas a arder à volta da sala, o fogo lambia fortemente o ar.

Lá em cima, os convidados tinham sido engaiolados, como gado à espera de ser abatido. Os *fae* chifrudos revezavam-se a provocá-los, enfiando espetos num fogo próximo até que o metal brilhasse num tom carmesim e depois gritavam juntamente com os humanos, cuja carne ardia e ficava marcada.

O cheiro adocicado e enjoativo a carne queimada pairava pelo castelo, o fumo fez arder os olhos do Inveja. E esse não era o pior dos horrores e da depravação em exibição.

Os humanos já escolhidos dos seus currais estavam amarrados a mesas, a sua carne a ser cortada dos ossos enquanto ainda estavam vivos. Mesmo para um príncipe do

Inferno, aquilo era horrível. Depois, o Inveja parou, reconhecendo o Lord Harrington.

Gritava enquanto lhe rasgavam a carne, tira a tira.

A bÍlis subiu à garganta do Inveja, queimando tanto quanto a raiva que sufocou.

Lennox fora um rei malicioso, que se regozijava com a sua crueldade, mas aquilo era mais do que depravado. Mais do que cruel.

Wolf aproximou-se do Inveja, com um *cocktail* escuro a fumar numa das mãos.

O Inveja estaria disposto a pagar uma boa quantia para mandar o maldito *fae* para longe de si.

– Bem-vindo à nova Corte Selvagem. – Wolf bebeu um gole da sua bebida, com a atenção voltada para uma fada próxima cujas asas tinham sido incendiadas. – Lar da fêmea que te recusas a reclamar. – Wolf bebeu o resto do seu *cocktail*, depois atirou o copo contra a parede, sorrindo enquanto um cortesão o insultava. – Se achas que o Lennox a vai tratar de forma diferente só porque a quis de volta, és realmente um idiota de merda. – Ele girou, fazendo uma reverência ridícula. – Vossa Alteza.

– Ela é *fae*.

– Achas que ele se importa? – perguntou Wolf calmamente. – O Lennox queria o colar em primeiro lugar. A Camilla em segundo. E só porque a Prim Róis a raptou. Achas que ele será bondoso com a filha que se recusou a voltar para casa? Olhai em volta, Vossa Alteza, parece-vos que o Lennox gosta de mortais? Que apreciaria que uma das suas herdeiras o desafiasse por eles? Estiveste em Waverly Green algum tempo... notas alguma coisa familiar?

Um sentimento doentio apoderou-se do Inveja. Lennox escolhera como alvo a cidade que Camilla adorava.

– Há quanto tempo. – O Inveja não perguntou, apenas exigiu saber.

– Os mortais? – Wolf fez uma pausa. – Pensei que já tivesses percebido tudo.

– Tenho andado com muita coisa na cabeça – retorquiu o Inveja. Ainda não estava completamente curado da sua tortura. O seu poder precisava de ser reabastecido e ele tinha de sair daquela corte para salvar os seus demónios antes que não conseguisse escapar. – Está a tirá-los só de Waverly Green?

Wolf olhou em volta, baixando o tom de voz.

– Por enquanto.

– E como está a fazê-lo?

– Agora que trouxe a Camilla de volta, conseguiu abrir um portal novo. Unindo o medalhão dela a uma chave.

– A chave de portal. – A mente do Inveja rodopiou. O jogo nunca fora sobre ele. – O que é que o portal faz?

Wolf apontou para o cenário à volta deles.

– Permite ao Lennox entrar e sair do reino mortal sempre que lhe apetecer. Especificamente, do mercado negro. Aqueles humanos todos? – Voltou a examinar a sala. – São apenas o começo da nova corte de pesadelos do Lennox. Foi isto que ele trouxe esta noite, uma lição para a Camilla. Imagina daqui a uma semana, um mês. Estamos fora dos Sete Círculos, aqui. As nossas proteções são lendárias. Nem mesmo o teu rei pode invadir este território se o Lennox não o quiser.

– Isto tem de acabar. Os meus irmãos não o vão permitir.

– E tu, vais? – Wolf estudou-o por um longo momento. – É melhor não deixares o rei à espera.

Atrás de Wolf estalou uma luta, e o Inveja viu a máscara do seu interlocutor regressar. Com um semblante de prazer,

ele uivou e lançou-se na contenda, mordendo, rosnando e abrindo caminho a murros por entre a loucura crescente.

O Inveja observou, impassível, com os lutadores a darem-lhe espaço. Até os Unseelie mais raivosos sentiam a ameaça que irradiava dele.

A Corte Selvagem não era um problema que competisse ao Inveja resolver. Tinha a sua própria corte para consertar. No entanto... nem todos aqueles lhe eram estranhos. Eram humanos que ele conhecera, ainda que brevemente, enquanto estivera em Waverly Green. Tinham vindo à sua propriedade, tinham dançado no seu baile.

E aquela tortura ultrapassava qualquer diversão *fae*.

Não conseguia imaginar o que Camilla sentiria quando visse aquilo. Esperava que ela estivesse algures muito longe.

O Inveja avançou por entre a luta que já envolvia duas dúzias de *fae*, dirigindo-se para o trono. Wolf tinha razão numa coisa: Camilla era, em muitos aspetos, mais mortal do que *fae*.

Certamente que o rei não sujeitaria a sua própria filha a...

O Inveja nem chegou a terminar a questão a si mesmo antes de descobrir a resposta.

Os seus passos hesitaram quando contemplou a visão horrível ao lado do trono.

Ali, vestida com as cores do Inveja, estava pendurada a prova do que Wolf dissera sobre o rei Unseelie. Lennox faria Camilla pagar por o ter renegado.

Estava a fazê-la pagar.

O coração recém-regenerado do Inveja martelou dolorosamente, a sua vontade de proteger incitando-o a avançar. Mas tinha de planear cuidadosamente o seu próximo passo.

Aquela cena podia ter sido concebida para se aproveitar da reação do Inveja ao ver Camilla presa numa gaiola a quatro metros do chão.

Ou então podia ser apenas um castigo que o rei Unseelie infligia a uma filha desobediente. Talvez esta fosse a sua forma de quebrar a determinação de Camilla.

No que tocava a Lennox e às suas manipulações, nada surpreenderia o Inveja. Analisou a prisão dela, notando, com horror, que era muito pior do que pensara à primeira vista.

A gaiola estava pendurada por cima de uma fogueira, as chamas lambiam avidamente o chão de metal, aquecendo-o até ficar com uma furiosa tonalidade vermelho-alaranjada. Lá dentro, Camilla estava acorrentada por algemas de ferro ao poste central da gaiola.

O Inveja olhou para os vergões que se formavam na sua pele, para o fumo que se espalhava em torno dos seus sapatos. O chão de metal devia estar insuportavelmente quente, mas Camilla olhava para fora em tom de desafio, os olhos prateados brilhando como estrelas, o maxilar cerrado. Como se se recusasse a deixar cair uma lágrima que fosse, a manifestar um pingo de dor, por despeito ao pai.

O Inveja parou, compreendendo todo o alcance do que Lennox fizera. Ao contrário de um humano que eventualmente sucumbiria à tortura, a imortalidade de Camilla não lhe permitiria morrer. Ela seria torturada todas as noites, repetidamente, até que o rei se cansasse e encontrasse um novo jogo com que se entreter.

Quantos dos conhecidos e amigos que ela fizera ao longo dos anos passariam por ela durante esse tempo? Tudo porque ela escolhera uma vida para si própria.

O Inveja estava agora diante do trono.

– Lennox.

A cabeça do rei Unseelie girou, os seus olhos escuros vidrados e desfocados. O caos e a luta alimentavam-lhe tanto o poder que estava inebriado por ele.

– É uma pena que não tenhas trazido mais mortais – murmurou o rei. – Aquela última divertiu-me. Muito. As coisas que ela gostava de fazer com a boca... bem, tenho a certeza de que te lembras.

O Inveja manteve a sua atenção em Lennox, certificando-se de que não olhava na direção de Camilla. A sua máscara cairia se o fizesse.

– Dá-me o cálice.

Lennox sentou-se de frente.

– Mas não é só isso que queres, pois não? Queres a minha filha.

Lennox estava a sondar, a testar. O Inveja ergueu um muro à volta das suas emoções.

– Já a tive. E não gosto de reincidências.

Um lado da boca de Lennox curvou-se para cima.

– Interessante.

Desviou a sua atenção para o local onde Camilla estava presa na gaiola – Lennox estava a tentar forçar o Inveja a seguir o seu olhar. Ele não o fez.

Lennox voltou a olhar para ele, com um ar entediado. O Inveja já não era a criatura mais divertida daquela sala.

– Talvez tu e eu sejamos mais parecidos do que pensávamos. Eu também acredito em regras. Uma vitória é uma vitória. Aqui está o teu prémio.

Eles não eram nada parecidos.

O rei ergueu o Cálice da Memória. O ouro reluziu sob o luar, as runas nítidas como tatuagens. A magia zumbia a partir dele, como o som de um diapasão que tivesse sido tocado, por pouco não se perdendo na cacofonia atrás

deles.

Lennox não se mexeu de onde estava sentado no trono, obrigando o Inveja a avançar dois passos até ele.

Sentiu o olhar de Camilla sobre ele, reconhecê-lo-ia em qualquer lado.

Não sucumbiu à tentação de enterrar a adaga da sua Casa no *fae*. Pelo menos, não para já.

O Inveja envolveu suavemente os seus dedos em torno do cálice, a magia flamejando quando reconheceu o seu dono. Demorara séculos, mas por fim seria capaz de salvar a sua corte. O Inveja agarrou-o com mais força e o rei Unseelie soltou-o, com aquele sorriso trocista ainda fixo no rosto.

– Parabéns, Vossa Alteza. – A voz de Lennox era sedosa, baixa. – Darei os vossos cumprimentos à minha filha. Bem, depois do espetáculo.

O Inveja não conseguiu evitar; olhou de relance para Camilla. A expressão dela era uma máscara de dor e arrependimento. Susteve o olhar do Inveja, como se estivesse a dizer um último adeus silencioso. Ela sabia o que ele queria.

E ele agora não podia perder mais tempo.

– A minha pombinha precisa de ser lembrada do que acontece quando foge da gaiola. A mãe dela jogou um jogo perigoso, quando a roubou. Tudo porque eu estava... como é que ela dizia? *A perder-me na depravação*. Como se a Prim Róis alguma vez tivesse feito outra coisa.

O batimento cardíaco do Inveja triplicou, a sua mente acelerou. Quando falou, o seu tom era de enfado.

– Nunca a mandaste embora.

– Claro que não. Ela é demasiado valiosa. Por que outra razão achas que aquela cabra da rainha a raptou? – Lennox levantou-se, com os olhos e o cabelo mais escuros. – Está

na hora de celebrarem a vossa princesa! – gritou ele à sua corte. – Quem quer brincar com ela na jaula?

Os Unseelie atrás deles entraram em erupção. Na sua excitação, rasgavam-se uns aos outros, com membros, asas e garras a voar. Queriam magoar a sua princesa. Vê-la arder.

Mais tarde, o Inveja culparia a influência da corte perversa, que lhe alimentava a magia. Diria que o cálice o tinha restaurado. Diria que o seu ódio por Lennox o fizera perder a cabeça. E seria mentira.

Quando o primeiro *fae* subiu para entrar na gaiola, rasgando o vestido de Camilla com as suas garras, o Inveja tornou-se o demónio que era.

Pensou em Camilla presa naquela gaiola por toda a eternidade, pensou nos *fae* a troçarem dela, a magoarem-na. E a magia que resistira a usar para libertar as suas asas, o poder que não tinha para gastar... estilhaçou-se contra a força total da libertação do seu pecado.

Sentiu a proteção em torno do seu círculo a quebrar. Sentiu as mentes dos seus demónios a escaparem-se-lhe das mãos. Sabia que tinha apenas alguns minutos, que teria de os aproveitar muito bem.

Depois teria de se ir embora.

Asas cor de esmeralda, escuras e brilhantes, brotaram de entre as suas omoplatas, as suas penas afiadas como navalhas, cortando os *fae* reunidos perto dele como se fossem punhais.

O sangue espalhou-se pelo chão prateado.

Não era nem de longe suficiente. Não era o sangue de Lennox.

As suas asas pulsavam com um poder implícito, os feitiços dos Pergaminhos de Éter tatuados em cada pena, inertes durante décadas, a ganharem vida. Chamavam por

ele, imploravam para que ele os usasse. Ofereceram-lhe um feitiço cruel para um rei ainda mais cruel. Mas primeiro ofereceram-lhe outra coisa.

Ele arrancou uma das suas penas e atirou-a rapidamente contra a jaula, a sua extremidade magicamente afiada rebentando com a porta, libertando Camilla.

Lennox soltou um uivo de raiva.

O Inveja virou-se para o rei, com um sorriso cruel a curvar-lhe a boca. Agora, segurava a adaga da sua Casa com uma mão e apontava-a diretamente ao coração do rei Unseelie.

– Entra na gaiola, Lennox.

O Inveja sabia que o rei não se iria submeter com facilidade. Ele escarneceu.

– Tu primeiro, demónio.

Lennox libertou a sua magia, envolvendo-os a todos num branco completo que lhes roubou temporariamente os sentidos da visão e da audição. Como uma nevasca feita de luar.

O Inveja apercebeu-se de que aquilo não era o fim. Um novo jogo acabara de começar. E este acabaria em morte.



A gaiola abriu-se de rompante, e o impacto da pena enfeitiçada quase fez Camilla tombar.

Uma luz branca como prata abateu-se sobre ela, como neve celestial, antes que ela recuperasse o equilíbrio. A magia da lua do seu pai.

Camilla pestanejou contra a luz ofuscante, sabendo que ele iria invocar a sua magia das sombras a seguir. A Lua era luz e escuridão, tal como o poder de Lennox. Agora, um mar de negrume sem fim percorria a sala.

Era a escuridão dos assassinos, dos atos nefastos.

Porém, um segundo depois, ele voltou ao luar mais brilhante. Lennox alternava entre os dois contrastes, um estroboscópio rápido da luz para a escuridão e vice-versa, que tornava difícil ver alguém a aproximar-se até que estivesse mesmo em cima. Ele era o Caos, e agora todos o sentiam.

O poder de Lennox tinha como objetivo desorientar as suas vítimas, e funcionava às mil maravilhas. Embora a maioria estivesse a fugir, tropeçando nos próprios pés e nos outros à medida que se empurravam e corriam para as saídas em cada canto.

O Inveja encontrava-se demasiado perto de Lennox quando este baixara o seu manto da noite. Camilla viu que ele ainda estava a cambalear.

Camilla recuperara mais depressa, saindo agilmente da jaula e atravessando a sala do trono. Um *fae* macho de grandes dimensões foi contra ela, atirando-a contra uma mesa onde estava amarrada uma humana.

– Por favor – disse a mulher. – Ajudem-me.

Camilla praguejou, incapaz de virar costas.

Agarrou nas cordas que prendiam os pulsos da humana, e os seus dedos deslizaram no sangue. Estava a tremer, a tentar apressar-se enquanto olhava para trás, para onde Lennox e o Inveja estavam lentamente a andar à volta um do outro, abaixo do trono.

Mesmo com os seus sentidos diminuídos, o Inveja era um predador que não seria facilmente derrubado.

Camilla moveu-se para os tornozelos da mulher e parou.

O luar e as sombras tremeluziam violentamente, mas conseguiu ver o suficiente para saber que a mulher não sairia daquela sala. As suas pernas tinham sido esquartejadas até ao osso, e os seus pés tinham desaparecido.

A b́ilis subiu-lhe rapidamente, mas ela engoliu-a, tentando manter o medo e o horror longe do seu rosto.

Voltou-se para a mulher, disposta a levantá-la e a levá-la para um lugar seguro, mas os olhos da mulher estavam vidrados, sem vida, fixos num ponto que se esperava ser muito melhor do que ali.

Camilla paralisou de tristeza por um momento, olhando em redor para o caos.

Aquela era a corte do seu pai. O seu pesadelo.

Os *fae* chocavam uns contra os outros, em pânico, tentando fugir. Ninguém queria ficar perto de Lennox

quando ele perdia a paciência e soltava a sua magia para se divertir.

Os mortais que tinham sido amarrados e atacados desmaiaram ou gritaram.

Camilla queria ajudar cada um deles a regressar pelo portal de Silverthorne Lane, de volta a Waverly Green. Depois, esmagaria a maldita chave amaldiçoada.

Um clarão cor de esmeralda chamou-lhe a atenção.

As asas do Inveja estavam abertas, golpeando como armas. Branco-prateado, preto e verde-esmeralda. As cores dos dois homens em luta esbatiam-se à medida que os seus poderes se defrontavam e esgrimiam.

Uma outra coisa captou a sua atenção... uma secreção dourada. O Inveja fora ferido.

– Não. – Ela ficou a olhar enquanto o pai mudava a cintilação do seu poder, prolongando o tempo entre a luz e a escuridão para poder mover-se sem ser visto.

O Inveja não devia ter recuperado totalmente do ataque de Vexley...

– As asas dele.

Ele tinha dito a Camilla que não dispunha de magia suficiente para invocar as suas asas, manter a proteção à volta do seu círculo e ajudar a sua corte.

– Oh, Deus.

O sangue de Camilla transformou-se em gelo. Ele usara a sua última reserva de poder. Para a salvar.

Não importava que ele estivesse furioso com os seus segredos. Não importava que ela fosse a carne e o sangue do seu inimigo.

O Inveja arriscara tudo aquilo por que lutara para garantir que ela ficaria a salvo. Camilla não podia deixar que ele arruinasse a sua corte por ela.

Lennox desferiu outro golpe devastador, lançando a sua

lâmina *fae* para baixo, rasgando a camisa do demónio. Mesmo com a luz estroboscópica, Camilla viu o Inveja estremecer.

Procurou uma arma, *qualquer* coisa, tudo o que pudesse usar contra o rei.

Não viera armada para o seu encontro. E, mesmo que tivesse vindo, Lennox ter-lhe-ia tirado o que quer que fosse quando a tinham aprisionado.

«Pensa...»

Não tinha força física suficiente para dominar o rei. Não o podia segurar enquanto o Inveja o apunhalava. Não podia restringir-lhe o poder nem usar o seu para o atordoar.

Tinha de haver... uma sensação de calma apoderou-se dela. Camilla era perigosa com ou sem uma arma.

Porque podia criar uma. Tudo o que precisava de fazer era chegar à tinta e ao pincel. Depois, invocaria uma arma suficientemente mortífera para matar um rei imortal.

Duas grandes mãos agarraram-na pela cintura e puxaram-na para trás. Ela debateu-se, invocando a magia com que matara Vexley.

– Calma. – A boca de Wolf encostou-se ao seu ouvido. – Estás a aproximar-te demasiado do meu apêndice favorito.

– Põe-me no chão.

Ele fê-lo, mas não a largou.

– Wolf – avisou ela.

Wolf afastou as mãos, mas permaneceu por perto.

Camilla não tinha tempo a perder. Com Wolf no seu encalço, abriu caminho por entre o caos e apanhou o pincel do chão. Percebendo o que ela estava a tentar fazer, Wolf agarrou num frasco de tinta intacto, empurrou-o para ela e depois apontou com o queixo para o canto atrás do trono. Ela lançou-lhe um olhar demorado. Wolf estava a cometer traição. Se falhassem, Lennox torturá-lo-ia. Devagar.

«Vai, princesa», articulou ele com os lábios, sem emitir um som.

Ela assentiu, depois olhou uma última vez para a luta furiosa.

O Inveja e Lennox mantinham-se a lutar, as suas lâminas brilhavam na escuridão e na luz como relâmpagos dos deuses.

Camilla afastou a luta deles da sua mente, correu para o canto e ajoelhou-se, forçando-se a mergulhar bem fundo naquele poço de poder, invocando uma imagem do que mais precisava. No início, havia apenas uma escuridão cintilante, sem formas ou figuras.

Depois, como o luar a ondular num lago, viu-a.

Uma espada arrojada e encurvada forjou o seu caminho na sua mente. A lâmina era graciosa, violenta. E a arma era feita do ferro que matava os *fae*.

Com a imagem da espada curva na sua mente, Camilla começou a pintá-la no chão prateado, o seu pincel voando para trás e para a frente, as pinceladas pesadas e leves, ousadas e finas. Esperou que estivesse a trabalhar depressa, que não tivesse sido transportada para outro reino.

O facto de estar *em* Faerie dava-lhe esperança de que se tivessem passado apenas alguns momentos.

Quando a espada já praticamente brilhava, Camilla estendeu a mão para o chão, arrancando a arma de onde jazia no éter. Silvou quando o ferro muito real lhe queimou as palmas das mãos, inscrevendo a forma do cabo na sua carne como uma marca.

Wolf recuou quando ela se levantou, de dentes cerrados para não gritar. Não que alguém fosse ouvir os seus gritos com o poder de Lennox mais forte do que nunca.

Uma série de raios lunares atraíram a sua atenção para o estrado. O Inveja estava no chão, o pai dela elevando-se

sobre ele. Camilla arquejou, mas depois as asas do príncipe-demónio dispararam na direção de Lennox, derrubando o rei.

Os dois lutavam no chão. O sangue espalhou-se por todo o lado.

Camilla deu um passo excruciante de cada vez, agarrada à espada, recusando-se a largá-la. Mesmo com a sua carne a arder e com o cheiro adocicado e enjoativo a percorrer a sala, forçou-se a ir até onde o pai estava a lutar.

Lennox estava a puxar o braço atrás, com a sua espada a pingar o icor do Inveja, pronto para acabar com a luta.

Camilla não pensou. Agiu.

Balançou a lâmina encurvada com toda a força e rapidez que conseguiu reunir, apontando para a parte de trás do joelho de Lennox. Ela sentiu o metal a morder a carne dele.

Com um rugido que rompeu o poder opressivo da magia Unseelie, o seu pai girou sobre a perna boa, de olhos a oscilar entre o preto e o branco. Uma expressão feroz ergueu-lhe o canto dos lábios.

Avançou para ela, com a espada a balançar.

Camilla manteve a sua posição, atacando de novo. Desta vez, o ferro atravessou-lhe o peito, abrindo uma ferida.

Por cima do ombro de Lennox, viu o Inveja a levantar-se. O demónio voltou a erguer-se, com as asas completamente abertas, e, quando Lennox içou a sua espada para atingir a filha, o Inveja espetou a sua lâmina diretamente no peito do rei Unseelie.

Logo de seguida, a luz cintilante e estroboscópica parou. O som voltou, caindo sobre eles como uma chuva de vidro.

Lennox ajoelhou-se, com sangue brilhante a espalhar-se pelos seus dentes enquanto tossia. Com uma mão sobre o peito em colapso, cuspiu o sangue para junto dos pés de

Camilla.

Em vez de rosnar para ela, o pai sorriu. Isso assustou-a mais do que se ele tivesse gritado.

– És minha filha, dos pés à cabeça.

Os olhos de Camilla arderam quando ela largou a arma, abanou a cabeça e ergueu as palmas das mãos queimadas.

De todas as coisas que imaginara que ele diria...

O Inveja arrastou a sua lâmina demoníaca pela garganta de Lennox, silenciando o pai de Camilla para sempre.

Ela ficou a olhar enquanto o rei Unseelie caía no chão, imóvel.

Uma guerra terrível instalou-se dentro dela. Não fora ela quem dera o golpe fatal, mas garantira que ele não venceria a luta. O seu próprio pai.

Uns dedos envolveram-lhe o pulso, apertando-o gentilmente.

– Inveja, lamento tan... – Ela virou-se, depois fechou a boca. O príncipe não lhe pegara na mão.

Wolf sorriu com tristeza.

– Lamento, princesa. Ele foi-se embora.

Foi como se um punho lhe tivesse agarrado o coração, comprimindo-o até ela se sentir zozza. Não podia ser verdade. Não depois do que tinham acabado de fazer. O seu olhar percorreu o espaço, à procura. Não viu nenhuma asa cor de esmeralda a elevarem-se sobre o caos. Nenhum punhal demoníaco a brilhar como a sua própria estrela sangrenta.

Wolf estava certo. O Inveja fora-se embora. Deixara-a.

Sentiu lágrimas a picarem-lhe os olhos, mas pestanejou até que desaparecessem. Por vezes, as ações falavam muito mais alto do que quaisquer palavras.

No final, o príncipe-demonio não a tinha perdoado. Agora que ganhara o jogo e matara o seu maior inimigo,

regressara a casa. Não devia doer tanto que ele tivesse feito precisamente o que sempre dissera que faria. Mas os corações nem sempre são lógicos, e o de Camilla sofreu com a perda.

– Princesa? – perguntou Wolf, a voz baixa. – O que desejas que eu faça?

Camilla reuniu os pedaços de si própria, e depois olhou em redor da sala.

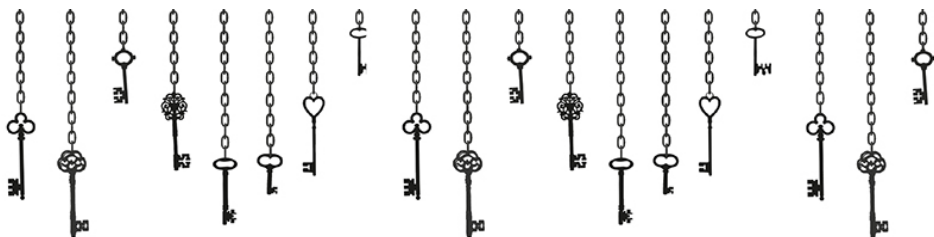
Não restava nenhuma criatura viva, tinham todos fugido ou sucumbido no chão. A beleza do Pátio Crescente estava enterrada em sangue e fumo. Todavia, o portal ainda brilhava contra a parede, e então Camilla soube o que fazer.

– Encontramos todos os mortais e escoltamo-los em segurança para Waverly Green.

– E depois?

– Eu fecho o portal e destruo a chave de Silverthorne – declarou. Wolf estremeceu. – O que foi?

– Princesa... a chave desapareceu.



— *E*stá a funcionar? – perguntou Alexei, andando de um lado para o outro na sala que haviam preparado para restaurar a corte do Inveja na ala mais distante da Casa Inveja.

Tinham tirado tudo da sala, exceto o enorme tapete de lã, uma cadeira de espaldar alto, dois bancos e uma pequena mesa para pousar o cálice. E correntes.

– Ainda é cedo para dizer. – O Inveja encolheu um ombro, forçando uma casualidade que não sentia. O seu olhar deslizou do demónio amarrado na cadeira, os olhos desfocados e ferozes de medo, para o relógio. Pela centésima vez num segundo. Até então, não houvera nenhuma mudança perceptível. O demónio parecia tão aterrorizado e perdido naquele terrível nevoeiro como sempre.

– E agora? – insistiu Alexei.

– Ele parece-te restaurado? – disparou o Inveja, enquanto o demónio se debatia contra as suas amarras. O Inveja soltou um suspiro, voltando a controlar as suas emoções. – Saberemos quando resultar. Ele vai reconhecer-nos.

Antes de chegarem a este ponto, o Inveja pegara no Cálice da Memória, com as runas de ativação a brilharem num verde-caçador. Estava igual ao que costumava ser. O Inveja lançara o mesmo feitiço que sempre usara, e depois oferecera o cálice a Lord Alden.

O demónio arrancara-lhe a primeira tentativa das mãos. Depois, Alexei entrara e segurara-o.

Quando isso não resultou, prenderam o demónio à cadeira e obrigaram-no a levar o cálice aos lábios, inclinando-lhe a cabeça para trás, para lhe derramar a bebida enfeitiçada pela garganta abaixo.

Passaram-se quarenta e sete excruciantes segundos. A névoa não se dissipou por detrás dos olhos do demónio. A frustração cresceu no peito do Inveja.

Ganhar o jogo deveria salvar a sua corte. E pensar que tinha acabado por ser mais uma falsa esperança...

– Foda-se! – O Inveja andou de um lado para o outro na sala, com a mente a rodopiar.

Podia voltar a procurar a Anciã – a criadora do próprio submundo. A Anciã era para as deusas o que os Titãs eram para os deuses mortais. Se alguém poderia ajudar, seria ela. Mas ele já estivera desesperado uma vez, já lhe tinha pedido muitos anos antes.

Ela rira-se na cara dele e prometera fazer pior da próxima vez. O Inveja ponderara raptar as filhas dela, forçá-la a colaborar. Mas isso não acabaria bem para nenhum deles.

O Inveja dirigiu-se para a janela em arco do outro lado da sala, olhando para o terreno. Era crepúsculo, um suave manto de neve a descer, os flocos a cair e a rodopiar enquanto dançavam na erva invernal.

– Vossa Alteza?

Havia algo estranho no tom de Alexei.

O Inveja virou-se, com o olhar fixo no Lord Alden. O demónio pestanejou lentamente, depois fechou os olhos. A sua cabeça moveu-se de um lado para o outro, como se estivesse a sacudir um pesadelo interior.

O Inveja aproximou-se, a esperança acendendo-se mais uma vez.

Parou a alguns metros de distância, com a respiração suspensa no fundo do peito. Passaram-se mais trinta segundos.

Um minuto.

«Vá lá», incitou ele silenciosamente. «Abre os olhos, reconhece onde estás, lembra-te de quem és.»

As mãos do Lord Alden cerraram-se, os seus pulsos contorceram-se, testando as correntes nos braços da cadeira. O Inveja e Alexei inclinaram-se para a frente, sem se atreverem a falar. O Lord Alden abriu os olhos, primeiro semicerrando-os, e depois olhou para os braços presos.

Voltou a olhar para cima, com o sobrolho franzido enquanto a sua atenção se deslocava de Alexei para o Inveja.

– Isto é algum fetiche novo, Vossa Alteza? – perguntou ele, parecendo irritado. – Desprezo correntes.

O Inveja expirou. Quis agarrar o demónio pelas lapelas e dar-lhe um beijo, mas absteve-se de o fazer. O Lord Alden estava bastante irritado. Um traço de personalidade que sempre tivera nos últimos seis séculos.

– Como te sentes? – perguntou o Inveja.

O olhar do Lord Alden desanuviou.

– Como se a Casa Ira me estivesse a parecer apelativa, Vossa Alteza. A menos que esteja a ser detido por traição, soltai-me.

Alexei resfolegou.

– Continua o mesmo cabrão de sempre.

Funcionara. O Inveja soltou mais um suspiro, atravessado por um sentimento de alívio. O Cálice da Memória iria travar o flagelo da memória. Depois de anos de tumulto, daquela decadência sombria e interminável... o pesadelo estava finalmente a terminar. Parte dele não conseguia acreditar.

Alexei libertou Alden, depois dirigiu-o para a Galeria das Paisagens de Sonho, onde o Inveja preparara refrescos a fim de facultar aos demónios recém-salvos um espaço seguro para esperar até que eles restaurassem as memórias de todos.

Quando Alexei regressou com o demónio seguinte, começaram tudo outra vez. Depois do segundo restauro bem-sucedido, trouxeram mais cadeiras e amarras.

Os dias foram passando, e o Inveja permaneceu ali junto da sua corte, com muito dos curados a voluntariarem-se para ajudarem os seus companheiros demónios.

Quando ficou claro que a maré tinha virado, dias depois, Alexei aclarou a voz.

– Não dissestes uma palavra sobre ela.

O Inveja contraiu-se, depois continuou como se não fizesse ideia do que o vampiro quisera dizer. Alexei lançou-lhe um olhar que indicava que ele sabia muito bem.

– Não há nada a dizer. Ela é realeza Unseelie.

– Sinceramente, que merda mais irrelevante – disse Alexei. A atenção do Inveja voltou-se para o assistente. Através do sorriso do vampiro só se viam as suas presas. – Vossa Alteza.

O Inveja ajudou o próximo demónio da fila, depois dirigiu-se para o outro lado da sala, tirando um copo de água gelada de um tabuleiro. O seu maldito assistente seguiu atrás dele.

– Está tudo sob controlo por aqui. Podeis voltar para a

Corte Selvagem. Falar.

O maxilar do Inveja cerrou-se.

– Falar. Sim, a comunicação aberta e honesta funcionou tão bem connosco no passado. Não nos resta mais nada para dizer.

– Sabíeis que ela tinha segredos. Só estais zangado por ela vos ter vencido. Não pensei que fosseis tão... orgulhoso.

Alexei estava a exceder-se com o Inveja. Os olhos do príncipe-demónio faiscaram, e Alexei levantou as mãos, afastando-se lentamente.

– Gostais dela. O suficiente para considerar quebrar a vossa regra. Não permitais que outro pecado se intrometa no caminho. Julgais que o Wolf está de braços cruzados? Se não vos importa que ele a leve para a cama dele, que a pila dele a faça perder todas as memórias de vós, então tudo bem. Deixai-a ir. Ela ficará melhor assim.



O Inveja estava numa das suas galerias favoritas – onde uma estátua de um anjo caído se encontrava orgulhosamente em exposição. Durante todos os anos em que as suas asas tinham estado presas, ele viera ali, bebericar uma bebida como estava a fazer agora, conspirando. Com a sua corte quase totalmente restaurada, o seu poder estava a ficar mais forte a cada hora. Invocou as suas asas, deixando-as abrir-se.

A sensação era boa. Os músculos entre os seus ombros flexionavam-se quando ele as movia, testando o peso. Os seus pensamentos voltaram-se para Lennox, para a batalha final.

Camilla não fora a única a dar o golpe final, o Inveja certificara-se disso. Tinha visto qualquer coisa no rosto

dela, mesmo antes de ter cravado a sua adaga no rei Unseelie. Ela não gostava do pai, mas matá-lo ter-lhe-ia custado algo que era precioso.

Camilla era boa. Lennox vira-o. Odiara-o.

Fechou as asas e apoiou-se contra a parede, enquanto bebia o seu Sombrio e Pecaminoso. Um detalhe surgiu-lhe na memória. Na caverna onde estavam as Colunas Irmãs, Camilla estivera prestes a confessar-lhe algo.

O Inveja bebeu o seu *cocktail*, revendo a conversa na sua mente. Olhando para trás, era fácil perceber que ela estivera prestes a dizer-lhe quem realmente era. Ela soubera, no momento em que tinham entrado na Corte Selvagem, que ele iria descobrir.

Só que por essa altura ele tinha descoberto. Já sabia. Coçou a nuca.

Para dizer a verdade, o Inveja começara a suspeitar muito mais cedo. Era mais fácil para ele culpá-la por o ter traído; caso contrário, teria de considerar enfrentar a verdade. Recentemente, começara a ser capaz de mentir aos outros, mas andava a mentir a si mesmo havia muito mais tempo.

A sua regra de apenas uma noite protegeria realmente a sua corte ou apenas o impediria de voltar a sofrer um desgosto?

Terminou a sua bebida, olhando para o copo. Camilla podia não querer vê-lo. Talvez estivesse perfeitamente feliz na Corte Selvagem. Com Wolf.

Agora, o Inveja não conseguia deixar de ver Camilla e Wolf a reacenderem a sua chama.

Fechou os olhos. Aquele maldito *fae* também o tinha afetado. Sabia que o Unseelie estaria a tentar reconquistar Camilla. Talvez já o tivesse feito.

Talvez Wolf a estivesse a abraçar naquele momento.

O ciúme congelou o copo na sua mão, até que este começou a rachar, e gotas de *bourbon* escorreram-lhe para a palma da mão.

O Inveja olhou para a prova física do seu desagrado.

– Sangue dos deuses.

A Miss Camilla Elise Antonius, amante, traidora, princesa Unseelie, deixava-o absolutamente desvairado, mesmo ali, a reinos de distância de Faerie.

A questão agora era saber o que iria o Inveja fazer em relação a isso.

Sentiu um dos seus espiões um momento antes de ele se materializar, parcialmente corpóreo.

– Trago notícias da Corte Selvagem, Vossa Alteza. – O seu tom fez a pele do Inveja arrepiar-se.

– E?

O espião entregou-lhe um pedaço de pergaminho dobrado. O Inveja examinou o relatório, depois amarrotou-o no punho.

– Foda-se.



— *P*ronta? – A voz de Wolf atravessou os aposentos de Camilla.

Ela saiu de trás do toucador ornamentado, com um vestido de seda comprido até ao chão, de um belo tom cinzento-lavanda.

Camilla parecia uma princesa Unseelie enquanto colocava uma coroa de flores na cabeça. Virou-se para o lado, admirando a corrente de prata que usava numa das suas orelhas alongadas. O metal tinha pequenas luas e estrelas esculpidas, uma ode à sua herança.

Deixara de usar verde-caçador dias antes, quando o Príncipe Inveja não tentara contactá-la. Quando partira sem proferir uma única palavra, nem mesmo uma impreciação.

Ela alimentara uma esperança absurda. Naquelas primeiras noites. Pensara que ele regressaria à sua corte, que os salvaria e que depois voltaria.

Para discutir com ela. Para a beijar.

Para jogar os jogos que ambos adoravam.

Decerto que ele teria algo a dizer depois de tudo o que tinham passado. Camilla pensou que o facto de ele a ter

libertado dos jogos cruéis do pai significava que a tinha perdoado. Ou que, pelo menos, lhe daria a oportunidade de se explicar. De admitir como se tinha sentido mal por ter guardado aquele segredo.

Mas ela tivera tanto medo. Medo de que ele reagisse exatamente daquela maneira.

O seu silêncio falava alto e bom som. O Príncipe Inveja nunca mais iria voltar. E Camilla tinha de seguir em frente com a sua vida, ajudar o seu irmão Ayden a estabelecer o seu governo provisório, e depois voltar a casa. Tinha saudades da sua galeria, da sua gata e de Kitty.

Wolf olhou-a demoradamente, fechando a boca por momentos. O vestido era indecente para os padrões de Waverly Green – agarrava-se a cada curva como um sonho. Na Corte Selvagem, era bastante discreto. Mas ela não estava interessada em jogar jogos de corte. Pelo menos não ali. As coisas poderiam ter sido diferentes se a mãe dela nunca a tivesse raptado, restringido a maior parte da sua magia, obrigando-a a crescer como uma humana. Talvez, se tivesse crescido em Faerie, fosse tão abominável como o seu irmão e irmã mais velhos.

O olhar de Wolf deslizou de volta para cima, os seus olhos amarelos escurecendo. Ele havia deixado bem claro as suas intenções.

O bendito alívio durou apenas um momento. Depois Wolf recomeçou a falar.

– O Ayden não pode governar no lugar do vosso pai para sempre – disse ele. – Nem sequer sabemos se ele consegue. É capaz de desaparecer uma noite e voltar a brincar aos carnívoros.

– Bem, até a nossa mãe decidir regressar, não temos muita escolha, pois não? – disse Camilla, com um tom tão gentil quanto lhe foi possível.

– A vossa mãe pode nunca mais regressar, princesa.

Tinham tido sempre o mesmo desentendimento durante a última semana, e estava a tornar-se aborrecido. Camilla queria regressar a Waverly Green. Não tinha interesse em ficar para ajudar a governar a Corte Selvagem. Também não tinha interesse em governar a corte de que era suposto encarregar-se. Havia décadas que funcionava como um principado e estava a correr muito bem.

– Sabes que não tenho qualquer desejo de ficar aqui – disse ela. – O meu irmão vai casar em breve e terá um herdeiro. Dentro de algumas décadas, a questão resolver-se-á por si mesma. O seu herdeiro governará a sua corte até, e se, a nossa mãe regressar.

Ao longo da última semana, Wolf ajudara-a a encantar as mentes de todos os que tinham sido torturados pelo rei, um mal necessário, uma escolha que Camilla não fizera de ânimo leve antes de os enviar novamente para casa.

Fora uma das muitas decisões difíceis que tomara após a morte de Lennox.

Wolf queria que Camilla assumisse o controlo da Corte Selvagem antes que um dos seus debochados irmão ou irmã mais velhos farejasse a oportunidade. Camilla sugerira logo que Ayden assumisse o controlo. Ele tinha os seus defeitos, mas também já passara algum tempo entre os humanos.

– E vais simplesmente viver sozinha em Waverly Green, sob um encantamento de disfarce pelo resto da eternidade? Sabes que isso já não te convém. Aqui tens amigos, família. Eu.

Ele atingira o único ponto que lhe doía sempre. Camilla não queria ficar sozinha.

– Podíamos juntar-nos para a vida – sugeriu Wolf. – Eu ajudava-te a ambientares-te novamente. Podes não me amar agora, mas o amor cresce.

– A não ser pelo pequeno e incómodo facto de eu não querer ficar aqui.

– Em Faerie? – perguntou ele. – Ou no submundo em geral?

Wolf estava a sondar. Ele queria perguntar-lhe o que ela achava do Príncipe Inveja.

E isso era muito complicado. Uma parte dela queria escrever-lhe cartas de desculpas e outra queria pintar a cabeça dele num burro enorme, para mostrar que ele era obviamente um idiota. Mas quanto mais tempo passavam sem se falarem, mais insegura ela ficava.

Talvez fosse melhor assim, desistir. Deixar ir.

Desta forma, Camilla não teria de se preocupar com a possibilidade de ele voltar a partir um dia. Ouviu-se uma batida à porta, seguida de um miado.

Camilla passou apressadamente por Wolf para abrir a porta, sorrindo pela segunda vez desde que pusera os pés naquela corte.

– Kitty! *Bunny*.

A amiga entrou, pousando a gata no chão, e abraçou Camilla. Depois afastou-se para olhar para Wolf.

– Interrompi? – perguntou a Lady Katherine, sempre esperançosa.

Camilla resfolegou.

– Dificilmente.

– Esse tom não é muito apreciado, minhas senhoras. – Wolf abanou a cabeça. – Será que ninguém no reino mortal ouviu as minhas lendas recentemente? Talvez tenha de retificar isso.

– Como é que estás aqui? – perguntou Camilla, ignorando Wolf. – Não tinhas de deixar Waverly Green, Kitty.

– Na verdade, tinha. Quando o teu encantamento se

desfez, o meu também. Muito inconvenientemente. – A Lady Katherine puxou o cabelo para trás, revelando as suas orelhas alongadas. – Levei algum tempo a explicar as coisas ao William, mas ele está a reagir surpreendentemente bem. Como estás tu?

Camilla encolheu um ombro.

Kitty fora originalmente incumbida de pedir a Camilla que regressasse à Corte Selvagem, uma década antes, quando Prim Róis tinha finalmente saído do seu lado. Depois, quando Camilla recusara, Lennox ordenara a Kitty que ficasse, para vigiar Camilla.

Ele não esperara que elas se unissem por laços de amizade. E, depois da primeira recusa dela em regressar à Corte Selvagem, as suas verdadeiras identidades tornaram-se um segredo que nunca discutiam.

Agora, com ela ali, em toda a sua glória Unseelie, Camilla soube que Kitty nunca se tinha esquecido do seu lar.

– A *Bunny* fez uma birra que rivalizou com a do William. Acho que ela também está farta do seu encantamento.

Camilla sorriu. A gata tinha-se transformado no seu verdadeiro eu. Uma adorável leoa *fae* cinzenta e branca.

– Podias ter falado comigo – disse Kitty, com uma voz invulgarmente suave –, sobre tudo. Éramos chegadas, não éramos?

Camilla soltou um suspiro, acenando com a cabeça.

– Claro que sim.

Não sabia bem como o dizer. Parte dela preocupava-se com o facto de Kitty preferir estar alegremente na ignorância, livre do caos Unseelie. E a outra parte preocupava-se que Kitty continuasse a ser uma ferramenta dos pais. Alguém enviado para espiar e relatar. Lennox e os

seus jogos não tinham fim.

Em vez de o admitir, Camilla disse:

– O Vexley tornou-se um vampiro.

Kitty olhou para ela um minuto antes de desatar a rir.

– Como?

Camilla contou-lhe.

– Mas... Mas fui eu que o matei.

– Decapitaste-o e pegaste-lhe fogo? – Os olhos de Kitty estavam redondos, um misto de espanto e horror.

– Não propriamente, mas decapitei-o.

Wolf pareceu agitado:

– A menos que o tenhas incendiado e visto as cinzas a espalharem-se, é provável que ele não esteja morto. Não é fácil matar um vampiro.

Camilla sentiu-se estranhamente aliviada. Vexley era um pesadelo, mas era menos uma morte nas suas mãos.

Kitty continuava demasiado divertida.

– É adequado. Um mortal movido pela sua sede de luxúria passou a ser movido pela sua sede de sangue.

– Quando ele era um humano na corte dos vampiros, ele ainda era... o Vexley.

Kitty riu-se, encantada.

– Por favor, diz-me que ele foi para a cama com uma *succubus*.

– Ele segurou-lhe na cauda e... – Camilla estremeceu. – Tenho a certeza de que consegues imaginar. A sede de sangue na corte dos vampiros é um espetáculo e tanto.

– Por falar em luxúria – disse Kitty, demasiado casualmente –, ouvi um rumor muito interessante. Parece que o teu Lord Synton é o Príncipe Inveja. Por favor – agarrou nas mãos de Camilla –, por favor, diz-me que tiveste sexo selvagem e demoníaco com ele.

Os pensamentos de Camilla dirigiram-se imediatamente

para a sala do trono.

– Tiveste! – Kitty deu um salto. – Oh! Acho que estou a sentir inveja só de pensar nisso. Como é que foi? Ouvi dizer que a pila dele é enorme. É mesmo?

– Por favor, não respondas a isso – murmurou Wolf.

– Oh! – Kitty praticamente saltitou. – Por favor, diz-me que foi tão lendário como dizem. Consta que há um retrato pendurado por cima da cama dele, uma espécie de... estimulante visual. Venderias a tua alma por mais um gostinho?

Camilla cravou os dentes no lábio inferior. O retrato estava mesmo pendurado por cima da cama, mas nada comparado com a realidade do demónio. Não podia admiti-lo em voz alta.

– Eu...

– Eu também estou curioso, Camilla, querida – disse uma voz baixa vinda da porta. – Fá-lo-ias? Venderias a tua alma?

Ao ouvir a sua voz, Camilla virou-se, com a mão no coração.

O Inveja estava à porta, com as suas enormes asas brilhantes coladas ao corpo.

Escorria-lhe sangue das penas para o chão.

Durante um horrível segundo, Camilla não conseguiu perceber se o sangue era dele.

O Inveja entrou no quarto, olhou para Wolf e depois para Kitty. Não demonstrou nenhuma reação de surpresa quando viu a verdadeira forma de Kitty. Mas deteve-se na leoa, e Camilla podia jurar ter visto um rasgo de divertimento antes de ele o ter afastado.

A sua atenção fixou-se em Camilla. Fria. Impiedosa.

Ela voltou a olhar para o sangue que lhe escorria das asas. Não era icor; era *fæ*.

– O que é que fizeste? – A voz dela mal chegava a ser um sussurro.

O olhar dele permaneceu fixo no dela quando disse:

– Gostava de ter alguma privacidade com a princesa.

Kitty aproximou-se de Camilla.

– Não.

O Inveja arqueou uma sobrancelha, à espera. A sua expressão dizia «Deves-me isso».

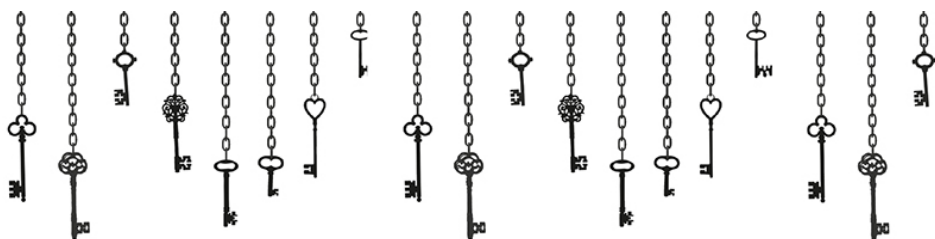
Apesar do brilho perigoso no seu olhar, Camilla acedeu silenciosamente.

– Podem ir – disse Camilla. – Não há problema.

O maxilar de Kitty contraiu-se. Olhou para Wolf, que estava a olhar para o Inveja.

– Vamos manter-nos por perto – prometeu ele, fitando o príncipe. Era um aviso.

Wolf acompanhou a amiga de Camilla até à saída, deixando-a sozinha para enfrentar o muito furioso príncipe-demónio.



O Inveja sentiu um prazer perverso ao ver o choque refletir-se nas feições de Camilla. Ela não o ouvira a aproximar-se, não esperava vê-lo ali.

Decerto não esperava ver as suas asas.

Verdade fosse dita, *ele* também não esperava estar ali. E provavelmente não estaria se Alexei não o tivesse provocado.

Uma besta selvagem e territorial surgira dentro dele. Quase conseguira domar o monstro interior; depois, os seus espiões tinham trazido notícias de uma tentativa de assassinato, selando o destino de Camilla.

Nesse momento, soube que estava na altura de desafiar os *fae*.

Tendo visto como a Corte Selvagem ficara depois de Lennox ter aberto o portal...

O Inveja não a deixaria entregue às conspirações dos seus malfadados irmãos.

Se tivesse de a atirar por cima do ombro e de a levar por magia para a sua corte, que assim fosse. Não sabia nada sobre ser um herói, mas era excelente a ser o vilão.

Agora que estavam sozinhos, o Inveja olhou para

Camilla e engoliu em seco. O seu olhar fixou-se no colar que ela fizera com o seu anel e depois endureceu. Se os malditos irmãos dela a tivessem apanhado primeiro, tê-lo-iam arrancado da sua garganta.

Camilla presumiu erradamente o que o havia irritado.

– Desculpa – disse ela, estendendo a mão para desapertar o colar. – Queria devolver-te isto... – Deixou cair as mãos, olhou para elas. – Queria contar-te a verdade. Devia tê-lo feito.

Mas ele dera-lhe todas as razões para não o fazer.

Quando lhe dissera o quanto odiava a realeza Unseelie, ela estremecera. Pensando agora nessa conversa, quando o Inveja admitira o que tinha acontecido para o levar a desprezar tanto o rei, via as reações dela sob uma nova perspetiva.

Ela empalidecera quando ele lhe contara o papel que o pai desempenhara. Uma lágrima escorregara-lhe pela curva da face. Ela também lhe tinha pedido desculpa.

O Inveja julgara tratar-se daquela estúpida reação mortal de assumir a culpa pelas ações dos outros.

Mas agora sabia. Camilla pedira desculpa em nome da sua família.

Pedir desculpa não era insignificante para um *fae*. Era algo que raramente faziam.

E ela acabara de o fazer outra vez. Uma raiva fresca gelou o quarto.

– Sabes de quem é este sangue? – O Inveja apontou para o chão.

Ela engoliu com força, movimentando o centro da sua garganta.

– Parte dele pertence ao Onyx – revelou o Inveja. – O resto é dos guardas dele.

O olhar dela fixou-se nele.

– O meu irmão?

– Sim.

– Mataste-o? Endoideceste? – sibilou ela. Olhou em redor, como se procurasse um espião. – És capaz de ter começado uma guerra.

Ele lançou-lhe um olhar divertido, o que pareceu irritá-la ainda mais.

– Que lado vais escolher, criatura?

Ela olhou para ele, erguendo o queixo.

O Inveja não sabia como pudera alguma vez julgar que ela era outra coisa que não realeza.

– O meu.

«Oh, diabo, concede-me o pecado.» Aquele tom, aquele olhar altivo e desafiador. Ele ficou inconvenientemente excitado.

– O teu irmão não está morto. Está... enjaulado.

Quando pensou em Onyx, o sorriso do Inveja revelou os seus dentes. Tinha-o atirado para a gaiola que Lennox criara para torturar Camilla. Uma sábia proteção mágica impedia-o de ouvir ou falar com qualquer pessoa fora da gaiola. Não haveria conspirações ou fugas.

Onyx teria muito tempo para refletir sobre os seus pecados.

– Enfeiticei as grades, prendendo-o por toda a eternidade. A não ser, claro, que o teu outro irmão decida conceder-lhe um perdão. Mas eu não contaria com isso. O Ayden será um bom rei. Parecia ter tudo sob controlo. Obra tua, imagino.

– Sim, eu ajudei. – Um pequeno vinco formou-se entre as suas sobrancelhas. – Porque atacaste o Onyx?

Sem pensar, ele estendeu a mão para lhe alisar o vinco. Ela estremeceu, e ele baixou a mão.

– Ele planeava matar-te. Os meus espiões informaram-

me.

Se ela ficou surpreendida com a revelação, não o demonstrou. Quando muito, pareceu exalar alívio. Sabia que era apenas uma questão de tempo até que o irmão ou a irmã mais velhos fizessem alguma coisa.

– A minha mãe vai ficar a saber disto e vai lutar...

– A tua mãe nunca mais foi vista na corte desde que te abandonou. – O Inveja hesitou. – Os meus espiões andam à procura dela há anos. Ninguém sabe para onde foi.

Várias emoções atravessaram o rosto de Camilla, antes de ela se concentrar numa indiferença forçada. Ele compreendia como a relação delas devia ser complicada. Compreendia que não era fácil afastarmo-nos daqueles que mais nos magoam.

– Ela tem estado a viajar. Mas vai acabar por saber disto e regressar. Esta corte significa tudo para ela.

O Inveja não se importaria que a rainha ardesse no mais profundo e quente poço de tristeza que pudesse encontrar, mas detestou a preocupação na voz de Camilla.

– Não – avisou calmamente. – Não a romantizes. Tanto quanto sabemos, ela está a jogar outro jogo e não quer ser incomodada.

Olhou de relance para os aposentos. Sentia cada vez mais a sua corte a ser restaurada e precisava de regressar.

– Queres levar alguma coisa daqui?

– O quê?

Ele sabia que ela o tinha ouvido. Ele também sabia que ela estava a tentar perceber o seu plano.

O Inveja guardou o seu sorriso para si, andando pelo quarto. Passou os dedos por algumas peças de roupa. Eram bonitas. Os alfaiates dele eram melhores.

– Se houver alguma coisa de valor sentimental, pega nela agora.

Se prestasse atenção, tinha quase a certeza de que conseguiria ouvir o coração dela a bater.

Ele virou-se e pôs-se diante dela, estendendo-lhe a mão. Ela olhou para aquilo como se fosse uma cobra pronta a atacar.

– O que estás a fazer? – perguntou ela.

– A agarrar o que tem valor sentimental para mim. – Ele pegou na mão dela, entrelaçando os dedos. Ela não recuou.

– Vamos embora. A não ser que queiras ficar aqui.

O polegar dela acariciou o dele, hesitante.

O coração dele acelerou.

Passou-se uma pequena eternidade.

– A tua regra...

– Que se fodam as regras – rosnou ele. – Tu és *minha*.

A excitação dela atingiu-o um segundo antes do seu desejo.

Finalmente, porra. Em todas as histórias, a donzela não se excitava com o vilão que ameaçava raptá-la.

Mas este era o conto de fadas distorcido *deles*.

– Podes voltar, claro, quando precisares – disse ele mais suavemente.

Camilla fez um pequeno aceno de cabeça.

– Seja como for, esta nunca foi a minha verdadeira casa. Mas espera... não me posso ir embora sem a Kitty e a *Bunny*.

Alguns momentos mais tarde, depois de ter sido discretamente conduzida de volta ao quarto, Kitty prometeu viajar para a Casa Inveja sozinha. Tinha família na Corte Selvagem que desejava rever. Wolf lançou um olhar severo ao Inveja, mas abraçou Camilla. Prometendo que também a visitaria em breve.

Bunny lançou ao Inveja um olhar profundo e demorado, e depois aproximou-se. A pequena leoa, de cor invulgar,

saltou para os braços de Camilla e aconchegou-se neles.

O Inveja puxou Camilla com a leoa para mais perto de si, pôs o outro braço à volta da cintura dela e depois levou-os ao três para a sua Casa do Pecado.



— O que é que eu te disse? – O Gula sorriu, esfregando as mãos uma na outra. – Toca a pagar, irmãos.

– Não tens a certeza disso – retorquiu o Luxúria com azedume.

– Nos convites lia-se, e passo a citar: «Ficariámos honrados em celebrar o nosso noivado convosco» – disse o Gula em falsete. – Factos são factos, irmão. Perdeste. Mais uma vez.

O Inveja ignorou a discussão mesquinha, a sua atenção desviou-se para a beldade de cabelo prateado que conversava com a Rainha dos Malditos, Emilia, a sua amiga Lady Fauna, a Lady Katherine e – para seu *constante* aborrecimento – Wolf. O maldito Unseelie de língua prateada.

Embora o Inveja supusesse que fosse benéfico para a sua corte tê-lo por perto; Camilla incitava-lhe o pecado de forma gentil mas brincalhona, só para o irritar.

E conseguia. A paixão de Camilla inflamava-o continuamente.

Mal tinham dormido desde que haviam regressado à sua Casa do Pecado. Assim que o último membro da sua corte

acabara de beber do cálice, afugentando a insanidade de não ter novas memórias, tinham-se concentrado um no outro. Para curar velhas feridas, forjando um laço mais forte do que o aço.

Ele ficou aliviado por lhe mostrar como os seus demónios eram espetaculares. E estavam espetaculares naquela noite. Usavam os seus melhores vestidos e fatos, as suas melhores joias. Os seus olhos eram claros e astutos como sempre, enquanto se moviam pela festa, misturando-se com os outros demónios, exibindo as suas riquezas. Tentando inspirar inveja, partilhando histórias e discutindo novas peças de arte.

O Inveja nunca se sentira tão feliz, vendo a sua corte como ela devia ser. E Camilla... por ela, valia a pena enfrentar os seus medos.

O Inveja nunca tinha imaginado a força que iria sentir no momento em que se tornara vulnerável.

A sua princesa Unseelie fora uma amante incansável, exigira que ele fizesse amor com ela em cada quarto, em cada andar da sua Casa do Pecado.

Com mais força, mais rápido, mais gentil, mais *fundo*. Camilla adorava dar-lhe ordens, o que devia andar a chatear o Inveja, porque isso o deixava sempre duro. Mas ele não aguentava receber ordens por muito tempo.

Empurrava-a para baixo, abria-lhe as pernas e devorava-a na cozinha, na mesa da sala de jantar, no quarto deles, na galeria. Ela arqueava-se em cima da mesa, gritava o seu nome, praguejava, elogiava-o, balançava enquanto ele lhe chupava cada pedaço da sua excitação e depois a virava e fodia até ela se vir outra vez. E depois outra vez.

A corte passava à pressa, desviando os olhares, embora ele soubesse que, secretamente, adoravam a paixão do Inveja. Queriam que o seu príncipe fosse o mais feliz

possível, queriam que ele desfrutasse de tudo aquilo por que tinha lutado. E Camilla gostava de alimentar a inveja em toda a gente que sabia que fora ela quem o fizera quebrar a sua regra.

Tinham feito amor no trono todas as noites: dedos, língua, pila. E ele queria mais. Para sempre. E, como ela não era humana, tinham todo esse tempo e mais.

Pela primeira vez na sua longa existência, queria experimentar *tudo* com outra pessoa.

Mais risos, mais momentos calmos, mais lanches à meia-noite, morangos mergulhados em chocolate, os dois esparramados em frente à lareira, a conversar sobre arte.

Mais jogos e mais formas de trazerem ao de cima os aspetos humanos um do outro que não existiam antes.

Mais passeios pelos corredores da Casa Inveja, a reorganizar quadros e esculturas de acordo com as preferências dela. Quando conseguiam não rasgar a roupa um do outro, traziam algumas das obras de arte dela de Waverly Green, misturando as suas coleções.

Não era suficiente. O Inveja ainda queria mais.

Mais correr os dedos pelo cabelo macio dela, vê-la adormecer, o seu rosto tranquilo. Aqueles lábios cheios entreabertos num contentamento sonhador.

Mais jogos para jogar... e ele estava encantado por ainda nem sequer saber quais seriam.

O Inveja iria refazer mundos para ela. Quebraria todas as regras para a fazer sorrir. Ele...

– Estás a ouvir sequer? – O Gula agitou uma mão à frente do rosto do Inveja, abanando a cabeça com repugnância. – Mamas de bruxa! És pior do que ele. – Apontou o polegar na direção do Ira. – E ele está terrivelmente apaixonado. Olha para ele. Ele está a fazer olhinhos à Emilia aqui mesmo.

O demônio da guerra arreganhou os dentes, o seu sorriso feroz, em desacordo com o seu fato elegante.

– Um dia irás engolir essas palavras, irmão. – A voz do Ira era plena de promessas sombrias.

O Gula resfolegou, o som cheio de escárnio.

A jornalista com quem andava a discutir não havia respondido ao convite que o Inveja lhe enviara, e ele tinha a *certeza* de que o mau humor do Gula não tinha nada que ver com aquilo.

– Não contes com isso – disse o Gula. – Aposto que o Luxúria vai ser o próximo.

– Não há a mínima hipótese em nenhum dos reinos combinados. Onde está o Preguiça? – perguntou o Luxúria.
– Talvez ele possa fazer um gráfico e alinhar todas as variáveis para mim. Não consigo perceber como é que vocês se contentam em ir para a cama com a mesma pessoa para o resto dos vossos dias. – O Luxúria estremeceu.

– O Preguiça foi à procura do Orgulho – disse o Ira, voltando a posar o olhar na sua mulher. – Mas vi um livro no casaco dele.

– Foda-se, claro que viste – resmungou o Luxúria. – Vou ver onde é que ele se escondeu. Se ele não começa a agir como um maldito demônio, vamos todos ficar com má reputação. – Espetou um dedo no peito do Ira. – Tens de estabelecer uma lei ou qualquer coisa do género.

Os olhos dourados do Ira brilharam.

– Primeira regra? Não me voltes a tocar.

– Não se matem uns aos outros nesta sala – disse o Inveja. – Acabei de mandar encerrar o chão.

Tinha mandado limpar toda a Casa de qualquer prova do quão perto a corte estivera da decadência. Olhando para ela agora, ninguém diria que tinham estado à beira do colapso.

O Gula olhou em volta, com o sobrolho franzido.

– Onde está o Ganância?

– Houve um problema no seu casino – disse o Inveja. – Ele pede desculpa.

O Gula resfolegou.

– Claro que pede. Sacana.

O Ira e o Gula começaram a discutir sobre boxe, e o Inveja aproveitou a deixa para sair.

Desceu o corredor, caminhando até onde o Orgulho estava sentado numa cadeira que tinha roubado, com a coroa inclinada para um lado. Tinha as mangas da camisa arregaçadas até aos cotovelos, exibindo os braços musculados, e a camisa meio enfiada nas calças.

A cabeça estava inclinada para trás, os olhos fechados. Um copo vazio pendia-lhe dos dedos. O Orgulho desempenhava tão bem o papel de príncipe depravado que o Inveja se perguntou se ele se teria finalmente tornado isso.

Ergueu-se acima do irmão, depois deu um pontapé na bota do Orgulho, atraindo o seu olhar. Era lento, sem foco.

– A festa acabou, Levi?

O Inveja reparou nas garrafas vazias, nos copos de vinho partidos. Tinham sido enfiados no nicho ao lado dele.

Desta vez, o Orgulho não estava a fingir ser o príncipe bêbedo.

– O que aconteceu? – exigiu saber o Inveja.

O Orgulho levantou um ombro, deixando-o cair como se não pudesse dar-se ao trabalho de responder ou de se importar.

O Inveja deu-lhe um pontapé com mais força.

– Responde à porra da pergunta, Luc.

– A Sursea não me vai dizer nada.

A Primeira Bruxa, a mãe da consorte do Orgulho, amaldiçoara-os a todos quando o Orgulho e Lucia se tinham casado e depois recusado dissolver a sua relação. As bruxas e os demónios eram inimigos declarados, mas isso não impedira o Orgulho de se apaixonar pela única bruxa que não devia. Lucia era estritamente interdita, mas eles tinham-se escolhido um ao outro, apesar de todas as razões pelas quais não o deviam ter feito.

Um dia, Lucia abandonou a Casa Orgulho sem dizer uma palavra. O Orgulho não sabia se ela tinha sido levada contra a sua vontade, se fora aprisionada algures ou se tivera uma Morte Verdadeira. Desde então que andava à procura dela, mesmo quando a Primeira Bruxa os amaldiçoara a todos, mantendo-os presos nos Sete Círculos durante anos. Antes disso, porém, ela fizera algo pior ao Orgulho, algo de que ele se recusava a falar. O Inveja sabia que fora essa a verdadeira origem da falta de comunicação entre o Orgulho e Lucia.

Nenhum dos demónios sentia nada além de ódio por Sursea e pela sua busca por vingança.

– De certeza que foste convincente? – perguntou o Inveja.

O Orgulho lançou-lhe um olhar fulminante.

– Ela sabe onde está a minha mulher. Sabe o que aconteceu. Pensas que fui misericordioso?

O Inveja pensou que o Orgulho nunca seria tão implacável como poderia ser. Podia odiar a Primeira Bruxa, mas amava Lucia e não faria mal à mãe dela.

– Ela está contida? – perguntou ele.

O Orgulho assentiu.

– Até descobrir o que aconteceu à Lucia, ela ficará na minha Casa.

– Vou perguntar-te uma coisa; não vais gostar, mas isso

não me importa minimamente. Percebeste?

O Orgulho semicerrou os olhos, mas acenou de novo com a cabeça.

– Desejas a Vittoria?

– Essa é uma pergunta da treta, e tu sabes.

– Então responde.

A mão do Orgulho apertou-se sobre o copo.

– Estás a esconder-me alguma coisa?

O Inveja sorriu.

– Ouvi rumores. Os cortesãos são tão interessantes quando estão bêbedos e pensam que ninguém está a ouvir.

– Vai direto ao assunto, Levi.

O Inveja inclinou-se, baixando a voz.

– Sei que nunca fodeste a deusa.

O Orgulho permaneceu impávido e sereno.

– Não sei qual é o teu jogo, nem porque permites que a tua corte e a tua mulher pensem o contrário. Presumo que tenhas uma razão. E essa razão tem algo que ver com a intromissão e a magia da Sursea.

O irmão olhou fixamente para o Inveja. A expressão do Orgulho estava esculpida em pedra. Ele bloqueara por completo as suas emoções, não deixando escapar nenhum segredo.

Na verdade, o Inveja *nunca* ouvira aquele rumor; era um palpite.

Um que poderia provar-se verdadeiro, dada a forma como o seu irmão parara de respirar. Se o Orgulho não estivesse distraído e bêbedo, teria pressentido a mentira.

– Se a Lucia estivesse viva, se tivesse encontrado a felicidade noutro lugar, destruirias isso?

Os dentes do Orgulho rangeram.

– Farias mal à Camilla?

Mais depressa arrancaria o coração. Outra vez.

O Inveja tirou o pergaminho dobrado de dentro do casaco, entregando-o ao irmão. Antes de o largar, disse:

– Não estragues tudo.

O Orgulho arrancou-lhe o bilhete das mãos e leu-o.

O Inveja viu a embriaguez ser rapidamente substituída por lucidez.

O Orgulho sentou-se mais direito, com o corpo tenso, voltando a ler o bilhete.

– Como? – A sua voz mal era um sussurro.

– Os meus espiões têm andado a trabalhar intensamente. – O Inveja lançou-lhe um olhar frio. – Depois, a «avó» da Emilia sussurrou-me um segredo ao ouvido há alguns meses. – Dois, na verdade. O de que a sua Casa iria cair em breve, e o que iria partilhar agora. – A Lucia não se lembra. De nada disto.

– Viste-a?

O Inveja pensou na jovem que mandara raptar por um breve período de tempo para quebrar os encantamentos da casa da família de Emilia, e que depois usara para forçar Emilia a cumprir as suas ordens. Mesmo agora, os seus pensamentos sobre ela eram confusos, como se não conseguisse lembrar-se do seu rosto, apesar de a maldição da memória ter sido quebrada. O Inveja não soubera que se tratava de Lucia, e isso incomodava-o.

Sursea era demasiado poderosa para o seu gosto.

Decidiu deixar de fora a parte em que ele a sedava com magia; não havia necessidade de enfurecer o irmão. Tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

– Sim, acho que sim. No entanto, creio que ela pode estar sob um encantamento de disfarce. Não a reconheci logo, quando os nossos caminhos se cruzaram.

Algo muito parecido com esperança se acendeu no olhar do Orgulho.

– Mas está viva.

O Inveja assentiu lentamente.

– Certifica-te de que sabes o que queres antes de a procurares. Se for apenas o teu orgulho...

O Inveja não concluiu o pensamento. O Orgulho sabia.

O Orgulho levantou-se da cadeira, segurando o bilhete com força. Passou uma mão pelo cabelo, parecendo não saber o que fazer a seguir.

– E então? – pressionou o Inveja.

– Parece que em breve irei viajar para as Ilhas Movediças.

– Provavelmente só terás uma oportunidade.

O Orgulho ofereceu-lhe um sorriso genuíno.

– É mais do que tinha esta manhã. – Ele atravessou o corredor, desaparecendo ao virar da esquina.

O Luxúria surgiu das sombras, a sua expressão contemplativa.

– O meu dinheiro está na deusa.

O Inveja resfolegou.

– Nunca. O Orgulho vai escolher a Lucia. Foi *sempre* a Lucia.

O olhar cor de carvão do Luxúria cintilou com malícia.

– Apostamos?

– *Agora* queres apostar? – O Inveja olhou para o irmão.

– Qual foi a tua aposta com o Gula?

– Apostei que serias um idiota obstinado. Viveste durante séculos segundo essa regra de merda. Pareceu-me uma vitória certa.

– Parece que os meus cofres irão tornar-se tão lendários quanto a minha pila. – O Inveja sorriu enquanto o seu irmão fazia uma careta. – Aceito a tua aposta. O Orgulho reconquista a Lucia. A Vittoria acaba com o lobisomem.

– Ou com o novo príncipe-vampiro.

O Inveja escarneceu.

– O Blade não se associa a deusas da Morte. E ele já disse que vai escolher uma noiva vampira.

O Luxúria lançou-lhe um braço à volta dos ombros, caminhando de volta para a festa.

– Não foi o que ouvi dizer. O nosso amigo gosta de dançar em segredo com a verdadeira Morte.

– A Casa Vingança e a Ilha da Malícia como uma frente unida. – O Inveja estremeceu ao pensar nisso. – Põe a tua magia a trabalhar antes que todos nos arrependamos. Se não fores capaz, talvez possamos convencer o Wolf a seduzi-la. Raios, talvez ela até fique com o metamorfo, o *fae* e o vampiro.

– Olha para ti, já a maquinar – resfolegou o Luxúria. – É por isso que és o meu irmão preferido.

Camilla entrou no salão, olhou para os irmãos e abanou a cabeça.

– O que quer que estejam a tramar, parem. – Olhou com frieza para o Inveja, e o maldito desejo que ele sentia por ela aumentou. – Estou a falar a sério. Nada de jogos esta noite.

A boca do Inveja curvou-se perversamente. Oh, haveria jogos.

Esta noite, contudo, ele mantê-los-ia no quarto. Precisamente onde a sua pequena e astuta noiva mais gostava.

O Inveja e o Luxúria entraram na sala do trono atrás de Camilla, com a festa já a decorrer. Bandejas incrustadas de esmeraldas com Sombrios e Pecaminosos circulavam pelo espaço, enquanto uma fonte central de vinho de bagas demoníacas caía em cascata, numa onda escura e cintilante, descendo por uma torre e entrando em centenas de copos. A Casa Inveja rodopiava pela zona de dança

axadrezada.

O Luxúria foi namoriscar com um demónio perto da mesa dos mariscos, onde as travessas estavam carregadas de iguarias semelhantes a pérolas e outras maravilhas oceânicas.

O Inveja permaneceu nas sombras por um momento depois de ter despachado o irmão.

Riu-se quando viu *Bunny* a esfregar-se nas pernas do Ira. O general da guerra olhou rapidamente em volta antes de afagar a zona atrás das orelhas de *Bunny*, o que mereceu um olhar divertido de Emilia para a nova amiga do marido.

O Inveja viu um clarão de prata a serpentear entre a multidão, em direção ao estrado. O seu coração palpitou quando Camilla subiu os degraus e se virou lentamente, o seu olhar encontrando o dele do outro lado da sala. A boca dela curvou-se quando se sentou no seu trono, a sua expressão uma promessa maravilhosa e provocadora do que estava para vir.

Mais tarde, depois de o último convidado se ter ido embora, depois de a última bebida ter sido bebida, o Inveja tomá-la-ia nos braços e dançaria com ela em torno da sala do trono.

Depois, concretizaria todas as suas fantasias.



Camilla agarrou-se ao braço do Inveja, sentindo uma emoção a percorrê-la enquanto ele a guiava por outro corredor, com a venda bem colocada sobre os olhos.

Ao pequeno-almoço, ele mencionara casualmente que tinha uma surpresa e depois bebericara o seu café. Como se não lhe tivesse acabado de despertar a curiosidade, de lhe pôr a mente a girar em centenas de direções.

Quando ela o pressionara para obter mais informações, ele limitara-se a piscar-lhe o olho.

Terminada a refeição, ele puxara da venda. Os pensamentos de Camilla voltaram-se para a noite em que ele usara a fita do roupão para lhe tapar os olhos e depois a beijara *em todos os sítios*.

O seu futuro marido sabia como a enlouquecer das melhores maneiras.

Os músculos rijos do braço dele estavam fletidos enquanto a conduzia por outro corredor, num ritmo calmo, oposto ao batimento cardíaco dela.

No início, Camilla tentou acompanhar mentalmente o caminho que seguiam, mapeando as secções da Casa Inveja para onde ele a tinha levado. Mas depressa desistiu quando

lhe pareceu que tinham voltado para trás em alguns sítios e avançado por corredores que ela ainda não havia explorado.

– Já estamos a chegar? – perguntou ela, num tom empolgado.

Sentiu o sorriso na voz dele quando o Inveja lhe respondeu:

– Quase.

Ele estava tão entusiasmado quanto ela.

O Inveja surpreendera-a. Nas semanas posteriores à revelação da sua identidade, surgira um lado terno e romântico nos momentos em que estavam a sós.

O seu noivo cortejava-a com frequência e com um ímpeto imprudente, como se estivesse a compensar os anos em que nunca se permitira ter um lado mais sensível. Ou talvez o que ele dissesse fosse verdade – que Camilla lhe dava vontade de fazer aquelas coisas.

Presentes, passeios no jardim, à volta do círculo, por toda a Casa, conversas sobre tudo e sobre nada, fazer amor... O Inveja queria conhecer-lhe a mente, o corpo e a alma.

Continuava a ter o seu lado perverso, que ela adorava por igual. Esse lado despertava-lhe as paixões, alimentava a sua natureza *fae* sem paralelo. O olhar do Inveja ainda tinha um brilho perigoso, ainda lhe dominava todos os sentidos. Fodiam com a mesma frequência com que faziam amor, e os seus apetites um pelo outro eram incontroláveis.

Ela perguntou-se se ele seria parte Unseelie ou apenas insaciável. Sempre que ela o desejava, ele estava pronto para a satisfazer, pronto para realizar todos os seus intentos e muito mais. E os seus jogos, esses eram tão tentadores e gloriosamente pecaminosos como sempre.

Pararam por fim. Camilla tentou ouvir qualquer som

que indicasse onde estavam. Depois de a corte ter recuperado a memória, o castelo costumava estar cheio de ruídos alegres.

O silêncio prolongou-se. Embora, à distância, Camilla quase jurasse ter ouvido um som semelhante ao de sinos a repicar.

Os lábios do Inveja roçaram-lhe a orelha, e ela estremeceu com a sensação agradável.

– Pronta?

Ela mordeu o lábio, depois fez que sim com a cabeça.

A antecipação adensou o ar, acelerou-lhe a pulsação. O maldito demônio estava a provocá-la, sabendo que ficaria tensa com o desconhecido.

Estaria prestes a fazer amor com ela ali? Seria um vestido novo? Um quadro novo? Um...

A venda foi retirada.

Uma enorme porta de prata em arco reluzia à frente deles. Os seus reflexos eram distorcidos pela quantidade de entalhes. Runas.

O olhar de Camilla percorreu a porta, por cima e à volta dela; tinham sido esculpidos ramos de glicínias tão realistas que teria pensado que eram reais se não fosse pela prata.

A sua atenção prendeu-se na única parte que não era de prata maciça – um cadeado de esmeralda, em forma de coração. Avançou, passando a mão pela porta.

O zumbido, semelhante ao de um sino, intensificou-se.

– É lindo – disse ela. – Para onde dá?

Quando o Inveja não respondeu, ela virou-se para ele.

Ele tinha na mão uma chave de ouro, também em forma de coração, com uma pequena esmeralda que combinava com a fechadura. Camilla susteve a respiração. Era a chave do pai dela. A chave de Silverthorne.

– Tiraste-a – sussurrou ela.

– Queria mantê-la longe da Corte Selvagem – disse ele.
– Mas quis guardá-la para o caso de a queres usar.

Ela piscou os olhos. Ele planeava aquilo antes de saber se ela concordaria em vir com ele. Esperara que ela o fizesse.

O Inveja puxou-a para os seus braços e beijou-lhe o topo da cabeça, abraçando-a enquanto ela chorava. Quando ela se acalmou, ele deu-lhe um último beijo na cabeça, depois afastou-se, segurando a chave para que ela lhe pegasse.

– Sentes-te aventureira, criatura?

Ela meteu a chave na fechadura e rodou. A prata derreteu, revelando um corredor longo e estreito. Camilla sabia exatamente aonde aquilo ia dar. Não era Silverthorne Lane. Era muito melhor.

Agarrou na mão do Inveja e apressou-se a entrar no túnel, perguntando-se como teria ele conseguido tal feito. Emergiram no estúdio do pai dela.

Ela soltou um suspiro de satisfação. Tudo estava exatamente como ela deixara. Passara-se apenas um mês ou dois desde que lá estivera, mas parecia que, entretanto, ela mudara por completo.

Revestiu-se de um encantamento, não tão bom como o da mãe, mas que lhe permitia passar por humana, e foi para o seu lar.

Depois de falar com o pessoal da casa e de lhes assegurar que estava tudo bem, Camilla puxou o Inveja para o seu quarto e envolveu-o nos braços, beijando-o profundamente até ficarem ambos sem fôlego.

– Obrigada – murmurou ela contra os lábios dele. – Este é o melhor presente do mundo.

O Inveja traçou-lhe as curvas do rosto, colocou-lhe uma madeixa de cabelo prateado atrás da orelha e beijou-lhe o nariz.

– A tua galeria, as tuas memórias do teu pai mortal... eu sei como esta cidade é importante para ti. Não quero que sacrifiques nada para ficares na Casa Inveja.

Ele olhou em volta, detendo o olhar na cama, depois na porta do quarto de banho.

– Agora podemos passar o dia aqui e voltar para casa à noite.

– Também vais voltar para Waverly Green?

Ele sorriu.

– Sempre que puder.

– E se eu quiser passar a noite aqui? – perguntou ela, puxando-lhe as lapelas.

O Inveja deixou que ela o levasse até à cama.

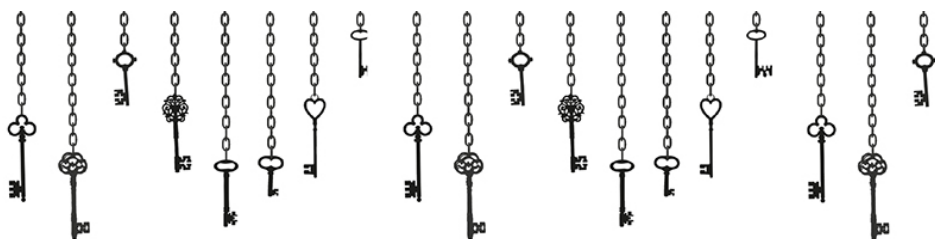
Num movimento demasiado rápido para ser detetado por um humano, ele prendeu-a debaixo de si, o seu corpo duro e pronto.

– De certeza que podemos encontrar algo de tentador nisso.

Ela sorriu, desapertando-lhe as calças.

– Sem dúvida.

Quando ele a penetrou e iniciou aquelas investidas profundas e rítmicas que faziam o corpo dela perder todo o controlo, Camilla sentiu-se como se tivessem realmente ganhado tudo.



— *H*á mais uma surpresa que talvez me tenha esquecido de mencionar ontem. — O Inveja parou ao lado das portas do estúdio, deixando que Camilla entrasse primeiro. — Este estúdio é teu, sempre que quiseres criar aqui — disse ele. — Sei que tens o estúdio do teu pai e a galeria em Waverly Green, mas também quero que te sintas em casa aqui, na Casa Inveja.

A atenção dela percorreu a sala à luz das velas, detendo-se na tela estendida no chão, e numa segunda estendida no colchão que ele mandara trazer.

A parede mais distante era inteiramente composta por janelas — ele substituíra as grades de ferro por prata, mantendo o desenho de filigrana ondulada.

Uma estante de madeira elevava-se seis metros até ao teto e estava repleta de rolos de telas, pincéis, lápis, gizes, aguarelas, carvões, cadernos de esboços, barro, facas e todos os objetos possíveis que ela pudesse sonhar para usar, criar e moldar à vontade.

Havia espelhos dourados, frutos e outros objetos, se ela quisesse pintar uma natureza-morta. Cadeiras, cavaletes e bancos. Molduras de mil tamanhos e formas diferentes

empilhadas ordenadamente.

– É perfeito.

Flores – gardénias, jasmins e glicínias – derramavam-se de jarrões e vasos, os aromas destinados a invocar as partes agradáveis da corte da sua família.

O Inveja sabia que ela gostava de glicínias, sabia que não queria virar as costas à sua corte por completo.

Embora tivesse deixado bem claro que não queria governar. Ainda. Não havia como saber o que o futuro reservava – a não ser que fossem as Sete Irmãs divinas com os seus fios do destino, ou o Espelho da Lua Tripla, com a sua capacidade de ver o passado, o presente e o futuro, teriam de esperar para ver o que o amanhã lhes traria.

Ayden enviava cartas todas as semanas, tentando convencê-la de que ela era necessária para equilibrar a corte da estrela de cinco pontas. Com a mãe desaparecida e o pai morto, estavam duas cortes sem líderes. Três, tecnicamente, uma vez que Onyx se encontrava em cativeiro.

Camilla não queria assumir aquele cargo.

O Inveja apoiá-la-ia em qualquer decisão. Mas aquela não era a altura certa para se preocupar com o futuro. Esta noite era para eles.

Baldes de tinta em todos os tons de prateado, roxo, azul, amarelo, branco e verde ladeavam o perímetro. As cores deles e as cores das flores preferidas dela.

Velas tremeluziam por todo o lado.

– Esta noite, tenho uma pintura muito especial planeada.

O olhar prateado de Camilla fixou-se no dele, a curiosidade acendendo-se nos seus olhos.

– Ah, sim? – perguntou ela, num tom inocente.

Como se já não tivesse percebido exatamente o que ele

tinha planeado. Ele observou-a a rodar os botões do corpete entre os dedos, à espera de que ele lhe desse ordens. Mas só naquele cenário. Camilla arrancar-lhe-ia os testículos se ele alguma vez tentasse fazê-lo fora dos jogos no quarto.

A sua boca curvou-se.

– Despe o teu vestido.

O vestido de seda caiu-lhe aos pés.

Ele admirou a sua forma nua, a sua pele dourada tentadora, os mamilos duros e as curvas suaves. Agora, ela só usava *lingerie* de vez em quando, deixando-o sempre a adivinhar o que estaria por baixo da sua roupa. Pele ou renda. Ele gostava de tudo.

O Inveja apontou com o queixo em direção ao colchão, e Camilla recuou, parando quando a parte de trás das suas pernas roçou nele.

Mergulhou um dedo na tinta prateada, depois traçou o seio inchado dela, contornou o mamilo saliente e desenhcou uma linha até ao umbigo.

A pele de Camilla arrepiou-se com o líquido frio, a sua respiração tornou-se irregular.

Passou outro dedo por uma tinta prateada mais clara, e depois arrastou as mãos pelas coxas dela, de lado. Camilla fitou-o com um olhar faminto e silencioso. Ela queria que ele usasse o seu corpo como uma tela. Já o queria há algum tempo. Esta noite, ambos iriam realizar os seus desejos.

Olhou para a tinta verde, depois mergulhou as duas mãos na que combinava mais com os seus olhos. As palmas das mãos pingaram-lhe, e Camilla soltou um pequeno suspiro quando ele bateu com as duas mãos nas suas nádegas sumptuosas, deixando a sua marca precisamente onde queria.

– Senta-te, amor.

O olhar de Camilla reluziu. Fez o que ele lhe pediu, certificando-se de que deslizava o corpo sobre a tela que ele estendera na cama.

Ele despiu-se, apreciando a forma como o ritmo cardíaco dela acelerava a cada camada que ele ia lentamente despindo. Quando tirou as calças e o seu corpo ficou livre, ela molhou os lábios.

Ela sentou-se, como se estivesse prestes a lambê-lo de uma ponta à outra, e depois enfiou as mãos na tinta prateada. Atirou-lhe uma mão-cheia de prata líquida, rindo-se quando esta lhe escorreu pelo peito, salpicando-lhe a ereção.

– Isso, meu amor – ronronou o Inveja –, significa guerra.

Ele libertou as suas asas, sabendo o quanto ela gostava delas.

Camilla traçou a plumagem esmeralda, o seu toque suave, estimulante. Ele quase se esqueceu do seu plano. Tal como a sua futura mulher brilhante planeava. Ele pegou num balde e atirou-lhe o seu conteúdo, adorando o seu guinchinho de prazer quando ela arquejou e saltou para trás.

Ela atirou-lhe um balde de tinta verde-caçador, rindo enquanto ele praguejava.

Não tardou que estivessem ambos cobertos de tinta, ofegantes e a rolar pela tela. As asas dele transformaram-se numa confusão de cores selvagens.

– Fode-me, agora – exigiu ela por fim, sem fôlego.

– Com prazer.

Ele penetrou-a com força e ambos praguejaram.

As paredes de Camilla fecharam-se em torno dele, ordenhando-o enquanto ele entrava e saía, a tinta erótica deslizando sobre as suas peles, o seu amor criando a sua

própria obra-prima. As unhas de Camilla cravaram-se-lhe nos ombros, mesmo entre as asas.

Ela puxou-o para mais perto, enrolou as pernas à volta dele.

Ele fodeu-a com força, os seus corpos espalharam a tinta por todo o lado em pinceladas selvagens.

Ele deslizou uma mão entre eles, brincando-lhe com o clitóris até ela ofegar. Ambos rugiram quando se vieram, balançando até que cada grama de prazer os tivesse percorrido. Ele sabia, sem sombra de dúvida, que a obra por baixo deles seria o quadro mais valioso da sua coleção.

Ficaram entrelaçados durante longos minutos; depois Camilla subiu para cima dele.

– Mais.

Ele admirou-a enquanto ela rebolava as ancas, absorvendo-o lenta e profundamente à medida que marcava o ritmo. De seguida, ele virou-a, levou-os pela janela e depois subiu até estarem a planar no céu, e fez amor com ela entre as estrelas.

A dada altura, voltaram para o estúdio e continuaram a rebolar na tinta. Camilla exigiu que ele subisse para cima dela, que estendesse as asas para que ela pudesse levantar as pernas por cima delas. Ele fez o que a princesa lhe ordenou. Segurou-lhe as pernas para cima, apoiando-as primeiro contra os ombros dele, inserindo-se dentro dela com força e rapidez, a pele de ambos a chocar de prazer.

Mais tarde, quando finalmente se conseguiram afastar da sua arte, ele fez com que a peça surgisse emoldurada. Sorriu para Camilla, que estava tingida da cabeça aos pés e em todas as suas deliciosas fendas como um arco-íris.

– Onde vamos pendurar isto?

Ela fingiu pensar durante um momento.

– Conheço o sítio ideal, Vossa Alteza.

Ela conduziu-o ao quarto, depois olhou para o teto, as sobancelhas erguidas em expectativa.

Ele atirou a cabeça para trás e riu-se.

Pelos vistos, a sua arte lendária iria reformar-se. O Inveja não conseguia imaginar um substituto mais perfeito.

Antes que pudesse dar-lhe qualquer tipo de resposta, Camilla puxou-lhe a boca para a sua e beijou-o.

– Amo-te – sussurrou ela enquanto se afastava, o olhar a estudá-lo.

Ele ficou a olhar para ela, com o coração aos saltos. A verdade atingiu-o em cheio.

E, pela primeira vez, não retribuiu com uma mentira.

– Eu também te amo.

Pouco depois, estavam emaranhados nos seus lençóis – com a tinta seca a cair sobre a seda verde-caçador –, e o Inveja percebeu que não se importava com mais nada a não ser com a mulher pela qual quebraria de bom grado todas as suas regras, de agora até à puta da eternidade.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um enorme agradecimento aos meus leitores (tanto os antigos como os novos!).

Obrigada por me acompanharem nesta viagem, à medida que o meu trabalho passou para o mundo dos adultos. Desde o início da série do Reino dos Malditos que esperava um dia poder partilhar a história de cada príncipe – e talvez até de uma deusa ou de um lobisomem ou de um príncipe-vampiro também –, por isso, isto tem sido um sonho tornado realidade. Adoro o vosso entusiasmo e a forma como se interessam pelos Sete Círculos e por todas estas personagens perversas e pecaminosas.

Ao nível da publicação, estou infinitamente grata à minha agente, Barbara Poelle, que defendeu estes livros quando ainda não passavam de meros sonhos. À minha equipa na Irene Goodman, a Heather Baror-Shapiro, na Baror Intl, e a Sean Berarad, na Grand View.

Helen O'Hare, editora divina e parceira fantástica no crime editorial: não tenho palavras para te agradecer. Estou tão entusiasmada por podermos continuar a trabalhar juntas. Acho que nos estamos a divertir mais do que cada uma das histórias do príncipe-demónio em que vamos trabalhar a seguir. Este é o livro dos meus sonhos graças ao teu trabalho de edição.

Agradeço também a toda a minha equipa da Little, Brown: tenho muita sorte em trabalhar com cada um de

vocês. Obrigada por tudo o que fazem nos bastidores para ajudar a lançar estes livros no mundo. A vossa animação, o vosso entusiasmo, o vosso trabalho árduo e a vossa criatividade são apreciados para lá do imaginável. Obrigada a Gabrielle Leporati, Danielle Finnegan, Gianella Rojas, Linda Arends, Liv Ryan, Mary Tondorf-Dick, Bruce Nichols, Craig Young, Sabrina Callahan, Judy Clain, Gregg Kulick, Taylor Navis, Elece Green, Meg Miguelino, Martha Bucci, Cyanne Stonesmith, Sharon Huerta, Suzanne Marx, Raylan Davis, Claire Gamble, Karen Torres, à revisora Barbara Perris e aos narradores dos audiolivros, Steve West e Marisa Cain.

Obrigada à minha adorável equipa da Hodderscape no Reino Unido, são todos absolutamente brilhantes e não podia estar mais grata por tudo o que fazem. O vosso apoio é tão lendário como a coleção de arte do Inveja. Molly Powell, uma editora excecional: obrigada pelas tuas notas deliciosas e pelo teu apoio inicial ao Inveja como protagonista romântico. Kate Keehan, as nossas mensagens alegram sempre o meu dia, e eu estou TÃO feliz por termos mais dois príncipes do pecado para nos levarem à loucura. Natasha Qureshi, Sophie Judge, Laura Bartholomew, Aaron Munday, Claudette Morris, Carrie Hutchinson e toda a equipa, muito obrigada por tudo o que fazem.

Mãe, pai, Kelli, Ben – adoro-vos muito para lá das palavras. Dogwood Lane Boutique – também conhecida como a loja da minha irmã e a minha terapia de retalho favorita –, muito obrigada por me manterem a mim e à minha casa tão elegantes como as Casas do Pecado.

Stephanie Garber, estou sempre a dizer isto, mas sou muito grata pela nossa amizade. Anissa de Gomery, adoro-te imenso e adoro as nossas conversas. Obrigada por seres uma amiga tão fantástica. Isabel Ibañez e J. Elle, vocês são

as melhores.

Vendedores de livros, bibliotecários e todos os leitores que partilham um *post* na Internet, que falam aos amigos sobre esta série e que espalham tanta alegria e positividade: um «obrigada» nunca será uma palavra suficientemente forte. Vocês são mais mágicos do que imaginam. Mal posso esperar pela nossa próxima aventura.

Estou também infinitamente grata a Ayman Chaudhary (@Aymansbooks) e a Pauline (@thebooksiveloved) pelo seu apoio inicial ao mundo de Reino dos Malditos no TikTok, e a toda a gente no BookTok que se juntou pelo amor aos livros. Vocês são um autêntico tesouro. Espero que todo o bem que lançam no mundo volte para vocês de um milhão de maneiras maravilhosas e que os vossos próximos livros sejam todos leituras de cinco estrelas.